

CADERNOS 22

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Especial Literatura Nórdica

Entrevista com Francis Henrik Aubert

CADERNOS 22

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez



FFLCH FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani

Conselho Consultivo

Adail Sobral
Afonso Teixeira Filho
Alípio Correia de Franca Neto
Anna Paisova
Andréia Guerini
Daniela Mountian
Diego Leite
Dirceu Villa
Germana Henriques Pereira
Inês Oseki-Dépré
Kyoko Sekino
Lauro Maia Amorim
Lincoln Fernandes
Mamede Jarouche
Marcelo Paiva de Souza
Marcelo Tápia

Márcia Schmaltz
Marco Syrayama de Pinto
Maria Silvia Betti
Marie Helene Torres
Marta Pragana Dantas
Maurício Mendonça Cardozo
Maurício Santana Dias
Nilce Pereira
Pablo Cardellino Soto
Paulo Henriques Britto
Reginaldo Francisco
Simone Homem de Mello
Sonia Branco
Válmi Hatje-Faggion
Viviane Veras
Walter Carlos Costa

Proibida a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, sem permissão expressa do editor (Lei n°. 9.610, de 19.02.98).

Imagem da Capa:

Peder Balke, *Stetind i tåke*. Óleo sobre tela, 1864. Foto: Frode Larsen/ Nasjonalmuseet. Usada de acordo com os termos da licença CC BY-NC 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>).

Todos os direitos desta edição reservados à:

FFLCH/USP
Rua do Lago, 717
Cidade Universitária
05508-080 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 3091-1514 / Telefax: (11) 3091-4589
e-mail: pubfflch@usp.br

Dezembro 2020

CADERNOS 22

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO

Cadernos de Literatura em Tradução • n. 22 • 1-455 • São Paulo, 2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Copyright © 2020 dos autores

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Cadernos de Literatura em Tradução / Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas/USP. – n. 1 (1997)- . – São Paulo : FFLCH/
USP, 1997-

Anual.

Modo de acesso: <<http://www.revistas.usp.br/clt>>

ISSN 2359-5388-e

1. Tradução. 2. Literatura. 3. Poesia. I. Universidade de São Paulo.
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

CDD 418.02

Esta publicação é indexada por GeoDados: Indexador <<http://www.geodados.uem.br>>

Editor Responsável

Prof. Dr. John Milton

Editor convidado

Guilherme da Silva Braga

Comissão Editorial

Álvaro Faleiros, Francesca Cricelli, Gisele Wolkoff, Magdalena Nowinska, Marina Della Valle,
Nilce M. Pereira e Telma Franco Diniz

Coordenação Editorial

Helena Rodrigues – MTb n. 28.840

Projeto gráfico e Diagramação

Marcos Eriverton Vieira

Capa

Acqua Estúdio Gráfico

Revisão

Guilherme da Silva Braga e Mariana Donner da Costa

Sumário

Apresentação	08
---------------------------	-----------

Guilherme da Silva Braga

Noruega

Dois contos e um poema de Lars Saabye Christensen.....	12
--	----

Grete Skevik

Um dia de fome em Cristiânia: Tradução das primeiras páginas do romance <i>Sult</i> , de Knut Hamsun.....	28
--	----

Ludmila Menezes Zwick e Renato Zwick

Sete poemas de Olav H. Hauge	67
------------------------------------	----

Guilherme da Silva Braga

<i>Através da noite</i> , de Stig Sæterbakken (fragmento).....	77
--	----

Guilherme da Silva Braga

Cora Sandel e a precisão linguística: As primeiras páginas de <i>Alberte og Jakob</i>	110
--	-----

Fabiana Botrel

Dois pequenos textos noruegueses coletados por Ivar Aasen, extraídos da 1ª edição do livro <i>Prover af Landsmaalet</i> , publicado em 1853.....	124
---	-----

Yuri Fabri

Obrigações e deveres na tradução de Ibsen.....	142
<i>Leonardo Pinto Silva</i>	

Suécia

Outono, de August Strindberg.....	149
<i>Leon Rabelo</i>	

O duende de Törebys, de Selma Lagerlöf, seguido por Encontro com o homem cinzento, de Max Lundgren.....	170
<i>Tobias da Rocha</i>	

Um encontro de monarcas, de Selma Lagerlöf	204
<i>Carlos Rabelo</i>	

Reunião de regentes, de Selma Lagerlöf	215
<i>João Joaquim T. Wagner</i>	

<i>Dinheiro</i> , de Victoria Benedictsson: Uma tradução a quatro mãos e quatro línguas	226
<i>Astrid Adelgren e Marina Darmaros</i>	

<i>Flagelo branco</i> , de Athena Farrokhzad: Poesia e exílio	241
<i>Elizabeth Ramos e Juliana Porsani Jarkvist</i>	

Dinamarca

A crise e uma crise na vida de uma atriz, de Søren Kierkegaard	251
<i>Lucas Picinin Lazaretti</i>	

Um discurso edificante de Søren Kierkegaard	290
<i>Alvaro L. M. Valls</i>	

Amlethus antes de Hamlet – Herói nórdico moldado em latim	326
<i>Renata Caçarini de Freitas</i>	

Finlândia

Brinde, de Maritta Lintunen	340
<i>Pasi Loman</i>	

Outro Mundo, XIII, de Rosa Liksom.....	361
<i>Pasi Loman</i>	

Islândia

Tradução, teorização, traição. Ensaio sobre estudos de tradução, de Gauti Kristmannsson	367
<i>Luciano Dutra</i>	

De Estados Unidos, Reino Unido e Islândia ao Brasil: Um estudo tradutológico da <i>Prosa éddica</i> ao português	415
<i>Thaís Gomes Trindade</i>	

Entrevista

Entrevista com Francis Henrik Aubert	451
<i>Guilherme da Silva Braga</i>	

Apresentação

Guilherme da Silva Braga

É com enorme satisfação que apresento aos leitores dos *Cadernos de literatura em tradução* esse número especial dedicado à literatura dos países nórdicos. A ideia de levar a cabo um projeto nesses moldes remonta ao início de 2015, quando meu envolvimento com a tradução de literatura sueca e em particular norueguesa deu sinais bastante claros de haver se transformado em uma atividade regular. No ano seguinte, John Milton acolheu generosamente a minha proposta de um número especial, e após a divulgação da chamada feita em 2017 fui surpreendido por uma quantidade de material que eu jamais havia imaginado receber: foram três dezenas de textos individuais que apresentam (sob a forma de tradução) ou discutem (sob a forma de artigo) a obra de nada menos que dezoito autores diferentes. Esse abrangente panorama da literatura nórdica – que vai de obras clássicas a textos contemporâneos, da poesia à escrita acadêmica e das narrativas folclóricas aos textos filosóficos, com passagens por Noruega, Suécia, Dinamarca, Finlândia e Islândia – foi o resultado do trabalho individual ou conjunto de um total de 21 tradutores e pesquisadores acadêmicos que se encontram nas mais variadas etapas de uma carreira nas Letras, sem os quais o volume jamais teria saído do plano das ideias. Foi graças aos esforços dessas pessoas todas – de principiantes que enfim tomaram coragem para embarcar na aventura tradutória a profissionais experientes que viram na chamada uma oportunidade para dar continuidade ao trabalho que já vinham realizando dentro ou fora da academia – que o volume agora publicado pôde tornar-se uma realidade.

Em razão dos e-mails trocados com todos os tradutores e pesquisadores durante o processo de edição, tenho hoje a certeza de que a escolha dos textos apresentados, traduzidos e discutidos aqui foi resultado do interesse e do envolvimento pessoal de cada um dos colaboradores com aquela obra que decidiu trazer

a essas páginas. Em vista disso, decidi limitar-me a apresentar o conjunto que compõe esse número especial dos *Cadernos de literatura em tradução* da forma mais sumária possível, uma vez que os próprios colaboradores discutem as obras que escolheram com notável desenvoltura na introdução que acompanha cada texto.

Em termos bastante gerais, o volume inclui colaborações que traduzem contos e poemas; discussões sobre antigas sagas nórdicas e teatro; bem como fragmentos de romances e reflexões teóricas sobre influências estrangeiras e a prática da tradução. Acima de tudo – o que para mim, como editor convidado deste volume, é particular motivo de orgulho, embora o mérito seja todo dos tradutores e pesquisadores que tornaram essa pequena façanha possível –, encontram-se representadas nessas páginas todas as línguas majoritárias de cada um dos países do norte.

Da Noruega, **Grete Skevik** oferece-nos a tradução de dois contos e um poema do escritor contemporâneo **Lars Saabye Christensen**, que trazem como tema comum a passagem do tempo. **Ludmila Menezes Zwick** e **Renato Zwick** participam com uma tradução de *Sult/Fome*, celebrado romance autobiográfico de **Knut Hamsun**. **Guilherme da Silva Braga** traduz sete poemas sucintos de **Olav H. Hauge**, o poeta de Ulvik, e apresenta fragmentos selecionados da terrível busca narrada em *Gjennom natten/Através da noite*, romance de **Stig Sæterbakken**. **Fabiana Botrel** apresenta e discute a obra de **Cora Sandel** em uma tradução das páginas que abrem o romance *Alberte og Jakob/Alberte e Jakob* com uma descrição do inverno em uma cidade localizada no interior do círculo polar. **Yuri Fabri** tece considerações acerca dos dialetos noruegueses coletados por **Ivar Aasen** na obra *Prøver af landsmaalet i Norge/Amostras do landsmaal na Noruega*, a partir da qual traduz duas narrativas curtas povoadas por criaturas mitológicas como *trolls* e *hulders*. A seção dedicada ao país encerra com um artigo em que **Leonardo Pinto Silva** reflete sobre a experiência de traduzir o dramaturgo norueguês **Henrik Ibsen** para o português.

Da Suécia, **Leon Rabelo** contribui com uma tradução da narrativa “Hösten”/“Outono”, breve conto de **August Strindberg** sobre um casal que envelhece junto. **Tobias da Rocha** relembra dois contos com influências fantásticas que o acompanharam durante a infância – “Möte med den grå mannen”/“Encontro com o homem cinzento”, de **Max Lundgren**, e “Tomten på Törebys”/“O duende de Törebys”, escrito por **Selma Lagerlöf**. Essa mesma autora clássica foi também lembrada por **Carlos Rabelo** e **João Joakim T. Wagner**, que produziram uma inesperada dobradinha ao enviar traduções concomitantes do conto “Monarkmötet”/“Um encontro de monarcas” (na tradução de Rabelo)/“Reunião

de regentes” (na tradução de Wagner), que narra o encontro do rei Oskar II da Suécia com o personagem João, autoproclamado “imperador de Portugal”. **Astrid Adelgren** e **Marina Darmaros** trazem-nos um fragmento do romance *Pengar/Dinheiro* de **Victoria Benedictsson**, importante figura no movimento do “Grande Avanço Moderno” ocorrido no país. Por fim, **Elizabeth Ramos** e **Juliana Porsani Jarkvist** apresentam-nos o poema *Vitsvit/Flagelo branco*, da irano-sueca **Athena Farrokhzad**, cujo tema é a dor causada pelo desterro.

Da Dinamarca, o filósofo **Søren Kierkegaard** aparece nessas páginas em dois textos distintos: “Krisen og en Krise i en Skuespillerindes Liv”/“A crise e uma crise na vida de uma atriz”, ensaio de aspirações existenciais traduzido por **Lucas Piccinin Lazzaretti**, e o discurso edificante “Hva vi lære af Lilierne paa Marken og af Himmelens Fugle”/“O que aprendemos dos lírios dos campos e das aves do céu”, traduzido por **Alvaro L. M. Valls**. Em um fecho bastante insólito para a seção, **Renata Cazarini de Freitas** resgata a antiga lenda do príncipe Amlethus da Dinamarca, narrada em latim na obra de **Saxo Grammaticus**.

Da Finlândia, **Pasi Loman** traduz as autoras contemporâneas **Maritta Lintunen** e **Rosa Liksom**, que aparecem respectivamente nessas páginas com “Kylkiäinen”/“Brinde” e “Muu mailma, XIII”/“Outro mundo, XIII”, dois contos sobre fatos estranhos e absurdos ocorridos na vida cotidiana dos personagens.

A Islândia se faz presente em duas contribuições: a primeira, o artigo “Teoría, tryggð og túlkun”/“Tradução, teorização, traição”, escrito por **Gauti Kristmannsson** e traduzido por **Luciano Dutra**, no qual a metáfora da ponte estendida sobre um abismo é usada como ponto inicial para uma discussão sobre tradução; a segunda, um artigo de **Thais Gomes Trindade** sobre as traduções para o português da obra de **Snorri Sturluson**, intitulado “De Estados Unidos, Reino Unido e Islândia ao Brasil: Um estudo tradutológico da Prosa éddica ao português”.

Já nas últimas páginas, o volume traz ainda uma entrevista com o professor **Francis Henrik Aubert**, pioneiro dos estudos da tradução e da divulgação da literatura norueguesa no Brasil; parece-me que dificilmente se poderia imaginar um entrevistado mais adequado para encerrar este projeto dedicado a celebrar a literatura dos países nórdicos aqui nas plagas ao sul.

Com o desejo sincero de que esse número dos *Cadernos de tradução literária* sirva para despertar interesses e estreitar o intercâmbio literário entre o Brasil e as nações do norte, despeço-me com votos de uma excelente leitura a todos.

Não me pareceria razoável escrever a apresentação de um trabalho conjunto nos moldes deste sem fazer agradecer às diversas pessoas que de uma forma ou de outra se envolveram no processo de escritura, tradução, edição e revisão dos textos agora publicados. Sendo assim, deixo registrados meus profundos e sinceros agradecimentos a John Milton e Telma Franco, pela receptividade à ideia desse volume, pela sugestão da entrevista com Francis Henrik Aubert e pelo auxílio imprescindível que ofereceram na realização desta; ao próprio Francis Henrik Aubert, pela boa vontade com que concedeu a entrevista e mais tarde dispôs-se a completar lacunas no texto; a cada um dos colaboradores que enviaram as traduções e os artigos que são a razão de ser deste número dos *Cadernos de literatura em tradução* pelas contribuições inestimáveis, pela cortesia nos contatos e pelas repetidas demonstrações de paciência em relação ao tempo que o volume levou para ficar pronto; e a Mariana Donner da Costa, minha fiel companheira das Letras e da vida, pelo apoio incondicional ao meu trabalho ao longo dos anos e pela revisão atenta de todos os textos que integram o volume.

Não posso tampouco deixar de registrar os agradecimentos – meus e, segundo acredito, de todos os colaboradores – a cada um dos autores, agentes literários, detentores de direitos autorais e casas editoras que gentilmente autorizaram a publicação de obras que não se encontram em domínio público, fazendo assim uma contribuição essencial para esse número especial dos *Cadernos de literatura em tradução*: Claes-Göran Lillieborg (pelo conto de Max Lundgren), Gauti Kristmannsson (pelo artigo de sua autoria), Pasi Loman (pelas obras de Maritta Lintunen, Rosa Liksom e Knut Hamsun), Gyldendal Norsk Forlag (pelo fragmento do romance de Cora Sandel), Annette Fjærvoll da Cappelen Damm Agency (pelas obras de Lars Saabye Christensen), Athena Farrokhzad (pelos versos de sua autoria), Silje Mella (pelo fragmento do romance de Stig Sæterbakken) e de forma realmente especial a Bodil Cappelen (pelos versos de Olav H. Hauge), que num dia de forte névoa em Son recebeu com *gamalost* e brilho nos olhos a improvável visita do responsável por essas linhas. A todos o meu muito obrigado – *hjärtelig tack – mange tak – tack så mycket – kiitos paljon – þakka ykkur kærlega fyrir*.

Porto Alegre, agosto de 2020.

Dois contos e um poema de Lars Saabye Christensen

Grete Skevik¹

Tenho profunda admiração pela extensa obra de Lars Saabye Christensen, um dos escritores mais versáteis e premiados da Noruega. Ele escreve sobre os marginais da sociedade e sobre os conflituosos anos da adolescência, narra acontecimentos que vão do cotidiano ao improvável e traça a relação entre a vida e a mentira numa linguagem perspicaz, com um olhar sempre humano e sem amargura.

Creio que apenas um dos seus romances foi publicado no Brasil, *O meio-irmão*, na tradução de Francis Henrik Aubert.

Entre tantos contos, me tocaram em especial *O semeador* e *Retrato*. O primeiro por traçar um elo poético entre o começo e o fim de uma vida, e pelo desfecho dado num simples tempo verbal. O segundo, pelo retrato sensível de um instante que se expande no olhar jovem pela lente de uma câmera, captando o tempo que não se deixa captar.

Como nos dois contos, no poema “O cabelo da minha vó”, o autor novamente tece belos fios do tempo através de um olhar jovem.

Os desafios encontrados na tradução desses contos são aqueles que fazem parte do dia a dia do tradutor, que coloca palavras na balança de ouro que queremos precisa, mas onde sempre haverá uns quilates a mais ou a menos num dos

1 Grete Skevik nasceu e cresceu na Noruega. Chegou ao Brasil em 1974, onde trabalhou como professora de idiomas, intérprete e tradutora. Em 2007 traduziu *O Livreiro de Cabul* de Åsne Seierstad (Editora Record), indicado ao Prêmio Jabuti 2007 na categoria “Melhor Tradução”. Outros autores traduzidos incluem Jo Nesbø e Tore Renberg (para o português) e Paulo Coelho, José Luiz Passos e Cristovão Tezza (para o norueguês).

lados. Aparece no desfecho do conto *O semeador*, por exemplo, a palavra “forundret”, um misto de ficar surpreso, admirado e pensativo, (do verbo *undre* – “coçar a cabeça, pensativo”) e *under* (maravilha), que traduzi com “maravilhado”, tendo que desistir do toque de perplexidade e questionamento que equilibraria os dois pratos da balança.

No poema “O cabelo da minha vó” há outra perda já no título – no original, *Farmors hår*. *Farmor* é a mãe do pai, uma informação ausente em *Minha vó*; mas aqui, o sentido faz menos falta do que a elegante sonoridade do original.

Såmannen

Lars Saabye Christensen

Andors drøm var endelig gått i oppfyllelse. Han stod i andre etasje i Van Gogh-museet i Amsterdam, rett foran *Såmannen*, det berømte maleriet, som faren hadde vist ham en gang, en grå, kornete reproduksjon, giengitt i Norsk Landbruk, 1936, og faren hadde pekt på den uklare, skjeve skikkelsen på bildet, selv såmannen, og sagt: - Det er oss, det, Andor. Og sammen kveld tok faren ham med ut, til den bratte åkeren mellom havet og himmelen, det var i midten av mai, lyset var tjukt og gult og fikk alt som rant og dryppet til å ligne flytende gull og det luktet sterkt, fra fjæra og fuglene, fra det blanke gresset og sauene, fra de sorte rendene som var såmennesenes bølger. De stanset der og faren sa til sønnen: - Legg øret ned til bakken. Og Andor gjorde som faren sa, han pleide å gjøre det, han knelte og la øret mot den fuktige bakken. Faren lot ham ligge slik en stund. Til slutt bøyde han seg også og hvisket: - Hører du jordens musikk, Andor? Hører du den?

Så gikk de hjemover igjen, langs den smale stien forbi åkeren, faren først, Andor rett bak, redd og fåmælt, for han hadde ikke hørt noe, ikke en lyd, jorden hadde vært taus mot øret hans og han turte ikke si det

Bare farens ord klang i ham: Det er oss det, Andor.

Og den natten, mens han lå våken og ikke kunne sove, bestemte han seg. En gang måtte han se Vincent van Goghs maleri, *Såmannen*, han måtte se bildet, i det som heter virkeligheten.

Siden la Andor et helt liv bak seg.

Så mye skjedde og det ble aldri tid nok til alt.

Faren døde før han rakk å se bruket bli nedlagt. Like etter fulgte moren ham, som om de var festet til den samme livsnerve, de samme hjerteslagene.

Ingen gikk lenger i land her og heller ingen kom over fjellet.

Bare stillheten ble.

Stien langs åkeren grodde sakte men sikkert igjen.

Fire vinder blåste hver natt gjennom huset og fylte de forlatte rommene med regn og salt.

Et skinnende sauekranium lå i det tørre, gule gresset.

Andor reiste sørover, til byen, og fikk jobb som kelner i en kafé like ved elven hvor han bar brett med ølglass og serverte dagens til gjester han var på fornavn med og ikke kjente.

De ble også borte, én etter én.

Bordene i det mørke lokalet stod snart tomme. Kafeen skiftet eiere som kalte den bistro i stedet, bygget bardisk og dansegulv, hengte en lampe av sølv i taket og ga Andor sparken.

Han fikk beholde den hvite jakken, men hadde ikke bruk for den.

Fra vinduet der han bodde kunne han se elven renne forbi.

I fem år leverte han inn den samme tipperekken, og da Mjølner slo Lyn i siste ligakamp, vant han 3.970 kroner.

Han visste hva han skulle bruke de pengene til.

Han reiste ikke hjem til det som ikke lenger fantes.

I slutten av oktober reiste Andor til Amsterdam

Og nå stod han i Van Gogh-museet foran *Såmannen*.

Først ble han forundret over at bildet var så lite. I drømmene hadde han sett for seg et lerret større en alt han hittil kunne se. Så var han mest forundret over fargene. Men Andor var ikke skuffet. Han var bare forundret og lykkelig. For slik var dette bildet, i det som heter virkeligheten, og han kjente seg igjen:

Himmelen er grønn. Åkeren er blå. Og med solen som en glorie kommer den sorte såmannen nærmere.

Det er slik det er.

Det er oss, det, Andor.

Han var like ved å strekke ut hånden for å berøre bildet.

Andor måtte sette seg.

Midt i salen var det en benk og der satte han seg.

Det gikk mennesker forbi ham hele tiden. De snakket lavt sammen og i en høytaler kom beskjeder han ikke forstod. Det gjorde ikke noe. Åkeren var blå og himmelen grønn. Andor var lykkelig.

Andor var lykkelig og forundret.

Og alt ble helt stille rundt ham.

Stemmene, klikkene i fotografiapparatene, skrittene, latteren, det forsvant.

Andor så opp, i denne stillheten, som nå var blitt grå og kornete.

Og endelig hørte han den, jordens musikk, som om han bare var et barn og lå med øret mot den fuktige bakken.

Da vaktene gikk den siste runden, så de denne gamle mannen som fremdeles satt på benken, i Arles-salen, lutende, smilende, og en av dem gikk bort til ham, bøyde seg ned og sa på et språk Andor ikke kunne, men likevel ville forstått:

– De må gå nå. Det er stengt her.

O semeador

Lars Saabye Christensen

Tradução do norueguês:

Grete Skevik

O sonho de Andor finalmente se tornara realidade. Ele estava no segundo andar do museu Van Gogh em Amsterdã, diante do quadro *O semeador*, a famosa pintura que o pai certa vez lhe mostrara, uma reprodução cinzenta e granulada publicada na revista Agricultura Norueguesa, de 1936, e o pai apontara para a figura torta e obscura no quadro, o semeador, dizendo:

– Somos nós ali, Andor.

E na mesma noite o pai o levou para o campo, para a lavoura íngreme entre o mar e o céu, era meados de maio, a espessa luz amarela fazia tudo que escorria e pingava parecer ouro derretido, e um cheiro forte vinha da maresia e dos pássaros, da relva lustrosa e dos carneiros, e dos sulcos pretos, as ondas dos semeadores. Pararam ali e o pai disse ao filho:

– Encoste o seu ouvido no chão.

Obediente, Andor fez como o pai pediu, se ajoelhou e encostou o ouvido no chão úmido. O pai o deixou assim por algum tempo. Por fim, ele também se ajoelhou e sussurrou:

– Está ouvindo, Andor? Está ouvindo a música da terra?

Depois eles voltaram caminhando pela trilha estreita que beirava a lavoura, o pai primeiro, Andor logo atrás, aflito e de poucas palavras, porque não ouvira nada, nenhum som, a terra se calara no seu ouvido, e ele não tinha coragem de dizer.

Ressoavam nele apenas as palavras do pai:

– Somos nós ali, Andor.

E naquela noite, enquanto tentava em vão dormir, ele se decidiu. Algum dia teria que ver a pintura de Vincent van Gogh, *O semeador*, ele precisava ver aquele quadro, na chamada realidade.

O tempo passou, e Andor deixou uma vida inteira atrás de si.

Aconteceram muitas coisas e nunca houve tempo para tudo.

O pai morreu antes de ver o fechamento da pequena fazenda. A mãe o seguiu logo depois, como se os dois estivessem atados ao mesmo nervo vital, às mesmas batidas do coração.

Ninguém chegava mais pelo mar, ninguém chegava pela montanha.

Só restou o silêncio.

A vegetação cresceu e foi cobrindo a trilha que beirava a lavoura.

Quatro ventos sopravam pela casa toda noite, enchendo os cômodos abandonados de chuva e sal.

Um crânio de carneiro reluzia na relva amarelada e seca.

Andor foi para o sul, para a cidade, onde arrumou emprego de garçom num café à beira do rio, carregando bandejas de chope e servindo o prato do dia a fregueses que ele chamava pelo nome, mas que não conhecia.

Eles também se foram, um após o outro.

As mesas do recinto escuro ficaram vazias. O café trocou de donos, que o chamaram de bistrô, construíram um bar e uma pista de dança, penduraram um lustre prateado no teto e mandaram Andor embora.

Ele ficou com o paletó branco, mas aquilo não lhe serviu para nada.

Da janela onde morava, ele via o rio passar.

Por cinco anos repetiu a mesma aposta na loteca, e quando o Mjølner venceu o Lyn no último jogo do campeonato ele ganhou 3.970 coroas.

Ele já sabia o que fazer com o dinheiro.

Não voltou para casa, para o que não havia mais.

No final de outubro, Andor foi a Amsterdã.

E agora estava no museu Van Gogh, em frente ao *Semeador*.

Primeiro estranhou o tamanho pequeno do quadro. Nos seus sonhos imaginara uma tela maior do que tudo que já havia visto na vida. Depois estranhou as cores. Mas Andor não ficou desapontado. Ele estava maravilhado e feliz. Porque o quadro era assim, na chamada realidade, e ele se reconheceu:

O céu é verde. A lavoura é azul. E, com o sol parecendo um halo, o semeador chega mais perto.

É assim.

Somos nós ali, Andor.

Ele estava prestes a estender a mão para tocar o quadro, mas tinha que se sentar.

No meio da sala havia um banco onde Andor se sentou.

As pessoas passavam por ele o tempo todo, conversando baixinho, e um alto-falante transmitia comunicados que ele não entendia. Ele não se importou. A lavoura estava azul e o céu, verde. Andor estava feliz.

Andor estava feliz e maravilhado.

E tudo em torno dele silenciou.

As vozes, os cliques das câmeras, os passos, os risos, tudo se desvaneceu.

Nesse silêncio, já tornado cinzento e granuloso, Andor levantou o olhar.

E finalmente ele a ouviu, a música da terra, como se fosse criança e estivesse com o ouvido encostado no chão úmido.

Quando os guardas fizeram a última ronda, descobriram o velho ainda sentado no banco, na sala Arles, encurvado, sorrindo, e um deles se aproximou, inclinou-se sobre ele e disse, numa língua que Andor, mesmo sem conhecer, teria entendido:

– O senhor tem que sair. Já fechamos.

Portrett

Lars Saabye Christensen

Jeg kan huske dette: da jeg for første gang så gjennom en kameralinse, min fars fotografiapparat, et Leica fra 1954, gikk det opp for meg, i all min gru, at øynene sjelden, eller aldri er til å stole på. Jeg hadde hittil alltid befunnet meg på den andre siden, jeg var den andre tok bilder av og viste fram i selskaper og på fødselsdager, en lek jeg helst ikke ville være med på. Slik var bildene av meg: om sommeren på badestranden, jeg smiler, selvfølgelig gjør jeg det, men på ryggen har jeg et mygggestikk som klør og som jeg ikke klarer nå med hånden. Jeg sitter ved brønnen, jeg smiler, men ingen vet at jeg ikke tør løfte lokket, for på undersiden er det fullt av edderkopper, og de kommer til meg om natta, med sine tynne bein trår de over ansiktet mitt og gjør meg blind. De som ser dette bildet tror jeg skal til å plukke villjordbærene som vokser der, ved brønnen, men de er ennå ikke modne, de er lysegrønne og jeg bryr meg ikke om dem. Eller en påske, foran en kirke, kanskje på Hadeland, jeg lener meg mot stavene, har sola i øynene og sikkert et idiotisk flir, som får noen, de som blar i albumet, til å tro at jeg er lykkelig. For ikke å snakke om julaften, der jeg sitter i en haug med papir og bak meg ligger fjorten kleshengere i plast og jeg trodde det var et modelltog i pakken, men på bildet tror alle jeg er fornøyd, en tante som så det sa til og med: Nå er han blitt voksen. Men helst vil jeg glemme klassebildene. Hver vår ble vi samlet oppe i Urraparken, foran syrinbuskene, åtteogtjue elever i tre rekker, læreren ytterst til venstre og den utålmodige fotografen som prøvde å få oss til å stå stille, dette ene sekundet, men vi stod aldri stille, vi hadde alltid noe på gang, jeg stakk en finger i ryggen til Jonny, Jonny tok på låret til Ane, Ane skreik og lente seg mot Tobben, Tobben tråkka Gåsen på tærne og Gåsen sladra til læreren og læreren løp fram til fotografen, men da var det for seint likevel. Du står så ordentlig, sa tantene da de fikk se bildet neste høst, nesten som en kadett, og onklene klappet meg på skulderen og med den andre hånden stakk de en seddel ned i lomma mi og sa at nå var jeg blitt voksen, de kunne se det, på klassebildet fra 63. Alt dette hadde andre tatt bilder av, likegyldige høydepunkter, som far kom hjem med, en måned eller to etterpå, som han la utover stuebordet og som vi lo av, der er vi, sa vi, er vi virkelig sånn, det er det verste. Og jeg innbiller meg at det alltid var regn når det skjedde, når filmene var fremkalt, det var høst, det var alltid høst, tror jeg, dråpene rant langs vinduet bak mor, og jeg forestilte meg at vi satt i en bil, vi var av sted, regnet sto mot frontruten, men vindusviskerne var ødelagt, snart så vi ingenting og til slutt kjørte vi inn på en sidevei, parkerte der og det var ikke mer å se. Men nå var det jeg som holdt fotografiapparatet, det var en sommer, en ettermiddag i en hage ved Oslofjorden. I det tynne, nesten gule gresset, lå bocciakulene, røde, hvite, blå, noen hadde glemt igjen en badmintonracket, sannsynligvis en onkel, og en flue klatret oppover et pjoletterglass som kanskje den samme onkelen hadde satt igjen på trappen da han skulle

nå båten inn til byen. Jeg strammet musklene i nakken, prøvde å finne balansen, kloden beveget seg under føttene mine, badebuksa var for lengst tørr, den strammet, den klødde, var ikke noe å gjøre med nå, måtte stå helt stille, jeg var en gutt med et kamera, nå var det min tur til å ta bilder. Men det jeg så gjennom linsen var kornet og utydelig, grå skygger, ugjenkjennelige. Så vred jeg på søkeren, og sakte, sakte trakk jeg verden til meg, sakte, men sikkert, kom mor og far til syne, ble skarpe, jeg kunne se den smale plasterlappen på fars hake, han hadde skåret seg i morges, på barberhøvelen, bannet lenge mens mor hysjet på ham. Jeg kunne se en føflekk på mors skulder, jeg hadde ikke lagt merke til den før, tydelig stod de der, under trærne, i det flimrende lyset av sol gjennom løv, far hadde armen rundt mor og begge vinket til meg, som om dette var en avskjed, de smilte og vinket. Så vred jeg litt for langt, og alt ble uklart igjen, som om kloden hadde tatt en for brå bevegelse, jeg ble svimmel, nesten sjosyk. Jeg skrudde tilbake og fant fokus igjen, jeg kunne se at lillefingeren på mors høyre hånd var uten neglelakk, og at fars nye klokke var seks minutter over fem, nittende juli. Lysmåleren vippet opp og ned, solen stekte i nakken, det var vindstille, jeg hadde fingeren på utløserknappen, jeg trakk pusten, dypt, jeg kjente blodet slå i håndleddene, tungt, som torden, jeg kjente lukten av saltvann, flass, våte håndklær, skjell, sjøstjerner, agn. Jeg skulle til å trykke, ta bilder, få det overstått, men da kom far plutselig nærmere, han tok et skritt fram, sa noen som jeg ikke hørte, så stilte han seg ved siden av mor igjen, holdt rundt henne. Jeg kunne høre et skip gli ut fjorden, jeg merket dragsuget helt opp hit. Og jeg tenkte at dette hadde vært en sommer som alle de andre, jeg hadde ennå ikke stupt fra det høyeste brettet, og jeg så at klokken på fars brune håndledd var blitt ni minutter over fem. Og nå begynte han å bli utålmodig, han trakk mor enda tettere inntil seg, smilende strammet i ansiktene deres, og jeg måtte tenke på hvor tiden hadde blitt av, disse minuttene, av denne sommeren, og en annen tanke slo meg, der jeg stod, med mor og far i fokus, om den tiden jeg bruker, kaster bort, om andre kan bruke den på ny? Og plutselig så jeg for meg juletreet på Universitetsplassen, når vi kom dit i desember og ga gamle klær til Frelsesarméen; en gang hadde jeg sett en utligger sprade rundt i en frakk som far hadde brukt året før. Jeg lukket venstre øye, men jeg kunne ikke kjenne dem igjen, foreldrene mine, de var blitt gamle, som to fremmede som hadde kommet inn i min hage. Jeg snudde meg, mot brønnen, og så, idet jeg tok bilder, at villjordbærene allerede var modne.

Retrato

Lars Saabye Christensen

Tradução do norueguês:

Grete Skevik

Me lembro disto: quando eu pela primeira vez olhei pela lente de uma máquina fotográfica, a do meu pai, uma Leica de 1954, fiquei chocado ao me dar conta de que os olhos raramente, ou nunca, são confiáveis. Até então, eu sempre estivera do outro lado, eu era aquele que os outros retratavam e mostravam em festas e aniversários, diversões das quais eu fugia sempre que podia. Meus retratos eram assim: no verão na praia, estou sorrindo, é claro que estou, mas nas costas tenho uma picada de mosquito, está coçando e não a alcanço com a mão. Estou sentado perto do poço, sorrindo, para que ninguém perceba que morro de medo de levantar a tampa, porque do outro lado ela está infestada de aranhas, que vêm me visitar de noite, e pisam com suas perninhas finas no meu rosto, me deixando cego. Quem olhar essa foto vai pensar que estou prestes a catar uns morangos silvestres que crescem ali, em volta do poço, mas ainda não estão maduros, estão verde-claros e não estou nem aí para eles. Ou numa Páscoa, eu na frente de uma igreja, talvez em Hadeland, inclinado sobre os bastões de esqui, com o sol nos olhos e com certeza um sorriso idiota na cara, fazendo algumas pessoas, aquelas que folheiam o álbum, pensarem que estou feliz. Para não falar da noite de Natal, eu sentado no meio de um monte de papel de embrulho e quatorze cabides de plástico atrás de mim, eu que achava que na caixa havia um trem de brinquedo, mas na foto, todos acham que estou feliz, uma tia até chegou a dizer: ele já é um homem. Mas acima de tudo, quero esquecer as fotos com a turma da escola. Todo ano éramos reunidos no parque de Urra, na frente dos arbustos de lavanda, vinte e oito alunos em três fileiras, o professor no canto esquerdo, enquanto o fotógrafo impaciente tentava fazer com que ficássemos parados, naquele único segundo, mas a gente nunca parava quieto, estava sempre aprontando alguma coisa, usei o dedo para cutucar as costas de Jonny, Jonny pegou na coxa de Ane, Ane berrou e esbarrou em Tobben, Tobben pisou no pé de Gåsen, Gåsen o dedurou ao professor e o professor correu até o fotografo lá na frente, mas aí já era tarde demais. Que bela pose, disseram as tias quando olharam a foto no outono seguinte, parece um cadete, os tios me davam tapas nas costas, enfiando com a outra mão uma nota no meu bolso, dizendo que eu já era homem, dava para ver na foto da turma de 1963. Estes retratos foram tirados por outras pessoas, grandes momentos escolhidos a esmo, que meu pai trazia para casa um mês ou dois depois, e espalhava sobre a mesa de jantar, fazendo a gente rir, olha a gente aí, a gente

dizia, nossa, é assim que somos, que coisa. E eu tenho quase certeza de que sempre chovia nestas ocasiões, quando as fotos eram reveladas, sempre no outono, acho, gotas de chuva escorrendo pela janela atrás da mamãe, imaginei a gente num carro, passeando, a chuva batendo no para-brisa, mas os limpadores estavam quebrados e não dava para enxergar nada, daí entramos numa via lateral onde estacionamos, e não havia mais nada para ver. Mas agora era eu que segurava a máquina fotográfica, uma tarde de verão, num jardim à beira do fiorde de Oslo. Na grama fina, quase amarela, havia bolas de boccia vermelhas, brancas e azuis, alguém havia esquecido uma raquete de badminton, deve ter sido um tio, e uma mosca escalava um copo de uísque que talvez o mesmo tio tivesse deixado na escada antes de correr para pegar a barca para a cidade. Contraí os músculos da nuca, tentando encontrar o equilíbrio, o planeta se movia por baixo dos meus pés, a sunga, há tempo seca, apertava, coçava, mas não havia o que fazer, tinha que ficar imóvel, eu era um rapaz com uma câmera, era a minha vez de tirar fotos. Mas o que via pela lente era granulado e difuso, sombras cinzentas, irreconhecíveis. Então girei o anel de foco e devagar, bem devagarinho, trouxe o mundo para mim, pouco a pouco, lentamente surgiram mamãe e papai, bem definidos, eu podia ver o pequeno curativo no queixo do papai, ele havia se cortado de manhã com a lâmina de barbear, soltou um monte de palavrões, até mamãe fazer com que calasse a boca. Eu podia ver uma pinta no ombro da mamãe, nunca tinha reparado nela antes, estavam os dois nítidos ali, embaixo das árvores, na luz tremeluzente do sol que permeava a folhagem, papai com o braço em volta da mamãe, e os dois acenavam para mim, como se fosse uma despedida, sorriam e acenavam. Nesse momento girei demais e tudo ficou novamente embaçado, como se o planeta houvesse dado um tranco, fiquei tonto, quase mareado. Girei de volta e reencontrei o foco, podia ver que o dedo mindinho na mão da mamãe estava sem esmalte, e que o relógio novo do papai mostrava cinco e seis, dezenove de julho. A indicação do fotômetro oscilava para cima e para baixo, o sol queimava na nuca, não havia brisa, eu estava com o dedo no botão, respirei fundo, senti o sangue bater forte nos punhos, como um trovão, senti o cheiro de água do mar, caspa, toalhas molhadas, conchas, estrelas do mar, isca. Eu ia apertar o botão, tirar a foto, acabar logo com aquilo, mas aí de repente papai deu um passo à frente, chegou mais perto, disse algo que não ouvi e voltou para o lado da mamãe, pôs o braço em volta dela. Eu podia ouvir um navio deslizando fiorde afora e, lá do alto, até senti o redemoinho das ondas. Eu pensei que havia sido um verão como todos os outros, eu ainda não havia pulado do trampolim mais alto, e vi o relógio no braço bronzeado do papai marcar cinco e nove. Ele começou a perder a paciência, puxou a mamãe para mais perto de si, o sorriso plantado naqueles rostos me fez pensar onde o tempo teria ido, estes minutos, deste verão, e outro pensamento me ocorreu ali, com mamãe e papai em foco, será que o tempo que eu gasto, o tempo que jogo fora, pode ser usado de novo por outras pessoas? E subitamente me lembrei da árvore de natal na praça da Universidade, em dezembro, quando fomos lá para doar roupas usadas para o Exército da Salvação; uma vez eu vi um sem-teto andar por ali, se pavoneando com um casaco que meu pai havia usado no ano anterior. Fechei o olho

esquerdo, mas não os reconheci, os meus pais haviam envelhecido, como dois estranhos que tivessem entrado no meu jardim. Me virei, olhei para o poço e vi, no momento em que bati a foto, que os morangos silvestres já estavam maduros.

Farmors hår

Lars Saabye Christensen

en sommer
en morgen
før fuglene og radioene
og jeg er nesten naken
jeg går ut av det hvite huset, i
lukten fra havet, ennå hektet
til en drøm som fikk meg til å våkne
og jeg ser henne der, plutselig, foran
trærne som siler det siste
av natten som langsam te
jeg står helt stille
og ser farmor gre sitt hår
og det faller som en grå bølge
over mine øyne og hennes skuldre
og rynkene i nakken og den krumme ryggen
hun vet ennå ikke om meg
jeg er en gutt i skyggen på en tram
og jeg blir stående
mens himmelen stiger
gjennom regnet fra i går
og farmor grer sitt hår
med en kam av lys
en sommer
en morgen
før noen har stått opp, bare farmor og
jeg, som ser henne slik
jeg aldri før har sett
hun grer sitt lange hår
med en kam av lys
hun binder en knute av vind
under en spenne av sol
hun som mistet alle møblene i Marseille, som ble

sjøsyk i Lillebelt og reiste alene
fra Hjørring til Kina, hun som aldri ville ha
tretten til bords og drakk konjakk
med eggeplomme i hver søndag, snakket
kinesisk til postmannen, norsk til hunden
og dans i søvne
og jeg står så taus som jeg bare kan, i en
sverm av sekunder, i en storm
av stillhet
før resten av verden våkner
mens farmor grer sitt hår
med en kam av lys
en sommer
en morgen
og i dette øyeblikk vet jeg
at hun er yngre enn meg og jeg er
eldre enn henne
når hun snur seg sakte og ser
en gutt i skyggen på en tram
for han vil alltid huske henne
og hun skal snart glemme ham

O cabelo da minha vó

Lars Saabye Christensen

Tradução do norueguês:

Grete Skevik

um verão
uma manhã
antes dos pássaros e das rádios
e eu quase nu
abro a porta da casa branca, no
cheiro do mar, mal saído
do sonho que me fez acordar
e a vejo ali, de repente, diante das
árvores que filtram os restos
da noite, como chá vagaroso
fico imóvel
olhando minha vó pentear o cabelo
que cai como uma onda cinzenta
sobre meus olhos e os ombros dela
a nuca enrugada e as costas curvas
ela ainda não sabe de mim
sou um menino na sombra de uma porta
e fico aí
enquanto o céu sobe
em meio à chuva de ontem
e minha vó penteia o cabelo
com um pente de luz
um verão
uma manhã
antes dos outros se levantarem, apenas a vó e
eu, que a vejo
como jamais a vira
penteando o longo cabelo

com um pente de luz
fazendo um nó de vento
sob uma presilha de sol
ela que perdeu todos os móveis em Marselha, que ficou mareada em Lillebelt e viajou
sozinha
de Hjørring à China, ela que nunca queria ter
treze à mesa e bebia conhaque
com gema todo domingo, falava
chinês com o carteiro, norueguês com o cachorro
e dinamarquês ao sonhar
e eu fico calado o quanto aguento, num
enxame de segundos, numa tempestade
de silêncio
antes que o resto do mundo acorde
enquanto a vó penteia o cabelo
com um pente de luz
um verão
uma manhã
e neste exato momento eu sei
que ela é mais nova do que eu e eu sou
mais velho do que ela
quando ela se vira devagar e vê
um menino na sombra de uma porta
porque ele sempre se lembrará dela
e ela em breve o esquecerá

Um dia de fome em Cristiânia: Tradução das primeiras páginas do romance *Sult*, de Knut Hamsun

Ludmila Menezes Zwick¹

Renato Zwick²

Resumo: Tencionamos, em primeiro lugar, problematizar de modo breve as interferências que as escolhas estilísticas e/ou lexicais do tradutor podem ter sobre a linguagem do autor traduzido, tomando como úni co exemplo alguns trechos de *Fome*, de Knut Hamsun, na tradução de Carlos Drummond de Andrade. Tais interferências, neste caso, são amplificadas de modo especial pelo fato de não se tratar de uma versão feita diretamente do idioma do autor, mas a partir do francês. Outrossim, visamos apresentar, como contraponto, uma tradução direta que abrange o trecho inicial do livro e, no tempo da narrativa, corresponde ao primeiro dia vivido pelo protagonista em suas andanças por Cristiânia, a atual Oslo.

Palavras-chave: literatura escandinava; Knut Hamsun; tradução dano-norueguês–português brasileiro; tradução direta versus tradução indireta.

1 É mestra em Estética e História da Arte pela USP e doutora em Letras (Literatura e Cultura Russa) pela mesma universidade. Pesquisa história da arte do século XIX e início do XX. No que concerne à literatura escandinava, seu primeiro contato foi com o norueguês Knut Hamsun, e, mais tarde, com o dinamarquês Jens Peter Jacobsen.

2 É bacharel em Filosofia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) e mestre em Letras (Língua e Literatura Alemã) pela USP. É tradutor do alemão desde 2006, tendo vertido obras de Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche (publicadas pela editora L&PM) e Karl Kraus (Arquipélago Editorial), entre outros. Dentre os autores nórdicos, tem especial interesse por Jens Peter Jacobsen e Knut Hamsun.

Knut Hamsun, breve apresentação

Lido, citado e admirado por escritores tão diversos quanto Thomas Mann, Franz Kafka e Henry Miller, Knut Hamsun (1859-1952) é autor de vasta obra que abrange artigos, romances, peças de teatro e poesia.

Como Knut Pedersen, seu nome de batismo, publicou apenas dois títulos: *Den Gaadefulde* (O enigmático, 1877) e *Bjørger* (Cidadãos, 1878). Os romances seguintes já seriam publicados sob o nome que o tornou conhecido: *Sult* (Fome, 1890), *Mysterier* (Mistérios, 1892), *Ny Jord* (Terra nova, 1893), *Redaktør Lyng* (O redator Lyng, 1893), *Pan* (Pã, 1894), *Victoria* (1898), *Sværmere* (Os sonhadores, 1904), *Under Høststjernen* (Sob a estrela outonal, 1906), *Rosa, Benoni* (ambos de 1908), *En Vandrers spiller med Sordin* (Um andarilho toca em surdina, 1909), *Den sidste Glæde* (A última alegria, 1912), *Børn af Tiden* (Filhos da época, 1913), *Segelfoss By* (A cidade de Segelfoss, 1915), *Markens Grøde* (Os frutos da terra, 1917), *Konerne ved Vandposten* (As mulheres da bomba d'água, 1920), *Sidste Kapitel* (Último capítulo, 1923), *Landstrykere* (Vagabundos, 1927), *August* (1930), *Men Livet lever* (E a vida continua, 1933) e *Ringens sluttet* (O círculo fechado, 1936).

No gênero novela, publicou *Siesta* (1897) e *Stridende Liv* (Vida de lutas, 1905); suas peças de teatro foram: *Ved Rigeets Port* (Às portas do reino, 1895), *Livets Spil* (O jogo da vida, 1896), *Aftenrøde* (Arrebol, 1898), *Dronning Tamara* (A rainha Tamara, 1903), *Munken Vendt* (O monge Vendt, 1904) e *Livet i Vold* (À mercê da vida, 1910).

Além disso, entre outras obras, ainda publicou um volume de conferências (*Fra de moderne Amerikas Aandsliv* [Da vida intelectual na América moderna], 1889), um de relatos de viagem (*I Æventyrland* [No país fabuloso], 1903) e outro de poesias (*Det vilde Kor* [O coro selvagem], 1904).

Em 1940, a Noruega foi invadida pelos nazistas, e Hamsun, numa infeliz mostra de miopia política, manifestou simpatia por Hitler, decepcionando muitos de seus leitores. Era, porém, avesso à violência e jamais aderiu ao antissemitismo. Já sozinho, morando num asilo, após ter vivido uma vida relativamente plena, em especial após seu casamento com a atriz e autora de livros infantojuvenis Marie Andersen, em 1909, Hamsun compôs sua última obra, *Paa gjengrode Stier* (Por veredas cobertas de relva, 1949).

Sult, uma tradução indireta

Romance autobiográfico publicado em 1890, trinta anos antes de seu autor receber o prêmio Nobel pelo romance *Markens Grøde* (Os frutos da terra), *Sult*

(*Fome*) teve duas traduções brasileiras: a de Adelina Fernandes (1934) e a de Carlos Drummond de Andrade (1971). Esta última – que, como para tantos outros leitores, também representou nosso primeiro contato com esse autor – foi publicada como volume integrante da coleção “Biblioteca dos prêmios Nobel de literatura”, equivalente brasileira da “Collection des prix Nobel de littérature”, no âmbito da qual se reeditou em 1969 a tradução de Georges Sartreau (*La faim*, 1926). Na edição brasileira, ainda que se informe à página 6 que o “título do original norueguês” é *Sult*, não se informa ao leitor que o texto-fonte efetivo é muito provavelmente o da tradução francesa de Georges Sartreau.

A escolha por realizar uma tradução indireta, malgrado a inequívoca perícia de Drummond com a língua portuguesa, levou a muitas desfigurações lexicais e estilísticas do texto hamsuniano, conforme o quadro abaixo mostra sucintamente com alguns exemplos:

Hamsun	Sartreau	Drummond	Nossa tradução
(1) sulted (p. 1)	la faim au ventre (p. 67)	com a barriga na miséria (p. 63)	passava fome
(2) nedenunder mig (p. 1)	au-dessous de moi (p. 67)	lá embaixo (p. 63)	abaixo de mim
(3) fedt, bugnende Avertissement (p. 1)	grasse et rebondie, une annonce (p. 67)	vasto, rechocado, o anúncio (p. 63)	um anúncio gordo e inchado
(4) Ejendele (p. 1)	effets (p. 67)	roupas (p. 63)	pertences
(5) af Svimmelhed (p. 2)	à cause de vertiges (p. 67)	em estado vertiginoso (p. 63)	por causa de tonturas
(6) magre, grinende Bogstaver (p. 2)	maigres caractères grimaçants (p. 68)	as letras finas e tortas (p. 63)	as letras magras e arreganhadas
(7) alting skifter Farve og forgaar (p. 2)	toutes choses changent de couleur et passent de vie à trépas (p. 68)	as folhas mudam de cor e passam desta para melhor (p. 64)	tudo muda de cor e perece
(8) dette tomme Værelse (p. 2)	cette chambre vide (p. 68)	aquele quarto lúgubre (p. 64)	esse quarto vazio
(9) jeg gik videre gennen Gaderne (p. 7)	je continuai à marcher par les rues (p. 70)	continuei a rodar por aí (p. 66)	seguí em frente pelas ruas
(10) Jeg havde slet ikke i Sinde at bede ham om en Krone (p. 8)	Je n'avais pas la moindre intention de lui demander une couronne (p. 70)	Eu não tinha a menor intenção de pedir-lhe qualquer coisa (p. 66)	Eu não tinha em mente de forma alguma pedir-lhe uma coroa
(11) og øse af min fulde Hjerne (p. 8)	pour épancher la plénitude de mon cerveau (p. 70)	para expandir a plenitude das idéias (p. 67)	e esvaziar meu cérebro cheio
(12) masede Væsen (p. 9)	être obsédant (p. 71)	tipo obsessor (p. 67)	ser esmagado

No exemplo (1), não há dúvida de que as expressões escolhidas por Sartre e Drummond são boas quando consideradas em si mesmas; porém, como traduções de um prosaico *sulted*, “passava fome”, parecem pouco adequadas, pois convertem um termo neutro numa expressão quase poética – no caso do francês – e numa expressão coloquial – no caso do português.

No exemplo (2), a correta escolha do tradutor francês ganhou, em português, uma ênfase extra pelo acréscimo do “lá”: o relógio que o protagonista ouve bater seis horas não está mais abaixo dele (mais precisamente, no andar imediatamente abaixo), mas bem mais distante (talvez no térreo?).

Em (3), o adjetivo “vasto” da versão brasileira tem uma conotação a um só tempo mais eufemística e mais ampla do que o mero adjetivo “gordo” (*fedt* em dano-norueguês, *gras* em francês).

Já em (4), os bens, posses ou pertences (*Ejendele*) do personagem são reduzidos na versão brasileira apenas às suas roupas, possivelmente devido a uma confusão causada pela polissemia do termo francês, já que *effets*, além do plural de “efeito”, também pode significar “bens” e “roupas íntimas”. Ou seja, ainda que esta seja uma categoria específica de roupa, Drummond a ampliou.

No quinto exemplo, o simples enunciado de uma causa (*af Svimmelbed – à cause de vertiges* – por causa de tonturas) transforma-se na versão de Drummond em algo rebuscado e até enigmático: “em estado vertiginoso”, o que interfere no estilo direto do autor.

Em (6), a opção do tradutor francês para o adjetivo *grinende* é adequada (*grimaçant*: que faz caretas ou esgares), o que não é o caso da de Drummond.

Em (7), Sartre e, em sua esteira, Drummond optaram por um coloquialismo desbragado para traduzir o verbo *forjaa*, “perecer, fenecer”. No caso de Drummond, ainda há o agravante de um amplíssimo *alting* (*toutes choses* – tudo) – que, podemos imaginar, abrangeria não só plantas, mas inclusive outros objetos e mesmo estados de espírito – ser reduzido às meras e concretas folhas.

Em (8), um simples quarto vazio (*tomme Værelse = chambre vide*) adquire na versão de Drummond um caráter bem mais sombrio.

No exemplo (9), a escolha de Drummond soa mais uma vez bastante coloquial.

Em (10), um objeto bem específico (*en Krone = une couronne = uma coroa*) converte-se em algo inespecífico na versão brasileira.

Em (11), uma expressão de caráter concreto, que ainda se conserva em francês, converte-se na versão de Drummond em algo sublime, pois um carnal

“cérebro” (*Hjerne* = *cerveau*) transforma-se em imateriais “ideias”. Note-se também a contradição entre “esvaziar” e “expandir”: o protagonista quer colocar suas ideias logo no papel, pois já alcançaram uma boa expansão em seu cérebro, e não as expandir ainda mais.

Em (12), ao se referir a alguém que vê na rua, o protagonista o qualifica de “ser esmagado/criatura esmagada” (*masede Væsen*); não está claro porque Sartreau optou por “être obsédant”, no que é seguido de perto por Drummond com “tipo obsessivo”.

Não há dúvida de que as traduções indiretas podem contribuir imensamente para a difusão de determinado autor que, de outro modo, talvez jamais tivesse leitores em certos idiomas não houvessem editores e tradutores recorrido a esse expediente. Por outro lado, também é certo que a existência de estações intermediárias na passagem de um texto a outro idioma aumenta a possibilidade da ocorrência de distorções na prosa de um autor, enquanto uma tradução direta, ainda que sujeita a males parecidos, é *potencialmente* menos suscetível de incorrer em tais distorções.

***Sult*, uma tradução direta**

Knut Hamsun

Tradução do norueguês:

Ludmila Menezes Zwick

Renato Zwick

O trecho ora traduzido corresponde às páginas 1-47 da primeira edição de *Sult* (København: P. G. Philipsen³, 1890). Os números de página vão indicados entre colchetes.

Sult

[1] Det var i den Tid, jeg gik omkring og sulted i Kristiania, denne forunderlige By, som ingen forlader, før han har faaet Mærker af den

Jeg ligger vaagen paa min Kvist og hører en Klokke nedenunder mig slaa seks Slag; det var allerede ganske lyst, og Folk begyndte at færdes op og ned i Trapperne. Nede ved Døren, hvor mit Rum var tapetseret med gamle Numre af »Morgenbladet«, kunde jeg saa tydelig se en Bekendtgørelse fra Fyrdirektøren, og lidt tilvenstre derfra et fedt, bugnende Avertissement fra Bager Fabian Olsen om nybagt Brød.

Straks jeg slog Øjnene op, begyndte jeg af gammel Vane at tænke efter, om jeg havde noget at glæde mig til idag. Det havde været lidt knapt for mig i den sidste Tid; den

Fome

[1] Foi no tempo em que eu perambulava e passava fome em Cristiãoia, essa cidade estranha que ninguém deixa antes de receber dela suas marcas...

Eu estava deitado em minha mansarda, acordado, e ouvi um relógio bater seis horas abaixo de mim; já estava bastante claro e as pessoas começavam a circular para cima e para baixo pelas escadas. Embaixo, junto à porta, onde meu quarto estava forrado com velhas edições do *Morgenbladet*, eu podia ver bem claramente um comunicado do diretor dos faróis e, um pouco à esquerda, um anúncio gordo e inchado do padeiro Fabian Olsen oferecendo pão fresco.

Logo que abri os olhos, comecei a refletir, como de costume, sobre se tive algo com que me alegrar até hoje. As coisas tinham sido um tanto escassas para mim nos úl-

3 A atual detentora dos direitos de publicação da obra de Hamsun é a editora Gyldendal. Os autores agradecem a Pasi Loman, da agência Vikings of Brazil, por intermediar gentilmente a obtenção da autorização para publicar este trecho.

ene efter den anden af mine Ejendele var bragt [2] til »Onkel«, jeg var bleven nervøs og utaalsom, et Par Gange havde jeg ogsaa ligget tilsengs en Dags Tid af Svimmelhed. Nu og da, naar Lykken var god, kunde jeg drive det til at faa fem Kroner af et eller andet Blad for en Føljeton.

Det lysned mer og mer, og jeg gav mig til at læsepaa Avertissementerne nede ved Døren; jeg kunde endog skælne de magre, grinende Bogstaver om »Ligsvøb hos Jomfru Andersen, tilhøjre i Porten«. Det sysselsatte mig en lang Stund, jeg hørte Klokken slaa otte nedenunder, inden jeg stod op og klædte mig paa.

Jeg aabned Vinduet og saa ud. Der, hvor jeg stod, havde jeg Udsigt til en Klædesnor og en aaben Mark; langt ude laa Gruen tilbage af en nedbrændt Smedje, hvor nogle Arbejdere var i Færd med at rydde op. Jeg ladde mig med Albuerne ned i Vinduet og stirred ud i Luften. Det blev ganske vist en lys Dag, Høsten var kommet, den fine, svale Aarstid, hvori alting skifter Farve og forgaar. Støjen var allerede begyndt at lyde i Gaderne og lokked mig ud; dette tomme Værelse, hvis Gulv gynged op og ned for hvert Skridt jeg [3] tog henover det, var som en gisten, uhyggelig Ligkiste; der var ingen ordentlig Laas for Døren og ingen Ovn i Rummet; jeg plejed at ligge paa mine Strømper om Natten, forat faa dem lidt tørre til om Morgen. Det eneste, jeg havde at fornøje mig ved, var en liden rød Gyngestol, som jeg sad i om Aftenerne og døsed og tænkte paa mangehaande Ting. Naar det blæste haardt, og Dørene nedenunder stod aabne, lød der alleslags underlige Hvin op gennem Gulvet og ind fra Væggene, og »Morgenbladet« nede ved Døren fik Revner saa lange som en Haand.

timos tempos; um a um, meus pertences foram colocados [2] no “prego”, tornei-me nervoso e impaciente, e algumas vezes também passei o dia inteiro deitado na cama por causa de tonturas. Vez por outra, quando tinha sorte, conseguia ganhar cinco coroas neste ou naquele jornal por um folhetim.

Ficava cada vez mais claro e comecei a estudar os anúncios que estavam embaixo, junto à porta; podia ver inclusive as letras magras e arreganhadas de “mortalias com a senhorita Andersen, à direita dos portões”. Isso me ocupou por um bom tempo; ouvi o relógio embaixo bater oito horas antes que me levantasse e me vestisse.

Abri a janela e olhei para fora. De onde estava, via um varal e um campo aberto; lá fora, ao longe, uma fornalha foi o que ficou para trás de uma ferraria queimada até os alicerces, onde alguns trabalhadores estavam colocando tudo em ordem. Apoiei os cotovelos na janela e fiquei olhando para o nada. Seria sem dúvida um dia luminoso; chegara o outono, a estação amena e fresca em que tudo muda de cor e perece. O barulho já tinha começado a ressoar nas ruas e me atraía para fora; esse quarto vazio, cujo assoalho balançava para cima e para baixo a cada passo que eu [3] dava sobre ele, era como um caixão rachado e medonho; não havia propriamente fechadura na porta e nem estufa no quarto; eu costumava me deitar sobre minhas meias durante a noite para conseguir secá-las um pouco até de manhã. A única coisa que eu tinha para me alegrar era uma pequena cadeira de balanço vermelha, em que me sentava durante as noites e cochilava e pensava sobre muitas coisas. Quando ventava forte e as portas embaixo estavam abertas, todo tipo de zumbido estranho ressoava através do assoalho e pelas paredes, e rasgoes do comprimento

Jeg rejste mig og undersøgte en Byldt henne i Krogen ved Sengen efter lidt til Frokost, men fandt intet og vendte tilbage til Vinduet igen.

Gud ved, tænkte jeg, om det aldrig skal nytte mig at søge efter en Bestilling mer! Disse mange Afslag, disse halve Løfter, rene Nej, nærede og skuffede Haab, nye Forsøg, som hver Gang løb ud i intet, havde gjort det af med mit Mod. Jeg havde tilsidst søgt en Plads som Regningsbud, men var kommet forsent; desuden kunde jeg ikke skaffe Sikkerhed for femti Kroner. Der var altid et eller [4] andet til Hinder. Jeg mældte mig ogsaa til Brandkorpset. Vi stod halvhundrede Mand i Forhallen og satte Brystet ud, forat give Indtryk af Kraft og stor Dristighed. En Fuldmægtig gik omkring og besaa disse Ansøgere, folte paa deres Arme og gav dem et og andet Spørgsmaal, og mig gik han forbi, rysted blot paa Hovedet og sagde, at jeg var kasseret paa Grund af mine Briller. Jeg mødte op paany, uden Briller, jeg stod der med rynkede Bryn og gjorde mine Øjne saa hvasse som Knive, og Manden gik mig atter forbi, og han smilte, – han havde kendt mig igen. Det værste af alt var, at mine Klæder var begyndt at blive saa daarlige, at jeg ikke længer kunde fremstille mig til en Plads som et skikkeligt Menneske.

Hvor det havde gaaet jævnt og regelmæssigt nedad med mig hele Tiden! Jeg stod tilsidst saa besynderlig blottet for alt muligt, jeg havde ikke engang en Kam tilbage eller en Bog at læse i, naar det blev mig for trist. Hele Sommeren udover havde jeg søgt ud paa Kirkegaardene eller op i Slotsparken,

de um palmo se abriam no *Morgenbladet* embaixo junto à porta.

Levantei-me e examinei um embrulho no canto, junto à cama, em busca de algo para o café da manhã, mas não encontrei nada e retornei outra vez à janela.

Sabe Deus, eu pensava, se alguma vez me adiantará procurar por mais uma encomenda! Essas muitas recusas, essas meias promessas, não diretos, esperanças nutridas e desenganadas, novas tentativas que a cada vez davam em nada, tinham acabado com meu ânimo. Por fim, tinha procurado um posto como cobrador, mas me atrasei; além disso, eu não podia obter segurança com cinquenta coroas. Sempre havia uma coisa ou [4] outra para atrapalhar. Também me inscrevi no corpo de bombeiros. Estávamos parados na entrada, uma meia centena de homens, e estufávamos o peito para dar a impressão de força e grande audácia. Um adjunto circulava e vistoriava esses candidatos, apalpava seus braços e fazia-lhes uma pergunta ou outra, e ele passou por mim, apenas balançou a cabeça e disse que eu estava dispensado em razão de meus óculos. Apresentei-me novamente, sem óculos, fiquei ali parado com as sobranceiras franzidas e fiz meus olhos verem como facas afiadas, e o homem passou por mim outra vez e sorriu – ele tinha me reconhecido. O pior de tudo era que minhas roupas começaram a ficar tão ruins que eu não podia mais me apresentar num lugar como um ser humano decente.

Como as coisas tinham ido, continua e regularmente, ladeira abaixo para mim o tempo todo! Eu estava por fim tão estranhamente destituído de todo o possível, não me restara sequer um pente ou um livro para ler quando ficava demasiado triste. Por todo o verão eu tinha ido aos cemitérios ou subido

hvor jeg sad og forfatted Artikler for Blandene, Spalte efter Spalte om de forskellige Ting, [5] underlige Paafund, Luner, Indfald af min urolige Hjerne; i Fortvivelse havde jeg ofte valgt de fjærneste Emner, som voldte mig lange Tiders Anstrængelse og aldrig blev optaget. Naar et Stykke var færdigt, tog jeg fat paa et nyt, og jeg blev ikke ofte nedslagen af Redaktørernes Nej; jeg sagde stadig væk til mig selv, at engang vilde det jo lykkes. Og virkelig, stundom, naar jeg havde Held med mig og fik det lidt godt til, kunde jeg faa fem Kroner for en Eftermiddags Arbejde.

Jeg rejste mig atter op fra Vinduet, gik hen til Vaskevandsstolen og dynke en Smule Vand paa mine blanke Bukseknæ, forat sværte dem lidt og faa dem til at se lidt nye ud. Da jeg havde gjort dette, stak jeg som sædvanligt Papir og Blyant i Lommen og gik ud. Jeg gled meget stille nedad Trapperne, for ikke at vække min Værtindes Opmærksomhed; der var gaaet et Par Dage, siden min Husleje forfaldt, og jeg havde ikke noget at betale med nu mere.

Klokken var ni. Vognrammel og Stemmer fyldte Luften, et uhyre Morgenkor, blandet med Fodgængernes Skridt og Smældene fra Hyrekuskenes Svøber. Denne støjende [6] Færdsel overalt oplived mig straks, og jeg begyndte at føle mig mer og mer tilfreds. Intet var fjærnere fra min Tanke end blot at gaa en Morgentur i frisk Luft. Hvad kom Luften mine Lunger ved? Jeg var stærk som en Rise og kunde standse en Vogn med min Skulder. En fin, sølsom Stemning, Følelsen af den lyse Ligegladhed, havde bemægtiget sig mig. Jeg gav mig til at iagttage de Mennesker, jeg mødte og gik forbi, læste Plakaterne paa Væggene, modtog Indtryk

até o parque do castelo, onde me sentava e escrevia artigos para os jornais, coluna após coluna, sobre as coisas mais diversas, [5] invenções estranhas, caprichos e lampejos de meu cérebro inquieto; em desespero, tinha muitas vezes escolhido os temas mais remotos, que me custavam longas horas de esforço e nunca eram aceitos. Quando um estava pronto, eu iniciava um novo, e poucas vezes ficava abatido com o não dos redatores; dizia sempre a mim mesmo que um dia certamente as coisas sairiam bem. E, às vezes, de fato, quando tinha sorte e conseguia algo um pouco bom, podia ganhar cinco coroas pelo trabalho de uma tarde.

Levantei-me novamente da janela, fui até a cadeira onde estava a água para lavar e pinguei um pouquinho dela nos joelhos lustrosos de minha calça para escurecê-los um pouco e fazê-los parecer um pouco novos. Tendo feito isso, enfiei papel e lápis no bolso como de costume e saí. Deslizei muito de mansinho escada abaixo para não despertar a atenção da proprietária; tinham-se passado alguns dias desde que meu aluguel vencera, e agora eu não tinha mais como pagar.

Eram nove horas. Vozes e barulho de veículos enchiam os ares, um imenso coro matinal, misturado com o passo dos pedestres e os estampidos dos chicotes dos cocheiros de aluguel. Esse [6] trânsito barulhento por toda parte animou-me de imediato, e comecei a me sentir cada vez mais contente. Nada estava mais longe de meus pensamentos do que apenas fazer um passeio matinal ao ar fresco. O que importava o ar para meus pulmões? Eu era forte como um gigante e podia parar um veículo com meus ombros. Uma disposição sutil e estranha, um sentimento de luminosa indiferença, tinham se apoderado

fra et Blik, slængt til mig fra en forbifarende Sporvogn, lod hver Bagatel trænge ind paa mig, alle smaa Tilfældigheder, som krydsed min Vej og forsvandt.

Naar man bare havde sig lidt til Mad en saadan lys Dag! Indtrykket af den glade Morgen overvældede mig, jeg blev uregerlig tilfreds og gav mig til at nynne af Glæde, uden nogen bestemt Grund. Ved en Slagterbutik stod en Kone med en Kurv paa Armen og spekulered paa Pølser til Middag; idet jeg passerede hende, saa hun hen paa mig. Hun havde blot én Tand i Formunden. Nervøs og let paavirkelig som jeg var bleven de sidste Dage, gjorde Konens Ansigt straks et modbydeligt [7] Indtryk paa mig; den lange, gule Tand saa ud som en liden Finger, der stod op fra Kæven, og hendes Blik var endnu fuldt af Pølse, da hun vendte det mod mig. Jeg tabte med en Gang Appetiten og følte Kvalme. Da jeg kom til Basarerne, gik jeg hen til Springet og drak lidt Vand; jeg saa op – Klokken var ti i Vor Frelsens Taarn.

Jeg gik videre gennem Gaderne, drev om uden Bekymring for nogetsomhelst, standsed ved et Hjørne, uden at behøve det, bøjede af og gik en Sidegade, uden at have Ærinde derhen; jeg lod det staa til, førtes omkring i den glade Morgen, vuggede mig sorgfrit frem og tilbage blandt andre lykkelige Mennesker; Luften var tom og lys, og mit Sind var uden en Skygge.

I ti Minutters Tid havde jeg stadig havt en gammel, halt Mand foran mig. Han bar

de mim. Pus-me a observar as pessoas que encontrava e pelas quais passava, lia os letreiros nas paredes, recebia a impressão de um olhar lançado em minha direção vindo de um bonde que passava, deixava que cada bagatela me penetrasse, todas as pequenas casualidades que atravessavam o meu caminho e desapareciam.

Se apenas se tivesse um pouco de comida num dia tão iluminado! A impressão dessa manhã alegre me dominava, fiquei desenfreadamente contente e me pus a cantarolar de alegria sem qualquer motivo definido. Próximo a um açougue estava parada uma mulher com um cesto nos braços que pensava sobre as salsichas para o meio-dia; quando passei por ela, ela olhou para mim. Tinha só um dente na parte da frente da boca. Nervoso e facilmente impressionável como tinha me tornado nos últimos dias, o rosto da mulher me causou de imediato uma [7] impressão de nojo; esse dente comprido e amarelo parecia um pequeno dedo que se erguia do maxilar, e o seu olhar ainda estava cheio de salsicha quando o dirigiu a mim. Perdi imediatamente o apetite e senti náuseas. Quando cheguei aos bazares, fui até a fonte e tomei um pouco de água; olhei para cima – o relógio marcava dez horas na torre de Nosso Salvador.

Segui em frente pelas ruas, vagando sem preocupar-me com coisa alguma, fiquei parado numa esquina sem necessidade, dobrei-a e entrei numa rua transversal sem ter nada a fazer ali; deixei estar, caminhei pela manhã alegre, balancei-me despreocupado para a frente e para trás em meio a outras pessoas felizes; o ar estava vazio e claro, e em meu espírito não havia uma sombra sequer.

Durante dez minutos tive constantemente à minha frente um homem velho e

en Byldt i den ene Haand og gik med hele sit Legeme, arbejded af al Magt, forat skyde Fart. Jeg hørte, hvor han pusted af Anstrængelse, og det faldt mig ind, at jeg kunde bære hans Byldt; jeg søgte dog ikke at indhente ham. Oppe i Grændsen mødte jeg Hans Pauli, som hilste og skyndte sig forbi. [8] Hvorfor hav de han saadant Hastværk? Jeg havde Slet ikke i Sinde at bede ham om en Krone, jeg vilde ogsaa med det allerførste sende ham tilbage et Tæppe, som jeg havde laant af ham for nogle Uger siden. Saasnart jeg var kommet lidt ovenpaa, vilde jeg ikke være nogen Mand noget Tæppe skyldig; kanske begyndte jeg allerede idag en Artikel om Fremtidens Forbrydelser eller om Viljens Frihed, hvadsomhelst, noget læseverdigt noget, som jeg vilde faa ti Kroner for mindst . . . Og ved Tanken paa denne Artikel følte jeg mig med en Gang gennemstrømmet af Trang til at tage fat straks og øse af min fulde Hjerne; jeg vilde finde mig et passende Sted i Slotsparken og ikke hvile, før jeg havde faaet den færdig.

Men den gamle Krøbling gjorde fremdeles de samme sprællende Bevægelser foran mig i Gaden. Det begyndte tilsidst at irritere mig at have dette skrøbelige Menneske foran mig hele Tiden. Hans Rejse syntes aldrig at ville tage Ende; maaske havde han bestemt sig til akkurat det samme Sted som jeg, og jeg skulde hele Vejen have ham for mine Øjne. I min Ophidselse forekom det mig, at han ved [9] hver Tvergade sagtned en Smule og ligesom ventede paa, hvilken Retning jeg vilde tage, hvorpaa han igen svang Byldten højt i Luften og gik til af yderste Magt, forat faa Forsprang. Jeg gaar og ser paa dette masede Væsen og blir mer

manco. Ele carregava um embrulho numa das mãos e andava com todo seu corpo, trabalhava com toda sua força, para acelerar o passo. Ouvi como respirava com esforço e ocorreu-me que poderia carregar seu embrulho; no entanto, não tentei alcançá-lo. Na altura da rua Grændsen, encontrei Hans Pauli, que cumprimentou e passou apressado. [8] Por que ele tinha tanta pressa? Eu não tinha em mente de forma alguma pedir-lhe uma coroa, também queria devolver-lhe na primeira ocasião o cobertor que havia tomado emprestado dele há algumas semanas. Logo que estivesse um pouco por cima, não queria dever cobertor algum a homem algum; talvez começasse já hoje um artigo sobre os crimes do futuro ou a liberdade da vontade, o que quer que fosse, algo digno de ser lido, algo pelo que queria conseguir pelo menos dez coroas... E com o pensamento nesse artigo, senti-me imediatamente atravessado pelo ímpeto de pôr mãos à obra sem demora e esvaziar meu cérebro cheio; queria encontrar um lugar adequado para mim no parque do castelo e não descansar antes de conseguir terminá-lo.

Mas o velho aleijão ainda fazia os mesmos movimentos agitados à minha frente pela rua. Por fim, começou a me irritar ter esse homem decrepito à minha frente o tempo todo. Seu percurso parecia nunca querer ter fim; talvez ele tivesse escolhido justamente o mesmo destino que eu, e por todo o caminho eu precisaria tê-lo diante de meus olhos. Em minha irritação, parecia-me que ele ia um pouco mais devagar sempre que chegava a uma [9] rua transversal e como que esperava pela direção que eu pretendia tomar, após o que voltava a balançar o embrulho alto no ar e andava com toda a força para obter vantagem. Ando e vejo esse

og mer opfyldt af Forbittrelse mod ham; jeg følte, at han lidt efter lidt ødelagde min lyse Stemning og trak den rene, skønne Morgen med sig ned i Hæslighed med det samme. Han saa ud som et stort humpende Insekt, der med Vold og Magt vilde slaa sig til en Plads i Verden og forbeholde sig Fortouget for sig selv alene. Da vi var kommet paa Toppen af Bakken, vilde jeg ikke længer finde mig i det, jeg vendte mig mod et Butiksvindu og standsed, forat give ham Anledning til at komme væk. Da jeg efter nogle Minutters Forløb atter begyndte at gaa, var Manden foran mig igen, ogsaa han havde staaet bom stille. Jeg gjorde, uden at tænke mig om, tre fire rasende Skridt fremad, indhentede ham og slog Manden paa Skulderen.

Han standsed med ét. Vi gav os begge til at stirre paa hinanden.

»En liden Skilling til Melk!« sagde han endelig og lagde Hovedet paa Siden.

[10] Se saa, nu stod jeg godt i det! Jeg følte i Lommerne og sagde:

»Til Melk ja. Hm. Det er smaat med Pengene i disse Tider, og jeg ved ikke, hvor trængende De kan være.«

»Jeg har ikke spist siden i gaar i Drammen,« sagde Manden; »jeg ejer ikke en Øre, og jeg har ikke faaet Arbejde endnu.«

»Er De Haandværker?«

»Ja, jeg er Naadler.«

»Hvilket?«

»Naadler. Forresten kan jeg ogsaa gøre Sko.«

»Det forandrer Sagen,« sagde jeg. »De faar vente her i nogle Minutter, saa skal jeg gaa efter lidt Penge til Dem, nogle Øre.«

Jeg gik i største Hast nedad Pilestrædet, hvor jeg vidste om en Pantelaaner i anden

ser esmagado e fico cada vez mais cheio de exasperação contra ele; sentia que ele arruinava pouco a pouco meu luminoso estado de espírito e ao mesmo tempo arrastava consigo para baixo, para a feiura, a manhã pura e bela. Ele parecia um grande inseto claudicante que, com violência e força, queria abrir caminho até um lugar no mundo e ter a calçada só para si. Quando tínhamos chegado ao topo da colina, eu não queria mais me conformar com aquilo, esperei em frente a uma vitrine e me detive para lhe dar oportunidade de ir embora. Quando, decorridos alguns minutos, recomecei a caminhar, o homem estava outra vez à minha frente, ele também ficara estacado. Sem pensar, dei três ou quatro passos furiosos para frente, alcancei-o e bati no ombro do homem.

Ele parou de súbito. Começamos a nos encarar mutuamente.

– Um xelinzinho para o leite! – disse ele por fim, e colocou a cabeça para o lado.

[10] Vejam só, agora eu estava bem! Apalpei os bolsos e disse:

– Sim, para o leite. Hm. O dinheiro anda escasso nesses tempos e não sei o quanto necessitado o senhor pode estar.

– Não como desde ontem, em Drammen – disse o homem; – não tenho um vintém e ainda não consegui trabalho.

– O senhor é artesão?

– Sim, sou acabador de calçados.

– O quê?

– Acabador de calçados. De mais a mais, também sei fazer sapatos.

– Isso muda as coisas – eu disse. – Espere aqui alguns minutos, que vou buscar um pouco de dinheiro para o senhor, alguns vinténs.

Desci na maior pressa pela Pilestrædet, onde eu sabia de um penhorista no segun-

Etag; jeg havde forøvrigt aldrig været hos ham før. Da jeg kom ind i Porten, trak jeg skyndsomt min Vest af, rullede den sammen og stak den under Armen; derpaa gik jeg opad Trappen og bankede paa til Sjappen. Jeg bukkede og kastede Vesten paa Disken.

»Halvanden Krone,« sagde Manden.

[11] »Ja ja, Tak,« svarede jeg. »Havde det ikke været det, at den begyndte at blive lidt for knap til mig, saa vilde jeg ikke have skilt mig ved den, naturligvis.«

Jeg fik Pengene og Sedlen og begav mig tilbage. Det var i Grunden et udmærket Paafund, dette med Vesten; jeg vilde endog faa Penge tilovers til en rigelig Frokost, og inden Aften skulde saa min Afhandling om Fremtidens Forbrydelser være istand. Jeg begyndte paa Stedet at finde Tilværelsen blidere, og jeg skyndte mig tilbage til Manden, forat faa ham fra Haanden.

»Værsgodt!« sagde jeg til ham. »Det glæder mig, at De har henvendt Dem til mig først.«

Manden tog Pengene og begyndte at mønstre mig med Øjnene. Hvad stod han og stirrede efter? Jeg havde det Indtryk, at han især undersøgte mine Bukseknæ, og jeg blev træt af denne Uforsømmethed. Troed Slyngelen, at jeg virkelig var saa fattig som jeg saa ud for? Havde jeg maaske ikke saagodtsom begyndt at skrive paa en Artikel til ti Kroner? Overhovedet frygtede jeg ikke for Fremtiden, jeg havde mange Jærn i Ilden. [12] Hvad kom det saa et vild fremmed Menneske ved, om jeg gav bort en Drikkeskilling paa en saadan lys Dag? Mandens Blik irriterede mig, og jeg besluttede mig til at give ham en Irettesættelse, inden jeg forlod ham. Jeg trak paa Skuldrene og sagde:

do andar; aliás, eu nunca estivera antes em seu estabelecimento. Quando passei pelo portão, tirei meu colete na maior pressa, enrolei-o e meti-o debaixo do braço; em seguida, subi as escadas e bati à porta da loja. Fiz uma reverência e joguei o colete sobre o balcão.

– Uma coroa e meia – disse o homem.

[11] – Sim, sim, obrigado – respondi. – Não tivesse ele começado a ficar um pouco apertado para mim, eu não iria querer me desfazer dele, naturalmente.

Peguei o dinheiro e o recibo e me encaimhei de volta. Era no fundo uma ideia excelente, essa do colete; eu até conseguiria dinheiro de sobra para um café suntuoso e, até a tardinha, meu ensaio sobre os crimes do futuro também poderia estar pronto. De imediato comecei a achar a existência mais suave, e me apressei para voltar até o homem a fim de me ver livre dele.

– Aqui está! – disse-lhe. – Alegria-me que o senhor tenha se dirigido a mim primeiro.

O homem pegou o dinheiro e começou a me medir com os olhos. Por que estava ali parado, me olhando? Tive a impressão de que examinava sobretudo os joelhos das minhas calças, e fiquei cansado de sua impertinência. Será que o patife acreditava que eu era realmente tão pobre quanto parecia? Não tinha praticamente começado a escrever um artigo de dez coroas? De qualquer modo, eu não tinha medo do futuro, ainda tinha muita lenha para queimar. [12] O que importava a esse homem completamente desconhecido que eu desse uma gorjeta num dia tão iluminado? O olhar do homem me irritava, e me decidi a passar-lhe uma reprimenda antes de deixá-lo. Encolhi os ombros e disse:

»Min gode Mand, De har lagt Dem til den stygge Uvane at glo en Mand paa Knæerne, naar han giver Demen Krones Penge.«

Han ladde Hovedet helt tilbage mod Muren og spærred Munden op. Der arbejded noget bag hans Stodderpande, han tænkte ganske vist, at jeg vilde narre ham paa en eller anden Maade, og han rakte mig Pengene tilbage.

Jeg stamped i Gaden og svor paa, at han skulde beholde dem. Indbildte han sig, at jeg vilde have alt det Bryderi for ingenting? Naar alt kom til alt skyldte jeg ham maaske denne Krone, jeg havde det med at huske en gammel Gæld, han stod foran et retskaffent Menneske, ærlig ud i Fingerspidserne. Kortsagt, Pengene var hans Aa, ikke noget at takke for, det havde været mig en Glæde. Farvel.

Jeg gik. Endelig havde jeg denne værkbrudne Plageaand afvejen, og jeg kunde være [13] uforstyrret. Jeg tog atter ned gennem Pilestrædet og standsed udenfor en Husholdningshandel. Der laa fuldt op af Mad i Vinduet, og jeg bestemte mig til at gaa ind og faa mig lidt med paa Vejen.

»Et Stykke Ost og et Franskbrød!« sagde jeg og slængte min Halvkrone paa Disken.

»Ost og Brød for altsammen?« spurgte Konen ironisk, uden at se paa mig.

»For hele femti Øre ja,« svared jeg uforstyrret.

Jeg fik mine Sager, sagde yderst høfligt Godmorgen til den gamle, fede Kone og begav mig sporenstrængs opad Slotsbakken til Parken. Jeg fandt mig en Bænk for mig

– Meu bom homem, o senhor adotou o péssimo hábito de cravar os olhos nos joelhos de um homem quando ele lhe dá uma coroa.

Ele colocou a cabeça inteiramente para trás contra o muro e escancarou a boca. Alguma coisa trabalhava por trás de sua testa de mendigo; ele certamente pensou que eu queria enganá-lo de uma forma ou de outra e me estendeu o dinheiro de volta.

Bati o pé no chão e jurei que ele podia ficar com ele. Será que ele imaginava que eu tinha tido toda aquela trabalhadeira por nada? No fim das contas, talvez eu lhe devesse essa coroa; eu costumava me lembrar de uma velha dívida; ele estava diante de um homem honrado, honesto até as pontas dos dedos. Em suma, o dinheiro era dele... Ah, não há nada a agradecer, foi um prazer para mim. Adeus.

Segui em frente. Finalmente tinha tirado aquela praga reumática do caminho e podia ficar [13] em paz. Desci novamente pela Pilestrædet e fiquei parado do lado de fora de uma mercearia. A vitrine estava repleta de alimentos, e decidi entrar e comprar um pouco para comer no caminho.

– Um pedaço de queijo e um pão francês! – eu disse, jogando minha meia coroa no balcão.

– Queijo e pão por tudo isso? – perguntou a mulher ironicamente, sem me olhar.

– Por todos os cinquenta *øre*⁴, sim – respondi sem me perturbar.

Recebi minhas coisas, dei um bom-dia extremamente gentil à mulher velha e gorda e me dirigi sem demora até o parque subindo pela colina do castelo. Escolhi um banco

4 A centésima parte de uma coroa, a unidade monetária dos países escandinavos. (N.T.)

selv og begyndte at gnavne graadigt af min Niste. Det gjorde godt; det var længe siden jeg havde faaet et saa rundeligt Maaltid, og jeg følte lidt efter lidt den samme mætte Ro i mig, som én føler efter en lang Graad. Mit Mod steg stærkt; det var mig ikke længer nok at skrive en Artikel om noget saa enkelt og ligetil som Fremtidens Forbrydelser, som desuden hvemsomhelst kunde gætte sig til, ligefrem læse sig til i Historien; jeg følte mig istand til en større Anstrængelse, jeg var i [14] Stemning til at overvinde Vanskeligheder, og jeg bestemte mig for en Afhandling i tre Afsnit om den filosofiske Erkendelse. Naturligvis vilde jeg faa Lejlighed til at knække ynkeligt nogle af Kants Sofismer Da jeg vilde tage mine Skrivesager frem og begynde Arbejdet, opdaged jeg, at jeg ikke længer havde nogen Blyant hos mig; jeg havde glemt den efter mig i Pantelaanersjappen; min Blyant laa i Vestelommen.

Herregud hvor dog alting havde Lyst til at gaa forkært for mig! Jeg banded nogle Gange, rejste mig op fra Bænken og drev frem og tilbage i Gangene. Det var meget stille overalt; langt borte, ved Dronningens Lysthus, rullede et Par Barnepiger sine Vogne omkring, ellers var der ikke et Menneske at se noget Sted. Jeg var dygtig forbittret i Sind og spadserede som en rasende foran min Bænk. Hvor mærkelig vrangt gik det dog ikke paa alle Kanter! En Artikel i tre Afsnit skulde ligefrem strande paa den simple Ting, at jeg ikke havde et Stykke ti Øres Blyant i Lommen! Hvad om jeg gik ned i Pilestrædet igen og fik min Blyant tilbageleveret? Der vilde endda blive Tid til at [15] faa et godt Stykke færdigt, inden de spadserende begyndte at fylde Parken. Der var ogsaa saa meget, som ahang af denne

para mim e comecei a roer vorazmente o meu lanche. Isso me fez bem; fazia muito tempo que eu tinha feito uma refeição tão abundante, e sentia pouco a pouco a mesma tranquilidade saciada que as pessoas sentem após um longo tempo chorando. Meu ânimo melhorou intensamente; não me bastava mais escrever um artigo sobre algo tão simples e fácil como os crimes do futuro, que, ademais, qualquer um poderia deduzir simplesmente lendo a história; sentia-me capaz de um esforço maior, estava num [14] estado de espírito para superar dificuldades, e me decidi por um estudo em três partes sobre o conhecimento filosófico. Naturalmente, teria ocasião de abater miseravelmente alguns dos sofismas de Kant... Quando quis sacar meus apetrechos de escrita e começar o trabalho, me dei conta de que há muito tempo não tinha mais lápis algum comigo; eu o tinha esquecido na loja do penhorista; meu lápis estava no bolso do colete.

Por Deus, como tudo estava tomando gosto em dar errado para mim! Praguejei algumas vezes, levantei-me do banco e circulei para cima e para baixo pelas alamedas. Estava muito quieto por toda parte; ao longe, próximo à casa de veraneio da rainha, algumas babás empurravam seus carrinhos; no mais, não havia uma pessoa à vista em parte alguma. Eu estava extremamente amargurado em meu íntimo e passeava como um louco diante de meu banco. O quão estranhamente às avessas não estavam indo as coisas por todos os cantos! Um artigo em três partes podia até fracassar pelo simples fato de eu não ter no bolso um pedaço de lápis de dez øre! E se eu fosse novamente até a Pilestrædet e obtivesse meu lápis de volta? Ainda sobraria tempo para [15] terminar um bom pedaço antes

Afhandling om den filosofiske Erkendelse, maaske flere Menneskers Lykke, ingen kunde vide det. Jeg sagde til mig selv, at den kanske vilde blive til stor Hjælp for mange unge Mennesker. Ret betænkt vilde jeg ikke forgribe mig paa Kant; jeg kunde jo undgaa det, jeg behøved blot at gøre en ganske umærkelig Bøjning, naar jeg kom til Spørgsmaalet Tid og Rum; men Renan vilde jeg ikke svare for, gamle Sognepræst Renan Under alle Omstændigheder galdt det at gøre en Artikel paa saa og saa mange Spalter; den ubetalte Husleje, Værtindens lange Blik om Morgen, naar jeg traf hende i Trapperne, pinte mig hele Dagen og dukked frem igen endog i mine glade Stunder, naar jeg ellers ikke havde en mørk Tanke. Dette maatte jeg have en Ende paa. Jeg gik hurtigt ud af Parken, forat hente min Blyant hos Pantelaaneren.

Da jeg kom ned i Slotsbakken, indhented jeg to Damer, som jeg gik forbi. Idet jeg passerede dem, strejfed jeg den enes Ærme, jeg saa op, hun havde et fyldigt, lidt blegt [16] Ansigt. Med ét blusser hun og blir forunderlig skøn, jeg ved ikke hvorfor, maaske af et Ord, hun hører af en forbigaaende, maaske blot af en stille Tanke hos hende selv. Eller skulde det være fordi jeg berørte hendes Arm? Det høje Bryst bølgte heftigt nogle Gange, og hun klemmer Haanden haardt om Parasolskaftet. Hvad gik der af hende?

Jeg standsed og lod hende komme foran mig igen, jeg kunde ikke i Øjeblikket gaa videre, det hele forekom mig saa besynderligt. Jeg var i et pirreligt Lune, ærgerlig paa mig selv for Hændelsen med Blyanten

que os passeantes comesçassem a encher o parque. Também havia tanta coisa que dependia desse estudo sobre o conhecimento filosófico, talvez a felicidade de muitos seres humanos, ninguém podia saber. Disse a mim mesmo que talvez fosse de grande ajuda para muitos jovens. Pensando bem, eu não maltrataria Kant; eu poderia evitar isso, precisaria apenas fazer um desvio inteiramente imperceptível quando chegasse às questões do tempo e do espaço; mas não responderia por Renan, o velho sacerdote Renan... Fosse lá como fosse, o importante era produzir um artigo de tantas e tantas colunas; o aluguel não pago e o olhar demorado da proprietária quando a encontrava nas escadas de manhã atormentavam-me o dia inteiro e emergiam novamente inclusive em meus momentos felizes, quando de costume não tinha pensamentos sombrios. Eu tinha que dar um fim naquilo. Saí depressa do parque para buscar meu lápis com o penhorista.

Quando desci a colina do castelo, alcancei duas moças, que ultrapassei. Ao passar, rocei a manga de uma delas, ergui os olhos, ela tinha um [16] rosto cheio, ligeiramente pálido. De súbito, ela enrubesceu e ficou surpreendentemente bonita, eu não sabia por que, talvez por uma palavra que tivesse ouvido de um passante, talvez apenas por um pensamento silencioso consigo mesma. Ou poderia ser porque toquei seu braço? O busto elevado ondulou violentamente algumas vezes, e ela apertou firmemente as mãos em torno do cabo da sombrinha. O que é que ela tinha?

Fiquei parado e a deixei passar outra vez à minha frente, no momento não podia ir adiante, aquilo tudo me parecia demasiado estranho. Estava com um humor irritável, aborrecido comigo mesmo por causa do

og i høj Grad ophidset af al den Mad, jeg havde nydt paa tom Mave. Med en Gang tager min Tanke ved et lunefuldt Indfald en mærkelig Retning, jeg føler mig greben af en sølsom Lyst til at gøre denne Dame bange, følge efter hende og fortrædige hende paa en eller anden Maade. Jeg indhenter hende atter og gaar hende forbi, vender mig pludselig om og møder hende Ansigt til Ansigt, forat iagttage hende. Jeg staar og ser hende ind i Øjnene og hitter paa Stedet et Navn, som jeg aldrig havde hørt, et Navn med en glidende, nervøs Lyd: Ylajali. Da hun var kommet mig [17] ganske nær, retter jeg mig iveau og siger indtrængende:

»De mister Deres Bog, Frøken.«

Jeg kunde høre, hvor mit Hjærte slog hørligt, da jeg sagde det.

»Min Bog?« spørger hun sin Ledsagerinde. Og hun gaar videre.

Min Ondskabsfuldhed tiltog, og jeg fulgte efter Damen. Jeg var mig i Øjeblikket fuldt bevidst, at jeg begik gale Streger, uden at jeg kunde gøre noget ved det; min forvirrede Tilstand løb af med mig og gav mig de mest forrykte Indskydelser, som jeg lystred efter Tur. Det nytted ikke, hvormeget jeg sagde til mig selv, at jeg bar mig idiotisk ad, jeg gjorde de dumme Grimaser bag Damens Ryg, og jeg hosted rasende nogle Gange, idet jeg passerede hende. Saaledes vandrende ganske sagte fremad, altid i nogle Skridts Forspring, følte jeg hendes Øjne i min Ryg, og jeg dukked mig uvilkaarlig ned af Skam over at have været hende til Plage. Lidt efter lidt fik jeg en forunderlig Fornemmelse af at være langt borte, andre Steder henne, jeg havde en halvt ubestemt Følelse af, at det [18] ikke var mig, som gik der paa Stenfliserne og dukked mig ned.

incidente com o lápis e agitado em grau extremo por toda a comida que ingerira de estômago vazio. De imediato, meu pensamento toma uma direção singular devido a uma ideia caprichosa, sinto-me tomado por um prazer esquisito de assustar aquela moça, segui-la e incomodá-la de uma forma ou de outra. Alcanço-a novamente e a ultrapasso, viro-me de súbito e fico frente a frente com ela para observá-la. Fico parado e a olho dentro dos olhos e encontro ali mesmo um nome que nunca tinha ouvido, um nome com um som deslizante, nervoso: Ilaiáli. Quando ela tinha chegado [17] bem perto de mim, apromo-me e digo de modo invasivo:

– Perdeste teu livro, senhorita.

Pude ouvir como meu coração batia perceptivelmente ao dizer isso.

– Meu livro? – ela pergunta à sua acompanhante. E segue em frente.

Minha malevolência aumentou, e eu as segui. Naquele momento estava plenamente consciente de que cometia doidas traquinices, sem que pudesse fazer algo a respeito; meu estado confuso me fazia perder o controle e me dava as mais loucas ideias, às quais obedecia uma após a outra. Por mais que dissesse a mim mesmo que estava me comportando de maneira idiota, isso de nada adiantou; fiz as mais estúpidas caretas pelas costas da moça e tossi furiosamente algumas vezes ao passar por ela. Avançando bem lentamente dessa forma, sempre com alguns passos de vantagem, senti seus olhos em minhas costas e abaixei-me involuntariamente de vergonha por tê-la atormentado. Pouco a pouco adquiri a sensação de estar bem longe, em outros lugares, tinha um sentimento meio indefinido de que [18] não era eu que caminhava sobre as lajotas de pedra e me abaixava.

Nogle Minutter efter er Damen kommet til Paschas Boglade, jeg har allerede standset ved det første Vindu, og idet hun gaar forbi mig, træder jeg frem og gentager:

»De mister Deres Bog, Frøken.«

»Nej, hvilken Bog?« siger hun i Angst.
»Kan du forstaa, hvad det er for en Bog, han taler om?«

Og hun standser. Jeg gatter mig grusomt over hendes Forvirring, denne Raadvildhed i hendes Øjne henrykker mig. Hendes Tanke kan ikke fatte min lille desperate Tiltale; hun har slet ingen Bog med, ikke et eneste Blad af en Bog, og alligevel leder hun i sine Lommer, ser sig gentagne Gange ind i Hænderne, vender Hovedet og undersøger Gaden bag sig, anstrænger sin lille ømtaalige Hjærne til det yderste, forat finde ud, hvad det er for en Bog, jeg taler om. Hendes Ansigt skifter Farve, har snart det ene, snart det andet Udtryk, og hun aander ganske hørligt; selv Knapperne i hendes Kjole synes at stirre paa mig som en Række forfærdede Øjne.

[19] »Bryd dig ikke om ham,« siger hendes Ledsagerske og trækker hende i Armen; »han er jo fuld; kan du ikke se, at Manden er fuld!«

Saa fremmed, som jeg i dette Øjeblik var for mig selv, saa fuldstændig et Bytte for sære, usynlige Indflydelser, foregik der intet omkring mig, uden at jeg lagde Mærke til det. En stor brun Hund sprang tværs over Gaden, henimod Lunden og ned til Tivoli; den havde et ganske smalt Halsbaand af Nysølv. Højere op i Gaden aabnedes et Vindu i anden Etage, og en Pige ladde sig ud af det med opbrættede Ærmer og gav sig til at pudse Ruderne paa Ydersiden. Intet undgik min Opmærksomhed, jeg var klar og aandsnærværende, alle Ting strømmed ind paa mig med en skinnende Tydelighed,

Alguns minutos depois a moça chegou à livraria do Pascha; eu já estava parado diante da primeira vitrine e, enquanto ela passa por mim, dou um passo à frente e repito:

– Perdeste teu livro, senhorita.

– Não, que livro? – diz ela com medo. – Consegues entender de que livro ele está falando?

E ela fica parada. Alegro-me cruelmente com a sua desorientação, essa perplexidade em seus olhos me entusiasma. Seu pensamento não consegue compreender minha pequena abordagem desesperada; ela não tem livro algum consigo, nem sequer uma única folha de um livro, e, mesmo assim, procura nos bolsos, olha repetidas vezes para as mãos, volta a cabeça e averigua a rua atrás de si, força o pequeno cérebro sensível ao extremo para descobrir de que livro estou falando. Seu rosto muda de cor, tem ora uma ora outra expressão e ela respira de maneira claramente audível; mesmo os botões de seu vestido parecem me encarar como uma fileira de olhos assustados.

[19] – Não dê atenção a ele – disse sua companheira e puxou-a pelo braço; – ele está bêbado; será que você não vê que ele está bêbado?

Por mais estranho que eu fosse a mim mesmo naquele momento, por mais que fosse uma presa completa de influências extravagantes e invisíveis, nada acontecia a meu redor sem que eu percebesse. Um grande cachorro marrom atravessou a rua correndo nas proximidades do bosque e desceu rumo ao parque de diversões; ele tinha uma coleira bem estreita de metal-branco. Mais acima na rua, abriu-se a janela no segundo andar e uma moça, com as mangas arregaçadas, inclinou-se para fora e pôs-se a limpar as vidraças pelo lado externo. Nada escapava à minha atenção, eu

som om der pludselig var bleven et stærkt Lys omkring mig. Damerne foran mig havde begge en blaa Fuglevinge i Hatten og et skotsk Silkebaand om Halsen. Det faldt mig ind, at de var Søstre.

De bøjede af og standsede ved Cislers Musikhandel og talte sammen. Jeg standsede ogsaa. Derpaa kom de begge to tilbage, gik den samme Vej, som de var kommet, passerede [20] mig igen, drejede om Hjørnet ved Universitetsgaden og gik lige op til St. Olafs Plads. Jeg var dem hele Tiden saa nær i Hælene som jeg turde. De vendte sig engang og sendte mig et halvt bange, halvt nysgærrigt Blik, og jeg saa ingen Fortørnelse i deres Miner og ingen rynkede Bryn. Denne Taalmodighed med mine Plagerier gjorde mig meget skamfuld, og jeg slog Øjnene ned. Jeg vilde ikke længere være dem til Fortræd, jeg vilde af ren Taknemmelighed følge dem med Øjnene, ikke tabe dem afsyne, helt til de gik ind et Sted og blev borte.

Udenfor Numer 2, et stort fire Etages Hus, vendte de sig endnu engang, hvorpaa de gik ind. Jeg lænede mig til en Gaslygte ved Fontænen og lyttede efter deres Skridt i Trapperne; de døde hen i anden Etage. Jeg træder frem fra Lygten og ser opad Huset. Da sker der noget besynderligt. Gardinerne bevæger sig højt oppe, et Øjeblik efter aabnes et Vindu, et Hoved stikker ud, og to sært seende Øjne hviler paa mig. Ylajali! sagde jeg halvhøjt, og jeg følte, at jeg blev rød. Hvorfor raabte hun ikke om Hjælp? Hvorfor stødte hun ikke til en af Blomsterpotterne og [21] rammede mig i Hovedet,

maintinha minha lucidez e a minha presença de espírito, todas as coisas afluíam a mim com uma clareza fulgurante, como se de repente se tivesse feito uma luz forte ao meu redor. Ambas as moças à minha frente tinham uma asa de pássaro azul no chapéu e uma fita de seda escocesa em torno do pescoço. Ocorreu-me que eram irmãs.

Elas dobraram e ficaram paradas em frente à loja de música de Cisler, conversando entre si. Também parei. Em seguida as duas voltaram pelo mesmo caminho que haviam percorrido, passaram [20] novamente por mim, viraram na esquina da Rua da Universidade e subiram direto até a praça de Santo Olavo. O tempo todo eu estava tão próximo de seus calcanhares quanto podia. Elas se voltaram uma vez e me dirigiram um olhar meio receoso, meio curioso, e eu não vi nenhuma indignação em seus rostos e nenhuma sobranceira franzida. A paciência delas com minhas importunações me deixou bastante envergonhado e baixei os olhos. Eu não queria ser um incômodo para elas por mais tempo, queria segui-las com os olhos por pura gratidão, não as perder de vista, até que entrassem em algum lugar e desaparecessem.

Do lado de fora do número 2, um grande prédio de quatro andares, elas pararam mais uma vez e em seguida entraram. Apoiei-me num lampião a gás perto do chafariz e fiquei à escuta de seus passos na escadaria; eles se extinguíram no segundo andar. Afasto-me do lampião e ergo os olhos para o prédio. Então acontece algo estranho. As cortinas se movem muito alto e, um instante depois, abre-se uma janela, aparece uma cabeça e pousam sobre mim dois olhos que encaram de modo singular. Ilaiáli!, eu disse a meia-voz, e senti que enrubescia. Por que ela não pedia ajuda? Por que não empurrava

eller sendte nogen ned, forat jage mig væk? Vi staar og ser hinanden ind i Øjnene uden at røre os; det varer et Minut; der skyder Tanker mellem Vinduet og Gaden, og der siges ikke et Ord. Hun vender sigom, det giver et Ryk i mig, et fint Stød gennem mit Sind; jeg ser en Skulder, der drejer sig, en Ryg, der forsvinder indad Gulvet. Denne langsomme Gang bort fra Vinduet, Betoningen i denne Bevægelse med Skuldren var som et Nik til mig; mit Blod fornam denne fine Hilsen, og jeg følte mig i samme Stund vidunderlig glad. Saa vendte jeg om og gik nedad Gaden.

Jeg turde ikke se mig tilbage og vidste ikke, om hun atter var kommet til Vinduet; efterhvert som jeg overvejed dette Spørgsmaal, blev jeg mer og mer urolig og nervøs. Formodentlig stod hun i dette Øjeblik og fulgte nøje alle mine Bevægelser, og det var paa ingen Maade til at holde ud at vide sig saaledes undersøgt bagfra. Jeg strammed mig op saa godt jeg kunde og gik videre; det begyndte at rykke i mine Ben, min Gang blev ustø, fordi jeg med Vilje vilde gøre den smuk. Forat synes rolig og ligegyldig slængte jeg [22] meningsløst med Armene, spytted i Gaden og satte Næsen iveauet; men intet hjalp. Jeg følte stadig de forfølgende Øjne i min Nakke, og det løb mig koldt gennem Kroppen. Endelig redded jeg mig ind i en Sidegade, hvorfra jeg tog Vejen ned i Pilestrædet, forat faa fat paa min Blyant.

Jeg havde ingen Møje med at faa den tilbageleveret. Manden bragte mig Vesten selv og bad mig undersøge alle Lommerne

um vaso de flores e [21] me acertava na cabeça ou mandava alguém para baixo para me afugentar? Ficamos parados e nos olhamos um ao outro nos olhos, sem nos mover; isso dura um minuto; pensamentos disparam entre a janela e a rua, e não se diz uma palavra. Ela se vira, isso me dá um golpe, um choque sutil que atravessa meu espírito; vejo um ombro que se volta, um dorso que some em direção ao interior do quarto. Esse andar vagaroso para longe da janela, a ênfase nesse movimento do ombro, foi como um aceno de cabeça para mim; meu sangue percebeu esse delicado cumprimento e, no mesmo instante, me senti maravilhosamente alegre. Então me virei e desci a rua.

Eu não podia olhar para trás e não sabia se ela tinha voltado novamente à janela; à medida que refletia sobre essa questão eu ficava cada vez mais inquieto e mais nervoso. Era provável que naquele momento ela estivesse parada e seguisse minuciosamente todos os meus movimentos, e não era de se suportar de maneira alguma saber que se era examinado assim pelas costas. Endireitei-me o melhor que podia e segui em frente; minhas pernas começaram a repuxar, meu andar se tornou cambaleante porque eu queria propositalmente fazê-lo bonito. A fim de parecer tranquilo e indiferente, balancei [22] absurdamente os braços, cuspi na rua e empinei o nariz; mas nada ajudou. Sentia constantemente os olhos perseguidores em minha nuca e arrepios percorriam meu corpo. Por fim me salvei numa rua lateral, de onde tomei o caminho descendo a Pilestrædet para pegar o meu lápis.

Não tive qualquer dificuldade para reavê-lo. O homem trouxe-me o colete em pessoa e pediu-me para examinar todos os

med det samme; jeg fandt ogsaa et Par Laa-nesedler, som jeg stak til mig, og takked den venlige Mand for hans Imødekommenhed. Jeg blev mer og mer tiltalt af ham, det blev mig i samme Stund meget om at gøre at give dette Menneske et godt Indtryk af mig. Jeg gjorde et Slag henimod Døren og vendte atter tilbage til Disken, som om jeg havde glemt noget; jeg mente at skylde ham en Forklaring, en Oplysning, og jeg gav mig til at nynne, forat gøre ham opmærksom. Da tog jeg Blyanten i Haanden og holdt den ivejret.

Det kunde ikke falde mig ind, sagde jeg, at gaa lange Veje for en hvilkensomhelst saadan Blyant; men med denne var det en anden Sag, en egen Aarsag. Saa ringe som den saa ud, [23] havde denne Blyantstump simpelthen gjort mig til det, jeg var i Verden, saa at sige sat mig paa min Plads i Livet...

Jeg sagde ikke mer. Manden kom helt hen til Disken.

»Ja saa?« sagde han og saa nysgærrigt paa mig.

Med den Blyant, fortsatte jeg koldblodigt, havde jeg skrevet min Afhandling om den filosofiske Erkendelse i tre Bind. Om han ikke havde hørt den omtale?

Og Manden synes nok, at han havde hørt Navnet, Titlen.

Ja, sagde jeg, den var af mig, den! Saa det maatte endelig ikke forundre ham, at jeg vilde have den lille Stump Blyant tilbage; den havde altfor stort Værd for mig, den var mig næsten som et lidet Menneske. Forresten var jeg ham oprigtig taknemmelig for hans Velvilje, og jeg vilde huske ham for den – jo, jo, jeg vilde virkelig huske ham for den; et Ord var et Ord, den Slags Mand var jeg, og han fortjente det. Farvel.

Jeg gik til Døren med en Holdning, som om jeg kunde anbringe en Mand i en høj

bolsos imediatamente; encontrei também alguns recibos de penhor, que meti nos bolsos, e agradeci o amável homem por sua gentileza. Ele me agradava cada vez mais, ao mesmo tempo que me era muito importante dar-lhe uma boa impressão a meu respeito. Cheguei quase até a porta e retornei ao balcão, como se tivesse esquecido alguma coisa; tinha em mente que lhe devia uma explicação, um esclarecimento, e comeci a cantarolar, para chamar sua atenção. Então peguei o lápis na mão e o segurei alto.

Não me ocorreria, disse, percorrer longos caminhos por um lápis qualquer; mas aquele era outra coisa, uma causa particular. Por menor que parecesse, [23] aquele toco de lápis tinha feito de mim quem eu era no mundo, tinha por assim dizer me colocado em meu lugar na vida...

Eu não disse mais nada. O homem achegou-se ao balcão.

– Ah é? – disse ele, olhando-me curioso.

Com esse lápis, continuei com sangue-frio, escrevi meu tratado em três volumes sobre o conhecimento filosófico. Será que ele não tinha ouvido falar dele?

E pareceu mesmo ao homem que tinha ouvido o nome, o título.

Sim, eu disse, ele era meu! Assim, não devia por fim espantá-lo que eu quisesse ter de volta o pequeno toco de lápis; ele tinha um valor grande demais para mim, era-me como um pequeno ser humano. De resto, eu lhe era sinceramente grato por sua boa vontade, e iria lembrar-me dele por isso – sim, sim, realmente me lembraria dele por isso; uma palavra era uma palavra, eu era esse tipo de homem, e ele merecia isso. Adeus.

Dirigi-me à porta com a atitude de alguém que poderia colocar um homem

Post i Brandvæsenet. Den skikkelige Pantelaaner [24] bukked to Gange for mig, idet jeg fjærned mig, og jeg vendte mig endnu engang og sagde Farvel.

I Trappen mødte jeg en Kone, som bar en Vadsæk i Haanden. Hun trykked sig ængsteligt til Siden, forat give mig Plads, og jeg greb uvilkaarligt i Lommen efter noget at give hende; da jeg ikke fandt nogen Ting, blev jeg flau og gik hende duknakket forbi. Lidt efter hørte jeg, at ogsaa hun banked paa til Sjappen; der var et Staaltraadspinkel paa Døren, og jeg kendte straks igen den klirrende Lyd, naar et Menneskes Knoger berørte det.

Solen stod i Syd, Klokken var ontremt tolv. Byen begyndte at komme paa Benene, det nærmed sig Spadsertiden, og hilsende og leende Folk bølged op og ned ad Karl Johan. Jeg klemte Albuerne i Siden, gjorde mig liden og slap ubemærket forbi nogle Bekendte, som havde indtaget et Hjørne ved Universitetet, forat beskue de forbiggende. Jeg vandred opad Slotsbakken og faldt i Tanker.

Disse Mennesker, jeg mødte, hvor let og lystigt vugged de ikke sine lyse Hoveder og svinged siggennem Livet som gennem en [25] Balsal! Der var ikke Sorg i et eneste Øje, jeg saa, ingen Byrde paa nogen Skulder, kanske ikke en skyet Tanke, ikke en liden hemmelig Pine i noget af disse glade Sind. Og jeg gik der lige ved Siden af disse Mennesker, ung og nys udsprungen, og jeg havde allerede glemt, hvordan Lykken saa ud! Jeg dægged for mig selv med denne Tanke og fandt, at der var skeet mig gruelig Uret. Hvorfor havde de sidste Maaneder faret saa mærkelig haardt frem med mig?

num alto posto nos bombeiros. O honesto penhorista [24] saudou-me inclinando-se duas vezes, enquanto eu me afastava, e me voltei mais uma vez e disse adeus.

Nas escadas passei por uma mulher que levava um alforje nas mãos. Ela se esquivou receosamente para o lado a fim de me dar lugar, e apalpei de modo involuntário os bolsos em busca de algo para lhe dar; como não encontrei coisa alguma, fiquei envergonhado e passei cabisbaixo por ela. Pouco depois, ouvi que ela também bateu à porta da loja; havia uma grade de arame de aço na porta e reconheci de imediato outra vez o ruído tilintante de quando o nó do dedo de uma pessoa a tocava.

O sol estava no sul, era por volta de meio-dia. A cidade começava a pôr-se de pé, aproximava-se a hora dos passeios, e as pessoas, cumprimentando-se e rindo, ondulavam para cima e para baixo pela Karl Johan. Apertei os cotovelos contra os flancos, me fiz pequeno e me esquivei despercebido de alguns conhecidos que haviam tomado conta de uma esquina próxima à universidade para observar os passantes. Subi pela colina do castelo e me entreguei aos pensamentos.

Essas pessoas que eu encontrava – com que leveza e alegria meneavam suas cabeças iluminadas e se balançavam pela vida, como se fosse um [25] salão de baile! Não havia nenhuma aflição em um único olhar, eu vi, nenhum fardo sobre ombro algum, talvez nenhum pensamento nublado, nenhum pequenino tormento secreto em nenhum desses espíritos alegres. E eu caminhava bem ao lado dessas pessoas, jovem e recém-desabrochado, e já tinha esquecido qual era a aparência da felicidade! Eu afagava esse pensamento cá comigo e descobri que me acontecera uma horrível injustiça. Por que

Jeg kendte slet ikke mit lyse Sind igen, og jeg havde de underligste Plager paa alle Kanter. Jeg kunde ikke sætte mig paa en Bænk for mig selv eller røre min Fod noget Sted hen, uden at blive overfaldt af smaa og betydningsløse Tilfældigheder, jammerlige Bagateller, som trængte ind i mine Forestillinger og spredte mine Kræfter for alle Vinde. En Hund, som strøg mig forbi, en gul Rose i en Herres Knaphul, kunde sætte mine Tanker i Vibren og optage mig for længere Tid. Hvad var det, som fejled mig? Havde Herrens Finger pegt paa mig? Men hvorfor just paa mig? Hvorfor ikke lige saa godt paa en Mand i Sydamerika, for den Skyld? Naar jeg overvejede Tingen, blev det [26] mig mer og mer ubegribeligt, at netop jeg skulde være udset til Prøveklud for Guds Naades Lune. Det var en noksaa ejendommelig Fremgangsmaade at springe over en hel Verden, forat række mig; der var nu baade Antikvarboghandler Pascha og Dampskibsekspeditor Hennechen.

Jeg gik og drøftede denne Sag og kunde ikke blive den kvit, jeg fandt de vægtigste Indvendinger mod denne Herrens Vilkaarlighed at lade mig undgælde for alles Skyld. Endog efterat jeg havde fundet mig en Bænk og sat mig ned, vedblev dette Spørgsmaal at sysselsætte mig og hindre mig fra at tænke paa andre Ting. Fra den Dag i Majmaaned, da mine Genvordigheder begyndte, kunde jeg saa tydeligt mærke en lidt efter lidt tiltagende Svaghed, jeg var ligesom bleven for mat til at styre og lede mig hvorhen jeg vilde; en Sverm af smaa Skadedyr havde trængt ind i mit Indre og udhulet mig. Hvad om Gud ligefrem

os últimos meses tinham sido tão singularmente duros comigo? Eu não reconhecia mais de modo algum meu espírito lúcido, em toda parte tinha os mais estranhos aborrecimentos. Não podia me sentar afastado num banco ou mover um pouco meu pé até um lugar qualquer sem ser assaltado por pequenas e insignificantes casualidades, lamentáveis bagatelas que se infiltravam em minhas ideias e espalhavam minhas forças por todos os ventos. Um cachorro que passava depressa por mim, uma rosa amarela na boteira de um senhor podiam colocar meus pensamentos a vibrar e me ocupavam por longo tempo. O que é que me faltava? O dedo do Senhor tinha apontado para mim? Mas por que justamente para mim? Por que não da mesma forma para um homem da América do Sul, nesse caso? Quando ponderava as coisas era-me [26] cada vez mais incompreensível que justamente eu devesse ser exposto como cobaia do capricho da graça de Deus. Era um modo de proceder muito peculiar saltar por cima de todo um mundo para me alcançar; ora, aí estavam tanto o vendedor de livros usados Pascha quanto o agente marítimo Hennechen.

Eu caminhava e deliberava sobre esse assunto e não conseguia me livrar dele, encontrava as mais substanciais objeções a essa arbitrariedade do Senhor de me deixar expiar a culpa de todos. Mesmo depois que tinha encontrado um banco e me sentado, essa pergunta continuava a me ocupar e me impedia de pensar em outra coisa. Desde aquele dia de maio em que tinham começado minhas contrariedades, podia perceber bem claramente uma fraqueza que crescia pouco a pouco, era como se tivesse ficado extenuado demais para me dirigir e conduzir até onde queria; um enxame de bichinhos nocivos tinha se infiltrado em meu íntimo

havde i Sinde at Ødelægge mig ganske? Jeg rejste mig op og drev frem og tilbage foran Bænken.

Mit hele Væsen var i dette Øjeblik i den højeste Grad af Pine; jeg havde endog Smærter [27] i Armene og kunde knapt holde ud at bære dem paa sædvanlig Maade. Af mit sidste svære Maaltid følte jeg ogsaa et stærkt Ubehag, jeg var overmæt og ophidset og spadsered frem og tilbage, uden at se op; de Mennesker, som kom og gik omkring mig, gled mig forbi som Skimt. Endelig blev min Bænk optagen af et Par Herrer, som tændte sine Cigarer og passiered højt; jeg blev vred og vilde tiltale dem, men vendte om og gik helt over til den anden Kant af Parken, hvor jeg fandt mig en ny Bænk. Jeg satte mig.

Tanken paa Gud begyndte atter at optage mig. Jeg syntes, det var højest uforsvarligt af ham at lægge sig imellem hver Gang, jeg søgte efter en Post, og forstyrre det hele, aldenstund det blot var Mad for Dagen, jeg bad om. Jeg havde saa tydelig mærket, at naar jeg sulted lidt længe ad Gangen, var det ligesom min Hjærne randt mig ganske stille ud af Hovedet og gjorde mig tom. Mit Hoved blev let og fraværende, jeg følte ikke længer dets Tyngde paa mine Skuldre, og jeg havde en Fornemmelse af, at mine Øjne glante altfor vidtaabent, naar jeg saa paa nogen.

[28] Jeg sad der paa Bænken og tænkte over alt dette og blev mer og mer bitter mod Gud for hans vedholdende Plagerier. Hvis han mente at drage mig nærmere til sig og gøre mig bedre ved at udpine mig og lægge Modgang paa Modgang i min Vej, saa tog han lidt fejl, kunde jeg forsikre ham. Og

e me deixado oco. E se Deus simplesmente tivesse a intenção de me aniquilar por inteiro? Levantei-me e caminhei para frente e para trás diante do banco.

Todo o meu ser estava nesse instante no mais alto grau de tormento; tinha inclusive dores [27] nos braços e mal podia aguentar mantê-los da maneira habitual. Também sentia um intenso mal-estar oriundo de minha última refeição consistente, estava saciado e agitado e passeava de um lado para o outro sem erguer os olhos; as pessoas que iam e vinham ao meu redor deslizavam por mim como vislumbres. Por fim, meu banco foi ocupado por alguns senhores que acenderam seus charutos e tagarelavam alto; fiquei furioso e quis dirigir-lhes a palavra, mas dei meia-volta e atravessei todo o parque até o outro lado, onde encontrei um novo banco para mim. Sentei-me.

O pensamento acerca de Deus começou novamente a ocupar-me. Parecia-me altamente irresponsável de sua parte intervir cada vez que eu procurava um emprego e atrapalhar tudo, já que eu só estava pedindo o pão de cada dia. Eu tinha percebido com bastante clareza que quando passava fome por algum tempo era como se meu cérebro escorresse de mansinho inteiramente para fora da cabeça e me deixasse vazio. Minha cabeça ficava leve e ausente, eu não sentia mais seu peso sobre meus ombros e tinha uma sensação de que meus olhos se fixavam esbugalhados em demasia quando eu olhava para alguma coisa.

[28] Estava ali sentado no banco, pensando sobre tudo isso, e fiquei cada vez mais amargurado em relação a Deus por seus contínuos tormentos. Se pretendia puxar-me para mais perto de si e tornar-me melhor exaurindo-me e colocando adversidade sobre adversidade em meu caminho, então

jeg saa op mod det høje næsten grædende af Trods og sagde ham dette en Gang for alle i mit stille Sind.

Stumper af min Børnelærdom randt mig ihu, Bibelens Stiltone sang for mine Øren, og jeg talte ganske sagte med mig selv og ladde Hovedet spydigt paa Siden. Hvi bekymred jeg mig for, hvad jeg skulde æde, hvad jeg skulde drikke, og hvad jeg skulde iføre den usle Maddiksæk kaldet mit jordiske Legem? Havde ikke min himmelske Fader sørget for mig, som for Spurve under Himlen, og vist mig den Naade at pege paa sin ringe Tjener? Gud havde stukket sin Finger ned i mit Nervenet og lempeligt, ganske løseligt bragt lidt Uorden i Traadene. Og Gud havde trukket sin Finger tilbage, og der var Trevler og fine Rodtraade paa Fingeren af mine Nervers Traade. Og der var et aabent [29] Hul efter hans Finger, som var Guds Finger, og Saar i min Hjerne efter hans Fingers Veje. Men der Gud havde berørt mig med sin Haands Finger, lod han mig være og berørte mig ikke mer og lod mig intet ondt vederfares. Men han lod mig gaa med Fred, og han lod mig gaa med det aabne Hul. Og intet ondt vederfores mig af Gud, som er Herren i al Evighed . . .

Stød af Musik bares af Vinden op til mig fra Studenterlunden, Klokken var altsaa over to. Jeg tog mine Papirsager frem, forat forsøge at skrive noget, i det samme faldt min Barberbog ud af Lommen. Jeg aabned den og talte Bladene, der var seks Billetter tilbage. Gudskelov! sagde jeg uvilkaarlig; jeg kunde endnu blive barberet i nogle Uger og se lidt godt ud! Og jeg kom straks i en bedre Sindsstemning ved denne lille Ejendom,

estava um pouco enganado, eu podia lhe garantir. E olhei para cima, rumo às alturas, quase chorando, e lhe disse isso de uma vez por todas em meu espírito silencioso.

Fragmentos do que aprendi quando criança vieram-me à memória, o tom do estilo bíblico cantou em meus ouvidos e falei bem baixinho comigo mesmo e coloquei a cabeça zombeteiramente de lado. Por que me preocupava com o que deveria comer, com o que deveria beber e com o que deveria vestir o miserável saco de vermes chamado meu corpo terreno? Não tinha meu Pai celestial cuidado de mim como dos pardais sob o céu e me concedido a graça de apontar para seu ínfimo servo? Deus tinha metido Seu dedo em minha rede de nervos e, levemente, de maneira bem superficial, provocado um pouco de desordem nas fibras. E Deus tinha retirado Seu dedo e havia fibras e delicados filamentos de minhas fibras nervosas no dedo. E havia um [29] buraco aberto deixado por Seu dedo, que era o dedo de Deus, e feridas em meu cérebro deixadas pelo caminho de Seu dedo. Mas quando Deus me tocou com o dedo de Sua mão, deixou-me em paz e não me tocou mais e não permitiu que me acontecesse mal algum. Mas Ele me deixou ir em paz, e Ele me deixou ir com o buraco aberto. E mal algum me aconteceu da parte de Deus, que é o Senhor por toda a eternidade...

Do Bosque dos Estudantes, toques de música eram trazidos até mim pelo vento; portanto, passava das duas. Peguei meu maço de papéis a fim de tentar escrever alguma coisa e no mesmo instante minha caderneta de barbeiro caiu do bolso. Abri e contei as folhas; tinham restado seis bilhetes. Graças a Deus!, disse sem querer; ainda poderia continuar barbeado por algumas semanas e manter um pouco de boa

som jeg endnu havde tilbage; jeg glatted Billetterne omhyggeligt ud og forvared Bogen i Lommen.

Men skrive kunde jeg ikke. Efter et Par Linjer vilde der ikke falde mig noget ind; mine Tanker vare andre Steder, og jeg kunde ikke stramme mig op til nogen bestemt An- [30] strængelse. Alle Ting indvirked paa mig og distrahered mig, alt, hvad jeg saa, gav mig nye Indtryk. Fluer og smaa Myg satte sig fast paa Papiret og forstyrred mig; jeg pusted paa dem, forat faa dem væk, blæste haardere og haardere, men uden Nytte. De smaa Bæster lægger sig bagud, gør sig tunge og stritter imod, saa deres tynde Ben bugner. De er slet ikke til at flytte af Pletten. De finder signoget at hage sigfast i, spænder Hælene mod et Komma eller en Ujævnhed i Papiret og staar uryggelig stille saalænge, til de selv finder for godt at gaa sin Vej.

En Tidlang vedblev disse smaa Udyr at beskæftige mig, og jeg ladde Benene overkors og gav mig god Tid med at iagt-tage dem. Med én Gang bæved en eller to høje Klarinettoner op til mig fra Lunden og gav min Tanke et nyt Stød. Mismodig over ikke at kunne gøre min Artikel istand, stak jeg igen Papirerne i Lommen og læned mig bagerover paa Bænken. I dette Øjeblik er mit Hoved saa klart, at jeg kan tænke de fineste Tanker, uden at trættes. Idet jeg ligger i denne Stilling og lader Øjnene løbe nedad mit Bryst og mine Ben, lægger jeg Mærke til den sprættende Bevægelse, min Fod [31] gør, hver Gang Pulsen slaar. Jeg rejser mig halvt op og ser ned paa mine Fødder, og jeg gennemgaar i denne Stund

aparência! E logo o meu estado de espírito melhorou com essa pequena propriedade que ainda me restara; e alisei os bilhetes com cuidado e guardei a caderneta no bolso.

Mas não conseguia escrever. Depois de algumas linhas não queria me ocorrer mais nada; meus pensamentos estavam em outro lugar e eu não conseguia obter ânimo para algum [30] esforço definido. Todas as coisas me influenciavam e me distraíam, tudo o que eu via me dava novas impressões. Moscas e pequenos mosquitos sentavam-se firmemente no papel e me importunavam; eu os soprava para que fossem embora, soprava cada vez mais forte, mas sem resultado. As pequenas bestas deitam-se para trás, fazem-se pesadas e resistem, de modo que suas pernas delgadas se curvam. Não há como movê-las do lugar. Elas encontram algo a que se agarrar firmemente, retesam os calcanhares contra uma vírgula ou uma irregularidade do papel e permanecem quietas de maneira inabalável por muito tempo, até que elas mesmas achem por bem seguir seu caminho.

Esses diminutos monstros continuaram me ocupando por muito tempo, e cruzei as pernas e passei um bom tempo a observá-los. Logo vibraram um ou dois toques altos de clarinete vindos até mim do bosque, dando ao meu pensamento um novo impulso. Desalentado por não conseguir fazer meu artigo, meti novamente os papéis nos bolsos e me apoiei no encosto do banco. Naquele instante minha cabeça estava tão lúcida que eu podia pensar os pensamentos mais sutis sem me cansar. Enquanto estava deitado naquela posição e deixava meu olhar correr pelo meu peito e por minhas pernas, notei o movimento de contração feito pelo meu pé [31] a cada vez que o pulso batia. Soergo-me e olho para meus pés, e naquele instante ex-

just havde oplevet, skrev sigfra en længst svunden Tid, kanske et Aar eller to tilbage, og var saa smaat i Færd med at udviskes af min Erindring. Jeg satte mig til at se paa den gamle.

Hvad angik han mig, denne lille Mand? Intet, ikke det ringeste! Kun at han holdt en Avis i Haanden, et gammelt Numer, med Avertissementssiden ud, hvori der syntes at ligge en eller anden Ting indpakket. Jeg blev nysgærrig og kunde ikke faa mine Øjne bort fra den Avis; jeg fik den vanvittige Idé, at det kunde være en ganske mærkelig Avis, [33] enestaaende i sit Slags; min Nysgærrighed steg, og jeg begyndte at flytte mig frem og tilbage paa Bænken. Det kunde være Dokumenter, farlige Aktstykker, stjaalet fra et Arkiv. Og der foresvæved mig noget om en hemmelig Traktat, en Sammensværgelse.

Manden sad stille og tænkte. Hvorfor bar han ikke sin Avis, som ethvert andet Menneske bar en Avis, med Titlen ud? Hvad var det for Slags Underfundigheder? Han saa ikke ud til at ville slippe sin Pakke af Haanden, ikke for alt i Verden, han turde maaske ikke engang betro den til sin egen Lomme. Jeg kunde dø paa, at der stak noget under med Pakken.

Jeg saa ud i Luften. Netop det, at det var saa umuligt at trænge ind i denne mystiske Sag, gjorde mig forstyrret af Nysgærrighed. Jeg ledte i mine Lommer efter noget at give Manden, forat komme i Samtale medham, og jeg fik fat i min Barberbog, men gæmte den igen. Pludselig fik jeg i Sinde at være yderst fræk, jeg klapped mig paa min tomme Brystlomme og sagde:

»Tør jeg byde Demen Cigaret?«

[34] Tak, Manden røgte ikke, han havde maattet høre op, forat spare sine Øjne,

experimentado há pouco datava de um tempo remoto, talvez um ou dois anos atrás, e estava pouco a pouco se apagando de minha memória. Sentei-me para olhar o velho.

Que me importava esse homenzinho? Nada, nem um pouquinho! Só que ele tinha um jornal nas mãos, um número antigo, com a página de anúncios para fora, no qual parecia estar embrulhada alguma coisa. Fiquei curioso e não consegui tirar meus olhos do jornal; ocorreu-me a louca ideia de que poderia ser um jornal bastante peculiar, [33] único em seu gênero; minha curiosidade aumentou e comecei a mexer-me para frente e para trás no banco. Poderiam ser documentos, autos perigosos roubados de um arquivo. E me ocorreu vagamente algo sobre um acordo secreto, uma conspiração.

O homem estava sentado em silêncio e pensava. Por que ele não levava seu jornal como qualquer outra pessoa leva um jornal, com a capa para fora? Que gênero de astúcias eram aquelas? Ele parecia não querer deixar seu pacote escapar das mãos por nada deste mundo, talvez não pudesse sequer confiá-lo ao próprio bolso. Eu apostaria minha vida que havia algo por trás daquele pacote.

Olhei para o nada. Justamente porque era tão impossível adentrar essa coisa misteriosa, fiquei transtornado de curiosidade. Busquei alguma coisa em meus bolsos para dar ao homem a fim de iniciar uma conversa com ele, e encontrei minha caderneta do barbeiro, mas guardei-a outra vez. De súbito, tive a ideia de ser extremamente atrevido; bati em meu bolso vazio e disse:

– Posso lhe oferecer um cigarro?

[34] Obrigado, o homem não fumava, ele precisara parar de fumar a fim de poupar

han var næsten blind. Takker forresten saa meget!

Om det var længe siden hans Øjne tog Skade? Saa kunde han maaske ikke læse heller? Ikke engang Aviser?

Ikke engang Aviser, desværre!

Manden saa paa mig. De syge Øjne havde hver sin Hinde, der gav dem et glasagtigt Udseende, hans Blik blev hvidt og gjorde et modbydeligt Indtryk.

»De er fremmed her?« sagde han.

Ja. – Om han ikke engang kunde læse Titlen paa den Avis, han holdt i Haanden?

Næppe. – Forresten havde han straks hørt, at jeg var fremmed; der var noget i mit Tonefald, som sagde ham det. Der skulde saa lidet til, han hørte saa godt; om Natten, naar alle sov, kunde han høre Menneskene i Sideværelset puste . . . Hvad jeg vilde sige, hvor bor De henne?

En Løgn stod mig med ét fuldt færdig i Hovedet. Jeg løj ufrivilligt, uden Forsæt og uden Bagtanke, jeg svared:

»Paa St. Olafs Plads Numer 2.«

[35] Virkelig? Manden kendte hver Brosten paa St. Olafs Plads. Der var en Fontæne, nogle Gaslygter, et Par Træer, han husked det hele . . . Hvad Numer bor De i?

Jeg vilde gøre en Ende paa det og rejste mig, dreven til det yderste af min fikse Idé med Avisen. Hemmeligheden skulde opklares, hvad det saa end skulde koste.

»Naar De ikke kan læse den Avis, hvorfor. . .«

seus olhos, estava praticamente cego. De resto, agradeço muito!

Fazia tempo que seus olhos estavam lesados? Então ele quase não conseguia ler? Nem sequer jornais?

Nem sequer jornais, infelizmente!

O homem olhou para mim. Cada um de seus olhos doentes tinha uma membrana, o que lhes dava uma aparência vítrea, seu olhar se tornara branco e causava uma impressão repulsiva.

– O senhor é forasteiro aqui? – perguntou ele.

Sim. – Ele nem sequer conseguia ler as manchetes do jornal que segurava nas mãos?

Difícilmente. De resto, ele logo tinha ouvido que eu era forasteiro; havia algo em meu sotaque que lhe dizia isso. Não era preciso muito para tanto, ele ouvia muito bem; à noite, quando todos dormiam, ele podia ouvir as pessoas respirando no quarto ao lado... O que eu queria dizer é: onde o senhor mora?

De súbito, eu tinha uma mentira inteiramente pronta na cabeça. Menti involuntariamente, sem propósito e sem segundas intenções; respondi:

– Na Praça Santo Olavo, número 2.

[35] É mesmo? O homem conhecia cada paralelepípedo da Praça Santo Olavo. Havia uma fonte, alguns postes de iluminação, umas árvores, ele lembrava de tudo... Em que número o senhor mora?

Eu queria dar um fim naquilo e me levantei, instigado ao extremo pela minha ideia fixa com o jornal. Segredos deviam ser esclarecidos, não importava o que custasse.

– Se o senhor não pode ler o jornal, por que...

»I Numer 2, syntes jeg, De sagde?« fortsatte Manden, uden at agte paa min Uro. »Jeg kendte i sin Tid alle Mennesker i Numer 2. Hvad hedder Deres Vært?«

Jeg fandt i Hast et Navn, forat blive ham kvit, lavede dette Navn i Øjeblikket og slyngede det ud, forat standse min Plageaand.

»Happolati,« sagde jeg.

»Happolati, ja,« nikkede Manden, og han mistede ikke en Stavelse i dette vanskelige Navn.

Jeg saa forbauset paa ham; han sad meget alvorlig og havde en takksom Mine. Ikke før havde jeg udtalt dette dumme Navn, som faldt mig ind, før Manden fandt sig tilrette med det og lod til at have hørt det før. [36] Imidlertid lagde han sin Pakke fra sig paa Bænken, og jeg følte al min Nysgærrighed dirre mig gennem Nerverne. Jeg lagde Mærke til, at der var et Par fede Pletter paa Avisen.

»Er han ikke Sjømand, Deres Vært?« spurgte Manden, og der var ikke Spor af undertrykt Ironi i hans Stemme. »Jeg synes huske, at han var Sjømand?«

»Sjømand? Om Forladelse, det maa være Broderen, De kender; dette her er nemlig J. A. Happolati, Agent.«

Jeg troede, at dette vilde gøre det af med ham; men Manden gik villigt med paa alt; om jeg havde fundet et Navn som Barabas Rosenknopsen, vilde det ikke have vakt hans Mistanke.

»Det skal være en flink Mand, har jeg hørt?« sagde han, forsøgende sig frem.

»Aa, en forslagen Mand,« svarede jeg, »et dygtigt Forretningshoved, Agent for alt muligt, Tyttebær paa Kina, Fjer og Dun fra Rusland, Huder, Træmasse, Skriveblæk . . .«

– No número 2, me parece que o senhor disse? – prosseguiu o homem, sem ligar para minha inquietação. – Houve um tempo em que eu conhecia todas as pessoas do número 2. Como se chama o seu senhorio?

Inventei um nome a toda pressa para me livrar dele, criei esse nome num instante e o soltei para deter meu atormentador.

– Happolati – eu disse.

– Happolati, sim – assentiu o homem, e não perdeu uma sílaba desse nome difícil.

Olhei espantado para ele; estava sentado muito sério e tinha um ar pensativo. Mal tinha pronunciado esse nome estúpido que me ocorrera e o homem já tinha se conformado com ele, parecendo já tê-lo ouvido antes. [36] Nesse meio-tempo, ele colocou seu pacote sobre o banco, e senti toda a minha curiosidade estremecer pelos meus nervos. Percebi que havia algumas manchas gordurosas no jornal.

– Ele não é marinheiro, o seu senhorio? – perguntou o homem, e não havia traço de ironia reprimida em sua voz. – Acho que recordo que ele era marinheiro.

– Marinheiro? Peço desculpas, o senhor deve conhecer o irmão; esse de quem falo é J. A. Happolati, agente.

Acreditei que isso deveria acabar com ele; mas o homem aceitava tudo de bom grado; se eu tivesse inventado um nome como Barabas Rosenknopsen, isso não teria despertado sua suspeita.

– Deve ser um homem habilidoso, segundo ouvi dizer – disse ele, procedendo com cautela.

– Ah, é um homem astuto – respondi –, uma cabeça competente para negócios, um agente para todas as coisas possíveis, arandos-vermelhos para a China, penas e

»He-he, det var da Fan!« afbrød Oldingen i høj Grad oplivet.

Dette begyndte at blive interessant. Situationen løb af med mig, og den ene Løgn efter [37] den anden opstod i mit Hoved. Jeg satte mig igen, glemte Avisen, de mærkelige Dokumenter, blev ivrig og faldt den anden i Talen. Den lille Dværge Godtroenhed gjorde mig dumdristig, jeg vilde lyve ham hensynsløst fuld, slaa ham storslagent af Marken og bringe ham til at tie af Forbauselse.

Om han havde hørt om den elektriske Salmebog, som Happolati havde opfundet?

Hvad, elek . . .

Med elektriske Bogstaver, som kunde lyse i Mørke! Et aldeles storartet Foretagende, Millioner Kroner i Bevægelse, Støberier og Trykkerier i Arbejde, Skarer af fast lønnede Mekanikere sysselsat, jeg havde hørt sige syv hundrede Mand.

»Ja, er det ikke som jeg siger!« sagde Manden stille. Mer sagde han ikke; han troed hvert Ord, jeg fortalte, og faldt alligevel ikke i Staver. Dette skuffed mig en Smule, jeg havde ventet at se ham forvildet af mine Paafund.

Jeg opfandt endnu et Par desperate Løgne, drev det til Hazard, ymted om, at Happolati havde været Minister i ni Aar i Persien. De har det maaske ikke paa Anelsen, hvad det[38] vil sige at være Minister i Persien? spurgte jeg. Det var mere end Konge her, eller omtrent som Sultan, om han vidste, hvad det var. Men Happolati havde klaret det hele og aldrig staaet fast. Og jeg fortalte om Ylajali, hans Datter, en Fé, en Prinsesse, som havde tre hundrede Slavinder og laa paa et Leje af gule Roser;

plumas da Rússia, peles, pasta de papel, tinta de escrever...

– He-he, ele é o Diabo! – interrompeu o velho, extremamente animado.

Aquilo começou a ficar interessante. A situação me arrastava com ela e uma mentira atrás [37] da outra surgia em minha cabeça. Voltei a me sentar, esqueci o jornal, os documentos singulares, fiquei entusiasmado e interrompi a fala do meu interlocutor. A credulidade do anãozinho me deixou atrevido, queria enchê-lo impiedosamente de mentiras, abatê-lo grandiosamente e fazê-lo calar-se de espanto.

Será que ele tinha ouvido falar do hinário elétrico que Happolati inventara?

– O quê, hinário elét...

– Com letras elétricas que podem emitir luz no escuro! Um empreendimento absolutamente magnífico, milhões de coroas em circulação, fundições e tipografias trabalhando, multidões de mecânicos empregados com salário fixo, ouvi falar de setecentos homens.

– Sim, bem como eu dizia! – disse o homem calmamente. Mais ele não disse; acreditava em cada palavra que eu dizia e, no entanto, não se impressionava. Isso me decepcionou um pouquinho, tinha esperado vê-lo confuso com as minhas invencionices.

Ainda inventei algumas mentiras desperadas, correndo riscos, murmurei que Happolati tinha sido ministro por nove anos na Pérsia. Será que ele não tinha ideia do que [38] significava ser ministro na Pérsia?, perguntei. Era mais do que ser rei aqui, ou mais ou menos como ser um sultão, se ele sabia o que era isso. Mas Happolati tinha dado conta de tudo, e nunca se atolara em dificuldades. E falei de Ilaiáli, sua filha, uma fada, uma princesa, que tinha trezentas es-cravas e repousava sobre um leito de rosas

hun var det skønneste Væsen, jeg havde set, jeg havde Gud straffe mig aldrig oplevet Magen til Syn i mit Liv!

»Saa, hun var saa vakker?«yttred den gamle med en fraværende Mine og saa ned i Marken.

Vakker? Hun var dejlig, hun var syndigt sød! Øjne som Raasilke, Arme af Rav! Bare et enkelt Blik af hende var forførende som et Kys, og naar hun kaldte paa mig, jog hendes Stemme mig som en Straale af Vin lige ind i min Sjæls Fosfor. Hvorfor skulde hun ikke være saapas dejlig? Tog han hende for et Regningsbud eller for noget i Brandvæsenet? Hun var simpelthen en Himlens Herlighed, skulde jeg sige ham, et Æventyr.

»Ja, ja!« sagde Manden lidt betuttet.

Hans Ro keded mig; jeg var bleven ophidset af min egen Stemme og talte i fuldt [39] Alvor. De stjaalne Arkivsager, Traktaten med en eller anden fremmed Magt, var ikke mere i min Tanke; den lille, flade Pakke laa der paa Bænken imellem os, og jeg havde ikke længer den ringeste Lyst til at undersøge den og se, hvad den indeholdt. Jeg var helt optagen af mine egne Historier, der drev underlige Syner forbi mine Øjne, Blodet steg mig til Hovedet, og jeg løj af fuld Hals.

I dette Øjeblik syntes Manden at ville gaa. Han letted paa sig og spurgte, for ikke at bryde for brat af:

»Han skal have svære Ejendomme denne Happolati?«

Hvor turde denne blinde, modbydelige Olding tumle med det fremmede Navn, jeg havde digtet op, som om det var et almindeligt Navn og stod paa hvert Høkerskildt i

amarelas; ela era a mais bela criatura que eu tinha visto, que Deus me castigue se em minha vida já contemplei algo semelhante!

– Então ela era tão formosa?– observou o velho com um ar ausente, olhando para o chão.

Formosa? Ela era magnífica, ela era pecaminosamente encantadora! Olhos como seda crua, braços de âmbar! Um único de seus olhares era sedutor como um beijo, e quando ela chamava por mim, sua voz ia como um jorro de vinho direto ao fósforo de minha alma. Por que ela não poderia ser tão magnífica?Será que ele a tomava por uma cobradora ou por alguém do corpo de bombeiros? Ela era simplesmente uma glória dos céus, isso eu tinha de lhe dizer, uma aventura.

– Sim, sim! – disse o homem, um pouco perplexo.

Sua calma me aborrecia; eu ficara agitado com a minha própria voz e falava com toda [39] seriedade. Os arquivos roubados, o tratado com uma ou outra potência estrangeira não estavam mais em meu pensamento; o pacote pequeno e achatado jazia entre nós sobre o banco, e eu não tinha mais a menor vontade de examiná-lo e ver o que continha. Estava inteiramente ocupado com minhas próprias histórias, estranhas imagens passavam diante de meus olhos, o sangue me subia à cabeça e eu mentia a plenos pulmões.

Nesse momento, pareceu que o homem queria ir embora. Ele se levantou e perguntou, para não interromper tão bruscamente:

– Ele deve ter propriedades imensas, esse Happolati?

Como aquele velhote cego e repugnante se atrevia a brincar com o nome desconhecido que eu inventara como se fosse um nome ordinário e estivesse em cada tabuleta

Byen? Han snubled aldrig paa et Bogstav og glemte ikke en Stavelse; dette Navn havde bidt sig fast i hans Hjerne og slaæet Rødder i samme Stund. Jeg blev ærgerlig, en indre Forbittrelse begyndte at opstaa i mig mod dette Menneske, som intet kunde bringe i Knibe og intet gøre mistænksom.

[40] »Det kender jeg ikke til,« svared jeg derfor tvært; »jeg kender aldeles ikke til det. Lad mig forresten sige Dem nu en Gang for alle, at han hedder Johan Arendt Happolati, at dømme efter hans egne Forbogstaver.«

»Johan Arendt Happolati«, gentog Manden lidt forundret over min Heftighed. Saa taug han.

»De skulde set hans Kone,« sagde jeg rasende; »tykkere Menneske . . . Ja, De tror kanske ikke, at hun var videre tyk?«

Jo, det syntes han nok, han ikke kunde fragaa; en saadan Mand havde maaske en lidt tyk Kone.

Oldingen svared sagtmødigt og stille paa hvert af mine Udfald og søgte efter Ord, som om han var bange for at forgaa sig og gøre mig vred.

»Hovedes Pine, Mand, tror De maaske, at jeg sidder her og lyver Dem kapitalt fuld?« raabte jeg ude af mig selv. »Tror De kanske ikke engang, at der gives en Mand ved Navn Happolati? Jeg har aldrig set paa Magen til Trods og Ondskab hos en gammel Mand! Hvad Fan gaar der af Dem? De har kanske ovenikøbet tænkt ved Dem selv, at jeg var en yderlig fattig Mand, som sad her i min [41] bedste Puds, uden et Etui fuldt af Cigaretter i Lommen? En saadan Behandling, som Deres, er jeg ikke vant til, skal jeg sige Dem, og jeg taaler den Gud døde mig ikke, hverken af Dem eller nogen anden, saa meget De ved det!«

de mercearia da cidade? Ele jamais tropeçara numa letra nem esquecera uma sílaba; esse nome tinha cravado os dentes em seu cérebro e fincado raízes instantaneamente. Fiquei irritado, um despeito surdo começou a nascer em mim contra esse homem, a quem nada podia embaraçar nem causar desconfiança.

[40] – Nada sei a respeito – respondi, por isso, aborrecido –, absolutamente nada. Aliás, deixe-me dizer-lhe agora de uma vez por todas que ele se chama Johan Arendt Happolati, a vulgar por suas próprias iniciais.

– Johan Arendt Happolati – repetiu o homem, um pouco surpreso com a minha veemência. E então se calou.

– O senhor devia ver sua mulher – respondi enfurecido; – a mais gorda das criaturas... Sim, o senhor talvez não acredite que ela seja tão gorda?

Sim, como não, era o que lhe parecia, ele não podia negar; um homem desses possivelmente tem uma mulherzinha gorda.

O velho respondeu suave e calmamente a cada um dos meus ataques, escolhendo as palavras, como se tivesse receio de cometer um erro e me enfurecer.

– Pelos tormentos do inferno, homem, será que o senhor talvez pensa que me sento aqui e o encho de mentiras? – gritei fora de mim. – Será que o senhor talvez nem sequer acredita que exista um homem chamado Happolati? Nunca vi tamanha teimosia e maldade num velho! Que diabo se passa com o senhor? Será que ainda por cima o senhor talvez pensou lá consigo mesmo que eu era um homem extremamente pobre, que estou aqui sentado com a minha [41] melhor roupa sem ter um estojo cheio de cigarros no bolso? Devo dizer-lhe que não estou acostumado a receber um tratamento como esse do senhor, e não o

Manden havde rejst sig. Med gabende Mund stod han stum og hørte paa mit Udbrud indtil det var tilende, saa greb han hurtigt sin Pakke paa Bænken og gik, næsten løb henad Gangen med smaa Oldingeskridt.

Jeg sad tilbage og saa paa hans Ryg, som gled mer og mer bort og syntes at lude mer og mer sammen. Jeg ved ikke, hvor jeg fik det Indtryk fra, men det forekom mig, at jeg aldrig havde set en uærligere, lastefuldere Ryg end denne, og jeg angred ikke, at jeg havde skældt Mennesket ud, før han forlod mig

Dagen begyndte at hælde. Solen sank, det tog paa at suse lidt i Træerne omkring, og Barnepigerne, som sad i Klynger henne ved Balancerstangen, belaved sig paa at trille sine Vogne hjem. Jeg var rolig og vel tilmode. Den Ophidselse, jeg just havde været i, ladede sig lidt efter hvert, jeg faldt sammen, [42] blev slap og begyndte at føle mig søvnig; den store Mængde Brød, jeg havde spist, var mig heller ikke længere til synderlig Mén. I den bedste Stemning læned jeg mig bagover paa Bænken, lukked Øjnene og blev mer og mer døsigt, jeg blundede og var lige ved at falde i fast Søvn, da en Parkmand ladede sin Haand paa min Skulder og sagde:

»De maa ikke sidde og sove herinde.«

»Nej,« sagde jeg og rejste mig straks. Og med ét Slag stod atter min sørgelige Stilling lyslevende for mine Øjne. Jeg maatte gøre noget, finde paa et eller andet! At søge Plads havde ikke nyttet mig; de Anbefalinger, jeg gik og viste frem, var blevet lidt gamle

tolero, que Deus me mate se o fizer, nem do senhor nem de outra pessoa, fique o senhor sabendo!

O homem tinha se levantado. Boquiaberto, ele ficou parado, mudo e ouviu meu rompante até o fim, então pegou rapidamente seu pacote do banco e se foi, quase correndo ao longo da calçada com pequenos passos de velho.

Reclinei-me e olhei suas costas, que se afastavam mais e mais e pareciam curvar-se mais e mais. Eu não sabia de onde me vinha essa impressão, mas me parecia que nunca tinha visto costas mais desonestas e mais viciosas que essas, e não me arrependi por haver censurado o homem antes de ele me deixar...

O dia começou a declinar. O sol baixou, as árvores em volta começaram a farfalhar um pouco, e as babás, que estavam sentadas em grupos junto ao balanço, prepararam-se para empurrar seus carrinhos para casa. Eu estava tranquilo e me sentia bem. A agitação em que eu ainda agora estivera amainou pouco a pouco, sucumbi, [42] fiquei lânguido e comecei a me sentir sonolento; a grande quantidade de pão que eu tinha comido tampouco ainda me causava algum dano especial. No melhor dos humores, reclinei-me no banco, fechei os olhos e fiquei cada vez mais modorrento; cochilei e estava prestes a cair em sono profundo quando um guarda do parque colocou a mão sobre meu ombro e disse:

– Não é permitido sentar e dormir aqui dentro.

– Não – eu disse, e me levantei de imediato. E, de um golpe, a minha situação lamentável estava outra vez vividamente diante de meus olhos. Eu precisava fazer algo, inventar alguma coisa! De nada me adiantaria procurar emprego; as recomendações

og skrev sig fra altfor ukendte Personer til at kunne virke kraftigt; desuden havde disse stadige Afslag udefter Sommeren gjort mig noget forknytt. Naa – under alle Omstændigheder var min Husleje forfalden, og jeg maatte gøre en Udvej til den. Saa fik det bero med det øvrige saalænge.

Ganske uvilkaarligt havde jeg igen faaet Blyant og Papir i Hænderne, og jeg sad og skrev mekanisk Aarstallet 1848 i alle Hjørner. Om nu blot en enkelt brusende Tanke vilde [43] betage mig vældigt og lægge mig Ordene i Munden! Det havde jo hændt før, det havde virkelig hændt, at saadanne Stunder var kommet over mig, da jeg kunde Skrive et langt Stykke uden Anstrængelse og faa det velsignet godt til.

Jeg sidder der paa Bænken og skriver Sne-se Gange 1848, skriver dette Tal paakryds og tvers i alle mulige Façon, og venter paa, at en brugbar Idé skal falde mig ind. En Sverm af løse Tanker flagrer om i mit Hoved, Stemningen i den hældende Dag gør mig mismodig og sentimental. Høsten er kommet og har allerede begyndt at lægge alting i Dvale, Fluor og Smaadyr har faaet det første Knæk, oppe i Træerne og nede paa Marken høres Lyden af det stridende Liv, puslende, susende uroligt, arbejdende for ikke at forgaa. Alle Krypverdenens nedtrampede Tilværelser rører sig endnu engang, stikker sine gule Hoveder op af Mosen, løfter sine Ben, føler sig frem med lange Traade og synker saa pludselig sammen, vælter om og vender Bugen ivejret. Hver Vækst har faaet sit Særpræg, et fint henaandende Pust af den første Kulde; Straaene stritter blege op mod Solen, og

que eu andara apresentando tinham ficado um tanto velhas e provinham de pessoas demasiadamente desconhecidas para que pudessem ter um efeito substancial; além disso, essa constante recusa verã afora tinha me deixado um tanto desalentado. Ora – de qualquer modo, meu aluguel estava vencido e eu precisava achar uma saída para isso. Sendo assim, o resto podia ser adiado por enquanto.

Inteiramente sem querer, tinha apanhado outra vez lápis e papel, e, sentado, escrevi de modo mecânico o ano 1848 por todos os cantos. Se apenas um único pensamento vibrante [43] me arrebatasse com força e colocasse palavras em minha boca! Isso sem dúvida já acontecera antes, realmente acontecera que me sobreviessem tais momentos em que pude escrever um longo trecho sem esforço e eu o recebesse como uma benção.

Estou sentado no banco e escrevo 1848 dúzias de vezes, escrevo esse número de ponta a ponta de todas as maneiras possíveis, esperando que me ocorra uma ideia aproveitável. Um enxame de pensamentos soltos esvoaça pela minha cabeça, a atmosfera do dia declinante me deixa abatido e sentimental. O outono tinha chegado e já começara a colocar tudo para hibernar, moscas e pequenos bichos tinham recebido o primeiro golpe, no alto das árvores e junto ao chão ouvem-se ruídos da vida que luta, inquietamente farfalhante, murmurante, trabalhando para não perecer. Todas as existências espezinhas do mundo dos insetos se mexem mais uma vez, esticam as cabeças amarelas acima do musgo, erguem as pernas, tateiam com longos filamentos e então sucumbem subitamente, tombam e viram de barriga para cima. Cada planta adquiriu seu tom característico, um sutil

det af- [44] faldne Løv hvisler henad Jorden med en Lyd som af vandrende Silkeorme. Det er Høstens Tid, midt i Forgængelsens Karneval; Roserne har faaet Betændelse i Rødmen, et hektisk, vidunderligt Skær over den blodrøde Farve.

Jeg følte mig selv som et Kryb i Undergang, greben af Ødelæggelsen midt i denne dvaløfærdige Alverden. Jeg rejste mig op, besat af sære Rædsler, og tog nogle voldsomme Skridt henad Gangen. Nej! Raabte jeg og knytted begge mine Hænder, dette maa der blive en Ende paa! Og jeg satte mig igen, tog atter Blyanten i Haanden og vilde gøre Alvor af det med en Artikel. Det kunde aldeles ikke nytte at give sig over, naar man stod med en ubetalt Husleje lige for Tænderne.

Langsomt, ganske langsomt begyndte mine Tanker at samle sig. Jeg passed paa og skrev sagte og vel overvejet et Par Sider som en Indledning til noget; det kunde være Begyndelsen til hvadsomhelst, en Rejseskildring, en politisk Artikel, eftersom jeg selv fandt for godt. Det var en ganske fortræffelig Begyndelse til noget af hvert.

[45] Saa gav jeg mig til at søge efter et bestemt Spørgsmaal, jeg kunde behandle, en Mand, en Ting at kaste mig over, og jeg kunde ikke finde noget. Under denne frugtesløse Anstrængelse begyndte der igen at komme Uorden i mine Tanker, jeg følte, hvorledes min Hjerne formelig slog Klik, mit Hoved tømtes, tømtes, og det stod tilsidst let og uden Indhold tilbage paa mine Skuldre. Jeg fornam denne glanende Tomhed i mit Hoved med hele Legemet, jeg syntes mig selv udhulet fra overst til nederst.

e brando sopro do primeiro frio; a palha se eriça palidamente rumo ao sol e as [44] folhas caídas sibilam sobre a terra com um ruído de rastejantes bichos-da-seda. É tempo de outono, em meio ao carnaval da transitoriedade; o rubor das rosas se inflamou, conferindo-lhes um matiz febril e prodigioso sobre a cor vermelho-sangue.

Sentia-me como um inseto em decadência, apanhado pela aniquilação em meio a esse universo pronto a cair em sono hibernar. Levantei-me, tomado por um estranho pavor, e dei alguns passos impetuosos ao longo do caminho. Não!, gritei e cerrei minhas duas mãos, isso precisa acabar! E sentei-me outra vez, peguei novamente o lápis e quis levar esse artigo a sério. Não adiantaria absolutamente nada dar-se por vencido quando se está com um aluguel não pago bem à frente do nariz.

Lenta, muito lentamente meus pensamentos começaram a se organizar. Fiquei atento e escrevi, devagar e muito ponderadamente, algumas páginas de introdução a alguma coisa; poderia ser o início do que quer que seja, uma descrição de viagem, um artigo político, conforme me parecesse melhor. Era um começo absolutamente excelente para uma coisa ou outra.

[45] Assim, comecei a procurar um assunto determinado de que pudesse tratar, um homem, um objeto sobre o qual pudesse me lançar, e não consegui achar nenhum. Nesse esforço infrutífero, meus pensamentos começaram a se desordenar outra vez, senti como meu cérebro literalmente falhou, minha cabeça se esvaziou, esvaziou; por fim estava leve e sem conteúdo sobre meus ombros. Percebi esse vazio atônito em minha cabeça com todo o corpo, e pareci a mim mesmo exaurido de alto a baixo.

»Herre, min Gud og Fader!« raabte jeg i Smærte, og jeg gentog dette Raab mange Gange i Træk, uden at sige mer.

Vinden rasled i Løvet, det trak op til Uvejr. Jeg sad endnu en Stund og stirred fortabt paa mine Papirer, ladde dem saa sammen og stak dem langsomt i Lommen. Det blev køligt, og jeg havde ingen Vest mere; jeg knapped Frakken helt op i Halsen og stak Hænderne i Lommen. Saa rejste jeg mig og gik.

Om det bare havde lykkedes mig denne Gang, denne ene Gang! To Gange havde min Værtinde spurgt mig med Øjnene efter [46] Betalingen, og jeg havde maattet dukke mig ned og snige mig forbi hende med en forlegen Hilsen. Jeg kunde ikke gøre det igen; næste Gang jeg mødte disse Øjne, vilde jeg opsiges mit Rum og gøre ærligt Rede for mig; det kunde saa alligevel ikke vare ved i Længden paa denne Maade.

Da jeg kom til Udgangen af Parken, saa jeg igen den gamle Dværg, som jeg i mit Raseri havde jaget paa Flugt. Den mystiske Avispakke laa opslagen ved Siden af ham paa Bænken, fuld af Mad af forskellige Sorter, som han sad og bed af. Jeg vilde lige med ét gaa hen til ham og undsylde mig, bede om Tilgivelse for min Opførsel, men hans Mad stødte mig tilbage; de gamle Fingre, der saa ud som ti rynkede Klør, klemte modbydeligtom de fede Smørogbrød, jeg følte Kvalme og gik ham forbi, uden at tiltale ham. Han kendte mig ikke, hans Øjne stirred paa mig tørre som Horn, og hans Ansigt fortrak ikke en Mine.

Og jeg fortsatte min Vej.

Efter Sædvane standsed jeg ved hver udhængt Avis, som jeg passeret, forat studere Bekendtgørelserne om ledige Pladse,

– Senhor, meu Deus e Pai! – gritei em minha dor, e repeti esse grito várias vezes seguidas, sem dizer mais nada.

O vento farfalhou nas folhas, uma tempestade se formava. Ainda fiquei sentado por um momento e olhei, perdido, para meus papéis, então os dobrei e os coloquei lentamente no bolso. Esfriou, e eu não tinha mais colete algum; abotoei o casaco inteiro até o pescoço e meti as mãos no bolso. Então me levantei e fui embora.

Quem dera que apenas essa vez, essa única vez, eu tivesse sido bem-sucedido! Por duas vezes a proprietária tinha me interrogado com os olhos sobre o [46] pagamento, e tive de me abaixar e me esquivar dela com um cumprimento constrangido. Não podia fazer aquilo de novo; a próxima vez que me deparasse com aqueles olhos, notificaria a saída de meu quarto e me explicaria honestamente; de qualquer forma, isso não poderia se prolongar daquela maneira.

Quando cheguei à saída do parque, vi outra vez o velho anão que eu afugentara em minha fúria. O misterioso pacote de jornais estava aberto a seu lado sobre o banco, cheio de diferentes tipos de comida, que, sentado, ele mordiscava. Quis ir imediatamente até ele e me desculpar, pedir perdão pelo meu comportamento, mas sua comida me repeliu; os dedos velhos, que pareciam dez garras encarquilhadas, apertavam asquerosamente o gorduroso pão com manteiga, senti náuseas e passei por ele sem lhe dirigir a palavra. Ele não me reconheceu, seus olhos me encararam secos como chifres e seu rosto não manifestou qualquer expressão.

E segui meu caminho.

Como de costume, fiquei parado diante de cada jornal exposto por que passei para estudar os anúncios de emprego, e [47] fui

og jeg [47] var saa heldig at finde én, som jeg kunde paatage mig: En Købmand paa Grønlandsleret søgte efter en Mand til et Par Timers Bogførsel hver Aften; Løn efter Overenskomst. Jeg notered mig Mandens Adresse og bad i Taushed til Gud om denne Plads; jeg vilde forlange mindre end nogen anden for Arbejdet, femti Øre var rigeligt, eller kanske firti Øre; det fik blive ganske som det vilde med det.

Da jeg kom hjem, laa der paa mit Bord en Seddel fra min Værtinde, hvori hun bad mig om at betale min Husleje i Forskud eller flytte ud, saa snart jeg kunde. Jeg maatte ikke optage det fortrydeligt, det var aleneste en nødig Begæring. Venskabeligst Madam Gundersen.

Jeg skrev en Ansøgning til Købmand Christie Grønlandsleret Numer 31, ladde de i en Konvolut og bragte den ned i Kassen paa Hjørnet. Saa gik jeg op paa mit Værelse igen og satte mig til at tænke i Gyngestolen, mens Mørket blev tættere og tættere. Det begyndte at blive vanskeligt at holde sig oppe nu.

bem-sucedido em encontrar um que eu poderia assumir: um comerciante da rua Grønlandsleret estava à procura de um homem para algumas horas de contabilidade por noite; salário a combinar. Anotei o endereço do homem e, em silêncio, supliquei a Deus por aquele posto; eu pediria menos que qualquer outro pelo trabalho, cinquenta øre seriam suficientes, ou talvez quarenta; as coisas ficariam como bem entendessem.

Ao chegar em casa, havia um bilhete da proprietária sobre minha mesa, no qual me pedia para pagar o aluguel adiantado ou me mudar tão logo pudesse. Eu não devia me aborrecer com isso, era tão somente uma solicitação necessária. Cordialmente, sra. Gundersen.

Escrevi uma carta de interesse ao comerciante Christie, rua Grønlandsleret, 31, coloquei-a num envelope e o levei para baixo, até a caixa da esquina. Então subi de novo a meu quarto e me sentei na cadeira de balanço para pensar enquanto a escuridão se adensava cada vez mais. Agora começava a ficar difícil manter-se em pé.

Referências bibliográficas

Obras de Knut Hamsun:

HAMSUN, Knut. *Sult*. København: P. G. Philipsen, 1890.

_____. *La Faim*, tradução de Georges Sartreau. Paris: Presses du Compagnonnage, 1969.

_____. *Fome*, tradução de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.

Dicionários consultados:

AXELSEN, Jens. *Danske-Engelske Ordbog*. 10. ed. København: Gyldendal, 1995. (1 CD-ROM)

BORK, Egon *et al.* *Danske-Tyske Ordbog*. 10. ed. København: Gyldendal, 1996. (1 CD-ROM)

BRÜELS, Sven *et al.* *Fremmedordbog*. 11. ed. København: Gyldendal, 1999. (1 CD-ROM)
Dicionários PRO de língua francesa. Porto: Porto, 2005. (1 CD-ROM)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo, 2009. (1 CD-ROM)

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. (1 CD-ROM)

KAPER, J. *Danske-Norsk-Tyske Haand-Ordbog*. 3. ed. Kjøbenhavn: Gyldendal, 1889.

KIRKEBY, Willy A. *Engelske ordbok*: Norsk-engelsk, Engelsk-norsk. Oslo: Universitetsforlaget, 1999. (1 CD-ROM)

LARSEN, A. *Danske-Norsk-Engelske Ordbog*. 3. ed. København: Gyldendal, 1897.

NILSSON, Kåre. *Norsk-portugisisk ordbok*. Oslo: Universitetsforlaget, 1994.

Sete poemas de Olav H. Hauge

Guilherme da Silva Braga¹

Apresentação

Olav H. Hauge nasceu em 1908 no vilarejo de Ulvik, no oeste da Noruega. Ganhou a vida cultivando maçãs no pequeno terreno que lhe pertencia, porém na aparente simplicidade da vida no campo encontrou a imaginação e a inspiração necessárias não apenas para manter diários ao longo de setenta anos e aprender inglês, alemão e francês bem o suficiente para traduzir os grandes poetas desses idiomas, mas acima de tudo para escrever poemas de características únicas e impressionantes. Ao longo de toda a obra empregou sempre o *bognorsk*, variante conservadora do norueguês que difere substancialmente do *bokmål*, forma predominante da língua atual. Teve a obra reconhecida em diversas ocasiões ainda em vida e morreu em 1994, aos 85 anos, sem jamais ter deixado o vilarejo natal.

O poema que me levou a puxar o fio do novelo que compõe a obra de Hauge foi “Lodd” (“Pesos”), que ainda hoje me espanta por dizer tanto com tão pouco. As características desse poema assemelham-se às de outros presentes nessa breve apresentação do poeta norueguês: são obras curtas, quase sempre marcadas por imagens da natureza e de objetos relacionados à lida do campo, que com um

1 Guilherme da Silva Braga é mestre e doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil) e concluiu um pós-doutoramento na área de tradução literária na Universidade de Coimbra (Portugal). Traduziu mais de 50 volumes publicados de autores clássicos e contemporâneos a partir do inglês, do norueguês e do sueco para as principais editoras brasileiras. Ministrou oficinas de tradução literária no Brasil, na Irlanda e em Portugal, e em 2016 foi indicado ao Prêmio Jabuti de melhor tradução literária publicada no Brasil.

giro de frase inesperado passam de um momento para o outro a falar sobre universos inteiros. E nesse ponto me detenho, pois leio e releio esses poemas com o assombro de quem observa um inseto raro e delicado, receoso de tocá-lo para não lhe machucar as patinhas diáfanas.

Os poemas aqui traduzidos perpassam quase toda a carreira de Hauge e foram originalmente publicados nas coletâneas *Under bergfallet*, de 1951 (“Konkylie”/“Concha”), *På ørnetuva*, de 1961 (“Kom ikkje med heile sanningi”/“Não venha com toda a verdade”), *Dropar i austavind*, de 1966 (“Yver hengjemyri”/“Travessia do pântano”, “Eg stend eg, seddu”/“Eu estou aqui, sabe” e “Lat meg gjera som tordivelen”/“Quero fazer como o rola-bosta”), *Spør vinden*, de 1971 (“Lodd”/“Pesos”) e *Janglestrå*, de 1980 (“Bruvekti”/“A balança”).

Edição consultada:

HAUGE, Olav H. *Dikt i samling*. Det Norske Samlaget: Oslo, 1994.

Konkylie	Concha
<p>Du byggjer di sjel hus. Og du skrid stolt i stjerneljoset med huset på ryggen liksom snigelen. Ottast du fåre, kryp du inn i huset og er trygg bak hardt skal.</p> <p>Og når du ikkje er meir, skal huset stå att og vitna um di sjels venleik. Og di einsemds hav skal susa der.</p>	<p>Você constrói uma casa para a alma. Então desliza orgulhoso sob a luz das estrelas tendo a casa nas costas como o caracol. Ao pressentir o perigo, esconde-se em casa, a salvo por trás da concha.</p> <p>E quando você não estiver mais aqui, a casa vai dar testemunho do esplendor de sua alma. E um mar de solidão vai soar lá dentro.</p>

Lodd	Pesos
<p>Er du med på romferdi, eller er du eitt av desse lodd som stend att på bakken og segjer dette gjeng aldri i verdi?</p> <p>Det er ingen ting å gjera med lodd. Dei stend der. Ein kan vega dei upp, dei segjer ingen ting um det. Men dei stend der like urikkelege, like kalde.</p> <p>Det er dei som veit kva tingi veg.</p>	<p>Você também está na viagem ao espaço ou você é um desses pesos que permanece no chão e diz, “Isso nunca vai dar certo”?</p> <p>Não há nada o que fazer com pesos. Eles ficam lá. Você pode pesá-los: eles não dizem nada. Mas continuam lá, sempre frios, sempre impassíveis.</p> <p>São eles que sabem quanto as coisas pesam.</p>

Eg stend eg, seddu	Eu estou aqui, sabe
<p>Eg stend eg, seddu. Eg stod her í fjor òg eg, seddu. Eg kjem til á stá her eg, seddu. Eg tek det eg, seddu. Du veit ikkje noko du, seddu. Du er nyss komen du, seddu. Kor lenge skal me stá her? Me fær vel eta, seddu. Eg stend når eg et òg eg, seddu.</p> <p>Og kastar fatet í veggen. Me fær vel kvíla, seddu. Me fær vel sova, seddu. Me fær vel pissa og skíta òg, seddu.</p> <p>Kor lenge skal me stá her? Eg stend eg, seddu. Eg tek det eg, seddu. Eg kjem til á stá her, eg, seddu.</p>	<p>Eu estou aqui, sabe. Eu estava aqui no ano passado, sabe. Eu vou continuar aqui, sabe. Eu vou levando, sabe. Você não entende nada, sabe. Você acabou de chegar, sabe. Quanto tempo a gente vai ficar aqui? A gente precisa comer, sabe. Eu estou aqui também quando como, sabe. E atiro o prato na parede. A gente precisa descansar, sabe. A gente precisa dormir, sabe. A gente também precisa mijar e cagar, sabe. Quanto tempo a gente vai ficar aqui? Eu estou aqui, sabe. Eu vou levando, sabe. Eu vou continuar aqui, sabe.</p>

Kom ikkje med heile sanningi	Não venha com toda a verdade
<p>Kom ikkje med heile sanningi, kom ikkje med havet for min tørste, kom ikkje med himmelen når eg bed um ljøs, men kom med ein glimt, ei dogg, eit fjom, slik fuglane ber med seg vassdroppar frå lauget og vinden eit korn av salt.</p>	<p>Não venha com toda a verdade, Não venha com o mar para a minha sede, não venha com o céu quando peço luz, mas venha com um floco, um pingo, um nada, como os pássaros levam gotas d'água ao sair do banho e o vento um grão de sal.</p>

Lat meg gjera som tordivelen

Sorgene legg seg yver meg
og klemmer meg ned i ei varm boslege.
Lat meg likevel røra på meg,
prøva kreftene, letta på torvone –
lat meg gjera som tordivelen
når han ein vårdag grev seg ut or myk-
dungen.

Quero fazer como o rola-bosta

Tristezas caem em cima de mim
e me espremem sob a sujeira quente.
Mesmo assim quero abrir espaço,
testar minhas forças, procurar terra –
quero fazer como o rola-bosta
quando na primavera saiu do esterco.

Bruvekti

Det er den gamle bruvekti
 som er det viktigaste
 på bui her
 (og so eg sjølv då),
 difor har ho plassen sin
 midt på golvet, det
 er ho som slær fast
 tyngdi og avgjer
 kva frakti vert.
 Rett nok kjenner eg
 når eg tek i kassar og sekker
 kor tunge dei er,
 men dei lyt på vekti
 so ho fær segja sitt.
 Me tingar oss imillom
 med eg set på loddi,
 og vert som ofast
 samde,— ho vippar,
 eg nikkar,
 og me segjer
 det stemmer, — me
 tek det ikkje so på grammet.
 Vekti er rusta, og eg
 er stiv i ryggen av gikt,
 som vel er, er loddi lettare
 enn det eg veg.
 Stundom merkar eg at folk tvilar på
 um eg veg rett.
 Folk er rare.
 Skal dei selja noko,
 skal det vera tungt,
 skal dei senda noko,
 skal det vera lett.

A balança

É a velha balança
 o mais importante
 aqui no galpão
 (e eu também, claro),
 por isso ela fica
 bem no meio, é
 ela que determina
 o peso e decide
 o valor do frete.
 Ao pegar em sacos e caixas
 eu sei muito bem
 quanto pesam,
 mas todos vão à balança,
 que então diz o que pensa.
 Negociamos um pouco
 enquanto eu ponho os pesos,
 e em geral chegamos
 a um acordo — ela oscila,
 eu concordo,
 e dizemos,
 “está certo” — não
 discutimos as gramas.
 A balança está enferrujada, e eu
 tenho reumatismo nas costas,
 mas por sorte os pesos são mais
 leves do que aquilo que peso.
 Às vezes noto que as pessoas duvidam
 da minha pesagem.
 As pessoas são estranhas.
 Se querem vender,
 querem pesos altos,
 Se querem mandar,
 querem pesos baixos.

<p>Skrivaren var inne her ein dag, han furda òg på vekti, kom vel i hug det han sjølv har å vega. «Det er ingi apotekarvekt,» sa eg, men tenkte helst på ei vekt eg såg hjá ein gullsmed ein gong, han vog gullstøv med pinsett. Eg har elles ofte tenkt på det ein skripar har å vega: Rett og urett, straff og bøter, liv og lagnader. Kven justerar dei loddì, den vekti?</p>	<p>O juiz passou aqui um dia desses, e também se admirou com a balança, sem dúvida cioso do que tem a pesar. “Não é uma balança de farmácia”, eu disse, pensando na balança que vi certa vez num ourives, que pesava pó de ouro com uma pinça. Muitas vezes penso nas coisas que um juiz tem a pesar: Justiça e injustiça, penas e multas, vidas e destinos. Quem confere esses pesos, essa balança?</p>
---	--

Yver Hengjemyri	Travessia do pântano
<p>Det er rotstokkane av alle trei som har stupt uti her, som gjer du kan gå trygt yver myri. Slike stokkar held seg lenge, dei kan ha lege her i hundratal år, og endå er det eit mørke skrimsel att av dei under mosen, dei er enno med og ber so du kjem frelst yver. Og når du skyv ut på fjellvatnet, kjenner du at minnet um den kaldingen som drukna seg her ein gong, er med og ber den skrale pråmen. Han, den galningen, trudde livet sitt til vatnet og æva.</p>	<p>São os troncos das árvores caídas aqui que permitem atravessar o pântano em segurança. Os troncos resistem muito, podem estar aqui há séculos, e assim mesmo vestígios escuros permanecem sob o musgo, continuam aqui e aguentam para que você atravessasse a salvo. Ao navegar pelo lago da montanha, você sente que a memória do coitado que outrora se afogou por aqui acompanha você e carrega o frágil barco. Ele, num desvario, confiou a vida à água e à eternidade.</p>

Através da noite, de Stig Sæterbakken (fragmento)

Guilherme da Silva Braga¹

Apresentação

Stig Sæterbakken nasceu em 1966 em Lillehammer, onde mais tarde viria a dirigir o importante festival literário que ocorre na cidade e atrai autores, editores e visitantes do mundo inteiro à Noruega. Teve uma produção bastante eclética, que abarca ensaios (*Der jeg tenker er det altid mørket, Essays i utvalg*), fragmentos autobiográficos (*Ikke noe av dette handler om meg*) e naturalmente romances (*Gjennom natten, Usynlige Hender, Ikke forlat meg*). Entre esses últimos encontram-se obras altamente experimentais como *Sauermugg* – resultado de um processo criativo extremo, que consistiu em escrever uma narrativa romanesca completa a partir da estaca zero no inverossímil prazo de uma semana (a gênese dessa obra foi acompanhada pelo cineasta Morten Hovland e transformada no interessantíssimo documentário *Forfatteren – Sauermugg blir til*). Morreu em 2012 aos 46 anos, vítima de suicídio.

A obra de Sæterbakken é marcada pelo desespero dos protagonistas e por uma atmosfera palpável de escuridão; os personagens com frequência veem-se em situações que não admitem qualquer tipo de resolução que não a tragédia. O romance ora apresentado – *Gjennom natten* (2011), ou “Através da noite”, foi a última obra de ficção que Sæterbakken legou à posteridade. Na obra, o dentista

1 Guilherme da Silva Braga é mestre e doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil) e concluiu um pós-doutoramento na área de tradução literária na Universidade de Coimbra (Portugal). Traduziu mais de 50 volumes publicados de autores clássicos e contemporâneos a partir do inglês, do norueguês e do sueco para as principais editoras brasileiras. Ministrou oficinas de tradução literária no Brasil, na Irlanda e em Portugal, e em 2016 foi indicado ao Prêmio Jabuti de melhor tradução literária publicada no Brasil.

Karl Meyer – casado com Eva e pai do casal de adolescentes Ole-Jakob e Stine – começa um flerte desprezioso com uma mulher chamada Mona, porém o relacionamento entre os dois logo evolui para um jogo erótico do qual não parece haver escapatória: Meyer por fim leva a aventura extraconjugal às últimas consequências. Arrependido, mais tarde confessa a traição a Eva, porém na esteira do abalo familiar causado por essa revelação Ole-Jakob suicida-se em um acidente intencional de carro. Durante o luto pela morte do filho, Meyer ouve do amigo e romancista Boris Snopko a história acerca de uma misteriosa casa na Eslováquia, na qual – desde que se tenha os contatos certos – os visitantes podem entrar mediante o pagamento de uma assombrosa quantia em dinheiro e ver-se frente a frente com os piores temores. A princípio, Meyer imagina que essa seria mais uma criação ficcional do amigo, porém logo decide procurar essa casa “onde a esperança transforma-se em merda”. *Gjennom natten* narra a história dessa terrível busca.

Edição consultada:

SÆTERBAKKEN, Stig. *Gjennom natten*. Cappelen Damm: Oslo, 2012.

I

Helvetes jævla dritt

Stig Saterbakken

Sorg kommer i så mange former. Den er som et lys som slås av og på. Den er der, og er uutholdelig, og så forsvinner den, fordi den er uutholdelig, fordi det ikke går an å ha den der hele tiden. Man fylles og tømmes. Tusen ganger om dagen glemte jeg at Ole-Jakob var død. Tusen ganger om dagen husket jeg det plutselig. Begge deler var uutholdelig. Å glemme ham var det verste jeg kunne gjøre. Å huske ham var det verste jeg kunne gjøre. En kulde kom og gikk. Men aldri varme. Det fantes bare kulde og fravær av kulde. Som å stå med ryggen mot havet. Iskalde ankler hver gang en bølge slo inn. Så rant den vekk. Så kom den tilbake.

Mens jeg sto slik, gikk solen ned, og det ble natt, og det er natten som siden har vart.

I dagene etter begravelsen gjorde jeg ikke stort, bortsett fra å se på tv. Som med et håp om at hvis jeg bare satt slik, uten å røre meg, fullt og helt konsentrert om det som foregikk på skjermen, ville smerten etter hvert forsvinne, da ville jeg bli en del av den andre virkeligheten, der smerte ikke finnes. En kveld så jeg en Rosa Panter-film. Det var den hvor Clouseau (Peter Sellers) under avhøret av en velstående engelsk familie setter fast hånden i hansken til en gammel rustning og forvandler stuen til en slagmark før han er ferdig med Poirot-oppsummeringen sin. Og plutselig var ikke latteren til å holde tilbake. Jeg som var sikker på at jeg aldri ville le igjen, jeg lo så det kjentes som jeg hadde et dyr inni meg som prøvde å spise seg ut. Jeg måtte skru av tv-en til slutt, hadde jeg sett filmen til ende, ville jeg ha eksplodert.

«Den helvetes jævla tv-en!» En kveld jeg sto ute og røkte i pausen mellom to serier jeg var begynt å følge med på, så jeg skyggen til Eva over gårdsplassen, den fór forbi som et skrømt. Så hørte jeg noe skrammel fra garasjen, men tenkte ikke noe mer over det. Da jeg kom inn i stuen igjen, var tv-en knust, økseskaftet sto ut av skjermen, som lignet en seig svart masse mer enn splintret glass. Selv sto hun midt på gulvet og hveste, som om hun hadde tungt for å puste. Heldigvis – eller uheldigvis – var Stine der, hun satt med armene rundt knærne og gråt, slik at det ikke kunne bli snakk om noe annet fra min side enn å gjøre hva jeg kunne for å roe henne. Jeg tenkte på det mens jeg satt og holdt rundt henne, hvordan det

hadde vært et av mine tilbakevendende klagemål i alle år, alle timene Eva tilbragte foran tv-en, hvordan det hadde gått meg på nervene mang en gang, tiltaksløsheten det vitnet om, det evinnelige tidsfordrivet, forsvart av henne som avkobling, livsnødvendig, hvis jeg forsto henne rett, i vente på en ny dyst, som om arbeidet hennes var det eneste virkelige, resten av dagene ikke ment for annet enn å samle krefter for å bli i stand til å vende tilbake til det igjen, som om hun hadde gitt opp å være den hun egentlig var når hun var hjemme sammen med meg, sammen med oss, at dette var blitt noe hun sparte til arbeidsdagene, akkurat som det ikke var nødvendig å anstrenge seg lenger, at jobben med meg var gjort, i motsetning til jobben med de andre: alt dette kunne komme vellende opp i meg bare ved synet av henne halvt liggende i sofaen med ansiktet badet i fjernsynsskjermens altoppslukende skimmer.

Etter at tv-en var knust, ble det lange spaserturer i stedet for *CSI Miami* og *Dexter* og gamle klassikere på TCM. Jeg valgte helst ruter jeg ikke hadde gått før og oppdaget til og med noen stier jeg ikke visste om. På noen av dem fikk jeg det for meg at det ikke hadde vært folk på mange år, grenene vokste langt inn på stien og dasket mot jakken når jeg passerte. Av og til, når det var mørkt, kunne jeg få øye på et lys, flere lys, bitte små på grunn av avstanden, men likefullt synlige gjennom en uendelig rad åpninger i bladverket. Et blinklys på en bil dukket for eksempel opp rett foran meg, like etterpå et trafikklys som skiftet fra gult til grønt, langt i det fjerne.

Hver gang jeg kom hjem, sto jeg litt i gangen og lyttet før jeg gikk inn, for å høre om noen gråt.

Det var så mye jeg ikke forsto. Brutaliteten i alt: i butikken, måten folk skjøv handlevognene foran seg på, måten de rotet rundt i frysedisen på, eller de sto borte ved grønnsakshyllene og snakket høylydt sammen, som om ingenting var skjedd. Ute på gaten, den infernalske trafikken, bilførerne som peiset på alt hva remmer og tøy kunne holde og som lå på hornet straks noen foran i køen brukte litt for lang tid ut av lyskrysset. Skoleungdom som kom i store flokker og som så ut som de holdt på å sprekke av lykke. Bråk overalt, biler som kjørte, mennesker som snakket, høy musikk. Alt for å overdøve det veldige sluket av stillhet som ville ha åpnet seg hvis alle hadde sluttet med det de drev med. Mennesker som snakket, men ikke én av dem om Ole-Jakob. Helvetes jævla drittsekker. Hvordan var det mulig? Hva hadde de å snakke om, nå da han var død?

Verden hånte oss. Den hånte Stine, som skulle vært en del av det yrende mylderet, som var ment å skulle utgjøre en brikke i dette store spillet ennå i mange år, som bare så vidt hadde begynt da hun ble utestengt fra det. Enda jeg visste at hun ville bli det igjen om en stund. Og at det høyst sannsynlig ville gå bra, med

tiden til hjelp. «Med tiden til hjelp»: en hån, dét òg. Tanken på at det ville gå bra. At hun ville klare det. At hun om ikke altfor lenge igjen ville svinge seg i valsen, smile og le, tulle og tøyse, fullt og helt dedikert til det evinnelige fjaset en tilværelse blant jevnaldrende besto av, som det var meningen at den skulle bestå av, som en nødvendig strekning på veien frem til hennes voksne jeg. Alt dette skulle hun vende tilbake til, med friskt mot, det var bare et spørsmål om tid. Det som tyngtet henne skulle ristes av, ikke helt, men nok til at hun kunne fortsette å leve blant sine, nok til at hun atter kunne svinge seg i valsen sammen med dem.

De første dagene sa hun ingenting. Hva var det å si? Hver gang jeg eller Eva, i hver vår redsel for hvordan hun hadde det, prøvde å få noe ut av henne, ble hun stram i ansiktet, hard som en stein, eller hun begynte å gråte, noe som til slutt gjorde oss mer redde for å prøve enn for hva vi ville få vite dersom vi lyktes med det. Da hun så endelig brøt tausheten, var det ikke med annet enn skjellsord og bannskap. *HELVETES JÆVLA DRITT!*, var det første jeg hørte henne si. Det var som å høre Eva, stemmen til forveksling lik. Begravelsesagenten hadde vært hjemme hos oss for å diskutere de siste detaljene, jeg hadde akkurat lukket døren bak ham da jeg hørte Stine inne fra kjøkkenet. *HELVETES JÆVLA DRITT!* Jeg kjente et stikk av glede. Første livstegn fra en vi trodde var blitt borte for oss! Jeg gikk inn til dem. Stine hadde reist seg, det bare veltet ut av henne, det så ut som hun kastet opp, den ene grovheten verre enn den andre, beskyldningene haglet. Eva strakte ut armen og fikk så vidt tak i henne, før hånden ble slått tilbake. Jeg så på dem og så hvor like de var blitt, mor og datter. Stine hakket vakrere, som om hun hadde tatt med seg ansiktet til Eva og perfektionert det. Og jeg tenkte på hvor ofte hun, da hun var mindre, hadde sittet taus og lyttet til broren mens han la ut om alt mellom himmel og jord, hvordan hun satt og observerte ham og beundret ham, hvordan hun hadde overlatt snakkingen til ham, sendt ham foran seg ut i verden, slik at han kunne fortelle henne om den.

Hele tiden prøvde jeg å tenke på noe annet, men fikk det ikke til, konsentrasjonen glapp, tankene var som dårlige tegninger, de måtte rives i stykker med én gang.

Eva begynte ikke å gråte før det var gått flere uker. Men en dag jeg kom hjem fra en av de helvetes jævla turene mine og hørte støvsugeren inne fra stuen, fant jeg henne i en bylt på gulvet, hulkende, som om hun hadde grått ut alt som var og ikke hadde mer å gi, men allikevel ikke klarte å stoppe. Jeg heiste henne opp, hun var tung som en kraftig mann og holdt støvsugerrøret i et så hardt grep at jeg måtte bryte opp én og én finger for å få det løs. Jeg dro henne opp i sofaen og la hodet hennes i fanget mitt. Noen store våte flekker syntes på gulvet der hun hadde ligget. Jeg strøk henne over håret og hysjet på henne. «Så, så,» sa jeg, som

til et barn. «Vi skal klare det. Vi skal klare det.» Men jeg hadde ikke før sagt det, så kjente jeg hulheten i det, hulheten i det jeg akkurat sa, i det jeg hadde overtalt meg selv til å ville enda en gang – akkurat som da jeg vendte tilbake etter «eventyret mitt» – hulheten i alt som hadde vært, alt som var, alt som kom til å være. Og jeg visste at uansett hva jeg sa til henne, uansett hva jeg enda en gang fikk henne til å tro på, så kom det før eller siden til å bli avslørt som tomme løfter, som lovnader uten dekning i noe, uten forbindelse til den virkeligheten som nok en gang ville komme til å ødelegge for oss. Ennå lå hun bare der, uten å røre seg. Og jeg kjente hvordan kroppen hennes stivnet mens jeg satt og holdt rundt henne og støvsugeren fortsatte sitt ville brøl mot veggene. Hva skal vi gjøre, tenkte jeg. Når dette er over. Når vi er ferdige med all sorgen. Når vi har kommet oss igjennom det, hvis vi gjør det, hva i all verden skal vi foreta oss da.

Eva hadde vært der inne og ryddet, visste jeg, selv hadde jeg ikke orket å gå inn der, jeg vet ikke hvorfor. Av frykt for at han ville være der, i alt som var hans? Til slutt tynget det meg slik at det føltes som jeg ikke kunne gjøre noe annet før jeg hadde gjort det. Jeg ventet til en dag jeg var alene i huset. Enda ble jeg stående lenge foran døren. Mens jeg sto der gikk det opp for meg hvor lenge det var siden jeg hadde vært på rommet hans, ikke en eneste gang etter at jeg flyttet hjem igjen, ikke siden før jeg forlot dem for å leve sammen med Mona. Jeg banket på først. Så åpnet jeg døren og gikk inn.

Eva hadde ikke ryddet. Alt var slik han hadde etterlatt det, hauger med klær på gulvet, headset og håndklær og CD-er og blader og tomme energidrikkbokser, ledninger, en deodorant, en sprayflaske, spillkonsollen som en liten klippe midt i virvelen av rot. Skapdøren var åpen, en kurv med undertøy dratt ut. I vinduskarmen sto en gruppe uniformerte skjeletter på geledd, håndmalte, forseggjorte, med en svart firkantet plastbrikke under føttene på hver enkelt. Det eneste, slo det meg, som bar preg av orden. Ledningen til spillkonsollen hadde fått en knekk i leddet rett over kontakten, da jeg bøyde meg ned for å trekke den ut av støpselet, gnistret det til i bruddet der litt av kobberet syntes. Skremt slik et barn ville blitt, lot jeg den være i.

Jeg satte meg på sengen. Dynen kjentes fuktig, det ene hjørnet var misfarget. Jeg kikket opp i taket. Alle bildene og plakaten jeg hadde sett der en gang var borte. Men det sto skrevet noe der, med sprittusj, butte blokkbokstaver: JEG VIL IKKE VÅKNE I MORGEN. På lampekuppelen var det festet et klistremerke som var begynt å smelte, den øverste delen hadde rullet seg sammen til et lite rør. Jeg løftet på dynen. Under den lå et sjokoladepapir og en sokk. Jeg tok sokken i hånden. Den var hvit med en blå kant øverst. Under var den svart av møkk, noen gresstrå hang fremdeles fast i det finmaskede stoffet. Jeg lurte på hvor mange

ganger jeg hadde sagt til ham og Stine at de ikke skulle gå ute på sokkelesten. Og jeg tenkte på det jeg også hadde sagt mange ganger, at *jeg har sagt det tusen ganger*, noe de begge elsket å konfrontere meg med. Akkurat i dette tilfellet hadde jeg imidlertid mine ord i behold. Jeg holdt sokken opp til nesen. Tåfislukten fikk det til å svimle for meg. Jeg ble sittende og snuse. Jeg klemte sokken mot ansiktet og pustet gjennom den. Det kjentes som jeg ble dratt under i et dragsug, som jeg forsvant ned i alt rotet hans. Det kjentes vidunderlig godt.

En dag gikk jeg på en buss og ble med hele veien ut av byen og tilbake igjen. En liten stund døde jeg, da jeg våknet ante jeg ikke hvor jeg var. Jeg satt med pannen mot vinduet, som dirret svakt i takt med motorduren, og prøvde å holde tankene konsentrert om det jeg så, jeg klamret meg fast med øynene til bygninger og kjøretøy i landskapet som fór forbi og diktet opp historier i farten om hvem som eide dem. Et sted svingte bussen rundt og forbi en grå bil med et lass grus på lasteplanet. Øverst i en skråning lå en morene oppe i dagen med planterøtter på kryss og tvers. En hvit genser hengt til tørk utenpå et hvitt laken lignet et gammelt ansikt med trette øyne og skjev munn. Jeg så også flere gjerder og drivhus, det ene i verre forfatning enn det andre, reist med det formål, kunne det virke som, å skulle forfalle. Men da vi nærmet oss de store byggefeltene igjen, var det som alt ble strammet opp, også naturen selv, som alt, mennesker, dyr, planter, derfra og inn til byen la an på å vise seg fra en bedre side. Et ungt par hadde satt seg på setet foran meg, jenta lente hodet mot skulderen til gutten, som av og til bøyde hodet frem og kikket på henne. Jeg merket jeg ble dypt misunnelig på ham, på dem begge. Det var noe så velsignet fredfylt over dem, bekymringsløst innsatt i omgivelser ennå ikke sterke nok til å rukke ved lykken og forelskelsen deres. Overfor disse to, tenkte jeg, har ikke verden noe den skulle ha sagt. Ingenting kan forstyrre dem. De er i likevekt. Kjærligheten og begjæret likelig fordelt, ennå ikke noe spørsmål om hvem av dem som lengter mest. Da jeg var på vei ut, snudde jeg meg mot dem og sa: «Husk dette øyeblikket!» Gutten kvapp, han så helt forskrekket ut, og da bussen kjørte videre, fikk jeg et glimt av dem i vinduet, begge satt og stirret ut på meg som på en som hadde prøvd seg på et eller annet, uten at de skjønnte hva.

Jeg tror det var om kvelden samme dag at Boris fortalte meg om det mystiske huset, et sted i Slovakia, han visste ikke hvor, som var slik at hvis man kontaktet rette vedkommende og betalte en tilstrekkelig sum penger, visstnok svimlende høy, fikk man en nøkkel og en lapp med adressen på, samt et tidspunkt, nøyaktig på klokkeslettet en bestemt dato, hvor man, hvis man tok seg inn i huset akkurat da, ville bli konfrontert med sitt livs verste redsler. Enda var det dem, ifølge Boris, som hevdet at de hadde vært der og at de kom ut igjen lette til sinns, kurert for alt som hadde tynget dem, opprømte og glade, uten en eneste angst igjen i

kroppen. De hadde sett det verst tenkelige, etter dét kunne ingenting true dem lenger. Andre, sa han, hadde returnert med heslige, fordreide ansikter, det var slik at noen av deres aller nærmeste hadde problemer med å kjenne dem igjen. Én var helt grå i huden og hadde fått nesen flyttet over på kinnet, og etterpå sa han ikke et ord mer til noen, stengte seg inne på et rom i leiligheten der han bodde og ble der til han døde, bare noen uker senere. En annen skal ha gått fra huset og rett bort til en jernbanelinje og kastet seg ned foran et godstog, som halshugget ham. Noen som oppholdt seg i huset i fem minutter, skal ha kommet ut igjen og trodd fullt og fast at de var blitt holdt innesperret der i flere år. Noen var det også som mente at de ikke hadde merket noe før lenge etterpå, da det helt forferdelige ved tankene de hadde gjort seg mens de var der plutselig hadde gått opp for dem. Og så var det de som sa at det var om å gjøre å holde seg våken mens man var der, at det var til å hankses med, huset, så lenge man ikke la seg til å sove i det, men falt man først i søvn, var det ingen vei tilbake, da var man fortapt.

Først trodde jeg det var noe han fant på, et slags desperat påhitt i adspredelsens tjeneste, uimottagelig som han sikkert oppfattet meg for konvensjonelle former for trøst. Jeg så det på ham, da han var hos meg, hvordan han lette febrilsk etter noe å si som i det minste for noen minutter kunne ta tankene mine vekk fra det ene som opptok meg, hvor inderlig han ønsket for en stakket stund å erstatte dette ene med noe annet, hva som helst som ikke hadde navnet Ole-Jakob på seg.

Han var ivrig, plapret i vei, utmalte alle detaljer. Mannen man skulle kontakte het Zagreb. Man fant ham, sa Boris, ved å gå på en bar i Bratislava som heter *Neusohl*, i strøket bak Reduta, som er konserthuset til filharmonien, og opplyse til bartenderen, etter å ha bestilt en Corgo 'n, at man ønsket å se det stedet der «håp blir til skit». Det hørtes ut som plotet i en Boris Snopko-roman. Noe jeg i grunnen innerst inne også trodde at det var.

Resten av kvelden satt han og fabulerte rundt hva som mest sannsynlig ville ha møtt ham, om han selv hadde våget seg inn i «redselens hus». Under normale omstendigheter ville vi ha utesket hverandre om dette. Nå behøvde han ikke spørre. Han verket kanskje etter å gjøre det. Men ettersom svaret ga seg selv, var det vel ikke noe stort offer for ham å la være.

Jeg var ham takknemlig for det. Ikke da, men siden. Alle hans historier. Jeg lyttet ikke til ham, jeg var uimottagelig, han hadde rett, men jeg lyttet allikevel, liksom en del av meg tok vare på det til senere bruk. Der og da irriterte han meg slik at jeg måtte besinne meg for ikke å kaste ham på dør. Komme brasende inn på den måten og prøve å ta ifra meg sorgen! Som om han forstyrret meg under

en gudstjeneste. Hans pågangsmot var en fornærmelse, hans oppmuntrende ord blasfemiske. Men en ørliten del av meg anerkjente hans bestrebelser og elsket ham for det, at han orket, all den tid han skjønnte at ikke noe av det nådde inn, at han både lot meg forbli i min uimottagelighets vold og samtidig gjorde hva han kunne for å frelse meg fra den, at han både lot meg i fred og samtidig ikke.

Jeg tenkte på det etterpå: han må ha følt det som han besøkte en venn i fengsel.

Mitt eksemplar av den ene av bøkene hans som var oversatt til norsk hadde et eseløre på side noen og tredve. Den handlet om et samfunn der man på grunn av overbefolkning hadde innført en lov som ga alle borgere over myndig alder rett til å drepe ett menneske uten å bli straffeforfulgt. Siden, da han var gått over til å skrive på norsk, hadde han lett forgjeves etter noen som ville utgi det. Heller ikke hadde han lyktes med å få oversatt noe mer av det som allerede var utkommet. Og da han, som en siste utvei, oversatte et av de norske manuskriptene til slovakisk, ville ikke hans gamle forlag ha det heller. Jeg visste ikke om han hadde skrevet noe etter dette, i hvert fall var det som hans livlige fantasi fra nå kun ble brukt til til å dikte opp all verdens forklaringer på refusjonene. I tillegg investerte han enorme ressurser på å rakke ned på alt som ble publisert, enten det var beslektet med hans egne bøker eller ikke. Og om han var i humør til det, beskyldte han dem gjerne for å ha rippet ideene fra ham, enda så fjernt det enkelte ganger hørtes ut fra noe han kunne ha kommet på. Det ble noe av en besettelse for ham. Fordi ingen likte det han skrev, likte han ingen som skrev. Dette med en slik vedvarende intensitet at han antagelig ikke hadde krefter igjen til å produsere noe av det som, dersom det hadde sett dagens lys, det lå som et uuttalt premiss for alle de harde dommene han felte, ville overgått alt.

Da Ole-Jakob var liten, fortalte jeg ham et eventyr som jeg fant på etter hvert som jeg fortalte det, ett kapittel hver kveld, og som jeg siden skrev ned, fordi han maste så, og sendte til et forlag, fordi min søster, som hadde fått snusen i det, mente det ikke kunne skade, og som etter litt bearbeiding ble utgitt under tittelen *Prins Uvitende*, tilegnet ham som hadde drevet meg til det og som jeg forestilte meg en dag ville lese den høyt for sine barn og stolt vise dem dedikasjonen foran i boken. Eventyret handlet om prins Emmanuel i landet Tekirekki, som ikke vet at han er prins, fordi hans far, kong Sander, som er enkemann, satte ham bort da han var liten for at han skulle få en vanlig oppvekst hos en vanlig familie, gå på vanlig skole, få vanlige venner, kort sagt ikke bli forskjellsbehandlet eller tatt på med silkehansker, inntil han var moden for å bli gjort kjent med sin strålende herkomst. – *Herregud, for en dum konge!* sa Ole-Jakob, fortvilet over alt gutten ville gå glipp av.

Imidlertid viser det seg at moren i fosterfamilien, Bellamira, er en heks, som ikke kan få barn og som blir så kjær i gutten at hun vil ha ham selv og derfor kaster en forbannelse over kongen som får ham til å glemme at han har en sønn. Dermed lever de i mange år, både far og sønn, uvitende om hverandre. Og i sin ensomhet takker kongen ja da en fjern slektning, som er konge i et land herjet av borgerkrig, spør ham om hans datter, prinsesse Caroline, kan få bo hos ham til krigen er over. Slik går det til at kong Sander tar til seg og oppdrar Caroline som sitt eget barn og at innbyggerne i Tekirekki, selv om de vet at hun egentlig ikke er det, kommer til å tenke på henne som kongens datter og den rettmessige arving til tronen. Stor oppmerksomhet får også prinsessens kjæledyr, Fredrik Frosk. Ryktene sier at han er en forhekset prins, som hun, den dagen hun blir myndig, skal kysse, slik at hun kan gifte seg med ham. Med andre ord er det sin fremtidige konge folket ser i det sleipe kryptet med gullene og diamanthalsbånd som alltid kommer hoppende to skritt bak yndige Caroline.

Emmanuels fostermor, Bellamira, har en tvillingsøster, Mirabella, som også er heks, men som er snill. Hun er den eneste som er kjent med Bellamiras onde hensikter, fordi hun har en glasskule hvor hun kan se tankene til alle mennesker. Allikevel kan hun ikke gjøre noe for å forhindre det, ettersom Bellamira har kastet en forbannelse også over henne, slik at hun ikke kommer seg ut av huset hun bor i. Hun bestemmer seg derfor for å lokke Emmanuel til seg og avsløre sannheten for ham. Dette gjør hun ved å spille på en magisk harpe (i virkeligheten hennes eget hår, som når akkurat ned til gulvet når hun bikker hodet over til den ene siden, og som hun spenner ved å trække med foten på tuppene). Trolldommen virker, Emmanuel våkner og lar seg lede av de deilige tonene, hele veien til heksens hus, som ser ut som et alminnelig hus utenfra, men hvor tak og vegger innvendig er laget av lakris. Mirabella kaster samtidig en forbannelse over huset til fosterforeldrene, slik at tiden der inne står stille, helt til forbannelsen oppheves. Mirabella forteller Emmanuel hvem han egentlig er og viser ham i glasskulen både slottet og faren og alle de andre som bor der. Ved synet av den vakre piken som vandrer rundt i salene med en frosk i bånd blir prinsen straks forelsket, noe han imidlertid er klok nok til ikke å rope for sin gode hjelper.

Men flere farer står i veien for familiejenforeningen. På slottet bor nemlig også kongens rådgiver, en grønn puddel ved navn Madagaskar – egentlig en rosa gris, men forandret til en puddel, fordi Ole-Jakob syntes griser var ekle – som en trollmann fra Madagaskar en gang fikk til å gå på to ben og ga talens bruk, og som nå, etter mange år i kongens tjeneste, har fått smaken for makt og som går med planer om å styrte kongen og forvandle Tekirekki til et diktatur. Statskuppet

skal han gjennomføre ved hjelp av et hemmelig våpen, fire superhelter, nærmere bestemt, som kan trylles frem fra en magisk kortstokk han stjal fra trollmannen som forvandlet ham.

Det er med andre ord ikke få utfordringer Prins Uvitende står overfor: først å ta seg inn på det godt bevoktede slottet og få kontakt med faren og overbevise ham om blodsbandet, dernest avsløre og forhindre rådgiverens skumle planer. Med seg på den farefulle ferden trenger han derfor en venn og våpendrager. Mirabella skulle gjerne ha fulgt ham, om hun hadde kunnet. Hun må imidlertid nøye seg med å orkestrere det hele fra sin lakrisduftende husarrest. – *Hvordan får hun mat, hvis det er sann at hun aldri kan gå ut? – Hvordan tror du?* Men i det østre hjørnet av Byparken, under roten på et gammelt eiketre, lever det en pukkelrygget dverg som heter Fabel, som ikke er spesielt modig, men som har den egenskapen at det vokser ut vinger på ryggen hans hver gang han blir redd. Fabel er Mirabellas beste venn og er allerede innviet i farene som truer kongeriket. Første kapittel slutter med at Emmanuel får instruksjoner av Mirabella om hvordan han kontakter Fabel, for så å bli sendt av gårde med følgende visdomsord: «Frykten gir vinger. Men det er når man lander at den virkelige jobben begynner!»

Emmanuel oppsøker Fabel i den hemmelige grotten under eiketreet. De to enes om en slagplan og starter ferden mot slottet, utrustet med et helt lite arsenal av hjelpemidler, blant annet en såkalt ønskebillett, som virker på den måten at hvis en person holder i den og man roper navnet på et hvilket som helst sted i verden, forsvinner personen dit for aldri mer å vende tilbake. Oppdraget byr imidlertid på mer dramatikk enn noen på forhånd hadde kunnet forestille seg, ikke minst da Madagaskar kommer kongen i forkjøpet og sender ut sine betrodde riddere mot inntrengerne på slottet: Ruter Knekt, bevæpnet med spyd, Hjerter Dame, forførerinnen i egen person, Kløver Konge, bevæpnet med hellebard, og Spar Ess, en kløpper med pisen. – *Kull!* Trefningene er voldsomme, og mer enn én gang blir Emmanuel reddet av en vettskremt Fabel som tar ham i jakkekraven og flyr ham i sikkerhet. Caroline er den eneste de rekker å fortelle om komplottet, men det går ikke bedre enn at alle tre blir tatt til fange av Ridderne av den Magiske Kortstokk og satt bak lås og slå i et av fangehullene i slottskjelleren. Der blir de bevoktet av Ruter Knekt, som har nøkkelen til cellen hengende i beltet. Det vil si, de er fire bak gitteret, ettersom Caroline selvfølgelig ikke har villet skille seg fra sin kommende ektemann. Og nettopp Fredrik Frosk skal vise seg å bli deres redning. Etter lange og harde forhandlinger klarer Emmanuel og Fabel å overtale prinsessen til å fremskynde kjærlighetskysset. De gjør det på den måten at de, etter å ha forsikret seg om at Ruter Knekt sover tungt, løfter frosken ut mellom sprinklene, så kysser Caroline ham: – *Æsj!* og vips, så står en ung mann der, med

pipekrave og gullkrone og lange lyse lokker. Prins Fredrik har åpenbart ikke fått med seg mye av det som skjedde i hans liv som frosk og har mest lyst til å overlate dem til deres egen skjebne og komme seg ut av det stinkende kjellerhullet det forreste han kan. – *Herregud, for en dust!* Men de tre får til slutt forklart ham alvoret i situasjonen. Motvillig tar han på seg oppgaven med å lirke nøkkelen løs fra beltet til den fryktinngydende fangevokteren og låse opp celledøren, før han, til Emmanuel's store tilfredsstillelse, tar bena fatt og forsvinner som et lyn ut av historien.

Emmanuel, Fabel og Caroline tar seg med list og lempe opp til kongens indre gemakker og får heseblesende fortalt sin historie til en søvndrukken og hoderystende monark. Ikke uventet har han vanskelig for å feste lit til inntrengernes beretning, dessuten er hans tillit til Madagaskar urokkelig, års tro tjeneste tatt i betraktning. Rådgiveren blir tilkalt, og kampen mot renkemakeren synes nok en gang å være tapt. Inntil den grønne puddelen kommer i skade for å nevne en detalj som bekrefter vennenes fremstilling av det siste døgnet's hendelsesforløp. Madagaskar skjønner at maskespillet henger i en tynn tråd, og i et anfall av desperasjon påkaller han Ridderne av den Magiske Kortstokk, som styrter inn på kongens soverom og omringer de tre. Kongen forferdes av det han ser, og om han ennå lar tvilen komme rådgiveren til gode, slipper han å lure noe mer når Madagaskar beordrer Spar Ess til å gi ham en omgang med pisken. – *Herregud!* Etter mishandlingen utroper Madagaskar seg til konge og håner en blødende kong Sander for alle hans svakheter som regent. – *Herregud!* Idet fangene skal føres bort, ber den nye kongen, klok av skade etter den første rømningen, om å få overrakt Fabels ryggsekk. Han tar seg god tid til å gjennomsoke den. Og akkurat idet han står med ønskebilletten i hånden, eller poten rettere sagt, og undrer seg på hva det kan være for noe, går døren opp, og inn kommer kongens personlige tjener med frokostbrettet. Overrumplet av synet som møter ham, slipper han brettet i gulvet og roper i forskrekkelse: «Men! Madagaskar!» Og poff, så forsvinner puddelen i en grønn støvsky. – *Herlig!* I samme sekund oppheves makten han hadde over de fire ridderne. De kaster seg ned på gulvet og hyller Sander og hans redningsmenn. – *Og kvinne! – Og kvinne.* Ikke minst Spar Ess, som nesten ikke er til å trøste, og som trygler på sine knær om forlatelse for sine ugjerninger og som bedyrer på vegne av seg selv og sine kolleger at de fra denne dag av står fullt og helt i den ene og uovertrufne hersker av Tekirekkis tjeneste.

Dagen som så vidt er påbegynt blir en gledens dag, senere innstiftet som nasjonaldag nummer to i riket. Om kvelden er det stor fest på slottet, der Mirabella, etter å ha blitt løst fra søsterens forbannelse, underholder selskapet med harpespill, så vakkert og betagende at det overdøver Bellamiras klagerop fra fan-

gehullet, helt inn i de sene nattetimer. Emmanuel og Caroline, selv om det er litt i tidligste laget, forlover seg, og Fabel får stillingen som hoffnarr. Alle er glade. En ny æra har begynt.

Eventyret slutter med at prinsen spør kongen: «Skal jeg være her hos deg nå?»

«Ja,» svarer kongen.

«For alltid?»

«For alltid.»

«Passer du på meg, uansett hva som skjer?»

«Du har ingenting å frykte, min sønn,» svarer kongen. «Uansett hva som skjer, vil jeg være der og passe på deg. Uansett hvor din vei måtte føre deg, vil jeg være ved din side og beskytte deg. Gjennom natten og inn i dagen.»

[...]

Min første tanke var at det hadde noe med Mona å gjøre. At Eva hadde funnet noe av det jeg hadde skrevet til henne, eller hun til meg, som jeg hadde glemt å kvitte meg med. «Eva, hva er det?» sa jeg, livredd for svaret. Og så åpnet hun munnen, men det kom ikke en lyd ut av henne, det var bare et tomt hull som åpnet seg, inn mot det som hadde vært min kone, men som ikke var det lenger, som bare var tomrommet hun hadde etterlatt seg da hun ble revet bort.

Jeg fikk se bilen. De forsøkte å nekte meg det, men jeg insisterte. Den sto inne i en verkstedhall, jeg husker ikke hvor, og lignet en skrøpelig gjenstand som en eller annen gigantisk skapning hadde klemt sammen med hendene og som først etterpå hadde blitt hard, massiv, kompakt, alt det som hadde vært muligheter og bevegelse lukket inne i en skrukkete kloss som ikke lot seg åpne, som ingen kraft i verden kunne bryte fra hverandre, slik at det som hadde vært inni den kunne komme seg ut og begynne å leve igjen.

Jeg fikk se Ole-Jakob. De forsøkte å nekte meg det også. Men til slutt slapp jeg inn i likkjelleren, der de etter mye om og men avduket noe som var så fjernt fra å ligne noe jeg hadde sett før at da jeg kastet opp, var det ikke fordi det var ham, men på grunn av det jeg hadde sett, ene og alene på grunn av det.

[...]

Hun stanset ikke før hun kom helt bort til meg. Der stilte hun seg opp, så nær meg at jakkene våre berørte hverandre. Vi sto slik lenge, uten å si noe. Jeg kikket på henne i smug. En liten klump med smør eller majones satt fast i munnviken hennes. Det irriterte meg, at hun hadde spist. Og en trang kom over meg til å fortelle henne om Ole-Jakob, hvordan han så ut da han lå på den blå metallbenken. Beskrive for henne øynene hans, som hadde eksplodert i sammenstøtet. Beskrive hullet etter munnen som var borte. Som om et rasende monster hadde revet ham i fillebiter, hadde jeg lyst til å si, som om det grønne trollet hadde innhentet ham og slått ham i hjel og maltraktet ham med kjempestyrken sin.

«Hvordan går det med deg?» sa jeg.

Dette svarte hun ikke på, hun bare ble ved med å stirre utover det grønne havet på den andre siden.

Munnen min smakte fremdeles av spy.

En trailer kjørte forbi nede på veien.

«Det går bra,» sa hun og så ut som hun kunne segne om når som helst.

Da vi kom hjem om kvelden, virket huset nytt. Det var som vi akkurat hadde flyttet inn i det. Bildene på veggene så ut som de nettopp hadde fått bestemt plassen hvor de skulle henge, kjøkkenet like ryddig og strøkent som et utstillingseksempplar i en butikk, så dødt og pregløst, alt sammen, som om det ikke tilhørte noen ennå, det som var der.

[...]

Jeg lette etter noe å si til Stine, som kunne hjelpe henne, noe alminnelig, noe fullstendig harmløst, noe som hadde et løfte i seg, som ville overbevise henne om at faren var over, at det var trygt for henne å begi seg videre. Jeg ønsket å si noe som kunne stake ut en ny kurs for henne, hun min lille engel, den ene jeg elsket over alt på jord. Men jeg kom ikke på noe. Og visste heller ikke hvor det førte hen, dette «videre». Dessuten virket det som hun ville være i fred. Hun lignet Ole-Jakob med sin innesluttethet. Og jeg så for meg at hun var sammen med ham, der inne et sted, at det var hennes forsøk på å forstå ham, at hun prøvde å få ut av ham et svar, at det var derfor hun ikke ville at vi skulle forstyrre henne. Forstyrre dem.

Da hun kom hjem etter å ha vært på skolen igjen for første gang, slengte hun fra seg sekken i gangen der jeg hadde sagt til henne tusen ganger at den

aldri skulle ligge, sparket av seg støvlene midt på teppet og gjorde et forsøk på å henge opp boblejakken som mislyktes, slik at den ble liggende som en brannfarlig uformelighet over panelovnen under knaggene. Jeg ville si noe til henne, men da var hun allerede gått opp på rommet sitt, og i stedet for å rope henne tilbake, tok jeg jakken hennes og hengte den på plass, satte støvlene på skostativet, la sekken på benken under speilet og innså at jeg aldri mer ville komme til å iredettesette henne for noe. Hun lever. Hun skal bare leve. Etter dette skal vi ikke kreve noe annet av henne enn at hun lever.

Blant dem vi kjente var det enten slik at de unngikk oss, så sant det var mulig, eller motsatt, at de knapt greide å holde seg borte fra oss, de var på døren tidlig og sent, og var de først kommet, ville de ikke dra, som om de hadde fått det for seg at vi ikke ville overleve med mindre de var der og holdt oss oppe. De følte seg kanskje forpliktet til det. Hvis det ikke var fordi de opplevde at de tok del i noe stort, og derigjennom fikk tildelt en viktig rolle, at de med sin deltagelse og oppofrende innsats ble skrevet inn i den historien som siden skulle berettes om familien Meyers gjennomlevelse av katastrofen. Det var sikkert urettferdig fra min side, men jeg kunne ikke la være å se dem for meg der de løp ut i verden igjen etter å ha vært hos oss og fortalte siste nytt fra sorgens hus. Og jeg så for meg hvordan de vokste på det mens de brettet ut detaljene til alle dem som ikke våget å ta kontakt, som begrenset sin medfølelse til noen tekstmeldinger i ny og ne, så ynkelige at jeg sjelden orket å lese dem ferdig. Ikke at de var noe bedre, de meldingene vi fikk ansikt til ansikt. Det var nesten ikke til å fatte, hvor mye de hadde på hjertet, enkelte av dem, livsvisdommer og oppmuntrende ord vi ville fått bedre formulert om vi hadde slått opp i et ukeblad. Du skal se dere kommer styrket ut av det, hørte jeg en si til Eva. Hadde jeg hatt krefter til det skulle jeg tatt øksen som fremdeles sto plantet i tv-en, hugget av henne armen og gitt den til henne og sagt: Du skal se du kommer styrket ut av det.

Og jeg tenkte på om jeg gjorde det samme som Stine gjorde, isolerte meg, som en måte å få kontakt med Ole-Jakob på. Oppholde meg i hans verden. Være der helt til jeg forsto ønsket om å bli knust.

Tiden gikk. Jeg så hvordan Eva reiste seg igjen. Sorgen gjorde henne sterk. Kanskje de hadde rett allikevel, de som var innom og oppmuntret henne? Hun stålsatte seg og nøt beundringen hun fikk for sin ranke holdning. Bevegelsene hennes var dessuten blitt raskere, la jeg merke til, på kjøkkenet, i hagen, i butikken, overalt, alle gjøremål ble unnagjort i en fei, det ene etter det andre, som om alt hun fikk utrettet var brikker i et puslespill hun holdt på med, et puslespill der motivet var livet vårt, slik det hadde vært før. «Hun er effektiviteten selv!» hørte jeg noen si, det kunne ikke sies bedre. Alt utført med hard hånd, liksom det som

en gang begrunnet handlingene hennes var gått tapt og det eneste som gjensto var å gjøre dem allikevel. Alt, bortsett fra å kjøre bil, som hun nektet, det ene som satt fast i henne, som hun ikke greide å gjøre noe med. Jeg kjente henne nesten ikke igjen. Hun var seg selv lik, men forandret til det ugjenkjennelige, en slags maskin som var satt til oppgaven med å holde det ut, uten å vite hvorfor. Hun arbeidet. Det var dét hun gjorde. Et kjærlighetsløst stykke livsarbeid som skulle vare tiden ut. Jeg hadde tatt fra henne det hun hadde av kjærlighet. Først jeg, så Ole-Jakob, de to mennene i hennes liv.

Jeg forsøkte å følge hennes eksempel, jeg friskmeldte meg og ga Lise beskjed om å sette opp pasienter så langt utover ettermiddagene og kveldene det måtte være behov for, unnet meg knapt pauser, hilste svimmelheten velkommen, gjorde hva jeg kunne for å bli utmattet, nedkjørt, overarbeidet, så skjelve enkelte ganger mot slutten av de altfor lange dagene at jeg ville risikert å miste autorisasjonen om det hadde kommet de rette instanser for øre.

[...]

Zagreb stirret på meg en lang stund. Så smilte han.

«Det sies at mannen som bygde det, til seg og familien, at han fant ut at kona hadde bedratt ham, det var da han akkurat hadde begynt på grunnarbeidet, og at han ble gal og drepte både henne og de to barna deres. Etterpå støpte han likene deres inn i kjellergulvet. Allikevel gjorde han huset ferdig, med to leiligheter vegg i vegg, og flyttet inn i den ene av dem. Og så må det ha klikket for ham for andre gang, for han laget seg en snedig innretning, et lite bur til å ha på brystet, med vegger og tak, men uten gulv. Inni buret plasserte han en utsultet rotte, og så festet han det til brystkassen på en slik måte at det ble umulig for ham å få det av igjen. Og så må han rett og slett ha gitt seg til å vente. Da de fant ham, satt han med munnen på vidt gap. Han hadde vel prøvd å hjelpe rotta ut den veien. Sporene tydet på at han hadde vært overalt i huset før han døde, det var blodsøl i alle rom. Rotta fant de oppe i halsen på ham. Den hadde gnagd seg et godt stykke oppover, men hadde fått hodet i klem mellom ganen og nakkevirvelen og blitt sittende fast og ikke greid å komme seg videre.»

Zagreb flirte.

«Litt av en skjebe! Sulte ihjel midt inni nitti kilo ferskt kjøtt!»

Han strøk begge hendene gjennom håret.

«Men det høres mest ut som en dårlig skrekkfilm, spør du meg,» sa han og gjespet, som om samtalen plutselig kjedet ham. «Eller det rommet Orwell skriver om. Hva det nå var.»

«Hva er din teori, da?» spurte jeg.

Men da satt han med en liten datamaskin eller mobiltelefon i hånden, som la beslag på all hans oppmerksomhet.

I

Maldita porra do inferno*Stig Sæterbakken*Tradução do norueguês:
Guilherme da Silva Braga

A tristeza chega de muitas formas. É como uma luz que se apaga e reacende. Fica lá, e parece insuportável, e então some, porque é insuportável, porque não é possível tê-la por lá o tempo inteiro. As pessoas se enchem e se esvaziam. Mil vezes por dia eu me esquecia que Ole-Jakob estava morto. Mil vezes por dia eu me lembrava de repente. As duas situações eram insuportáveis. Esquecê-lo era a pior coisa que podia acontecer. Lembrá-lo era a pior coisa que podia acontecer. O frio chegava e saía. Mas nunca o calor. Havia somente o frio e a ausência do frio. Como ficar de costas para o mar. Tornozelos gelados toda vez que uma onda quebrava. Depois aquilo ia embora. Depois voltava.

Enquanto eu estava assim, o sol havia se posto e a noite havia caído, e desde então houve apenas noite.

Nos dias após o enterro eu não fiz grande coisa a não ser assistir à TV. Como se tivesse a esperança de que, se eu permanecesse sentado daquele jeito, sem me mexer, total e absolutamente concentrado naquilo que acontecia na tela, a dor aos poucos desapareceria, e então eu passaria a fazer parte daquela outra realidade em que a dor não existe. Houve uma tarde em que assisti a um filme da Pantera Cor-de-Rosa. Era aquele em que Clouseau (Peter Sellers), durante o interrogatório na casa de uma família inglesa abastada, prende a mão na manopla de uma velha armadura e transforma a sala em um campo de batalha antes de terminar o resumo à moda Poirot. E de repente não pude conter o riso. Eu, que tinha a certeza de que nunca mais daria uma risada na vida, ri como se um bicho dentro de mim tentasse sair me comendo de dentro para fora. Por fim tive que desligar a TV; se houvesse assistido ao filme até o fim, eu teria explodido.

“Essa maldita TV do inferno!” Certa noite eu estava fumando na rua durante o intervalo entre dois seriados que eu tinha começado a acompanhar e vi no pátio a sombra de Eva, que deslizou como um espectro. Depois ouvi uns barulhos vindos da garagem, mas não pensei grande coisa a respeito. Quando

voltei à sala a TV estava quebrada, com o cabo do machado para fora da tela, que parecia mais uma massa preta e viscosa do que vidro estilhaçado. Ela estava no meio da peça, bufando, como se tivesse dificuldade para respirar. Por sorte – ou por azar – Stine estava lá; ela envolveu os joelhos com os braços e começou a chorar, e de minha parte a única coisa que importava era fazer o possível para acalmá-la. Enquanto eu a abraçava, pensei em como ao longo dos anos uma das minhas queixas recorrentes tinha sido a quantidade de horas que Eva passava em frente à TV, em como aquilo tinha me dado nos nervos inúmeras vezes, na apatia que aquilo simbolizava, no passatempo sempiterno, defendido por ela como um relaxamento, necessário à manutenção da vida, se eu a entendia bem, à espera da próxima batalha, como se o trabalho dela fosse a única realidade e o restante do tempo não servisse para nada além de recuperar as forças para estar em condições de retomá-lo, como se ela tivesse desistido de ser a pessoa que na verdade era quando estava comigo em casa, quando estava conosco em casa; era uma coisa que guardava para os dias de trabalho, como se já não fosse necessário fazer nenhum esforço, porque o trabalho comigo estava terminado, ao contrário do que acontecia com o trabalho relativo às outras pessoas: tudo isso aflorava em mim simplesmente ao vê-la meio deitada no sofá com o rosto banhado pela cintilação devoradora na tela da TV.

Depois que a TV foi quebrada, longas caminhadas ocuparam o lugar de *CSI Miami*, *Dexter* e os antigos clássicos do TCM. Eu preferia fazer rotas por onde nunca tinha andado, e cheguei a descobrir caminhos que eu não conhecia. Uns me davam a impressão de não serem usados desde muitos anos, porque os galhos obstruíam a passagem e roçavam minha jaqueta quando eu passava. Às vezes, quando já estava escuro, eu descobria uma luz, várias luzes, minúsculas em função da distância, mas assim mesmo visíveis através de uma interminável fileira de aberturas em meio à folhagem. O pisca-pisca de um carro, por exemplo, podia surgir bem à minha frente logo depois que um semáforo houvesse trocado do amarelo para o verde, bem ao longe.

Ao voltar para casa eu sempre parava um tempo no corredor e escutava antes de entrar para ver se alguém estava chorando.

Era muita coisa que eu não entendia. A brutalidade em tudo: no mercado, a forma como as pessoas empurravam os carrinhos à frente, a forma como remexiam nos produtos congelados, ou como postavam-se junto às gôndolas de verduras e falavam em voz alta, como se nada tivesse acontecido. Na rua, o tráfego infernal, os motoristas fncavam o pé no acelerador e enfiavam a mão na buzina assim que alguém da fila demorasse um pouco mais para dar a partida ao abrir do sinal. Os

estudantes que vinham em grandes bandos e que davam a impressão de estarem prestes a explodir de felicidade. Barulho por toda parte, carros em movimento, pessoas falando, música alta. Tudo para abafar o imenso abismo de silêncio que teria se aberto se todos parassem com aquilo que estavam fazendo. Pessoas que falavam, mas nenhuma delas sobre Ole-Jakob. Malditos filhos da puta do inferno. Como era possível? Sobre o que podiam estar falando, quando ele estava morto?

O mundo zombava de nós. Zombava de Stine, que devia fazer parte daquela multidão vibrante, que devia ser uma peça naquele grande jogo ainda durante muitos anos, um jogo que mal havia começado quando ela foi excluída. Por mais que eu soubesse que ela voltaria a ele mais tarde. E que tudo muito provavelmente daria certo, com o passar do tempo. “Com o passar do tempo”: uma zombaria, também isso. A ideia de que tudo acabaria bem. De que ela conseguiria. De que em não muito tempo dançaria valsa, daria sorrisos e risadas, faria brincadeiras e falaria bobagens, total e completamente dedicada à eterna baboseira de que era composta a vida em meio a outras meninas de sua idade, como devia compor-se, uma extensão necessária no caminho rumo à identidade adulta. Ela voltaria a tudo isso com a coragem renovada; era apenas uma questão de tempo. Aquilo que pesava sobre ela seria posto de lado, não de todo, mas o suficiente para que conseguisse levar a vida em meio às outras pessoas, o suficiente para que mais uma vez pudesse dançar a valsa.

Durante os primeiros dias ela não disse nada. O que havia a dizer? Toda vez que eu ou Eva, em nosso temor por saber como estava, tentávamos extrair qualquer coisa dela, ela fechava o rosto, duro como uma pedra, ou então começava a chorar, o que por fim nos deixou com um temor de tentar que era maior do que aquilo que poderíamos descobrir se conseguíssemos. Quando por fim ela quebrou o silêncio, foi com xingamentos e palavras. MALDITA PORRA DO INFERNO, foi a primeira coisa que a ouvi dizer. Foi como ouvir Eva, a voz era igual. O agente funerário tinha estado em nossa casa para discutir os últimos detalhes, eu tinha acabado de fechar a porta quando ouvi Stine na cozinha. MALDITA PORRA DO INFERNO! Senti uma pontada de alegria. O primeiro sinal de vida de uma pessoa que parecia ter nos deixado! Fui ao encontro delas. Stine havia se levantado, aquilo se derramava para fora dela, como se estivesse vomitando, uma grosseria pior do que a outra, as acusações choviam. Eva estendeu o braço e mal conseguiu segurá-la antes que a mão fosse empurrada de volta. Olhei para as duas e notei como estavam parecidas, mãe e filha. Stine era mais bem-talhada, como se houvesse pegado o rosto de Eva e o aperfeiçoado. E pensei em quantas vezes, ainda pequena, ela se havia sentado em silêncio e escutado o irmão falar sobre tudo o que existe no céu e na terra, na maneira como sentava-se para observá-lo e admirá-lo, como

deixava todo o falatório para ele, como o mandava à frente no mundo para que ele pudesse voltar e lhe dizer como era.

O tempo inteiro eu tentava pensar em outra coisa, mas não conseguia, a concentração me escapava, meus pensamentos eram como desenhos malfeitos, que tinham de ser rasgados de imediato.

Eva só começou a chorar semanas mais tarde. Mas um dia eu voltei de um daqueles malditos passeios do inferno meus e ouvi o aspirador de pó na sala, encontrei-a atirada no chão, soluçando, como se tivesse chorado tanto quanto podia e não tivesse mais nada a oferecer, mas assim mesmo não conseguisse parar. Levantei-a, ela era pesada como um homem forte e segurava o aspirador de pó com tanta força que precisei afrouxar dedo por dedo antes de conseguir soltá-lo. Eu a coloquei no sofá e apoiei a cabeça dela no meu colo. Grandes manchas úmidas eram visíveis no chão onde momentos antes ela estava caída. Passei a mão nos cabelos dela e tentei acalmá-la. “Já passou, já passou”, eu disse, como se falasse com uma criança. “Nós vamos sair dessa. Nós vamos sair dessa.” Mas assim que falei eu percebi o vazio daquelas palavras, o vazio naquilo que eu tinha acabado de dizer, naquilo que eu tinha me convencido a querer mais uma vez – exatamente como quando eu voltava depois da “minha aventura” –, o vazio em tudo que tinha existido, em tudo que existia e em tudo que haveria de existir. E eu sabia que, independentemente do que eu dissesse, independentemente do que eu pudesse levá-la a crer, mais cedo ou mais tarde aquilo tudo seria revelado como um juramento vazio, como uma promessa sem qualquer tipo de garantia, sem qualquer ligação com a realidade que logo voltaria para nos destruir. Eva continuou deitada, imóvel. Senti o corpo dela tenso enquanto eu a abraçava e o aspirador de pó continuava a rugir para as paredes. O que vamos fazer?, pensei. Quando tudo isso acabar? Quando deixarmos a tristeza para trás? Quando superarmos isso tudo, se é que vamos superar, que diabos nós vamos fazer?

Eva tinha entrado lá para arrumar, eu sabia, mesmo que eu não aguentasse entrar, não sei ao certo por quê. Por medo de que ele estivesse lá, em meio às coisas dele? No fim aquilo pesou tanto para mim que tive a impressão de que eu não conseguiria fazer mais nada enquanto não entrasse. Esperei um dia em que eu estivesse sozinho em casa. E mesmo assim passei um longo tempo parado em frente à porta. Lá me ocorreu que fazia muito tempo desde a última vez que eu havia entrado no quarto dele, eu não tinha entrado nenhuma vez desde a minha volta para casa, nenhuma vez desde que eu os tinha abandonado para viver com Mona. Primeiro eu bati. Depois abri a porta e entrei.

Eva não tinha arrumado. Tudo estava conforme ele havia deixado: pilhas de roupas no chão, fone de ouvidos e toalhas e CDs e revistas e latas vazias de

bebida energética, fios, um desodorante, uma lata de spray, o videogame como um pequeno rochedo em meio a um redemoinho de bagunça. A porta do armário estava aberta, e de lá saía uma cesta com roupas de baixo. No parapeito da janela havia uma fileira de esqueletos uniformizados, pintados a mão de forma elaborada, com um suporte quadrado sob os pés de cada um. Me ocorreu que aquela era a única coisa marcada pela ordem. O cabo do videogame tinha uma parte desencapada bem próxima ao plugue, e quando me abaixei para tirá-lo da tomada essa parte soltou faíscas e revelou o cobre que havia lá dentro. Assustado como uma criança, deixei aquilo de lado.

Me sentei na cama. O edredom parecia úmido, e uma das pontas estava desbotada. Olhei para o teto. Todas as fotografias e pôsteres que eu vira em outras épocas tinha desaparecido. Mas havia uma frase escrita com pincel atômico, em letras de forma grossas: NÃO QUERO ACORDAR AMANHÃ. Na pantalha do abajur estava colado um adesivo que havia começado a derreter; a parte de cima havia se enrolado em um pequeno tubo. Levantei o edredom. Embaixo havia uma embalagem de chocolate e uma meia. Peguei a meia na mão. Era uma meia branca com uma listra azul na parte de cima. A sola estava preta de sujeira, e havia folhas de grama ainda pressas ao material fino. Me perguntei quantas vezes eu teria pedido a ele e a Stine que não saíssem ao pátio usando nada além de meias. E pensei naquilo que eu havia dito tantas vezes, *eu já disse isso mil vezes*, que eles adoravam usar para me confrontar. Mas naquela ocasião precisa a razão estava do meu lado. Levei a meia ao nariz. O odor de chulé fez com que tudo girasse ao meu redor. Fiquei sentado, cheirando. Apertei a meia contra o rosto e fiquei respirando através das fibras. Era como se eu estivesse sendo levado pelo repuxo, como se eu me afogasse na bagunça dele. Era um sentimento maravilhoso.

Um dia eu peguei um ônibus, fui até o centro da cidade e voltei. Cochilei por uns instantes, e quando acordei eu não sabia onde estava. Fiquei sentado com a testa apoiada no vidro, que vibrava de leve com o ruído do motor, e tentei me concentrar naquilo que eu via, fixando os olhos nas construções e nos veículos da paisagem, que desfilavam à minha frente e criavam histórias sobre as pessoas a quem pertenciam. A certa altura o ônibus fez uma curva e passou por um caminho que transportava cascalho na caçamba. Na parte mais alta da encosta havia um moraina com raízes de plantas espalhadas para todos os lados. Um blusão branco pendurado para secar em cima de um lençol branco parecia um rosto velho com olhos cansados e uma boca torta. Também vi muitas cercas e estufas, uma em estado pior do que a outra, como se tivessem sido erguidas com o objetivo de tornarem-se decrepitas. Mas quando tornamos a nos aproximar dos grandes loteamentos, foi como se tudo se tornasse mais solene, até mesmo a natureza,

como se tudo, as pessoas, os bichos, as plantas, desde lá até o centro da cidade estivessem a mostrar-se com um aspecto mais favorável. Um casal jovem havia sentado à minha frente; a garota pousou a cabeça no ombro do rapaz, que de vez em quando inclinava a cabeça para a frente e olhava para ela. Notei que senti uma inveja enorme dele, de ambos. Um sentimento de paz abençoada pairava sobre os dois, que se encontravam despreocupadamente inseridos num ambiente que ainda não tinha forças para abalar a felicidade e a paixão que sentiam. Para esses dois, pensei, o mundo não teria nada a dizer. Nada é capaz de perturbá-los. Estão em perfeito equilíbrio. O amor e o desejo igualmente divididos, sem nenhum questionamento acerca de qual dos dois seria o mais desejoso. Quando eu estava saindo, me virei em direção a eles e disse: “Lembrem-se desse momento!”. O rapaz levou um susto, olhou realmente apavorado para mim, e quando o ônibus seguiu viagem eu tive um relance do casal na janela, ambos me olhavam como se eu fosse uma pessoa que houvesse tentado fazer qualquer coisa, sem que entendessem o quê.

Acho que foi na mesma tarde em que Boris me falou sobre a casa misteriosa, num lugar qualquer da Eslováquia, ele não sabia onde, que funcionava de maneira que as pessoas que tivessem os contatos certos e pagassem um determinado valor, sem dúvida altíssimo, recebiam uma chave e um papel com um endereço, e também um horário, um horário exato em uma data predefinida, e se as pessoas entrassem na casa precisamente naquele instante, haveriam de se confrontar com os piores medos que têm na vida. E, segundo Boris, houve pessoas que afirmaram ter entrado na casa e saído com a consciência leve, curadas de tudo aquilo que lhes parecia um fardo, alegres e contentes, sem nenhum resquício de angústia no corpo. Tinham visto as piores coisas imagináveis, e depois daquilo nada mais poderia ameaçá-las. Outras, segundo me disse, tinham saído com o semblante terrível e desfigurado, a tal ponto que até mesmo pessoas muito próximas tiveram dificuldades em reconhecê-las. Um homem tinha saído com a pele totalmente cinza e o nariz deslocado para a bochecha e, sem jamais dizer sequer uma palavra a qualquer outra pessoa, trancou-se em um cômodo no apartamento onde morava e lá ficou até morrer semanas mais tarde. Outro teria saído da casa para ir direto a uma linha férrea e jogar-se embaixo de um trem de carga que o decapitou. Houve os que ficassem cinco minutos na casa e saíssem absolutamente convencidos de que tinham passado anos trancados lá dentro. Houve os que acreditaram não ter percebido diferença nenhuma até muito tempo depois, quando o que havia de completamente aterrorizador nos pensamentos surgidos lá dentro revelou-se de repente. E houve os que dissessem que o importante era manter-se acordado lá dentro, que era possível lidar com aquilo, com a casa, desde que não se dormisse lá dentro, porque uma vez que se adormecesse não havia mais volta, tudo estava perdido.

Primeiro achei que era invenção dele, uma criação desesperada que pudesse me fazer pensar em outra coisa, uma vez que certamente me considerava indiferente às formas tradicionais de consolo. Ao recebê-lo em casa, eu percebia que ele procurava incessantemente dizer coisas que mesmo por uns poucos minutos pudessem tirar meus pensamentos da única coisa que me ocupava, que ele sinceramente desejava, por um instante que fosse, substituir aquilo por outra coisa, qualquer outra coisa que não tivesse o nome Ole-Jakob.

Ele parecia entusiasmado, tagarelava sem parar, descrevia todos os detalhes. O homem que eu devia contatar chamava-se Zagreb. Para encontrá-lo, segundo Boris, era preciso ir a um bar chamado *Neusohl* em Bratislava, no bairro atrás da Reduta, a casa de concerto da orquestra filarmônica, e dizer ao bartender, depois de ter pedido uma Corgoň, que gostaria de ver o lugar onde “a esperança transforma-se em merda”. Parecia a trama de um romance de Boris Snopko. E no fundo eu achava mesmo que era.

Durante o resto da tarde ele fabulou sobre o que provavelmente teria encontrado caso se aventurasse a entrar na “casa do medo”. Em circunstâncias normais começaríamos a fazer uma série de provocações. Mas naquele instante ele não precisava me perguntar. Talvez sentisse uma vontade enorme de perguntar. Mas, como a resposta já estava dada, não seria nenhum horror deixar o assunto de lado.

Eu me senti grato por isso. Não naquela hora, porém mais tarde. Todas as histórias que ele contou. Eu não prestava atenção, porque era indiferente àquilo tudo, ele tinha razão, mas assim mesmo eu ouvi, como se uma parte de mim estivesse prestando atenção para fazer uso daquilo mais tarde. Lá, na hora, ele me irritou a ponto de eu ter que me segurar para não o mandar embora. Chegar entusiasmado daquele jeito, querendo tirar minha tristeza de mim! Foi como se ele me interrompesse durante um culto religioso. Aquela disposição era uma ofensa, aquelas palavras de apoio eram blasfêmias. Mas uma parte ínfima de mim reconheceu aquele esforço e o amou por aquilo, por ter persistido, mesmo sabendo o tempo inteiro que nada chegava ao meu âmago, por ter ao mesmo tempo deixado que eu permanecesse sob o poder da minha indiferença e feito tudo o que podia para me libertar, por ter simultaneamente me deixado e não me deixado em paz.

Depois pensei naquilo: para ele, deve ter sido como visitar um amigo na prisão.

Meu exemplar da tradução norueguesa de um dos livros dele tinha uma dobra no canto da página trinta e pouco. A história era sobre uma sociedade em que, por conta da superpopulação, havia introduzido uma lei que permitia a todos os cidadãos maiores de idade o direito de matar uma pessoa sem responder

a qualquer tipo de processo criminal. Mais tarde, quando passou a escrever em norueguês, ele procurou em vão por uma editora disposta a publicar o livro. Também não conseguiu lançar traduções do material já publicado. E quando, numa tentativa derradeira, traduziu um dos manuscritos em norueguês para eslovaco, a antiga editora dele tampouco se interessou. Eu não sabia se ele tinha escrito outros livros depois disso, e minha impressão era que toda aquela imaginação fértil desde então era usada para criar as mais variadas explicações para essas recusas. Além disso, ele investia uma quantidade enorme de recursos em falar mal de tudo que era publicado, estivesse ou não relacionado a seus livros. E, mesmo que houvesse uma certa dose de humor nisso tudo, ele acusava outros autores de ter surrupiado ideias suas, por mais distantes que pudessem estar do tipo de coisa que podia ter inventado. Tornou-se uma obsessão para ele. Como ninguém gostava do que ele escrevia, ele não gostava de ninguém que escrevia. Tudo isso com tanta intensidade que provavelmente não lhe restava energia para investir naquilo que, se tivesse visto a luz do dia – essa era uma premissa tácita de todas as sentenças implacáveis que ele prolatava –, teria superado todo o resto.

Quando Ole-Jakob era pequeno contei-lhe uma fábula inventada à medida que eu a contava, um capítulo por noite, mais tarde colocada no papel, já que ele não parava de tagarelar a respeito do assunto, e mandada para uma editora, porque a minha irmã, que ficara sabendo de tudo, achou que não faria mal nenhum, e que após receber pequenos ajustes foi publicada com o título *O príncipe que não sabia*, dedicado à pessoa que tinha me levado a escrever o livro e que, segundo eu imaginava, um dia haveria de ler a história em voz alta para os filhos e mostrar-lhes a dedicatória, cheio de orgulho. A fábula contava a história do príncipe Emmanuel no reino de Tekirekki, um príncipe que não sabe que é príncipe, porque o pai dele, o rei Sander, que é viúvo, tirou-o de casa quando ainda era pequeno para que tivesse uma infância comum com uma família comum, frequentasse uma escola comum, tivesse amigos comuns, em suma, para que não recebesse nenhum tipo de tratamento especial nem fosse tratado a pão de ló até que estivesse maduro o bastante para conhecer a incrível linhagem a que pertencia. – *Meu Deus, que rei burro!* – disse Ole-Jakob, desesperado ao pensar em tudo que esse menino havia de perder. Nesse meio-tempo fica claro que Bellamira, a mãe da família adotiva, é uma bruxa que não pode ter filhos e se toma de amores pelo menino a ponto de querê-lo para si, o que a leva a lançar sobre o rei uma maldição que o faz esquecer que tem um filho. E assim os dois, pai e filho, vivem por muitos anos, sem nada saber a respeito um do outro. Sozinho no castelo, o rei aceita o pedido feito por um familiar distante, rei de um país assolado por uma guerra civil, que pergunta se a filha, a princesa Caroline, poderia morar com ele até o fim da guerra. Mas

acontece que o rei Sander recebe e educa Caroline como se fosse sua própria filha, e os habitantes de Tekirekki, mesmo sabendo que isso não é verdade, começam a pensar nela como sendo a filha do rei e a legítima herdeira do trono. Os habitantes também manifestam grande interesse pelo bicho de estimação da princesa, o sapo Fredrik. Corriam boatos de que seria um príncipe enfeitiçado, que a princesa, no que dia em que se tornasse maior de idade, haveria de beijar para então casar-se com ele. Dito de outra forma, era o futuro rei que o povo via naquela criatura pegajosa com uma correia de ouro e uma coleira de diamantes que sempre chegava saltitando dois passos atrás da graciosa Caroline.

Bellamira, a mãe adotiva de Emmanuel, tem uma irmã gêmea, Mirabella, que também é bruxa, mas uma bruxa do bem. Mirabella é a única que conhece o plano maléfico de Bellamira, porque tem uma bola de cristal onde pode ler o pensamento de qualquer pessoa. Mesmo assim, não pode fazer nada para impedi-lo, porque Bellamira também lançou uma maldição contra a irmã que a impede de sair da casa onde mora. Assim, Mirabella decide atrair Emmanuel até sua casa e revelar-lhe toda a verdade. Ela faz isso tocando uma harpa mágica (na verdade os próprios cabelos, que alcançam o chão quando ela inclina a cabeça para o lado e que ela prende com a ponta do pé). A magia funciona: Emmanuel desperta e deixa-se levar por aquelas notas maravilhosa até a casa da bruxa, que por fora parece uma casa normal, mas por dentro tem as paredes e o teto feitos de alcaçuz. Ao mesmo tempo, Mirabella lança uma maldição sobre a casa dos pais adotivos, para que o tempo pare lá dentro até que a maldição seja desfeita. Mirabella conta a Emmanuel quem ele é na verdade e mostra-lhe o castelo, o pai e todas as outras pessoas que lá moram na bola de cristal. Ao ver a linda menina que anda pelos salões com um sapo na coleira o príncipe se apaixona de imediato, o que no entanto tem o cuidado de não revelar para sua aliada.

Mas há muitos perigos no caminho que leva à reunião da família. No castelo também mora o conselheiro do rei, um poodle verde chamado Madagascar – na verdade um porco cor-de-rosa transformado em poodle, porque Ole-Jakob achava os porcos nojentos – que um feiticeiro de Madagascar fez com que andasse sobre duas patas e aprendesse o uso da língua, e que naquele momento, após muitos anos a serviço do rei, havia tomado gosto pelo poder e começado a fazer planos para derrubá-lo e transformar Tekirekki em uma ditadura. Para concretizar o golpe de estado, ele conta com a ajuda de quatro armas secretas, mais precisamente, quatro super-heróis que podem ser conjurados por meio de um baralho mágico roubado do feiticeiro que o transformou.

Em outras palavras, não são poucos os desafios que esperam o príncipe que não sabia: primeiro ele precisa entrar no castelo vigiado, fazer contato com

o pai e convencê-lo de que existe um laço de sangue entre os dois, para então revelar e impedir os planos maléficos do conselheiro. Sendo assim, precisa de um amigo e de um escudeiro para essa jornada cheia de perigos. Mirabella de bom grado teria feito companhia se pudesse. Mas ela teria de se contentar em orquestrar tudo da prisão domiciliar na casa de alcaçuz. – *Como ela arranja comida, se não pode sair nunca?* – *Como você acha?* No recanto mais a oeste do parque da cidade, sob a raiz de um velho carvalho, vive um anão corcunda chamado Fábulo, que não é particularmente corajoso, mas que ganha asas nas costas toda vez que sente medo. Fábulo é o melhor amigo de Mirabella e está a par de todos os perigos que ameaçam o reinado. O primeiro capítulo termina quando Emmanuel recebe de Mirabella instruções sobre como entrar em contato com Fábulo, e então é posto a caminho com as seguintes palavras: «O medo dá asas. Mas é quando aterrissamos que o trabalho de verdade começa!».

Emmanuel procura Fábulo na gruta secreta debaixo do carvalho. Os dois traçam um plano de ataque e começam a jornada rumo ao castelo, equipados com um pequeno arsenal que inclui o chamado bilhete dos desejos, que funciona de maneira que, se uma pessoa o tiver na mão e alguém disser o nome de um lugar qualquer no mundo, a pessoa desaparece rumo a esse lugar para nunca mais voltar de lá. Enquanto isso a missão revela-se mais dramática do que tinha se imaginado antes, uma vez que Madagascar se adianta em relação ao rei e envia cavaleiros de sua confiança ao encontro dos invasores do castelo: o Valete de Ouro, armado com uma lança, a Dama de Copas, sedutora irresistível, o Rei de Paus, armado com uma alabarda, e o Ás de Espada, um mestre no manejo do chicote. – *Legal!* Os encontros são violentos, e mais de uma vez Emmanuel é salvo por um Fábulo apavorado, que o agarra pela gola do casaco e o leva voando para um lugar seguro. Caroline é a única para quem conseguem revelar o complô, mas logo os três são capturados pelos Cavaleiros do Baralho Mágico e trancados a sete chaves em um dos fossos de prisioneiros na masmorra do castelo. Lá, são vigiados pelo Valete de Ouro, que tem a chave da cela pendurada no cinto. Ou seja, estão em quatro atrás das grades, uma vez que Caroline naturalmente não quis separar-se do futuro esposo. E quem os salva é justamente o Sapo Fredrik. Ao fim de uma longa e difícil negociação, Emmanuel e Fábulo convencem a princesa a antecipar o seu beijo de amor. Após todos se convencerem de que o Valete de Ouro está dormindo, o sapo é colocado para o lado de fora, por entre as barras da cela, e então Caroline o beija: – *Argh!* e pluft, lá está um rapaz com rufo, coroa de ouro e longos cachos dourados. O príncipe Fredrik claramente não se lembra de muita coisa acontecida durante a vida como sapo e pretende abandonar todos ao próprio destino e sair daquela masmorra fedorenta o quanto antes. – *Meu Deus, que burro!* Mas os três

por fim conseguem explicar-lhe a gravidade da situação. Embora contrariado, ele assume a tarefa de soltar a chave presa ao cinto do temível guarda e abrir a porta da cela, e então – para a grande satisfação de Emmanuel – dá no pé e some da história como um raio.

Com manhas e artimanhas, Emmanuel, Fábulo e Caroline chegam aos aposentos do rei e esbaforidos contam toda a história para um monarca zozno de sono e um tanto incrédulo. Como se poderia esperar, o rei desconfia da história contada pelos invasores, pois tem uma confiança inabalável em Madagascar, que lhe serviu fielmente por anos a fio. O conselheiro é chamado e a batalha contra o conspirador parece novamente estar perdida. Até que o poodle verde dá com a língua nos dentes e menciona um detalhe que confirma a versão dos amigos em relação aos acontecimentos do último dia. Madagascar percebe que a farsa está por um fio e, tomado pelo desespero, invoca os Cavaleiros do Baralho Mágico, que invadem os aposentos do rei e cercam os três. O rei se apavora com o que vê, e mesmo que ainda estivesse disposto a conceder o benefício da dúvida em favor do conselheiro, essa dúvida some assim que Madagascar ordena ao Ás de Espada que o fustigue com o chicote. – *Meu Deus!* Ao fim da agressão, Madagascar proclama-se rei e zomba do ensanguentado rei Sander e de todas as suas fraquezas como regente. – *Meu Deus!* No momento em que os prisioneiros estão sendo levados, o novo rei, já escaldado pela primeira fuga, pede que lhe entreguem a mochila de Fábulo. Ele passa um bom tempo a revistá-la. E, no momento exato em que tem a mão, ou melhor, a pata no bilhete dos desejos e se pergunta o que poderia ser aquilo, a porta se abre e o criado pessoal do rei entra com a bandeja do café da manhã. Surpreso ao deparar-se com a cena que encontra, ele deixa a bandeja cair no chão e grita assustado: «Ora essa! Madagascar!». E pluft, assim o poodle some em uma nuvem de pó verde. – *Que demais!* No mesmo instante o poder que tinha sobre os quatro cavaleiros desaparece. Os quatro prostram-se no chão e reverenciam Sander e os heróis. – *E a heroína!* – *E a heroína.* Até mesmo o Ás de Espada, que parece inconsolável e se põe de joelhos a implorar perdão pela crueldade, e que jura, por si mesmo e por todos os colegas, que daquele dia em diante encontra-se total e completamente a serviço do único e soberano rei de Tekirekki.

O dia que mal começou torna-se um dia alegre, mais tarde declarado o segundo dia nacional do reino. À noite há uma grande festa no castelo, durante a qual Mirabella, já libertada da maldição da irmã, entretém a companhia tocando harpa com tanta beleza e tanta emoção que a música chega a abafar os lamentos de Bellamira, que vêm da masmorra, até tarde da noite. Emmanuel e Caroline, um pouco às pressas, tornam-se noivos, e Fábulo torna-se bobó da corte. Todos estão felizes. É o começo de uma nova era.

A fábula termina quando o príncipe pergunta ao rei: «E agora eu vou morar aqui no seu castelo?».

«Vai», responde o rei.

«Para sempre?»

«Para sempre.»

«E você vai cuidar de mim, não importa o que aconteça?»

«Você não tem nada a temer, filho», responde o rei. «Não importa o que aconteça, eu vou estar aqui e cuidar de você. Não importa aonde a vida o leve, eu vou estar ao seu lado e vou protegê-lo. Através da noite e rumo ao dia.»

[...]

Minha primeira suspeita foi que estaria relacionado a Mona. Que Eva devia ter encontrado coisas que eu escrevi para ela, ou que ela escreveu para mim, e que eu tinha esquecido de pôr fora. “Eva, o que é isso?”, eu perguntei, apavorado com a possível resposta. E então Eva abriu a boca, mas sem nenhum saiu dela, foi apenas um buraco vazio o que se abriu, um buraco que levava à mulher que tinha sido minha esposa, mas já não era mais, que naquele momento era apenas o espaço vazio que ela mesma havia deixado para trás ao ser arrancada para outro lugar.

Eu vi o carro. Tentaram me impedir, mas eu insisti. Estava em uma oficina, já não me lembro onde, e parecia um objeto frágil que uma criatura gigante tivesse amassado entre as mãos e somente então houvesse se tornado duro, compacto, maciço, com todas as possibilidades e todo o movimento presos no interior de um bloco amassado que não se deixava mais abrir, que nenhuma força no mundo seria capaz de desamassar para que aquilo que havia estado lá dentro pudesse sair e viver outra vez.

Eu vi Ole-Jakob. Tentaram me impedir de fazer isso também. Mas no fim me deixaram entrar no necrotério, onde depois de muitas advertências mostraram-me uma coisa que parecia tão distante de se parecer com qualquer outra coisa que eu tivesse visto antes que, quando vomitei, não foi nem por saber que era ele, mas por causa do que eu tinha visto, tão somente por causa disso.

[...]

Ela parou apenas quando chegou perto de mim. Postou-se ao meu lado, tão próxima que o tecido das nossas jaquetas se roçaram. Passamos um bom tempo assim, sem dizer nada. Eu olhava para ela às escondidas. Havia um ponto de manteiga ou maionese no canto de sua boca. Aquilo me irritou, saber que ela tinha comido. E senti necessidade de contar-lhe sobre Ole-Jakob, sobre quando o vi naquela bancada de metal reluzente. Descrever os olhos, que haviam explodido com o impacto. Descrever o buraco no lugar da boca, que já não existia mais. Como se um monstro em fúria o houvesse dilacerado, eu tinha vontade de dizer, como se um troll verde o tivesse agarrado e espancado até a morte e mutilado o corpo com a força de um gigante.

“Como você está?”, eu perguntei.

Ela não respondeu à pergunta; simplesmente continuou olhando para o mar verde do outro lado.

Na minha boca eu ainda sentia o gosto do vômito.

Um caminhão passou na estrada.

“Estou bem”, ela respondeu, dando a impressão de que poderia desabar a qualquer momento.

Quando voltamos ao entardecer, a casa parecia nova. Era como se tivéssemos acabado de nos mudar para lá. Os quadros pareciam recém-pendurados, a cozinha dava a impressão de ser tão nova e tão organizada como o mostruário de uma loja; tudo parecia impessoal e morto, como se ainda não pertencesse a ninguém, simplesmente estivesse lá.

[...]

Tentei dizer qualquer coisa para Stine, para ajudá-la, uma coisa trivial, completamente inofensiva, que trouxesse consigo uma promessa, que pudesse convencê-la de que o perigo havia passado, de que já era possível seguir adiante. Eu queria dizer algo capaz de abrir um novo caminho para ela, minha anjinha, a pessoa que eu amava mais do que qualquer outra no mundo. Mas não me ocorreu nada. E eu tampouco sabia para onde “seguir adiante” poderia levá-la. Além do mais, ela dava a impressão de querer que a deixassem em paz. Aquela introspecção me fez pensar em Ole-Jakob. E então imaginei que ela estaria com ele, em um lugar escondido dentro de si mesma, que aquilo era uma tentativa de

compreendê-lo, que ela estava em busca de uma resposta, e por isso não queria que a incomodássemos. Que os incomodássemos.

Quando chegou em casa pela primeira vez depois de voltar às aulas, Stine largou a mochila no corredor, no lugar onde eu já lhe havia dito mil vezes que a mochila nunca devia estar, chutou as botas para o meio do tapete e fez uma tentativa fracassada de pendurar a jaqueta, que ficou jogada como um risco de incêndio amorfo em cima do aquecedor que havia logo abaixo do cabide. Eu queria dizer alguma coisa para ela, mas ela subiu direto para o quarto, e em vez de chamá-la de volta eu peguei a jaqueta e a pendurei no lugar, coloquei as botas na prateleira de sapatos, coloquei a mochila em cima do banco sob o espelho e percebi que eu nunca mais havia de repreendê-la por nada. Ela está viva. Ela precisa apenas viver. Depois do que aconteceu, não podemos exigir mais nada dela, a não ser que viva.

As pessoas que conhecíamos ou nos evitavam tanto quanto possível ou faziam o contrário, mal se permitiam afastar-se de nós, apareciam à nossa porta de manhã e de noite, e depois que chegavam não queriam mais sair, como se acreditassem que não havíamos de sobreviver a não ser que estivessem lá para nos segurar de pé. Talvez sentissem como se fosse um dever. Ou ainda tivessem a ideia de estar fazendo parte de um grande acontecimento, o que lhes conferia um papel importante, de maneira que, graças à participação e ao sacrifício oferecidos, pudessem fazer parte da história que a partir de então seria contada sobre a tragédia que se abatera sobre a família Meyer. Era certamente injusto da minha parte, mas eu não conseguia parar de imaginá-las correndo mundo afora depois de nos fazer uma visita e contando as últimas notícias sobre aquela casa enlutada. E eu imaginava a maneira como aumentavam a história ao revelar detalhes para todas as pessoas que não se atreviam a entrar em contato, que restringiam a solidariedade a mensagens de texto ocasionais, tão pífias que eu raramente aguentava lê-las até o fim. Não que as mensagens recebidas cara a cara fossem melhores. Em certos casos, o que tinham no coração era quase imperscrutável; teríamos encontrado frases de sabedoria e palavras de encorajamento mais bem formuladas ao abrir uma revista qualquer. Pode saber, vocês vão sair ainda mais fortes dessa, eu ouvi uma amiga dizer para Eva. Se eu tivesse as forças necessárias eu teria pegado o machado, que ainda estava na TV, cortado o braço dela fora, entregado o braço para ela e dito: Pode saber, você vai sair ainda mais forte dessa.

E eu pensava se não estaria fazendo o mesmo que Stine, buscando o isolamento como uma forma de estabelecer contato com Ole-Jakob. De manter-me no mundo dele. De estar lá até enfim compreender o desejo de ser destruído.

O tempo passou. Eu vi Eva se reerguer. A tristeza a fortaleceu. Talvez as pessoas que lhe haviam oferecido palavras de encorajamento tivessem razão? Ela se tornou mais dura e aproveitou a admiração recebida por conta da postura altiva. Além disso, notei que os movimentos dela tornaram-se mais ligeiros, na cozinha, no jardim, no mercado, em toda parte, as tarefas eram todas desempenhadas num instante, uma após a outra, como se tudo fosse mais uma peça no quebra-cabeça em que ela trabalhava, um quebra-cabeça que mostrava a nossa vida como tinha sido antes. “Ela é a eficiência em pessoa!”, ouvi alguém dizer; e não seria possível dizer de melhor forma. Tudo era feito com mão de ferro, como se aquilo que outrora havia servido de base para as ações dela tivesse sido perdido e restasse apenas fazê-las assim mesmo. Tudo, a não ser dirigir, o que se negava a fazer, a única coisa que havia ficado com ela e com a qual não sabia lidar. Eu quase não a reconhecia. Ela ainda era a mesma, porém transformada a ponto de estar irreconhecível, como uma máquina que tivesse a tarefa de simplesmente aguentar, sem nem ao menos saber por quê. Ela trabalhava. Era isso que ela fazia. O trabalho de uma vida inteira feito sem nenhum tipo de amor, durante o tempo necessário. Eu tinha arrancado dela o amor que ainda lhe restava. Primeiro eu, depois Ole-Jakob, os dois homens em sua vida.

Tentei seguir o exemplo dela, eu voltei a trabalhar e disse a Lise que poderia marcar pacientes em qualquer horário da tarde e da noite sempre que houvesse necessidade, quase sem me permitir intervalos, recebendo de bom grado a tontura, fazendo todo o possível para me sentir exausto, acabado, exaurido, tão trêmulo que às vezes, no final daqueles dias intermináveis, eu correria o risco de perder minha licença se o que eu estava fazendo chegasse aos ouvidos das instâncias competentes.

[...]

Zagreb passou um longo tempo me olhando. Por fim sorriu.

“Dizem que o homem que construiu essa casa para si e para a família descobriu que a mulher o havia traído, ainda durante a construção das fundações, e então enlouqueceu e matou a esposa e os dois filhos do casal. Depois jogou os corpos sob o assoalho do porão. E assim mesmo ele terminou de construir a casa, com duas partes totalmente separadas, e se mudou para uma delas. Logo as coisas devem ter ido mal para ele pela segunda vez, porque ele construiu um aparato curioso, uma pequena gaiola para usar junto do peito, com grades e teto, porém sem fundo. Nessa gaiola ele colocou um rato faminto, e então amarrou a gaiola ao peito de maneira que fosse impossível tornar a desamarrá-la. E então ele deve

simplesmente ter esperado. Quando o encontraram, ele tinha a boca escancarada. Talvez quisesse ajudar o rato a sair por aquele caminho. As marcas revelavam que tinha estado por toda a casa antes de morrer. Havia poças de sangue em todos os cômodos. O rato foi encontrado na garganta dele. Havia roído um bom pedaço do caminho até lá em cima, mas acabou prendendo a cabeça entre o palato mole e as vértebras do pescoço, ficou entalado e não conseguiu avançar mais.”

Zagreb riu. “Que fim inusitado! Morto de fome preso em noventa quilos de carne fresca!” Ele passou as duas mãos pelos cabelos. “Parece o enredo de um filme de terror ruim”, ele disse, bocejando, como se de repente a conversa o aborrecesse. “Ou aquela sala a respeito da qual Orwell escreveu. O que quer que fosse.”

“Mas qual é a sua teoria, afinal?”, eu perguntei.

Mas ele ficou lá sentado, tendo na mão um computador portátil ou um telefone celular que ocupava toda a sua atenção.

Cora Sandel e a precisão linguística: As primeiras páginas de *Alberte og Jakob*

Fabiana Botrel¹

Sarah Cecilie Margareta, Cora e Alberte

Cora Sandel é reconhecida como um dos grandes nomes da literatura norueguesa. Sua obra não é extensa, mas desde sua estreia como romancista aos 46 anos com *Alberte og Jakob*, seu estilo marcante, sua sintaxe própria e a força de sua narrativa chamaram a atenção de críticos e leitores. *Alberte og Jakob* é o primeiro livro de uma trilogia que acompanha a personagem Alberte desde sua adolescência em Tromsø, passando por seu amadurecimento como artista em Paris e sua vida de casada. Cora Sandel publicou mais dois romances e oito coletâneas de contos, mas a trilogia sobre Alberte é considerada o ponto alto de sua obra. O trecho aqui traduzido são as primeiras páginas de *Alberte og Jakob*.

Cora Sandel é o pseudônimo de Sarah Cecilie Margareta Gørwell Fabricius, nascida em 1880 em Oslo. Aos doze anos, mudou-se para Tromsø com a família. Entre 1906 e 1921 morou em Paris, onde estudou artes plásticas. Casou-se com um escultor sueco e em 1921 mudou-se com o marido para a Suécia.

O que queria era ser pintora. Levou anos para descobrir que seu modo de expressão estava nas palavras. Mas talvez tenha sido seu poder de observação, treinado durante os anos de estudo de artes plásticas, que a proveu das ferramentas

1 Formada em Comunicação Social – Jornalismo pela PUC-Minas e Master of Arts pela Bournemouth University, Inglaterra. Mora na Noruega desde 2000. Em 2013 concluiu o Author training in children's and young adult literature do Norwegian Institute for Children's Books. Estreou como autora em 2018 com o romance para jovens *O vestido* (edições BesouroBox). Tem dois contos em norueguês publicados em revistas literárias na Noruega.

necessárias para descrever o ser humano, seus conflitos, encontros e desencontros de forma tão precisa.

Sua estreia como escritora foi em 1922, com um conto publicado em um jornal norueguês. Foi a primeira vez que assinou como Cora Sandel, pseudônimo que a acompanharia por toda a carreira. Teve inúmeros contos publicados na imprensa norueguesa antes de se consagrar como autora com a publicação de *Alberte og Jakob*.

A história de sua heroína Alberte é em grande parte inspirada por suas experiências pessoais. *Alberte og Jakob* se passa em uma cidade do norte da Noruega. O lugar nunca é citado pelo nome, mas não há dúvida de que a pequena cidade que acorda com as badaladas do sino da igreja em uma manhã no meio do inverno, na cena de abertura do livro, é Tromsø.

Edições equivocadas

Cora Sandel foi uma autora discreta, tanto na vida privada como na escrita. Pode-se dizer que sua voz narrativa é baixa, sussurrante. E é falando baixo que a autora vai entrando e mexendo na cabeça de leitores, expressando com precisão instantes que mostram claramente nossa condição humana.

A escolha precisa das palavras e da pontuação, a sintaxe e a linguagem poética e ao mesmo tempo concreta são características marcantes na sua obra. A riqueza de seu texto está nos detalhes. É aquela pequena palavra no lugar certo, na hora certa. Tanta precisão linguística pode ser um desafio para a tradução de seus textos. Percebe-se que cada palavra e cada construção gramatical foi escolhida com cuidado, e a tradução tem que seguir esse rigor, mesmo sendo necessária a mudança da sintaxe para alcançar o mesmo sentido e naturalidade do texto original. Por isso, foi com enorme espanto que, no início do trabalho com a tradução do trecho aqui publicado, fiquei ciente de que existem enormes discrepâncias entre as primeiras edições da trilogia sobre Alberte e as edições posteriores.

Essas divergências incluem trocas e omissões de palavras e até de frases inteiras. *Alberte og Jakob* foi publicado pela primeira vez em 1926, *Alberte og Friheten* em 1931 e *Bare Alberte* em 1939. A trilogia reunida foi publicada em 1941, e essa foi a última vez que Cora Sandel leu as correções. Na época a ortografia e a sintaxe do norueguês ainda eram muito influenciadas pelo dinamarquês. Em edições mais recentes, o texto foi revisado e modernizado. Erros de impressão acabaram resultando em novas palavras com ortografia semelhante. A modernização da sintaxe omitiu palavras e expressões, certas frases foram ligadas e outras foram

retiradas, o que em alguns casos levou à mudança do sentido, ou pelo menos do efeito linguístico desejado pela autora. Esses erros, modificações e equívocos foram transferidos de uma edição para outra.

O caso mais extremo foi a retirada de um total de quatro páginas com conteúdo político em uma edição do último livro da trilogia no outono de 1941. Os parágrafos continham duras críticas aos alemães. Na época a Noruega estava ocupada pela Alemanha, e o diretor da editora estava preso por atividades antinazistas. A editora ainda não estava sob o controle alemão – o que no entanto viria a acontecer em 1942 –, então se supõe que a supressão dos parágrafos tenha sido um caso de autocensura. O mais surpreendente é que essa omissão não foi corrigida em edições posteriores à Segunda Guerra Mundial, o que resultou em duas versões do romance. Em norueguês, somente a primeira edição do livro contém as sequências censuradas. Esses trechos mostram o amadurecimento político da personagem, e sem eles o texto fica empobrecido.

Não há nenhuma indicação histórica de que a diretoria da editora ou Cora Sandel, que faleceu em 1974, soubessem das mudanças, omissões e erros na obra que foram reeditados em edições posteriores, nem mesmo da autocensura no último livro da trilogia. As discrepâncias entre as primeiras edições e as mais recentes foram descobertas apenas em 1997 por uma tradutora sueca. Ao trabalhar com uma nova tradução, Gun-Britt Sundström notou que a antiga edição sueca continha trechos inexistentes na nova edição norueguesa. Por causa dessa descoberta, a editora norueguesa resolveu publicar novamente a trilogia completa em 2002, baseando-se nas primeiras edições de cada livro, trazendo correções comentadas. A tradução do trecho aqui publicado foi feita a partir dessa edição.

Para citar um pequeno exemplo de como o sentido do texto pode mudar com a omissão de uma única palavra, o segundo parágrafo da página 19 da edição de 2002 começa com “Litt efter litt glir hun ind i en slags våken døs.”, aqui traduzido como “Pouco a pouco ela desliza para um tipo de torpor consciente”. Em uma edição posterior o parágrafo começa com “Litt efter glir hun inn i en slags våken døs”. Aqui a repetição da palavra “litt” foi retirada. Sem ela a tradução seria “Logo depois ela desliza para um tipo de torpor consciente”, o que muda completamente o sentido da frase, em especial porque a cena mostra como a personagem tem dificuldade em se livrar do frio que a tortura durante todo o dia e boa parte da noite. Ela não desliza para um torpor consciente rapidamente, como a publicação mais recente descreve. É devagar que Alberte consegue ignorar o frio e cair em um transe. A personagem fica horas deitada, enrolada sob as cobertas, antes que o calor possa aquecer seu corpo e sua alma e ela finalmente possa adormecer.

Omissões como essa são infelizmente frequentes nas edições mais recentes de “*Alberte og Jakob*”, que segundo a editora foi o livro que mais sofreu com as revisões e modernizações equivocadas. Faltam, por exemplo, 75 palavras e pequenas expressões, e sete frases inteiras foram suprimidas. O que se perde nessas edições é a riqueza da linguagem literária e o estilo próprio da autora.

As vírgulas no caminho do tradutor

O caso comentado acima mostra a importância da escolha da edição nas traduções de textos clássicos. Na tradução de Cora Sandel, o ideal foi utilizar uma edição baseada no texto original, não modernizado. Mas não há dúvida de que a ortografia e a sintaxe ultrapassadas, assim como a escolha de palavras que já caíram em desuso na versão original, tornam o trabalho de tradução mais árduo. O norueguês *bokmål*, uma das duas línguas oficiais na Noruega e a que é usada na sua forma escrita pela maioria da população, é muito próximo ao dinamarquês. No entanto, reformas ortográficas e mudanças nas regras gramaticais modernizaram a língua e a tornaram mais “norueguesa”.

Um dos desafios ao traduzir textos noruegueses anteriores a essas mudanças é o uso e a colocação da vírgula. Baseadas na sintaxe do dinamarquês, aqui as vírgulas são usadas com mais frequência, em muitos casos separando os termos essenciais e integrantes de uma oração, como sujeito e predicado. Isso pode dificultar a compreensão da sentença para quem tem o português como língua materna. Vide o exemplo a seguir, em que é apresentada parte de uma oração da primeira edição, a mesma sentença em uma edição modernizada e em seguida a tradução.

- Primeira edição: “*Noget, man kan holde sig til, sker omsider, ...*” A vírgula depois da palavra *noget* separa o sujeito do predicado e dificulta a compreensão.
- Na edição modernizada essa vírgula foi retirada de acordo com as novas regras gramaticais, o que sem dúvida torna a sentença mais legível: “*Noe en kan holde seg til, skjer omsider, ...*”
- A tradução: “Finalmente acontece algo em que se pode confiar, ...” Aqui a tradutora teve que retirar mais uma vírgula para alcançar o efeito desejado, além de inverter a colocação dos termos da oração, o que será discutido abaixo.

Em busca da naturalidade

Vou utilizar a mesma sentença como exemplo de um outro aspecto que encontro com frequência na tradução do norueguês para o português: a sintaxe e a ordem dos termos da oração. A minha experiência é de que o norueguês tem regras mais rígidas em relação à colocação dos termos integrantes da oração do que o português. Mas frases gramaticalmente corretas nem sempre soam naturais.

Na tradução do norueguês para o português, muitas vezes é preciso inverter a ordem dos termos para que o texto soe natural, como no exemplo acima. Seguindo a sintaxe do texto original, a tradução seria: “Algo em que se pode confiar acontece finalmente, ...”. A sentença não está gramaticalmente errada, mas não soa natural, o que torna a tradução equivocada. O texto original de Cora Sandel flui em sua poesia e a colocação das palavras soa natural e bela em norueguês.

O inverno e o frio

Uma peculiaridade no norueguês é o enorme vocabulário para atividades, equipamentos e vestuário de inverno – nem sempre se encontra o termo correspondente em português. Existem por exemplo várias palavras para descrever luvas. *Votter* ou *vanter* são as luvas de dois dedos: um para o polegar e o outro para os demais dedos, todos juntos. *Hansker* são as luvas tradicionais com lugar dedicado para cada um dos cinco dedos. *Pulsvanter*, que são as luvas usadas pela mulher do padeiro no livro, não têm dedos e geralmente são mais compridas, cobrindo também o pulso e parte do antebraço. Ou seja, *pulsvanter* aquece o pulso, a palma e o dorso da mão, mas deixa os dedos expostos, o que facilita o movimento. A mulher do padeiro não conseguiria fazer seu trabalho se estivesse usando luvas normais. Ao mesmo tempo, o fato de ela usar luvas e gorro mostra como o local está frio. Utilizar a palavra luvas sem comentário diminuiria a riqueza na descrição da cena. Para não atrapalhar o ritmo do texto com palavras em excesso, a solução foi aprofundar o sentido de *pulsvanter* no rodapé.

Outro exemplo é lareira. Existem diferentes tipos de lareira, cada um com um nome. No texto original a empregada acende um *ovn*, a mesma palavra utilizada para forno, mas que aqui, colocado em outros cômodos que não a cozinha, não tem o propósito de assar alimentos, mas apenas de aquecer o local. Lareira seria *peis*. A diferença é que *peis* é geralmente aberta. *Ovn*, ou *peisovn*, é fechado, muitas vezes embutido na parede, com uma porta de vidro ou metal. Por isso Alberte

fala como deve ser bom acender o fogo de manhã e ver as chamas através da porta. Aqui talvez o leitor fique confuso, já que a imagem que muitos fazem de lareira é a de uma construção aberta, sem porta. Por outro lado, usar a palavra forno, que tem porta, seria ainda mais equivocado, já que no texto não se trata do forno na cozinha.

Alberte-trilogien

Cora Sandel

Alberte og Jakob

I

Kirkeuret lyser som en måne i natten.

Det slår, og små, svake blus fødes ute i mørket og brænder mat, fortapt i dets uendelighet, ensomme og spredte.

Uret slår igjen, og de svake blus blir flere, flokker sig, danner rader og ruter. Liv rører sig mellom dem, en hestebjelde ringler, en hører kanskje en tom slæde slænge hit og dit efter hesten på en hårdtrampet vei. Etsteds går et eller andet med plask i sjøen, en kjetting rasler. Lyd av årer og knirkende tollepinner kommer opp fra mørket, en båt støter dumpt mot træverk, tunge ben i røiserter ramler indover en brygge, nogen roper noget.

Vest i fjorden uler en dampfløite. Røde og grønne lanterner kommer langsomt glidende ute fra mulmet. Det springes med trosser på Nykaien, ved Gammelkaien ringer Sørfjorddampen, som går klokken seks, hissig til avgang. Fjordgatens otte buelamper flammer bleke frem i rad, undtagen den som alltid er i stykker ved Louise i Svingen. Og vinduer, som tændes i et blink, klare og kraftig lysende firkanter, rykker op i geled, danner nye rader og ruter.

Uret slår et tungt slag hvert kvarter, fire hver time, og klokkeslettet i rasende fart efterpå. Og skrædder Kvandal, som spiller trækbasun i avholdsforeningens orkester, over sig, før han åpner butikken. Med lange mellemrum frembringer han en ensom og skjælvende tone. De hører til morgenens faste lyd og bæres med gunstig vind helt op i Øvrebyen.

Har der vært snefald om natten, maser ploegen med stort spektakkel, med seks hester, rop og piskesmeld og han Ola Paradis som hovedsmand, gjennom byen fra ende til anden. Trafikken er offisielt åpnet, det er bare værsgo at myldre og vrimle. Baker Teodorsen viser sig på sin trapp.

Man ser det ikke i dunkelheten, men man vet, at han har mel i bartene og melete bukser. Han ser op på været. Inde i butikken ordner fru Teodorsen i golfcape og pulsvanter de varme brød, som langes ind gennem luken fra bakeriet, stiller dem på skrå i hylden. Baker Teodorsen ryster sig litt og sier brrr! Så knapper han strikkevesten om sig, griper sneskuffen i kroken ved døren og går igang med at måke vei over fortauet ut i gaten, så folk kan komme ind.

Skrædder Kvandals musik forstummer. Skygger flir husimellem, og butikdørenes klokker ringer. I søstrene Kremers vindu rører hænder sig ordnende mellem kulørte båndruller, hatter på pinde, dåbskjoler, brude- og likpynt. Og der kommer frøken Liberg, som styrter morgentur og gamle Stoppenbrink, som går, adjunkt Bjerkem med stilebøger under armen på vei til skolen og jormor Jullum på veien hjem. En ny dag pågår, det er ikke til at ta feil av.

Det kan være mørke med nordlys og sternevrimmel, og kulde, så det skriker høit i sneen, når nogen går. Det kan være fuktig sydvest med regn, svarte gater og mulm. Da gnisler værfløien på kirketårnet, og de forgyldte kringlene utenfor bakerne Teodorsen og Øvre skrangler fælt. Det kan også være måneskin.

Men mest er det snetykke. Som avrunder, dæmper, nedstemmer alt, form, farve og lyd.

* * *

Når Alberte vågner om morgenen er hun god og varm. Det er den eneste tid på døgnet, hun ikke fryser. En stor, lun ro er i hendes lemmer, en legemlig fred, som er det beste, hun vet.

Hun ligger i sin fulde lengde med benene ret ut.

Det er varmt overalt i sengen, og det er som kroppen hadde foldet sig ut, som var et skal omkring den sprængt.

Hun strækker sig, hun kjender sig rørlig og myk og har råd til at omgås letsindig med sin egen varme. Det hænder, at hun i overmot stikker en fot ut i kulden bare for at kjende den bli varm igjen, så fort hun trekker den tilbake.

Om aftenen kryper hun sammen under tæppet i timer, skakende av indre frost. Hun gjør sig så liten, hun kan, med benene trukket opunder sig og armene foldet over brystet. Oppe mellom skulderbladene sitter kulden og biter som en smerte. Hun har den i kroppen hele dagen, og den følger hende i seng. Hendes føtter er som isblokker, som ikke hører hende til, og hun blir stiv og lemster av den sammenkrøpne stilling.

Litt etter litt glir hun ind i enslags våken døs. Hendes krop sover, den er iskold men nummen og ufølsom. Oppe i hodet sitter hjerne og surrer med sit.

Tiden går, timer. Tvers gjennom et spinkelt væv av halvvåken drøm hører hun kirkeuret.

Plutselig kommer varmen. Den kommer som en febergloed. Hun strækker benene, det er som at slippe ut av et marterredskap – hun slapper musklene som efter en kraftanstrengelse. Som drukken ligger hun og kjender søvnen ta sig.

* * *

Når hun vågner, lytter hun. Noget må ske, kirkeuret slå, skrædder Kvandal begynde, Sørfjorddampen ringe. Det gjælder at komme på det rene med, hvor i tiden man er, og hvorlænge man kan ligge og ha det godt. Men Sørfjorddampen ringer tre ganger, kirkeuret har den kjedelige egenskap at slå bare ett slag både første, andet og tredje kvarter, og skrædder Kvandal er sin menneskelige natur underkastet – han er ikke absolutt presis. Ja, der er morgener, da han svikter.

Noget, man kan holde sig til, sker omsider, trappen knaker under Jensine, som går ned. Så høres døren til kontoret og en fjern ramlen av kul. Jensine legger i ovnen derinde, først der og så i spisestuen.

Alberte tenker på alle dem, som daglig får lagt i om morgenen. Rød glød gjennom en ovnsdør, den spradende lyd av ild, er det ikke symboler på al livets lykke? Varme er liv, kulde er død. Alberte er ildtilbeder i ordets fulde og primitive betydning.

Varmen gjør alt andet mulig.

Varme, og den kolde gnagingen i ryggen gir sig. Hænder og føtter får liv. Man blir frimodigere, livligere. Lemmene løser sig fra kroppen i friere og vakrere bevegelser, det er som at få et velsittende plag på sig. Man får lyst til at tale og le, og man får lyst til at sitte stille og være virksom med et eller andet.

Man er ikke lenger fiolet i ansiktet. Man er et nyt menneske.

* * *

Trappen knaker igjen. Det er fru Selmer.

Hun stanser litt engang eller to for at knappe de siste knappene i morgenkjolen. Døren nedenunder åpnes og lukkes. Da har Alberte atter engang ligget for længe og bare ett er at gjøre, tørne ut med størst mulig fart og mindst mulig varmetap, klæ sig så at si inde i natlinnetet, som hun først smetter over hodet når underklærne er på.

Hvad toilettet for øvrig angår, hater hun av hjertet så vel det iskolde vand som synet av sine egne tynde armer og skarpe kraveben. Men ingen av dele står til at undgå. Speilet henger over servanten, og fru Selmer har argusøine. Ingen mindste skygge på Albertes hals er nogensinde forblitt uavsløret en dag tilende. Mens hun vasker sig, mønstrer hun pessimistisk sin person.

Den som var anderledes, på farve og skapt og klædt, anderledes i ett og alt. Ansiktet derinde i speilet, er det virkelig hendes, det hun skal ha livet igjennem? Det er så utydelig i trækkene, hun får aldri riktig fatt i det. Håret ligger glat og ingenting tess omkring det og blotter panden altfor meget, farven er blå og grumset.

Og øinene – ja øinene har et kast. Det hænder at fru Selmer kalder det skjelen.

Alberte setter håret op i en underlig fasong, noget, som uten at være det, fru Selmer vil og Alberte ikke vil, allikevel er en indrømmelse og et skridt mot forsoning. Så tar hun kjolen på. Der er alltid maljer borte, og hun hekter ryggesløst i foret. Det går til en

tid. En ubehagelig opgjørets dag, da den skjæve og hullede hektingen avsløres, kommer uavvendelig. Det får man la være at tænke på.

Før hun går ind i spisestuen, står hun litt utenfor døren, et øieblik bare, nogen sekunder. Hun overvinder noget, skyter hjertet op i livet.

Så går hun ind til fru Selmer og den nye dagen.

Alberte e Jakob

Cora Sandel

Tradução do norueguês:

Fabiana Botrel

I

O relógio da igreja brilha como a lua de madrugada.

Ele bate e pequenas chamas fracas nascem no escuro e queimam foscas, perdidas na sua infinidade, solitárias e dispersas.

O relógio bate de novo e as chamas fracas tornam-se várias, aglomeram-se, formam linhas e quadrados. Vida se mexe entre elas, um sino de cavalo toca, ouve-se talvez uma carroça vazia sacolejando aqui e ali atrás de um cavalo em uma rua de terra batida. Em algum lugar alguma coisa cai no mar respingando água, uma corrente é arrastada. Sons de remos e forquetas rangendo surgem do escuro, um barco bate contra uma armação de madeira fazendo um barulho abafado, pés pesados em galochas pisam forte em um cais, alguém grita algo.

O apito de um barco a vapor uiva a oeste no fiorde. Lanternas vermelhas e verdes deslizam devagar na escuridão. Correria com cabos no porto Novo, no porto Velho o barco a vapor Sul do Fiorde, que sai às seis horas, toca o sinal, ávido para a partida. As oito lâmpadas em forma de arco na rua do Fiorde flamejam pálidas em fila, com exceção da que está sempre quebrada perto da Louise na Esquina. E janelas, acesas em um piscar de olhos, quadrados claros e fortemente iluminados, surgem uma atrás da outra, formando novas linhas e quadrados.

O relógio badala forte uma vez a cada quinze minutos, quatro vezes a cada hora e depois bate as horas em alta velocidade. E o alfaiate Kvandal, que toca trombone na orquestra da União dos abstêmios, pratica antes de abrir a loja. Entre longas pausas, ele tira um tom solitário e trêmulo. Esses tons pertencem aos sons matinais e com ventos favoráveis chegam até a Cidade Alta.

Se nevou durante a noite, o limpa-neves abre o caminho com grande espetáculo de um canto ao outro da cidade, com seus seis cavalos, gritos e chicotadas e Ola Paradis no comando. O tráfego está oficialmente aberto, agora é só juntar-se ao movimento. O padeiro Teodorsen aparece na sua escada.

Não se vê na penumbra, mas sabe-se que ele tem farinha no bigode e nas calças. Levanta o olhar examinando o tempo. Dentro da padaria a senhora Teodorsen, de gorro

e luvas², arruma os pães quentes, que esperam no postigo que dá para a cozinha, e os expõe inclinados em uma prateleira. O padeiro Teodorsen se sacode e diz “brrr”! Então abotoa o casaco até o pescoço, pega a pá de neve no cantinho ao lado da porta e começa a tirar a neve, abrindo caminho pela calçada até a rua para que as pessoas possam entrar.

A música do alfaiate Kvandal silencia. Sombras deslizam entre as casas e os sininhos nas portas das lojas tocam. Na janela das irmãs Kremers mãos colocam ordem em rolos de fitas coloridas, chapéus em mostruários, vestidos de batizado, enfeites para noivas e cadáveres. E lá vem a senhorita Liberg, no seu passeio matinal, e o velho Stoppenbrink andando, o adjunto Bjerkem com livros de redação debaixo do braço a caminho da escola e a parteira Jullum voltando para casa. Um novo dia já começou, não há dúvida.

Pode ser durante o período escuro³ com a aurora boreal, o céu estrelado e um frio que faz a neve estalar alto sob os pés. Pode ser um dia com vento úmido vindo do sudoeste e chuva, ruas negras e escuridão. Nesses dias os cata-ventos da torre da igreja guincham e os enfeites dourados na frente das padarias do Teodorsen e do Øvre tinem terrivelmente.

Também pode ter luar.

Mas o que mais tem é muita neve. Que finaliza, atenua, entristece tudo, forma, cor e som.

* * *

Quando acorda de manhã, Alberte está aconchegada e aquecida. É a única hora do dia em que não tem frio. Uma calma enorme, morna, toma conta de seus membros, uma paz corporal que é a melhor coisa do mundo.

Está deitada reta, com as pernas esticadas.

Toda a cama está aquecida e é como se seu corpo tivesse se desenrolado, como se um casco ao redor dele tivesse se rompido.

Ela se alonga, sente o corpo flexível e macio e tem a possibilidade de se ocupar com seu próprio calor frivolamente. Às vezes, presunçosa, coloca um pé para fora da coberta só para senti-lo ficar quente de novo assim que o puxa de volta.

À noite ela fica enrolada debaixo da coberta durante horas, entortada por uma geada interna. Com os joelhos dobrados até a barriga e os braços cruzados sobre o peito, ela se faz o menor possível. O frio, alojado no alto das costas entre as escápulas, lateja como

2 No original, *pulsvanter*. Luvas com dedos curtos e abertos, ou sem dedos, que aquecem a mão e o pulso sem prejudicar o movimento.

3 No original, *mørke*. Refere-se ao *mørketid*, o período do inverno no norte da Noruega em que o sol não nasce, deixando os dias escuros. No fenômeno oposto durante o verão, o sol não se põe, o que resulta no “sol da meia-noite”.

dor. Ela o sente no corpo o dia todo e ele a acompanha até a cama. Seus pés são como blocos de gelo que não fazem parte dela e ela fica tensa e dolorida da posição curvada.

Pouco a pouco ela desliza para um tipo de torpor consciente. Seu corpo, gelado mas anestesiado e sem sensação, adormece. O cérebro lá em cima na cabeça está ocupado com seus próprios pensamentos.

O tempo passa, horas. Através de uma teia de sonho semiconsciente, ela escuta o relógio da igreja.

O calor vem de súbito. Vem como uma onda de febre. Ela estica as pernas, como se estivesse a livrar-se de um instrumento de tortura – relaxa os músculos como depois de um grande esforço. Deitada, como se estivesse embriagada, sente o sono tomar conta.

* * *

Quando acorda, ela ouve. Alguma coisa tem que acontecer, o relógio da igreja bater, o alfaiate Kvandal começar a tocar, o barco a vapor Sul do Fiorde dar o sinal. Ela precisa saber que horas são e por quanto tempo pode ficar deitada sentindo-se bem. Mas o Sul do Fiorde dá o sinal três vezes, o relógio da igreja tem a irritante característica de dar apenas uma badalada tanto no primeiro, no segundo e no terceiro quarto de hora, e o alfaiate Kvandal está submetido à natureza humana – não é de forma alguma pontual. Sim, há manhãs em que ele falha.

Finalmente acontece algo em que se pode confiar, a escada range sob Jensine, que está descendo. Então ouve-se a porta do escritório e um barulho distante de carvão sendo remexido. Jensine está acendendo a lareira, primeiro lá, depois na sala de jantar.

Alberte pensa em todos aqueles que diariamente acendem o fogo de manhã. A brasa vermelha através da porta da lareira, o som crepitante do fogo, não são esses símbolos de toda a felicidade da vida? Calor é vida, frio é morte. Alberte é adoradora do fogo no sentindo mais completo e primitivo da palavra.

O calor faz todo o resto possível.

Calor e o frio incômodo nas costas acaba. Mãos e pés ganham vida. Fica-se mais audacioso, mais animado. Os membros se desprendem do corpo em movimentos mais livres e belos, é como vestir uma roupa com caimento perfeito. Tem-se vontade de falar e rir, bem como de sentar-se quieto e se ocupar com uma coisa ou outra.

Não se tem mais o rosto violeta. Se é uma pessoa nova.

* * *

A escada range de novo. É a senhora Selmer.

Ela para uma vez ou duas para abotoar os últimos botões do penhoar. A porta de baixo é aberta e fechada. Então Alberte perdeu a hora mais uma vez e só há uma coisa a

fazer, pular da cama com a maior rapidez e a menor perda de calor possíveis, vestir-se por debaixo da camisola, por assim dizer, que ela só tira pela cabeça depois de que toda a roupa de baixo está no lugar. No que diz respeito à toalete, ela odeia do fundo do coração tanto a água gelada quanto a imagem de seus próprios braços finos e da clavícula pontiaguda. Mas não há como evitar. O espelho está pendurado acima da pia e a senhora Selmer tem olhos de água. Nenhuma manchinha no pescoço de Alberte passa desapercebida. Enquanto se lava, observa pessimista sua pessoa.

Aquela que é diferente, na cor, na figura e na vestimenta, diferente em tudo. O rosto lá dentro do espelho é mesmo dela, aquele que terá durante a vida toda? É tão indistinto nos traços, ela nunca o consegue apreender. O cabelo cai liso e não ajuda em nada, expõe muito a testa, a cor é azul e turva.

Os olhos – ah sim, os olhos têm algo. O que a senhora Selmer às vezes chama de alma.

Alberte faz um coque desajeitado que, sem ser o que a senhora Selmer quer e o que Alberte não quer, ainda assim é uma admissão e um passo na direção de uma reconciliação. Então coloca o vestido. Há sempre colchetes difíceis de alcançar e ela abotoa o forro de qualquer jeito. Vai chegar a hora. O dia inconveniente do ajuste de contas em que o abotoamento torto e cheio de buracos será descoberto, vai chegar sem piedade. Nisso evita-se pensar.

Antes de entrar na sala de jantar, ela para em frente à porta por um momento, apenas alguns segundos. Ela supera algo, toma coragem.

Então vai ao encontro da senhora Selmer e do novo dia.

Dois pequenos textos noruegueses coletados por Ivar Aasen, extraídos da 1ª edição do livro *Prøver af Landsmaalet*, publicado em 1853

Yuri Fabri¹

No presente artigo apresentamos dois pequenos textos (*lesestykke*) coletados pelo linguista e poeta norueguês, Ivar Aasen (1813 – 1896), como também suas traduções. Na introdução faremos uma apresentação sobre a formação das línguas escritas (*bokmål* e *nynorsk*) e sobre algumas das razões pelas quais a Noruega tem tantos dialetos. Também apresentaremos os elementos folclóricos existentes nesses contos. Por fim, realizaremos uma comparação entre os substantivos masculinos, femininos e neutros fortes existentes nesses contos com as formas do antigo nórdico e das duas normas escritas.

Ivar Aasen nasceu em Ørsla, comuna no distrito de Sunnmøre, condado de Møre og Romsdal. Ele é mais conhecido por ter sido o fundador de uma das normas escritas oficiais da Noruega, o *nynorsk*; a outra norma escrita é conhecida como *bokmål*. De acordo com o centro de documentação da cultura escrita *nynorsk*, o *Ivar Aasen-tunet*², essa norma escrita era utilizada em 2015 por 15% da população.

O *nynorsk* surgiu no século XIX como uma resposta à necessidade de uma língua escrita legitimamente norueguesa, pois o dinamarquês foi a única língua oficial utilizada na Noruega entre 1523 e 1814 por conta da dominação dinamarquesa.

1 Graduação no Curso de Letras, Habilitação em Alemão (USP) e mestre pelo programa Filologia e Língua Portuguesa (USP).

2 <http://www.aasentunet.no/11+Offentleg+forvaltning.d25-SxdLK0y.ips?get=content>

No entanto, a partir de 1814 a Noruega passou a fazer parte de uma união com a Suécia. Isso ocorreu porque a Dinamarca, que estava do lado da França nas Guerras Napoleônicas, teve que cedê-la para a Suécia por conta do Tratado de Kiel, ratificado em 15 de janeiro. Em compensação, a Dinamarca recebeu a Pomerânia sueca. De acordo com Lunden (1992, p. 37), a Noruega não aceitou o tratado em nenhum momento e, por isso, os noruegueses fizeram rebeliões, tendo como líder o príncipe herdeiro Christian Frederik, e no dia 17 de maio de 1814 fundaram um Estado norueguês independente por meio da ratificação da Constituição e da coroação do príncipe herdeiro como rei norueguês. Esta Constituição foi determinada unanimemente por uma assembleia constituinte realizada em Eidsvoll no dia 16 de maio. Em 14 de agosto de 1814 ocorreu a Convenção de Moss, um tratado de paz entre o príncipe herdeiro sueco Karl Johan e o reino norueguês, após um pequeno conflito entre os dois países conhecido como *Den svensk-norske krigen*. Neste tratado, proposto por Karl Johan a Christian Frederik, determinou-se que a Noruega reconheceria a união com a Suécia e esta aceitaria a Constituição norueguesa. Sejested (2017) afirma que essa proposta surgiu apenas por pressão da Inglaterra. A união com a Suécia veio a se dissolver em 1905.

Segundo Torp & Vikør (2000, p. 119), o momento de união com a Suécia criou um ambiente de indagação nacional sobre a utilização do idioma escrito dinamarquês, uma vez que a Noruega era um país com constituição própria. Os principais pensadores a abordar esse tema foram Henrik Wergeland (1808-1845), Peter Andreas Munch (1810-1863), Ivar Aasen (1813-1896), Peter Christen Asbjørnsen (1812-1885), Bjørnstjerne Bjørnson (1832-1903) e Knud Knudsen (1812-1895). Conforme discutimos em outro trabalho (VENANCIO, 2017, p. 77), houve duas frentes: a frente do *fornorsking* (“norueguização”), iniciada com Henrik Wergeland (1808-1845), que daria origem à norma *riksmål*, que em posteriormente viria a ser o *bokmål*; e a frente *målreising* (“edificação da língua”), iniciada por Peter Andreas Munch (1810-1863), que serviria como ponto de partida para a formação da norma *landsmål*, que mais tarde viria a ser o *nynorsk*. A primeira corrente, moderada, tinha como objetivo a inserção de palavras e formas norueguesas na língua dinamarquesa, enquanto a outra, radical, pretendia restabelecer uma língua norueguesa outrora perdida por conta dessa dominação dinamarquesa centenária; portanto, ambas tinham em comum a visão de uma língua nacional.

Torp & Vikør (2000, p. 119-120) também afirmam que nos primeiros anos dessa união o sueco era visto como uma ameaça, mas com o tempo percebeu-se que essa língua não tentaria influenciar a língua escrita dinamarquesa; no entanto, por volta de 1830 a grande disparidade entre a língua escrita e o dialetos foi percebida e entendida como um problema nacional.

Ivar Aasen foi quem deu continuidade à frente radical *målreising*. Torp & Vikør (2000, p. 147) afirmam que ele percebeu que os dialetos representavam um norueguês comum que se diferenciava sistematicamente das outras línguas escandinavas. Essa percepção veio a partir do estudo de seu dialeto nativo, o *sunnmørsmål* do município de Sunnmøre no condado de Møre og Romsdal. Inspirado pelos ideais românticos que dominavam o país nesse período, empenhou-se em coletar os dialetos do oeste da Noruega e formular uma língua nacional. Em 1836 o linguista publicou um ensaio chamado *Om vårt skriftspråket* (“sobre nossa língua escrita”)³. Segundo o autor, “[...] se a Noruega tivesse conquistado sua autonomia política durante esses séculos, nossa língua principal poderia ser aquela da gente comum” (trad. nossa).

Em 1853, Aasen publica o livro *Prover af Landsmaalet*. Além dos dois textos curtos escritos em dialeto e traduzidos nesse presente artigo, há mais dezoito. Em seguida, o autor insere um adendo em que explica a proposta do livro e seu método de criação de uma língua comum dos camponeses, junto com outros textos transcritos na língua proposta por ele. Aasen (1853, p. 72) afirma:

A forma de língua na qual os textos estão escritos deve ser considerada como a forma proposta de uma língua comum norueguesa sujeita a um exame mais minucioso, ou como uma tentativa de unir as línguas das aldeias e, assim, utilizar o vocabulário compartilhado (palavras e expressões) em uma construção formal gramaticalmente unificada.

Em suma, Aasen tinha a intenção de fundar uma língua da terra (por isso chamada de *landsmål*), comum para todos os dialetos. No entanto, as normas desse construto só foram publicadas em sua gramática (Norsk Grammatik, 1864) e em seu dicionário (Norsk Ordbog, 1873).

A respeito dos dialetos, Jahr (1990, p. 7) afirma que “na Noruega, ser de um lugar é muito importante, assim como ter um lugar onde sentir-se mais em casa do que em outros lugares [...]”. Além do mais, “identificar-se com o lugar em que se nasceu é importante para muitos noruegueses. O uso do dialeto está intimamente interligado a isso. O dialeto conta aos outros de que local nós viemos e faz com que a gente sempre saiba onde está nosso lar”. A respeito do número de dialetos na Noruega, Jahr afirma que “é uma pergunta interessante, mas de resposta tão difícil como se a comparássemos com a resposta relativa ao número de lugares de onde uma pessoa pode vir na Noruega”. Dessa forma, o autor considera que “cada

3 Disponível em: http://www.aasentunet.no/1836+Om+vort+Skriftspr%C3%B8g+b7C_wJnW5O.ips

comuna tem seu dialeto”. De acordo com a enciclopédia *Store Norske Leksikon*⁴, havia 428 comunas em 2016.

Ao considerar a possibilidade de haver dialetos na Suécia e na Dinamarca, Jahr (1990, p. 8) afirma:

Com base no modo de falar de cada um, pode-se determinar se alguém é de Skåne ou de Norrland. Na Dinamarca, ao ouvir uma pessoa, é possível saber se ela vem de Jylland ou de Sjælland. Porém, na Suécia e na Dinamarca de hoje em dia, dificilmente se vai mais longe, de modo que se possa descobrir exatamente de onde uma pessoa vem dentro de cada uma dessas regiões. Na Noruega, entretanto, isso é possível (tradução nossa).

A grande quantidade de dialetos se deve, por um lado, à geografia norueguesa. Em tempos antigos, os fiordes e o mar permitiam que as pessoas se encontrassem; no continente, por outro lado, altas montanhas, amplos planaltos, florestas e grandes distâncias impediam comunicações e contatos diretos (JAHR, 1990, p. 8; SKJEKKELAND, 2010, p. 30). Skjekkeland também cita como um importante causador de diferenças dialetais lugares de encontro popular e divisões administrativas como, por exemplo, as da igreja. Desde tempos antigos, as paróquias são a menor unidade administrativa da igreja e, portanto, aqueles que moravam na mesma freguesia tinham a Igreja como um ponto de encontro. Os membros, portanto, se encontravam e conversavam com outros da mesma freguesia, fazendo com que adaptassem suas falas e, assim, adquirissem as mesmas características linguísticas.

Os dois contos retirados dessas amostras para esse artigo estão, portanto, escritos em dois dialetos diferentes, sem nenhuma norma ortográfica e, por conta disso, representam bastante a língua falada.

O primeiro conto, *Troll'e Paa Stalltræve*, é da região de Valdres, no condado de Oppland, e o segundo, *Gjenta i Lyklabangen*, é de Sogn, no condado de Sogn og Fjordane. Em cada um dos dois contos aparecem seres fantásticos do folclore norueguês. No primeiro, o *troll*, especificamente o *bergatroll* (“troll das montanhas”), pois também há registros de *sjøtroll* (“troll do mar”) e *skogstroll* (“troll da floresta”) e, no segundo, os *bulders*.

O *troll* é comumente descrito como um tipo de criatura gigante, desagradável, impertinente e feia. Mas, de acordo com HAGEN (2015), ele também pode ser

4 Disponível em: https://snl.no/Kommuner_i_Norge

compreendido como uma criatura anã; no entanto, como traço comum, são antisociais, agem na calada da noite e não têm características que permitam atribuir-lhes um gênero. Os *trolls* aparecem em sagas, contos folclóricos, lendas, no folclore e em textos jurídicos antigos. O habitat deles é frequentemente associado ao submundo e ao reino dos mortos e, também, às montanhas nórdicas e às florestas densas. Em materiais jurídicos antigos, são descritos como criaturas com as quais não se deve ter contato.

Nas leis cristãs mais antigas da Noruega (1000-1100 d.C.), por exemplo, está claramente escrito que é proibido entrar em contato ou buscar conhecimento com eles. Da mesma maneira, de acordo com a primeira *landslov* (“lei da terra”) da Noruega (de *Magnus Lagabøte*, 1274-1276), considerava-se uma ofensa muito grave ter contato com um *troll*, o que levava às punições mais extremas da lei: *utisator at uekia troll upp* (KEYSER, R.; MUNCH, P. A., 1848, p. 51), ou seja, “sentar-se e acordar um troll” (tradução nossa). De acordo com Knutsen & Riisøy (2007, p. 36), a interpretação tradicional de *utisator* “sentar-se” está ligada ao *seið*, um ritual mágico realizado com o intuito de ter acesso a conhecimento esotérico tanto do passado quanto do presente. Ter contato com essas criaturas por meio de diferentes formas de rituais era, portanto, uma forma de necromancia. De acordo com a lei, as evocações ritualísticas de espíritos ajudavam a promover o paganismo.

Ao comentar as características dos *trolls*, Aubert (1995, p. 16-17) afirma que os heróis e seus coadjuvantes não se intimidam com o ambiente natural das histórias; por outro lado, temem os *trolls*. Apesar de capturarem princesas, atemorizarem os homens com suas três, seis, nove ou até doze cabeças, encantarem os homens e transformá-los em bichos, também há aqueles que ajudam os homens, de boa vontade ou a contragosto, em suas peripécias. O autor também menciona que os *trolls* são descendentes dos *jotuns* da antiga mitologia nórdica e, por conta disso, apresentam uma dupla personalidade: a dupla vocação para o bem e para o mal, para se passar tanto por heróis como por vilões, para o trabalho e para a sedução, para a vida e para a morte. Para o autor, os *trolls* são ambíguos como as próprias forças da natureza que representam “[...] espelhos das montanhas, das águas torrenciais, dos ventos, das neves, dos mares bravios; são, igualmente, reflexos das grandezas e das misérias, do *Eros* e do *Thanatos* da alma humana” (p. 18).

No conto *Troll'e Paa Stalltræve* lê-se que três garotos tentam, consecutivamente, afugentar o *troll* da estrebaria, mas apenas o último, o mais novo, chamado Øskøfisen, consegue espantá-lo. Na verdade, a partir desse nome se originou a variante do nome *Askeladden*, o famoso garoto presente em muitos contos folcló-

ricos noruegueses⁵, que tem sucesso em tudo aquilo em que os outros fracassam. O nome Øskøfisen (Oskefisen, na forma escrita *nynorsk*) significa “aquele que assopra nas cinzas”. O garoto utiliza o mesmo método de afugentamento utilizado pelo Askeladden no conto *O Askeladden que comia mais que o Troll*: “Mas Askeladden não era bobo; correu até sua mochila, pegou o queijo, e apertou-o entre as mãos, deixando escorrer o soro” (AUBERT, 1995, p. 26).

No segundo conto, *Gjenta i Lyklahaugen*, nos deparamos com outra criatura mitológica: os *hulders*. De acordo com o *Store norske leksikon*, na entrada Hulder, a *hulder* é um duende do sexo feminino que vive em morros e despenhadeiros; ela é linda, mas tem um rabo de vaca e, em alguns casos, é côncava nas costas. Ela também é reconhecida nos contos como sedutora dos homens, tem vacas muito boas e é uma excelente musicista. No entanto, o termo *hulder* pode ser utilizado como um nome coletivo para os seres do subterrâneo, como no caso da presente tradução. Em vista disso, em alguns contextos pode-se falar de *huldremenn / huldrekall*. Alguns folcloristas também entendem que *hulders* são as almas dos mortos. Aubert (1992, p. 18-19) afirma que os *hulders* “representam as forças vitais mais primitivas, sedutoras, mas que ofuscam e neutralizam o consciente humano”. A origem do nome *hulder* aponta muito mais para o segundo significado acima descrito, pois é uma derivação do verbo em antigo nórdico *hylja* “esconder”.

Outro ponto interessante nesse conto é a ocorrência de um motivo chamado *bergtaking* “atração/rapto para as montanhas”, muito comum em vários contos folclóricos. De acordo com o *Store Norske Leksikon*, na entrada *Bergtaking*, os seres do subterrâneo raptam os homens para as montanhas e, portanto, eles são *bergtatt* ou *innkvervd* (“tomados pelas montanhas”). Nas narrativas mais comuns as pessoas são forçadas por meio de feitiçaria, ou então seguem um pretendente até as montanhas. A pessoa tomada pelas montanhas não pode comer e pode ser chamada de volta por meio dos sinos de igrejas. Já consideraram como base para essas narrativas as condições psíquicas daqueles que disseram ter sofrido esse tipo de rapto (por exemplo, por meio de alucinações e perda de consciência). Por fim, o *bergtaking* tem uma grande importância nas baladas (*Liti Kjersti*, *Margit Hjukse*, etc.) e também em poemas da Idade Média.

No conto traduzido nos deparamos com uma garota que é raptada pelos *hulders* e acaba por gostar de viver junto a eles. No texto lê-se que ela vive com muito ouro, assim como o seu marido, que tem um grande nariz e que não é tão

5 Como, por exemplo, em “A princesa que sempre queria ter a última palavra”, “O Askeladden que comia mais que o Troll etc. Muitos desses contos foram traduzidos por Francis Henrik Aubert (1995).

bonito quanto ela diz. Aqui poderíamos fazer uma comparação com outros contos folclóricos em que os *trolls* são narrados como possuidores de muito tesouro, embora não haja uma menção dessa criatura nesse conto. Os *hulders*, nesse conto, também são descritos como tonéis vazios ou barris sem fundo, já que são cêncavos nas costas.

Apresentaremos, agora, algumas características do dialeto de cada um desses contos no que se refere aos substantivos fortes, em comparação ao antigo norueguês, ao *nynorsk* e ao *bokmål*. O antigo norueguês faz parte das línguas escandinavas do Oeste, junto com o antigo islandês; o antigo dinamarquês e o antigo sueco, por outro lado, fazem parte das línguas escandinavas do Leste (HAUGEN, E., 2009, p. 9). Todas elas têm registros escritos na época medieval (a partir do séc. XII). De acordo com Haugen, até o começo do séc. XV, a semelhança literária e linguística entre a Noruega e a Islândia era tão clara que é possível falar sobre uma língua e literatura comum, portanto, um antigo nórdico ocidental. As exemplificações do estágio anterior desses dialetos nesse artigo, portanto, podem existir tanto em documentos medievais noruegueses quanto islandeses.

Antes de apresentarmos alguns dos substantivos existentes nos dois contos, consideramos necessário esclarecer que a língua norueguesa tem artigo definido enclítico, assim como o romeno; portanto, *en best* (“um cavalo”), *hesten* (“o cavalo”), *hester* (“os cavalos”) e *hestene* (“os cavalos”), em *bokmål*. Além do mais, trataremos aqui apenas das classes fortes, pois são as mais numerosas.

Com relação às flexões dos substantivos masculinos (classe em *-a*), no conto de Valdres, há a seguinte amostra na forma plural indefinida de caso nominativo/acusativo, desinência em *-e*: *tryaa Sone* (“três filhos”). As flexões de artigo definido enclítico em caso nominativo/acusativo singular, desinência em *-en* e *-n*, se apresentam em: *Guten* (“o menino”), *Kvelden* (“a noite”), *Stein* (“a pedra”), *Ystýln* (“o queijo”) e *den aro Saan* (“o segundo filho”). Também é possível encontrar a grafia *-ø*, de acordo com a gramática de Aasen (1864, p. 135). Há também o substantivo *Far* “pai”, que está na forma indefinida e, por isso, não tem desinência.

No conto de Sogn há *Drengen* (“o garoto”) em caso nominativo/acusativo singular e definido. Com a mesma terminação encontramos *um Kvelden* (“à noite”), *i Hangen* (“no morro”), *paa Salskenappen* (“no botão da sela”), *paa Garen* (“na aldeia, da aldeia”) e *i Skogen* (“na floresta”); nessas amostras esperar-se-ia o caso dativo, no entanto, de acordo com Aasen (1853, p. 25), a região na qual ele coletou esse conto não utiliza dativo, e as palavras neste caso, portanto, fundem-se no caso acusativo. Há um exemplo de artigo definido enclítico masculino no caso nominativo/acusativo plural: *paa [...] aa Olbogadne* (“de [...] e cotovelos”), com desinência

-adne. A respeito da forma plural indefinida em caso nominativo/acusativo há *i gamle daga* (“em dias antigos”), portanto, desinência -a. Os substantivos *ein Dag* (“um dia”) e *Botn* (“fundo”) não têm desinências porque são indefinidos na forma nominativa/acusativa. A palavra *mæ Gudlsal* (“com sela de ouro”) também não tem desinência porque está no singular indefinido. Embora a preposição *mæ* reja o dativo, esse conto não tem dativo e, ademais, não há desinência dativa em palavras indefinidas.

A palavra *fot’na*, que tem a desinência -na, no contexto *att-myllo Fot’na* (“atrás entre os pés”) apresenta, de acordo com Aasen (1864, p. 160), vestígio do caso acusativo plural na forma definida (compare antigo nórdico *fæturna* [“os pés”]). O caso dativo, no entanto, se encontra no conto de Valdres: *fraa dei Mann’e* (“do homem”), *te Slutt’e* (“por fim”) e *paa Stalltræve* (“na estrebaria”), todos com desinência -e.

Certas preposições exigiam o caso dativo ou não no antigo nórdico, como ocorre também, por exemplo, no alemão (que, então, exige o acusativo), mas nas normas escritas do norueguês isso não ocorre, com exceção de algumas gramaticalizações como *til fots* (“a pé”), *til sjøs* (“no mar”), etc. Nos dialetos, no entanto, há vestígios do caso dativo. A preposição *te* é um caso interessante porque no antigo nórdico (como forma *til*) regia o genitivo, como apresentado nos dois casos acima; no entanto, nos dialetos rege o dativo. Kvåle (1999, p. 38) cita as seguintes preposições que regem o caso dativo: *hjá* (“junto de”), *(i) frå* (“de”), *(i) mot* (“contra”), *or* (“a partir de”, “para fora de”), *tå* (que significa *ut av*, “para fora de”), *åt/til* (“para”), *(i) mellom* (“entre”). Algumas preposições podem ou não reger o dativo como, por exemplo, *før* (“para”), *i* (“em”), *nedi* (“embaixo, para baixo”), *over* (“sobre”), *på* (“em”), *under* (“embaixo”); elas só regem o dativo se não se tratar de uma ação, mas sim de um estado.

Não há no texto de Valdres nenhuma amostra de palavras masculinas com artigos definidos no plural. Não consideraremos outros tipos de flexões, tampouco o masculino fraco da classe em -a, pois não há testemunhos nos contos. Podemos apresentar a seguinte tabela comparativa:

Masculinos fortes (classe em -a):

Antigo nórdico				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	hest	hestar	hest <i>inn</i>	hesta <i>nir</i> ⁶
Ac.	hest	hesta	hest <i>inn</i>	hesta <i>inna</i> ⁷
Dat.	hest <i>i</i>	hest <i>um</i>	hest <i>inum</i> ⁸	hesta <i>num</i> ⁹

Dialeto de Valdres				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	hest	heste	hest'(<i>ø/e</i>)n	hestadn
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	hest'e	hesto

De acordo com Kvåle (1999, p. 23), o dativo só existe nas formas definidas.

Dialeto de Sogn				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	hæst	hæsta	hæsten	hæstadne
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	Hæsti	hæsto

Proposta de Aasen na gramática de 1863				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	hest	hestar	hesten	hæstarne
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	Heste	hæstom

6 hestar + -inir

7 hesta + inna

8 hesti + -inum

9 hestum + inum

	Nynorsk		Bokmål	
	Indefinido	Definido	Indefinido	Definido
	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural
Nom.	hest/hestar	hesten/hestane	hest/hester	hesten/hestene
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	=	=

O aparecimento do *d* em ambos os dialetos (*-adn*, *-adne*) é um caso de dissimilação fonética. Viaro (2011, p. 184) define a dissimilação como “fenômeno em que sons idênticos ou próximos do ponto de vista articulatorio acabam por ficar cada vez mais distintos”. No livro sobre as características do dialeto de Valdres, Kvåle (1999, p. 13) afirma que esse é um fenômeno típico do Oeste da Noruega, que também se encontra em Sogn e Voss. Jahr (1999, p. 55-56) contribui ao afirmar que esse fenômeno não ocorre no lado Oeste, com exceção de Valdres e Hallingdal, e também se espalha por todo o Sul e por todo o Oeste.

Com relação às flexões dos substantivos femininos fortes (classe em *-i*), no conto de Valdres, há apenas dois casos de feminino: *den aro Natt'e* “a segunda noite”, que está no singular, na forma nominativa/acusativa e definida, com desinência em *-e*; e *i fysningen* (“no início, de início”), que está no singular, forma dativa e definida, portanto desinência em *-en*. A palavra *Løv* (“permissão”) também é feminina, mas não tem desinência porque é indefinida e está no singular.

No conto de Sogn, por outro lado, há muito mais testemunhos, principalmente na forma definida. Como considerado anteriormente, não há dativo na região em que esse conto foi coletado, portanto: *te juli* (“para o Natal”), *sama Ljkelabaanki* (“o mesmo molho de chaves”), *i Bygdi* (“na aldeia”) e *i Marki* (“na floresta”) são testemunhos no singular e na forma definida; como testemunho no plural e na forma definida há *hjaa Huldidna* (“junto aos hulders”) e *te Huldidna* (“pelos hulders”). Como palavra indefinida e plural encontra-se *paa adla Sie* (“por todos os lados”), com desinência em *-e*. Palavras que estão no caso nominativo/acusativo e indefinidas e, portanto, não têm desinência: *Moro* (“diversão”), *Ri* (“período curto de tempo”) e *Tunne* (“tonel”).

Há também a palavra feminina *Gjenta* (“a menina”), que faz parte da classe em *-a*, feminina fraca, e está no singular definido na forma nominativa e acusativa. A palavra *Ulukeka* (“infortúnio”) está no singular e na forma indefinida, mas, assim como *Gjenta*, faz parte da classe em *-a*. Não consideraremos essa classe nesse artigo por haver apenas dois testemunhos.

Femininos fortes (classe em *-i*):

Antigo nórdico				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	sókn	sóknir	sóknin	sókn/inar ¹⁰
Ac.	sókn	sóknir	sóknina	sókn/inar
Dat.	sókn	sóknum	sókninni	sókn/num ¹¹

Dialeto de Valdres				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	sokn	sokn'e	sokne/sokni	soknidn
Ac.	=	=		=
Dat.	Ø	Ø	sokn'(e)n	sokno

Dialeto de Sogn				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	sokn	sokne	sokn'i	soknidna
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	sokn'(e)n	sokno

Proposta de Aasen na gramática de 1863				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	sokn	sokner	sokni	soknerna
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	soknenne	soknom

	Nynorsk		Bokmål	
	Indefinido	Definido	Indefinido	Definido
	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural
Nom.	sokn/sokner	sokna/soknene	sokn/sokner	sokna/soknene
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	=	=

10 sóknir + inar (nominativo e acusativo)

11 sóknum + inum

Por fim, há as seguintes palavras do gênero neutro forte (classe em *-a*) no texto de Valdres: *paa Stalltræve* (“na estrebaria”: dativo, singular, definido), *liggi paa Træve* (“deitar no palheiro”: dativo, singular, definido), *gjekk Guten på Trav’ø* (“foi o garoto para o palheiro”: acusativo singular, definido), *For’ø* (“o feno”: nominativo/acusativo, singular, definido) e *Bergatroll’ø* (“o troll das montanhas”: nominativo/acusativo, singular, definido).

No texto de Sogn encontra-se *mykje Huldafolk* (“muitos huldurs”: nominativo/acusativo, plural, indefinido), sem desinência; *Helga-Ploggi* (“traje natalino”: nominativo/acusativo, plural, definido) e *Nabn’e sitt* (“seu nome”: nominativo/acusativo, singular, definido), ambos com desinência *-i* ou *-e*; *dei andre Nobni* (“os outros nomes”: nominativo/acusativo, plural, definido) e *paa Knett’i* (“de joelhos”), ambos com desinência *-i*, e *Huldafylge* (“huldurs”: nominativo/acusativo, plural, indefinido). O trecho *ma Gudl aa Sylv* (“com ouro e prata”) está no caso nominativo/acusativo e é indefinido e singular, portanto não há desinência.

Neutros fortes (classe em *-a*):

Antigo nórdico				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	ár	ár	árit	árin
Ac.	ár	ár	árit	árin
Dat.	ári	árum	árinu	árunum

Dialeto de Valdres				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	aar	aar	aare(ø)	aar’e
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	aare	aaro

Dialeto de Sogn				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	aar	aar	aare (i)	aar’i
Ac.	=	=	=	=
Dat.	Ø	Ø	aari	aaro

Proposta de Aasen na gramática de 1863				
	Indefinido		Definido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	aar	aar	aaret	aari(n)
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	aare	aarom

	Nynorsk		Bokmål	
	Indefinido	Definido	Indefinido	Definido
	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural
Nom.	år/år	året/åra	år/år	året/åra (ou årene)
Ac.	=	=	=	=
Dat.	=	=	=	=

Os substantivos no antigo nórdico têm duas desinências: a desinência de caso, que também carrega a informação de gênero e número (singular: *-r*-, *-Ø*-, *-i*-; plural: *-ar*-, *-a*-, *-um*-) e a desinência de artigo definido enclítico, que também carrega informação de gênero e número (singular: *-inn*-, *-inn*-, *-inum*; plural: *-innir*-, *-ina*-, *-inum*). Então, por exemplo, a palavra *hestinum* “o cavalo”, no caso dativo, tem a raiz *hest*-, a desinência de caso *-i*-, que indica tratar-se de um masculino singular no caso dativo; e a desinência de artigo definido enclítico *-inum*, que indica que é um masculino singular. A palavra *sókninni* (“a freguesia”), também no caso dativo, tem a raiz *sókn*-, a desinência nula (*Ø*) de caso dativo, que indica que é um feminino singular no caso dativo; e a desinência de artigo definido enclítico *-inni*, que indica tratar-se de um feminino singular.

No caso do masculino, alguns processos ocorrem como, por exemplo, a perda do *-i*- após vogais e de *-r* (HAUGEN, O., 1995, p. 158). De acordo com Skard (1973, p. 61-62), a partir do período linguístico chamado de Era Viking (aprox. 800 – 1050 d.C.), nas poesias escáldicas, ocorreu a novidade do artigo definido enclítico, algo não existente nas outras línguas germânicas. Não é claro qual pronome foi o ponto de partida para o artigo, mas nos documentos mais antigos aparecem as formas *inn*, *enn* como, por exemplo, *karl inn* (“o homem”), *Ormr inn langi* (“a grande serpente”). De acordo com o autor, na poesia escáldica o artigo definido enclítico apareceu por volta de 900 e passou a viver na língua falada desde então. Por volta de 1200, obteve uma função sintática que criou novas possibilidades para a variação estilística como, por exemplo, dar mais ênfase na determinação do substantivo ao utilizar tanto pronome demonstrativo quanto o

artigo definido, que é enclítico: *hinn bestrinn* (“aquele cavalo [mesmo]”) (SKARD, 1973, p. 107).

Nos dialetos e nas normas escritas percebe-se que o caso nominativo se fundiu com o caso acusativo. O dativo é inexistente nas normas escritas. Tanto nos dialetos quanto nas duas normas a desinência de caso em singular indefinido desapareceu. Nas normas *nynorsk* e *bokmål* há em palavras masculinas as desinências *-ar* e *-er*, respectivamente, que indicam plural/indefinido, que vieram da desinência do AN *-ar*, que indicava que a palavra era indefinida, estava no caso nominativo, no gênero masculino e no plural. Nos dois dialetos registra-se *-e* (Valdres) e *-a* (Sogn) e não há marca de dativo na forma indefinida. A desinência de singular/definido *-en* aparece tanto nas normas cultas quanto nos dialetos (também na forma *-øn* ou *-n*) e veio do AN *-inn*, que indicava caso acusativo, singular e definido. O caso dativo só aparece nos dialetos, em que AN *-i-num* originou *-e* (Valdres) e *-i* (Sogn).

Por sua vez, as desinências de plural/definido *-ane* (*nynorsk*) *-ene* (*bokmål*) aparecem nos dialetos como *-adne* (Sogn) e *-adn* (Valdres), nos casos masculino e acusativo, em que ocorreu uma dissimilação do AN *-ar-nir*, que indicava que a palavra era definida, que estava no caso nominativo e era plural. O caso dativo, no plural e definido, que só existe nos dialetos (forma *-o* em ambos), vieram do AN *-um-num* (> *-unum*).

Percebe-se, portanto, que a declinação nominal se simplifica e acaba por desaparecer nas normas escritas, mas assim mesmo as desinências nas formas escritas atuais têm vestígios da desinência de caso (singular e plural) e de artigo definido (singular e plural) como é o caso de *-ane/-ene* (< *-arne* < *-ar-nir*).

Os dois contos traduzidos nesse artigo representam o registro linguístico de duas regiões distintas e, também, seus aspectos culturais. Em vista disso, o desafio é dobrado ao traduzi-los: por um lado é necessário considerar as características dialetais e, por outro lado, os elementos culturais que se encontram no texto. Aubert (1995, p. 16-19) cita dois elementos importantes: a ambientação, que é bem diferente da visão de mundo do brasileiro, pois essas histórias se desenrolam tendo como pano de fundo as montanhas dos Alpes Escandinavos, as densas florestas de pinheiros, a miríade de lagos; e as relações sociais estabelecidas, que são bem diferentes, por exemplo, daquelas nos contos de Grimm ou do Califado de Bagdá, uma vez que o rei pode ser um latifundiário local, um fazendeiro bem-sucedido e, não raro, é tratado como *far* (“pai”), e quase nunca por Vossa Majestade.

Prøver af landsmaalet i Norge**Amostras do landsmaal na Noruega**

Tradução do norueguês:
Yuri Fabri

Valders.
Trøll'e paa stalltræve

Valdres.
O *troll* da estrebaria

(...)

(...)

Dæ va eingaang ein Mann, so haddø eit stort Stalltræv, so va fullt mæ For', o fraa dei Mann'e vart dæ støle Fo'r te kor Natt, so'en va rædd'ø han sku missø dæ alt i hop.

No haddø Mann' tryaa Sone, o so va dæ ein Kveld han ba eldste Saan'sin, at'en skuldø liggji paa Træve o sjaa ette, kem dæ va, so stal For'ø.

So gjikk Guten paa Træv'ø o la' se, men han haddø inkji væl lagt se, førr dæ kom noko baland, so'en vart so rædd', at'en sprang inn att' i Stogo o sa, han inkji tordø liggji der lenger.

Den aro Natt'e skuldø den aro Saan' liggji der, men dæ gjikk dæ sama mæ hono. Den trea Kvelden kom yngste Saan' (held Øskøfis'n, so dei kalla'n) o sa, at'en vildø faa Løv liggji paa Træve.

I Fysningen vilde Far hass dæ slett inkji, men te Slutt'e fekk han da Løv, o so ba'en Mor si, at'en skuldø faa ein Ystyl, so'en ogsaa fekk, o so tok'en Ystyl'n mæ se, daa'en gjikk sta la' se.

Daa 'en haddø leie lite, som kom der inn eit stort Bergatrøll o vilde te ta' se eit Fo'r-Fanga. Men mæ dæ sama skraik Guten:

Era uma vez um homem que tinha uma grande estrebaria, que estava cheia de feno. Todas as noites seu feno era roubado e, assim, ele tinha medo de que acabasse.

Naquela época o homem tinha três filhos e, numa noite, ele pediu ao mais velho para que se deitasse no palheiro e visse quem que estava roubando o feno.

E então o garoto foi para lá e se deitou. Mal tinha feito isso e algo estrondoso apareceu, o que fez com que ficasse com tanto medo e então corresse para a sala de casa, dizendo que não se atreveria mais a deitar lá em espreita.

Na segunda noite seria a vez do segundo filho deitar no palheiro, mas o mesmo ocorreu com ele. Na terceira noite o filho mais novo (chamado de Øskøfisen) disse que queria ter permissão para deitar-se no palheiro.

No início o pai desaprovou o pedido, mas por fim ele deu permissão ao filho. Em seguida, ele pediu à sua mãe um pedaço de queijo. Ele o pegou e o levou correndo para o sótão para lá se deitar.

Certo tempo depois de ter se deitado apareceu um grande troll das montanhas que queria roubar um pouquinho de feno. O garoto, no entanto, rapidamente gritou:

«Ress du inkji læ For’o vëra, ska du faa anna veta» sa’n; „e ska trystø de, so e tryste dene Stain’ her.»

O mæ dæ sama trystø han Ystyl’n, so Møso rann or’o. Daa Bergatrøll’ø saag dæ, at Guten va go te trystø ein Stain so hart, so skjøntø dæ nok, at Guten va stærkar en se sjøl, o daa vart dæ so rædt, at dæ sprang utatt’, o kom alder mair paa dæ Træv’ø.

Sogn.
Gjenta i lyklahaugen

(...)

Dar æ ein Haug inn i Leirdal, so dei kadla Lyklahaugen; dar ha da vore felande mykje Huldafolk i gamle Daga. Da va ei Gjenta, so tente dar i Bygdi eingaan; ho vart kos-tiki Ju-laftaa, aa da va ingen so visste, kor ho var aavkomi; da sista dei hadde set ho, da va seint um Kvelden, daa ho gjekk ut mæ ei Lyklahaank aa skulde leita upp Helga-Ploggi sine te Juli. So lei da no fram itte ei Bil, aa so va da ein Dag, at Drengen dar paa Garen va i Marki aa skulde hogga Vi, aa best so han gjekk dar i Skogen aa tutla, so haure han noke so singla burti-i Haugen, aa daa han saag aat-um seg, so kom Gjenta gaangande aa bar sama Lyklahaanki, so ho hadde hatt, daa ho va heima. D’æ da, so Lyklahaugen ha faatt Nabn’e sitt taa. Daa kunde ho fortelja han, at ho va inn-tiki te Huldidna, aa at ho hadde faatt seg ein fin’e snild’e Mann, aa ho hadde so godt, at ho kunde ikje bere hava. Aa so fortald’o han, kaa Sellskap ho hadde, aa kor maange dei va, aa kaa dei eitte, aa alt slikt; Mann’ henna han eitte Brenthodn,

— Se você não soltar o feno, você vai ver só — disse o garoto —; eu te esmagarei da mesma maneira que esmago essa pedra aqui.

E quando esmagou o queijo, seu soro se derramava. Ao ver que o garoto era capaz de esmagar uma pedra, o troll das montanhas entendeu imediatamente que ele era mais forte e, assim, ficou com tanto medo que bateu em retirada e nunca mais voltou para aquela estrebaria.

Sogn.
A garota do morro das chaves

(...)

Há um local em Leirdal que se chama o morro das chaves. Lá havia uma quantidade enorme de hunders nos tempos antigos. Naquela época também havia uma garota que prestava serviços na vila. No entanto, ela desapareceu na véspera de Natal e ninguém sabia o que havia acontecido. A última vez em que ela foi vista já era tarde da noite, quando ela estava indo procurar seu traje natalino com um molho de chaves na mão.

Um tempo se passou e certo dia, porém, um garoto da aldeia foi para a floresta cortar lenha. Depois de caminhar um pouquinho, ouviu algo que tilintava lá perto do morro e, ao olhar para os lados, viu chegando em sua direção a garota que havia sumido, com o mesmo molho de chaves que possuía quando ainda morava na aldeia; e foi a partir daí que o morro das chaves ganhou esse nome. A garota, em seguida, contou para ele que foi raptada pelos hunders, que conheceu um homem lindo e gentil e que nunca havia se sentido melhor do que naquele

men dei andre Nobni kann eg ikje hugsa. Aa sist paa spurd'o han, um han inkje hadde Hug te sjaa Huldafylgje eingaang. Jau, da meint'an, skulde no sagta vore Moro te sjaa. Ja, daa ska du berre bia ei Ri, sa ho, so lengje eg æ komi inn att i Haugen, aa mi ha faatt laga oss te; fyre daa vil mi ut aa ria. Daa ska du leggja deg ni paa Knett'i aa Olbogadne aa liggja so, at du ser att-mylo Fot'na aa burt i Haugen. So giekk Gjenta inn-att, aa naar da daa lei so laangt, at dei kunde vera færdige te koma ut, so passa Gutten paa aa lagde seg ni aa stirte ette dei. Daa kom dei ut or Haugen heila Fylgje, aa daa va Gjenta mæ dei og; ho rei fremst taa dei adle, paa ein aaversle rar'e Hest mæ Gudlsal aa Gudlbeitl, aa sjøl va ho, so ho sku vore gudsligi adl igjono, so da lyste taa ho paa adla Sie. Mann' henna rei næst ett'o; han va og so upp-stasa mæ Gudl aa Sylv, at da glaadde i han; man han va sagta inkje so fin'e, so Gjenta hadde sagt; fyr'an hadde so laang'e Nos, at ho rokk lika ni paa Salsknappen. Aa hellest va da no eit stort Selskap so fylde ette; men kaa Slag da va, so dei rei paa, da va 'kje godt aa faa Skyn paa; da saag ut, so da sku vera toma Tunne, elde Kagga so inkje va Botn i. — Alt datta fekk Drengen sjaa, aa so vart ikje da meir den Gaangen. Ein a'en Gaang va da og ein, so hadde set Gjenta i Marki aa snakka mæ ho; aa daa hadd'an spurt'o, um ho inkje va lei'e no aa vilde heim att'e. Men ho svarte da, at ho hadde so godt hjaa Huldidna heila Aar'e umkring, at ho hadde da 'kje slikt i Juli, daa ho va heima. Da va inkje so sto paa dei, aa inkje so dei va rædde fyre, anna berre han Tore Trumbeslagar; skulde han koma yve dei, so vilde han gjera ei Ulukka paa dei.

momento. Ela também contou quais eram suas companhias, quantas elas eram, o que eles comiam, entre outras coisas.

O marido da garota se chamava Brenthodn, embora tivesse outros nomes que eu não consigo lembrar. Por fim, ela perguntou para o garoto se ele não gostaria de ver os huldurs.

— Sim — disse o garoto —, seria divertido vê-los.

— Então, espere um pouquinho enquanto eu volto para o morro e faço os preparativos, pois nós vamos cavalgar — disse a garota. — Então você ficará de joelhos e cotovelos de maneira que possa olhar para trás e ver entre os pés o morro lá longe.

Em seguida, a garota foi para o morro, e quando um tempo se passou, de maneira que pudessem estar prontos para sair, o garoto veio a se deitar para olhá-los. E então saíram todas as criaturas do morro, junto com a garota, que cavalgava na vanguarda com um lindo cavalo adornado com sela e freio feitos de ouro. A garota também estava decorada com muito ouro, o que fez com que luzes refletissem para todos os lados. Atrás dela cavalgava seu marido, que também estava adornado com ouro e prata; luzes também cintilavam dele, mas ele não era tão bonito quanto a garota tinha dito, pois tinha um nariz tão grande que alcançava o botão da sela do cavalo. Por fim, vinham cavalgando atrás do casal aqueles com quem eles conviviam; porém, era difícil dizer que tipo de criatura eles eram, já que pareciam tonéis vazios ou barris sem fundo. E isso foi tudo o que o garoto viu, pois sumiram de repente.

De vez em quando alguém via a garota na floresta e perguntava para ela se não estava triste e se sentia saudades de casa. Ela respondia que esteve muito bem com os huldurs por todo

o ano, muito melhor do que se sentia no Natal, quando estava em casa. Não havia nada que os importunava, assim como eles também não tinham medo de nada, com exceção de Tore Trumbeslagar, o trovão, pois se ele viesse sobre eles, então seria um infortúnio.

Referências bibliográficas

AUBERT, F. R. *Askeladden e outras aventuras: uma antologia de contos populares noruegueses*. São Paulo: USP, 1992.

_____. *Novas aventuras de Askeladden*. São Paulo: Edusp, 1995.

AASEN, I. *Prover af landsmaalet i Norge*. Christiania: Trykt hos C. Werner & Comp., 1853.

AASEN, I. *Norsk Grammatik*. Kristiania: P. L. Mallings Forlagsboghandel, 1864.

BERGTAKING. In: *Store norske leksikon*. Disponível em: <https://snl.no/bergtaking>. 16 de março de 2017.

HAGEN, R. B. Troll. In: *Store norske leksikon*. Disponível em: <https://snl.no/troll>. 15 de março de 2017.

HAUGEN, O. E. *Grunnbok i norrønt språk*. Oslo: Ad Notam Gyldendal, 1995.

_____. *Norrøn grammatikk i hovuddrag*. Bergen, 2009.

HULDER. In: *Store norske leksikon*. Disponível em: <https://snl.no/hulder>. 16 de março de 2017.

KEYSER, R.; MUNCH, P. A. Norges Gamle Love indtil 1387. Andet Bind. Christiania: trykthos Chr. Gröndahl, 1848.

KNUTSEN, G. W.; RIISØY, A. I. Troll and Witches. *Nordic Yearbook of Folklore*, v. 63, p. 31-69, 2007.

KVÅLE, K. M. «Dè è'kji gøtt veta ko dai saia»: Talemålsendring i Valdres. Fagernes: Trykt i Valdres Trykkeri, 1999.

LUNDEN, K. *Norsk gråhysing: norsk nasjonalisme 1770-1814 på allmenn bakgrunn*. Oslo: Samlaget, 1992.

SEJESTED, F. Mossekonvensjonen. In: *Store norske leksikon*. Disponível em: <https://snl.no/Mossekonvensjonen>. 14 de março de 2017.

SKARD, V. *Norsk språk historie. Til 1523*. Bind 1. Oslo/Bergen/Tromsø: Universitetsforlaget, 1973.

VIARO, E. *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

Obrigações e deveres na tradução de Ibsen

Leonardo Pinto Silva¹

“Traduire, c’est cuisiner un plat étranger avec les ingrédients de la terre”

Marta Pera Cucurell, *in* facebook.com/las1001traducciones

Os textos dramáticos de Henrik Ibsen (1828-1906), um dos pilares do teatro como o conhecemos hoje, tiveram surpreendente boa acolhida nos palcos cariocas até o início do século passado. Aqui, público e crítica travaram um contato precoce com “Uma casa de bonecas” já em 1899, vinte anos depois da estreia no país de origem, e a esta montagem sucederam diversas outras¹.

Para isso, o gênio criativo do maior dramaturgo norueguês foi determinante, não há dúvida, mas um certo diplomata russo (!) também contribuiu. Tradutor da maioria dos escritos de Ibsen para o francês, seu interlocutor frequente e reconhecido divulgador do seu legado, o conde Moritz Prozor trocou o rigoroso inverno de Moscou pelo clima ameno da aprazível Petrópolis, na serra fluminense. O Brasil da época, com seu pendor pelo galicismo, tinha um tesouro ao alcance da mão.

Ibsen aproximou a rigidez do drama clássico às nuances do teatro contemporâneo. Aboliu a sequência cronológica linear em nome da simultaneidade e trouxe o conflito psicológico das personagens para o centro da trama, na arguta

1 Leonardo Pinto Silva é formado em comunicação social pela UFC e tem mestrado em administração de empresas pela Ebap/FGV-RJ. Aprendeu o idioma na Noruega, onde estudou. Em 1998, traduziu seu primeiro título do norueguês, “Na trilha de Adão”, a autobiografia do explorador Thor Heyerdahl, mas só recentemente intensificou sua atividade como tradutor literário também do inglês. Já traduziu mais de vinte títulos do norueguês, entre eles “O mundo de Sofia”, de Jostein Gaarder. Vive em São Paulo.

observação da teatróloga Tereza Menezesⁱⁱ. Nunca a subjetividade tivera tanto destaque no palco, de onde jamais arredou pé desde então.

Curiosamente, porém, pouquíssimas das suas 38 peças teatrais (e nenhum da sua centena de poemas ou da sua vasta produção não ficcional) estão, até onde se sabe, disponíveis entre nós, ao menos em traduções diretasⁱⁱⁱ. Na sua percuciente tese de mestrado nesta USP (2007)^{iv}, Jane Pessoa da Silva cita “Inimigo do povo” em tradução direta de James Colby, possivelmente no início do século XX. Em 2006, o professor Karl Erik Schøllhammer, da PUC-RJ, trouxe-nos “Casa de boneca” para uma encenação alusiva ao centenário de morte do autor^v; e, uma década antes, em parceria com Fátima Saadi, “Quando nós os mortos despertarmos”, “John Gabriel Borkman” e “O pequeno Eyolf”, estas últimas publicadas pela Editora 34 e ora esgotadas.

Sabendo-se que a Noruega será homenageada na Feira de Frankfurt de 2019, era oportuno propor a alguma casa editorial suprir essa lacuna com títulos representativos do teatro ibseniano. Especialmente a produção tardia de Ibsen, enfocada menos no simbolismo que no realismo, reveste-se de uma atualidade aguda e urge ser redescoberta pelo público brasileiro nesta travessia entre um passado que nos persegue e um futuro que vislumbramos e se delineava promissor, mas não aconteceu. Este é, não por acaso, o *Zeitgeist* que plasmou a obra de Henrik Ibsen.

Uma empreitada de fôlego, sem dúvida. Pela prosa sutil e multifacetada, por se tratar de manuscritos de mais de cem anos, pelas adaptações, paráfrases e eventuais textos de apoio necessários para contextualizar a sociedade norueguesa do final do século XIX para o leitor brasileiro contemporâneo. Como manter acesa, numa prosa à altura, a aura de clássicos que já passaram pela pena de Clarice Lispector, Barbara Heliodora e Millôr Fernandes e foram encarnados por Beatriz Segall e Paulo Autran? Trata-se de alta literatura para ser fruída como tal, sim, mas também de uma criação que visava o palco, regida pelo discurso direto, fluente e sem afetações. Deve-se mencionar aqui a exímia habilidade do autor enquanto *realizador* teatral, donde a profusão de marcações, interjeições, frases de efeito, trocadilhos incontornáveis e demais artifícios para dar maior impacto ao texto *encenado*.

Assenhorar-se desta tarefa já seria desmesura suficiente, ainda mais para alguém cuja formação como tradutor é mais empírica que teórica – e cuja formação em dramaturgia é nenhuma, aliás. Mas há também o fato de Ibsen ter se expressado em *riksmaal*, a forma arcaica de norueguês desenvolvida a partir de 1879 e anterior à reforma gráfica de 1907, que resultou no *bokmål* contemporâneo. O leitor destes *Cadernos* deverá saber que todo norueguês nativo é bilíngue no próprio idioma. O

nynorsk (“novo norueguês”) é, a despeito do nome, um híbrido de dialetos ainda mais antigos que a “língua dos livros”: o *bokmål* evoluiu do dano-norueguês de grafia quase idêntica, deixando pelo caminho a prosódia gutural, paradas glotais, fonemas surdos e demais excentricidades do trava-línguas que ainda hoje se pratica na Dinamarca^{vi}. O Ibsen original está num “idioma que já não existe” esperando ganhar voz no *brasiliansk*, como querem na Noruega, um “idioma que existe sem ser”, tal a distância entre fala, escrita e norma culta no português brasileiro. Descobrir a “norma oculta” era o grande abismo a transpor para, no dizer de T.S. Eliot, dar à luz um texto “tão cheio de vida que deverá parecer tão presente para nós quanto o próprio presente”^{vii}.

Faltava também encontrar uma editora que encampasse o projeto, mas essa foi a parte menos difícil. A Carambaia lançará este ano, espera-se, um volume único com “Espectros” (“*Gengangere*”, 1881), “Um inimigo do povo” (“*En folkefiende*”, 1882), “Hedda Gabler” (“*Hedda Gabler*”, 1890) e “Solness, o construtor” (“*Bygmester Solness*”, 1892)^{viii}. As quatro foram cotejadas com: “Hedda Gabler” de Luiz Leite Vidal, encartada na revista “Dionysos” (ano e idioma original não creditados; possivelmente a partir do francês, *circa* 1960); “Um inimigo do povo”, por Pedro Mantiqueira para a L&PM (2003) a partir do francês (?); os dois volumes de “Seis Dramas” (Editora Escala, ano e local e idioma de partida não creditados, tradução de Vidal de Oliveira, possivelmente a mesma da Editora Globo, de 1983-5); “*Eight Plays*” de Eva La Gallienne (Modern Library College, NY, 1951); e as respectivas versões para o inglês disponíveis no sítio do projeto Gutenberg^{ix}.

Chamam a atenção de início, sobretudo nas traduções que se supõem indiretas dessa fortuna crítica, certas omissões de trechos inteiros. Marcações de cena, interjeições e mesmo situações ambíguas, que demandariam mais trabalho interpretativo do tradutor, foram suprimidas sem explicação – talvez em nome da clareza, talvez pelo texto de partida já ter sido mutilado, talvez pelo tradutor ter preferido abster-se de “subjugar a irracionalidade” da língua? Nesta tradução, me detive no inteiro teor dos originais.

Uma tradução não está imune a ideologias e idiossincrasias, algumas delas até já explicitadas aqui. Sendo assim, importa citar outras. Favoreceram-se construções e regências verbais arcaicas em detrimento de suas contrapartidas modernas, de modo a dar aos textos uma dicção mais antiga, um certo sabor machadiano, mesmo sob risco de dificultar-lhes um pouco a compreensão e fruição ou, pior, transformá-los num pastiche. Caberá ao leitor avaliar até que ponto é possível realizar este trabalho arqueológico e revisitar um discurso clássico numa cadência contemporânea sem desnaturar a ambos. Mas antes isto a perpetrar uma Hedda

Gabler “de saco cheio dos ‘*bromances*’ do marido”, por exemplo^x. O desabafo calhará bem numa eventual montagem *aggiornata* do drama; no livro impresso, melhor não.

Certos marcos nortearam uma jornada tradutória que lembra a de um Peer Gynt em busca do self. Na medida do possível, procurou-se: 1) evitar vocábulos cuja primeira datação em português seja posterior à publicação das obras; 2) não domesticar certas locuções e ater-se à exatidão de outras: “Jørgen” não vira “Jorge” nem “texugo” (*Meles meles*) se metamorfoseia noutro bicho, como ocorre em algumas das edições cotejadas; 3) empregar, com moderação, a segunda pessoa do singular, mas (quase) nunca o rebuscamento da segunda do plural.

Podeis ter certeza: estas duas últimas foram superadas sem intercorrências, mas a primeira baliza exigiu certa perícia. Senão, vejamos. Os convivas do inimigo do povo Tomas Stockmann bebem *toddy*, uma diluição de destilados ou vinho em água quente e açúcar, e continuarão a ingerir essa glória da mixologia escandinava do século XIX a menos que uma edição caridosa decida servir-lhes outra coisa. Mas onde seu sogro, o “velho texugo” Morten Kiil, queixa-se de ter sido tratado como um “cão vadio”, o leitor atento estranhará ali a falta de um “vira-latas” ganindo. Vira-latas habitam o Brasil desde as caravelas, mas antes da década de 1950 eram só cachorros vadios – Nelson Rodrigues que o diga. E “rafeiros”, só os há perambulando pelas ruas em Portugal. Paciência. Certos cães estranham-se uns aos outros.

É possível sacrificar um pouco da proximidade em nome da fidedignidade sem comprometer a fluência e o sentido? Julgue o leitor: “emocionante” (datação: 1939) caberia muito bem na tensão dramática entre a senhorita Hilde Wangel e o construtor Solness, mas foi preterido, assim como “empolgante” (datação: 1899), sempre que um dos dois se vê alvoroçado, animado, encorajado, enlevado, entusiasmado, excitado, extasiado, exultante, tenso ou vivaz – em suma, *spændt* (*spent*, na grafia vigente).

Tome-se, por outro exemplo, o budoar dos lares de “Espectros”: *fruentimmer* (cf. o alemão *Frauentzimmer*) é o *aposento* e também a *presença física*, a companhia, a convivência com a recatada Regine Engstrand. A melhor correspondência para esta aglutinação está em “toque feminino”, descartada em seguida por conferir, acreditei eu, um certo verniz contemporâneo a um vilarejo nos cafundós da Noruega do século XIX. O avanço dos retrocessos no Brasil de 2017 trataria de me desmentir.

Tudo isto posto, fica evidente que o resultado saberia a um certo lusitanismo, tamanha a distância, já mencionada, entre o que os brasileiros escrevemos e falamos^{xi}. Pude também atestar o prazo de validade de uma tradução, sobretudo se o original é um clássico, exorcizando os avantesmas redivivos por Leite Vidal.

Trata-se do uso castiço, mas não só. Chapéu, por exemplo, ainda se diz, mas já quase não se usa. Há costumes e hábitos que simplesmente caducaram: “faiança”, “coroados de pâmpanos”, “aí é que está o *hi*”, “trajo” (substantivo), “*punch*”, “*portmanteau*”, “*toilette* de visita”. O *norvégien* de antanho também era pródigo em galicismos.

Era natural também que muitas expressões no original adquirissem, com o passar do tempo, sentido diverso do que tinham há mais de cem anos – um convite irresistível ao erro. Assim é que *rar*, que em danês ainda significa “belo, distinto”, em norueguês tornou-se um falso cognato: “estranho” (cf. *extraño* e *bizarro* em espanhol, p. ex.).

Como a ação de “Hedda Gabler” transcorre numa Oslo senhorial do final do XIX, procurei elevar o registro do discurso mesmo em situações coloquiais. O cargo do melífluo Brock foi traduzido por “juiz” (no original *assessor*, o magistrado de então). E certas nomenclaturas ganharam sua correspondência de época ou de lugar: “prefeito” por “intendente”, “município” por “comarca”, entre outros. Reparo agora que vou de encontro à opção de servir o *toddy* de alguns parágrafos atrás. Mas tradução é também contradição.

Sendo o norueguês uma língua germânica, mais sintética em relação às latinas, esbarra-se a todo momento em campos semânticos que não possuem a mesma equivalência. Para superá-los, tive que me haver com *menos* para dizer *mais* e ainda assim não incorrer em eventuais “equivocos por irreflexão”, como alerta Schleiermacher^{xii}.

Caso, por exemplo, de *pligt* (ou *plikt* no norueguês contemporâneo; cf. o alemão *Pflicht*): é “dever” como imperativo moral de foro íntimo ou “obrigação” sacrificial de conformar-se aos rígidos códigos sociais locais? Ambas as acepções, no mais das vezes esta última, convêm à resignação da esposa do construtor Solness. Aliás, “arquiteto” calha melhor ao *byggmester* (na grafia corrente: *byggemester*) que no passado projetava e executava as obras sem o aval de um engenheiro, mas receei contrariar a guilda da categoria^{xiii}. O “empreiteiro” que só põe a mão na massa para corromper governos certamente ele não era. E, bem, um “mestre de obras” não teria amealhado todo aquele patrimônio. *Ergo*, “construtor”.

E o que dizer de uma viúva assombrada por espectros de outrora? O sentimento de *angst* que atormenta a senhora Helene Alving é aflição, agonia, ansiedade, angústia, aperto, medo, pavor (cf. o alemão *Angst*) ou uma resultante disso tudo? E quando a pobre Aline Solness avista o marido idoso arriscando a vida nas lonjuras de um andaime? Sem dúvida ambas padecem de enorme sofrimento (*lidelse*), que em rara vez posso ter convertido em “paixão” (*lidenskap*; cf. o alemão *Leiden*/

Leidenschaft), seduzido pela tradição ibérica de apaixonar-se e sofrer com o mesmo estado d'alma. Melhor não faz o calvinismo escandinavo, ascético e pragmático, ao discernir uma coisa da outra?

Substantivos tipicamente noruegueses como *trolld* (na grafia moderna, *troll*), designando tanto a personagem mítica quanto “magia” ou “feitiço” (cf. o inglês *spell/charm*) também mereceram tratamento à parte: no mais das vezes omitiu-se a figura do *ente* mitológico para evidenciar o seu *efeito* sobrenatural, isto é, o encantamento (cf. a acepção de troll no jargão da internet).

No que concerne à pontuação, manteve-se a minudência desejada pelo autor acompanhando-se a notação mais moderna, aliás adotada em todas as edições de cotejo. Travessões em final de frase deram lugar a reticências; sentenças encadeadas numa sequência de dois pontos foram desmembradas em duas ou mais.

Ante o dilema schleiemacheriano de “deixar em paz o autor ou o leitor”, oscilei mais para lá que para cá. Não me aferrei a um cânone ou a um manual de estilo rígido e inflexível, apenas procurei observar a elocução do texto. Porém, ora por coerência, ora por simples gosto, ora por mera intuição, fiz escolhas que se distanciavam do original para lhe conferir fluência na chegada e alcançar o “ponto intermediário” que distingue cada tradução.

Concluo no mesmo tom confessional. Ao longo dos quatro meses que me consumiu o trabalho, pude perceber variações no grau de rarefação dos textos à medida que se desgrudam do real, assumem traços mais simbólicos e cedem espaço ao inconsciente. Apesar do registro mais culto, o aristocrático “Hedda Gabler” é “mais palpável” e, assim, “mais fácil” se comparado a “Solness, o construtor”, em que o vanguardismo coloquial, o não-dito e as entrelinhas assomam e se impõem como obstáculos mais íngremes. Pelas mesmas razões, “Espectros” equipara-se a este último.

Se uma das características de um texto clássico é uma atemporalidade que desconhece todas as dificuldades aqui expostas, “O inimigo do povo” é certamente o exemplo mais pronto e acabado disso. A truculência cega das autoridades, a cidade que sucumbe ao poder do capital, o comportamento de manada dos seus habitantes, a sabujice de uma imprensa canalha, a execração pública de uma das poucas personagens lúcidas nesse processo... Por muitas vezes entrevi na tela do computador não o processador de texto, mas a página principal de algum portal de notícias no ano da graça de 2017.

Visionário como era – “marqueteiro”, dirão até –, Henrik Ibsen devia saber que muito além das fronteiras da Noruega, nalgum país que sofresse de complexo de vira-latas – digo melhor, cão vadio –, onde fervilhassem as paixões e imperasse

o medo, seu legado póstumo seguiria relevante. E nisso há de ter concluído que descortinar a psique humana como fez foi antes um dever que uma obrigação.

São Paulo, abril de 2017.

Notas

- i Uma versão reduzida deste texto, igualmente inédita, foi apresentada à Casa Guilherme de Almeida como trabalho de conclusão da disciplina “História de Tradução” do Curso de Formação em Tradução Literária, ministrada pelo professor Érico Nogueira.
- ii MENEZES, Tereza. “Ibsen e o novo sujeito da modernidade”, Perspectiva, São Paulo, 2006.
- iii O professor da USP Francis H. Aubert traduziu três peças de Ibsen (“A Dama do Mar”, “Rosmersholm”, “O Pato Selvagem”) para as Edições Cotovia, de Portugal, em 2008.
- iv Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-01112007-141703/pt-br.php>.
- v SCHØLLHAMMER, K. E. (org.) “Henrik Ibsen no Brasil”. PUC/7 Letras, Rio de Janeiro, 2008.
- vi O dinamarquês, por seu turno, conservou essas características, que dificultam sua compreensão oral e são motivo de troca por parte dos vizinhos escandinavos.
- vii Citado em CAMPOS, Haroldo, “Metalinguagem e outras metas”. Perspectiva, São Paulo, 1992.
- viii Para a obra completa original em domínio público, ver a página na internet do Centro de Estudos sobre Ibsen da Universidade de Oslo: http://www.edd.uio.no/cocoon/ibsenarkiv01_02/forside.xhtml.
- ix <https://www.gutenberg.org/ebooks/author/861>
- x Digressão que não me escapou neste particular: somente a proverbial fleuma da sociedade escandinava para que Ibsen, com seu compêndio de transgressões para *épater la bourgeoisie* de então, não tenha tido destino semelhante ao de seu contemporâneo Oscar Wilde, a despeito dos escândalos que sucediam a cada estreia do norueguês no Teatro Nacional de Oslo.
- xi Em relação ao português, as traduções inglesas do norueguês são menos afetadas neste aspecto, tanto pelo parentesco entre ambos estes idiomas como pela proximidade entre o inglês escrito e o falado.
- xii “Dos diferentes métodos de traduzir”, SCHLEIEMACHER, F. (trad. Mauri Furlan), in “*Scientia Traductionis*”, n.º. 9, 2011.
- xiii A quem porventura achar que não é a sério: a empresa de um amigo jornalista foi notificada pelo cioso Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea) por se intitular “*Engenharia de Comunicação*”.

Outono, de August Strindberg

Leon Rabelo¹

Prefácio

O conto “Outono”, publicado em 1884, faz parte do controverso conjunto de novelas *Giftras* [Casar] do romancista, dramaturgo, pintor, polemista e cientista frustrado sueco August Strindberg (1849-1912). A obra, que se divide em dois volumes e é hoje considerada um clássico da literatura moderna escandinava, constrói um panorama sutil e penetrante dos dramas da vida conjugal burguesa e da microfísica de tensões entre homens e mulheres.

Pode-se discutir se Strindberg foi o maior nome da literatura sueca, mas dificilmente será contestado que ele foi o mais controverso. Quando o primeiro volume de *Giftras* foi publicado, imediatamente o livro foi tragado para o centro de um efervescente debate que na época se alastrava pela conservadora e burguesa sociedade sueca. A contenda, que depois foi chamada de “O Debate dos Costumes” [Sedlighetsdebatten], dividiu o mundo intelectual do país escandinavo. De um lado estavam os conservadores, firmemente enraizados nos rigores do luteranismo secular e nas estritas regras de comportamento da aristocracia social oitocentista. Do outro, intelectuais liberais e ativistas de correntes emancipadoras como o feminismo e os movimentos trabalhistas, que prenunciavam as grandes liberações de costumes que eclodiriam ao longo do século seguinte.

1 Leon Rabelo é doutorando em Comunicação na Universidade de Brasília, pesquisando práticas de e-democracia, governo aberto e participação democrática. Já trabalhou em diversos projetos entre o Brasil e a Suécia, tendo traduzido do sueco a peça *Outono e Inverno*, de Lars Norén (2007) e, junto com Carlos Rabelo, a novela *Gente de Hemsö*, de August Strindberg (2010).

É esse, portanto, o contexto da obra. Mas Strindberg, mais do que querer vencer debates, nos mostra aqui uma peculiar ânsia exploratória das nuances da psique e dos costumes humanos. E se as marcas do naturalismo francês, particularmente de Zola, se fazem às vezes presentes em seu texto, dando a eles certos exageros cientificistas, isso jamais tira sua originalidade e expressividade própria. A extrema inquietação e belicosidade de Strindberg fizeram com que ele frequentemente se indispusesse também com aliados e amigos. Muitos acusam os contos de *Giftas* de serem francamente misóginos, na medida em que Strindberg não poupa artilharia acusatória contra o que seria o uso impiedoso que as mulheres faziam de seu poder sexual sobre os homens e sua inteligência emocional mais aguçada.

Mas nem tudo é conflito. Justamente no conto “Outono”, o tom é mais ameno e amistoso ao narrar as últimas tentativas de um casal, junto há dez anos e com a velhice já batendo à porta, de resgatar um pouco da juventude perdida de sua relação. Ao narrar como homem e mulher, cada qual à sua maneira e segundo sua psicologia, tentam em vão trazer de volta o tempo e os sentimentos passados, Strindberg aponta uma possível pacificação ao eterno duelo. Se a tensão for a única constante entre homens e mulheres, ao menos há a possibilidade de ambos se irmanarem na aceitação, ao final, de suas ilusões perdidas.

Höst

August Strindberg

De hade varit gifta i tio år! Lyckligt? Så lyckligt som omständigheterna tillät. De hade dragit jämnt, jämnt som två jämnstarka stutar, vilka dra i var sin ända av ett rep.

Första året bisattes naturligtvis en mängd illusioner om äktenskapet såsom den absoluta sällheten. Andra året kommo barnen, och livets släp gav icke mycken tid till grubbel.

Han var mycket huslig, kanske väl mycket, och hade i familjen funnit sin lilla värld, vars medelpunkt han var; barnen voro radierna, och hustrun sökte också vara medelpunkt men aldrig mitt i cirkeln, ty där satt mannen, och därför råkade radierna att stundom falla på varandra, utom varandra, och därför skar sig det hela.

Nu på tionde året blev mannen utnämnd till sekreterare vid fängelseinspektionen, och måste ut att resa. Detta var en stöt åt hans hemvanor och han erfor en verklig olust vid tanken på att han för en hel månad måste lämna hemmet. Han visste icke klart, om det var hustrun eller barnen, han skulle sakna mest, kanske alltsammans.

Kvällen före avresan sitter han i sin soffå och ser på huru hustrun packar hans kappsäck. Hon ligger på knä på golvet och lägger in hans linne. Hon dammar av de svarta kläderna, viker dem omsorgsfullt, så att de skola ta den minsta möjliga plats; inte förstod han sig på sådant!

Hon hade aldrig tagit sin ställning i huset som hans tjänar-inna, knappt som hans hustru. Hon var mor: mor åt barnen och åt honom. Hon kände sig aldrig förödmjukad av att stoppa hans strumpor, och begärde aldrig någon tack. Och hon ansåg aldrig honom stå i skuld för sådant, då han i gengäld gav henne och hennes barn både hela strumpor och mycket mer, som hon eljes skulle fått släpa ihop utomhus, under det hennes barn voro lämnade ensamma hemma.

Han satt i soffhörnet och såg på henne. Nu när avskedet nalkades, började små förskott på saknaden att lyftas. Han betraktade hennes figur. Skulderbladen hade skjutit något ut och ryggen var krökt av arbete över vaggan, över strykbrädet och Spiseln. Han var också böjd av arbete över skrivbordet, och hans ögon hade måst taga hjälp. Men nu tänkte han verkligen icke på sig. Han såg att hennes hårflåtor voro tunnare än förr och att en svag ljusning syntes i benan. Var det för honom hon mistat sin fågning, för honom ensam? Nej, för den lilla kommun, som utgjordes av dem alla; ty hon hade ju också arbetat för sig själv. Och hans hår hade också förtunnats på hjässan i kampen för dem alla. Han skulle kanske haft mer ungdom, om de ej varit så många munnar, om han varit ensam, men han ville ej ett ögonblick ha varit ensam.

– Det skall göra dig gott att komma ut litet, sade hustrun, du har suttit alldeles för mycket inne och kurat.

– Du är glad att bli av med mig, du, sade han, icke utan en liten bitterhet, men jag kommer nog att sakna Er.

– Du är som huskatten, du saknar din varma vrå, men inte tror jag du saknar mig så fasligt.

– Än barnen då?

– Ja, när du är borta, men när du är hemma, så gnatar du på dem, inte som värst förstås, men ändå! Ånej, du håller nog av dem tror jag, jag vill inte vara orättvis.

Vid kvällsbordet var han mycket blid och kände sig illa till mods. Han läste icke aftontidningarna utan sökte bara samtal med hustrun; men hon var så upptagen med omsorger, att hon ej gav sig mycken tid med prat, och dessutom hade hennes känslor hunnit stålas bra nog under tio års kampanj i barnkammaren och köket.

Han var mera känslfull än han ville visa, och oordningen i rummet satte honom i oro. Han såg bitar av sitt dagliga liv, av sin existens kastade huller om buller på stolar och byråar och den öppna, svarta kappsäcken gapade mot honom som en likkista, där vitt linne svepte om svarta kläder, som ännu buro märken av hans knän och armbågar, och han tyckte han låg där själv i den vita stärkskjortan färdig att med locket över sig föras bort.

Morgonen därpå, en Augustimorgon, rusade han ur sängen, klädde sig med andan i halsen och var mycket nervös. Han gick in i barnkammaren och kysste alla barnen, som gnuggade sömnen ur ögonen, och efter att ha omfamnat sin hustru satte han sig i droskan att fara till järnvägsstationen. Resan, i sällskap med förmännen distraherade honom, och han kände det verkligen gott att få ruska på sig litet. Hemmet låg bakom som ett jolmigt sängrum och han var riktigt glad, när han kom fram till Linköping. Det återstående av dagen tillbragtes med en fin fängelsemiddag på stora hotellet, där man drack för landshövdingens välgång, men icke för fångarnes, som dock var ändamålet med färden. Men så kom aftonen på det ensamma rummet. En säng, två stolar, ett bord, en kommod och ett stearinljus, som spred sitt futtiga sken på de nakna tapeterna. Sekreteraren kände sig ängslig. Allting fattades: tofflorna, nattrocken, piphyllan, skrivbordet; alla dessa småting, som han låtit ingå som beståndsdelar av sitt liv. Och så barnen och hustrun. Hur hade de det nu? Voro de friska? Han blev orolig och mycket dyster. När han skulle dra upp sin klocka, saknade han urnyckeln. Den hängde där hemma på klockstället, som hans hustru som fästmö broderat åt honom. Han gick och lade sig och tände en cigarr. Men så måste han upp och söka en bok i kappsäcken.

Allting var så ordentligt inlagt, att han var rädd att ostäda. Men hur han rev, så hittade han tofflorna! Hon hade då tankar för allt och alla. Och så fick han fatt i boken! Men häri läste ingenting. Han låg och tänkte på det förflutna, på sin hustru för tio år sen. Och så trädde bilden från fordom fram, och den nuvarande försvann i cigarrens blåbruna moln, som steg i virvlar upp emot det regnfläckade taket. Och han kände en gränslös saknad. Varje hårt ord sedan dess skar i hans öra och han ångrade varje bitter stund han förskaffat henne. Slutligen somnade han.

Följande dag arbete och ny middag, med skål för direktörens välgång men ännu ingen för fångarnes. På kvällen ensamhet, ödslighet, köld. Han kände ett behov att tala vid henne. Så tog han fram papper och satte sig vid skrivbordet. Han stannade genast vid första penndraget. Hur skulle han sätta: »Kära mamma» var det alltid, när han skickade hem en brevlapp, att han skulle äta ute. Men nu var det icke till mamma han skrev; det var till den förra fästmön, till älskarinnan. Och så skrev han. »Lilly, min älskade», som förr. I början gick det trögt, ty så många vackra ord hade försvunnit ur det dagliga, vardagliga livets tunga, torra språk; men snart blev han varm och nu stego de upp ur minnet som glömda melodier; valstakter och romans-fragment; syrener och svalor, kvällsstunder i solnedgång på spegelblanka fjärdar; alla livets vårminnen dansade frän i solskyar och grupperade sig omkring henne. Längst ner på sidan satte han en stjärna, som älskande bruka, och därbredvid skrev han – alldeles som fordom – »Kyssa där!» När han slutat och genomläste sitt brev, märkte han en hetta på kinderna och han var liksom generad. Varför, det visste han inte riktigt. Men det var som att ge ut sina innerligaste känslor åt någon, som kanske icke riktigt förstod dem.

Emellertid avsände han brevet.

Det gick ett par dagar, innan svaret kom. Under väntan gick han och kände sig barnsligt blyg och besvärad.

Men så kom svaret: Han hade träffat rätta ton, och ur köksos och barnkammarlarm steg en sång klar och välljudande, varm och ren som den första kärleken. Och nu började en utväxling av kärleksbrev. Han skrev varje kväll och kunde också sända av ett brevkort under dagens lopp. Kamraterna kände inte igen honom. Han började nämligen vårda sin klädsel och sitt yttre, så att han blev misstänkt för en kärlekshandel. Och han var kär, på nytt! Han sände henne sin fotografi, utan glasögon, och hon en lock av sitt hår. De voro barnsliga i sina uttryck och han hade köpt kulört brevpapper med duvor på. Men de voro ju också medelålders människor, som ännu icke på långt när lämnat fyrtioalet, ehuru livets strider kommit dem att känna sig gamla. Han hade också det sista året försummat henne i äktenskapet, icke så mycket av köld, som av vördnad, ty han såg alltid i henne barnens moder.

Resan led till sitt slut. Nu började han erfara en viss oro vid tanken på återseendet. Han hade korresponderat med älskarinnan; skulle han i modren och husmodren återfinna henne? Han var rädd att finna sig sviken vid hemkomsten. Han ville ej se henne med en kökshandduk, inte heller med barnen i kjolarne, när han skulle omfamna henne. De måste mötas på en annan plats, ensamma. Skulle han stämma henne mot sig till exempel i Vaxholm, på värdshuset, där de tillbragt så mången glad stund under deras förlovningstid. Det vore en idé. Och där under två dagar återta, i minnet den flydda första glada perioden av vårdagar, som aldrig mer skulle återkomma.

Han satte sig ner och framlade sitt förslag i ett långt glödande brev, vilket hon besvarade med omgående och jakande, lycklig över att han kommit på samma tanke som hon.

Två dagar senare var han i Vaxholm och ställde rum i ordning på värdshuset. Det var en vacker. Septemberdag. Han åt sin middag ensam i stora salen, drack ett glas vin och kände sig ung igen. Här var så ljust och luftigt. Därute lågo fjärdarne så blå och endast björkarne i stränderna hade skiftat färg. Ute i trädgården stodo ännu dahlierna i full blomning och resedan doftade i rabattkanterna. Ett och annat bi besökte ännu de sinande kalkarne, men vände gäckade tillbaka till sina kupor. I sunden gingo seglare ut och in för en svag bris, och vid vändningarne flaxade seglen och snärtade med skoten, och måsarne flögo skrämde och skrikande bort från strömmingsfiskarena, som sutto och pimplade i sina ökor.

Han tog sitt kaffe på verandan och började vänta ångbåten, som skulle komma klockan sex. Orolig, som om han gick något ovisst till mötes, vankade han av och an på balkongen, spejande utåt fjärden och sunden åt stadssidan för att få sikte på båten.

Slutligen steg en rök upp över granskogen på Tenölandet. Han fick en lindrig hjärklappning och drack en likör. Därpå gick han ner till stranden. Nu syntes skorstenen mitt i sundet och snart såg han flaggan på förstängen. Var hon med eller hade hon fått hinder? Det behövdes bara att ett av barnen hade fått något ont för att hon skulle stannat hemma, och då måste han ju vara ensam i natt på hotellet. Barnen, som under de sista veckorna trätt i bakgrunden, stego nu fram som något, vilket stod emellan honom och henne. I de sista breven hade de talat mycket litet om barnen, såsom om de velat avlägsna något störande, eller något som icke fick vara vittne.

Han trampade ångbåtsbryggan, som knarrade under hans fötter, tills han stannade orörlig och blev stående vid en pollare, stint blickande ut emot båten, vars skrov förstorades och vars kölvatten lade sig som en flod av smältande guld ut över den blåa, svagt krusade ytan. Nu såg han folk röra sig på övre däck och matroser syssla med tågverk fram i förn.

Och så rör sig något vitt däruppe bredvid styrhuset. Han är ensam på bryggan och man kan icke gärna vifta åt någon annan än honom; och någon annan kan inte vifta åt honom än hon. Han tar upp sin näsduk och besvarar hälsningen. Men han observerar, att hans näsduk icke är vit, ty han har sedan länge anlagt kulörta, av ekonomi. Ångbåten visslar, signalerar och maskinen minskar; fram till bryggan glider nu fartyget och han känner igen henne. De hälsa med ögonen, men kunna ännu icke växla ett ord för avståndet. Båten lägger till. Han ser henne sakta trängas fram över landgången. Det är hon, men det är icke hon. Tio år ligga emellan!

Modet har förändrats, snitten på kläderna är en annan. Förr såg han hennes fina mörka ansikte infattat till hälften i den då brukliga bahytten, som lämnade pannan öppen; nu var det beskuggat av en elak imitation av manshatten; då tecknade sig hennes vackra gestalt i små lekande linjer under den så vackert draperade visitekappan, som skälmskt dölde och framhöll axlarnes rundning och armarnes rörelser; nu var hela figuren vanställd av en lång kuskrock, som tecknade av kläderna men ej gestalten; och när hon tog sista steget på landgången, såg han hennes lilla fot, som han blivit kär uti, när den förr satt i en

knäppkänga av fotens form, nu utdragen i en kinesisk spetstoffel, som icke tillät fotbladet höja sig i dessa dansande rytmer, som då var hans förtjusning.

Det var hon, men det var icke hon! Han omfamnade henne och kysste henne! De frågade varandra huru de mädde och han huru barnen hade det. Och så gingo de uppåt stranden.

Orden föllo knotttriga, torra, tvungna. Så underligt! De voro liksom blyga för varandra och inte en anspelning på brevväxlingen. Slutligen tog han mod till sig:

– Ska vi ta en promenad, innan solen går ned?

– Ja gärna, sade hon, och tog hans arm.

De gingo upp för gatan inåt den lilla staden. Alla sommarnöjen voro stängda med luckor, och trädgårdarne voro plundrade. Ett och annat äpple, som gömt sig bakom ett löv, satt ännu kvar i träden, men rabatterna voro berövade varenda blomma. Verandorna, som nu förlorat sina tältmarkiser, sågo ut som skelett, och där man förr sett ansikten och hört glada skratt var det tyst.

– Det ser så höstligt ut, sade hon.

– Ja, det är kusligt att se sommarnöjen så här.

Och de vandrade vidare.

– Vi ska gå och se var vi bodde, sade hon.

– Ja, det skall bli roligt.

Och de gingo framåt badinrättningen. Där låg den lilla stugan inklämd mellan trädgårdsmästarns och lotsåldermannens, med sitt röda staket omkring; med sin veranda och sin trädgårdstäppa.

Minnen av det förra döko upp. Där i kammaren, där föddes den första. Jubel och fest! Sång och Ungdom!

Där stod rosenbusken, som de planterade. Där låg jordgubbslandet, som de anlagt, men det låg där icke numera, ty det var igenvuxet till en gräsplan. Där syntes märken i askarne efter gungan, som ej fanns mer.

– Tack för dina vackra brev, sade hon och tryckte hans arm.

Han rodnade och svarade ingenting. Därpå vände de om till hotellet, under det han berättade detaljer från resan.

Han hade låtit duka i den stora salen, vid deras bord, där de brukade sitta på den tiden. Utan bordsbön satte de sig. Och nu sutto de på tu man hand igen. Han tog brödkorgen och bjöcl henne. Hon log. Det var inte i går, han var så artig. Men det var så nytt och roligt att äta ute på värdshus och snart sutto de i ett varmt samspråk, som i en duett, den ena fallande in då, kastande fram ett minne, och de levde i minnena. Blickarne lyste och ansiktenas små rynkor slätades. O, den gyllene, rosenröda tiden, som man lever blott en gång, när man fått leva den, och som så många, många aldrig fått. Vid desserten viskade han åt uppasserskan, som strax därpå kom in med en butelj Champagne.

– Kära Axel, vad tänker du på? sade frun till hälften förebrående.

– På våren som gått, men som skall åter komma.

Men han tänkte icke uteslutande på den, ty vid hustruns förebråelse skymtade, som när en katt går genom rummet, en mörk bild av barnkammaren och mjölgrötsfatet.

Men så klarnade det igen och det rosenröda vinet rörde åter på minnets strängar och de kastade sig åter i det förgångnas trolska rus. Han satt nu med armbågen på bordet och handen för ögonen liksom för att ej störas av det närvarande, det närvarande som han dock just sökt.

Timmarne runno fort. De stego upp och gingo in i salongen, där pianot stod, för att dricka kaffe.

– Jag undrar, hur mina små har det, sade frun, som nu vaknade först ur ruset.
– Sätt dig och sjung, sade han och slog upp instrumentet.

– Vad ska jag sjunga; du vet ju, att jag inte sjungit på så länge.

Ja, det visste han, men nu ville han ha sång. Hon satte sig vid pianot och preluderade. Det var ett skrälligt värdshuspiano, vilket lät som lösa tänder.

– Vad ska jag sjunga? frågade hon och vände sig om på stolen.

– Det vet du, Lilly, svarade han, utan att våga möta hennes blick.

– Din sång! Ja! Om jag minns den!

Och så sjöng hon: »Vad månd' det landet heta, där som min älskling bor.»

Men ack, rösten var tunn, så vass och av rörelsen blev den oren. Det var stundtals som ett skrik ur djupet av själen, som känner att middagen är över och att aftonen nalkas. Fingrarne, som rört vid det tunga arbetet, togo icke så lätt fatt på de rätta tonerna och instrumentet var utspelat; klädet på hamrarne var utnött och bara träet knackade mot metallsträngarne.

När sången var slut, vågade hon icke vända sig om på en stund, likasom hon väntade, att han skulle komma fram till henne och säga något. Men han kom icke och det var tyst i rummet. Då hon vred sig om med stolen, satt han i soffan och grät. Hon ville springa upp emot honom, ta hans huvud mellan sina händer och kyssa det som förr, men hon blev sittande, orörlig, med blickarne mot golvet.

Han hade en otänd cigarr mellan tummen och pekfingret. När han hörde det blev tyst, bet han av spetsen och repade eld på en sticka.

– Tack, Lilly, sade han, och blossade. Vill du dricka kaffe nu?

De drucko kaffe och talade om sommarnöjen i allmänhet och var de skulle bo nästa år. Men samtalet började torka och man repeterade sig. Slutligen sade han i en lång oförbehållsam gäspning:

– Nu går jag och lägger mig!

– Det skall jag göra med, sade hon och steg upp. Men jag vill gå ut litet först – på balkongen.

Han gick in i sängkammaren. Frun stannade en stund i matsalen och sprakade med värdinnan om syltlök, varpå de förirrade sig in på ylletvätt, vilket varade en halv timma.

När hon kom igen, stannade hon vid sängkammardörren och lyssnade. Där inne var alldeles tyst, och stövlarne stodo utanför. Hon knackade, men ingen svarade. Då öppnade hon dörren och steg in. Han sov.

Han sov!

Morgonen därpå sutto de vid kaffebordet. Herrn hade ont i huvudet och frun såg orolig ut.

- Husch, ett sådant kaffe, sa han och grinade.
- Det är brasilianskt, sa hon.
- Vad ska vi göra i dag? sa han och tog upp klockan.
- Du skall ta dig en smörgås, menade frun, i stället för att sitta och kinka med kaffet.
- Ja, det ska jag göra, sa han, och en liten sup till. Den där champagnen, brr!
- Han fick en smörgåsbricka med brännvinsflaska, och klarnade opp.
- Nu ska vi gå till lotsberget och se på utsikten.

De stego upp och gingo ut. Vädret var härligt och promenaden gjorde gott. Men när de skulle uppför berget gick det trögt, frun hade svårt att andas och herrn var styv i knäna. Inga paralleller med fordom anställdes.

Därpå gingo de ut åt hagarne. Ängarne voro slagna för länge sen och sedan betade så att ej en blomma syntes. De satte sig på var sin sten. Han började tala om fängelseinspektionen och verket. Hon om barnen. Därpå gingo de ett stycke till, utan att tala. Han tog upp klockan.

– Det är ju tre timmar till middan, sa han. Och så tänkte han: jag undrar vad vi ska göra i morgon.

De vände om till hotellet. Han började leta efter tidningar. Hon log, och satt tyst vid hans sida. Middagen var ganska tyst. Slutligen tog frun upp kapitlet om pigorna.

- Nå, men för Guds skull låt oss slippa pigorna, utbrast han.
- Ja, vi ha inte kommit hit för att gräla, svarade hon.
- Har jag grälat, jag?
- Ja, inte har jag.

Och så blev det en förfärlig paus. Nu skulle han önskat någons mellankomst. Barnens! Ja! Den här tété-å-téten började bli honom besvärlig. Men så stack det honom i hjärtat, när han tänkte på gårdagens ljusa timmar.

- Låt oss gå till ekbacken, sa hon, och plocka smultron.
- Inte finns det några smultron så här dags på året, min vän: det är ju höst!
- Låt oss gå ändå!

Och de gingo igen. Men intet samtal kom upp. Han letade med ögonen efter något föremål, något ställe vid vägen, som det kunde talas om, men allt var torrt, uttalat. Hon visste alla hans meningar om allt och ogillade en stor del av dem. Dessutom, nu längtade han hem; hem till barnen och huset. Det här var för galet att gå här som ett spektakel

och när som helst vara utsatt för ett gräl. Slutligen stannade de, ty frun var trött. Han satte sig att rita med sin käpp och bara önskade att hon ville ge anledning till ett utbrott.

– Vad tänker du på, frågade hon slutligen.

– Jag, svarade han såsom befriad från en börda.

– Jo, så här tänker jag: vi ä' gamla, mamma; vi ha lekt ut och vi få vara nöjda med det som varit. Tycker du som jag, så ta vi hem med kvällsbåten. Va?

– Det har jag tyckt hela tiden, kära gubben, men du skulle få din vilja fram.

– Nå kom då, så fara vi hem. Det är inte sommar längre, det är höst.

– Ja det är höst!

De gingo med lätta steg tillbaka. Han var litet brydd över den tvära prosaiska vändning saken tagit, och han hade ett behov att ge en filosofisk utläggning av sakförhållandet.

– Ser du, mamma, sa han, min ka... hm, (ordet var för starkt) mitt tycke för dig har under årens lopp undergått en evolution, som man säger nu för tiden. Det har utvecklats sig, amplifierat sig, så att säga, så att ifrån att omfatta en individ från början, det sedermera har i familjen såsom en kollektivitet sett föremålet. Det gäller inte numera dig personligen, inte barnen, utan det hela ...

– Eller som morbror alltid sa, barnen ä' åskledare!

Han var efter sin filosofiska förklaring bliven sig själv igen. Det var skönt att lägga av den där bonjuren; och det var som att ta på nattrocken igen. Och när de kommo hem till hotellet, tog frun genast ihop med kappsäckarna, och då var hon i sitt esse.

Och när de kommo ombord på ångbåten gingo de genast ner i matsalongen. För skams skull hade han dock först frågat, om de skulle se solnedgången, vilket hon avböjt. Och när de åto kväll, tog han sig själv först, och hon frågade resturatriken vad spisbrödet kostade.

När han ätit sig mätt och skulle sätta porter-glasen för munnen, kunde han icke längre hålla tillbaka en tanke, som roat honom en lång stund:

– Gamla stollan! Va! sa han och log mot hustrun, som just i en tugga råkat se upp mot honom.

Men hon log icke tillbaka mot hans skinande feta ansikte; utan hennes ögon, som en sekund blixtrat till, antogo ett sådant krossande uttryck av värdighet, att han blev helt förlägen.

Nu var förtrollningen bruten, sista spåret av älskarinnan var försvunnet; han satt ensam med barnens mor, och han kände sig stukad.

– Därför att jag varit fjollig ett ögonblick, skall du icke ringakta mig, sade hon allvarligt. Men i mannens tycke ligger en god del förakt; det är underligt.

– Än i kvinnans då?

– Mycket mera! Det är sant! Men så har hon större anledningar. – Gud vet! Det är väl allt lika, fastän ej detsamma. Men troligen ha de orätt i det båda två. Det man genom svårigheten att vinna råkat överskatta, blir lätt föremål för ringaktning.

- Varför skall man överskatta?
- Varför skall det vara så svårt att vinna?

Ångvisslan ovanför deras huven avbröt samtalet. De voro framme.

När de åter trädde in i hemmet och han såg henne mitt i barnskaran, då kände han snart, att hans »tycke» för henne undergått en förvandling och att hennes tycke för honom överflyttats på och distribuerats över alla dessa små skrikhalsar. Kanske han bara såsom varande medlet ägt hennes tycke. Hans roll var ju så övergående, och därför kände han sig undansatt. Om han icke behövts för brödets anskaffande, skulle han troligen nu varit förskjuten.

Han gick in i sitt arbetsrum, tog på sig nattrocken och tofflorna, tände en pipa och kände sig hemma igen. Utanför piskade regnet med blåsten, och det pep i kakelugnsrören.

Hustrun kom in, när hon slutat med barnen.

- Det är intet väder att plocka smultron i, sade hon.
- Nej min gumma, sommaren är slut och det är höst.
- Ja det är höst, svarade hon, men det är inte vinter för det, alltid en tröst.
- En tröst! Svag tröst när man bara lever en gång!
- Två gånger, när man har barn, tre, när man får se sina barnbarn!
- Men sen är det riktigt slut.
- Såvida det inte finns ett liv efter detta.
- Det är ingen säkerhet! Vem vet ändå? Jag tror på det, men min tro är intet bevis!
- Ja, men det är roligt att tro det, låt oss tro det, låt oss tro att det kan bli vår en gång till för oss! Låt oss tro det!
- Ja, vi ska tro det, sade han och lade sin arm om hennes liv!

Outono

August Strindberg

Tradução do sueco:
Leon Rabelo

Estavam casados havia dez anos! Felizes? Tão felizes quanto permitiam as circunstâncias. A união era harmoniosa como a de dois novinhos de igual força, cada qual puxando a ponta de uma corda.

No primeiro ano, enterraram as ilusões relativas ao casamento como felicidade completa. No segundo, chegaram os filhos, e por causa da labuta não lhes sobrava muito tempo para reflexões.

Ele era muito caseiro, talvez até demais, e tinha encontrado na família um pequeno mundo do qual era o centro; as crianças eram os raios da roda; a esposa também tentou ocupar o centro, porém não no meio do círculo, já tomado pelo homem, e por isso acontecia de os raios caírem uns sobre os outros ou se repelirem, fazendo tudo desandar.

Agora, no décimo ano, o homem tinha sido nomeado secretário de inspeção carcerária e se viu na obrigação de viajar. Foi um transtorno em sua rotina e ele ficou realmente chateado de pensar que ficaria fora de casa um mês inteiro. Não estava claro se haveria de sentir mais falta da mulher ou das crianças, ou se da turma toda.

Na noite antes da partida, sentou-se no sofá, observando enquanto a mulher arumava a mala. Ela estava ajoelhada no chão e ajeitava os pijamas.

Ela tirou o pó das roupas sociais e as dobrou cuidadosamente, para ocupar o mínimo de espaço; daquilo ele nada entendia! Quanto a ela, nunca havia se portado como empregada, e às vezes nem como esposa. Ela era a mãe: mãe das crianças e dele. Jamais sentira-se humilhada por remendar suas meias e nunca havia pedido qualquer paga por isso. Nem de longe consideraria que ele estava lhe devendo alguma coisa, pois em troca recebia, além de meias novas, muitas outras coisas que ela sozinha só conseguiria se matando de trabalhar fora, com as crianças abandonadas à própria sorte em casa.

Ele se ajeitou no canto do sofá, olhando para ela. Com a despedida se aproximando, começou a sentir pontadas de saudade. Observou o corpo dela. As omoplatas estavam salientes e as costas tinham se encurvado por conta do trabalho sobre o berço, a tábua de passar e o fogão. Ele também estava mais encurvado por conta do trabalho sobre a escrivaninha, e agora seus olhos precisavam de ajuda. Mas naquele momento ele não pensava em si. Notou que as tranças dela estavam mais ralas do que antes e que havia surgido um leve esbranquiçado no repartido do cabelo. Será que ela havia sacrificado sua antiga beleza

por ele, e apenas por ele? Não, tinha sido pela pequena comunidade que ambos haviam constituído; e ela também havia trabalhado para si própria. Os cabelos dele também já iam escasseando, nessa batalha comum. Ele poderia estar mais jovem agora se não tivesse tantas bocas para alimentar, se estivesse sozinho, mas nunca teria optado pela solidão.

– Vai ser bom você sair um pouco, disse a esposa –, depois de ficar tanto tempo aqui, enclausurado.

– Parece que você está feliz de se livrar de mim – disse ele com uma pontinha de amargura –, mesmo assim vou sentir muita falta da senhorita.

– Você é como um gato: vai lamentar a perda do cantinho quente, mas duvido que vá sentir minha falta tanto assim.

– Nem mesmo das crianças?

– Sim, quando estiver longe, talvez, mas quando você está em casa só sabe reclamar delas. Quer dizer, nem tanto; me perdoe, eu sei que você é muito apegado a elas e não quero ser injusta.

Na hora do jantar, ele mostrou-se amável e sentiu-se apreensivo. Não leu os jornais da tarde e tentou falar alguma coisa para a esposa; mas ela estava muito ocupada e não teve tempo para a conversa; além disso, os sentimentos dela já estavam bem curtidados depois de dez anos de luta no quarto das crianças e na cozinha.

Ele estava mais emotivo do que queria demonstrar e a desordem na sala o aborrecia. Olhava para os fragmentos de sua vida espalhados sobre as cadeiras e as cómodas; a mala escura, escancarada como um caixão, com as roupas de baixo misturadas com as roupas sociais puidas nos joelhos e nos cotovelos, fez com que se imaginasse lá dentro, vestindo uma mortalha, pronto para que fechassem o tampo e o levassem embora.

Na manhã seguinte – era agosto –, ele se levantou às pressas, vestiu-se com o coração saindo pela boca e continuou nervoso. Entrou no quarto das crianças e as beijou enquanto ainda esfregavam os olhos para afastar o sono e, depois de abraçar a esposa, sentou-se na carruagem que o levaria até a estação ferroviária.

A viagem, em companhia dos demais supervisores, o distraiu, e ele sentiu-se bem com a mudança de ares. A casa ficou para trás, feito um quarto abafado, e ele realmente estava contente quando chegaram a Linköping.

O restante do dia foi gasto num fino jantar de confraternização no Grande Hotel, onde brindaram à saúde do governador da província, mas nem tanto à saúde dos prisioneiros, que eram, afinal, o objetivo da viagem. Mas veio então o anoitecer no quarto solitário. Uma cama, duas cadeiras, uma mesa, uma pia e uma vela, espalhando seu insignificante brilho no rústico papel de parede. O secretário sentia-se melancólico. Sentia falta de tudo; chinelos, roupão, a estantezinha do cachimbo, a escrivaninha; todas essas pequenas coisas que afinal constituíam os ingredientes de sua vida. E também os filhos e a esposa. Como estariam eles, naquele momento? Estavam com boa saúde? Ele ficou preocupado e muito triste. Quando puxou o relógio, não encontrou a chavezinha para dar-lhe corda. Esta devia estar em casa, naquele suporte que a mulher, quando ainda era sua noiva, tinha bordado.

Ele se deitou e acendeu um cigarro. Mas logo precisou levantar para procurar um livro dentro da mala. Tudo estava tão bem arrumado que ele hesitou em desarrumá-la. Seja como for, acabou encontrando os chinelos! Realmente, ela pensava em tudo e em todos. Ele ainda encontrou o livro! Mas nada de leitura. Ele pensou no passado, em sua mulher, em como tinha sido a aparência dela dez anos antes. E essa imagem de outrora lhe apareceu em cheio, sendo que a visão atual desaparecia em meio às nuvens azuladas do cigarro, que subiam em volutas até as manchas de umidade no teto. Ele sentiu um desejo sem limites. Cada palavra dura que dissera a ela cortava-lhe o ouvido, e ele lamentou cada momento amargo que tinha causado a ela. Finalmente, adormeceu.

Dia seguinte, mais trabalho e ainda um jantar, com brindes à prosperidade do diretor, mas ainda nenhuma menção aos prisioneiros. À noite, solidão, abandono e frio. Ele sentia necessidade de falar com ela. Desembrulhou alguns papéis e sentou-se à mesa, mas parou já no primeiro traço da caneta. Como deveria colocar? “Querida mãezinha” era a maneira pela qual sempre a tratava quando enviava bilhetes avisando que não voltaria para o jantar. Mas agora não era à mãe que escrevia, era para a antiga noiva, para sua amante. E assim ele escreveu “Lilly, minha amada”, como antigamente. De início, quase não avançou, pois muitas belas palavras haviam desaparecido no constante uso da língua pesada e seca do cotidiano; mas ele foi logo esquentando e eis que as palavras saltaram-lhe da memória feito melodias esquecidas; compassos de valsa e fragmentos de romances e lilases e andorinhas, instantes ao pôr do sol diante de enseadas reluzentes; todas as reminiscências primaveris da vida dançavam ensolaradas e revoavam em torno dela. No canto inferior da página, ele colocou uma estrela, como os amantes fazem, e ao lado escreveu – como antigamente – “Beije aqui!”. Ao terminar e reler, percebeu um calor no rosto e sentiu um quê de vergonha, sem poder identificar o motivo. Era como se tivesse exposto seus mais íntimos sentimentos a alguém que talvez não fosse entendê-los.

Mesmo assim, ele enviou a carta.

Passaram-se alguns dias antes que viesse a resposta. Durante a espera, ele sentiu-se infantilmente acanhado e inquieto.

Mas a resposta veio. Ele acertara em cheio o tom, pois dos vapores da cozinha e algazaras do quarto de crianças ergueu-se um canto claro e sonoro, caloroso e límpido como o primeiro amor. E eis que se iniciou uma correspondência amorosa entre eles. Ele escrevia todas às noites e às vezes também enviava uma nota mais curta ao longo do dia. Os colegas já não o reconheciam. Ele tinha começado a valorizar a maneira de se vestir, bem como a aparência, a ponto de suspeitarem que estivesse tendo um caso amoroso. E ele estava mesmo apaixonado novamente! Enviou sua fotografia a ela, sem óculos, e dela recebeu uma mecha de cabelos. Eles se permitiam ser infantis em suas expressões e ele comprou papel de carta colorido, ornado com pombinhos. Os dois estavam na meia-idade; e embora ainda faltasse bastante para deixarem a casa dos quarenta, as batalhas da vida já os faziam sentir-se velhos. Nos últimos anos ele a havia negligenciado em termos maritais, não tanto por falta de desejo, mas por reverência, já que via nela apenas a mãe de seus filhos.

A viagem estava chegando ao final. Ele começou a experimentar certa preocupação diante do reencontro. Tinha se correspondido com a amante; mas ela continuaria a existir na mãe e na dona de casa? Ele temia se frustrar no retorno. Não queria vê-la segurando uma toalha de cozinha, muito menos que as crianças estivessem puxando seu vestido na hora que fosse abraçá-la. Melhor seria se eles se reencontrassem em outro local, sozinhos. Que tal abraçá-la em Vaxholm, onde tinham passado tantos momentos felizes durante o namoro? Era uma boa ideia. Lá poderiam recuperar, ao menos por uns dias, a memória daquele tempo perdido, primeiro e feliz de primavera, que não retornaria mais.

Ele sentou-se e escreveu sua proposta numa longa e ardente carta, à qual ela respondeu pronta e positivamente, feliz por ter ocorrido também a ela essa mesma ideia.

Dois dias mais tarde, ele já estava em Vaxholm para ajeitar o quarto na estalagem. Era um belo dia de setembro. Ele almoçou sozinho no salão, acompanhado de uma taça de vinho, sentindo-se novamente jovem. Tudo estava tão leve e tão arejado! Do lado de fora, o azul da enseada; na praia, apenas as bétulas mudavam suas cores. As dalias no jardim ainda floresciam e a resedá perfumava os canteiros. Uma e outra abelha ainda visitava as derradeiras pétalas, mas retirava-se frustrada para a colmeia. Lá fora, no estreito, os veleiros iam e vinham na suave brisa. Nas viradas, as velas balançavam e estalavam em suas amarras, enquanto as gaivotas voavam assustadas e estridentes diante dos pescadores de arenques, espalhados entre as pedras.

Ele degustava o café, na varanda, e começou a espera pelo vapor, que deveria atracar às seis da tarde.

Ansioso, como se estivesse indo ao encontro de algo incerto, ele dava voltas na sacada, vigiando a enseada e o estreito, para o lado da cidade, na tentativa de ver a embarcação.

Finalmente, viu subir a fumaça acima dos pinheiros na ilha de Tenö. Ele teve palpitações leves e resolveu tomar um licor. Em seguida, desceu à praia. A chaminé apareceu no meio do estreito e logo podia se avistar a bandeira da proa. Ela estava de fato vindo ou surgira um impedimento? Bastava que uma das crianças tivesse passado mal para que ela ficasse em casa, obrigando-lhe a passar sozinho a noite no hotel. As crianças, que nas últimas semanas tinham regredido ao segundo plano, agora reapareciam como algo interposto entre os dois. Nas últimas cartas, tinham evitado falar sobre elas, como se quisessem afastar algo que os atrapalhava, algo que não era para ser testemunha daquilo que estavam vivendo.

Ele pisou sobre o cais que rangia sob seus pés até parar em completa imobilidade ao lado de um poste de amarração, olhando atentamente na direção do barco, cujo casco ia se ampliando diante dele à medida que se formava na água uma pequena vertente de espuma dourada, a se espalhar pela superfície azul e levemente ondulada. Ele já podia ver as pessoas se movimentando no andar superior e os marinheiros lidando com a atracagem na proa.

Foi quando ele avistou alguém balançando um lenço branco, lá em cima, ao lado do passadiço. Só havia ele no cais; seria impossível estarem saudando alguém que não a ele; e ninguém lhe acenaria além dela. Ele levantou seu próprio lenço e respondeu à

saudação, percebendo então que o seu lenço não era branco, pois havia tempos usava apenas os coloridos, por serem mais baratos. O vapor apita, sinaliza e reduz a máquina, deslizando até o cais, e ele finalmente a reconhece. Eles se cumprimentam com os olhos, ainda impossibilitados de se falar pela distância. O barco já está atracado. Ele a vê se esgueirando entre os passageiros, para depois descer com cuidado a rampa de desembarque. Era ela, mas não era ela. Dez anos se interpunham! O estilo havia mudado, o caimento das roupas já não era o mesmo.

No passado, ele costumava admirar o fino e moreno rosto dela, emoldurado por um pequeno boné, então na moda, que deixava livre sua bela frente; agora havia apenas o feio sombreamento de um chapéu masculinizado. Antigamente, seu corpo se delineava em pequenas curvas sedutoras por baixo da capa bordada, que maliciosamente escondiam e salientavam os ombros arredondados e os movimentos dos braços. Agora, ela inteira estava desfigurada por um longo casaco, que escondia suas vestes e não deixava transparecer nenhuma de suas formas. E quando ela deu o passo final sobre a prancha, ele viu seus pequeninos pés, pelos quais ele uma vez se apaixonara ao adivinhar seu formato dentro das delicadas botas de mulher. Agora estavam obscurecidos por um par de pesados tamancos, que não permitiam a elevação da planta do pé naquela postura tão encantadora que outrora lhe enchia de prazer.

Lá estava ela, mas não era ela! Ele a abraçou e a beijou! Eles se perguntaram como estavam e como iam as crianças. E subiram em direção ao passeio na beira-mar.

As palavras saíam incômodas, secas, forçadas. Como era estranho! Sentiram uma estranha timidez um diante do outro, e não fizeram nenhuma alusão à correspondência.

Finalmente, ele criou coragem:

– Vamos fazer um passeio antes do pôr do sol?

– Sim, com prazer – disse ela, tomando-lhe o braço.

Eles seguiram rua adentro pela pequena cidade. As casas de veraneio estavam todas fechadas, com as persianas baixadas, e os jardins estavam vazios. Algumas maçãs ocasionais, que se escondiam atrás das folhas, ainda permaneciam nas árvores, mas os canteiros já tinham sido todos saqueados de suas flores. As varandas, desnudadas e sem toldos, assemelhavam-se a esqueletos, e onde antes havia risos e rostos, agora reinava o silêncio.

– Tudo está tão outonal – ela disse.

– Sim, é estranho ver os prazeres de verão neste estado.

E seguiram andando.

– Vamos ver o lugar onde vivemos – ela disse.

– Sim, será divertido!

E foram até o balneário.

Lá estava o pequeno chalé, espremido entre a casa do jardineiro e a do funcionário da logística, com sua pequena cerca de cor vermelha, com sua varanda e pequeno jardim.

Memórias longínquas ressurgiram. Lá, no quarto de dormir, nascera o primogênito. Celebrações e festas! Canções e juventude! Ali estava a roseira que eles mesmos haviam plantado. Ali ficara a plantação de morangos, da qual tanto tinham cuidado, mas que não existia mais, pois o mato a cobrira. E também viram as marcas de onde ficava o balanço das crianças, que tampouco tinha sobrevivido.

– Obrigada por sua bela carta – disse ela, apertando-lhe o braço.

Ele enrubesceu e não disse nada. Em seguida, pegaram o caminho do hotel e ele contou a ela os detalhes da viagem.

Ele havia pedido uma mesa no grande salão; era a mesa deles, onde costumavam sentar-se naqueles tempos. Sem darem antes graças pela comida, tomaram seus assentos.

Estavam sozinhos, novamente, dividindo uma mesa. Ele ofereceu a ela a cesta de pães. Ela sorriu. Não era todo dia que ele se mostrava tão gentil. Era novidade e divertido comerem fora; em breve estavam numa calorosa troca de palavras, como em um dueto, um pegando onde o outro largava, resgatando lembranças, para que elas pudessem ser revividas por ambos. Os olhares se iluminavam, suavizando as pequenas rugas nos rostos. Ah, aquele dourado tempo róseo-escarlate que se vive apenas uma vez! Isso quando ele ocorre; pois quantos não são aqueles que nunca o experimentam? Quando chegou a hora da sobremesa, ele fez um sinal à garçonete, e esta trouxe uma garrafa de champanhe.

– Querido Axel, quais são suas intenções? – perguntou a esposa com um tom levemente reprobatório.

– Vamos brindar à primavera que passou e que retornará novamente.

Mas nem só na primavera estavam seus pensamentos, pois diante da hesitação de sua esposa, ele de leve vislumbrou, como se um gato tivesse atravessado a sala, a sombria imagem de um quarto de crianças e um prato de mingau.

Mas eis que tudo voltou a clarear, o vinho carmesim tocou novamente as cordas da memória e eles reentraram na embriaguez enfeitada do passado.

Ele agora estava com o cotovelo sobre a mesa e a mão cobria seus olhos, como que para não se perturbar com o presente, o presente que ele mesmo havia invocado.

As horas voaram. Eles se levantaram e foram juntos ao salão, onde o piano ainda ficava, para tomar o café.

– Eu me pergunto como estão os nossos pequeninos – disse a esposa, sendo a primeira a acordar do devaneio.

– Sente-se aí e cante alguma coisa – respondeu ele, abrindo o tampo do instrumento.

– O que eu poderia cantar? Você sabe melhor que ninguém que eu não pratico faz tempos.

Sim, ele sabia bem, mas queria uma canção.

Ela sentou-se ao piano e tentou alguns arpejos. Era um velho e estridente piano de hotel, e soava como se tivesse os dentes soltos.

– O que você quer que eu cante? – ela perguntou, virando-se no tamborete.

– Você sabe bem, Lilly – respondeu ele, sem coragem de olhá-la diretamente nos olhos.

– Sua canção! Sim! Se é que ainda me lembro dela.

E assim ela cantou “Como se chama aquela terra, d’onde vem o meu amor”.

Mas que lástima! A voz dela estava débil e cortante, as emoções fizeram-na desafinar. Em certos instantes, parecia um grito do fundo da alma, ciente de que o meio-dia já passara e a noite se avizinhava. Seus dedos, tocados pelo árduo trabalho, não achavam os acordes certos e o instrumento era velho, o feltro que recobria os martelos estava gasto e apenas a madeira batia nas cordas de metal.

Quando a música acabou, por um breve instante ela não se atreveu a encará-lo, como se esperasse que fosse dizer-lhe alguma coisa. Mas ele não se moveu e houve um silêncio. Quando ela se virou e o viu sentado no sofá, ele estava chorando. A vontade dela era correr até ele, pegar sua cabeça entre as mãos e beijá-la como antigamente, mas ela permaneceu sentada, imóvel, com os olhos fixos no chão.

Ele estava com um charuto apagado entre o polegar e o indicador. Quando percebeu o silêncio, mordeu a ponta e acendeu o fósforo.

– Obrigado, Lilly – disse ele, dando uma tragada. – Quer um café?

Eles beberam o café e falaram generalidades sobre as diversões de verão e o lugar onde planejavam morar no ano seguinte. Mas a conversa foi se esvaziando e eles começaram a se repetir.

Finalmente, ele disse, com um longo e indiscreto bocejo:

– Acho que vou me recolher!

– Preciso fazer o mesmo – disse ela, levantando-se. – Mas antes quero sair um pouco à sacada.

Ele subiu aos aposentos. A esposa permaneceu uns instantes no salão e trocou amabilidades com a dona do hotel, primeiro sobre técnicas de compotas, depois sobre a melhor maneira de se lavar roupas de lã, o que levou bem uma meia hora.

Quando ela entrou no apartamento, parou em frente à porta do quarto para melhor ouvir. Lá dentro tudo estava em silêncio, e as botas estavam colocadas do lado de fora. Ela bateu, mas não veio resposta. Então ela abriu a porta e entrou. Ele dormia.

Ele dormia!

Na manhã seguinte eles estavam sentados à mesa. O senhor tinha dor de cabeça e a senhora estava com ar apreensivo.

– Que café! – disse ele com uma careta.

– É brasileiro – disse ela.

– O que faremos hoje? – ele perguntou enquanto puxava o relógio.

– Você devia comer um sanduíche, em vez de reclamar do café.

– Sim, é o que farei – disse ele –, e tomarei um trago. Foi a champanhe que me estragou!

Trouxeram o sanduíche numa bandeja junto com a garrafa de aguardente, o que lhe fez clarear o semblante.

– Podíamos agora subir ao monte e apreciar a vista.

Levantaram-se e saíram. O tempo estava esplêndido e o passeio lhes fez bem. Mas quando começaram a subida, a coisa dificultou-se, pois a senhora ficou sem ar e o senhor sentia dor nos joelhos. Desta vez, não veio nenhuma reminiscência de tempos passados.

Dali, deram uma volta pelos campos, que estavam já havia tempos ceifados e sem nenhuma flor. Eles sentaram-se em uma rocha.

Ele começou a falar sobre as inspeções prisionais e o escritório. Ela, sobre as crianças.

Andaram mais um bocado, sem falar. Ele olhou para o relógio.

– Faltam ainda três horas para o jantar – ele disse. E então pensou: o que será que faremos amanhã?

Os dois retornaram ao hotel. Ele começou a procurar jornais. Ela sorria e permanecia ao seu lado.

O jantar foi silencioso. Por fim, ela se pôs a falar sobre o assunto das domésticas.

– Pelo amor de Deus, não venha com o assunto das domésticas! – ele exclamou.

– Tem razão, nós não viemos aqui para brigar – respondeu ela.

– Eu estou brigando, por acaso? – ele perguntou.

– Bom, eu é que não estou.

E veio mais uma pausa aborrecida. O que ele não daria agora por uma interrupção! Das crianças! Sim! O tête-à-tête começava a lhe dar nos nervos. Ele sentiu uma pontada de arrependimento ao recordar os devaneios do dia anterior.

– Vamos ao morro dos carvalhos, colher morangos silvestres.

– Como se fôssemos achar algum, querida, a esta altura do ano. Já estamos no outono!

– Vamos mesmo assim!

E saíram de novo. Mas nenhuma conversa surgiu. Ele procurava com os olhos um objeto, um lugar no caminho, qualquer coisa sobre a qual pudessem falar, mas tudo estava seco, tudo estava já dito. Ela já conhecia todos os comentários dele sobre tudo e desgostava da maioria deles. De resto, já estava com saudades da casa, das crianças. Aquilo era uma idiotice, andar naquela artificialidade e a qualquer momento ver-se prestes a entrar num bate-boca. Eles interromperam a caminhada, pois a senhora estava cansada. Ele sentou-se e começou a desenhar no chão com a bengala, desejando quase que ela desse motivo para uma discussão.

– No que você está pensando? – ela finalmente perguntou.

– Eu? – ele perguntou como que se livrando de um fardo. – Eis no que estou pensando – continuou ele. – Nós estamos velhos, mãezinha; nós tivemos nossas brincadeiras,

mas devemos nos contentar com o que já passou. Se você concordar, podíamos já pegar o barco esta noite. O que acha?

– Era o que eu estava pensando desde o início, meu velhinho, mas você estava tão determinado!

– Então vamos, melhor é voltar para casa. Não é mais verão, é outono.

– Sim, é outono.

Voltaram com passos aliviados. Ele estava um tanto confuso com a virada prosaica que a coisa toda havia tomado, e sentiu necessidade de dar uma roupagem filosófica às circunstâncias.

– Veja, mãezinha – disse ele. – Minha paix... hm (a palavra era forte demais), meu bem-querer por você, ao longo dos anos, sofreu uma evolução, como se diz hoje. Ele se desenvolveu, se amplificou, por assim dizer. Portanto, se na origem era um sentimento dirigido a um indivíduo, você, agora ele toma por objeto uma coletividade, nossa família. Não é mais você, pessoalmente, não são as crianças, mas a totalidade...

– Como meu velho tio costumava dizer, “as crianças são para-raios”.

Após a explicação filosófica ele estava dentro de seu conforto. Que alívio se despir daquela formalidade toda e novamente poder vestir seu roupão!

E quando voltaram ao hotel, a senhora imediatamente se pôs a arrumar as bagagens; naquele momento, ela também havia voltado à sua essência.

E quando adentraram o vapor, desceram imediatamente ao refeitório. Para cumprir tabela, ele perguntou se ela queria apreciar o pôr do sol, mas ela não fez questão. Quando estavam sentados à mesa do jantar, ele se serviu primeiro, enquanto ela perguntava o preço do couvert.

Uma vez satisfeitos, já com a taça de porto erguida, ele não mais se conteve e disse a ela, por brincadeira:

– Sua velha doidinha! – disse e sorriu, justo quando ela o encarava.

Mas ela não sorriu de volta para o reluzente e bonachão rosto do marido; seus olhos, que por um instante relampearam, assumiram uma expressão de tamanho desconsolo e honra ofendida que ele se arrependeu profundamente.

Naquele momento, os últimos resquícios de encantamento haviam desaparecido e a amante já não estava mais lá; ele estava diante da mãe de seus filhos, em cuja presença sentiu-se acanhado.

– Não é porque eu fui boba, por alguns momentos, que você precisa me destratar – disse ela de maneira séria. – Nas brincadeiras dos homens, costuma haver muito despeito.

– Nas das mulheres, não?

– Sim, muito mais! Tem razão! Mas elas também têm mais motivos.

– Deus é testemunha! Via de regra, deve dar tudo na mesma, cada qual com suas diferenças. Provavelmente estão os dois errados. Aquilo que com padecimentos se conquistou e superestimou facilmente se torna motivo de desprezo.

– Por que então superestimam?

– Por que então tanto padecimento?

A conversa foi interrompida pelo apito do vapor. Eles haviam chegado.

Quando já estavam no lar e ele a viu em meio à filharada, pôde confirmar que o tanto que o “bem-querer” que uma vez lhe tivera de fato passara por uma transformação, e que o carinho que ela tivera por ele se transferira e distribuía para aqueles danadinhos. Talvez ele fora apenas um veículo transitório para o desejo dela. A função dele, por importante que fosse, tinha sido momentânea; agora sentia-se inoportuno. Se não fosse necessário para a garantia do ganha-pão, talvez ela até o rejeitasse.

Ele entrou no estúdio, vestiu o roupão, calçou as pantufas e sentiu-se novamente em casa.

Lá fora, a chuva e o vento açoitavam, enquanto o tubo da estufa assobiava.

Quando a esposa terminou de atender às crianças, foi ao encontro dele.

– Este não é um tempo para se colher morangos silvestres – ela disse.

– Não mesmo, minha velhinha, acabou-se o verão e veio o outono.

– Sim, é outono – ela respondeu –, mas ao menos não é ainda inverno. Ao menos isso serve de consolo.

– Um consolo! Frágil consolo quando apenas se vive uma vez!

– Duas vezes, quando se tem filhos, três, quando se vê os netos!

– Mas depois tudo acaba de verdade.

– Se não houver uma vida depois desta.

– Disso, nunca se tem certeza! Quem poderá saber? Eu acredito, mas a crença não é prova!

– Sim, mas é bom poder crer; vamos acreditar que a primavera poderá vir novamente para nós! Acreditemos!

– Sim, vamos acreditar – disse ele, colocando os braços ao redor dela.

O duende de Töreby, de Selma Lagerlöf, seguido por Encontro com o homem cinzento, de Max Lundgren

*Tobias da Rocha*¹

Notas sobre o processo de tradução

Eu li essas duas histórias muitas vezes ao longo dos anos, e especialmente “Encontro com o Homem Cinzento” tem um significado especial para mim desde a minha infância, quando a ouvi pela primeira numa fita cassete narrada pelo falecido ator Håkan Serner. Fiquei fascinado com a ideia dum fantasma amigável, que ainda assim tinha a capacidade de se ofender como um ser humano normal, e acho que isso também me ajudou a desenvolver uma espécie de compreensão – talvez também de simpatia – pelo velho homem enfadado que não suportava ser confrontado com um desafio que ia contra suas noções preconcebidas a respeito do mundo.

Ao se comparar estes dois contos, pode-se dizer que há muitos poucos sinais notáveis do uso do dialeto local, que no caso de Selma Lagerlöf era o dialeto de Värmland, e no caso de Max Lundgren, o dialeto de Skåne. Uma exceção notável seria que os personagens em “O Duende de Töreby” tendem a dizer “opp” em vez da versão moderna “upp” – ambos significando “para cima”.

Na história “Encontro com o Homem Cinzento” havia um pequeno número de expressões que eram realmente difíceis de expressar numa língua diferente.

¹ Tobias da Rocha nasceu em São Paulo em 1985 e foi adotado para a Suécia, onde estudou português. Ouviu do ex-professor Ricardo Namora que parecia ter aptidão para a tradução e assim resolveu traduzir essas duas histórias.

Por exemplo, a expressão usada para informar ao leitor que a porta da casa foi fechada pela neve seria mais ou menos traduzida como “nevar para dentro”, o que naturalmente não faria muito sentido em português. Portanto, em vez de escrever que o homem cinzento “não nevou para dentro”, optei por uma tradução mais compreensível: ele “não estava incomodado com a neve”. As costas do homem cinzento também são descritas como “skulande” – uma palavra muito arcaica de Escânia que significa “procurar abrigo da chuva”, e que até onde pude apurar significava que suas costas eram levemente curvas.

Outra expressão omitida foi “o céu tornou-se pesado como chumbo”, o que significa que o céu tornou-se cinza-escuro pouco antes de a neve começar a cair novamente. Na mesma cena, quando o protagonista está andando na floresta, ele diz algo que se poderia traduzir diretamente como “eu andei dentro de meus pensamentos”, o que significa que ele estava caminhando e pensando simultaneamente.

O avô se refere duas vezes à sua esposa como “kärringen”, que no sueco moderno é considerado uma forma de tratamento pejorativa e ligeiramente ofensiva, mas originalmente veio simplesmente da palavra “kärling”, significando mulher – a versão feminina da palavra “karl”, homem.

Pode-se também notar que as palavras usadas para se referir aos avós na história original são “farmor” e “farfar”, respectivamente, o que significa que eles são paternos e não maternos, o que, claro, não é imediatamente perceptível nem em inglês nem em português.

A história “O Duende de Töreby” foi escrita em algum momento nos anos antes da década de 1920, mas sua linguagem ainda é surpreendentemente moderna, embora contenha algumas frases um pouco antiquadas, que muitos leitores inexperientes do sueco considerariam difícil mesmo hoje. Alguns destes incluem “lock och pock”, que significa “convencer por qualquer meio necessário”; “förmak” que normalmente significa o átrio do coração, mas que costumava significar uma antecâmara localizada na entrada duma casa ou apartamento, e “den lede”, usado pelo cavaleiro para se referir ao capitão Duwe, que é um termo antigo para o diabo – literalmente, “o mal”.

“Duende” talvez seja a tradução mais precisa da palavra “tomte” em sueco, que por sua vez é derivada da palavra “tomt”, que geralmente significa uma área de terra adjacente a uma casa habitada. “Tomte” corresponde aproximadamente à palavra inglesa “leprechaun” e é usado também no sueco moderno para se referir ao Papai Noel. Eu achei interessante notar que enquanto a palavra “töre” (Töreby significa literalmente “A Aldeia de Töre”) denota um pedaço de madeira de pinheiro contendo uma grande quantidade de seiva, “Töre” é também o

nome de um personagem na trágica balada medieval chamada “Töres Döttrar I Wänge” (“As Filhas de Töre em Wänge”), que serviu de inspiração para o premiado filme de Ingmar Bergman chamado “Jungfrukällan”, ou “A fonte da donzela” no Brasil.

Por fim, gostaria de agradecer a meu ex-professor Ricardo Namora da Universidade de Coimbra por sua ajuda na tradução dessas histórias.

Tomten på Töreby

Selma Lagerlöf

Jag kommer ihåg att jag en gång som barn reste förbi en gammal gård, där man visste att det fanns en tomte. Gården låg mycket ensligt och fult på en flack sjöstrand. Det fanns ingen trädgård omkring det höga vita boningshuset, bara ett par förvuxna träd. Det var det tråkigaste ställe jag någonsin sett. Men det såg nog ut att vara en rik gård. Uthusbyggnaderna var välbyggda och stort tilltagna, och på åkrarna stod säden så frodig att jag kan minnas det än i dag.

Det märkvärdigaste var att se den ordning som rådde överallt. Jag minns, att vi körde långsamt förbi gården för att se hur väl diken var grävda, hur rakt vägarna löpte och hur fast broarna var byggda. Vi lade märke till de nätta målade båtarna som gungade vid stranden, och till en ofantligt lång tvättbrygga som löpte rätt ut i sjön.

Det är väl tomten som vill att de ska skölja sina kläder ute på riktigt djupt vatten och inte i det grunda strandvattnet, sade vi.

Det var ingen som tvivlade på att allt var sådant det var där på gården för tomtens skull, eller att folket som bodde där trodde på honom. Det var av skräck för tomten, som det inte fick ligga kvar ett halmstrå eller en sticka på gårdsplanen, som lagården var putsad likt ett förmak och åkrarna var som trädgårdssängar.

Den där tomten hade funnits på gården i alla tider, och från alla tider fanns det historier om honom. Här ska jag berätta en, som torde ha tilldragit sig för omkring tvåhundra år sedan.

Det var en mörk höstnatt med regn som skvalade ner utför de gråa timmerväggarna, ty på den tiden var herrgården varken brädfodrad eller målad, och med storm, som kom alla kvistarna på den höga vildapeln vid gaveln att piska mot takåsen.

Mittunder det värsta ovädet kom en uggla flygande. Hon hade sitt bo uppe bland takstolarna på en av de stora vindarna och brukade flyga in dit genom en liten glugg tätt under takrännen. Men innan hon kunde hitta gluggen tog vinden fatt i henne, pöste upp hennes täta fjäderskrud så att hon såg ut som en rund boll, och kastade henne ett par gånger mot väggen. Då uppgav fågeln alla försök att komma in. I dess ställe satte den sig i vildapeln och skrek hela natten igenom.

Inne i byggnaden var det mycket tyst och stilla, men av ljusskenet, som silade ut genom springorna i fönsterluckorna märktes det att husfolket inte hade gått till sängs. En och annan gång hördes stoj och ett högt skratt, strax därpå blev det dödstyst på nytt.

Fram emot elvatiden på natten kom gårdens gamla hushållerska, som var fullt klädd och bar sina nycklar vid bältet som kunde hon inte skiljas från dem varken natt eller dag, ut i förstugan. Den tunga dörren var stängd med fyra olika lås, och det dröjde länge innan

den gamla kvinnan kunde öppna den. Så snart hon hade fått den på glänt passade vinden på, svängde upp den på vid gavel, kastade en hel regndusch i ansiktet på hushållerskan och snurrade omkring bland trasmattorna i förstugan så att de slingrade som ormar.

Den gamla kvinnan stängde till dörren efter sig och vandrade ut i natten. Hon gick mycket fort som jagad av en stor förskräckelse, och mumlade oupphörligt :

Herren bevare oss! Herren bevare oss!

Hon lyste för sig med en hornlykta, men hon var så upptagen av att tänka på det som skrämde och ängslade henne att hon inte gjorde sig nytta av skenet, utan trampade ner i vattenpusslar som hon väl kunde ha undvikit. Gång på gång vek hon i förvirringen av från den tilltrampade stigen, kom upp i gräsvalLEN och trasslade in sig i en törnhäck, som slet en flik ur hennes klänning. Allt detta tycktes hon inte märka. Hon fortsatte sin vandring oförtrutet allt under det att hon mumlade sitt :

Herren bevare oss! Herren bevare oss!

Äntligen kom hon fram till stallbyggnaden. Hon steg uppför loftstrappan, som liten och smal smög fram utanpå huset, och stannade vid luckan till höloftet.

Det glimtade ljussken innanför luckan, och när hushållerskan böjde sig framåt kunde hon se in i ett litet rum, vars väggar var behängda med selar, tömmar, sadlar och remtyg. Egentligen var det inte något rum, endast en avbalkning av höloftet. Höet pöste in genom de glesa brädväggarna, och mittpå golvet fanns en stor lucka genom vilken man kunde klättra ner till stallet. På en säng i ett hörn av kammaren satt den gamla gårdskusken. Han lyste för sig med en toresticka och läste i Guds ord. Han satt där, som hade han inte haft ro att lägga sig i det svåra ovädrat. I varje ögonblick lyfte han huvudet från boken och lyssnade till storm och regn och uggleskri.

Hushållerskan knackade på och kusken kom och öppnade. Han började genast ursäktas sig för att han satt med bårt ljus där på loftet. Han tycktes tro, att hon hade gått ut i natten endast för att be honom fara varsamt med elden.

–Jag vet nog att det är farligt, sa han, men jag tyckte det behövdes att någon läste ett Guds ord i denna natt.

Den gamla kvinnan svarade inte på detta. Hon satte sig ner på en lår som var full av läderbitar och järnskrot. Det var alltjämt en sådan skräck över henne att hon inte var vid sina sinnen, händerna slet i förklädet och läpparna rörde sig i ett ofattbart mummel.

Kusken satt och såg på henne, till dess att skräcken som tyngde henne också meddelade sig till honom. Det började darra i hans gamla matta händer och i hans tandlösa käkar.

–Har du kommit i möte med Gamle-far? frågade han viskande.

Gamlefar, det var tomten. Han gick aldrig under något annat namn där på gården.

–Nej, sa hushållerskan, och för Gamle-far skulle jag väl inte heller vara rädd. Han vill oss inget annat än gott.

–Du ska inte vara så säker på det, sa kusken. Han är allt en sträng herre, och på sista tiden har det nog hänt en hel mängd saker här på gården som han inte har tyckt om.

–Om han vore så sträng som du tror skulle han väl inte låta ryttmästarn fara fram som han gör.

Kusken sökte lugna henne :

–Du får lov att tänka på att du talar om husbonden.

–Jag kan väl inte fördenskull låta bli att se, att han förstör både sig själv och gården, klagade hon.

–Det är ryttmästarn som är herre på gården. Vi är bara hans fattiga tjänare, upprepade kusken med viktig röst. Men plötsligen slog stämman över och han frågade med den yttersta ångest : Har han nu hittat på någon ny galenskap?

–Jag har stått vid salskammardörren hela kvällen och hört på hur han har spelat bort alla sina pengar, sa hushållerskan, i det hon satt och vaggade fram och åter med kroppen. När det blev slut med pengarna, spelade han bort hästar och kor. När det blev slut med djuren började han spela bort gården. Han sätter ut torp efter torp, skogsmark efter skogsmark, hage efter hage, åker efter åker och förlorar det alltsammans.

Kusken reste sig halvt upp från sin plats när han hörde detta, som ville han skynda ner och förhindra all denna ofärd. Men så satte han sig igen i en känsla av vanmakt.

–Det är ryttmästarn som är herre, sa han. Han kan göra vad han vill med det som är hans. Men jag kan inte förstå att Gamlefar inte blandar sig i spelet.

–Han håller alltid till här i stallet, han vet väl inte vad som händer inne hos oss, sa hushållerskan.

Det blev tyst en lång stund på loftet. Äntligen frågade kusken :

–Vem är det som spelar med honom i natt?

–Det är kapten Duwe, han som vinner, bara han rör vid tärningarna.

–Den karln är lika fattig på gods som på hjärtelag, sa kusken eftersinnande. Av honom kan ryttmästarn inte vänta någon barmhärtighet.

–Rätt nu äger han hela Töreby, sa hushållerskan.

Kusken tog upp bibeln, vände sig åt sidan för att komma i rätt dager och började läsa.

–Jag trodde att jag skulle förlora förståndet, medan jag stod och hörde på dem, sa hushållerskan, så hemskt var det. I början var de muntra, och vår husbonde skrattade åt allt vad han spelade bort. Men nu är de tysta, utom när vår ryttmästare har förlorat en ny åker. Då svär han, och den andre skrattar.

Den gamla kusken mumlade och läste, men han uttalade inga bibelord över hans darrande läppar kom ingenting annat än detta:

–Torp efter torp, skogsmark efter skogsmark, hage efter hage, åker efter åker.

–Vad hjälper det att du läser? sa hushållerskan. Om du vore något till karl, skulle du gå dit in och med lock och pock få honom att sluta, innan han har spelat bort hela gården.

–Jag har tjänat så länge på det här stället, att jag vet hur lätt det är att få en Silfverbrandt att sluta opp med någe, som han har kommit i gång med. Lika gärna kunde jag försökt väcka opp de döda.

–Ja, nog borde detta vara tillräckligt för att väcka hans far och mor opp ur mulen, sa hushållerskan.

Kusken slog igen boken.

–Det är det värsta med hela saken, att han inte förstår att det inte går an att föra sådant liv på den här gården. Jag minns hur många gånger jag sa till hans salig far : “Ge inte Töreby till herr Henrik”, sa jag, “han kan aldrig bli en herre efter Gamle-fars sinne. Ge det till hans bror, som är stadgad och allvarlig, och låt herr Henrik få en gård som inte medför ett sådant ansvar!”

–Ja, nu går inte Töreby varken till herr Henrik eller herr August. Nu går det till den där kapten Duwe, tills han spelar bort det till nån annan.

Kusken reste sig beslutsamt. Han knäppte tröjan och tog törestickan ur klykan. Det syntes tydligt, att hans mening var att gå och försöka tala med husbonden.

Men när han lyfte upp törestickan, kom han att hålla den så, att det föll ljussken över den fyrkantiga öppningen i golvet, genom vilken han plägade klättra ner till stallet. Och nu såg både kusken och hushållerskan, att det stod en tomte på stegen som stack upp genom hålet. Han stod på översta stegpinnen, liten och grå var han och klädd i knäbyxor och grå jacka med silverknappar. Han lyssnade med sådan bestörtning och häpnad, att han såg ut att ha blivit alldeles förstenad.

Kusken och hushållerskan vände genast bort blickarna. Ingen av dem gjorde en min, som visade att de hade sett tomten.

–Ja, nu tror jag det är bäst, att vi gamla människor går och lägger oss, sa kusken i en ton, som han sökte göra obesvärad. Du vet, att på den här gården behöver man inte sitta oppe om nätterna, också om olycka vore att vänta. Här finns den som vakar.

–Ja, du har rätt. Här finns en som vakar, sa hushållerskan undergivet. Utan ett ord vidare lyfte hon upp lyktan från golvet, kröp ut genom luckan och försvann utför loftstrappan.

När den gamla kvinnan kom tillbaka in i huset, var det hennes bestämda avsikt att genast gå till sängs, eftersom hon väl visste, att onödigt nattvak var det som tomten minst av allt kunde förlåta. Hon trodde också, att han skulle ställa saken till rätta, då han nu hade hört vad som stod på. Men hon hade knappast hunnit lägga av sig något mer än den tunga nyckelknippan, förrän hon greps av så stark lust att få veta hur det nu stod mellan de spelande, att hon åter smög sig fram till salskammardörren.

När hon böjde sig ner och satte ögat till nyckelhålet, såg hon att ryttmästar Silfverbrandt och kapten Duwe satt kvar vid spelbordet. Ryttmästaren såg förfärligt trött och matt ut. Hushållerskan tyckte, att han hade blivit alldeles förändrad på den lilla stund, som hon hade varit borta. Han var varken vacker eller ung eller ståtlig numera, utan bleknad och förstörd, med påsar under ögonen, rynkor i pannan och famlande händer. Duwe var röd i ansiktet, och ögonen stod blodsprängda ut ur huvudet, men han dolde all upphetsningen under godlynt prat och ett oupphörligt skratt.

Hushållerskan hade inte lyssnat vid sals-kammardörren i två minuter, förrän Silfverbrandt sköt tillbaka stolen och utropa- de:

–Nu är det slut, Duwe. Nu har jag inte mer kvar av hela gården än tallholmen här ute i sjön. Den får du låta mig ha kvar, så att det finns något på jorden som jag kan kalla mitt.

Duwe skrattade, men han såg inte nöjd ut.

–Det är synd att bryta av spelet, sa han. När du har vågat allt det andra, så kan du väl också låta oss raffla om det där stenröset.

Silfverbrandt gick fram och tillbaka i rummet. Det syntes nog, att han ännu var besatt av spellusten. Han sörjde inte så mycket över att han hade förlorat allting, som däröver att han inte kunde fortsätta att spela.

–Vad sätter du opp emot holmen? frågade han.

Duwe betänkte sig ett ögonblick. Hushållerskan förstod, att han sökte finna ut en insats, som med säkerhet skulle förmå Silfverbrandt att fortsätta.

–Jag sätter opp din ridhäst, sa Duwe.

Silfverbrandt älskade sin ridhäst mer än något annat i världen. Han började svära alldeles förfärligt. Han frågade Duwe om han var den lede själv, eftersom han frestade honom på detta sätt.

Hushållerskan märkte, att var gång ryttmästaren under sin vandring kom till en mörk vrå av kammaren, så att Duwe inte såg honom, knöt han händerna i vrede.

–Det värsta är, att jag vet att jag kommer att slå ihjäl dig, när jag får se dig rida på min häst och befalla på min gård, sa han till Duwe.

–Kan du inte unna en fattig karl att få det en smula sorgfritt på gamla dar? sa Duwe och skrattade. Du är ju ung och stark, du får dig snart både häst och gård på annat håll.

Hela tiden som hushållerskan hade stått där, hade hon undrat vad det stod på med den dörren, som från salen ledde ut i förstugan. Gång på gång öppnades den på glänt och slöts igen. Men varje gång Silfverbrandt gick förbi den där dörren, föreföll det som om en liten hand stacks in genom öppningen och vinkade åt honom.

Silfverbrandt gick förbi dörren flera gånger utan att märka något, men så blev han stående och stirrade på den.

–Nå, kommer du nu? frågade Duwe.

–Jag är tillbaka om ett ögonblick, sa Silfverbrandt och gick ut i förstugan.

Hushållerskan gled tyst som en skugga bort från salskammardörren. En sekund därefter stod hon inne i skafferiet med ansiktet tryckt mot ett litet fönster som vette ut mot förstugan.

Där stod Silfverbrandt lutad över tomten. Gamlefar höll en liten lykta i handen, och från den spreds en smula ljus i det mörka rummet.

–Vad ger du mig, om jag lagar så att du vinner igen gården? frågade tomten.

–Jag ger dig vad du vill, sa Silfverbrandt.

Tomten stoppade handen i fickan och tog fram ett par tärningar.

–Om jag lånar dig de här tärningarna och du spelar med dem i natt, så tror jag nog att du vinner igen gården, sa han till Silfverbrandt.

Silfverbrandt sträckte ut handen.

–Ge hit! Ge hit! sa han.

Du får dem bara på det villkoret, att du i morgon spelar med mig om en insats som jag själv bestämmer, sa tomten.

Just i detta ögonblick skrek den stackars ugglan högt och hemskt. Silfverbrandt såg upp och lyssnade.

Den gamla hushållerskan märkte hur tomtens ögon började gnistra elakt och hat fullt. Hon ville slå in rutan och ropa åt sin herre att akta sig för att ingå något förbund med honom. Men i detsamma såg tomten upp mot henne med en fruktansvärd blick. Hon förblev stilla utan att våga röra ett finger.

Men även Silfverbrandt tycktes ha sett något fasansfullt hos tomten. Han drog till- baka handen och stod på väg att bege sig in i salen.

Så stannade han.

–Jag vet inte varför jag ska tro ont om dig, Gamlefar. Du har ju alltid haft stor omsorg om den här gården, sa han. Du vill mig nog inte något annat än gott. Ge mig då tärningarna! I morgon får det gå hur det vill, bara jag i natt kan göra Duwe lika fattig som han var när han i förrgår steg in i den här farstun.

Ögonblicket därefter var Silfverbrandt inne i salen.

–Nu sitter jag inte här längre och hör på ugglelåt och storm utan att få spela, utbrast Duwe. Nu går jag och lägger mig.

–Ska du inte först vinna av mig den där tallholmen? sa Silfverbrandt, i det han slog sig ner vid spelbordet.

Han tog upp den lilla bågaren, i vilken tärningarna låg, och skakade om dem. Sedan spelade han och Duwe i flera timmar, men Silfverbrandt vann i varje omgång. Under tiden avstannade ovädret, ugglan fann vägen in till sitt bo, den gamla hushållerskan måste för trötthets skull gå till sängs, men Silfverbrandt gick inte till vila förrän han hade vunnit tillbaka åker efter åker, hage efter hage, skogsmark efter skogsmark, torp efter torp, så att hela Töre-by åter var hans.

Det blev en präktig morgon efter den där ovädersnatten : hög, blå himmel, frisk luft och en speglande, klar sjö.

Den gamla hushållerskan blev kallad in till husbonden, medan han ännu låg.

När hon öppnade sängkammardörren, tyckte hon, att något, som var litet och grått skymtade förbi henne. Hon såg det bara så mycket att hon hann att rycka till. Så var det borta.

Ryttmästar Silfverbrandt låg mycket blek borta i sängen.

–Såg hon honom? frågade han.

–Nej, sa hushållerskan av gammal vana. Det ansågs, att det inte var tomten angenämt, att man talade om att man hade sett honom.

–Det var Gamlefar, sa ryttmästaren. Han gick, just som hon kom. Han har varit här inne och spelat tärning med mig.

Hushållerskan stod och stirrade på husbonden.

–Gamlefar är inte riktigt nöjd med mig, sa ryttmästaren. Han vill hellre att min bror ska få gården. Och det önskar kanske hon också.

Ryttmästaren såg helt besynnerlig ut. Den gamla kvinnan visste inte vad hon skulle svara.

–Ja, gamle Duwe fick jag ändå bort från gården, fortfor Silfverbrandt. Jag hade tänkt löna Gamlefar för hjälpen med att låta det bli så här på gården som han vill ha det, men han har ingen rätt tro på mig. Han sätter upp så besynnerliga saker att spela om, den där tomten. Han är värre än Duwe.

Hushållerskan började darra och mumla som under natten :

–Herren bevare oss!

–Nä, stå inte där, människa, och se bekymrad ut, sa Silfverbrandt, utan skynda sig att putsa upp min uniform! Blanka upp bantläret, skura knapparna och ta ur fläckarna! Ridhästen ska också sadlas med den bästa munderingen. Manen ska vara kammad, stigbyglarna ska blänka och läderremmarna ska skina.

Hushållerskan såg förvånad på sin herre.

Hon gick och kom genast åter med uniformen. På en sådan gård som Töreby fanns ingenting som inte var putsat och fejat, blankat och välskött.

Så steg ryttmästar Silfverbrandt upp, iförde sig den blå uniformen, satte den trekantiga hatten till rätta på huvudet, band sabeln vid sidan och drog på sig de långa styva handskarna. Han gick ut på förstubron och sprang upp på sin häst, som väntade sadlad utanför.

Han red två gånger runtom gården, sedan svängde han av neråt sjön, där den långa tvättbryggan, som skjuter rätt ut från stranden, fanns redan på den tiden. Han såg så präktig och grann ut där han red, att allt husfolket kom ut för att se på honom. Och både kusen och hushållerskan såg, att tomten lutade sig ut genom stalluckan och tittade efter gårdens ägare.

När ryttmästaren kom ner till sjöstranden red han ut på bryggan. Han satt stolt och hög i sadeln som en hjälte, och hästen gick med korta dansande steg. När de hade ridit bryggan till ända, uppstod en kort strid mellan ryttare och häst. Hästen ville vända, men ryttmästar Silfverbrandt tvang honom med ridspö och sporrar att gå framåt. Och med ett högt språng kastade sig hästen ut i vattnet.

Alla, som stod på gården, gav sig till att springa ner mot sjön. Men när de kom dit var både häst och ryttare försvunna. De hade gått till botten genast utan att komma åter upp till vattenytan.

De unga karlarna hoppade i båtar och rodde ut på sjön. Alla talade och sökte ge råd och hjälp, men den gamla hushållerskan höll sig stilla.

Det tjänar ingenting till, sa hon. Det är tomten. Han har spelat bort sitt liv till tomten för den hjälp som han gav honom i natt.

Då människorna, bestörta och förfärade, vände tillbaka upp till gården, stod Töreby tomte synlig för alla i stalluckan och viftade segerstolt med sin röda mössa.

Ty nu visste han, att det åter skulle bli ordning och stillhet och allvarligt liv på Töreby.

O Duende de Törebby

Selma Lagerlöf

Tradução do sueco:

Tobias da Rocha

Lembro-me de que uma vez, quando eu ainda era criança, passei durante uma viagem em frente a uma antiga fazenda onde se sabia existir um duende. A fazenda estava numa localização muito feia, na margem plana de um lago. Não havia nenhum jardim em volta da mansão alta e branca, apenas algumas árvores crescidas. Era o lugar mais chato que eu já tinha visto. Mas certamente a fazenda parecia rica. As instalações eram grandes e bem construídas, e os campos eram tão exuberantes que os recordo ainda hoje.

A coisa mais estranha foi ver como tudo estava perfeitamente em ordem. Me lembro de que passamos lentamente pela fazenda para ver como as valas haviam sido muito bem escavadas, como as estradas eram retas e como as pontes eram bem construídas. Percebemos os barquinhos pintados situados na margem do lago, e também um trapiche de lavagem incrivelmente longo que corria direto em direção o lago.

– O duende provavelmente quer que eles lavem suas roupas em águas profundas e não na margem do lago – dissemos.

Ninguém duvidava de que tudo era como era por causa do duende, ou de que as pessoas que ali viviam acreditavam nele. Era por causa do medo do duende que nem sequer uma única palha de feno ou uma lasca de madeira podia ser deixada no chão; o celeiro era limpo como uma antecâmara e os campos eram como espreguiçadeiras de jardim.

Esse duende estava morando na fazenda desde tempos imemoriais, e durante todo o tempo houvera histórias contadas sobre ele. Agora vou dizer-lhe o que afirmam ter ocorrido cerca de duzentos anos atrás.

Era uma noite escura do outono, e uma chuva caía sobre as paredes de madeira cinzenta – pois naquela época a mansão não era nem equipada com tábuas de madeira nem pintada –, uma tempestade que fez com que os ramos da grande macieira próximos ao frontão atingissem a cumeeira do telhado.

No meio da tempestade, uma coruja chegou voando. Seu ninho estava localizado entre as vigas em um dos grandes sótãos, e ela costumava voar para lá através de uma pequena abertura na calha do telhado.

Mas antes que ela pudesse encontrar a abertura, o vento a pegou, arrepiou suas penas de modo a fazê-la parecer uma grande bola e jogou-a algumas vezes contra a pa-

rede. Então a coruja desistiu de todas as tentativas de entrar. Em vez disso, sentou-se na macieira e gritou durante toda a noite.

O interior da construção estava muito calmo e silencioso, mas pela luz que filtrava pelas fendas dos caixilhos podia-se ver que as pessoas não tinham ido para a cama. Uma ou duas vezes ouviu-se o som do riso. Logo depois, tudo se tornou mortalmente silencioso outra vez.

Às onze horas chegou a velha governanta da fazenda, que estava completamente vestida e carregava as chaves no cinto, como se não pudesse afastar-se delas durante o dia ou a noite, e entrou no vestíbulo.

A pesada porta era trancada com quatro fechaduras diferentes, e passou-se muito tempo até que a velha conseguisse abri-la. Assim que conseguiu, o vento aproveitou o momento, escancarou a porta, enviou uma enorme dose de chuva na cara da governanta e girou ao redor dos carpetes no vestíbulo, para que se contorcessem como cobras. A velha fechou a porta e saiu noite afora. Caminhou muito rápido como se estivesse assombrada por um grande terror, e constantemente murmurava:

– Deus nos proteja! Deus nos proteja!

Ela iluminou seu caminho com uma lanterna, mas estava tão preocupada em pensar sobre o que a assustava e preocupava que não fez uso da luz, e em vez disso pisou em poças d'água que podia muito bem ter evitado. Uma e outra vez, sua confusão fez com que ela se afastasse do caminho, caminhasse na grama e se enredasse em um arbusto de espinhos que rasgava um pequeno pedaço de seu vestido. Nada disso ela parecia notar. Continuou andando sem parar, enquanto murmurava:

– Deus nos proteja! Deus nos proteja!

Por fim ela chegou aos estábulos. Subiu a pequena e estreita escada que levava ao celeiro e parou no alçapão de entrada. A luz podia ser vista de dentro da abertura, e quando a governanta se inclinou para a frente ela pôde ver o interior de uma pequena sala, onde as paredes estavam cheias de arreios, rédeas, selas e correias. Na verdade, não era um quarto, mas apenas uma seção fechada do celeiro.

O feno entrava por entre as rústicas paredes de madeira, e no meio do cômodo havia um alçapão pelo qual se podia descer até os estábulos. Numa cama no canto da câmara estava sentado o velho cocheiro da fazenda. Ele valia-se da luz de uma lasca de madeira em chamas para ler as palavras de Deus. Estava sentado lá, como se não tivesse encontrado suficiente tranquilidade para dormir no meio da tempestade. Erguia constantemente o olhar do livro e escutava a tempestade, a chuva e os gritos de corujas.

A governanta bateu na abertura e o cocheiro foi abri-la. Imediatamente ele começou a desculpar-se por manter uma chama viva no celeiro. Ele parecia imaginar que a governanta tinha saído à noite com o único propósito de lhe pedir para ter cuidado com o fogo.

– Eu sei muito bem que é perigoso – disse ele –, mas pensei que era necessário que alguém lesse as palavras de Deus esta noite.

A velha não respondeu. Sentou-se em cima de uma velha caixa cheia de pedaços de couro e ferro.

Ainda estava dominada por um terror tão profundo que parecia ter perdido o juízo; suas mãos puxavam o avental e seus lábios moviam-se com um murmúrio constante e ininteligível.

O cocheiro sentou-se e olhou para ela, até que o terror que a assombrava passou também para ele. Suas velhas mãos cansadas e suas mandíbulas desdentadas tremiam.

– Você já teve um encontro com *Gamlefar* [Pai Velho]? – o cocheiro perguntou em um sussurro.

Gamlefar era o duende. Ele nunca fora conhecido por outro nome naquela fazenda.

– Não – disse a governanta –, e eu nunca deveria ter medo dele. Ele só quer o nosso bem.

– Você não deveria ter tanta certeza disso – disse o cocheiro. – Ele é realmente um patrão muito rigoroso, e ultimamente têm acontecido na fazenda muitas coisas que lhe desagradam.

– Se ele fosse tão rigoroso como você pensa, não permitiria que o cavaleiro se comportasse como faz.

O cocheiro tentou acalmá-la.

– Lembre-se de que está falando sobre o nosso patrão.

– Isso não me impede de ver que está destruindo a si mesmo e à fazenda – queixou-se ela.

– O cavaleiro é o patrão da fazenda. Nós somos apenas seus pobres servos – disse o cocheiro com uma voz importante. Mas de repente, sua voz mudou e ele perguntou com profunda ansiedade:

– Ele está fazendo novas loucuras?

– Eu fiquei na porta do salão durante toda a noite e ouvi-o perder todo o dinheiro no jogo – disse a velha enquanto sacudia o corpo de um lado para outro. – Quando ele ficou sem dinheiro, começou a perder os cavalos e as vacas. Quando não havia mais animais, começou a apostar a fazenda. Ele está oferecendo herdade atrás de herdade, floresta atrás de floresta, pastagem atrás de pastagem, campo atrás de campo, e está perdendo tudo.

O cocheiro quase se levantou quando ouviu tudo isto, como se quisesse apressar-se para evitar toda essa calamidade. Mas então sentou-se novamente, com uma sensação de impotência.

– O cavaleiro é o patrão desta fazenda – disse. – Ele pode fazer o que quiser com o que lhe pertence. Mas eu não consigo entender por que *Gamlefar* não se envolve no jogo.

– Ele está sempre aqui no estábulo e provavelmente não sabe o que acontece na mansão – disse ela.

Durante muito tempo o celeiro ficou silencioso. Por fim, o cocheiro perguntou:

– Quem está jogando com o cavaleiro esta noite?

– É o capitão Duwe, aquele que sempre ganha assim que toca nos dados.

– Esse homem é tão desprovido de posses quanto de bondade no coração – disse o cocheiro pensativamente. – O cavaleiro não pode esperar nenhuma misericórdia.

– Nesse exato momento é ele o proprietário de toda Töreby.

O cocheiro pegou a Bíblia, virou-se de lado para fazer bom uso da luz e começou a ler.

– Eu pensei que ia perder a cabeça, quando estava lá, ouvindo-os – disse a governanta. – Foi terrível. No início eles estavam de bom humor, e nosso patrão ria de tudo o que perdia jogando. Mas agora eles estão calados, exceto quando o cavaleiro perde novas terras. Então ele pragueja, e o outro ri.

O velho cocheiro murmurou e leu, mas não pronunciou palavras bíblicas. Nenhuma palavra vieram de seus lábios exceto estas:

– Herdade atrás de herdades, floresta atrás de floresta, pastagem atrás de pastagem, campo atrás de campo.

– De que sua leitura ajuda? – perguntou a governanta. – Se você fosse um homem de verdade, entraria lá e imediatamente o faria parar antes que perca toda a fazenda.

– Servi tempo suficiente neste lugar para saber exatamente o quão fácil é fazer um Silfverbrandt parar de fazer o que começou. Seria o mesmo que tentar trazer os mortos de volta à vida.

– Bem, isso talvez fosse o bastante, trazer de volta os pais dele – disse a governanta.

O cocheiro fechou o livro.

– Essa é a pior parte de tudo isso: ele não entende que não não pode levar uma vida dessas aqui nessa fazenda. Me lembro de todas as vezes que eu disse ao seu falecido pai: “Não dê Töreby ao senhor Henrik, ele nunca poderá se tornar um patrão que *Gamlefar* aprovaria. Dê-a ao seu irmão, que é de mente sadia e disposição séria, e dê ao senhor Henrik uma outra fazenda que não exija tanta responsabilidade!”.

– E agora Töreby não pertence nem ao senhor Henrik, nem ao senhor August. Ela pertencerá a esse capitão Duwe até que ele a perca para outra pessoa.

O cocheiro levantou-se decidido. Abotoou a camisa e removeu a lasca de madeira da forquilha. Estava claro que sua intenção era tentar conversar com o patrão. Mas quando ele levantou a lasca, segurou-a de forma que a luz caiu sobre a abertura quadrada no chão, através da qual pretendia descer para o estábulo. E tanto o cocheiro quanto a governanta viram que um duende estava na escada que se projetava através da abertura quadrada. Ele estava no topo da escada, era minúsculo e cinzento e vestia calções e uma jaqueta cinza com botões de prata. Ele escutava com tanto temor e tanta indignação que parecia ter se transformado em pedra.

O cocheiro e a governanta imediatamente desviaram o olhar. Nenhum deles mostrou qualquer sinal de ter visto o duende.

– Bem, acho que seria melhor que nós que somos velhos fôssemos para a cama agora – disse o cocheiro num tom de voz que ele tentou fazer soar despreocupado. – Você

sabe que nesta fazenda não há necessidade de ficar acordado toda a noite, mesmo que acontecimentos infelizes já fossem de esperar. Há alguém que vigia por aqui.

– Sim, você tem razão. Há alguém vigiando aqui – disse ela, desanimada. Sem dizer mais uma palavra, pegou a lanterna, rastejou pela abertura e saiu pelas escadas do celeiro.

Quando a velha entrou na casa, decidiu ir para a cama de imediato, porque sabia que as vigílias desnecessárias à noite seriam as coisas que o duende provavelmente menos perdoaria. Ela também acreditava que ele endireitaria as coisas novamente, agora que tinha ouvido o que estava acontecendo. Porém mal conseguira soltar qualquer coisa além das pesadas chaves quando foi tomada por um desejo tão intenso de conhecer a situação entre os dois jogadores que mais uma vez caminhou silenciosamente rumo à porta para o salão.

Quando se inclinou e espiou pelo buraco da fechadura, viu que o cavaleiro Silfverbrandt e o capitão Duwe ainda estavam sentados na mesa de jogo. O cavaleiro parecia terrivelmente cansado e exausto. A governanta achou que ele havia mudado completamente durante o tempo em que ela estivera ausente. Ele não era nem bonito, nem jovem, nem majestoso, mas pálido e arruinado, com bolsas sob os olhos, sulcos na testa e mãos desajeitadas. O rosto de Duwe estava vermelho e seus olhos estavam raiados de sangue, mas ele ocultava a exasperação com conversas amigáveis e risos constantes.

A governanta não tinha passado mais de dois minutos escutando atrás da porta quando Silfverbrandt empurrou a cadeira para trás e exclamou:

– Está terminado, Duwe. Não tenho mais nada da fazenda para além da ilhota de pinheiros no lago. Você deve me deixar mantê-la para que ainda haja algo nesta terra que eu possa chamar de meu.

Duwe riu, mas não parecia satisfeito.

– É uma vergonha terminar o jogo dessa maneira – disse. – Agora que você já se atreveu a apostar tudo mais, não há por que não arriscar aquele monte de pedras também.

Silfverbrandt pôr-se a andar de um lado para o outro na sala. Estava claro que ainda se encontrava possuído pela luxúria do jogo. Lamentou menos o fato de ter perdido tudo do que o fato de não poder mais jogar.

– O que você vai apostar contra essa ilhota? – ele perguntou.

Duwe pensou por um momento. A governanta entendeu que estava tentando pensar em algo que certamente faria Silfverbrandt continuar.

– Vou apostar seu cavalo, disse Duwe.

Silfverbrandt amava seu cavalo mais do que qualquer outra coisa no mundo. Ele começou a praguejar horrivelmente. Perguntou se Duwe era o próprio Diabo, para tentá-lo daquela maneira.

A governanta percebeu que toda vez que o cavaleiro chegava a uma parte escura da sala, onde Duwe não o via, ele apertava os punhos de raiva.

– A pior parte é que eu sei que vou matar você quando o vir montando meu cavalo e comandando a minha fazenda – ele disse a Duwe.

– Você não pode deixar que um homem pobre esteja um pouco despreocupado em seus dias de velhice? – perguntou Duwe, rindo. – Você é jovem e forte, logo encontrará um novo cavalo e uma nova fazenda num outro lugar.

Durante todo o tempo em que estava ali, a governanta se perguntava o que estava acontecendo com a porta que saía do salão para o vestíbulo. Vez após vez, foi entreaberta e então novamente fechada. Mas a cada vez que Silfverbrandt passava por aquela porta, parecia que uma pequena mão se estendia pela abertura e acenava para ele. Silfverbrandt passou em frente à porta várias vezes sem notar nada, mas de repente parou e olhou para ela.

– Então, você vem? – perguntou Duwe.

– Volto em um instante – disse Silfverbrandt, saindo para o vestíbulo.

Silenciosa como uma sombra, a governanta deslizou para longe da porta. Um segundo depois, estava na despensa, olhando através de uma pequena janela que dava para o vestíbulo.

Silfverbrandt estava ali, inclinado sobre o duende. *Gamlefar* segurava uma pequena lanterna, que espalhava luz no quarto escuro.

– O que você vai me dar, se eu cuidar para que você recupere a fazenda? – perguntou o duende.

– Vou dar-lhe o que quiser – disse Silfverbrandt.

O duende enfiou a mão dentro do bolso e tirou um conjunto de dados.

– Se eu emprestar esses dados e você usá-los para jogar esta noite, acho que você vai ganhar a fazenda de volta – disse o duende a Silfverbrandt.

Silfverbrandt estendeu as mãos.

– Dê-me! Dê-me! – disse ele.

– Você só vai tê-los com uma condição, que é jogar amanhã comigo fazendo a aposta que eu decidir – disse o duende.

Naquele momento, a pobre coruja soltou um grito alto e terrível. Silfverbrandt olhou para cima e escutou. A velha governanta viu que os olhos do duende haviam começado a reluzir de malícia e ódio.

Ela queria quebrar a janela e gritar ao patrão que não fizesse qualquer acordo com ele. Mas naquele momento, o duende a olhou com um olhar terrível. Ela permaneceu imóvel sem ousar mover um único dedo.

Mas Silfverbrandt também parecia ter visto algo horrível no duende. Ele puxou a mão para trás e quase voltou para o salão.

E então parou.

– Eu não sei por que devo acreditar em qualquer coisa ruim sobre você, *Gamlefar*. Você sempre se importou muito com esta fazenda – disse ele. – Tenho certeza que você só deseja o meu bem. Dê-me os dados, então! Amanhã o que deve acontecer vai acontecer, contanto que eu possa deixar Duwe tão pobre hoje à noite como era quando entrou por este vestíbulo anteontem.

No momento seguinte Silfverbrandt já estava no salão.

– Não vou ficar aqui ouvindo corujas gritando e tempestades soprando sem jogar – disse Duwe. Vou para a cama agora.

– Você não quer ganhar aquela ilhota primeiro? – perguntou Silfverbrandt, enquanto se sentava à mesa.

Ele pegou o pequeno copo onde estavam os dados e os sacudiu. Depois disso, ele e Duwe jogaram por horas, mas Silfverbrandt ganhou todas as rodadas.

Durante esse tempo, a tempestade cessou, a coruja conseguiu voltar para dentro do ninho e a velha governanta teve que ir para a cama por causa da exaustão, mas Silfverbrandt não descansou até ganhar de volta herdade atrás de herdade, floresta atrás de floresta, pastagem atrás de pastagem, campo atrás de campo, de modo que toda Töreby voltou a ser sua.

Fez uma bela manhã depois daquela noite tempestuosa: um céu alto e azul, ar puro e um lago claro como um espelho.

A velha governanta foi chamada para o dormitório do cavaleiro enquanto ele ainda estava na cama.

Quando ela abriu a porta, pensou que algo pequeno e cinzento parecia ter passado depressa por ela.

Ela só viu o suficiente para sobressaltar-se. E então aquilo desapareceu.

O cavaleiro Silfverbrandt estava deitado na cama, muito pálido.

– Você o viu? – perguntou ele.

– Não – respondeu ela, por hábito. Acreditava-se que o duende não ficava satisfeito quando as pessoas falavam de tê-lo visto.

– Foi *Gamlefar* – disse o cavaleiro. – Ele saiu assim que você chegou. Ele jogou dados comigo.

A governanta olhou fixamente para o cavaleiro.

– *Gamlefar* não está muito satisfeito comigo – disse o cavaleiro. – Preferia que meu irmão tivesse a fazenda. E talvez você também preferisse.

O cavaleiro parecia incrivelmente estranho. A velha não sabia o que responder.

– Pelo menos, eu consegui tirar o velho Duwe da fazenda – Silfverbrandt continuou. – Eu tinha planejado agradecer *Gamlefar* deixando que as coisas aqui na fazenda fossem feitas à maneira dele, mas ele não tem fé em mim. Ele faz as mais estranhas apostas no jogo, esse duende. É pior do que Duwe.

A governanta começou tremendo e murmurando como havia feito durante a noite.

– Deus nos proteja!

– Ora, não fique aí parecendo chateada – disse Silfverbrandt. – Apresse-se e arrume o meu uniforme! Trate de polir a bandoleira, esfregar os botões e remover as manchas! Meu cavalo de equitação deve também ser selado com o melhor equipamento! A crina do cavalo deve ser penteada, os estribos e as tiras de couro devem ficar a brilhar!

A governanta olhou surpreendida para o patrão. Ela saiu e imediatamente voltou com o uniforme. Numa fazenda como Töreby, não havia nada que não estivesse polido e escovado, brilhante e bem cuidado.

Assim, o cavalheiro Silfverbrandt levantou-se da cama, vestiu o uniforme azul, colocou o chapéu de três pontas na cabeça, amarrou o sabre ao lado e pôs as luvas longas e rígidas nas mãos. Ele saiu para a varanda e montou seu cavalo, que estava esperando por ele lá fora.

Por duas vezes deu uma volta de cavalo pela fazenda, e depois voltou-se para o lago e o trapiche de lavagem, que ia da margem para o interior lago, e que existia naqueles dias assim como hoje. Ele parecia tão majestoso e grandioso quando estava montando que todos os criados foram admirá-lo. Tanto o cocheiro como a governanta podiam ver que o duende estava debruçado no estábulo, olhando para o dono da fazenda.

Quando o cavaleiro chegou à margem do lago, cavalgou pelo trapiche. Sentou-se na sela empertigado e orgulhoso como um herói, e o cavalo se moveu com passos curtos e dançantes. Quando haviam cavalgado até o fim do trapiche, uma pequena luta eclodiu entre o cavalo e seu mestre. O cavalo queria voltar atrás, mas o cavaleiro Silfverbrandt o forçou a avançar com o chicote de equitação e as esporas. E então, com um grande salto, o cavalo lançou-se na água.

Todas as pessoas que estavam na fazenda correram para o lago. Mas quando chegaram, o cavalo e seu mestre tinham desaparecido. Tinham ido para o fundo do lago sem reaparecer.

Os rapazes entraram nos barcos e remaram lago adentro. Todos falaram e tentaram oferecer ajuda e conselho, mas a velha governanta permaneceu imóvel.

– Não vale a pena – disse. – É o duende. O dono jogou sua vida nas mãos do duende por causa da ajuda que recebeu ontem à noite.

Quando o povo, perturbado e horrorizado, regressou à fazenda, o duende de Töreby estava em frente ao alçapão do estábulo, acenando triunfantemente o gorro vermelho.

Sabia que mais uma vez haveria ordem, quietude e prudência em Töreby.

Mötet med den Grå Mannen

Max Lundgren

Min farmor var en lång bister kvinna, med ett stort svartgrått hår, oftast bundet i en knut på nacken. Min farfar var rundare, och syntes därför kortare. Han hade sin keps på sig när han sov. Kanske var han skallig. Jag såg honom aldrig utan sin keps.

De var så olika som två människor kan vara. De talade sällan med varandra. Trots sin bistra uppsyn hade min farmor ett svärmiskt drag. Varje kväll gick hon ut vid tiotiden och hade ett samtal med Den Grå Mannen. Ofta talade hon mycket länge med honom. De tycktes trivas bra ihop, hon och Den Grå Mannen.

Min farfar tyckte inte om Den Grå Mannen, och Den Grå Mannen tyckte inte om min farfar. En gång försökte min farfar skjuta Den Grå Mannen med ett hagelgevär.

– Nils, sa min farmor, han är ju redan död.

– Ett skott i ändan behöver han, döing eller inte, svarade min farfar när han hängde upp geväret innanför dörren.

De bodde alla tre en bit upp på Hallandsåsen, långt ifrån all bebyggelse. Skogen växte ända in på stugan, och på vintrarna snöade de inne och fick klara sig bäst de kunde. Den Grå Mannen snöade inte inne. Han gick ljudlöst och utan skugga och fotsteg över den meterhöga snön. Min farmor öppnade fönstret på kvällarna och talade med honom.

– Kärringen vill min död, muttrade min farfar. Undrar om man kunde gilla en jättelik rättfälla och bli av med honom för gott?

Den Grå Mannen störde min farfar. Det var nämligen så att min farfar hade nått den ålder då allt var färdigt. Han hade satt saker och ting på dess rätta plats. Bönder var opålitliga och snåla. Stadsbor var giriga och förstod sig inte på natur. Middag skulle man sova klockan två på dagen. Människor i allmänhet var inte riktigt kloka. Ett hagelgevär var alltid bra att ha. Och så vidare. Men Den Grå Mannen passade inte in i bilden. Han störde min farfars orubbliga värld.

– En gång ska han åka dit, mumlade han ofta för sig själv.

Jag själv hade nått samma stadium som min farfar. Jag var sexton år och visste allt. Några spöken fanns inte. Grå män var inbillning och ingenting annat.

Det här året reste jag upp till dem i mars. Det mesta av snön var borta. Till och med här uppe i skogstrakterna anade man våren i luften.

Jag kom in i stugan. Allt var sig likt. Värmen. Doften från vedspisen. Min farmor, lika orubbligt rak i ryggen, håret bakåtkammat. Min farfar. Den eviga kepsen. Han satt vid radion och nickade förstrött åt mig.

– Du är hungrig som vanligt, sa min farmor, och gick ut i köket och började laga mat.

Jag satte mig hos farfar.

– Hur är det?

– Hmmm.

Hans sätt att tala var mycket korthugget.

– Hur har vintern varit?

– Hmmm. En sån till. Slut med mig.

– Kallt?

– Nej, tusan. Den Grå Mannen.

– Vad är det med honom nu då?

– Drag. Ont i nacken. Kärringen har stått i fönstret hela vintern. Jag tåler inte drag. Han vet det.

– Vem då?

– Han som inte finns.

Det lät egendomligt.

– Måste bli av med honom, sa min farfar. Hör på. Jag har en plan. Vi kan tala i vedbon senare.

Min farmor kom in med mat. Vi åt under tystnad. Det hörde till. Efteråt berättade jag om skolan, om släktingar och om allt annat som jag trodde kunde intressera de gamla. De nickade då och då. Men det var som om dom levde för långt ifrån den vanliga världen. Det var som om dom inte riktigt förstod att det fanns tusentals människor på andra ställen som sprang hit och dit och hade dagarna fyllda av arbete och bestyr.

– Där ljög du, sa min farmor plötsligt. Den Grå Mannen sa att Kickan – min storasyster – inte alls bodde i Lund. Hon bor i Göteborg. Tillsammans med en karl!

– Hon studerar i Lund, farmor.

– Struntprat! Det vet väl Den Grå Mannen bättre.

Min farfar fnyste.

– Den Grå Mannen? Vad är det för dumheter, sa jag. Den Grå Mannen!

– Om jag var död, sa min farfar, skulle jag ha tusan så mycket viktigare saker för mig än att springa och hålla reda på vad Kickan gör. Lund eller Göteborg, ja vadå? Fånerier!

– Nils, sa min farmor, han tycker inte om när du talar så om honom. Han är en ren, vänlig, hygglig människa...själ, menar jag. Du får inte tala om äldre folk på det sättet.

– Hur gammal är han? frågade jag.

– Etthundraåttiosju.

– Ser han ut som det?

– Max! Du ska inte driva med mig eller Den Grå Mannen!

Prick klockan två la sig min farfar. Jag tror att det finns mycket få händelser som skulle ha fått honom att avstå från tväsömn.

– Du ser blek ut, sa farmor till mig. Du sitter inne för mycket. Ut i skogen med dig. Här har du en säck. Plocka pinnar.

Jag tog säcken och gick. Himlen hade blivit grå och det småregnade. Jag gick i mina tankar. Jag tänkte på de två i stugan, eller på de tre om man så vill. Jag tänkte på hela denna djupa tysta vinter, som nu höll på att släppa greppet om trakten. Vad hade de talat om? Vad hade de gjort? Hur kunde människor leva så?

Regnet övergick i snö. Himlen blev blytung. Det mörknade utan att jag märkte det. Då och då stannade jag och tog upp en blöt pinne, bröt den i passande längd och la den i säcken. Snön föll allt tätare.

Plötsligt upptäckte jag att jag bara kunde se några meter framför mig. Jag stannade. Jag undrade var jag var. Jag gick snabbt tillbaka och följde mina spår. En kvart senare var de försvunna, dolda av snön.

Nu kände jag mörkret. Tallarna hade långa mörkblåa skuggor, som sakta rörde sina kronor på den vita snön. Enebuskarna var hemskare. De var mindre, och stod där som soldater framför mig, plötsligt, som om de stigit rätt ur marken. Jag började bli rädd.

Jag fortsatte på måfå ytterligare en halvtimme.

– Jag är förlorad, tänkte jag.

I detsamma hörde jag en röst:

– Hallå!

Det ordnar sig, tänkte jag.

– Hallå! ropade jag tillbaka.

Ur dunklet lösgjorde sig en man. Han var kraftigt byggd, med bred skulande rygg, en typisk höglädsbonde, som slitit mycket med sten och skog.

– Jag har gått vilse, sa jag.

– Jag ska visa dig, sa han och småskrattade. Det var ett gemytligt och stillsamt skratt.

– Inte kunde man tro att det skulle bli snö nu, sa han. Det är ju ändå mars.

– Här är ingenting som det ska, svarade jag.

– Åjo, snö i mars, det är inte vanligt det.

Vi fortsatte att småprata. Han gick före mig. Jag såg inte hans ansikte längre.

– Joo, sa han på sitt saktmodiga sätt, jag har ju levt hela mitt liv här, så jag vet.

– Jaså, sa jag. Ja, jag är från stan. Från Malmö.

– Mmm, det hörs. Och syns också för den delen.

Det blev allt mörkare.

– Gå inte så fort, sa jag. Då ser jag inte ryggen.

– Dom väntar dig, svarade han. Hon ska väl inte oroa sig för mycket?

En plötslig känsla av skräck fyllde mig.

– Vem? frågade jag. Han kluckade.

– Jo, jo, sa han. Här har jag bott, och här tänker jag fortsätta att bo.

Han stannade, vände sig om och log åt mig. Hans ansikte var egendomligt grått. Han var grå i kläderna också. Ögonen var grå.

– Var? stammade jag.

– Här, sa han och knackade på dörren.

Då såg jag stugan. Mina farföräldrars stuga. Alltid snurrade runt. Mannen var plötsligt borta.

– Det är inte sant, tänkte jag. Det kan inte vara sant! Det finns inga grå män!

Dörren öppnades. Min farmor stod lång och bister på tröskeln.

– Han har ett gott hjärta, sa hon. Nu vet du det, Max. Det var Den Grå Mannen som hjälpte dig hem!

– Han är svår att tas med, sa farfar.

Det var dagen efter mitt möte med Den Grå Mannen och vi stod i vedbon.

– Men det måste bli han eller jag, fortsatte min farfar bestämt. Jag måste bevisa att han inte finns.

– För vem ska du bevisa?

– För honom själv, så klart! Se här. En katt. I buren. Tar alla småfåglar. Hade inte hjärta att slå ihjäl honom.

Katten stirrade på oss med sina gula ögon.

– Vi ska ordna ett eget spöke, sa farfar. Såja, lugn nu, kissemiss. Jag fäster de här små bjällror vid baktassarna, såja. Biss du, din...

Farfar arbetade metodiskt och lugnt. Han fäste ett snöre av bjällror vid kattens bakfötter. Han tillverkade en lucka som gick att öppna med ett snöre.

– Så hänger det ner i köket, sa han. Du smyger ut och drar. Katten promenerar ut på loftet och hon tror att det är ett nytt spöke. Hon berättar det för honom. Vad händer då?

– Jag vet inte, svarade jag osäkert.

– Inte jag heller, sa farfar och log. Men jag tror inte att han själv tror på spöken. Det du!

– Men vadå?

– Då har jag ju bevisat att han inte finns!

– Men jag förstår inte?

– Och då finns han inte! Finns inte! Finns inte! Borta!

Han gned sina händer av förtjusning.

– Du tar med henne ut i skogen. Jag monterar fällan. Klockan nio ikväll går du ut i köket för att dricka vatten. Snöret hänger i taket. Bara en liten tåt. Hon går inte och tittar i taket. Det gör ingen vettig människa. Sen ska vi se.

Klockan nio gick jag ut i köket och drog i tåten. Jag tog ett glas vatten och återvände in i rummet. Farfar satt med händerna knäppta och med nedböjt huvud, som om han tänkte

på något viktigt. Farmor satt och sydde. Jag väntade tyst för mig själv. Så började bjällrorna höras. Först tyst, försiktigt – katten smög sig ur buren. Efterhand blev ljudet allt högre. Mina farföräldrar satt orörliga, som om de inget hörde. Efter en lång stund sa min farmor:

– Det är bjällror på loftet. Så vackert det låter.

Farfar svarade inte. Farmor fortsatte att sy. Då förändrades ljudet. Det blev dovare och dovare. Till slut lät det som kyrkklockor. Rädslan började krypa i kroppen på mig som en tusenfoting.

– Nu ringer klockorna på riktigt, sa farmor stillsamt. Farfar inte ens höjde på huvudet.

– Det låter hemskt, sa jag.

– Bara en stackars fattig själ som blivit instängd på loftet, sa farmor.

Återigen förändrades ljudet, och nu kändes det som om håret skulle resa sig på mitt huvud. Det stack och ilade i kroppen. Det var inte längre klockor. Det var tunga kedjor, som asade fram och tillbaka över golvet. Fram och tillbaka, mödosamt fram och tillbaka.

– Bäst jag släpper ut honom, sa farmor och reste sig upp.

När hon gick bort till vindstrappan såg farfar på mig. Vi reste oss båda och följde försiktigt efter.

Farmor gick uppför trapporna. Så öppnade hon dörren. Hon drog haspen från ytterdörren, och ställde den på vid gavel.

– Drag igen, muttrade farfar.

Det som hände sen höll på att skrämma livet ur mig. Jag hade väntat att få se katten komma som en blix. Men det kom ingen katt. Ljudet kom i stället. Det rasslade nedför trapporna. Det sa, bom, bom, bom, som om det var stora kulor fästa vid kedjorna. Det gick långsamt.

Farmor stod orörlig och rak vid dörren. Farfar och jag stirrade med vidöppna ögon på den tomma trappan. Äntligen nådde det hemska ljudet ned på golvet. Det hördes ett hasande och ett fläsande, och så var det utanför dörren. Farmor stängde den stillsamt.

– Såja, sa hon lugnt, och gick tillbaka in i rummet för att fortsätta med det hon höll på med.

Utanför hörde farfar och jag ett tyst, kluckande skratt.

– Sablar också, han lurade oss! sa farfar.

– Katten, frågade jag.

Farfar steg upp för trappan till vinden. Jag följde efter. Jag kikade bakom hans axel. På golvet låg katten med benen i vädret. Bjällrorna hängde tysta längs bakbenen. Kattens ögon var brustna.

En kvart senare talade farfar med farmor.

– Hmmm, sa han. Jag vill språka med Den Grå Mannen.

– Inte säkert att han vill språka med dig.

– Det tror jag nog.

– Vilken tid?

– När som helst.

– Jag ska fråga.

Hon svepte schalen om huvudet och gick ut.

– Gör det inte, farfar, sa jag.

– Det måste bli han eller jag.

– Slut fred med honom.

– Med en som inte finns? Som bara tror att han finns? Aldrig!

Farmor återvände.

– Ni har varit elaka mot Den Grå Mannen, sa hon. Men han har ett gott hjärta. Han talar gärna med dig i skogsdungen klockan tolv.

– Utmärkt, sa farfar.

Jag skallrade tänder, men ingen av dem tycktes märka det. Allt var som...vanligt.

Några minuter före tolv gav sig farfar iväg. Ingenting kunde ha hindrat honom, det såg jag i ansiktet på honom. Farmor och jag var ensamma kvar. Minut efter minut gick. Hon satt där lång och bister, men hennes ögon glimmade.

– Jaha, sa hon eftertänksamt. Nu får vi se.

Jag satt och svalde. Jag drack mitt vatten. Jag önskade att jag var tusen mil från denna hemska plats. Tiden gick. Inte ett ljud hördes utifrån. Jag såg den döda katten framför mig. Jag rös till.

Klockan hade hunnit bli ett. Då hörde vi långsamma, stapplande steg. Någon lutade sig mot ytterdörren och andades tungt. Farmor reste sig utan att ändra en min. Hon öppnade dörren. Farfar stod där utanför. I lampskenet såg jag hur hans ansikte hade förändrats. Rynkorna hade djupnat. Skuggor låg mörka långt ner under ögonen. Pannan var våt av svett, som om han hade slagits.

– Kom in, sa farmor. Nå, vad sa Den Grå Mannen?

– Den Grå Mannen har sagt sitt för sista gången, väste farfar, och tog sig mödosamt in.

– Nils! Vad har du gjort?

– Ingenting.

– Som du ser ut!

– Det kostade!

Han tystnade och satte sig tungt.

– Han slog kepsen av mig, sa han sen.

Då stirrade farmor nästan skrämt på honom.

– Måste lägga mig, sa farfar. Den Grå Mannen finns inte mer. Jag är trött. Men jag lyckades.

– Med vadå?

– Bevisa! Jag bevisade att han inte finns. Han finns inte mer!

Med de orden gick han till sängs. Efterhand la sig farmor och jag också. Jag låg länge vaken.

Nästa kväll gick farmor sin vanliga runda. När hon kom tillbaka såg hon för en gångs skull mycket ledsen ut.

– Han var inte där, sa hon. Nils! Vad har du gjort?

Farfar svarade inte.

Efter den kvällen sänkte sig tystnaden över huset. Jag stod ut tre dagar till. Sen åkte jag hem till Malmö.

En vecka senare ringde det på dörren. Min far öppnade.

– Nej, men kom in! sa han.

Det var farfar och farmor. Farfar talade.

– Det blev för ensamt där uppe. Kan vi få bo här tills vi får egen lägenhet?

– Det är klart!

– Det blev så tyst, sa farfar. Så konstigt tyst. Allting i huset blev tyst. Jag skulle aldrig ha sagt att han inte fanns.

– Vem då? frågade min far förvånat.

Jag visste svaret.

Farfar suckade.

– Jag saknar honom faktiskt. Den Grå Mannen.

Så hörde jag min farmors röst. Jag blev förvånad. Hon tröstade farfar!

– Var inte ledsen, Nils. Det finns fler. Det finns säkert många. Här också.

Jag rös till.

– Men ingen som vår, sa farfar jämrande. Han hade nog ett gott hjärta i alla fall. Hade han bara inte slagit kepsen av mig!

Encontro com o Homem Cinzento

Max Lundgren

Tradução do sueco:

Tobias da Rocha

Minha avó era uma mulher alta e severa, e seu cabelo grande era preto e grisalho e frequentemente amarrado em um nó no pescoço. O meu avô era corpulento, e assim parecia mais baixo. Ele usava o boné quando dormia. Talvez ele fosse careca. Eu nunca o vi sem o boné.

Os dois eram tão diferentes quanto humanamente possível, e raramente falavam um com o outro. Mas, apesar da aparência séria, a minha avó tinha uma veia romântica. Todas as noites, ela saía às dez e tinha uma conversa com o homem cinzento. Muitas vezes eles falavam por muito tempo. Parecia que se davam muito bem.

Meu avô não gostava do homem cinzento, e ele não gostava do meu avô. Uma vez meu avô tentou atirar no homem cinzento com uma espingarda.

– Nils! Ele já está morto – disse minha avó.

– Ele precisa de um tiro no traseiro, morto ou não – disse meu avô enquanto pendurava a espingarda.

Os três viviam no cume de Halland, longe de toda a civilização. A floresta crescia perto da casa, e no inverno a porta ficava bloqueada pela neve, e eles tinham que suportar aquilo da melhor forma possível. O homem cinzento não estava incomodado com a neve. Ele caminhou sobre ela sem fazer barulho, sem sombra e sem pegadas. À noite, minha avó abria a janela e falava com ele.

– A velha bruxa me queira morto – disse meu avô. – Talvez eu pudesse fazer uma grande ratoeira e livrar-me dele para sempre?

O homem cinzento perturbava o meu avô, porque meu avô tinha atingido uma idade em que tudo estava acabado. Ele tinha colocado tudo no devido lugar. Os camponeses eram sovinas e desonestos. Os habitantes das cidades eram gananciosos e não entendiam a natureza. Deve-se sempre tirar uma soneca às duas horas. As pessoas, em geral, eram loucas. Era sempre útil ter uma espingarda. E assim por diante. Mas o homem cinzento não se encaixava. Ele perturbava a visão de mundo inflexível do meu avô.

– Mais cedo ou mais tarde, ele vai ser tratado – dizia meu avô.

Eu tinha chegado à mesma conclusão do meu avô. Eu tinha dezesseis anos e sabia de tudo. Fantasmas não existem. Homens cinzentos eram imaginação e nada mais.

Este ano eu fui visitá-los em março. A maior parte da neve tinha desaparecido, e mesmo no meio da floresta podia-se notar que a primavera estava chegando.

Eu entrei na casa. Tudo parecia normal. O calor. O cheiro do fogão a lenha. A minha avó, as costas empertigadas como sempre, e seu cabelo penteado para trás. Meu avô com o boné, como sempre. Ele estava sentado ao lado do rádio e acenou para mim.

– Você está com fome, como sempre – disse minha avó, entrou na cozinha e começou a cozinhar.

Eu me sentei ao lado do meu avô.

– Tudo bem?

– Hmmm.

Sua maneira de falar era muito espartana.

– Como foi o inverno?

– Hmmm. Mais um inverno como este. Vai ser o meu fim.

– Foi frio?

– Não. O homem cinzento.

– Que lhe aconteceu?

– Correntes de ar frio. Tenho dor de pescoço. Ela ficou permanentemente na janela durante todo o inverno. Não aguento as correntes. Ele sabe disso.

– Quem?

– Aquilo que não existe.

Soou estranho.

– Tenho que me livrar dele – disse meu avô. Tenho um plano. Podemos falar mais tarde no telheiro.

Minha avó trouxe a comida. Nós comemos em silêncio, como de costume. Depois, eu falei-lhes sobre a escola, sobre parentes e sobre tudo o que eu imaginei que eles pudessem achar interessante. Às vezes eles assentiam. Mas parecia que viviam longe demais do mundo normal. Parecia que não entendiam que havia inúmeras pessoas em outros lugares, cujos dias eram cheios de trabalho e tarefas.

– Isso foi uma mentira, disse minha avó de repente. – O homem cinzento disse que Kickan (minha irmã) não vive em Lund. Ela vive em Gotemburgo. Com um homem!

– Ela estuda em Lund, avó.

– Absurdo! O homem cinzento saberia disso.

O meu avô zombou. Eu perguntei:

– O homem cinzento? Que tolice é essa?

– Se eu estivesse morto, haveria muito mais coisas importantes para me preocupar do que saber onde Kickan vive – disse meu avô. – Lund ou Gotemburgo? Qual é a diferença? Disparate!

– Nils – disse minha avó –, ele não gosta quando falam sobre ele desse jeito. Ele é uma pessoa boa e decente... quero dizer, uma alma boa e decente. Você não deve falar assim dos idosos.

Eu perguntei:

– Que idade ele tem?

– Cento e oitenta e sete.

– Parece tão velho?

– Max! Você não deve tirar sarro de mim ou do homem cinzento!

Às duas da tarde o meu avô foi dormir. Acredito que havia muito poucas coisas que poderiam impedi-lo de tirar uma soneca.

– Você está pálido – disse minha avó. – Você passa tempo demais dentro de casa. Vá para a floresta. Tome este saco. Pegue uns gravetos.

Eu tomei o saco e saí. O céu havia se tornado cinzento e estava chovendo um pouco. Eu andei e ponderei. Pensei sobre aqueles dois – ou talvez três – na casa. Pensei sobre o inverno profundo e silencioso, que estava desaparecendo lentamente da área. O que foi que eles tinham falado? O que tinham feito? Como as pessoas podem viver assim?

A chuva transformou-se em neve. A escuridão veio sem que eu notasse. De vez em quando eu parava de andar e pegava um graveto, para então quebrá-lo num comprimento adequado e colocá-lo no saco. A neve continuava a cair.

De repente, percebi que eu só enxergava uns poucos metros à frente. Parei e me perguntei onde eu estava. Rapidamente eu voltei pelo caminho das minhas pegadas. Depois de quinze minutos elas tinham desaparecido na neve.

Eu podia sentir a escuridão se aproximando. Os pinheiros tinham sombras em azul-escuro que se moviam lentamente pela neve branca. Os arbustos de zimbro eram ainda mais terríveis. Eram mais curtos, e estavam ali como soldados na minha frente, como se tivessem surgido da terra. Comecei a sentir medo.

Continuei andando ao acaso por uma meia hora.

“Estou perdido”, pensei. Naquele momento, ouvi uma voz.

– Olá!

Tudo vai ficar bem, pensei, e respondi: “Olá!”.

Um homem surgiu da escuridão. Ele tinha uma grande estatura e ombros curvados; um camponês típico das montanhas, que tinha trabalhado muito com as pedras e a floresta.

– Eu perdi o meu caminho – disse eu.

– Vou mostrar-lhe – disse ele, rindo. Era um riso simpático e tranquilo.

– Quem acreditaria que haveria queda de neve agora? Disse ele. Afinal de contas, é março.

– Nada é normal aqui – eu respondi.

– Ah não, neve em março, isso é incomum.

Continuamos conversando. Ele caminhava na minha frente. Eu já não podia ver seu rosto.

– Sim – disse ele lentamente –, eu vivi aqui toda a minha vida, e portanto sei isso por experiência.

– Legal – eu respondi. – Eu sou da cidade. De Malmö.

– Mmm, estou ouvindo. E vendo também.

Foi ficando mais escuro.

– Não ande tão depressa – eu disse. – Não consigo vê-lo.

– Estão esperando por você – ele respondeu. – Você não quer que ela se preocupe muito, não é?

De repente tive uma sensação de medo.

– Quem? – perguntei. Ele riu.

– Certamente – disse ele –, eu vivi aqui e vou continuar vivendo aqui.

Ele parou de andar e se virou para mim, sorrindo. Seu rosto era estranhamente cinzento. Suas roupas eram cinzentas também. Seus olhos eram cinzentos.

– Onde? – gaguejei.

– Aqui – ele respondeu, batendo na porta.

De repente, eu vi a casa. A casa dos meus avós. Eu vi tudo andando à minha roda. O homem tinha desaparecido.

“Não foi real”, pensei. Não poderia ter sido real! Não há homens cinzentos!

A porta se abriu. Minha avó estava ali, alta e severa.

– Ele tem um bom coração, Max – ela disse. – Você já sabe disso. Foi o homem cinzento que lhe ajudou a voltar para casa!

– É difícil lidar com ele – disse meu avô.

Foi no dia depois do meu encontro com o homem cinzento. Estávamos no telheiro.

– Mas tem que ser ele ou eu – disse meu avô com firmeza. – Tenho que provar que ele não existe!

– Provar para quem?

– Para ele, claro! Veja só. Um gato. Naquela gaiola. Ele pega todos os passarinhos. Não tive coragem de matá-lo.

O gato olhou para nós com seus olhos amarelos.

– Vamos criar nosso próprio fantasma – disse meu avô. – Calma, gatinho. Vou amarrar esses guizos às suas patas traseiras. É isso aí. Você me mordeu, seu...!

Meu avô trabalhou calma e metodicamente. Amarrou um barbante com guizos às patas traseiras do gato. Depois, ele preparou uma tampa para a gaiola, que podia ser aberta por meio de uma corda.

– A corda vai ser pendurada no teto da cozinha. Você vai entrar e puxá-la. O gato vai correr para o sótão, e ela vai acreditar que é um novo fantasma. Ela vai contar-lhe isso. E então, o que vai acontecer?

– Não sei – respondi eu, inseguro.

– Eu também não – disse ele, sorrindo. – Mas eu não acho que ele acredita em fantasmas!

– Mas e então?

– E então vou provar que ele não existe!

– Mas...não entendo?

– E então ele não vai existir! Não vai existir! Não vai existir! Vai ter desaparecido! Ele esfregou as mãos de prazer.

– Você precisa levar sua avó para a floresta. Vou preparar a armadilha.

Às nove da noite, você vai para a cozinha beber água. A corda vai estar pendurada no teto. É só um pedacinho de corda. Ela não vai olhar para o teto. Ninguém no seu juízo perfeito faz isso. Depois veremos o que acontece.

Às nove da noite eu fui para a cozinha e puxei a corda. Tomei um copo de água e voltei para a sala de estar. Meu avô estava sentado com os dedos entrelaçados e a cabeça inclinada para baixo, como se estivesse pensando em coisas importantes. Minha avó costurava. Esperei em silêncio. De repente os guizos começaram a soar. No início, o som veio silenciosamente e com cautela – o gato saiu da gaiola. Mas logo o som tornou-se mais alto. Meus avós estavam imóveis, como se não ouvissem nada. Depois de um longo tempo, minha avó disse:

– Há sinos no sótão. Soam bem.

Meu avô não respondeu. Minha avó continuou costurando. Então o som mudou. Ficou mais pesado. Finalmente, soou como sinos de igreja. O medo começou a rastejar pelo meu corpo como uma centopeia.

– Os sinos estão tocando de verdade agora – disse minha avó calmamente.

– Soa horrível – disse eu.

– É apenas uma pobre alma que ficou presa no sótão – disse minha avó.

Mais uma vez o som mudou, e eu sentia como se meu cabelo estivesse em pé. Tive sensações de frio e calor por todo o meu corpo. O som não era mais de sinos. Era de correntes pesadas, arrastadas lentamente pelo chão, para a frente e para trás, com grande esforço, para a frente e para trás.

– Melhor tratar de soltá-lo – disse minha avó, se levantando.

Quando ela andou em direção às escadas para o sótão, meu avô olhou para mim. Pusemo-nos de pé e a seguimos cuidadosamente.

Minha avó subiu as escadas. Ela abriu a porta e voltou para baixo. Depois, soltou o trinco e abriu por inteiro a porta da frente.

– Ar frio outra vez – murmurou meu avô.

O que aconteceu depois quase me matou de susto. Eu estava esperando para ver o gato vir correndo rápido como um raio. Mas o gato não veio. Em vez disso, o som veio. Lentamente, chocalhou pelas escadas. Houve sons estridentes, como se houvesse grandes esferas de metal presas a correntes. Aquilo se movia devagar.

Minha avó ficou completamente imóvel, com as costas empertigadas. Meu avô e eu olhávamos com os olhos arregalados para as escadas vazias. Por fim aquele som terrível

chegou ao nível do chão. Ouviu-se um arrastar de pés e um suspiro, e depois o som estava do outro lado da porta.

Minha avó a fechou lentamente.

– Tá bom – ela disse calmamente, e então voltou para dentro para continuar o que estava fazendo.

Do lado de fora, meu avô e eu ouvimos uma risada silenciosa.

– Droga, ele nos enganou! – disse meu avô.

Eu perguntei:

– O gato?

Meu avô subiu as escadas para o sótão. Eu o segui e olhei por cima de seus ombros. No chão, o gato estava deitado com as pernas erguidas. Os sinos pendiam silenciosamente das patas traseiras. Os olhos do gato estavam furados.

Quinze minutos depois, meu avô falou com minha avó.

– Quero falar com o homem cinzento – disse meu avô.

– Não tenho certeza se ele quer falar com você.

– Acho que quer.

– Quando?

– A qualquer momento.

– Vou perguntar para ele.

Ela enrolou o xale em volta da cabeça e saiu.

– Não faça isto, avô – eu disse.

– Tem que ser ele ou eu.

– Faça as pazes com ele.

– Com alguém que não existe? Que só pensa que existe? Nunca!

Minha avó voltou.

– Vocês foram malvados com o homem cinzento – disse ela. – Mas ele tem um bom coração. Ele gostaria de conversar com você no bosque às doze horas.

– Ótimo, disse meu avô.

Eu estava batendo os dentes, mas eles não pareciam notar. Tudo parecia... normal.

Poucos minutos antes das doze horas, meu avô saiu. Nada poderia tê-lo impedido. Eu vi isso nos olhos dele. Minha avó e eu estávamos sozinhos. Os minutos passaram. Ela estava sentada lá, alta e severa, mas seus olhos brilhavam.

– Tá bom – disse ela. – Então vamos ver.

Eu estava engolindo. Eu bebi minha água. Desejei estar a mil milhas de distância daquele lugar horrível. O tempo passou. Não se ouvia um único som. Eu vi o gato morto na minha mente. Estremeci.

O tempo tinha se tornado uma hora. Então ouvimos passos lentos e hesitantes. Alguém se encostou na porta da frente e respirou pesadamente. Minha avó se levantou

com a mesma expressão facial de antes. Ela abriu a porta. Meu avô estava parado ali. Sob a luz da lâmpada, eu podia ver que seu rosto tinha mudado. Os sulcos tinham se tornado mais profundos. Havia sombras escuras debaixo de seus olhos. A testa pingava suor, como se ele tivesse estado numa briga.

– Entre – disse minha avó. – Bem, o que disse o homem cinzento?

– O homem cinzento falou pela última vez – sibilou meu avô, entrando com grande esforço.

– Nils! – disse minha avó. – O que é que você fez?

– Nada.

– Você está com péssimo aspecto!

– Me custou.

Ele ficou em silêncio e se sentou pesadamente.

– Ele derrubou o boné da minha cabeça – disse ele.

Então, minha avó olhou para ele como se quase estivesse com medo.

– Preciso ir para a cama – disse meu avô. – Estou cansado. Mas, consegui.

– O quê?

– Provar! Eu provei que ele não existe. Ele não existe mais.

Com essas palavras, meu avô foi para a cama. Depois, minha avó e eu fomos para a cama também. Fiquei acordado por um longo tempo.

Na noite seguinte, minha avó saiu para sua caminhada habitual. Naquela vez, ao voltar ela parecia muito triste.

– Ele não estava lá – disse ela. – Nils! O que é que você fez?

Meu avô não respondeu.

Depois dessa noite, o silêncio engoliu a casa. Eu sofri por mais três dias. Depois disso, voltei para Malmö.

Uma semana depois, nossa campainha tocou. Meu pai abriu a porta.

– Bem-vindos, entrem!

Meus avós estavam ali. Meu avô falou.

– Tornou-se muito solitário lá. Podemos morar aqui por um tempo até encontramos um apartamento?

– Claro que podem!

– Tornou-se silencioso demais – disse meu avô. – Estranhamente silencioso. Tudo na casa ficou em silêncio. Eu não devia ter dito que ele não existia.

– Quem? – perguntou meu pai.

Eu sabia a resposta.

Meu avô suspirou.

– Eu realmente sinto falta dele. O homem cinzento.

Então ouvi a voz da minha avó. Eu fiquei surpreso. Ela estava confortando o meu avô!

– Não fique triste, Nils – disse ela. – Há mais deles. Tenho certeza que existem muitos. Até aqui.

Eu estremeci.

– Mas não há nenhum como o nosso – meu avô disse com um ar triste. – Ele provavelmente tinha um bom coração, afinal. Eu só queria que ele não tivesse derrubado o boné da minha cabeça!

Um encontro de monarcas, de Selma Lagerlöf

Carlos Rabelo¹

Introdução

Selma Lagerlöf (1858-1940) é uma das maiores figuras da Literatura Sueca, sendo a primeira escritora a receber o Prêmio Nobel, em 1909, e uma escritora cuja prosa é bastante lida e traduzida até hoje. Seu prestígio na Suécia é tão grande que sua imagem aparece nas cédulas de vinte coroas. Seus temas e seu estilo literário carregam um sabor marcadamente nacional, com personagens regionais e com influência da literatura folclórica. Como se nota neste conto, ela é uma excelente contadora de histórias, com forte senso de humor e aguda percepção sobre o mundo e as pessoas. Foi uma especialista na forma da *saga*, o conto popular escandinavo, e alguns de seus livros são clássicos da literatura infantojuvenil, como é o caso do romance *A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson através da Suécia*, editado no Brasil pela Editora Nórdica, com tradução de Manoel Paulo Ferreira. Nesse romance, quase uma rapsódia sueca, um menino é encolhido e sobrevoa a Suécia nas asas de um bando de gansos selvagens.

O conto que aqui apresentamos, “Um encontro de monarcas” (“Monarkmötet”), faz parte uma antologia intitulada *Troll och människor* (“Trolls e pessoas”), publicado em 1915. É importante ter essa data em mente para compreender o sentido do conto, que se refere ao começo da Primeira Guerra Mundial em 1914. Com grande capacidade de atenção ao que se passava em seu tempo, a autora, ao descrever um episódio local, com seu humor camponês, conseguiu farejar os ventos

1 Carlos Rabelo é dramaturgo, tradutor do sueco e doutorando em Artes Cênicas no PPGAC (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas) da UFBA (Universidade Federal da Bahia).

da tragédia militar que se abateria sobre o mundo no século XX. É um exemplo da capacidade de artistas de serem universais ao representarem suas aldeias, sejam estas em Goiás ou em Värmland, a província natal de Lagerlöf.

Para marcar sua posição contrária à guerra, cuja sombra já pairava sobre a Europa, a autora conta um episódio fictício, onde imagina o encontro de uma figura histórica com um personagem fictício que figura em um de seus romances. A figura histórica é o rei Oskar II da Suécia, último rei sueco da Noruega, que reinou sobre a transição pacífica graças à qual a Noruega tornou-se independente da Suécia em 1907. Como podemos ler nesse conto, a pressão de nacionalistas suecos era no sentido de manter a Noruega como parte da Suécia, mesmo que com o uso da força. E este rei, mantendo a tradição que se iniciara com a dinastia Bernadotte, usou de seu prestígio pessoal para defender a paz. Ou seja: foi um dos arquitetos de uma Escandinávia evoluída socialmente, sem grande traumas históricos nos séculos recentes.

Já o personagem fictício, Jan, é o herói de um romance de Lagerlöf intitulado *O imperador de Portugal* (*Kejsarn av Portugallien*), publicado em 1914, onde um camponês com delírios de grandeza se imagina o imperador de um país fantástico e mediterrâneo, “Portugália”, que reflete bem o sonho no Sul ensolarado, com terras propícias ao vinho e à felicidade, longe do frio severo e da escuridão da Escandinávia. Nesse romance, que foi editado em Portugal em 2006, com tradução de Esther de Lemos, Lagerlöf discute o desespero da pobreza, a ignorância, que se converte numa autoilusão, de um personagem perdido em seus sonhos de grandeza.

Desse modo, no conto que aqui apresento, Lagerlöf propõe um embate entre ficção e realidade, sendo que seus dois reis simbolizam o encontro da razão e da verdade com a loucura e a mentira. E, sabiamente, Lagerlöf mostra como a verdade, representada pela figura do rei Oskar, aprende com o comportamento da mentira, corporificada por Jan. A simpatia do leitor também fica do lado da mentira, das extravagâncias do camponês Jan, um pícaro que põe em cena a imagem do ser humano confuso, perdido em meio à complexidade do mundo. Daí a importância de estadistas comprometidos com a paz, como Lagerlöf descreve o monarca verdadeiro, o rei Oskar, que preferiu perder um país inteiro, a Noruega, do que subjugar-lo à força para manter o brilho de sua coroa.

Nessa tradução busquei reproduzir em português a leveza do estilo de Lagerlöf, a coloquialidade e seu senso de humor. Jan, o personagem camponês, fala em dialeto de Värmland, e seria possível fazer com que ele falasse em nosso dialeto caipira – no entanto, essa escolha levaria a imaginação do leitor em direção a outro mundo e outra geografia. Outro traço do estilo da autora é o tom de quem

conversa com as pessoas, como quem conta uma história ao redor da lareira. Daí também a brevidade do conto, e suas descrições sumárias e precisas. Trata-se quase de uma anedota expandida, que narra um encontro onde as regras sociais foram postas de lado numa sociedade tão formal quanto a sueca, o que se torna ainda mais notável por envolver a presença de um rei e de um excêntrico que se julga rei. Espero que mais obras de Selma Lagerlöf sejam traduzidas e editadas no Brasil, para que tenhamos o prazer de ler sua prosa tão humana e universal.

Monarkmötet

Selma Lagerlöf

Det var i början av åttitalet vid en järnvägstation i Värmland, där kungen skulle resa förbi. Man hade klätt med grönt och med blommor, det svajade fanor i luften, och allt folk, som fanns i hela trakten, hade strömmat dit.

Och medan människorna väntade på att kungatåget skulle komma, var de både glada och lyckliga. De stod och gjorde upp för sig hur de skulle ta emot majestätet. De skulle ropa hurra, och de skulle ge honom blommor, och de skulle sjunga. Ja, här vid Kils station skulle han bli så mottagen, att han aldrig skulle förglömma det.

Men när tåget brusade in på stationen, blev det en stor oro strax i början, därför att alla ville tränga sig fram, så att de skulle komma i närheten av kungens vagn. Det var ju nu, som de skulle ha ropat hurra, men det glömde de rent bort, av ängslan för att de inte skulle kunna armbåga sig fram till någon bra plats.

Men en var det, som varken sprang eller trängdes, utan bara stod stilla och höjde käppen med den stora silverknappen för att slå takt, och som hurrade så, att det genljöd i alla väggar. Det var en liten karl, som hade en hög, grön kaskett på huvudet och hela bröstet fullsatt med stjärnor av både guld- och silverpapper.

Och det kan nog hända, att kungen och de, som var med honom, lade märke till att det fanns en karl i hela hopen, som var lugn och bar sig rätt åt, när alla de andra var som stolliga.

Inte blev det något av med sången, för se, skolbarnen, som skulle sjunga, de hade i trängseln blivit förskingrade åt alla håll, och inte heller fick kungen några blommor. De, som stod med buketter i händerna, hade blivit så förstenade av blyghet, att de inte kom sig för att gå fram till honom.

Det var bara en karl, som inte förlorade besinningen, och just i detsamma som kungen kom ut ur järnvägvagnen och steg ner på träbron framför stationshuset och stod där och såg både bekymrad och ledsen ut, därför att han hade fått ett så dåligt mottagande, så banade sig den karlen väg fram till honom.

»Go'dag, min snälla Oskar den andre!» sa karlen, och därmed tog han av sig kasketten och sträckte fram handen.

Kungen såg riktigt belåten ut. Han blev nog glad över att här vid Kils station fanns någon, som inte var blyg och inte hade blivit yr i mössan, utan visste hur han skulle bete sig.

»Go'dag, du!» sa kungen tillbaka. »Vad är du för en?»

Då svarade karlen, som sanningen var: »Jag är kejsar Johannes av Portugallien.» Men han sade det med en så mild och len röst, som det var honom möjligt, för det kunde ju hända, att kungen var van att alltid vara den första här i landet, och att han inte skulle tycka om, att det fanns en, som stod lika högt som han.

Det var nog flera, som var rädda för att det kunde förhålla sig så, för de, som stod närmast, ryckte honom i rocken och ville ha bort honom, liksom om de inte var säkra på hur detta mötet skulle sluta. Men kungen var inte av det slaget, som inte kan tåla sin like. Han bara vinkade åt dem, att de skulle hålla sig stilla.

»Kors i alla mina dar!» sa han och lät riktigt glad i rösten. »Är det en ämbetsbroder, som jag har råkat ut för?»

»Ja, vi har väl ungefär samma börda te å bära,» sa då han, som var kejsare, så ödmjukt, så. För se, att skryta över att han hade ett högre ämbete, han, än den andre, det skulle han aldrig ha kunnat förmå sig till att göra.

»Jag hör, att du har den rätta uppfattningen av saken,» sa kungen. »De, som inte har prövat på vad det vill säga, de tror, att vi kungar inte har något annat att göra än att sitta på en tron med krona på huvudet och spira i handen. Men bli kung bara, så får man se på annat. Tänk, att det ska kännas tungt också till att vara kejsare av Portugallien!» lade han till med en suck.

»Det har ju inte var't så värst tungt hittills,» sa då kejsarn, för han ville förstås inte skämma ut det egna landet. »Vi har ju fått behålla freden, och det är ändå det förnämsta goda.»

Det syntes allt, att kungen blev storbelåten.

»Det är inte fritt, att inte du förstår dej på regeringskonsten,» sa han. »För se, att hålla fred, det är både det första å det sista. Freden är för riket detsamma, som hälsan är för kroppen.»

Kejsarn fick allt lov att vända sig om och se sig omkring, när kungen sade detta. Folk stod molstilli i en vid krets, och inte en enda tordes röra sig ur fläcken bara för att inte mista ett ord av det, som han och kungen sade till varandra. Det hade allt varit bra, om han hade tänkt på att ta Kattrinna med sig. Åtminstone skulle han ha önskat, att någon enda Svartsjöbo, och helst någon av herrkarlarna, hade varit tillstädes.

Men på samma gång hörde han noga efter vad kungen sade och var strax färdig att svara honom.

»Ja, nog är freden e god sak,» sa han.

»Men en kan inte veta hur länge vi får behålla honom, för i söndags, när jag skulle gå hem från gudstjänsten i Svartsjö kyrka, kom jag i sällskap med två främmande karlar. Å den ena åv dom var Kriget, å den andra var Döden.»

Det var så vanligt för honom, som var kejsare av Portugallien, att råka alla slags konstigheter och besynnerligheter, så att inte hade han trott på att det, som han berättade om mötet på kyrkvägen, skulle bli betraktat som något försök att förhåva sig. Men det

måtte det ändå ha blivit, för nu började de på att rycka honom i rocken igen, de, som stod bakom, och ville ha honom att tåga. Men kungen förstod nog, att ett sådant där möte, det var som ingenting att räkna för en sådan som han, och han vinkade åt folket, att de skulle hålla sig stilla.

»Vad är det du säger?» sa han. »Har du varit ute å gått i sällskap med Döden å Kriget? Jag kan just undra hur de två såg ut.»

»Di var väl mest lika ett par fattiga vedhuggare,» sa kejsarn, »för di gick med stora timmerxor på axeln. När jag hade fått veta vilka di var, så fråga' jag dom förstås vad di var ute i för ett ärende, å då sa di, att di gick omkring å drog ihop bränsle te stora bål. Di vandra' från land te land, sa di, å bara di blev färdiga, så skulle di sätta eld på hela världen.»

»De kunde väl aldrig tänka på att lägga opp något bål i det här landet heller,» sa kungen, och alltjämt smålog han och såg glad ut.

»Di trodde allt, att det skulle bli klen med förtjänsten här i landet,» sa kejsarn. »Men di skulle ändå göra ett försök på västkanten. För där trodde di att det var möjligt, att di kunde samla ihop bränsle te ett ordentligt bål.»

Men tänk, att med detsamma som kejsarn hade talat om västkanten, så rätade kungen upp sig och blev allvarsam. »Nej,» sa han helt tvärt och höjde rösten, så att det han sade kunde höras till varenda människa på Kils station, »det kommer inte att lyckas för dem. Det kommer inte att bli något arbete för Krig å Död å det hållet, så länge jag lever. För tror du, att jag vill vara kung över folk, som jag skulle vara tvungen att underlägga mej med makt å våld? Jag vet väl, att det är svårt att hålla fred, men hellre vill jag offra kronan, än att jag skulle släppa lös eld å plundring över fredliga städer å byar å se åkrar nedtrampade å se människor döda å lemlästade. Jag har sett hur det har gått framåt i mina två länder under min regering,» sa han och kastade en stor, ljus blick omkring sig, »å aldrig ska jag vara med om att förstöra det, som det har varit min största glädje att se växa.»

När kungen hade sagt detta, hade han fått glans över ansiktet, och rösten skälvde till så vackert, att man hörde, att han menade vad han sade. Men kejsarn hade ju aldrig väntat mindre av honom, och nu lade han handen på armen på honom. »Min snälla kung Oskar! Min snälla kung Oskar!» sa han för att lugna honom.

»Ja, sätt mej på prov bara!» sa kungen och såg än stoltare ut än förut.

Men folket runt omkring tyckte, att kungen talade så vackert, att de fick tårar i ögonen, och rätt som det var, var det en, som gav sig till att ropa hurra.

Med detsamma tog de upp ropet över hela Kils station, och nu viftade de åt honom med hattar och näsdukar, och nu sjöng de, och nu kom de med blommor, för se, nu var de inte rädda för honom mer, nu hade han värmt dem. Nu fick han allt det, som de inte hade kommit sig för med att ge honom, då de först såg honom.

Men medan kungen av Sverige blev hyllad och firad, stod kejsarn av Portugallien alldeles stilla en stund och såg på med stora ögon. Sedan smög han sig så stilla och tyst bort genom folkhoppen.

Inte för att han kände sig på minsta sätt missbelåten med att han hade fått göra bekantskap med en riktig kung, men nog tycktes det, att han såg bra fattig och liten och avsigkommen ut, när han gav sig i väg hem till Svartsjösocknen.

Det var mången, som glädde sig åt kungens ord vid Kils station, men just ingen trodde då, att man fick ta dem alldeles efter bokstaven.

Sedan, flera år efteråt, då man såg hur det gick, var det flera, som påminde sig samtalet, och då förstod de, att kungen hade sagt sant, och att han hade bestått provet.

Och att det var sant med dem, som gick omkring och samlade ihop bränsle till världskriget, det har vi också sett.

Men när visar sig för oss den store fridsfurste, som inte kan se människor lida och byar brännas och åkrar nedtrampas? När kommer han, som vill offra kronans ära och glans för att ge den förtvivlade världen fred?

Um encontro de monarcas

Selma Lagerlöf

Tradução do sueco:

Carlos Rabelo

Foi no começo dos anos de 1880, numa estação de trem em Värmland, por onde o rei viria de passagem. Revestiram a estação com buquês de flores, bandeiras tremulavam ao vento e todo o povo da região vinha em revoada.

As pessoas aguardavam felizes e alegres a chegada do trem real. Imaginavam como iriam saudar Sua Majestade. Gritariam “viva!”, oferecer-lhe-iam flores e cantariam. Realmente, na estação de Kil ele seria bem recebido, para nunca mais esquecer.

Mas quando o trem encostou na estação, uma grande desordem se instalou, porque todos se empurraram, tentando chegar mais perto do vagão do Rei. Era nesse momento que deviam gritar “viva!”, mas todos se esqueceram completamente devido ao receio de não conseguir se acotovelar cada vez mais para a frente, até conseguir um bom lugar.

Porém, teve alguém que nem correu, nem se espremeu, mas ficou parado, levantou a bengala de cabo de prata, para marcar o ritmo, e bradou “viva!” com tanta força que se ouviu através de todos os vagões. Era um sujeito pequeno, que portava uma cartola alta e verde; tinha o peito coberto de estrelas de papel dourado e prateado.

E, como era de se esperar, o rei e aqueles que estavam com ele repararam que havia um sujeito no meio da algazarra que estava calmo e que se portava bem, enquanto todos os outros pareciam estúpidos.

Nem houve canção nenhuma, pois vejam, as crianças que deviam cantar tinham se dispersado na confusão, e também o Rei não recebeu nada de flores. Aqueles que estavam segurando os buquês, petrificados de timidez, não tinham coragem de ir até ele.

Só aquele homem não perdeu a compostura, e assim que o Rei deixou o vagão, descendo até a ponte de madeira, em frente à estação, com o cenho preocupado e triste por ter sido tão mal-recebido, o sujeito se dirigiu até ele:

– Bom dia, meu querido Oscar III! – disse ele, tirando a cartola da cabeça e estendendo a mão.

O rei ficou bastante satisfeito. E ficou feliz em saber que em Kil havia alguém que não era tímido, que não perdia a cabeça e sabia como se portar.

– Bom dia, meu caro! – respondeu o rei. – E quem é você?

Ao que o homem respondeu, com convicção:

— Sou o imperador João de Portugália — disse ele com sua voz mais suave e doce, pois poderia ser que o rei estivesse acostumado a sempre ser a pessoa mais importante do país, talvez não gostando que houvesse alguém em posição tão alta quanto a dele.

Muitos ficaram preocupados com o que se poderia seguir àquela situação, e assim aqueles que estavam mais perto tentaram puxar o paletó do homem, querendo tirá-lo dali, não estando seguros de como aquele encontro poderia terminar. O rei, no entanto, não era do tipo de gente que não tolera um semelhante. Ele apenas fez um gesto aos demais, para que ficassem em seu lugar.

— Meu Deus Todo-Poderoso! — disse ele com alegria na voz. — Será que eu me deparei com um colega de profissão?

— Sim, nós temos mais ou menos o mesmo fardo nas costas — disse então ele, que era imperador, mui humildemente. Pois vejam, vangloriar-se de que tinha uma posição superior ao do outro era algo que jamais se permitiria fazer.

— Noto que tem o entendimento correto dessa questão — disse o rei. — Aqueles que não tiveram a experiência do que isso significa acreditam que nós, os reis, não fazemos mais que sentar no trono com a coroa na cabeça e o cetro na mão. Mas quando se é rei, vê-se de outro modo. Imagine o peso que se sente quando se é imperador de Portugália! — completou ele, com um suspiro.

— Não tem sido tão ruim até agora — disse então o imperador, não querendo obviamente envergonhar seu país. — Nós conseguimos manter a paz, que é o bem mais precioso.

Todos puderam ver que o rei ficou contentíssimo.

— Ninguém poderá dizer que não entende da arte de reinar — disse ele. — Pois vejam, manter a paz deve ser a nossa primeira e última preocupação. A paz é para o reino o mesmo que a saúde é para o corpo.

O imperador teve a oportunidade de se virar e olhar em volta enquanto o rei dizia isso. As pessoas estavam como que fincadas ao chão, em um largo círculo, e ninguém sequer ousava se mexer do lugar, para não perder uma palavra do que ele e o rei estavam dizendo. Seria melhor ainda se ele tivesse pensado em trazer sua esposa Katrina². Ao menos ele gostaria que algum morador de Svartsjö, especialmente alguém da nobreza, tivesse consentido em vir.

Mas ao mesmo tempo ele escutava cuidadosamente o que o rei dizia, estando pronto para respondê-lo de imediato.

— Sim, a paz é realmente uma coisa muito boa — disse ele. — Mas a gente não sabe até quando vai poder mantê-la, porque no domingo, quando eu voltava pra casa, vindo do culto na igreja de Svartsjö, me vi na companhia de dois senhores de fora. Um deles era Guerra, e o outro era Morte.

2 A esposa de Jan, e personagem do romance *O imperador de Portugália*.

Era tão comum para ele, que era imperador de Portugália, se deparar com todo tipo de estranhezas e singularidades, que jamais imaginaria que aquilo que contou acerca do encontro no caminho da igreja seria considerado uma tentativa de se engrandecer. Mas pode ter sido o que aconteceu, já que as pessoas ao redor começaram novamente a puxá-lo pelo paletó, no intuito de que se calasse. O rei, no entanto, entendia que um encontro de tal sorte era o mesmo que nada para alguém como ele, e conteve as pessoas com um gesto.

– O que está dizendo? – disse ele. – Esteve por aí em companhia do Sr. Morte e do Sr. Guerra? Só posso imaginar qual era a aparência dos dois.

– Pareciam assim dois lenhadores pobres – disse o imperador. – Pois cada um trazia um grande machado no ombro. Quando pude saber quem os dois eram, perguntei, é claro, por que estavam de saída, e eles disseram que estavam juntando lenha para fazer uma fogueira. Eles vagueiam de terra em terra, disseram, e assim que estivessem prontos ateariam fogo ao mundo inteiro.

– Eles jamais deveriam pensar em atear fogo nessa terra – disse o rei, com um leve sorriso e aparência benévola.

– Os dois acreditam que por essas partes haveria pouco trabalho – disse o imperador. – Mas, assim mesmo, fariam uma tentativa na fronteira Oeste³. Lá eles pensam que é possível conseguir juntar lenha bastante para uma senhora fogueira.

Imaginem só, assim que o imperador falou sobre a fronteira Oeste, o rei se endireitou e ficou sério:

– Não – disse ele abruptamente, e elevando a voz, para que cada pessoa da estação de Kil ouvisse. – Eles não vão conseguir. Não haverá nenhum trabalho para Guerra ou Morte desse lado da fronteira enquanto eu estiver vivo. Você pensa que eu quero ser rei de um povo que eu seria obrigado a subjugar com força e violência? Sei bem que é difícil manter a paz, mas antes sacrificar a coroa do que ver o fogo e a pilhagem se alastrando por cidades e vilas pacíficas, plantações arrasadas, pessoas mortas ou mutiladas. Eu pude ver a evolução que se passou nos meus dois países, sob o meu reinado – disse ele, lançando um olhar amplo e claro ao seu redor –, e jamais vou fazer parte de algo que destrua aquilo que foi a minha maior alegria ver crescer.

Quando o rei disse isso, seu rosto se iluminou, e sua voz vibrou com tanta beleza que se podia escutar que falava com sinceridade. Mas o imperador esperava mais dele, e pôs a mão em seu braço:

– Rei Oscar, por favor! Por favor, Rei Oscar! – disse ele, procurando acalmá-lo.

– Que me ponham à prova! – disse o rei, com mais orgulho do que antes.

E as pessoas ao redor sentiram que o rei falara com tanta beleza que ficaram com lágrimas nos olhos, e como o momento era apropriado, teve alguém que não se conteve e gritou “viva!”.

3 Em referência à Noruega.

E num instante a gritaria tomou conta da estação de Kil, e foi então que sacudiram os lenços e os chapéus, foi então que cantaram, foi então que lhe entregaram as flores, pois vejam, já não tinham medo dele, que tinha conseguido quebrar o gelo. E assim ele recebeu tudo que não haviam lhe dado antes, quando o viram pela primeira vez.

Mas enquanto o rei da Suécia era celebrado e saudado, o imperador de Portugalia permaneceu totalmente parado, de olhos arregalados. Em seguida saiu de fininho, sem dizer nada, silencioso por entre as pessoas.

Não porque ele se sentisse insatisfeito por ter travado conhecimento com um rei de verdade, mas assim mesmo ele sentiu-se bem pobre, pequeno e desanimado ao andar pela estrada que conduzia à sua casa na vila de Svartsjö.

Houve muitos que se alegraram com as palavras do rei na estação de Kil, porém ninguém acreditou realmente naquele dia que se podia tomá-las ao pé da letra.

Depois de muitos anos, quando se soube o que aconteceu, muitas pessoas que se recordavam daquela conversa compreenderam que o rei dissera a verdade e que havia passado na prova.

E que era verdade que aqueles dois que andavam ao redor, juntando lenha para a guerra mundial, também vimos.

Mas quando veremos o grande príncipe da paz, que não consegue ver as pessoas sofrendo, cidades ardendo, e lavouras arrasadas? Quando ele virá, aquele que oferecerá a glória e o brilho da coroa para dar a este mundo louco a paz?

Reunião de regentes, de Selma Lagerlöf

João Joakim T. Wagner¹

Palavras-chave: Monarkmötet, Selma Lagerlöf, Literatura sueca

Selma Ottilia Lovisa Lagerlöf, romancista e contista sueca, foi agraciada com o prêmio Nobel de literatura em 1909, sendo a primeira mulher a receber esta distinção. Em 1914 tornou-se também a primeira mulher a integrar a Academia Sueca. Está entre os nomes mais importantes e conhecidos da literatura sueca e é considerada o ponto culminante da tradição do conto de autoras femininas iniciada por Frederika Bremer (1801-1865). Em seu trabalho, Lagerlöf também seguiu a trilha da participação de autores voltados para o público adulto que também dedicam atenção à literatura infantil, inaugurada por Zacharias Topelius (1818-1898).

Nascida em 20 de novembro de 1858, em Mårbacka, na província de Värmland, no sudoeste da Suécia, Selma era filha de Erik Gustav Lagerlöf, oficial reformado do exército, e Louise Wallroth. Recebeu formação de professora entre 1882 e 1885 e desempenhou essa função na escola elementar para meninas, em Landskrona, até 1895.

Inicialmente, Selma Lagerlöf conduziu o trabalho de autora paralelamente ao trabalho de professora, até se mudar, em 1895, para a cidade de Falun, na província de Dalarna, sul da Suécia, quando passou a viver apenas de seu trabalho como escritora.

¹ Mestrando em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo. Graduado em Química pela Universidade de São Paulo em 1990, concluiu em 2016 graduação em Letras, habilitação dupla Português e Alemão, igualmente pela Universidade de São Paulo. Contato: joakimwagner@yahoo.com

Com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, a autora ajudou artistas e intelectuais judeus a escaparem da perseguição nazista. Apesar de isto ser de conhecimento das autoridades nazistas, seu nome não foi incluído nas listas de autores proibidos, e obras suas eram distribuídas às tropas. Selma Lagerlöf faleceu em 16 de março de 1940, na mesma casa em Mårbacka onde havia nascido, em meio a seus esforços de fazer chegar assistência aos civis finlandeses que viviam sob o efeito dos bloqueios decorrentes da guerra.

Em sua obra, com estilo bastante próprio, Selma Lagerlöf recorre extensamente a lendas nórdicas, elementos do folclore, histórias e narrativas orais de sua cidade natal e, frequentemente, também elementos retirados tanto da História quanto de sua própria biografia. Estes elementos são amalgamados em textos nos quais as fronteiras entre o real e o imaginário muitas vezes se tornam difusas e incertas. Dentre suas obras mais conhecidas destacam-se especialmente dois romances:

– *Gösta Berlings Saga* (A Saga de Gösta Berling), de 1891. Assinala a estreia literária da autora. Trata das guerras napoleônicas, já trazendo o rompimento de Selma Lagerlöf com o realismo e o naturalismo prevalentes à época. Inicialmente este romance enfrentou receptividade ruim.

– *Nils Holgersons underbara Resa genom Sverige* (A maravilhosa viagem de Nils Holgersson pela Suécia), romance em dois volumes lançado em 1906-1907. Foi escrito sob encomenda, com o objetivo de ser usado como material de apoio escolar para ensino de geografia sueca e ainda hoje se mantém como leitura popular entre jovens, na Suécia e em outros países. Sua primeira edição em português (europeu) data de 1936.

No contexto específico deste trabalho, é importante considerar-se também o romance *Kejsarn av Portugallien* (O imperador de Portugal – tradução minha), publicado em 1914 e com tradução em português (europeu) de 2006. Observa-se a existência de um importante diálogo entre este romance e o conto “Monarkmötet” (Reunião de Regentes), objeto deste trabalho.

Kejsarn av Portugallien se passa no final do séc. XIX e retrata a vida do camponês Jan Andersson, a esposa Katrinna e sua filha Klara, por quem ele tem profundo amor. Quando Jan recebe a cobrança de uma dívida, de legitimidade no mínimo duvidosa, sua jovem filha Klara dispõe-se a buscar trabalho em Estocolmo. Lá ela consegue juntar o dinheiro necessário e o envia ao pai. A prolongada ausência da filha e a escassez de notícias dela fazem com que Jan acabe por cair em depressão e se perder progressivamente num mundo de delírios. Usando um velho barrete na cabeça, um cajado adornado em prata e estrelas de papel ao peito, ele passa a

se autointitular imperador João de Portugália. Nesta condição, e escudado pela fama de loucura, ele passa a ter comportamentos estranhos e a fazer comentários críticos e muitas vezes inconvenientes que, sob outras circunstâncias, não seriam tolerados vindos de um camponês pobre. Também conta numerosas histórias de seu país feliz, Portugália.

No conto “Monarkmötet”, que integra o primeiro volume de *Troll och människor*, uma coletânea de textos curtos publicada em 1915, Selma Lagerlöf retoma o personagem João de Portugália/Jan Andersson para relatar o encontro do imperador com o então monarca do Reino Unido da Suécia e Noruega, Oskar II, durante uma passagem deste pela província de Värmland, que faz fronteira com a atual Noruega. A ação descrita ocorre na década de 1880, na estação ferroviária de Kil, que integrava o trecho pioneiro de via férrea na Suécia, instalado nos anos 1850. Kil é, ainda hoje, um importante entroncamento ferroviário.

Na década de 1880 já se observavam sinais da crescente tensão entre Suécia e Noruega, gerada pela busca norueguesa de romper a união política estabelecida entre os dois países como consequência das guerras napoleônicas. Anos mais tarde, as tensões escalaram a ponto de alcançarem a efetiva mobilização de tropas e, então, o rei Oskar II formalizou a aceitação da dissolução formal da união e abdicou da coroa norueguesa em 1905.

Monarkmötet

Selma Lagerlöf

Det var i början av åttitalet vid en järnvägsstation i Värmland, där kungen skulle resa förbi. Man hade klätt med grönt och med blommor, det svajade fanor i luften, och allt folk, som fanns i hela trakten, hade strömmat dit.

Och medan människorna väntade på att kungatåget skulle komma, var de både glada och lyckliga. De stod och gjorde upp för sig hur de skulle ta emot majestätet. De skulle ropa hurra, och de skulle ge honom blommor, och de skulle sjunga. Ja, här vid Kils station skulle han bli så mottagen, att han aldrig skulle förglömma det.

Men när tåget brusade in på stationen, blev det en stor oro strax i början, därför att alla ville tränga sig fram, så att de skulle komma i närheten av kungens vagn. Det var ju nu, som de skulle ha ropat hurra, men det glömde de rent bort, av ängslan för att de inte skulle kunna armbåga sig fram till någon bra plats. Men en var det, som varken sprang eller trängdes, utan bara stod stilla och höjde käppen med den stora silverknappen för att slå takt, och som hurrade så, att det genljöd i alla väggar.

Det var en liten karl, som hade en hög, grön kaskett på huvudet och hela bröstet fullsatt med stjärnor av både guld- och silverpapper.

Och det kan nog hända, att kungen och de, som var med honom, lade märke till att det fanns en karl i hela hopen, som var lugn och bar sig rätt åt, när alla de andra var som stolliga.

Inte blev det något av med sången, för se, skolbarnen, som skulle sjunga, de hade i trängseln blivit förskingrade åt alla håll, och inte heller fick kungen några blommor. De, som stod med buketter i händerna, hade blivit så förstenade av blyghet, att de inte kom sig för att gå fram till honom.

Det var bara en karl, som inte förlorade besinningen, och just i detsamma som kungen kom ut ur järnvägsvagnen och steg ner på träbron framför stationshuset och stod där och såg både bekymrad och ledsen ut, därför att han hade fått ett så dåligt mottagande, så banade sig den karlen väg fram till honom.

«Go'dag, min snälla Oskar den andre!» sa karlen, och därmed tog han av sig kasketten och sträckte fram handen.

Kungen såg riktigt belåten ut. Han blev nog glad över att här vid Kils station fanns någon, som inte var blyg och inte hade blivit yr i mössan, utan visste hur han skulle bete sig.

«Go'dag, du!» sa kungen tillbaka. «Vad är du för en?»

Då svarade karlen, som sanningen var: «Jag är kejsar Johannes av Portugallien.» Men han sade det med en så mild och len röst, som det var honom möjligt, för det kunde ju hända, att kungen var van att alltid vara den första här i landet, och att han inte skulle tycka om, att det fanns en, som stod lika högt som han.

Det var nog flera, som var rädda för att det kunde förhålla sig så, för de, som stod närmast, ryckte honom i rocken och ville ha bort honom, liksom om de inte var säkra på hur detta mötet skulle sluta. Men kungen var inte av det slaget, som inte kan tåla sin like. Han bara vinkade åt dem, att de skulle hålla sig stilla.

«Kors i alla mina dar!» sa han och lät riktigt glad i rösten. «Är det en ämbetsbroder, som jag har råkat ut för?»

«Ja, vi har väl ungefär samma börda te å bära,» sa då han, som var kejsare, så ödmjukt, så. För se, att skryta över att han hade ett högre ämbete, han, än den andre, det skulle han aldrig ha kunnat förmå sig till att göra.

«Jag hör, att du har den rätta uppfattningen av saken,» sa kungen. «De, som inte har prövat på vad det vill säga, de tror, att vi kungar inte har något annat att göra än att sitta på en tron med krona på huvudet och spira i handen. Men bli kung bara, så får man se på annat. Tänk, att det ska kännas tungt också till att vara kejsare av Portugallien!» lade han till med en suck.

«Det har ju inte var't så värst tungt hittills,» sa då kejsarn, för han ville förstås inte skämma ut det egna landet. «Vi har ju fått behålla freden, och det är ändå det förnämsta goda.»

Det syntes allt, att kungen blev storbelåten.

«Det är inte fritt, att inte du förstår dej på regeringskonsten,» sa han. «För se, att hålla fred, det är både det första å det sista. Freden är för riket detsamma, som hälsan är för kroppen.»

Kejsarn fick allt lov att vända sig om och se sig omkring, när kungen sade detta. Folk stod molstilli i en vid krets, och inte en enda tordes röra sig ur fläcken bara för att inte mista ett ord av det, som han och kungen sade till varandra. Det hade allt varit bra, om han hade tänkt på att ta Katrinna med sig. Åtminstone skulle han ha önskat, att någon enda Svartsjöbo, och helst någon av herrkarlarna, hade varit tillstädes.

Men på samma gång hörde han noga efter vad kungen sade och var strax färdig att svara honom.

«Ja, nog är freden e god sak,» sa han.

«Men en kan inte veta hur länge vi får behålla honom, för i söndags, när jag skulle gå hem från gudstjänsten i Svartsjö kyrka, kom jag i sällskap med två främmande karlar. Å den ena åv dom var Kriget, å den andra var Döden.»

Det var så vanligt för honom, som var kejsare av Portugallien, att råka alla slags konstigheter och besynnerligheter, så att inte hade han trott på att det, som han berättade om mötet på kyrkvägen, skulle bli betraktat som något försök att förhåva sig. Men det

måtte det ändå ha blivit, för nu började de på att rycka honom i rocken igen, de, som stod bakom, och ville ha honom att tiga. Men kungen förstod nog, att ett sådant där möte, det var som ingenting att räkna för en sådan som han, och han vinkade åt folket, att de skulle hålla sig stilla.

«Vad är det du säger?» sa han. «Har du varit ute å gått i sällskap med Döden å Kriget? Jag kan just undra hur de två såg ut.»

«Di var väl mest lika ett par fattiga vedhuggare,» sa kejsarn, «för di gick med stora timmerxor på axeln. När jag hade fått veta vilka di var, så fråga' jag dom förstås vad di var ute i för ett ärende, å då sa di, att di gick omkring å drog ihop bränsle te stora bål. Di vandra' från land te land, sa di, å bara di blev färdiga, så skulle di sätta eld på hela världen.»

«De kunde väl aldrig tänka på att lägga opp något bål i det här landet heller,» sa kungen, och alltjämt smålog han och såg glad ut.

«Di trodde allt, att det skulle bli kient medförtjänsten här i landet,» sa kejsarn.

«Men di skulle ändå göra ett försök på västkanten. För där trodde di att det var möjligt, att di kunde samla ihop bränsle te ett ordentligt bål.»

Men tänk, att med detsamma som kejsarn hade talat om västkanten, så rättade kungen upp sig och blev allvarsam.

«Nej,» sa han helt tvärt och höjde rösten, så att det han sade kunde höras till varenda människa på Kils station, «det kommer inte att lyckas för dem. Det kommer inte att bli något arbete för Krig å Död åt det hållet, så länge jag lever. För tror du, att jag vill vara kung över folk, som jag skulle vara tvungen att underlägga mej med makt å våld?»

Jag vet väl, att det är svårt att hålla fred, men hellre vill jag offra kronan, än att jag skulle släppa lös eld å plundring över fredliga städer å byar å se åkrar nedtrampade å se människor döda å lemlästade. Jag ar sett hur det har gått framåt i mina två länder under min regering,» sa han och kastade en stor, ljus blick omkring sig, «å aldrig ska jag vara med om att förstöra det, som det har varit min största glädje att se växa.»

När kungen hade sagt detta, hade han fått glans över ansiktet, och rösten skälvde till så vackert, att man hörde, att han menade vad han sade. Men kejsarn hade ju aldrig väntat mindre av honom, och nu lade han handen på armen på honom.

«Min snälla kung Oskar! Min snälla kung Oskar!» sa han för att lugna honom. «Ja, sätt mej på prov bara!» sa kungen och såg än stoltare ut än förut. Men folket runt omkring tyckte, att kungen talade så vackert, att de fick tårar i ögonen, och rätt som det var, var det en, som gav sig till att ropa hurra.

Med detsamma tog de upp ropet över hela Kils station, och nu viftade de åt honom med hattar och näsdukar, och nu sjöng de, och nu kom de med blommor, för se, nu var de inte rädda för honom mer, nu hade han värmt dem. Nu fick han allt det, som de inte hade kommit sig för med att ge honom, då de först såg honom.

Men medan kungen av Sverige blev hyllad och firad, stod kejsarn av Portugallien alldeles stilla en stund och såg på med stora ögon. Sedan smög han sig så stilla och tyst bort genom folkhopen.

Inte för att han kände sig på minsta sätt missbelåten med att han hade fått göra bekantskap med en riktig kung, men nog tycktes det, att han såg bra fattig och liten och avsigkommen ut, när han gav sig i väg hem till Svartsjösocknen.

Det var mången, som glädde sig åt kungens ord vid Kils station, men just ingen trodde då, att man fick ta dem alldeles efter bokstaven.

Sedan, flera år efteråt, då man såg hur det gick, var det flera, som påminde sig samtalet, och då förstod de, att kungen hade sagt sant, och att han hade bestått provet.

Och att det var sant med dem, som gick omkring och samlade ihop bränsle till världskriget, det har vi också sett.

Men när visar sig för oss den store fridsfurste, som inte kan se människor lida och byar brännas och åkrar nedtrampas? När kommer han, som vill offra kronans ära och glans för att ge den förtvivlade världen fred?

Reunião de regentes

Selma Lagerlöf

Tradução do sueco:
João Joakim T. Wagner

Foi no início dos anos 1880, em uma estação ferroviária na província de Värmland, ao sudoeste da Suécia, por onde o rei iria passar. A estação estava toda decorada com folhagens e com flores, bandeiras tremulavam ao vento e todo o povo da vizinhança havia acorrido.

Felizes e contentes, as pessoas esperavam a chegada do trem real. Paradas ali, ficavam imaginando como receberiam Sua Majestade. Dariam vivas e entregariam flores e cantariam. Isso mesmo. Aqui, na estação de Kil, ele teria uma recepção que jamais iria esquecer.

Mas, quando o trem chegou, ruidoso, na estação, logo houve grande agitação, pois todos se acotovelavam para chegar perto do vagão do rei. Era agora que deveriam ter dado vivas, mas esqueceram-se completamente, por angústia de não conseguirem arranjar um bom lugar.

Mas havia um que não corria nem se acotovelava. Simplesmente ficou parado e ergueu o bastão cerimonial com um grande enfeite de prata e gritou vivas tão altos que ressoavam por todas as paredes. Era um sujeito pequeno, com um casquete verde e alto na cabeça e com o peito todo coberto de estrelas de papel dourado e prateado.

E é bem capaz que o rei e os que estavam com ele tenham reparado haver um sujeito que estava calmo e se portava bem e com compostura, enquanto os outros pareciam desvairados.

Não houve cantoria, pois, veja, os escolares que deveriam cantar tinham sido dispersados aos quatro ventos pelo empurra-empurra, nem o rei recebeu flores. As pessoas que traziam os buquês nas mãos estavam petrificadas pela timidez, a ponto de que sequer pensar em se aproximar do rei.

Havia apenas um sujeito a manter a presença de espírito que, assim que o rei saiu do vagão descendo a plataforma de madeira diante da estação ferroviária, parecendo preocupado e triste pela recepção tão ruim, se aproximou do rei.

“Bom dia, meu bondoso Oskar II!”, disse o sujeito, tirando o barrete e oferecendo a mão em cumprimento.

O rei pareceu verdadeiramente satisfeito. Deve ter se alegrado por haver aqui na estação de Kil alguém que não era tímido e não havia ficado maluco, mas sabia como deveria se portar.

“Bom dia, aí!”, o rei respondeu. “E você, quem seria?”

O sujeito então respondeu, conforme a verdade:

“Eu sou o imperador João de Portugalía.” Mas ele o disse com a voz tão amena e suave quanto lhe era possível, afinal, poderia bem ser que o rei estivesse acostumado a ter sempre a primazia no país e que não gostasse que existisse alguém em posição tão elevada quanto a dele.

Certamente havia várias pessoas receosas de que realmente fosse assim, pois aquelas mais próximas do sujeito o puxavam pelo casaco, querendo tirá-lo dali, como se tivessem receio do desfecho daquele encontro. Mas o rei não era do tipo que não tolera um semelhante. Apenas gesticulou para as pessoas que ficassem quietas.

“Minha nossa”, disse, com a voz soando realmente satisfeito. “Será que topei com um colega de ofício?”

“Bem, acho que nós dois tem fardos parecido pá carregá”, disse então aquele que era imperador, de forma assim tão, tão humilde. Pois, veja, gabar-se de ter, ele, um cargo superior ao do outro era algo que jamais conseguiria se obrigar a fazer.

“Percebo que você tem o entendimento correto da coisa”, disse o rei. “Os desconhecedores do assunto acham que nós, reis, não temos nada a fazer além de ficar sentado num trono, de coroa na cabeça e cetro na mão. Mas torne-se rei que verá de outra maneira. Imagine só o peso de ser imperador de Portugalía!”, ele acrescentou com um suspiro.

“Bem, num tá assi tão terrificante de pesado até agora”, respondeu o imperador, pois afinal ele não queria desmerecer seu próprio país. “Conseguimo manter paiz e isso é demais de bom.”

Todos viram que o rei havia ficado muito satisfeito.

“Logo se vê”, disse ele, “que você entende mesmo tudo da arte de governar”, disse ele. “Pois, veja, manter a paz é a mais importante das coisas. A paz é para o reino o mesmo que a saúde é para o corpo.”

Quando o rei disse isso, o imperador teve oportunidade de se virar e olhar ao redor de si. O povo estava imóvel, num amplo círculo, e ninguém ousava sair do lugar, para não perder uma única palavra do que ele e o rei diziam. Tudo estaria bem, se ao menos ele tivesse lembrado de trazer sua esposa Kattrinna. Desejava que ao menos um dos moradores de Svartsjö, de preferência algum dos poderosos, estivesse presente.

Ao mesmo tempo, ele ouvia atentamente o que o rei dizia e logo estava pronto a lhe responder.

“Sim, claro que paiz é coisa boa”, disse ele. “Má num dá pá sabê quanto tempo nós consegue ficar cum ela. No domingo, eu tavínu pá casa, vortânu da missa na egreja de Svartsjö, e eu encontrei dois sujeito estranho. Um era Guerra, o ôtro era Morte.”

Para ele, que era imperador de Portugalía, era tão habitual encontrar todo tipo de coisa estranha e curiosa que nem imaginava ter o relato deste seu encontro ao voltar da igreja tomado por presunção. Mas é o que deve ter acontecido, pois agora as pessoas atrás

dele voltaram a puxá-lo pelo casaco, querendo silenciá-lo. Mas o rei compreendia bem que um encontro daqueles não deveria ser levado muito a sério por alguém em sua posição e, portanto, gesticulava à multidão para que se mantivesse quieta.

“O que está dizendo?”, disse ele. “Você caminhou na companhia de Morte e Guerra? Não consigo nem imaginar a aparência que têm.”

“Olha, pareciam bem com uns lenhadô pobre”, disse o imperador, “carregânu uns machado grande nos ombro. Quando eu sube quem era, é claro que eu perguntei a intenção que tinha. Repondêru qui tâvu rondano pra juntá combustívi pruma grande pira. Dissêru que vão de país em país e que quando tudo tivé pronto, vão tacar fogo no mundo tudo.”

“Bem, com certeza, nunca pensariam em armar alguma pira dessas aqui neste país”, disse o rei, sempre sorrindo, e parecia satisfeito.

“Dissêru que achávu que o ganho por aqui ia de ser piquênu”, disse o imperador, “mas que queria tentá, lá pras banda do oeste. Acreditávu que dava pra juntar combustívi pruma boa duma pira.”

Mas, imagine só, assim que o imperador falou da região a oeste, o rei se empertigou todo e ficou sério.

“Não”, ele disse bruscamente e erguendo a voz, para que fosse ouvido por cada uma das pessoas na estação Kil, “eles não vão conseguir o que querem. Não haverá trabalho para Guerra e Morte naquelas paragens enquanto eu viver. Ou você acha que eu quero ser rei de uma gente que eu teria de subjugar com repressão e violência?”

“Eu sei bem quanto é difícil manter a paz, mas antes renunciar à coroa que deixar à mercê de fogo e pilhagem cidades e povoados pacíficos e ver plantações pisoteadas e pessoas mortas e mutiladas. Eu observei o progresso que houve em meus dois reinos durante o meu reinado”, disse ele, lançando um longo olhar benevolente em torno, “e jamais eu participaria na destruição de algo que foi minha maior alegria ver crescer.”

Isto dito, o rosto do rei ficou radiante e sua voz tremeu de forma tão bela que se podia ouvir a sinceridade de suas palavras.

Mas o imperador, em momento algum, havia esperado outra coisa do rei e agora pousou-lhe a mão no ombro.

“Meu bondoso rei Oskar! Meu bondoso rei Oskar!”, dizia para acalmá-lo.

“Sim, vamos, ponha-me à prova!”, disse o rei, parecendo ainda mais orgulhoso do que antes.

O povo ao redor achou tão bonita a fala do rei que ficou com lágrimas nos olhos e, de repente, alguém começou a dar vivas.

Imediatamente os vivas tomaram a estação de Kil e agora todos acenavam para o rei com chapéus e lenços e cantavam, e agora trouxeram-lhe as flores, pois, veja, já não tinham mais medo dele, pois ele havia tocado seus corações. Agora o rei recebeu tudo aquilo que eles não lhe haviam dado quando o viram da primeira vez.

Enquanto o rei da Suécia era homenageado e festejado, o imperador de Portugal ficou parado por um tempo, observando admirado. Depois ele se esgueirou de forma muito quieta e silenciosa para fora da aglomeração.

Não que estivesse minimamente descontente por ter conhecido um verdadeiro rei, mas parecia bastante pobre e pequeno e decrépito voltando para sua casa na paróquia de Svartsjö.

Muitos se alegraram com as palavras do rei na estação de Kil, mas ninguém achou naquele momento que pudessem ser levadas ao pé da letra. Mais tarde, muitos anos depois, quando se viu como as coisas transcorreram, muitos se lembraram desta conversa e, então, entenderam que o rei havia falado a verdade e que havia passado na prova.

E que também era verdade a história sobre aqueles que andavam por aí juntando combustível para a guerra mundial. Isso também foi observado.

Mas quando vai se nos revelar o grande príncipe da paz, que não tolera ver pessoas sofrendo e aldeias sendo queimadas e plantações serem pisoteadas? Quando chegará aquele disposto a sacrificar a honra e o brilho da coroa para dar paz ao mundo desesperado?

Referências bibliográficas

ALGULIN, Ingemar. *A History of Swedish Literature*. Trad. John Weinstock, Uddevalla: Bohusläningens Boktryckeri AB, 1989. Original sueco. HENRICKSON, Alf; *Svensk Historia*; Bonniers; 1963.

OSKAR II. In: *Encyclopædia Britannica*. Cambridge University Press. 1911. 20 (11th ed.), p. 346.

BOOKS AND WRITERS. Disponível em: <<http://authorscalendar.info/lagerlof.htm>>. Acesso em 20 de mar. 2017.

LITTERATURBANKEN. Litteraturbankens epubfiler. Disponível em <http://litteraturbanken.se/#!/forfattare/LagerlofS/titlar/TrollOchMann/sida/5/etext>. Acesso em 15 de mar. 2017.

NOBEL PRIZE. Lists of Nobel Prizes and Laureates. Disponível em <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1909/lagerlof-facts.html>. Acesso em 15 de mar. 2017.

PROJEKT RNEBERG. Svenskt biografiskt handlexikon. Disponível em <<http://runeberg.org/sbh/lagerlof.html>>. Acesso em: 20 de mar. 2017.

PROJEKT RNEBERG. Svensk litteratur i sammandrag. Disponível em <<http://runeberg.org/svlihist/lagerlof.html>>. Acesso em 15 de mar. 2017.

SVERIGES HEMBYGDFÖRBUND Hitta hembygdsförening Disponível em <<https://www.hembygd.se/stora-kil/sevardheterutflyktsmal/sveriges-forsta-jarnvag-2/>>. Acesso em 15 de mar. 2017.

***Dinheiro*, de Victoria Benedictsson: Uma tradução a quatro mãos e quatro línguas**

*Astrid Adelgren*¹
*Marina Darmaros*²

Resumo: Victoria Benedictsson foi uma das figuras-chaves do “Grande Avanço Moderno” sueco, que precedeu mudanças essenciais para que a sociedade escandinava se tornasse mais igualitária – e uma das mais igualitárias do mundo – em termos de gênero. O trecho do romance *Pengar* (“Dinheiro”) vertido aqui pela primeira vez ao português brasileiro é fundamental para se compreender também o pensamento da autora e seu suicídio, que destituiu a cena literária e feminista prematuramente de um de seus ícones.

Palavras-Chave: *tradução, estudos da tradução, literatura sueca, literatura feminina, Grande Avanço Moderno, literatura escandinava, Victoria Benedictsson*

Introdução

A autora escolhida para esta tradução, Victoria Benedictsson, é uma das escritoras suecas mais estudadas da década de 1880 (Nordenstam, 2008: 427). Ainda em vida, alguns de seus trabalhos foram vertidos para o alemão, dinamarquês e holandês. Postumamente, ela foi traduzida também para outras línguas

1 Astrid Adelgren é bacharel em Ciências Políticas pela Universidade de Lund, jornalista pela Escola de Jornalismo de Skurup e pela Folkhögskola de Biskops Arnö-Nordens e pesquisadora em Escrita Criativa pela Universidade de Södertörn. Contato: astrid.adelgren@gmail.com.

2 Marina Darmaros é doutoranda do programa de Cultura e Literatura Russa da USP, mestra em Jornalismo Internacional pela Universidade Estatal Russa da Amizade dos Povos e bacharel em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Contato: marina.darmaros@usp.br.

escandinavas, assim como para o russo, o inglês e o húngaro (Holm, 2008a). Entretanto, seu trabalho não recebeu a devida atenção fora das fronteiras suecas (Moberg, 2007: 380).

Benedictsson cresceu no interior do condado de Skåne, e desde cedo sonhava em partir rumo a Estocolmo para estudar na academia de artes. Mas seu pai não permitiu que ela realizasse esse sonho, e, em sinal de protesto, ela noivou com um homem muito mais velho, o viúvo Christian Benedictsson, que tinha 28 anos a mais que ela e cinco filhos.

Mais tarde, Benedictsson pôs em dúvida o noivado, mas não quis desfazê-lo sem o total consentimento do noivo, e assim, em 1871, casou-se com ele (Holm, 2008b; Hjort, 1969:5).

Na segunda metade do século 19, a Suécia ainda era um país extremamente patriarcal. Uma mulher não podia se casar sem o consentimento do pai, e, quando casada, era entendida como menor de idade, tanto na relação como dentro de casa. O homem era o único guardião legal dos filhos, e também tinha o direito de administrar a propriedade da mulher³.

A situação das mulheres começou a mudar, ainda que lentamente, nesse período. A industrialização criou oportunidades de trabalho. Ao mesmo tempo, o índice de casamentos diminuiu – o que se deu, em parte, devido ao fato de haver um excedente feminino. Tudo isso resultou em que muito mais mulheres comessem a trabalhar fora de casa para se manter (Heggstad, 1991: 9, 24).

O que se esperava desse novo papel das mulheres nesse período de mudanças foi assunto de muita discussão pública. Esse debate também era amplamente visível na literatura, uma cena que passou a contar com a participação de muito mais mulheres que antes (Heggstad, 1991: 9-10), sobretudo com o “Grande Avanço Moderno”⁴, importante não só para Benedictsson, mas para muitas outras escritoras, como Anne Charlotte Leffler e Alfhild Agrell. Essas foram responsáveis por escrever sobre a sociedade em uma tradição realista e naturalista, e seus livros focam a situação da mulher (Willemssen 2012: 7).

3 Essas condições tiveram uma leve melhora em 1874, quando a mulher passou a ter o direito de exigir um acordo pré-nupcial (Heggstad, 1991: 18).

4 “Det moderna genombrottet” foi um forte movimento de naturalismo e debate literário na Escandinávia, ocorrido concomitantemente na Noruega (“Det moderne gjennombrudd”), na Dinamarca (“Det moderne gennembrud”) e na Suécia (“Det moderna genombrottet”). Substituiu o Romantismo em finais do século XIX.

Victoria Benedictsson fez parte desse movimento. Uma das figuras-chaves do “Grande Avanço Moderno”, ela focava o papel da mulher na sociedade por meio de uma tradição naturalista e realista (Willemssen, 2012: 7; Holm, 2007: 119-120). Como colocado pela pesquisadora Yvonne Leffler, a ficção pode ter sido o caminho encontrado por essas escritoras para, de maneira mais implícita, terem suas vozes ouvidas no debate (Willemssen, 2012: 16). Ainda assim, essa literatura era vista por muitos como controversa (Ibid, 2012: 8).

Pengar (“Dinheiro”) foi o primeiro romance de Benedictsson, e um de seus mais conhecidos, publicado em 1885 sob o pseudônimo de Ernst Ahlgren, que a autora usava frequentemente. O título conta a história de uma jovem chamada Selma que, como a própria escritora, sonha em se mudar para Estocolmo para estudar artes. Seu tio, porém, a convence a se casar com o rico Pål, mais velho, quando ela tem apenas 16 anos. Assim, ela passa a ter dinheiro – mas não liberdade – e um casamento infeliz.

O casamento se mostra desafortunado não apenas porque ela não está apaixonada pelo marido. Agora ela tem dinheiro, mas sente que sua vida não tem sentido. Ela almeja tornar-se independente e lutar em nome de uma causa:

E ela mesma – ela não tinha exatamente aquilo pelo que os outros lutam por meio do trabalho? Dinheiro... Dinheiro? Que palavra pobre! Dinheiro, mas nada pelo que lutar. Não, combater com a vida, lutar por seu pão, isso é viver. Ela passou a mão devagar pela testa. Vegetar e morrer, isso era um dever, claro – para ela (Benedictsson, 1969: 138)⁵.

No final, ela decide que quer se separar do marido, apesar de hesitar quando esse explica que não há “nenhum caminho, nenhum futuro” para ela sozinha, já que Selma não tem educação formal ou qualquer experiência de trabalho (Benedictsson, 1969: 151).

Apesar disso, a protagonista está determinada na última cena a deixar sua vida de casada, e escreve uma carta pedindo ao primo que a ajude a encontrar um trabalho na Alemanha.

O livro é uma forte crítica à sociedade desse período, que tornava aceitável, legal e moralmente, esse tipo de casamento, e foi visto como um romance de emancipação (Forsås Scott, 1997: 25; Nordenstam, 2008: 427).

5 “Och hon själv, ägde hon ej just vad andra eftersträva med sitt arbete? Pengar... Pengar? Vilket fatigt ord! Pengar men ingen strävan. Nej, kämpa med livet, slåss om brödet, det är att leva. Hon strök sig långsamt över pannan. Vegetera och dö, det var ju plikten – för henne.”

Benedictsson no cenário atual

Pengar e outras obras de Benedictsson nem sempre foram itens obrigatórios dos currículos escolares suecos, como aconteceu a livros de autores como August Strindberg, da primeira mulher a receber o Nobel de Literatura, Selma Lagerlöf, e de Hjalmar Söderberg. Mas, como já dito, seus trabalhos foram amplamente analisados e discutidos e seus livros são considerados clássicos (Kalmteg, 2008).

Na atualidade, porém, a maior parte dos jovens suecos que ingressam na educação pré-universitária (o chamado “gymnasium”) têm contato com a obra de Benedictsson, que é geralmente apresentada como uma das autoras que escreveram sobre a “kvinnofrågan”, ou seja, a “questão feminina”.

Assim, Benedictsson continua em voga e é assunto na cultura e no debate contemporâneo – talvez tanto por sua própria história de vida quanto por sua escrita. A autora feminista de quadrinhos Liv Strömqvist, por exemplo, escreveu de maneira satírica em *Prins Charles Känsla* (2010) sobre a trágica relação de Benedictsson com o crítico literário dinamarquês George Brandes⁶, que teria sido um dos motivos do suicídio da escritora em um hotel de Copenhague quando ela tinha apenas 33 anos de idade (Strömqvist, 2010: 93-100; Holm, 2008b). Brandes queria um relacionamento baseado no “amor livre” com a escritora, o que parece ter sido a centelha que destruiu a relação. Ela escreve ostensivamente sobre o assunto em seu diário.

O monólogo *Ni kan kalla mig Ernst* (“Pode me chamar de Ernst”), que esteve em cartaz entre 2017 e 2018 no teatro público de Malmö, também foca o trágico suicídio de Benedictsson.

Há alguns anos, também se reacendeu o debate público sobre se a Academia Sueca teria agido corretamente ao publicar obras de Benedictsson em um formato editado e distorcido pelo escritor Axel Lundergård após a morte daquela (Kalmteg, 2008). A relação da autora com seu colega Lundergård e o significado desse contato em sua obra foi objeto de discussão repetidas vezes. Os dois trabalharam em estreita colaboração e Benedictsson legou seus direitos literários a Lundergård, entre eles, o direito de que esse revisasse suas obras.

6 Brandes é considerado o fio condutor por trás do “Grande Avanço Moderno”, apesar de alguns escritores já começarem a escrever em estilo realista antes de sua formulação do paradigma estético do movimento. Suas palestras na Universidade de Copenhague a partir de 1871 e seu trabalho *Hovedstrømninger i det 19. Aarhundredes Litteratur* (“Principais Correntes na Literatura do Século 19”) marcam o início do período.

Obras como *Pengar* são, ainda hoje, relevantes para a sociedade sueca de outras formas menos discutidas. Muito se passou, obviamente, desde que *Pengar* foi escrito. Agora, mulheres e homens têm os mesmos direitos legais dentro do casamento: de acordo com a lei, não se pode obrigar alguém a casar a força ou casar sendo menor de idade. Além disso, é crime forçar alguém a casar, mesmo de maneira mais implícita (Länsstyrelsen Östergötland 2017a).

Fora do papel, porém, o cenário sueco é um pouco diferente, já que muitas moças (e rapazes) têm pouca influência na decisão de seu próprio futuro, com quem casarão e quando. Há casos também de casamentos forçados – algo que as autoridades suecas fracassaram em impedir repetidas vezes (Länsstyrelsen Östergötland, 2017b)⁷.

Como muitos outros clássicos, *Pengar* também coloca questões mais universais relevantes a qualquer tempo e espaço – por exemplo, como se tornar um ser humano livre e quais as implicações reais disso.

Conquanto outras obras de Benedictsson também sejam dignas de nota, *Pengar* foi a que mais nos impressionou, com seus diálogos tão realistas que quase se pode ouvi-los ao lê-los – especialmente aqueles de Selma com o primo. Há também nesse romance algo acerca do desespero e do amargor reprimido da protagonista em relação ao casamento, e a situação em que essa se encontra soa tão verdadeiro e genuíno que nos remete à situação das mulheres que, ao longo da história em geral (e ainda hoje) passam por situações semelhantes.

Dessa forma, em nossa opinião, a obra de Benedictsson merece mais atenção – e isso também fora dos limites suecos.

Notas sobre a tradução

A presente tradução nasceu dos esforços conjuntos da tradutora sueca de espanhol Astrid Adelgren e da tradutora brasileira do russo e inglês Marina Darmaros. Mas reduzir este trabalho a uma parceria apenas não estaria correto, uma vez que toda a pesquisa bibliográfica, escolha dos textos e versão inicial em espanhol foram levadas a cabo por Astrid Adelgren.

O texto apresentado a seguir, um trecho escolhido do último capítulo de *Pengar*, de Victoria Benedictsson, foi vertido inicialmente do sueco ao espanhol

7 Há apenas dois anos e meio, a lei foi revisada para impedir casamentos forçados e casamentos infantis, mas até então apenas uma pessoa foi sentenciada (Gabelic et al 2017).

por Adelgren e então ao português por Darmaros, cotejado com o inglês e discutido através de um sem-número de contatos entre as tradutoras acerca de termos específicos e estilo. Algumas das especificidades dessa tradução a partir do sueco constam nas notas de rodapé.

Pengar – Kapitel 10

Victoria Benedictsson

– Varför är lagen så orättvis, att en man icke får gifta sig förrän vid tjuguet år, och en kvinna redan vid sexton ? sade hon plötsligt.

– Lagen vill vara artig mot damerna.

– Å nej, utbrast hon otåligt och slog sakta med solfjädern mot sitt knä, jag menar inte så! Jag menar, att inte heller vi borde få gifta oss förrän vi bleve myndiga.

– Kvinnan är förr vuxen än mannen.

– Jaså. Är hon förr vuxen till att ta sin egen framtid om händer? Det har jag aldrig vetat.

– Och så finns det många, som ha lust att gifta sig innan de fyllt tjuguet år. Du själv till exempel. Han nickade godmodigt och höjde sitt öglas.

– Därför behövde lagen ändras.

– Man har givit den omyndiga kvinnan det skyddet, att hon är beroende av sin giftomans samtvcke.

– Men hur i all världen skall en giftoman kunna avgöra om hon kan känna någon livsgemenskap med den man som friar till henne, när hon inte vet det själv ännu ? Ja, när hon inte ens kan sägas ha ett verkligt livsinnehåll.

– Livsinnehåll? Prat ! Hur många fruntimmer leva inte tills de nå sina sextio år, utan att ha något livsinnehåll för det? Moderna fraser! Låt dem gifta sig först, så kommer nog livsinnehållet: – hus, och hem att styra om. Du har ju sett med dig själv.

– Hus och hem skulle styras bättre, om kvinnorna finge använda de där fyra, fem åren till att lära sig vad som erfordras, sade hon, lyfte tllp handen och stödde huvudet däri, medan hon betraktade honom med något av den uttråkade resignation, varmed man fullföljer ett arbete, som man redan länge känt vara gagnlöst, men dock anser sig skyldig att bringa till slut; dessutom glömmar du alldeles hur rika för ens inre utveckling just de åren mellan sexton och tjugu bruka vara.

Det tycktes henne som hade de fört detta samtal hundra gangr förut, fast det var ett ämne som hon nu först bragt å bane. Men det kom väl av att hon kände hans tankar, så som man känner den bok man lärt utantill: innan frågan är uttalad vet man hur svaret skall lyda.

– Du glömmar att det ibland finns fall, då ett skyndsamt giftermål... Patronen hostade.

– Det är icke för undantagsfall man skriver lagar. Och det, att någonting sådant kan inträffa, bör icke föranleda lagen att låta två andligen omyndiga varelser binda sig vid varandra för ett helt langt liv. Jag står kvar vid min fråga.

– Men du kan väl inte neka till, att kvinnan i allmänhet är tidigare utvecklad än mannen?

– I intellektuellt avseende är hon det för ingen del. Åtminstone inte under nu rådande uppfostringssätt. Brådmogen blir hon. Men det är också allt. Hon tänker alltid på att hon är stora damen. Att hon kan bli fru vilken dag som helst. Selma gjorde en grimas.

– Jag vet inte vad du kan ha att säga. Självt var du bara sexton år, när du gifte dig, och det avlopp så bra.

Hon blev flammande röd och rätade upp sig på stolen.

– Jag tycker att du bara behöver tänka på vilket oting jag var, för att inse det bakvända i saken, svarade hon skarpt.

– För mig var du ett riktigt förtjusande litet oting, och när man ser på dig nu, har man svårt att tro tidiga giftermål vara till skada. Du har sannerligen vuxit till dig. Han såg på henne med något av förtjusningen hos en sportsman, som betraktar en elegant rashäst.

– Det där skulle du aldrig ha nämnt! Hon reste sig upp och kastade solfjädern ifrån sig på spegelbordet, så att den med ett rasslande ljud föll mot dess blanka skiva. Nu var samtalet nytt, ty nu var lugnet förbi. Inte till skada – å! – inte till skada? Vad tyckte du att jag var, när vi gifte oss? Ett stackars barn, som varken kände människorna eller sig själv, som inte visste vad hon gick till och som var färdig att hålla av hela världen, därför att hon såg på allt med samma naiva okunnighet. Säg, tyckte du aldrig att det var synd om mig? Jag hade ju inte som andra en mor, som kunde säga mig ...

– Tror du att mödrar tala om sådant?

Patronen petade likgiltigt sina tänder.

– Det måtte väl vara deras skyldighet! Hon såg på honom med förvåning.

– Skulle du uppfostrat dina barn på det viset, så gjorde vår Herre bäst i att inte låta dig få några, sade patronen och lade den skrynkliga servetten ifrån sig med en knyck, det anses väl annars vara mödrars skyldighet att låta sina döttrar växa upp så rent och ...

– Å, utstötte hon strävt, jag orkar inte höra mer. Har jag inte den gränslösaste avsky för allt smutsigt, just därför att jag vet hur smutsigt det är! Förut visste jag det ju inte. Å, det är ett elände! Man går och målar ut allting så vackert för sig – idel blommor och solsken – och man tror att allting är likt ens eget sinne! Å gud ! ... man är ju som människorna före syndafallet – så dum och Iycklig. Man förstår inte att skilja mellan gott och ont.

– Ja, för man skulle väl ha reda på allting, precis som... Han talade vresigt och började bli förargad.

– ... precis som ni, ifyllde hon. Ja, ackurat.

Det kom så avgörande, med något av den gamla tonen.

– Nej du, någon moral måste finnas, sade han överlägset och tande sin cigarr.

– Ja. Densamma för oss som för er.

Patronen bara sög eld på sin cigarr. Det var ju en orimlighet hon där kom med igen, men det föll sig lite svårt att säga henne det just nu. Med fruntimmer kommer man aldrig någon vart, de skola alltid ha sista ordet. Han visste också av gammalt, att när hon en gång högg tag, så bruka de hon hålla fast. Resoneman get ingav en viss känsla av obehag. Han skulle helst önskat att vika undan.

– När du gifte dig med mig, var jag omyndig, sade hon. Sjalsspänningen kom hennes hjärta att klappa i flygande hast, men orden voro livlösa som en lagparagraf; så hade hon vänt och vridit dem i sitt sinne. En skuldsedel av mig skulle icke varit giltig, och ingen annan ägde rätt att i mitt namn utfärda en sådan på så mycket som ett öre, icke heller att skänka bort något av det som i framtiden skulle bli mitt. Min person är mer än mina pengar. Var jag icke mogen att förvalta dem, så var jag det långt mindre när det gällde att förfoga över mig själv. En omyndig bör lika litet få bortpanta sin framtid som sin egendom. Den logiken är enkel.

– Ja, seså, låt oss nu inte bråka. Du är vid dåligt humör. Kom och drick ett glas champagne, så går det över.

– Nej. Jag vill inte ha din champagne, sade hon hårt. Det hade varit henne vidrigt i alla fall, men att han kunde komma med det just nu, då hon för första gången talade om vad som jäst inom henne under årtal, det endast ökade bitterheten.

Men han kände sig mätt och varm, och då han endast helt förstrött följt med vad hon sagt, kunde han icke veta vad som låg i luften.

– Jo, du är trött, envisades han, drick, det livar upp. Och druvor! Det plär du ju tycka om.

– Låt bli. Jag smakar det inte.

Han svarade ej, utan lossade för korken och lät den flyga upp med en knall. Hon stod orörlig kvar vid lönstret och betraktade honom, det slog sig två fina veck mellan ögonbrynen, som det alltid gjorde när hon blev ond. Patronen slog upp i båda glasen, gick sedan fram och ville räcka henne det ena, men hon stötte undan hans hand så häftigt, att han spillde en del av vinet.

– Hur bär du dig åt! sade han harmset, satte hennes glas tillbaka på bordet och tömde sitt eget. Men så lade han band på sig, ty med ondo gjordes hon bara istadigare, det visste han.

– Sedan han letat rätt på korken och bultat den i flaskan igen, satte han sig borta i gungstolen, så att han kunde se henne. Sinnesrörelsen hade återgivit hennes kinder denna skarpt begränsade rodnad, som kom det att se ut som vore hon lätt sminkad. Han fann henne vacker. Det var denna friskhet, som ...

Hon tänkte blott, att det icke finns någonting mera motbjudande än att se ungdomens passioner gå och spöka i ett gammalt ansikte.

– Du har blivit kall och förfrusen, kom, så skall jag värma dig, sade han och bredde ut sina armar, medan han helt sirligt höll cigarren mellan pek- och långfingret.

– Det var just det jag ville säga, att det löfte, jag gav som barn, icke är bindande för mig som kvinna.

– Vad är det för prat!

– Jag kan inte längre – förstår du – det är slut.

Dinheiro – Capítulo 10

Victoria Benedictsson

Tradução do sueco:

Astrid Adelgren

Marina Darmaros

(...)

– Por que é que a lei é tão injusta que um homem não⁸ tem permissão para se casar até ter vinte e um anos, enquanto uma mulher pode fazê-lo já aos dezesseis anos? – disse de repente.

– A lei quer ser mais cortesa com as damas.

– Ah, não! – ela exclamou impacientemente e bateu lentamente o leque sobre o joelho. – Não é o que quero dizer! O que quero dizer é que nós também não deveríamos ter permissão para nos casar antes de atingir⁹ a maioridade.

– A mulher se torna adulta antes do homem.

– Ah, sim. Ela é adulta antes para ter seu próprio futuro nas suas mãos? Não sabia.

– E há muitas que querem se casar antes de completar os vinte e um anos. Tu mesma, por exemplo – ele disse, fazendo um gesto bem-intencionado com a cabeça e levantando a caneca de cerveja.

– Por isso a lei precisa mudar.

– Concedeu-se essa proteção à mulher menor de idade, que depende do consentimento de seu guardião¹⁰.

8 A autora usa frequentemente em “Dinheiro” uma forma antiga de se escrever “não” em sueco. Ao invés da palavra ”inte”, mais empregada na atualidade, ela usa ”icke”. Assim, no trecho original lê-se: “Varför är lagen så orättvis, att en man **icke** får gifta sig förrän vid tjuguet år, och en kvinna redan vid sexton ? sade hon plötsligt.”

9 No decorrer do texto, outra característica marcante é o uso recorrente da flexão do verbo no subjuntivo, que não se usa mais na atualidade. Por exemplo, aqui ela usa “vi bleve”, ao invés de “vi blir” quando diz “nos tornamos maiores” em “Å nej, utbrast hon otåligt och slog sakta med solfjädern mot sitt knä, jag menar inte så! Jag menar, att inte heller vi borde få gifta oss förrän **vi bleve** myndiga.”

10 Aqui, utiliza-se uma palavra bastante incomum no vocabulário contemporâneo sueco, que é “giftoman”, ou seja, a pessoa que dá consentimento para um casamento quando a mulher ou homem não é legalmente um adulto. Vertemos como “guardião”.

– Mas como no mundo pode um guardião decidir se ela pode sentir uma comunhão de vida com o homem que lhe pede a mão, quando ela não o sabe por si mesma? Sim, quando nem se pode dizer que ela teve alguma substância real na vida?

– Substância na vida? Que bobagem! Quantas damas¹¹ não vivem até chegar aos sessenta anos sem necessariamente ter substância na vida? Frases modernas! Deixa-as se casarem primeiro, e logo verás a substância na vida: uma casa e um lar para onde ir. Claro que tu mesma viste isso.

– A casa e o lar seriam melhor conduzidos se as mulheres pudessem usar esses quatro ou cinco anos para aprender o que é requerido – ela disse, levantando a mão e apoiando a cabeça nela, enquanto o contemplava com a resignação aborrecida com que se realiza um trabalho que já parece há muito inútil, mas, ainda assim, deve ser terminado. – E, além disso, tu te esqueces completamente de quão preciosos são justamente os anos entre os 16 e os 20 para o desenvolvimento interior.

Parecia que haviam tido essa mesma conversa cem vezes antes, mesmo que fosse uma questão que ela houvera levantado pela primeira vez. Mas isso acontecia, provavelmente, porque ela conhecia seus pensamentos tão bem como se conhece um livro que se tenha decorado: antes que uma pergunta seja pronunciada, já se sabe qual será a resposta.

– Tu te esqueces que há casos em que um casamento rápido... – o senhor¹² tossiu.

– Não é pelas exceções que se escrevem as leis. E se algo assim pode acontecer, isso não deve ser razão para que a lei deixe dois seres espiritualmente menores se prenderem um ao outro por uma vida inteira e longa. Eu permaneço na dúvida.

– Mas não podes negar que a mulher, em geral, amadurece antes do homem, sim?

– Em termos de intelecto, claro que não. Pelo menos não com os métodos atuais de criação. Ela cresce precocemente. Mas isso é tudo. Ela sempre pensa em que mulher feita já é. Que pode chegar a ser uma esposa qualquer dia desses. – Selma fez uma careta.

– Não sei qual é tua reclamação. Tu mesma tinhas somente dezesseis anos quando te casaste e tudo saiu muito bem.

Ela ruborizou, ficou vermelha como fogo e se levantou da cadeira.

– Acho que tu precisas apenas pensar em quão esquisitona eu era para te dares conta de que as coisas estão de ponta-cabeça – ela respondeu com severidade.

– Para mim, eras uma moça esquisitona realmente encantadora, e ao te olhar agora, é difícil crer que um casamento cedo possa causar danos. Tu cresceste de verdade – disse,

11 A palavra já fora de uso no vocabulário sueco contemporâneo “fruntimmer” é empregada aqui pelo marido de Selma e significa “mulher”. Hoje, ela é vista como depreciativa, mas no período talvez não.

12 A autora raramente se refere ao marido de Selma pelo nome, mas sim por “Patron”. Nos dicionários de sueco da época, como o *Ordbok öfver svenska språket*, por nós utilizado, a palavra teria três significados: 1. “patrono”, como “patrono das artes”; 2. chefe da casa; 3. dono de uma propriedade ou fábrica ou similar. Optamos pelo uso de “senhor”, como em “senhor de terras” e até na acepção anterior da palavra em sueco mesmo, quando “patron” significava “senhor feudal”.

olhando-a com o deleite de que devia gozar um esportista a contemplar um cavalo de raça elegante.

– Isso nunca deveria ter sido dito! – ela se levantou, arrancou de si própria o leque e o jogou no aparador; esse caiu com um chiado sonoro na tampa espelhada. Agora a conversa era nova, pois a calmaria havia passado. – Nenhum dano... ah! Nenhum dano? O que tu pensaste que eu era quando nos casamos? Uma pobre menina que não conhecia nem as pessoas nem a si mesma, que não sabia onde ia e que estava pronta a amar todo mundo, porque via tudo com a mesma ignorância ingênua. Diga-me, nunca sentiste pena de mim? Eu não tinha uma mãe, como os outros, para me dizer...

– Pensas que as mães falam dessas coisas?

O senhor palitou os dentes com indiferença.

– Este deveria ser seu dever! – olhou para ele com surpresa.

– Se querias educar seus filhos dessa maneira, nosso Senhor fez o certo em não te deixar tê-los – disse o senhor, largando o guardanapo amassado com uma sacudida. – Normalmente, considera-se que o dever das mães é deixar suas filhas crescerem de maneira pura e...

– Ah – ela desabafou com aspereza. – Já não aguento escutar mais. Não é que eu tenha um enorme asco por tudo que é sujo, mas precisamente *porque* eu sei o quão sujo é. Antes, claro, eu não sabia. Ah, é desprezível! Pintamos um quadro tão bonito para nós mesmos... flores puras e raios de sol... e pensamos que tudo é como na nossa própria cabeça. Ah, Deus!... Somos como os homens antes do pecado original: bobos e ignorantes. Não sabemos diferenciar entre o bem e o mal.

– Sim, porque você saberia tudo sobre isso, como... – ele disse de maneira áspera e começou a se enfurecer.

– ... como vocês – satisfiz-se ela. – Sim, correto.

Isso soara muito decisivo, com algo do velho tom dela.

– Não, algo de moral há de haver – disse, de maneira depreciativa, e acendeu seu charuto.

– Sim, o mesmo para nós e para vós.

O senhor apenas tragou a brasa de seu charuto. Era irracional o que ela viera dizendo novamente, mas lhe pareceu um pouco difícil dizer isso naquele momento. Com as mulheres, nunca se chega a lugar algum; elas sempre teriam a última palavra. Também sabia havia algum tempo que, quando ela se apossava de algo, não soltava mais. O raciocínio lhe deu um sentimento de mal-estar. O que mais havia querido fazer era evitá-lo.

– Quando te casaste comigo, eu era menor de idade – a tensão de sua alma fez seu batimento cardíaco voar, mas as palavras eram inanimadas como um parágrafo de lei e assim davam voltas na sua cabeça. – Uma nota promissória minha não seria válida e nenhuma

outra pessoa teria o direito de passar uma, nem de um öre¹³ sequer, em meu nome ou de conceder algo que no futuro viria a ser meu. Minha pessoa é mais que meu dinheiro. Se eu não era madura o suficiente para administrá-lo, muito menos o era quando se tratava de cuidar de mim mesma. Um menor tampouco deveria deixar seu futuro penhorado como propriedade sua. Essa lógica é simples.

– Sim, vê, não vamos brigar. Tu estás de mau humor. Vem e toma uma taça de champanhe que passa.

– Não. Não quero tua champanhe – ela disse duramente. Teria sido asqueroso de todo modo, mas que ele viesse com a proposta naquele momento, quando ela, pela primeira vez, estava falando daquilo que havia fermentado dentro de si durante anos, serviu apenas para aumentar a amargura.

Mas ele estava cheio e tinha calor, e já que só havia seguido vagamente o que ela havia dito, não podia saber o que agora estava no ar.

– Sim, estás muito cansada – insistiu ele. – Bebe, isso te anima. E uvas! Geralmente tu gostas delas.

– Para, não vou experimentá-las.

Não respondeu, mas soltou a rolha e a deixou voar pelo ar com um estalido. Ela permaneceu quieta ao lado da janela e o contemplou; surgiram duas linhas finas entre suas sobrancelhas, como acontecia sempre que estava irritada. O senhor encheu as duas taças, depois se aproximou e quis lhe dar uma, mas ela repeliu sua mão com tanta violência que ele derramou parte do vinho.

– Como te portas! – disse indignado, colocando a taça dela novamente na mesa e enchendo a sua própria. Mas depois se controlou, pois a indisposição de sua parte apenas a deixava mais inquebrantável, e ele sabia disso.

Depois de ter encontrado a rolha e a ter colocado na garrafa com um golpe, sentou-se na cadeira de balanço para poder vê-la. A emoção havia feito retornar o rubor fortemente delineado a suas bochechas, o que a fazia parecer ligeiramente maquiada. Achava-a bonita. Era este frescor que...

Ela só podia pensar em como não havia nada de mais asqueroso que ver as paixões da juventude transparecerem em um rosto velho.

– Tu ficaste fria e congelada. Vem, para que eu possa te esquentar – ele disse, e estendeu os braços, com o charuto entre o dedo indicador e o médio, totalmente elegante.

– É justamente o que eu queria dizer, que a promessa que te fiz como menina não me prende como mulher.

– Que bobagem!

– Já não posso, me entende? Está terminado.

13 A centésima parte da moeda local, a coroa sueca.

Referências bibliográficas

- Dahlin, Anders Fredrik. 1850-53. Ordbok öfver svenska språket. Estocolmo. (autopublicação)
- Forsås Scott, Helena. 1997. *Swedish Women's Writing 1850-1995*. Londres: The Athlone Press.
- Gabelic Aleksander, Alhem Sven-Erik, Andersson Maria, Brunne Eva, Ericson Emilia, Kanakaris Zandra, Knorn Heidi, et al. 2017. "Svik Inte Flickorna – Stoppa Barnåkten-skap". *Aftonbladet*, March 6. <http://www.aftonbladet.se/a/zo4K4>. Acessado em 28 de abril de 2017.
- Heggestad, Eva. 1991. *Fången och fri. 1800-Talets svenska kvinnliga författare om hemmet, yrkeslivet och konstnärskapet*. Uppsala: Department of literature, Uppsala University.
- Hjort, Daniel. 1969. 'Förord'. In *Pengar, Ur Från Skåne, Ur Folkliv och Småberättelser Ur Stora Boken och Dagboken*. Estocolmo: Albert Bonniers Förlag.
- Holm, Birgitta. 2007. *Victoria Benedictsson*. Estocolmo: Natur och kultur.
- Holm, Birgitta. 2008a. "Victoria Benedictsson Bibliografi". Litteraturbanken. http://litteraturbanken.se/red/forfattare/BenedictssonV/bibliografi/BenedictssonV_bibliografi.pdf.
- Holm Birgitta. 2008b. "Victoria Benedictsson/Ernst Ahlgren (1850-1888)". Litteraturbanken. http://litteraturbanken.se/red/forfattare/BenedictssonV/presentation/BenedictssonV_presentation.pdf
- Kalmteg, Lina. 2008. "Först nu är vi redo för Benedictsson". *Svenska Dagbladet*, December 9. <https://www.svd.se/forst-nu-ar-vi-redo-for-benedictsson>. Acessado em 28 de abril de 2017.
- Länsstyrelsen Östergötland. 2017a "Vad Säger Lagen?" *Hedersförtryck.se*. <http://www.hedersfortryck.se/hedersfortryck/aktenskapstvang-och-barnaktenskap/vad-sager-lagen/>. Acessado em primeiro de maio de 2017.
- Länsstyrelsen Östergötland. 2017b "Omfattning – Barn- och tvångsåktenskap i Sverige". *Hedersförtryck.se*. <http://www.hedersfortryck.se/hedersfortryck/aktenskapstvang-och-barnaktenskap/omfattning-barn-och-tvangsaaktenskap-i-sverige/>. Acessado em 29 de abril de 2017.
- Moberg, Verne. 2007. "Birgitta Holm, Victoria Benedictsson". *Scandinavian Studies*, no. 3: 376–80.
- Nordenstam, Anna. 2008. "Birgitta Holm, Victoria Benedictsson". *Samlaren. Tidskrift för svensk litteraturvetenskaplig forskning*. 129: 425–27.
- Strömqvist, Liv. 2010. *Prins Charles Känsla*. Estocolmo: Galago.
- Victoria, Benedictsson. 1969. *Pengar, Ur Från Skåne, Ur Folkliv Och Småberättelser Ur Stora Boken Och Dagboken*. Estocolmo: Albert Bonniers Förlag.
- Willemsen, Charlotte. 2012. "Sanning och arbete. En analys av Victoria Benedictssons författarskap och verk". Ghent University. <http://lib.ugent.be/en/catalog/rug01:001891566>.

Flagelo branco, de Athena Farrokhzad: Poesia e exílio

*Elizabeth Ramos*¹

*Juliana Porsani Jarkvist*²

“O escritor ergue uma casa [...]. Para um homem
que não tem mais uma terra natal, escrever torna-
-se um lugar para viver [...].”

T. Adorno

apud Edward Said

A irano-sueca Athena Farrokhzad nasceu em Teerã, em 1983, de onde, ainda criança, fugiu com a família para a Suécia. Cresceu em Gotemburgo e hoje vive em Estocolmo, atuando como poeta, tradutora e professora na escola de criação literária de Biskops-Arnö. Seu posicionamento feminista é percebido pelas alas mais conservadoras do país como radical.

1 Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1999 e 2003, respectivamente), onde é Professora Associada II no Departamento de Letras Germânicas e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura. Em março de 2014, concluiu estágio de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP), onde desenvolveu pesquisa sobre a tradução da obscenidade na comédia shakespeariana. É pesquisadora no campo dos Estudos Shakespearianos e da Tradução (literária e intersemiótica). Nessas áreas, orienta alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado.

2 Doutoranda na Universidade de Södertörn (Suécia), onde desenvolve pesquisa sobre dinâmicas de desenvolvimento rural, gênero e adaptações em modos de vida em Moçambique. Mestre em Geografia Humana (Universidade de Estocolmo) e Bacharel em Relações Internacionais pela UNESP.

Parece apropriado que aqueles que criam arte numa civilização de quase barbárie, que produziu tanta gente sem lar, sejam eles mesmos poetas sem casa e errantes entre as línguas. Excêntricos, arredios, nostálgicos, deliberadamente inoportunos. (George STEINER, apud SAID, 2003, p. 47)

Em 2013, Farrokhzad trouxe a público o longo poema de sua autoria – *Vitsvit* – encenado no palco, aclamado pela crítica e pelos leitores mais progressistas, e também indicado para vários prêmios, inclusive o destacado *Augustpriset*. Ainda desconhecido do leitor brasileiro, o poema foi traduzido para o inglês por Jennifer Hayashida sob o título *White Blight* (“Praga branca”).

Os versos escritos em sueco remetem à dor do processo migratório forçado pela guerra e às marcas deixadas nos membros da família, fazendo emergir, ainda, reflexões acerca do racismo. Na sua construção poética, além do eu lírico, cinco vozes emergem – a mãe otimista, o pai idealista-marxista, o irmão amante de tecnologias, a avó pragmática e o tio – talvez como uma forma de contornar o impedimento revelado por Edward Said no ensaio ‘Entre mundos’: “[...] meu sentimento de dúvida e de deslocamento, de sempre me sentir no lado errado, em um lugar que parecia me escapar assim que eu tentava defini-lo ou descrevê-lo” (SAID, 2003, p. 305).

Assim, na voz dos familiares, a poeta retoma o passado, os horrores por eles sofridos durante a guerra e a alienação diante da nova cultura, cujo acolhimento não apaga o profundo estranhamento diante do desconhecido, construindo uma colagem de diferentes pontos de vista a partir das linhas linguística, cultural, racial e étnica que separam o mundo do refugiado daquele do “dono da casa”. Em apenas duas das páginas de um poema que se estende num volume de setenta páginas o eu lírico se coloca diretamente para o leitor.

Cada uma das vozes é apresentada de forma concisa e precisa, enfatizada pelas repetições (“minha mãe disse...”, “meu pai disse...”, “meu tio disse...”), que reforçam o aspecto contundente do poema como pancadas de um martelo e assim fazem reverberar as experiências de sujeitos afastados da cultura em que nasceram, da língua e do lar que perderam. A experiência da guerra no Irã, o contexto da imigração e a vida no exílio afetam diferentemente cada membro da família, sua relação mútua e com o mundo ao redor. O passado, claramente, segue assombrando o presente com sua violência.

Há experiências sobre as quais não posso escrever aqui. Experiências que revelam violência patriarcal, numa esfera íntima, que me parecem impossíveis de serem descritas a uma audiência predominantemente branca,

pois meu agressor se parece comigo. (Farrokhzad, artigo no jornal sueco *Aftonbladet*, 22/01/2014)

Dessa forma, as experiências que Farrokhzad escolheu para compartilhar constroem o poema e revelam a heterogeneidade extrema e a natureza cambiante da vivência do refugiado, impossível de ser descrita em termos precisos, uma vez que diferentes experiências migratórias se entrelaçam. O resultado é um texto em que a ativista política consegue tratar da desilusão do eu lírico sem cair na armadilha da ira.

Neste sentido, a experiência do refugiado é também a experiência tradutória, na medida em que se trata de um processo de natureza cambiante, migratória, resultante de um deslocamento num constante e infundável adiamento adaptativo. É portanto na *différance* derridiana que o rastro do processo migratório transforma-se e se suplementa.

No texto traduzido, fomos instigadas pelos rastros próprios da poesia do Oriente Médio observados num poema escrito em língua ocidental, o sueco, que traduzimos para o português do Brasil. Deparamo-nos com armadilhas culturais impostas por uma linguagem aparentemente pomposa, por vezes estranha, melodramática e com floreios em excesso quando comparada aos nossos textos literários contemporâneos. Em dado trecho do longo poema, por exemplo, o eu lírico traz a lembrança das reflexões da avó no verso: “E a mãe de minha mãe disse: Uma ferida na aurora, quando a noite insone impõe / uma escuridão que não pode ser capturada / A sensação dos céus onde descansam outras luas”. No léxico, palavras como “serifa” (estrofe 3), embora existentes em português, não são usadas. Metáforas, que compõem praticamente todo o poema, impõem dificuldade na elucidação, dado o nosso desconhecimento de uma situação de guerra num território que não nos é familiar. Esses aspectos dificultaram ainda mais a nossa tarefa como tradutoras. No processo, para marcar a grande interseção de línguas e culturas que marcam a construção do poema, decidimos manter alguns rastros da língua sueca traduzindo, por exemplo, *morbror* não apenas como “tio”, mas como “irmão de minha mãe” (*mor* = mãe / *bror* = irmão), e *mormor* (*mor* = mãe / *mor* = mãe) como “mãe de minha mãe” em vez de simplesmente “avó”, ambos antecédidos do possessivo *min* (meu/minha).

Embora as estrofes não sejam numeradas no poema de Farrokhzad, preferimos identificá-las com números no intuito de facilitar a observação das soluções tradutórias por parte do leitor. Grafamos o texto sueco em itálico e deixamos o texto traduzido em negrito.

No quarto verso, encontramos a palavra sueca *bära* (estrofe 4), cujo significado é carregar ou aguentar. No entanto, como usamos a palavra “resistência” para traduzir *motstånd* (para a qual não há outra alternativa), preferimos combiná-la com o verbo “oferecer”. *Permanentas* (estrofe 4): como não temos o verbo em português – do substantivo “permanente”, tornar-se permanente, optamos por “encrustar”.

Traduzimos o verso “Begrav mig där all egendom exproprierats” (estrofe 26) como “Enterre-me onde toda a propriedade tenha sido expropriada”, optando por acrescentar “numa terra sem amos”, no sentido de estabelecer uma relação intertextual com o hino da Internacional Socialista, dada a posição marxista do pai. No verso seguinte, traduzimos a palavra *sötebrödsdagar* (estrofe 26), composta por doce + pão + dias, como “dias felizes”.

O texto traduzido, que aqui apresentamos, é, pois, apenas um fragmento do longo livro-poema *Vitsvit*, que traduzimos como *Flagelo branco*. No formato original, o aspecto visual imediatamente chama a atenção do leitor: os versos são escritos em letras brancas sobre *baxes* pretos, numa clara alusão a uma escrita construída sobre o luto. Ademais, são separados por amplos espaços vazios e irregulares de silêncio, possibilitando ao leitor a reflexão sobre as tensões relacionadas à “perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2008, p. 309).

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p. 46)

A seguir, apresentamos nossa tradução do fragmento do poema *Vitsvit*, trabalho que se reveste de marcante traço intercultural em vista de ser escrito por uma poeta sueca, nascida no Irã, no seio de uma família iraniana, que migrou para a Suécia em razão dos horrores da guerra. O poema leva-nos a refletir não apenas sobre as escolhas tradutórias de ordem linguística, mas, em especial, sobre o flagelo da migração forçada pelos violentos conflitos no mundo contemporâneo.

1

*Min mor sa: Jag ska återta det som tillhör mig
Du ska möta döden berövad på språk
Mållös är du kommen, mållös ska du gå*

**Minha mãe disse: Um dia, recupero o que me pertence
Você afrontará a morte sem ter uma língua
Chegou sem falar, sem falar partirá**

2

*Min far sa: Jag skrev om bröd och rättvisa
och så länge den utsultne kunde läsa
gjorde mig typsnittet detsamma*

**Meu pai disse: Eu escrevia sobre o pão e a justiça
Se o faminto conseguisse ler
Pouco importava a fonte da letra**

3

Min far sa: Seriferna sticker i mina fingrar

Meu pai disse: As serifas alfinetam-me os dedos

4

*Min far sa: Hur mycket motstånd kan människofiguren bära
innan piskerappen permanentas
Min far sa: Om du glömmer bort alfabetet
bittar du det på min ryggstavla*

**Meu pai disse: Quanta resistência pode a carne humana oferecer
Antes de o açoite nela se encrustar?
Meu pai disse: Se você esquecer o alfabeto
Poderá encontrá-lo nas minhas costas**

5

Min far sa: Först när du förlåter den som angett dig vet du vad våld vill säga

Meu pai disse: Apenas quando você perdoa aquele que o delatou, poderá compreender o que é a violência

6

Min far sa: Det fanns de som avrättades i gryningen innan sömnen skingrats

Meu pai disse: Havia os que eram executados na alvorada, antes de o sono se dissipar

7

*Min mor sa: Det fanns de som fick betala för kulorna
för att få begrava sina döttrar*

**Minha mãe disse: Havia os que tinham que pagar pelas balas
Para que pudessem enterrar suas filhas**

8

Min mor sa: In i vilken segrares natt slungade denna seger oss

Minha mãe disse: Na noite do vitorioso esta vitória nos lançou

9

*Min far sa: Din morbror fanns med på en kändastrande telefonlinje
Din morbror raffinerade sina liknelser med varje piskerapp*

Meu pai disse: O irmão de sua mãe nos chegava entre os ruídos da linha telefônica

O irmão de sua mãe aprimorava suas fábulas a cada chiado

10

*Min bror sa: Begrav mig inte här
Begrav mig där piskorna är virtuella*

**Meu irmão disse: Não me enterre aqui
Enterre-me onde os açoites sejam virtuais**

11

*Min morbror sa: Allting kommer du att glömma
utom minnet som du alltid kommer att minnas
Jag minns att innan kriget tuggade soldaten med mina tänder
Agitatorn skrek med min bals*

**O irmão de minha mãe disse: Tudo esquecerei
Exceto a memória, que sempre guardarei
do soldado mastigava com os meus dentes
E o rebelde gritava com a minha garganta**

12

*Min morbror sa: För mina sluttande axlars skull
för mitt ständiga leende
För denna stenbögs skull som en gång var mitt hus*

**O irmão de minha mãe disse: Pelos meus ombros curvados
Pelo meu sorriso constante
Por este monte de pedras que um dia foi minha casa**

13

Min morbror sa: Finns det någon pöl där kriget inte tvättat sina blodiga händer

O irmão de minha mãe disse: Existe alguma poça onde a guerra não tenha lavado suas mãos sangrentas

14

Min morbror sa: Det fanns de som avrättades i varje soluppgång

Det fanns de som stannade kvar och såg domsluten verkställas

O irmão de minha mãe disse: Havia os que eram executados a cada nascer do sol

Havia os que ficavam e assistiam à execução das sentenças

15

Min mor sa: Varför åkallar de gud från hustaken

Har de glömt att det var gud som höll i piskan

när deras mödrar torterades

**Minha mãe disse: Por que dos telhados clamam a deus
Esquecendo de que era deus quem segurava o açoite,
quando suas mães eram torturadas?**

16

Min mor sa: Visa mig den som bebor sitt ansikte

så ska jag visa dig den som inget ansikte förtjänar

**Minha mãe disse: Mostre-me aquele que mostra a sua cara
e eu lhe mostrarei aquele que não merece cara alguma**

17

Min bror sa: Jag vill veta vem som förnedrades för min skull

Vilka affiniteter jag gjort mig skyldig till

och vilka represálias som väntar

**Meu irmão disse: Quero saber quem se humilhou por minha causa
De quem me tornei devedor
E que represálias me espreitam**

18

Min bror sa: Det finns en slakt som alltid ska pågå för ett tecken ingen kan minnas

Meu irmão disse: Há massacres que sempre ocorrerão por um símbolo de que ninguém se lembra

19

*Min morbror sa: Vad ska det bli av oss sedan vi utkämpat vår befrielse
med samma medel som hållit oss fångna*

O irmão de minha mãe disse: O que será de nós depois que tivermos conquistado a liberdade

com os mesmos meios que nos mantiveram cativos

20

Min far sa: Kroppar utan klarbet, kroppar utan skugga

Meu pai disse: Corpos sem luz, corpos sem sombra

21

Min bror sa: Vanan att knäböja ska ersättas av glädjen att befalla

Meu irmão disse: O costume de ajoelhar-se será substituído pela alegria de comandar

22

*Min far sa: Det finns ett krig som utspelar sig i innanmätet
Det finns en fiende som störtar fram ur mina händer och läppar*

**Meu pai disse: Há uma guerra que se trava em minhas entranhas
Há um inimigo que se lança das minhas mãos e dos meus lábios**

23

*Min bror sa: Det finns en feber som eskalerar för varje slag
Det finns en maskin som hamrar i avstängt läge*

**Meu irmão disse: Há uma febre que aumenta a cada golpe
Há u'a máquina que martela mesmo desligada**

24

Min far sa: Våldet är ett språk i vilket handen excellerar

Meu pai disse: A violência é uma língua em que a mão se destaca

25

Min far sa: När vi ger efter förmåga och får efter behov

Min mor sa: När vi ger efter förmåga och får efter behov

Min bror sa: När alla orättvisor och historien själv tar slut

Min mormor sa: När du är lika gammal som jag

Då ska alla orättvisor och historien själv ta slut

Meu pai disse: Quando oferecermos de acordo com o que pudermos e recebermos de acordo com o necessário

Minha mãe disse: Quando oferecermos de acordo com o que pudermos e recebermos de acordo com o necessário

Meu irmão disse: Quando todas as injustiças e a própria história chegarem ao fim

A mãe de minha mãe disse: Quando você ficar velha como eu

Aí, sim, todas as injustiças e a própria história chegarão ao fim

26

Min far sa: Begrav mig inte här

Begrav mig där all egendom exproprierats

Ge mig ingen gravsten, tillägna mig dina sötebrödsdagar

Meu pai disse: Não me enterre aqui

Enterre-me onde toda a propriedade tenha sido expropriada, numa terra sem amos

Não me dê uma lápide, dedique a mim seus dias felizes

27

Min mor sa: Det är bättre att drömma att man är död

än att dö av alla drömmar som uppfinner en

Minha mãe disse: É melhor sonhar que se está morto

Do que morrer dos sonhos que nos inventam

28

Min mormor sa: Begrav mig inte här

Begrav mig där myntan växer längs med bäckarna

Duka en festmåltid, servera min godaste gryta

A mãe de minha mãe disse: Não me enterre aqui

Enterre-me onde cresce a hortelã ao longo dos riachos

Arrume u'a mesa festiva e sirva minha mais saborosa receita de guisado

29

Min morbror sa: Kriget har aldrig tagit slut

Du har bara slutat vara krigets offer

**O irmão de minha mãe disse: A guerra nunca acabou
Você só deixou de ser vítima dela**

30

Min mor sa: Begrav mig inte här

Begrav mig där civilisationens fernissa flagnat

Spotta ut mitt språk, ge mig mjölken tillbaka

Minha mãe disse: Não me enterre aqui

Enterre-me onde o verniz da civilização descascou

Cuspa minha língua, devolva o meu leite.

Referências bibliográficas

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008.

<https://www.aftonbladet.se/kultur/bokrecensioner/a/1kWGjB/hans-raseri-hyllas-av-danska-rasister>

A crise e uma crise na vida de uma atriz, de Søren Kierkegaard

Lucas Piccinin Lazzaretti¹

Introdução

O filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard considerou que seu trabalho autoral havia se encerrado com as publicações realizadas em 1846, de modo que 1847 seria o ano de encerramento de uma fase e, como pensava o autor, deveria ser o momento para uma nova posição existencial. Entre 1838 e 1846, considerando a redação e a publicação, Kierkegaard havia trazido à luz cerca 20 livros – um movimento que começara com um pequeno livro que se valia do subterfúgio de apresentar-se como uma suposta resenha literária, *Dos papéis de alguém que ainda vive*, e terminara em março de 1846 com outro pequeno livro que se valia do mesmo subterfúgio e trazia no título precisamente a sua armadilha: *Uma resenha literária*. Em meio a isso, desde 1843, Kierkegaard havia iniciado com o livro *Enten-Eller* (*Ou isso... ou aquilo...*) a sua produção pseudonímica, produção essa que permitiria o aparecimento de textos tais como *Temor e tremor*, *A Repetição*, *O conceito de angústia*, *Migalhas Filosóficas* e, por fim, terminaria, em fevereiro de 1846, com o volumoso *Pós-escrito conclusivo não-científico às Migalhas Filosóficas*. Foi com este último livro, inicialmente assinado pelo pseudônimo *Johannes Climacus*, que Kierkegaard teria retirado a máscara de sua invenção, deixando ver, em um pequeno subcapítulo final intitulado *Uma primeira e última explicação*, que ele era o autor de todos aqueles

1 Lucas Piccinin Lazzaretti é doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Foi visiting scholar na Hong-Kierkegaard Library no St. Olaf College em 2014 e 2017, e recebeu, pela mesma instituição, a posição de Fellow para o período de 2018/2019. Publicou recentemente a tradução de *Como se faz uma novela* pela editora UFPR e o romance *Sombrear* pela editora 7letras.

livros. Com isso, o ciclo deveria estar fechado. Não se tratava apenas de abandonar o uso de pseudônimos, mas de abandonar certos temas e certas perspectivas.

Ao mesmo tempo em que o filósofo dinamarquês publicava argutos e dialeticamente refinados trabalhos com seus pseudônimos, também vinha publicando e produzindo os *Discursos Edificantes* sob sua própria pena, de tal modo que parecia querer criar alguma agitação com os temas trazidos de um e de outro lado. É com os pseudônimos que se realiza uma emulação estética, é com os pseudônimos que se tecem considerações éticas que se confrontam com aquelas apresentadas pelos filósofos da tradição alemã (Kant, Fichte, Schelling, Hegel, etc.) e é também com os pseudônimos que Kierkegaard pode mobilizar seu ataque ao pensamento e à cultura – tanto acadêmica quanto artística – de sua época, chegando ao ponto culminante de indicar simultaneamente tanto os erros quanto a abertura de possíveis caminhos através do *Pós-escrito*. Após tantos movimentos, tudo indicava que não haveria outras mobilizações a fazer, ou pelo menos não da mesma forma teatral e de certo modo performática. Seus contemporâneos pareciam dar mais valor aos textos estéticos do que às contradições existenciais que o filósofo buscava apresentar e, feita essa passagem de um âmbito de emulação para um âmbito de maior assertividade autoral, Kierkegaard não sentia que ainda teria algo a contribuir nos mesmos termos.

O interesse pela literatura, pela ópera e pelo teatro esteve presente desde o começo da produção de Kierkegaard. Contudo, uma vez que esta havia sido a marca dos escritos estéticos, nos quais não apenas os temas mas também os tratamentos eram delineados pelo que Kierkegaard considerava como o ponto de vista estético, naquele momento parecia difícil escrever mais uma vez sobre estas questões. O tratamento dado ao *Don Giovanni*, às muitas personagens de Goethe, a Hamlet e à questão do drama soava aos ouvidos do público claramente como um tratamento estético, mas o filósofo queria então diferenciar-se, partindo do modo de existência estético e problematizando-o para então alcançar o que ele chamaria de “o mais elevado”.

É nesse ponto que se encontrava o autor quando, em 1847, iniciou a redação do ensaio de admiração e reflexão sobre as atividades teatrais de Johanne Luise Heiberg. A atriz, que então contava com 31 anos, fora uma sensação dos palcos dinamarqueses desde sua juventude, e em 1847, embora continuasse atuando, já não contava com o mesmo encanto e beleza juvenis que antes a garantiam como uma atração constante. O ensaio fora planejado conjuntamente com outros três escritos, que seguiriam a intenção de novamente mergulhar no mesmo jogo pseudonímico que Kierkegaard supostamente abandonara. Em uma nota de seus *Diários* o filósofo escreve:

Eu gostaria de criar uma pequena mistificação literária, como, por exemplo, publicando algo que eu chamaria de “Trabalhos de Juventude”, e em cujo prefácio eu apareceria como um jovem autor que estaria publicando sua primeira obra.

Eu me chamaria Felix de St. Vicent, e o conteúdo seria:

- 1) A crise na vida de uma atriz.
- 2) Eulogia do outono.
- 3) Rosenkilde como Hummer.
- 4) Provas de Escrita.²

O plano jamais foi realizado e apenas o primeiro ensaio viria a ser realmente finalizado e publicado³, agora não mais com o mesmo título e nem tampouco com o pseudônimo inicialmente indicado, mas com um novo pseudônimo: *Inter et Inter*. A escolha desse pseudônimo merece alguma atenção, porque Kierkegaard sempre esteve muito atento para o uso conceitual e filosófico da noção de *interesse*, ou seja, de um *ser-entre*. Não é acaso que um pseudônimo que, em uma tradução literal, poderia ser chamado de *Entre e Entre*, isto é, como uma duplicação da condição de *estar-entre*, apareça precisamente no momento em que seu criador não se encontrava nem de um nem de outro lado.

Muito se tem debatido entre os comentadores sobre quais seriam esses dois lados – se Kierkegaard estaria entre o primeiro movimento de produção pseudonímica (*Johannes Climacus*, *Vigilius Haufniensis*, *Johannes de Silentio*, etc.) e um segundo movimento dessa produção (sobretudo com *Anti-climacus*), ou então se Kierkegaard teria feito o tão aguardado salto para dedicar-se exclusivamente aos escritos de cunho religioso, já que seria, na leitura de alguns, um autor quase que

2 A nota em questão pode ser encontrada nos *Papirer* conforme a organização já consolidada por meio da entrada [VIII.1 A 339] ou na nova organização do *Søren Kierkegaards Skrifter*, por meio da entrada [SKS 20:225].

3 O planejado ensaio “Eulogia do outono”, que já havia aparecido em 1845 em anotações, nunca foi finalizado, embora Kierkegaard tenha deixado esboços em seus *Diários* [VI A 89; SKS 18:261]; o ensaio “Rosenkilde como Hummer”, que visava tratar da performance do ator Christian Niemann Rosenkilde quando este representou o papel de Hummer na peça de Johan Ludvig Heiberg, *De Uadskillelige*, não passou de uma página de esboço, a qual pode ser encontrada nos *Diários* [VIII.2 B 172-174; SKS 27:438], mas há que se considerar que Kierkegaard não abandonou a ideia de analisar o esforço dos atores, tendo terminado sua análise sobre Johanne Heiberg e, ao mesmo tempo, tendo esboçado, agora de forma mais completa, um ensaio sobre o ator Joachim Ludvig Phister, o qual recebeu o título “Sr. Phister como Capitão Scipio” e que se encontra também nos *Diários* [IX B 67-68; SKS 16:125]; finalmente, o ensaio denominado “Provas de Escrita” recebeu certo tratamento e cuidado, mas não foi plenamente concluído, constando igualmente nos *Diários* [VII.2 B 274 ss.]

exclusivamente religioso. Poderia considerar-se ainda que Kierkegaard, partindo de um projeto filosófico bem conhecido e próprio do idealismo alemão, teria considerado – como antes o fizera seu professor Schelling – que aquele seria o momento de mover-se do *negativo* para o *positivo*, estando os conceitos pensados não em termos puramente religiosos, mas sobretudo filosóficos. Em todo caso, estas seriam apenas especulações que aqui parecem não ter serventia.

O que se sabe de fato, porque foi o próprio filósofo quem evidenciou, é que se tratava de poder, a partir daquele momento, analisar temas de cunho “estético” de outra maneira, valendo-se de categorias, conceitos e de uma estrutura “mais elevada”. Isto significa dizer que Kierkegaard tinha a intenção de voltar ao ponto de onde partira em *Enten-Eller*, do “ponto de vista estético”, para agora tratar um problema estético por outro ponto de vista, fosse ele religioso ou simplesmente entendido como “mais elevado”.

Após ter finalizado a escrita do ensaio em 1847, o filósofo ficou em dúvida se seria o caso de publicá-lo e, depois de algum tempo de reflexão, decidiu por levá-lo ao público por meio de 4 participações no jornal *Fadrelandet* [A Pátria] entre 24 e 27 de julho de 1848. Suas dúvidas haviam esmorecido após a publicação, e Kierkegaard assim aponta em seus *Diários*:

Sim, foi bom ter feito a publicação daquele pequeno artigo. Comecei com *Enten-Eller* e com os *Dois Discursos Edificantes*; agora termino, após todo o desenvolvimento dos *Discursos Edificantes* – com um pequeno ensaio estético. Ele expressa: que é o edificante, o religioso que deveria ser transmitido, e que, agora que o estético foi transposto, eles estão opostos em uma relação inversa de confrontação para mostrar que o autor não era um autor estético que, com o passar dos anos, envelhecera e por essa razão se tornou religioso. (...) Haveria algo faltando se o pequeno artigo não tivesse vindo, a ilusão seria definida como se fosse eu que tivesse mudado significativamente ao longo dos anos, e então um ponto muito importante em toda a produção teria se perdido.⁴

4 Esse trecho, que pode ser encontrado nos *Diários* [IX A 227; SKS 21,56], avança para uma consideração reflexiva sobre o que Kierkegaard considerava ser sua função enquanto pensador e escritor. Algumas dessas reflexões depois foram retrabalhadas e desenvolvidas no escrito *O ponto de vista de minha obra enquanto escritor*, publicado postumamente. É com base nessas reflexões, e sobretudo porque Kierkegaard afirmaria, tanto nestas notas dos *Diários* quanto no referido texto, que ele considerava a si mesmo como um autor religioso, que muitos comentadores aceitaram esse como uma chave hermenêutica fundamental. Essa posição, contudo, deve ser tratada com cautela, pois muito facilmente esse caminho pode levar à

Após essa reflexão do próprio autor, podemos então nos perguntar: do que trata, enfim, este ensaio? Aparentemente, trata de um caso particular da época de Kierkegaard: uma jovem atriz afamada que, após o transcurso dos anos, é adorada por conveniência e deixou de ser amada pelos dotes naturais que guardava em sua juventude – e agora, quando elogiada, o é apenas por gentileza e por aquilo que Kierkegaard chamará de galanteria. A Sra. Heiberg, esposa do poeta, dramaturgo e filósofo Johan Ludvig Heiberg, fazia parte do movimento de renovação da estética e dos costumes dinamarqueses. Muito embora o nome de Johanne Heiberg não tenha realmente figurado ao longo de todo ensaio, tanto o público quanto a própria atriz puderam compreender quem era o objeto de análise⁵. Tudo indica, então, que se trata de uma análise sobre essa dificuldade enfrentada pela atriz: a crise de sua profissão e uma crise específica referente a ela, ou seja, o fato de que, ao ter envelhecido, algo de mais substancial e “mais elevado” tem de aparecer para que o encanto não apenas se mantenha, mas para que este se transforme e, ao fim, se revele no que seria o encanto autêntico e verdadeiro. Tudo isto está no ensaio e não é estranho que este pequeno escrito tenha suscitado o interesse de atrizes, atores e demais pessoas envolvidas com as artes cênicas.

No entanto, é sempre preciso desconfiar de Kierkegaard, e a anotação em seus *Diários* referenciada acima indica que há no ensaio, também, uma reflexão que vai além do âmbito do teatro e da função cênica de uma atriz específica. Se o objeto de análise inicialmente parece ser uma atriz, com um pouco de atenção percebe-se que esta atriz, como diria Kierkegaard, é a *ocasião* para se analisar algo mais profundo, isto é, para se analisar a *metamorfose*. O que o filósofo parece ter em vista aqui é a tentativa de dar conta de uma manifestação puramente estética em termos conceituais que levam em conta a profundidade dos elementos existenciais que ele já apresentara, por exemplo, em *A Repetição* ou nos *Estádios no caminho da vida*. Ao mesmo tempo, como a anotação dos *Diários* indica, essa também é uma forma de esclarecer ao público – ainda que de um modo pouquíssimo esclarecedor – um pouco sobre a própria condição em que Kierkegaard encontrava-se. A atriz é uma *ocasião* que faz lado aos muitos exemplos trazidos pelo filósofo ao longo do

formulação de argumentos *ad hoc*. Para considerações críticas sobre esse debate, cf. JUSTO, José Miranda. Singularidade e Universalidade nos processos de leitura de Kierkegaard. In.: **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**. Brasília, vol. 2, nº 1, 2014.

5 Em sua autobiografia, *Et Liv gjenoplevet i Erindringen* [Uma vida revivida na memória], a atriz relembra do ensaio elogioso e diz-se muito feliz pelo que Kierkegaard escrevera sobre seu esforço e sua profissão. O próprio filósofo enviou o ensaio para a atriz três anos após sua publicação, o que também é recobrado na autobiografia.

ensaio, seja no caso do poeta, no caso do escritor prolífico ou no caso do pregador afamado. A densidade do ensaio, com uma retórica muito bem controlada e com um contínuo avançar na apresentação e no uso de conceitos filosófico-dialéticos, se deve ao fato de que este “pequeno ensaio”, como Kierkegaard o chamou, é talvez um dos mais fascinantes e mais bem arranjados exemplos da reflexão existencial desenvolvida por esse autor que nunca se contentou em ser um só.

Krisen og en Krise i en Skuespillerindes Liv

Søren Kierkegaard

I

Tanken om det at være Skuespillerinde, det vil da sige af Rang, vækker vistnok hos de Fleste strax Forestillingen om et saa fortryllende og glimrende Vilkaar i Livet, at dero-ver som oftest ganske glemmes Tornene: de utrolig mange Trivialiteter, al den Ubillighed eller dog den Misforstand just i de afgjørende Øieblik, mod hvilke en Skuespillerinde kan have at kæmpe.

Lad os tænke os Forholdet saa gunstigt som muligt; lad os tænke en Skuespille-rinde, der er i Besiddelse af Alt hvad der fordres, for ubetinget at være rangerende; lad os tænke, at hun vinder Beundringens Anerkjendelse, og at hun (hvad upaatvivleligt er et stort Held) er heldig nok til ikke at blive Maalet for et eller andet hadefuldt Menneskes Forfølgelse: saalever hun da hen Aar efter Aar den misundte, den lykkelige Gjenstand for en stadigt vedvarende, anerkjendende Beundring. Det synes saa herligt, det seer ud som var det Noget; men naar man seer nøiere til og seer i hvilken Møntsort denne anerkjen-dende Beundring udredes, seer hvilket fattigt Indbegreb af lurvede Trivialiteter, der i Theaterkritikens Verden konstituerer Fondet ad usus publicos (og det er jo af dette Fond at hin stadig anerkjendende Beundring ordenligvis udredes), saa turde det vel være muligt, at selv dette det heldigste Vilkaar for en Skuespillerinde er tarveligt og fattigt nok. – Er det saa som man siger, at det kongelige Theaters Garderobe skal være meget kostbar og værdifuld, saa er det vist: Bladkritikens Garderobe er rædsom lurvet.

Videre. Den beundrede Kunstnerinde lever da hen Aar efter Aar. Som man i borgerlige Husholdninger nøiagtigt veed forud, hvad man hver Dag skal have til Middag, saaledes veed hun nøiagtigt forud Saisonens Accidenser. 2 à 3 Gange om Ugen bliver hun rost og beundret, indkaldt med Udmærkelse; allerede i Løbet af det første Fjerdingaar vil hun mere end een Gang have gennemgaaet Bladkritikens Indbegreb af Talemaader og – Vendinger, somde med særligt Eftertryk kunne kaldes, thi de vende i etvæk tilbage. 1 à 2 Gange, i gode Aaringer 3 Gange, vil hun blive besunget af et eller andet forulykket Subject eller en vordende Digter; hendes Portrait bliver malet til hver Konstudstilling; hun bliver lithographeret, og er Lykken hende meget gunstig anbringes hendes Portrait endog paa Lommetørklæder og Hattepulle. Og hun, der som Qvinde er øm over sit Navn – som en Qvinde, hun veed, at hendes Navn er paa Alles Læber, selv naar de tørre sig om Munden med Lommetørklædet, hun veed, at hun er Gjenstand for Alles beundrende Omtale, ogsaa deres, som ere i yderste Vaande for at faae Noget at snakke om. Saaledes lever hun hen Aar efter Aar. Det synes saa herligt, det seer ud som det var Noget, men forsaavidt hun

skulde i ædlere Forstand leve af denne Beundringens kostelige Næring, hente Opmuntring fra den, styrkes og opflammes ved den til ny og ny Anstrængelse, forsaavidt dog selv det mest udmærkede Talent, og især da en Qvinde, i en svagere Time kan see sig mismodigt om efter en Yttring af virkelig Paaskjønnelse; saa vil hun, hvad hun naturligvis selv ofte har sandet, i et saadant Øieblik ret føle, hvor tomt alt Dette er, og hvor uretfærdigt, at misunde hende denne byrdefulde Herlighed.

Imidlertid gaar der da Aar hen, dog i disse Nysgjerrighedens og Utaalmodighedens Tider ikke mange, saa kommer allerede Snakken i Bevægelse om, at hun nu begynder at blive ældre, og saa – ja, vi leve jo rigtignok i christelige Stater, men som man ofte nok seer Exempler paa æsthetisk Bestialitet, saa er det ogsaa langt fra at den kanibalske Lyst med Menneske-Offringer er gaaet af Brug i Christenheden. Den samme inderlige Fadhed, der uafbrudt til hendes Pris slog paa Trivialitetens store Tromme og ærede hende yndeligen paa Bækkener, den samme Fadhed bliver nu kjed af den forgudede Konstnerinde, den vil have hende bort, vil ikke see hende mere, hun maa takke Gud til, om den ikke vil have hende slaaet ihjel; den samme Fadhed faaer sig en ny 16 Aars Afgud, og til Ære for hende skal den forhenværende Afgud føle Trivialitetens hele Unaade – thi det er den store Vanskelighed, som er forbunden med at være Afgud, at det næsten er utænkeligt at man fra denne Ansættelse kan faae Afsked i Naade. Eller indtræder dette Tilfælde ikke, og ikke saa grelt som her er fremsat, saa skeer der stundom noget Andet, som synes meget bedre, men i Grunden er lige saa slemt. Trivialiteten er da ved Tilløbet fra Fortiden i saa god Fart med Beundringen, at den Forgudede endnu en tidlang, efter at hun, som det hedder, er bleven ældre, faaer Lov at gaar for Slutnings-Hastigheden. Tilsyneladende er der ingen Forandring foregaaet i Trivialitetens Udtryk om den forgudede Konstnerinde; dog synes man at ane en vis Usikkerhed, som forraader, at den lovprisende Rosiflængius saa smaat indbilder sig, at have den Fortjeneste af Konstnerinden, at han *galant* vedbliver at sige det samme. Men det at være galant mod en Konstnerinde er netop den høieste Grad af Uforskommenhed, en klæbrig Næsvished og den modbydeligste Art Paatrængenhed. Enhver, der er Noget og væsenligen er Noget, har eo ipso en Fordring paa nøiagtigt at blive anerkjendt for dette Bestemte, for hverken mere eller mindre. – Er det saaledes, som der jo siges, at Theatret er en Helligdom: Profanationen er i det mindste ikke langt borte. Hvor byrdefuldt og pinligt, i det 16de Aar at maatte taale gamle skaldede eller halvfjantede Recensenters hykelske Knæfald og Kjærlighedserklæringer i Skikkelse af Konstkritik, hvor bittært i en senere Tid at maatte doie Galanteriets Frækhed!

Men hvoraf nu dette Umenneskelige, som dog afstedkommer saa megen Ubillighed ja Grusomhed mod de til Konstens Tjeneste indviede Qvinder, hvoraf, uden deraf, at æsthetisk Dannelse er saa sjelden blandt Menneskene. De fleste Menneskers Konstkritik i Forhold til det Qvindelige har væsenligen Kategori og Tankegang tilfælles med enhver Slagtersvend, Garderofficier, Handels-Commis, der taler begejstret om en forbandet nydelig og satans rask Tøs paa 18 Aar. Disse 18 Aar, denne forbandede Nydelighed og denne Satans Raskhed, det er Konstkritiken – og tillige dens Bestialitet. Derimod, der hvor, æsthetisk seet, Interessen ret egenligen begynder, der hvor det Indre bliver lykkeligt

og med intensiv Betydning aabenbar I Metamorphosen: der falde Menneskenes Mængde fra. Vedbliver man at beundre, saa mener man, at være galant, eller at være skaansom; thi naar hun blot er 30 Aar gammel, saa er hun i Grunden perdue!

Det var virkelig at ønske, især for Menneskenes egen Skyld, for at de ikke skulle være udelukkede eller udelukke sig selv fra de betydningsfuldeste Nydelser, om man kunde faae denne Fordom tilgavns udryddet. Og en Fordom er det virkelig, ja en bestialsk Fordom; thi det er ikke saa, at en Qvinde bliver Skuespillerinde i sit 18de Aar, hun bliver det snarere i sit 30te, eller senere, hvis hun bliver det, thi denne Spillen Comedie i det 18de Aar er, æsthetisk seet, af tvivlsom Art. Det er saa langt fra at være Galanteri at begynde sin Beundring med Udviklingens anden Gang, at det Modsatte let er Lefleri: at beundre en lille Jomfru paa 16 Aar. Jeg troer ikke ret paa, at en væsenlig dannet Æsthetiker kunde overtale sig til at gjøre en Skuespillerinde paa 16 Aar til Gjenstand for en Kritik, især hvis hun var meget smuk osv.; han vilde upaatvivleligt perhorrescere denne Tvetydighed. Det er sandt, det vil ofte hælde, at den, der har gjort Furore som 18 Aars Pige, ikke trænger igjennem. Faaer saa at være; men saa har hun heller ikke væsenligen været Skuespillerinde, saa har hun gjort Furore paa Scenen aldeles i samme Forstand, som naar en ung Pige gjør Furore een Vinter eller to i det Venskabelige. Derimod er det ogsaa sandt, at naar det lykkes med Metamorphosen, da kan der ikke være Tale om Galanteri; thi da først og da just er Beundringen, æsthetisk forstaaet, for Alvor i sin Ret.

See, der gjøres jo naturligvis meget ved Theatret for at sikkre Skuespillerindernes Fremtid: jeg troer, at det ogsaa vilde være meget gavnligt, om man fik denne aldeles uæsthetiske Overtro paa de 18 Aar ret udryddet, og fik det gjort ret indlysende, at den betydningsfulde Afgjørelse indtræder langt senere – ogsaa dette vilde jo være til Betyggelse for Skuespillerindernes Fremtid. Og Sagen selv har ikke blot æsthetisk, men ogsaa i høi Grad psykologisk Interesse, saa det forundrer mig, den ikke oftere gjøres til Gjenstand for Overveelse. Det Interessante er, ved Hjælp af det Psychologiske rent æsthetisk at kunne beregne Metamorphosen, eller dog at kunne forklare den, naar den er indtraadt.

En lille Artikel i et Blad er imidlertid ikke det Sted, der egner sig for en udførligere Undersøgelse, som gjennemgaaer flere Tilfælde. Her vil jeg derfor blot forsøge rent psykologisk og æsthetisk at skildre een Metamorphose, vistnok en vanskelig, men just derfor ogsaa en skøn og betydningsfuld. Jo mere der nemlig har været givet og jo mere der altsaa har været indsat paa første Udtræk, desto vanskeligere er det at faae et nyt Udtræk, og jo mere et dog i Grunden uæsthetisk Publicum forgudende og støiende har været opmærksomt paa det Første, desto lettere forvandles dette samme Publicum til en ængstelig, mistænksom eller endog tvær Modstand mod Metamorphosen. En Skuespillerinde, der aldrig har havt det Held at være i afgjort Besiddelse af det, der i saa høi Grad fængsler og fortryller de uæsthetiske Tilskuere, kan maaskee, som Vederlag derfor, have Held til i al Stilhed at gjøre sin Metamorphose. Ogsaa dette er skønt, og netop at det gaar saa stille af, men det er ogsaa lettere, just fordi den Metamorphosen forberedende stille Forvandling ikke efterstræbes af Nysgjerrighed og ikke forstyrres af Misforstand, men er unddraget Publicums Indfald og Nykker. Thi Publicum er underligt; naar Tiden i Løbet

af 10 Aar f. Ex.har taget sig den Frihed at gjøre dets erklærede Yndling – 10 Aar ældre: saa bliver Publicum vred – paa Yndlingen.

II

Ieg tænker mig altsaa en Skuespillerinde i hendes første Begynden, i hendes tidlige Ungdoms første Lykke, i det Øieblik, da hun første Gang viste sig og første Gang gjorde glimrende Lykke. Dette kan jeg æsthetisk rigtigt her tale om og have Glæde af at tale om, thi denne Undersøgelse er ideel, beskæftiger sig ikke med en virkelig Skuespillerinde paa 16 Aar, der lever samtidigt. Ogsaa af en anden Grund er det her æsthetisk i sin Orden at skildre en saadan første Ungdom; thi da Undersøgelsens egenlige Gjenstand er Metamorphosen, saa er jeg end ikke i Afhandlingens Tanke samtidig med hin Ungdommelighed. Skildringen af det Første er for at lægge til Rette, er poetisk og philosophisk en Erindring, aldeles uden Veemod; der dvæles ikke ved det Første, tvertimod, der hastes snarere bort derfra, som man altid haster til det Høiere, og Forfatteren er jo æsthetisk overbevist om, at Metamorphosen er det Høieste.

Hun debuterer da i hendes 17de Aar. Hun er i Besiddelse af – ja, hvad det er hun er i Besiddelse af er meget vanskeligt at bestemme, just fordi det er et ubestemmeligt Noget, som dog almægtigt gjør sig gjældende, ubetinget lystres. Det vrantneste, det kedsommeligste Menneske, det hjælper ham ikke at han forhærder sig, han maa lystre; en Mathematiker, det hjælper ham ikke, at han sætter sig paa Bagbenene og siger, hvad beviser saa det, han maa lystre, han er i Grunden overbevist: ergo er hun i Besiddelse af – ja, hvad det er hun er i Besiddelse af er meget vanskeligt at bestemme, just fordi det er et ubestemmeligt Noget. Forunderligt. Ellers pleier man dog at kunne nøiagtigt angive hvad et Menneske er i Besiddelse af, og naar man saa kan det, saa kan man igjen nøiagtigt see, hvor langt han kommer med det – han er i Besiddelse af. Og derimod, en ung Skuespillerinde, der er i Besiddelse af denne ubestemmelige Besiddelse, hun forarmer ligesom i et Nu alle Eiendomsbesiddere!

Denne ubestemmelige Besiddelse er, for dog lidt nærmere at bestemme den: *Lykke*; hun er i Besiddelse af Lykke. Lykke betyder ikke her, at hun er saa heldig at have gode Venner og anselige Connexioner, eller saa heldig at være bleven antagen ved Theatret paa fordelagtigt Vilkaar, eller saa heldig, at Directeuren og Recensenterne interessere sig for hende; nei Lykke betyder her, hvad Cæsar talte med Skipperen om, da han sagde til ham: Du fører Cæsar – og hans Lykke. Ja, dersom det ikke var at udfordre Lykken, da kunde hun dumdrigtigt vove hver Aften, hun spiller, at lade sætte paa Placaten: Jfr. N. N. og hendes Lykke – i den Grad er hun i Besiddelse af Lykken. Hun har ikke Lykken med sig, og allerede dette er da saare meget, at denne almægtige Magt behager at give en ung Pige Geleide; nei Lykken selv staaer paa Pinde for hende. Og forsaavidt hun ikke skal siges at være i Besiddelse af Lykken, maatte det da være fordi hun er som besat af Lykken – i

den Grad følger den hende, hvor hun gaaer og staaer, i Alt hvad hun foretager sig, i den mindste Bevægelse med Haanden, i ethvert Vink af Øiet, i ethvert Kast med Hovedet, i ethvert Sving af Skikkelsen, i Gangen, i Stemmen, i Mimiken, kort Lykken følger hende saaledes, at den ikke i et Secund tillader den konstforstandige Kritiker at see, hvad hun vilde formaae uden Lykken, om han end allerede er æsthetisk opmærksom paa, hvorvidt det Bedste af alt Dette dog ikke i en ganske anden Forstand tilhører hende.

Hendes ubestemmelige Besiddelse betyder videre, for dog at bestemme den lidt nærmere: *Ungdommelighed*. Dette betyder ikke det Statistiske, at hun accurat i Mandags otte Dage fyldte det 16de Aar, ei heller, at hun er en ung Pige, der paa Grund af Skjønhed og andet Saadant passende præsenteres til *Skue* og forsaavidt upassende kaldes en *Skuespillerinde*; nei, hendes Ungdommelighed er igjen en ubestemmelig Rigdom. Først og fremmest er den Livlighedens Spil af Kræfter, hvad man ogsaa kunde kalde Ungdommelighedens livsfriske, righoldige Uro, hvad man altid og uvilkaarligt taler med Forkjærlighed om, som naar det siges, at det lykkeligt begavede Barn er Uroen i Familien. Uro, naar derved forstaaes Endelighedens Spektakel, kan man snart faae nok af, men Uro i prægnant Forstand, Uendelighedens Uro, den glade, livsfriske Oprindelig, derforyngende, forfriskende, helbredende rører Vandet, er en stor Sjeldenhed, og i denne Forstand er hun Uroen. Dog denne Uro betyder igjen Noget, og noget meget Stort, den betyder en væsenlig Genialitets første Vælgthed. Og denne Uro betyder intet Tilfældigt, den betyder ikke, at hun ikke kan staae stille, tvertimod, den betyder, at selv naar hun staaer stille aner man denne Uro derinde vel at mærke i Ro. Den betyder ikke, at hun kommer løbende ind paa Scenen, tvertimod den betyder, at blot hun bevæger sig, aner man Uendelighedens Fart. Den betyder ikke, at hun taler saa hurtigt, at man ikke kan følge hende, den betyder tvertimod, at, naar hun taler ganske langsomt, fornemmer man Pustet og Beaandelsen. Denne Uro betyder En ikke, at hun snart maa blive træt, lige det Modsatte, den aabenbarer enelementarisk Utrættelighed, som Vindens, som Naturlydens; den aabenbarer, at Skjælmeriet er udtømmelig rigt, at det bestandig kunforraader, at hun eier meget mere; den aabenbarer, at hendes Coquetteri (og aldeles uden Coquetteri er en saadan Skikkelse utænkelig) ikke er Andet end et lykkeligt, uskyldigt Sinds glade, seierrige Bevidsthed om sin ubeskrivelige Lykke. Dette er derfor egenligen ikke Coquetteri, men er dog et Incitament mere for Tilskueren; det betrygger nemlig Tilforladeligheden af det Hele, og betrygger Overgivenheden med absolut Sikkerhed.

Man skulde troe, at Tilforladelighed paa den ene Side, og paa den anden Side Skjælmeri, Livlighed, Lykke, Ungdommelighed vare aldeles uensartede Bestemmelser, som slet ikke hørte sammen. Dog er dette langt fra saa, de høre just absolut sammen. Dersom Skjælmeri og Livlighed ikke ubetinget er betrygget ved en absolut Tilforladelighed, at her er nok, nok for hende, nok for en halv Snes Andre: saa er det eo ipso uheldigt og Nydelsen væsenligen borte. Uadskilleligheden kan man ogsaa kjende derpaa, at der ganske consequent ligger et til Skjælmeri Svarende i at sætte Skjælmeri og Tilforladelighed sammen, som naar en ældre, men dog endnu livlig Mand med hele Forkjærligheden for en skjælmsk ung Pige siger: det er min Sandten en tilforladelig lille

Jomfru; han siger ikke, at hun er skjælsk, men at hun er tilforladelig, og dog siger han just derved at hun er skjælsk, og dette er ikke hans Opfindelse, men hun ligesom afnøder ham dette Udsagn ved Skjælmeriet.

Man skulde troe, at Overgivenhed paa den ene Side, og absolut sikker Betryggelse paa den anden Side vare uensartede Bestemmelser, som slet ikke høre sammen, eller som kun Klodderagtighed kunde falde paa at sætte sammen; og dog ere de just uadskillelige, og det Dialektiske Opfinder af denne Sammensætning. Det gjælder om Alt, hvad der er Naturbestemmelse og som saadant et Enkelt, et Usammensat, at det maa være absolut sikkert. I hvad der er sammensat kan der bedre savnes Noget, men hvad der er Enkelt, er Umiddelbarhed, maa være absolut, eller, hvilket er det Samme, naar det er, er det absolut. Lidt Overgivenhed er eo ipso at forkaste som noget Uskjønt. Den rette Overgivenhed virker derfor, netop ved den absolute sikre Betryggelse, først og fremmest beroligende paa Tilskueren, hvad dog maaskee undgaar de Flestes Opmærksomhed, der mene, at Overgivenhed virker pirrende, hvilket kun gjælder om den uægte Overgivenhed eller om lidt Overgivenhed. Lad os tage et Exempel af den umiddelbare Comik, af Lune. Naar man en Aften seer Rosenkilde komme ind paa Scenen, ligesom directe fra Uendeligheden og med dennes Fart, besat af alle Lunets Aander, naar man strax ved dette første Syn uvilkaarligt siger til sig selv »naa, iaften har han en ordenlig Storm« saa føler man sig eo ipso ubeskrivelig beroliget. Man aander ud netop for ret at slaa sig til Ro; man sætter sig tilrette, som den der agter længe at blive siddende i samme Stilling; man næsten beklager, at man ikke har taget Mad med, thi Vederhæftigheden og Betryggelsen, der overtaler til Beroligelse, er saa stor, at man glemmer, at der kun er Tale om en Time i Theatret. Medens man leer og leer, og i al Stilhed jubler med i Lunets Overgivenhed, føler man sig bestandig beroliget, ubeskrivelig overtalt og ligesom dysset ved den absolute Betryggelse, fordi hans Lune gjør det Indtryk paa En: dette kan blive ved saa længe det skal være. Og derimod, dersom en umiddelbar Comiker ikke først og fremmest absolut beroliger, dersom der blot bliver en lille Smule Angst i Tilskueren, om hvorvidt hans Lune vil strække til: saa er Nydelsen væsenligen tabt. Man taler ellers om, at en Comiker maa kunne faae Tilskuerne til at lee, rigtigere siger man maaskee: han maa først og fremmest kunne absolut berolige, saa kommer det af sig selv med Latteren; thi den rette Latter, denne Latter ret af Hjertens Grund, den bryder ikke frem ved en Pirring, men netop af en Beroligelse. Saaledes ogsaa med Overgivenhed: den maa først og fremmest berolige ved absolut Betryggelse, det vil sige, er den i Sandhed tilstede i en Skuespillerinde, saa virker den først absolut beroligende. Det er i denne Beroligelse, overtalt ved den absolute Betryggelse og Vederhæftighed, at Tilskueren igjen overgiver sig – i Overgivenheden. See, her er det atter: Overgivenhed og Vederhæftighed synes en underlig Sammensætning, at sige om Overgivenhed at den er vederhæftig en underlig Tale; og dog er det correct, og kun et nyt Udtryk for Skjælmeri, thi den vederhæftige Overgivenhed er just Skjælmeri.

Hendes ubestemmelige Besiddelse betyder videre, for dog lidt nærmere at bestemme den: *Sjælfuldbed*, at hun i umiddelbar Lidenskabs Stemning er samstemmende med Idee og Tanke; at hendes endnu ureflecterede Inderlighed er væsenligen i Pagt med Idealiteten;

at enhver en Tankes eller Idees Berøring slaar an, og giver fuldtonig Gjenklang; at hun er en oprindelig, specifik Modtagelighed. Saaledes forholder hun sig i Sjælfuldhed til Forfatterens Ord; men til sig selv forholder hun sig i det Mere, der ret egenligen maa kaldes Klangen i Forhold til Replikken, og Samklangen i Forholdet til hele Skikkelsen. Hun tager ikke blot Forfatteren Ordet rigtigt af Munden, men hun giver ham det saaledes igjen, at det i Skjælmeriets Medlyden, i Snildets Medviden om sig selv er som sagde hun tillige: kan Du gjøre mig det efter.

Hendes ubestemmelige Besiddelse betyder endeligen: *at hun er i den rette Rapport til den sceniske Spænding*. Enhver Spænding kan, dette er det Dialektiskes egen Dialektik, virke paa en dobbelt Maade; den kan gjøre Anstrængelsen aabenbar, men den kan ogsaa gjøre det Modsatte, den kan skjule Anstrængelsen, og ikke blot skjule den, men bestandigt omsætte den i, forvandle og forklare den til Lethed. Letheden grunder da usynligt i Spændingens Anstrængelse, men denne sees ikke, den anes end ikke, kun Letheden aabenbares. En Tyngde kan tyngde Noget ned, men den kan ogsaa omvendt skjule, at den tynger og udtrykke Tyngden ved det Modsatte, ved at hæve Noget i Veiret. I daglig Tale taler man om at gjøre sig let ved at afkaste Byrder, og denne Betragtning ligger til Grund for alle trivielle Livsanskuelser. I høiere, i poetisk og filosofisk Forstand, gjælder det Modsatte: man bliver let ved Hjælp af – Tyngde, man svinger sig høit og frit ved Hjælp af – et Tryk. Himmellegemerne svæve saaledes ved Hjælp af en stor Tyngde; Fuglen flyver ved Hjælp af en stor Tyngde; Troens lette Svæven er ved Hjælp af en uhyre Tyngde; Haabets høieste Sving er just ved Hjælp af Trængsel og Gjenvordighedens Tryk. Men den sceniske Illusion og Vægten af Alles Øine er en uhyre Tyngde, der lægges paa et Menneske; hvor derfor den lykkelige Rapport mangler, der vil end ikke Routine i nok saa høi Grad ganske kunne skjule Byrdens Tyngde, men hvor den lykkelige Rapport er, der forvandler Vægten af Byrden sig i eetvæk til Lethed. Saaledes med den unge Skuespillerinde; i Scenens Spænding er hun i sit Element, just der er hun let som Fuglen, netop Vægten giver hende Lethed, og Trykket giver det høie Sving. Der er ikke Spor af Angst; mellem Coulisserne er hun maaskee angst, men paa Scenen er hun lykkelig og let som Fuglen, der har faaet sin Frihed, thi nu først, i Trykket, er hun fri og har faaet Friheden. Hvad der hjemme paa Studereværelset, hvad der mellem Coulisserne viser sig som Angst, er ikke Afmagt, men lige det Modsatte, er Elasticitet, som ængster hende, just fordi hun ingen Tyngde har paa; i den teatraliske Spænding forklarer denne Angst sig absolut lykkeligt som Potensation. Det er overhovedet en meget borneret Betragtning, at en Konstner eller Konstnerinde ikke maa være angst, og fremfor Alt et maadeligt Kjende paa den store Konstner, at han ikke er angst. Netop jo flere Kræfter han har, desto større er hans Angst, saa længe han er udenfor den Spænding, der nøiagtigt svarer til hans Kræfter. Dersom man tænkte sig den Naturkraft, der bærer Himmellegemerne, i en Personification udenfor sin Opgave, ventende paa at skulle overtage den: saa vilde den sidde i Dødsens Angst, og først i det Øieblik, den fik Byrden paa, vilde den være sorgløs og let. Derfor er det een af de største Qvaler for et Menneske, at have en for stor Elasticitet i Forhold til den lille Verdens Spænding, i hvilken han lever, en saadan Ulykkelig kommer aldrig til at føle sig ganske fri,

netop fordi han ikke kan faae Tyngde nok paa sig. Sagen er kun, at Angsten slaar absolut rigtig til, at den i Forhold til den sceniske Konstner bestandig er udenfor Scenen, aldrig paa Scenen, hvilket just pleier at hænde den, der ikke er angest udenfor.

Hendes *bestemmelige Besiddelse* er naturligvis let at angive. Hun har ikke blot naturlig Ynde, men hun har tillige Skole, hun har som tjenende Moment det Meste af hvad en Danserinde sætter Alt ind paa. Hendes Diction er correct, nøiagtig, hendes Stemme ikke misbrugt, men dannet, uden Skrig, uden Hiatus slutter den sig helt og bestemt om Ordet, som hun ikke beholder hos sig eller for sig selv, men heller ikke ufrat giver fra sig; hun articulerer ypperligt, selv naar hun hvisker; hun veed at bruge Stemmen, og fremfor Alt, hvad der saa lykkeligt svarer til hendes Forudsætninger, at bruge den i den ubetydelige, den let henkastede, converserende Replik Svinkeærinder.

Saa debuterer hun da i sit 17de Aar. Hendes Optræden er naturligvis en Triumph; og i samme Øjeblik forvandler hendes Tilværelse sig til et National-Anliggende. Som Regimentets Datter ansees af hele Regimentet for Datter, saaledes bliver hun Nationens Datter. Det blotte første Syn af hende er tilstrækkeligt til at forvisse Enhver om, at en saadan sjelden lykkelig qvindelig Begavethed vanskeligt findes i meer end eet Exemplar i hver Generation. Det bliver altsaa en National-Pligt at beundre, et fælles Anliggende at omfrede denne sjeldne Plante, ak, og om det just ikke kan kaldes en Pligt, saa bliver det dog en Selvfølge af den menneskelige Svaghed, at det bliver en Nysgjerrighedens Interesse at see, hvor længe hun nu kan holde sig. Ja, den menneskelige Glæde over det Sjeldne er besynderlig, næsten i Glædens første og høieste Øjeblik begynder Nysgjerrighedens Snigmord. Dette er nemlig ikke Misundelse, langtfra, det er en Slags Forfippethed hos Beundringen, der saa at sige hverken veed ud eller ind for Jubel, indtil den ganske rigtigt hitter paa, strax i det første Aar at udvikle denne dræbende Spænding, der af pure Beundring næsten mistroisk beundrer.

For end engang at minde om, hvad der oftere er blevet fremsat: hvis der levede en væsenlig Æsthetiker samtidig og han opfordredes til at forsøge kritisk at vurdere denne Skuespillerinde eller en Præstation af hende, saa vilde han vistnok sige: nei, hendes Tid er endnu ikke egenligen kommen.

III

Der er gaaet 14 Aar, hun er i sit 31de. Igjennem disse ikke faa Aar har hun været en Gjenstand for hin stadigt beundrende Anerkjendelse. Lad mig antyde denne Tidens Forsvinden ved at benytte dette Mellemrum til nogle Betragtninger. Thi lad os ikke be- drageved Tilsyneladelsens løse Overslag over Accidensernes Totalsum og derved ledes tilubilligen at misunde hende Beundringen, lad os hellere betænke, hvor megen Klodderagtighed der blander sig i denne trivielle Anerkjendelses stadige Overhalinger; og fremfor Alt lad os ikke glemme, hvad det vil sige og betyde, at det dog egenligen i disse 14 Aar er blevet de Samtidige en Vane at beundre hende, lad os, hvis vi ville regne rigtigt, ikke,

ubilligt mod hende, glemme at subtrahere dette fra Beundringens formentlige Herlighed. O, hvor sjældent er der vel fundet et Menneske, end sige en Samtid, der ikke gav efter i Vanens Svig, saa selv om Udtrykket ikke forandredes, dette uforandrede Udtryk dog ved Vanen blev noget Andet, saa dette ordrette Samme dog nu lød saa svagt, saa mekanisk, saa ubetonet, skjønt der sagdes det samme. O, der tales i Verden meget om Forførelse og Forførelser: men hvor Mange ere vel de, som ikke ved Vanen bedrages af dem selv, saa de synes uforandrede, men dog ere som udtærede i det indvortes Menneske; saa de vel elske de samme Mennesker, elske dem, men saa mat, saa fattigt; saa de vel bruge de samme ømme Udtryk, men saa svagt, saa kraftesløst, saa afsjælet. Dersom en Konge vilde besøge en ringe Familie – ja, den vilde føle sig udmærket, stolt, næsten overvældet af sin Lykke; men dersom Majestæten vilde vedblive hver Dag at besøge den samme Familie, hvor længe skulde det vel vare, inden Kongen næsten maatte gjøre Anstrængelser for dog at skaffe det lidt Betydning, at han besøgte Familien, der dog uforandret, af Vane vedblev at sige: vi takke for den store Ære. Af alle Sophister er Tiden den farligste, af alle farlige Sophister er Vanen den underfundigste. At man lidt efter lidt forandres i Aarene er allerede vanskeligt nok at blive opmærksom paa; men Vanens Svig er, at man er den uforandrede Samme, at man siger det uforandrede Samme, og dog er saa forandret, og dog siger det saa forandret.

Netop derfor have alle Sandhedens i Sandhed unyttige det er uegennyttige Tjenere, hvis Liv er idel Kamp med Tilværelsens Sophismer, hvis Bekymring ikke er, hvorledes man selv bedst kan komme derfra, men hvorledes man sandest kan tjene Sandheden og i Sandhed gavne Menneskene: de have vidst Besked om at benytte Sandsebedragene – for at prøve Menneskene. Naar saaledes en udmærket Mand lever meget skjult, naar han kun sjældent viser sig, da forvænnes Menneskene ikke ved at see ham. Derimod udvikler der sig et ypperligt, et, si placet, hensigtsmæssigt Sandsebedrag: at denne Udmærkede maa være noget ganske Overordenligt, og hvorfor, er det fordi man veed at vurdere hans ypperlige Egenskaber; ak nei, – fordi man seer ham saa sjældent, at dette sjældne Syn frembringer en phantastisk Virkning. At dette lader sig gjøre, er en gammel Erfaring; Methoden, mesterlig udtrykt af Shakespeare i Henrik den 4des Tiltale til Prinds Henrik, er med Held benyttet af en talrig Skare af Konger og Keisere og Geistlige og Jesuiter og Diplomater og kløgtige Hoveder o. s. v., iblandt hvilke der vistnok vare mange fortrinlige, adskillige som ogsaa vilde tjene Sandheden, men alle vare de dog enige i at ville virke ved Hjælp af et Sandsebedrag, hvad enten det nu var blot for selv at profitere deraf ved at sikkre sig Mængdens stupor, eller de fromt maaskee ogsaa kløgtigt mente, at skaffe Sandheden en almindeligere Udbredelse ved Hjælp af – et Sandsebedrag. De ubetinget uegennyttige Sandhedens Tjenere have derimod altid havt for Skik at færdes meget mellem Menneskene, de have aldrig leget Skjul med Mængden, for saa igjen at lege Forundringslegen, naar de den sjældne Gang viste sig som Forundringens studsende Gjenstand, de have tvertimod altid vist sig ret egenlige i daglige Klæder, levet medden menige Mand, talt paa Gader og Stræder, givende Afkald paa al Anseelse – thi naar Mængden seer en Mand hver Dag, saa tænker Mængden som saa: ikke Andet. Ak ja, »mundus vult decipi«, men de uegennyttige Sandhedens Vidner have aldrig villet entrere paa dette Sandsebedrag, de have aldrig villet

være halvt med Mængden om det Næste: »decipiatur ergo«, de have tvertimod bedraget ved det Modsatte, det er, de have dømt Verden ved at synes ubetydelige.

Dersom en Forfatter, som hverken har et betydeligt Fond af Ideer, ei heller er meget flittig, engang i Ny og Næ udgiver en pyntelig Examens-Skriverbog, der er særdeles nitid og med mange rene Blade elegant udstyret: saa seer Mængden med Forundring og Beundring dette pyntelige Phænomen; den tænker, har han været saa længe om at skrive den, og staaer der saa lidt paa Siden, saa maa det være noget Overordenligt. Dersom derimod en righoldig Forfatter, der har Andet at tænke paa end paa Pyntelighed, og paa at profitere af et Sandsebedrag, anstrængende sig med større og større Flid, seer sig istand til at kunne arbeide med en usædvanlig Hurtighed, saa bliver Mængden vant dertil, og tænker: det maa være Jadsk. Thi om Noget er udarbejdet eller ikke, kan Mængden naturligvis ikke bedømme, den holder sig til – Sandsebedraget. Dersom en Præst, som f. Ex. den forøvrigt saa høitbegavede afdøde Hofprædikant i Berlin, *Theremim*, kun prædiker hver ottende Søndag eller vel endog kun hver tolvte, men da ogsaa i Majestæternes og det hele kongelige Husesallerhøieste og høieste Nærværelse: saa udvikler der sig strax et Sandsebedrag i Forhold til en saadan Oberhofprædikant. Han bliver – ja, i Sandhed bliver han naturligvis hvad han i Sandhed er: den Høitbegavede, men i Mængdens Øine bliver han, foruden at være Oberhofprædikant, tillige Stadsprædikant, eller en stadselig Oberhofprædikant, noget Stadseligt, Noget lig Kongens Guld-Karreer, som man med Forbauselse seer et Par Gange om Aaret. Mængden vil studse: den vil i sin Visdom tænke saaledes: bruger en saadan Taler 3 Maaneder alene til at udarbejde en Prædiken og lære den udenad, saa maa den ogsaa være overordenlig. See, Trængselen paa den nysgjerrigt og længe forventede ottende eller tolvte Søndag var saa stor, at Oberhofprædikanten næsten ikke selv kunde slippe op paa Prædikestolen – havde han kun prædiket een Gang om Aaret, havde vel Trængselen været saa stor, at han ikke havde kunnet slippe ned igjen, eller at bevæbnede Gravere og Politibetjente vare blevne fornødne, for at skaffe den høiærværdige Oberhofprædikant Indgang og Udgang. Saa stor var Trængselen, og var det hændt, at En havde sat Livet til i Trængselen, saa var Trængselen næste Gang bleven endnu større, thi ikke blot i Forhold til Sandheden, men ogsaa i Forhold til Nysgjærrigheden, gjælder det: »sanguis martyrum est semen ecclesiae«.

Og nu en Skuespillerinde, der gennem 14 Aar har været en stadig Gjenstand for Beundring. Man har jo nu saa ofte seet hende og sovet paa den Beundring; man veed jo, at hun bliver i Landet – thi er hun en af dem, der reise i Europa, saa kan hun dog have sit Haab til Sandsebedragets Assistance; man veed jo, hun maa blive her i Byen, thi i Danmark er der kun een By og eet Theater; man veed jo, hun maa spille, da hun er engageret; Mangen er, trods sin Beundring, dog maaskee uforskammet nok til at være vidende om, at hun *maa* spille, fordi det er hendes Næringsvei; man veed jo, at man kan faae hende at see, som oftest to Gange om Ugen. Det forstaaer sig, man vedbliver stadigt at beundre; men hvor Mange ere vel i en Samtid De, som vide at bevare den Inderlighedens og Skjønsonhedens Aarvaagenhed, at de i Beundringens 14de Aar kan see hende med samme Oprindelighed, med samme Oprindelighed, som hun bevarer!

Nei, Menneskenes Slægt ligner ogsaa i denne Henseende Børnene paa Torvet, at naarde mærke, at de have Noget, kunne faae Lov at beholde det, saa blive de utaknemmelige, om ikke ligefrem utaknemmelige, saa dog dvaske i Beundringens Vane. Mod Ingen ere derfor Menneskene saa utaknemlige, som mod Gud, netop fordi de have en dvask Forstilling om, at ham kan man da altid have, – ak, han kan jo ikke engang ved at døe lade dem føle, hvad de tabte. O, menneskelige Beundring, hvor er duidelig Forfængelighed, ikke mindst, naar du mener at være stadig!

Der er da ingen Forandring foregaaet i Beundringens og Anerkjendelsens Udtryk, kun i Betoningen; hin det første Indtryks spiritus asper er sagtnet i en forkrænkkelig, tilvant Beundrings spagfærdigere Beaandelse. Skuespillerindens Actier staae uforandrede iden noterede Pris, dog ikke slet saa stive; en snigende, ængstelig, i Grunden velmenende, men dog ved sin Nysgjerrighed forræderisk Reflexion begynder at mункle om, at hun bliver ældre. Ingen vil vedgaae det, og dog siges det, og dog vil Ingen vedgaae at have sagt det. Netop fordi hendes Tilværelse har været et National-Anliggende er Forlegenhedens Spænding pinligere. Man mener hende det vel (thi hvad Del Enkeltes Misundelse kan have i en saadan Opinions Tilbliven, ville vi her ikke dvæle ved), man er egenlig vred paa Tiden, at den vil gjøre hende ældre, da man nu engang beqvemt har indrettet sig i den Beundringens Vane, at hun bestandig skulde blive 18 Aar; men dog, dog kan man ikke berolige sig i Forhold til denne Tanke om, at hun bliver ældre. Ingen tænker paa, hvorledes man utaknemmeligt gjør hende Metamorphosen vanskeligere og vanskeligere, hvorledes man utaknemmeligt lønner hende, ved at forvandle Erindringen til en Modstand i det afgjørende Øieblik; – og Ingen tænker paa, at dette Heleturde være Galimathias, som intetsteds har hjemme, mindst i Æsthetiken, da just med Metamorphosen hendes Tidsregning ret egenlig vil begynde.

IV

(Sidste Artikel.)

Altsaa nu til Metamorphosen. Det, der constituerede denne Skuespillerinde, var ikke, hvad man ellers kalder qvindelig Ungdommelighed. Saaledes forstaaet er denne Ungdommelighed Aarenes Bytte; om Tiden tager nok saa kjærligt, nok saa omhyggeligt, den tager alligevel dette Timelige. Men der var i denne Skuespillerinde en væsenlig Genialitet, som forholdt sig til den Idee: qvindelig Ungdommelighed. Dette er en Idee, og en Idee er noget ganske Andet end det Phænomenale selv at være 17 Aar gammel, hvilket jo ogsaa er den mest ideeløse Piges Tilfælde, der bliver 17 Aar gammel. Havde dette Genialitetens Forhold til Ideen ikke været, kunde der ikke være Tale om en Metamorphose; men netop fordi dette er Tilfældet, og Ideen er den, den er, kan Metamorphosen blive den sjældne. Som Naturen ved sin Fremsynethed og ved sin erindrende Tilbageblik, hvad Naturforskerne skjønt have kaldt det Promethiske og det Epimethiske, bevarer Continuerligheden: saaledes

maa ogsaa i Aandens Forhold Det, som egenligen skal constituere Metamorphosen, være tilstede fra Begyndelsen, medens det ikke afgjørende tages i Brug eller afgjørende viser sig som dette, førend der er gaaet nogen Tid – dette er just Metamorphosen.

Den, der kun har qvindelig Ungdommelighed ligefrem forstaaet, kan ingen Metamorphose faae, thi qvindelig Ungdommelighed saaledes forstaaet er ikke dialektisk i sig selv, er kun eet Liv, der ikke ved det Dialektiskes Tiltræden kan blive skilt og udsondret, men blot fortæret. Tiden er det Dialektiske, som kommer udenfra, og den fortærer derfor, hurtigt eller langsomt, den udialektiske Ungdommelighed. Men hvor der er eet Liv mere, der vil Tiden, idet den tager Noget af den ligefremme Ungdommelighed, netop gjøre Genialiteten mere aabenbar, og aabenbar i Idealitetens rent æsthetiske Forhold til Ideen. Hun vil naturligvis ikke blive ung igjen i den latterlige Forstand, hvori Slagtersvende og Publicum taler om en satans rask Tøs, men kun i Idealitetens Forstand vil hun blive ung og yngre. Hun er nu ret egenligen Gjenstand for en væsenlig Kritik, nu da hun anden Gang og i anden Potens kommer til at forholde sig til den samme Idee eller nøiagtigere udtrykt, netop fordi det er anden Gang, kommer hun til rent ideelt at forholde sig til Ideen. Sagen er ganske simpel; man kan spørge saaledes: hvilken Indfatning er den væsenligen tilsvarende til en Genialitet, hvis Idee er qvindelig Ungdommelighed. De fleste Mennesker ville desto værre formodenligen svare: det er qvindelig Ungdommelighed eller at være 17 Aar gammel. Men dette er vistnok en Misforstaaelse, som strider mod det Dialektiskes egen Tankegang. Rent ideelt og dialektisk er Fordringen: at Indfatningen, eller det hvori Ideen er, forholder sig til Ideen paa en Afstand fra Ideen. I Forhold til alle Naturbestemmelser gjælder det, at den første Gang er det Høieste, er Culminationen; i Idealitetens Forstand gjælder det, at den anden Gang er det Høieste, thi hvad er Idealitet Andet end just: den anden Gang. Ungdommelighedens Idee som Opgave og det selv at være aldeles ung svare i Idealitetens Forstand ingenlunde correct til hinanden. Forsaavidt uæsthetiske Tilskuere ere af den modsatte Mening, da er det fordi de bedrages af et Sandsebedrag, der forvexler Glæden over Jfr. N. N.'s phænomenale Ungdommelighed med Skuespillerindens væsenlige Idealitet. Lad os tage et andet Exempel. Der er en Lyrik, som man maatte kalde Ungdommelighedens Lyrik; ethvert ungt Menneske, der er *erectoris ingenii*, har lidt af den. Men saa er der et ungt Menneske, der qva Yngling har denne Ungdommelighedens Lyrik, og tillige har en Genialitet, hvis Idee er Ungdommelighedens Lyrik: nu spørges, naar vil han præstere sin bedste Lyrik, mon i det 20de Aar? Ingenlunde. Hans bedste Lyrik vil netop komme i en noget ældre Alder, naar Tiden har taget hans Ungdommeligheds lykkelige Tilfældigheder, saa han nu rent ideelt, og derved tillige i dybere Forstand *tjenende* forholder sig til sin Idee. De, der kun have Sands for hin første Ungdommeligheds lykkelige Tilfældigheder, de mangle æsthetisk Dannelse, og opdage derfor ikke, at dette Lykkelige er det Tilfældige, det Forgængelige, medens Genialiteten og Forholdet til Ideen er det Evige og Væsenlige.

Den betydeligste Opgave, der er sat en Skuespillerinde, som forholder sig til den Idee: qvindelig Ungdommelighed i dennes mest lyriske Potensation, er vistnok Julie i Romeo og Julie. Mon virkeligen nogen Æsthetiker vilde falde paa, at en Skuespillerinde paa 17 Aar kunde spille Julie? Man taler rigtignok trompetende om dette hele Spil af Kræfter, dette

Fyr, denne Ild og dette meget andet Deslige; men man taler egenligen derom i Galleri-Kategorier, og Sligt strækker ikke til for at bedømme en Opfattelse af Julie. Det, Galleriet vil see, er naturligvis ikke en ideal Præstation, en Idealitetens Gjengivelse: Galleriet vil see Jfr. Julie, en satans nydelig og forbandet rask Tøs paa 18 Aar, der leger Julieeller udgiver sig for Julie, medens Galleriet forlystes ved den Tanke, at det er Jfr. N. N. Derfor kan Galleriet naturligvis aldrig faae det i sit Hoved, at en Skuespillerinde netop for at *gjengive* Julie maa væsenligen have en Afstand i Alder fra Julie. Og dog er det saaledes, og hint beundrede Overmaal af Kræfter i det 18de Aar egenligen, æsthetisk, en Misforstaaelse, thi i Idealiteten gjælder det: den bedste Kraft er Bevidstheden og Gjennemsigtigheden, der veed at disponere over de væsenlige Kræfter, vel at mærke i en Idees Tjeneste. Der gives vistnok Opgaver for en Skuespillerinde, i Forhold til hvilke de 18 Aar ere qvod de-sideratur: men disse Opgaver ere netop ikke de eminente Opgaver. Der er Opgaver, hvor dette Overmaal af den første Ungdommeligheds Kræfter, skal benyttes som en yndig Leg. Disse Opgaver kan da en saadan Skuespillerinde overtage, og det kan da betragtes som en skøn, ogsaa betydningsfuld Tidsfordriv, indtil hun bliver saa meget ældre, at hun med de væsenlige Kræfter kan bære de eminente Opgaver. Atfremstille en lille Jomfru paa 16 Aar i et fransk Drama, det vil være den passende Opgave. Men denne flygtige, gækkende Skrøbelighed at løbe med er ogsaa som Intet at regne i Sammenligning med at skulle bære Vægten af Julies intensive Fylde. Det følger af sig selv, at det vilde være Misforstaaelse, at enhver, der engang kunde fremstille en saadan næsten kun skizzeret Figur, derfor ogsaa med Tiden skulde blive istand til at overtage de eminente Opgaver. Nei, langtfr. Men just derfor er det det Sjældne, naar Den, der absolut lykkeligt, bestandigt friskt og forynget dannede sig i de flygtige Bølgepigens lette Skikkelser, naar hun i Tidens Fylde forklarer sig i den eminente Hypostase.

Metamorphosen vil da blive: en, i eminent Forstand, Tilbagevenden til sit Første. Detteskal nu nærmere belyses ved at vise de dialektiske Bestemmelser i Metamorphosen. Tiden er, som sagt, det Dialektiske, der kommer udenfra, men hun var oprindelig dialektisk i sig selv, netop derfor kan hun gjøre Tiden Modstand, saa dens Dialektik kun gjør det Dialektiske i hende aabenbart – i Metamorphosen.

Tiden har gjort sin Ret gjældende; den har taget Noget af den umiddelbare, den første, den ligefremme, den tilfældige Ungdommelighed. Men derved vil Tiden igjen netop gjøre hendes Genialitet væsenligere aabenbar. Hun har tabt i Galleriets Øine, hun har vundet i Idealitetens Forstand. Galleri-Forvexlingernes Tid er forbi; skal hun spille Julie, kan der ikke mere være Tale om at gjøre furore som Jfr. Julie, skal hun spille den, maa det blive en eminent Præstation, eller endnu rigtigere en Præstation i eminent Forstand. Og dette er just Metamorphosen. Haardt mod Haardt hedder det, og saaledes ogsaa her: Dialektik mod Dialektik, saa har Tiden ingen Magt til egenligen at tage, den er kun en tjenende Magt, der tjener til at gjøre aabenbar.

Tiden har gjort sin Ret gjældende; den har taget Noget af hin første Ungdommeligheds lykkelige Tilfældigheder eller tilfældige Lykke, men den har tillige dannende og forædlende udviklet hende, saa hun nu i fuld og bevidst, i erhvervet og indviet Raadighed

over sin væsenlige Kraft i Sandhed kan være sin Idees Tjenerinde, hvilket er det væsenlige æsthetiske Forhold og væsenligen forskjelligt fra det 17de Aars umiddelbare Forhold til den egne Ungdommelighed. Det er dette tjenende Forhold til Ideen, der egenligen er Culminationen, netop denne bevidste Sig-Ydmygen under Ideen er netop Udtrykket for Præstationens eminente Opløftelse. Det 17de Aars Ungdommelighed er meget for knibsk, meget for overmodig, meget for lykkelig til i dybeste, eller, hvilket er det Samme, i høieste Forstand at tjene. Men det, ganske at være tjenende, er Inderligheden; det 17de Aars Inderlighed er væsenlig en Higen ud efter, der i al sin Lykke dog aldrig kan være sikker for en eller anden Tilfældighed; eller hvis det undgaaes, at Tilfældigheden viser sig, maa man dog hver Gang sige: det var en Lykke, thi muligt er det bestandigt. Først i det absolut tjenende Forhold til Ideen er Tilfældigheden absolut gjort umulig.

Tiden har gjort sin Ret gjældende; der er et Noget, som er blevet forbigangent; men da vil igjen en Erindringens Idealitet kaste en høieste Belysning over hele Præstationen, et Incarnat, som end ikke var i hin den første Ungdommeligheds Dage. Kun i Erindringen er der absolut Ro, og derfor just det Eviges stille Brand, dets uforkrænelige Gløden. Og beroliget er hun i sin væsenlige Genialitets Evighed; hun vil ikke barnagtigt eller vemodigt længes efter det Svundnes Blussen, dertil er hun netop i Metamorphosen bleven baade for varm og for rig. Denne rene, beroligede og foryngende Erindren vil som et idealiserende Lys gennemlyse hele Præstationen, der i dette Lys vil være ganske gennemsigtig.

Disse ere Metamorphosens Momenter. Lad os nu blot til Slutning for endnu engang fra en anden Side at belyse dens Eiendommelighed, comparativt med den sammenstille en anden Metamorphose. Vi vælge en kvalitativ forskjellig; just dette vil give Sammenligningen væsenlig Interesse, medens det vil forhindre al nysgjerrig Quantiteten betræffende hvilken der er den rareste osv. Denne anden Metamorphose er Continuerlighedens, hvilken igjen nærmere bestemt er en Proces, en Succession, en stadig Forvandling i Aarene, saa Skuespillerinden, efterhaanden som hun bliver ældre, forandrer Fag, tager ældre Roller, igjen med samme Fuldendthed som hun i en yngre Alder udfyldte yngre. Denne Metamorphose kunde man kalde den ligefremme Perfectibilitet. Den har især ethisk Interesse, og den vil derfor i høi Grad glæde ja ligesom overbevise en Ethiker, der i Kamp for sin Livsanskuelse stolt peger paa et saadant Phænomen, som paa sin Seier, i stille, inderlig Taknemmelighed kalder en saadan Skuespillerinde sin almægtige Allierede, fordi hun, bedre end han, og netop paa eet af de allerfarligste Puncter beviser hans Theori. Den Metamorphose derimod, om hvilken vi have talt, er Potensationens, eller den er en intensivere og intensivere Tilbagevenden til sit Første. Denne Metamorphose vil absolut beskæftige en Æsthetiker, thi Potensationens Dialektik er netop den æsthetisk-metaphysiske Dialektik. Lykkeligere end Archimedes vil han dithyrambisk raabe »heureka«, idet han peger paa Phænomenet; beruset i Beundring og dog ædru i dialektisk Besindighed vil han kun have Øie for dette Eneste, og forstaae det som sit Kald at skaffe Plads, for at det Vidunderlige kan blive seet og beundret just som saadant. – Continuerlighedens Metamorphose vil i Aarenes Løb ligeligt udbrede sig over det væsenlige Omfang af Opgaver indenfor Qvindelighedens Idee; Potensationens vil i Aarenes Løb forholde sig intensivere og intensivere til den samme Idee,

hvilken vel at mærke, æsthetisk forstaaet, er sensu eminentissimo Qvindelighedens Idee. Vil man om den Skuespillerinde, der svarer til Continuerlighedens Metamorphose, sige, at hun, i Idealitetens Forstand, vel bliver ældre, men ikke ældre i Timelighedens Forstand; saa maa man om den anden sige, at hun bliver yngre. Men om dem begge maa der siges, at Tiden ingen Magt har over dem. Der er nemlig een Modstand mod Aarenes Magt, det er Perfectibiliteten, den udfolder sig just i Aarene; og der er en anden Modstand mod Aarenes Magt, det er Potensationen, den bliver netop aabenbar i Aarene. Begge Phænomenere ere væsenlige Sjeldenheder, og begge have de det tilfælles, at de med hvert Aar blive sjeldnere. Netop fordi de ere dialektisk sammensatte, vil ogsaa deres Existens Aar for Aar blive dialektisk; hvert Aar vil gjøre Forsøget paa at bevise sin Sætning om Aarenes Magt, men Perfectibiliteten og Potensationen vil seierligt modbevise Aarenes Sætning. Dette giver atter absolut Ro i Tilskuere, thi det 17de Aars Ungdommelighed er dog skrøbelig, men Perfectibiliteten og Potensationen er den absolute Tilforladelighed.

Maatte det ved denne lille Artikel være lykkedes mig, at bidrage Noget til at gjøre det indlysende, hvor betrygget, trods Aarene, den væsenlige Skuespillerindes Fremtid er, skulde det være mig en kjær Tilfredsstillelse, saa meget mere, som jeg er forvisset om, at der paa saa mange Maader er Misforstand nok i Forhold til den rette Opfattelse af en Skuespillerindes Fremtid, idet den samme Misforstaaelse, der misforstaaet og uæsthetisk overvurderer Begyndelsen, misforstaaet og uæsthetisk seer feil af det Senere, eller rettere af det Høieste.

Sommeren 1847.

Inter et Inter.

KIERKEGAARD, Søren. **Krisen og en Krise i en Skuespillerindes Liv.** In.: Søren Kierkegaards Skrifter. Band 14. København: Søren Kierkegaard Forskningscenteret, 2014.

A crise e uma crise na vida de uma atriz

Søren Kierkegaard

Tradução do dinamarquês:

Lucas Piccinin Lazzaretti

I

A ideia de ser uma atriz, isto é, alguém de destaque, provavelmente desperta de imediato na maioria das pessoas a ideia de uma condição de vida tão encantadora e excelente que os espinhos são com frequência esquecidos: o incrível número de trivialidades, todas as injustiças e mal-entendidos contra os quais, mesmo no momento mais essencial, uma atriz pode ter de lutar.

Imaginemos a condição mais favorável possível; imaginemos uma atriz que possui tudo que é necessário para ser incondicionalmente destacada, imaginemos que ganha o reconhecimento da admiração e que tem a sorte (o que, sem dúvida, representa um êxito tremendo) de não ser o objeto de perseguição de pessoas odiosas: então ela vive, ano após ano, o afortunado objeto de uma admiração apreciativa sempre renovável. Parece glorioso, parece ser mesmo algo; mas quando se olha mais de perto e se vê a moeda com que essa admiração apreciativa é paga, se vê a pobre essência dos gastos triviais que no mundo crítico teatral constituem o fundo *ad usus publicos* [para o uso público] (e é a partir desse fundo que, é claro, a admiração apreciativa é paga), podendo muito bem ser possível que mesmo essa circunstância afortunada seja, para uma atriz, bastante vulgar e miserável. — Se é mesmo como dizem, que o guarda-roupas do Teatro Real deve ser muito caro e valioso, então não há dúvida: o guarda-roupas dos críticos jornalísticos é terrivelmente pobre.

Mas continuemos. A artista admirada segue vivendo anos após ano. Como nas famílias burguesas, sabe com antecedência exatamente o que deve ter para jantar a cada dia, assim como sabe com antecedência exatamente quais são os emolumentos de cada temporada. Duas a três vezes por semana ela será elogiada e admirada, tratada com distinção; já no decurso dos primeiros três meses ela será mais de uma vez analisada pela soma de frases críticas em resenhas de jornais — e por expressões retomadas [*Vendinger*], como com especial ênfase poderiam ser chamadas, já que estas retornam [*vende tilbage*] pelo mesmo caminho. Uma ou duas vezes, em um bom ano três vezes, será louvada por um sujeito decaído ou por um pretenso poeta; seu retrato será pintado a cada exposição de arte; ela será litografada e, se a fortuna muito a favorecer, seu retrato estará em lenços de

bolso e nas copas de chapéus. Ela, enquanto mulher, é zelosa com seu nome – enquanto mulher ela sabe que seu nome está nos lábios de todos, mesmo quando secam a boca com o lenço de bolso, ela sabe que é o objeto de todas as admiradas conversas, mesmo daqueles que estão em extrema agonia para ter algo sobre o que falar. Assim ela vive ano após ano. Parece glorioso, parece ser mesmo algo, mas uma vez que agora ela, no mais nobre sentido, vive do alimento desta admiração, encontra incentivo por meio dela, fortalecendo-se e inflamando-se com isso a cada novo esforço, então mesmo a pessoa mais talentosa, sobretudo por ser mulher, pode ver-se desanimada após uma observação de real apreciação: nesse instante ela saberá o que ela naturalmente já havia sentido, o quão vazio isto tudo é e como é injusto invejá-la por esta glória onerosa.

Enquanto isso passam-se os anos, embora não muitos nesses tempos de curiosidade e impaciência, e logo chegam as conversas de que ela começa a envelhecer, e então – sim, vivemos realmente em países cristãos, mas assim como muitas vezes vemos exemplos suficientes de bestialidade estética, ainda estamos longe de poder afirmar que o desejo canibal dos sacrifícios humanos tenha caído em desuso na cristandade. O mesmo profundo modismo que interruptamente toca o tambor da trivialidade em seu louvor, honrando-a graciosamente com seus címbalos, este mesmo modismo agora se entedia com sua adorada artista, quer que ela vá embora, não quer mais vê-la, e ela deve agradecer a Deus se este não quiser matá-la; o mesmo modismo obteve um novo ídolo de 16 anos e, em homenagem a ela, o antigo ídolo tem de sentir toda a desgraça de sua trivialidade – pois esta é a grande dificuldade que está associada à idolatria, que é quase impensável despedir-se com graça dessa estima. Ou, se este não é o caso, ou se não é tão gritante quanto aquele ora apresentado, então às vezes algo que parece muito melhor acontece, mas, ao fim, este algo é igualmente ruim. A trivialidade está, por força do passado, em um impulso tão bom para com a admiração que é permitido à adorada avançar para uma velocidade final ainda por um tempo mesmo depois de ela, conforme dizem, ter envelhecido. Aparentemente, não há mudanças nas expressões da trivialidade sobre a artista adorada; no entanto, parece surgir uma traiçoeira incerteza de que o elogio de Rosiflengius⁶ possa mostrar-se tão vago em benefício da artista a ponto de soar estranho que ele continue *galantemente* a dizer o mesmo. Mas ser galante com uma artista é o mais alto grau de insolência, uma pegajosa impertinência e a mais repugnante intrusão. Qualquer pessoa que é algo e é essencialmente algo tem a necessidade *eo ipso* de ser reconhecida por esta determinação específica [*Bestemte*], nem mais nem menos. – Se é assim como dizem, que o teatro é um santuário: a profanação ao menos não está longe. Quão oneroso e embaraçoso, aos 16 anos, é suportar na forma de crítica de arte o ajoelhar-se hipócrita e as declarações de amor de velhos

6 Referência ao personagem criado pelo escritor dinamarquês Ludvig Holberg, apresentado na comédia *Det Lyskelige Skibbrudd* (*O Naufrágio Feliz*), de 1731, o qual caracterizava-se por ser um poeta profissional de ocasião que compunha louvores e elogios apenas mediante pagamento. Trata-se de uma caracterização da hipocrisia no âmbito das artes, de modo que o personagem acaba sendo punido ao fim da peça.

carecas ou de resenhistas de sagacidade duvidosa; quão amargo, mais tarde, é suportar a arrogância da galanteria!

Mas por que agora esta desumanidade, que, no entanto, causa tanta injustiça, e até mesmo, crueldade, para com as mulheres a serviço da arte? Por que razão, senão porque a formação estética é tão rara entre as pessoas? A maior parte da crítica de arte das pessoas, com relação às mulheres, tem categorias e maneiras de pensar [*Tankegang*] essencialmente idênticas às de qualquer assistente de açougueiro, oficial da guarda ou balconista, que fala entusiasmado sobre uma amaldiçoadamente linda e diabolicamente atrevida garota de 18 anos. Esses 18 anos, essa amaldiçoada beleza e esse atrevimento diabólico, isto é a crítica de arte – e também sua bestialidade. Por outro lado, lá onde, esteticamente falando, o interesse realmente começa, lá onde o interior com alegria e intensidade revela-se na metamorfose: lá o número de pessoas diminui. Se alguém continua a admirá-la, então pensam que ou se está sendo galante, ou se está sendo gentil; pois quando ela tem apenas 30 anos ela está basicamente *perdue*!

Seria realmente desejável, para o bem das próprias pessoas, que elas não fossem excluídas ou se não excluíssem a si mesmas dos prazeres mais importantes, que este preconceito fosse de fato erradicado. E é realmente um preconceito, sim, um preconceito bestial, pois não é o caso que uma mulher torna-se atriz em seu 18º ano; se for o caso de tornar-se, isto acontecerá em seu 30º ano ou mais tarde, pois atuar em comédias aos 18 anos é visto como algo esteticamente questionável. Começar a admiração pelo segundo período de desenvolvimento está tão longe de ser galante que o oposto é facilmente coquetismo: admirar uma pequena donzela de 16 anos. Eu realmente não acredito que um esteta essencialmente formado pudesse se convencer a fazer de uma atriz de 16 anos o objeto de uma crítica, especialmente se ela fosse muito bonita, etc.; ele indubitavelmente *perhorrescere* [rejeitaria] esta ambiguidade. É verdade que a garota que produziu um furor com 18 anos muitas vezes não se perpetua. Seja como for, neste caso ela não foi essencialmente uma atriz, já que fez um furor no palco no mesmo sentido que uma jovem pode criar um furor no clube de campo [*Venskabelige*]⁸ por um ou dois invernos. Por outro lado, também é verdade que quando a metamorfose é bem-sucedida, não se pode falar em galanteria; pois só então a admiração está, no sentido estético, em seu profundo direito.

Veja, muito foi feito no teatro para garantir o futuro das atrizes: acredito que também seria muito benéfico livrar-se completamente dessa superstição totalmente inestética relativa aos 18 anos a fim de tornar óbvio que a decisão importante ocorreria muito mais tarde – isso também seria uma garantia para o futuro das atrizes. E o assunto em si não tem

7 *Perdida*, no original em francês.

8 Kierkegaard faz uma referência ao clube fundado em 1783 em Copenhague que tinha por nome *Det Venskabelige Selskabe*, o qual servia como um importante ponto de encontro social e onde se realizavam bailes e concertos durante o inverno e também dispunha de um espaço onde os membros podiam ler jornais e revistas, bem como divertir-se com jogos de carta e especialmente com o bilhar.

apenas um interesse estético, mas também um alto grau de interesse psicológico, portanto me surpreende que isto não seja frequentemente tornado um objeto de consideração. O interessante é, com a ajuda da psicologia, ser capaz, de forma puramente estética, de estimar a metamorfose, ou de ser capaz de explicá-la uma vez que tenha ocorrido.

Um pequeno artigo em um jornal, no entanto, não é o lugar adequado para uma investigação mais detalhada que analisa sistematicamente [*gjennemgaaet*] várias ocorrências. Aqui, portanto, eu apenas tento puramente descrever psicológica e esteticamente uma única metamorfose, certamente difícil, mas por isso mesmo bela e significativa. Quanto mais é dado e quanto mais é inserido no primeiro extrato [*Udtræk*], tanto mais difícil é obter um novo extrato, e quanto mais um público fundamentalmente inestético, idólatra e ruidoso tenha conhecimento do primeiro extrato, tanto mais facilmente este público é transformado em uma ansiosa, desconfiada e até mesmo sombria oposição para com a metamorfose. Uma atriz que nunca teve a fortuna de ter a posse definitiva daquilo que encanta e aprisiona o público inestético em tão alto grau pode, talvez, em compensação por isto, ter a fortuna de fazer sua metamorfose em completo silêncio [*Stilhed*]⁹. Isto também é belo, e o é porque ocorre tão silenciosamente, mas também é mais fácil, precisamente porque a transformação silenciosa preliminar à metamorfose não é perseguida pela curiosidade e não é perturbada por mal-entendidos, mas se evade dos arroubos e caprichos do público. O público é, portanto, estranho; quando o tempo, no decurso de 10 anos, por exemplo, tomou a liberdade de tornar a declarada favorita 10 anos mais velha, o público então fica zangado – mas com a favorita.

II

Penso em uma atriz no começo de sua carreira, na felicidade inicial de sua juventude, no instante em que pela primeira vez apareceu e pela primeira vez produziu uma grande felicidade. Sobre isto eu posso com direito falar esteticamente e ter a alegria de fazê-lo, pois esta análise é ideal, já que não lida com uma atriz real de 16 anos que é uma contemporânea. Também por outra razão é esteticamente apropriado retratar essa primeira juventude; pois o objeto real da análise é a metamorfose, de modo que nem no pensamento

9 O termo empregado por Kierkegaard, *Stilhed*, carrega tanto o sentido de “silêncio” quanto o sentido de “permanência” ou “quietude”. Há aqui uma duplicidade de significados proposta pelas veredas conceituais kierkegaardianas: por um lado, o “silêncio” é a oposição evidente ao “falatório” (*at snakke*), este associado à linguagem vazia e à manifestação da massificação; por outro lado, o sentido de “permanência” é oposto ao sentido de certo “devir”, neste texto em especial fazendo referência a uma diferenciação entre um falso devir, que ocorreria em relação à exterioridade e, portanto, ao público, e um “devir autêntico”, que aconteceria precisamente na quietude de certa permanência. É preciso lembrar que este ensaio é a tentativa kierkegaardiana de abordar uma temática estética sob a égide de conceitos fornecidos pelo ponto de vista religioso.

do ensaio sou contemporâneo desta juventude. A descrição do primeiro período é para organizar, é uma recordação poética e filosófica completamente sem pesar; não se debruça sobre este primeiro período, pelo contrário: deste se afasta apressadamente como sempre se faz quando se recorre ao mais elevado, e o autor está esteticamente convencido de que a metamorfose é o mais elevado.

Ela estreia em seu 17º ano. Ela possui algo – sim, o que ela possui é muito difícil de determinar apenas porque é algo indeterminado, que, no entanto, onipotentemente se faz sentir e é incondicionalmente obedecido. A pessoa mais rabugenta e entediante não pode ajudá-lo a resistir, ele deve obedecer; um matemático não pode ajudá-lo ao mostrar-se relutante dizendo “o que isto demonstra?”, ele deve obedecer, ele está no fundo convencido: ergo, ela possui – sim, o que ela possui é muito difícil de determinar apenas porque é algo indeterminado. Que estranho! Usualmente é possível afirmar com precisão o que uma pessoa possui, e, quando isto é possível, pode-se ver até que ponto chega – com aquilo que possui. E, por outro lado, uma jovem atriz que possui esta posse indeterminável faz com que agora morram de fome todos os proprietários!

Ela posse indeterminada está, no entanto, um pouco mais perto de ser determinada: *felicidade* [*Lykke*]; ela está em posse da felicidade¹⁰. Felicidade não significa que ela é afortunada por ter bons amigos e contatos importantes, ou por ter a fortuna de ter sido aceita no teatro em tão bons termos, ou tão afortunada que o diretor e os críticos estejam interessados nela; não, a felicidade significa aqui o que César falou para o capitão quando lhe disse: você carrega a César – e sua felicidade¹¹. Sim, se não fosse para desafiar sua felicidade, ela poderia ousar pôr nos cartazes todas as noites em que atua: Senhorita Fulana e sua felicidade – nesse grau ela está em posse de sua felicidade. Ela tem a felicidade consigo, e já é muito que agrade a essa força onipotente servir como guia de uma jovem; não, a felicidade mesma está a seu dispor. E como não se pode dizer que ela está em posse [*i Besiddelse*] da felicidade, deve ser, então, porque ela está possuída [*er som besat af*] pela felicidade¹² – a ponto de esta segui-la onde quer que vá, em todas as suas ações, no menor movimento de sua mão, em cada canto do olho, em cada balanço de cabeça,

10 Kierkegaard emprega a palavra *Lykke*, que tanto pode significar o sentimento de felicidade quanto pode significar uma boa sorte ou um destino favorável. Optamos por traduzir por “felicidade” a fim de manter precisamente esta ambiguidade que é tanto o elemento de exterioridade – um destino favorável – quanto um elemento de interioridade – a percepção da felicidade.

11 Kierkegaard faz menção, de forma livre, à historietta que conta Plutarco em sua biografia de César sobre a travessia que o ditador romano, disfarçado de escravo, teria feito em um pequeno barco. Em meio a uma tempestade, César teria se voltado para o piloto dizendo, “Meu amigo, coragem, vamos adiante sem temor, pois levas César e a fortuna de César neste barco”. Cf. PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. Trad. Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991-1992.

12 Kierkegaard faz um jogo entre o estar “em posse” (*i Besiddelse*), e o estar “possuído por” (*er som besat af*), valendo-se para tanto de uma noção de posse ambígua que tanto denota o aspecto de propriedade quanto denota uma condição ou uma situação.

em cada giro do corpo, no andar, na voz, nos gestos, a felicidade a segue de tal modo a não permitir que nem por um segundo o crítico de arte veja o que ela faria sem felicidade, mesmo que ele já esteja esteticamente ciente de que o melhor de tudo isso, no entanto, não pertence a ela em nenhum sentido.

Sua posse indeterminada, para determiná-la um pouco mais, significa: *juventude* [*Ungdommelighed*]¹³. Isto não significa a estatística de que exatamente uma semana atrás, na segunda-feira, ela completou 16 anos, nem que ela é uma jovem que em função de sua beleza e de outras coisas é apresentada à vista [*Skue*] e por isso é inadequadamente chamada de *atriz* [*Skuespillerinde*]; não, sua juventude é novamente uma riqueza indeterminada. Em primeiro lugar, é o jogo vital de poder, o qual também pode ser chamado de frescor vital e rica inquietação da juventude, sobre o qual sempre e involuntariamente se fala com parcialidade, como quando dizem que a criança afortunadamente talentosa é a inquietação na família. A inquietação, entendida como o ruído da finitude, rapidamente pode satisfazer, mas a inquietação no sentido do entendimento, a inquietação do infinito, a originalidade feliz e vivaz que, rejuvenescendo, refrescando e curando, agita a água¹⁴, esta é uma enorme raridade e, neste sentido, ela é inquietante. Contudo, essa inquietação significa algo e algo muito grande – significa o primeiro frenesi de um gênio essencial. E essa inquietação não significa nada acidental [*Tilfældig*], não significa que ela não possa ficar parada, pelo contrário, significa que mesmo quando está parada é possível sentir sua inquietação, mas, note-se, em repouso. Isto não significa que ela vem correndo para o palco, ao contrário, significa que enquanto ela simplesmente se move tem-se a percepção da velocidade do infinito. Isto não significa que ela fala tão rápido que não é possível acompanhá-la, pelo contrário, significa que quando ela fala lentamente é possível sentir a expiração e a inspiração. Esta inquietação não significa que ela deva rapidamente se cansar, mas justamente o oposto: revela uma perseverança elementar, como aquela do vento e do som da natureza; ela revela que a malandragem é inesgotavelmente rica, que ela trai-se por possuir muito mais; ela revela que seu coquetismo (e sem o coquetismo essa figura é impensável) não é outra coisa senão uma consciência contente, inocentemente alegre e triunfante de sua indescritível felicidade. Isto não é, portanto, propriamente coquetismo, mas um incentivo a mais para o espectador; garante a confiança do todo e garante a exuberância com absoluta segurança.

Pode-se supor que ter por um lado confiança e por outro lado malandragem, vivacidade, felicidade e juventude são determinações completamente díspares que não pertencem

13 O termo empregado por Kierkegaard tem o sentido de uma plenitude da primeira idade e, ao mesmo tempo, visa indicar o movimento que chega a essa plenitude. Em dinamarquês, “juventude” ou “mocidade” pode ser expressa com o termo *ungdom*, esta compreendendo o período e não o movimento antes indicado. Ao utilizar *Ungdommelighed* o filósofo quer apontar precisamente esta dupla condição de movimento e permanência. Optamos aqui por traduzir por “juventude” para evitar confusões que poderiam advir de escolhas tais como “jovialidade” ou “mocidade”.

14 A referência à agitação das águas relaciona-se com *João 5:2-9*.

ao mesmo grupo. Contudo, está longe de ser esse o caso; elas pertencem absolutamente ao mesmo grupo. Se a malandragem e a vivacidade não são incondicionalmente garantidas por uma confiança absoluta que aqui é suficiente, tanto para ela quanto para uma dúzia de outros, então a apresentação é *eo ipso* lamentável e o desfrute é essencialmente ausente. A inseparabilidade também pode ser reconhecida pela correspondência bastante consistente ao colocar juntas confiabilidade e malandragem, como quando um homem velho, mas ainda vivaz, com todo o amor por uma jovem malandra diz: esta é com certeza uma moça confiável, ele não está dizendo que ela é malandra, mas que ela é confiável, e ainda assim, ao fazê-lo, ele diz que ela é malandra, e isso não é sua invenção, mas ela extrai dele essa afirmação com malandragem.

Pode-se supor que ter por um lado exuberância e por outro lado a certeza absoluta de garantia são determinações díspares que não pertencem ao mesmo grupo e apenas um estúpido poderia querer pô-las juntamente; e, no entanto, elas são inseparáveis e o componente dialético desta composição. É verdade sobre tudo o que é determinação natural e, como tal, algo singular [*Enkelt*] e inequívoco, que isto deve ser absolutamente seguro. Aquilo que é composto pode ter algo que se perde, mas o que é singular é imediato, deve ser absoluto ou, o que é o mesmo, quando é, é absoluto. Uma pequena exuberância é *eo ipso* rejeitada como algo indecoroso. A adequada exuberância, portanto, parece em primeiro lugar, precisamente por sua garantia de segurança absoluta, um efeito de calma para o espectador, porém escapando à atenção da maioria das pessoas, às quais parece que a exuberância é estimulante, o que se aplica apenas à exuberância falsa ou para a pouca exuberância. Tomemos um exemplo do cômico imediato, do humor¹⁵. Quando em uma noite vê-se Rosenkilde¹⁶ entrar em cena como se viesse direto do infinito e com ímpeto, possuído por todos os espíritos do humor, involuntariamente dizemos a nós mesmos à primeira vista, “bem, hoje à noite ele está uma tempestade”¹⁷: então nos sentimos indescritivelmente acalmados. Respiramos para realmente relaxar; sentamo-nos confortavelmente como quem pretende ficar na mesma posição por muito tempo; quase nos arrependemos

15 O trecho no original consta: “af den umiddelbare Comik, af Lune.”. O “cômico imediato” ou o “imediatamente cômico”, então associado com o “humor” [*Lune*] faz referência à influência e ao debate que Kierkegaard travava com alguns estetas de sua época acerca das teorias sobre os gêneros dramáticos, especialmente considerando-se aqui o alvo constante que é Johan Ludvig Heiberg, poeta, filósofo e importante nome do cenário literário dinamarquês que, por sinal, era casado com Johanne Luise Heiberg, a personagem/objeto do ensaio.

16 Christian Niemann Rosenkilde (1786-1861) foi um ator dinamarquês empregado a partir de 1815 pelo Teatro Real, onde atingiu grande sucesso e prestígio ao interpretar papéis cômicos nas comédias de Ludvig Holberg e nas comédias de J. L. Heiberg. Kierkegaard havia iniciado a escrita de um ensaio em homenagem ao ator, em 1847, intitulado *Rosenkilde como Hummer*, mas esse ensaio não foi concluído. Para conferir o texto, ver os *Diários* na entrada [VIII.2 B 72].

17 No original consta: “naa, iaften har han en ordenlig Storm”. Trata-se de uma expressão para alguém que está profundamente bêbado ou que se encontra tomado fortemente por paixões ou, ainda, que está profundamente entusiasmado.

de não ter levado comida, pois a confiança e a segurança que acalma é tão grande que quase nos esquecemos que é só questão de uma hora no teatro. Enquanto rimos e rimos, e em silêncio regozijamo-nos com a exuberância humorística, estamos continuamente calmos, indescritivelmente persuadidos e com o acalanto da garantia absoluta, porque aquele humor produz uma só impressão: isso pode durar o quanto for. E, por outro lado, se um comediante imediato, antes de tudo, não acalma absolutamente, se houver uma migalha de angústia no espectador sobre quanto se estenderá a comédia: então o prazer está essencialmente perdido. Diz-se que um comediante deve ser capaz de fazer os espectadores rirem, mas talvez se deva dizer que ele deve, em primeiro lugar, ser capaz de acalmá-los, e então o riso vem por si próprio; pois o riso genuíno, este riso vindo do fundo do coração, não irrompe por um estímulo, mas apenas em função do acalmar-se. Assim é também com a exuberância: esta deve, em primeiro lugar e acima de tudo, acalmar-se com absoluta garantia, isto é: se está verdadeiramente presente em uma atriz, então isto deve parecer ser absolutamente apaziguador. É nesta calma, induzida pela calma absoluta e pela garantia, que o espectador por sua vez se rende – em exuberância. Veja, aqui novamente: exuberância e calma parecem uma composição estranha, e dizer que a exuberância é confiável é um discurso estranho; e, no entanto, é a correta e única nova expressão para a malandragem, pois a exuberância acalentadora é apenas uma malandragem.

Sua posse indeterminada, para se estar mais perto de determiná-la, significa ainda mais: *plenitude da alma* [*Sjælfuldhed*], que na atmosfera da paixão imediata ela está em concordância com ideias e pensamentos; que sua interioridade irrefletida está essencialmente de acordo com a idealidade; que todo toque de pensamento ou ideia faz soar uma nota e faz soar uma reverberação completa; que ela é uma sensibilidade específica e original. Assim, ela confia com toda sua alma nas palavras do autor; mas para consigo mesma ela confia em algo mais que pode ser chamado propriamente de ressonância [*Klangen*] em relação à réplica, e de harmonia [*Samklangen*] em relação a toda figura [*Skikkelser*]. Ela não simplesmente toma as palavras corretamente da boca do autor, mas devolve-as de tal forma que em seu cossoar de malandragem [*Skjalmeriets Medlyden*], em seu coconhecimento da engenhosidade [*Snildets Medviden*] é como se dissesse: você pode fazer o mesmo que eu faço?

Sua posse indeterminada significa, finalmente: *que ela está em uma relação adequada para com a tensão cênica*. Qualquer tensão pode – esta é a dialética da própria dialética – trabalhar de maneira dupla; ela pode tornar o esforço manifesto, mas também pode fazer o contrário; por ocultar o esforço, e não apenas ocultá-lo, mas continuamente convertê-lo, transformá-lo e explicá-lo em leveza. A leveza é então invisível no esforço de tensão, mas isto não é visto, não é conhecido, apenas a leveza é revelada. Um peso pode pressionar algo para baixo, mas pode também inversamente esconder que está pressionando algo para baixo e então expressar a pressão pelo oposto, levantando algo. Fala-se coloquialmente em fazer-se leve por lançar fora os fardos, e essa consideração é a base de todas as visões-de-vida [*Livsanskuelser*] triviais. No sentido mais elevado, poético e filosófico, é o oposto: tornamo-nos leves com a ajuda de – peso, elevamo-nos altos e livres com a ajuda de – pressão. Os corpos celestes, dessa maneira, flutuam com a ajuda de um grande peso;

o pássaro voa com a ajuda de um grande peso; o leve pairar da fé se dá pela ajuda de um peso enorme; a mais crescente elevação da esperança se dá precisamente por ajuda da dificuldade e da pressão das tribulações. Mas a ilusão cênica e o peso de todos os olhos são uma pressão enorme colocada sobre uma pessoa; portanto, onde essa feliz relação está faltando, nem ao menos a capacidade adquirida em alto nível será suficientemente capaz de esconder o peso do fardo, mas onde há essa feliz relação, o peso do fardo se transforma em leveza. Assim o é com a jovem atriz; na tensão da cena ela está em seu elemento, precisamente ali ela é leve como um pássaro, de tal modo que o peso lhe dá leveza e a pressão lhe dá o impulso para uma elevação. Não há traço de angústia; nos bastidores ela talvez esteja angustiada, mas no palco ela é feliz e leve como um pássaro que ganhou sua liberdade, pois é agora, sob pressão, que ela é livre e ganhou sua liberdade. Aquilo que em casa, no momento de estudo, aquilo que nos bastidores parece angústia, isto não é impotência, mas o contrário, é elasticidade, que a angustia porque ela não tem peso sobre si; na tensão teatral essa angústia transforma-se em potenciação [*Potensation*]. É de todo uma consideração muito limitada assumir que um artista e uma artista não devam angustiar-se e, acima de tudo, que é um medíocre sinal do grande artista que ele não esteja angustiado. Quanto mais força ele tem, maior é a sua angústia, contanto que ele esteja do lado de fora da tensão que corresponde exatamente aos seus poderes. Se em uma personificação a força da natureza que suporta os corpos celestes é pensada fora de sua tarefa, na esperança de assim a superar: então esta estaria em uma angústia mortal, e apenas no instante em que fora sobrecarregada seria despreocupada e leve. Portanto, é um dos maiores sofrimentos para uma pessoa ter uma grande elasticidade em relação à tensão do pequeno mundo em que vive, pois esse infeliz nunca se sentirá muito livre só porque não pode ganhar peso suficiente sobre si mesmo. O caso é apenas que a angústia acerta de forma absolutamente correta, de tal forma que em relação ao artista cênico ela está sempre fora do palco, nunca no palco, como sói acontecer com aquele que é angustiado fora do palco.

Essa *posse determinada* é naturalmente fácil de indicar. Ela não só tem uma graça natural, mas também é bem formada; como uma força auxiliar, ela tem o máximo que uma dançarina faz para ter. Sua dicção é correta e precisa, sua voz não é mal-usada, mas é cultivada, sem ser estridente, sem um hiato ela completa e distintamente determina a palavra, a qual não mantém consigo nem para si, mas tampouco a projeta sem controle; ela articula muito bem, mesmo quando sussurra; ela sabe usar a voz e, acima de tudo – o que felizmente beneficia as suas pré-qualificações –, sabe como usá-la nos insignificantes e descontraídos desvios das réplicas conversacionais.

Ela então faz a sua estreia aos 17 anos. Sua performance é, naturalmente, um triunfo; e ao mesmo tempo sua vida transforma-se em uma questão nacional. Como a filha do regimento é considerada a filha de todo regimento¹⁸, então ela torna-se a filha da

18 Trata-se de uma referência à ópera cômica em dois atos, *A filha do Regimento* [*La fille du régiment*], de Gaetano Donizetti, com libreto de Georges Henri Vernoy de Saint-Georges e Jean-François Bayard.

nação. A mera primeira visão dela é suficiente para garantir a todos o quão difícil é encontrar um exemplo do afortunado talento feminino em cada geração. Torna-se, assim, um dever nacional admirar e uma preocupação comum cuidar desta rara planta, *ail*, e se não pode ser chamado um dever, então torna-se, enquanto uma questão de fraqueza humana, um interesse de curiosidade ver quanto tempo ela pode durar. Sim, a alegria humana em relação à raridade é estranha, quase no primeiro e mais alto instante de alegria o assassinato da curiosidade começa. Não se trata de ciúme, longe disso; é um tipo de confusão na admiração, que por assim dizer não sabe o que fazer de tanto júbilo até que, por certo, no primeiro ano desenvolve essa tensão assassina que, por pura admiração, admira quase que de forma suspeita.

Para mais uma vez relembrar o que foi frequentemente apresentado: se um verdadeiro esteta vivesse naquele tempo e este fosse encorajado a tentar avaliar criticamente essa atriz ou sua performance, então ele provavelmente diria: não, o tempo dela ainda não veio realmente.

III

Já se passaram 14 anos, ela está agora com 31. Ao longo desses anos ela tem sido objeto daquele sempre admirável reconhecimento. Deixe-me sugerir essa passagem do tempo usando este espaço para algumas considerações. Não nos deixemos enganar, com base em aparências, pela soma total de acidentes e assim não nos deixemos invejar injustamente sua admiração; consideremos, pelo contrário, quanta confusão interfere com a constante revisão desse trivial reconhecimento; e, acima de tudo, não nos esqueçamos o que implica e o que significa que nos últimos 14 anos tenha se tornado um hábito para os seus contemporâneos admirá-la e, se queremos considerar corretamente, não esqueçamos, de forma injusta para com ela, de subtrair isto da pressuposta glória da admiração. Ah, quão raramente se encontra uma pessoa, para não falar de uma geração [*Samtid*], que não recaia na fraude do hábito, então mesmo que a expressão não tenha mudado, esta expressão inalterada tornou-se no entanto outra coisa através do hábito, e no entanto esta igualdade textual agora soa demasiado fraca, demasiado mecânica, demasiado monótona, ainda que se diga a mesma coisa. Ah, no mundo muito se fala sobre sedutores e seduções: mas quantos são aqueles que enganam-se a si mesmos por meio do hábito, de forma a parecerem inalterados ainda que estejam emaciados em sua humanidade interior [*indvortes Menneske*]; e assim amam as mesmas pessoas, amam-nas, mas sem força e debilmente; e assim usam as mesmas sentidas expressões, mas fracamente, impotentemente e tão desalmadamente [*afsjælet*]. Se um rei quisesse visitar uma pobre família – sim, esta se sentiria excelente, orgulhosa, quase esmagada por sua própria felicidade; mas se a Majestade quisesse visitar a mesma família todos os dias, quanto tempo demoraria até que o rei tivesse de fazer um esforço para encontrar o sentido pelo qual visitava a família, que permaneceu inalterada e, no entanto, continuou por hábito a dizer: nós agradecemos pela grande honra. De todos

os sofistas, o tempo é o mais perigoso, de todos os perigosos sofistas, o hábito é o mais astuto. Que alguém mude pouco a pouco ao longo dos anos já é algo difícil de perceber; mas a fraude do hábito é que a pessoa é a mesma, inalterada, que diz a mesma coisa, inalterada, e ao mesmo tempo está mudada e ainda assim o diz, mudada.

Precisamente por esta razão, toda inútil [*unyttige*] verdade, isto é, as servas altruístas [*uegennyttige*] da verdade, cuja vida é uma luta com os sofismas da existência [*Tilvarelsens Sophisme*], cuja preocupação não é como obter o melhor para si mesmas, mas como verdadeiramente ganhar a verdade e na verdade beneficiar as pessoas: elas já sabem como fazer uso das ilusões – para testar as pessoas. Quando, assim, um homem distinto vive muito recluso, quando aparece apenas raramente, as pessoas não são mal-acostumadas por vê-lo. Contudo, ali se desenvolve um excelente, *si placet* [se quiser], expediente de ilusão: que este homem distinto deva ser alguém extraordinário; e é por que as pessoas sabem avaliar as suas excelentes qualidades?; ah, não – é porque o veem tão raramente que essa visão rara produz um efeito fantástico. Que isto pode ser feito é uma experiência antiga; o método, magistralmente expresso por Shakespeare no encargo do Henrique IV ao Príncipe Henrique¹⁹, tem sido usado por uma numerosa multidão de reis, imperadores, clérigos, jesuítas, diplomatas, cabeças inteligentes, etc., entre os quais sem dúvida havia muitos homens excelentes, muitos que queriam servir à verdade, mas todos concordaram que trabalhariam com a ajuda de uma ilusão, fosse para beneficiarem-se eles mesmos, certificando-se do estupor da multidão, ou também porque pensavam sagazmente em obter para a verdade uma disseminação mais ampla com a ajuda de – uma ilusão. Contudo, os servos incondicionalmente altruístas da verdade sempre tiveram a habilidade de estar presentes entre as pessoas, nunca brincaram de esconde-esconde com a multidão a fim de recrear-se com um jogo de adivinhação [*Forundringslegen*] quando, em raras ocasiões, acabam por ser o objeto surpreendente de espanto²⁰, pelo contrário, eles sempre mostraram-se em roupas do dia a dia, vivendo com o homem comum, falando pelas ruas e vielas, renunciando a toda estima – pois quando a multidão vê um homem todos os dias, a multidão pensa assim: é só isso? Ah, sim, “*mundus vult decipi*” [o mundo quer ser enganado], mas as testemunhas altruístas da verdade nunca quiseram entrar nessa ilusão, nunca quiseram ir com a multidão para a parte seguinte:

19 Trata-se de uma referência à peça histórica *Henrique IV* de Shakespeare, especificamente tratando-se de uma passagem presente na segunda cena do terceiro ato (versos 39-59), quando o rei Henrique ensina ao seu filho, o príncipe Henrique de Gales, sobre o expediente da ausência. Cf. SHAKESPEARE, William. *King Henry the Fourth*, I, III, 2, 39-59.

20 Kierkegaard faz um jogo com a palavra *forundring*, que tem o sentido de “espanto” e que está na raiz do termo “jogo de espanto” (*Forundringslegen*). Trata-se de um jogo em que uma pessoa vendada se senta em um banquinho no centro de um círculo enquanto outro participante anda e pergunta de forma discreta aos integrantes do círculo o que eles pensam sobre a pessoa do centro. Ao ouvir as respostas o jogador vendado tem de adivinhar quem emitiu cada juízo sobre sua pessoa com base em sua intuição. Em decorrência da natureza do jogo, o termo “sentado no banco admirador” [*at sidde på forundrings stolen*] tem o sentido de “estar exposto” à crítica alheia e aos olhos de todos.

“*decipiatur ergo*” [então engane]; pelo contrário, eles enganaram fazendo o oposto, isto é, eles julgaram o mundo por parecerem insignificantes.

Se um autor que não tem um fundo substancial de ideias e que também não é muito industrioso em algum momento publica, de vez em quando, um livro de caligrafia decorado, extremamente ornado e elegantemente guarnecido com muitas folhas em branco; a multidão assim olha para este fenômeno elegante com espanto e admiração e pensa que se demorou tanto para escrevê-lo e se há tão pouco na página, então deve ser algo extraordinário. Se, por outro lado, um autor pleno de ideias, que tem o pensar para além da ornamentação e do lucrar com a ilusão, extenuando-se com cada vez mais diligência, vê-se capaz de trabalhar com uma velocidade incomum, então a multidão com isso se acostuma e pensa: isto deve ser desleixado. Pois, é claro, a multidão não pode julgar se algo está bem feito ou não, ela fica apegada à – ilusão. Se um pastor, como por exemplo o tão dotado Capelão de Berlim recém-falecido, Theremin²¹, prega apenas a cada oitavo domingo, ou mesmo a cada décimo segundo, mas o faz na presença mais elevada da majestade e de toda a casa real: então isso imediatamente faz nascer uma ilusão com relação ao Pregador da Corte [*Oberhofpredikant*]. Ele se torna – sim, em verdade ele naturalmente se torna aquilo que ele realmente é: um homem altamente dotado, mas aos olhos da multidão ele se torna, além de ser o Pregador da Corte, um Pregador da Cidade [*Stadspredikant*] ou um imponente [*stadselig*] Pregador da Corte, algo imponente, algo como a carruagem dourada do rei que se vê maravilhado algumas vezes por ano. A multidão ficará espantada: em sua sabedoria pensará assim: se alguém passa 3 meses sozinho para preparar uma pregação e para aprendê-la de cor, ele deve realmente ser alguém extraordinário. Veja, a aglomeração seria tão grande para com aqueles curiosos e tão esperados oitavos ou décimo segundos domingos que o Pregador da Corte dificilmente chegaria ao púlpito – se pregasse apenas uma vez por ano a aglomeração seria tão grande que ele não seria capaz de descer do púlpito, ou sacristãos armados e policiais seriam necessários para permitir a entrada e a saída do mais venerável Pregador da Corte. Tão grande seria a aglomeração, e se acontecesse de alguém perder a vida na aglomeração, então a aglomeração tornar-se-ia ainda maior na próxima vez, pois se aplica não apenas em relação à verdade, mas também em relação à curiosidade: “*sanguis martyrum est semen ecclesia*” [o sangue dos mártires é a semente da igreja]²².

21 Ludwig Friedrich Franz Theremin (1780-1846) foi um sacerdote alemão que lecionou na Universidade de Berlim. Em seus últimos anos, Theremin, embora famoso por seus sermões e pregações, já não os fazia com muita frequência, de modo que o público recebia com entusiasmo os momentos em que se dispunha a pregar. Faleceu em 1846, pouco tempo antes de Kierkegaard iniciar a redação deste ensaio, de modo que a referência era conhecida por seus contemporâneos.

22 A máxima cristã é derivada de uma sentença escrita por Tertuliano em seu *Apologeticus adversus gentes pro christianis*, onde consta: “Plures efficimur, quotiens metimur a vobis: semen est sanguis Christianorum” [Tornamo-nos mais numerosos conforme somos ceifados por vós: a semente é o sangue dos cristãos]. Kierkegaard possuía em sua biblioteca uma edição das obras de Tertuliano em latim publicada em Leipzig.

E agora uma atriz que tem sido constante objeto de admiração por 14 anos. Ela agora foi vista muitas vezes e as pessoas adormeceram nesta admiração; sabe-se, por certo, que ela permanece no país – pois se fosse uma dessas que viajam pela Europa, no entanto, poderia ainda ter sua esperança pela assistência da ilusão; sabe-se, por certo, que ela deve ficar na cidade, porque na Dinamarca há apenas uma cidade e um teatro; sabe-se, por certo, que ela deve atuar, pois está sob um contrato; muitas pessoas, apesar da admiração, talvez sejam rudes o suficiente para estarem cientes de que ela *precisa* atuar porque esse é o seu meio de vida; sabe-se, por certo, que é possível vê-la geralmente duas vezes por semana. Não é preciso dizer que continua a ser admirada; mas quantos contemporâneos são igualmente capazes de preservar a vigilância da interioridade e da apreciação de modo que, no 14º ano de admiração, ainda possam vê-la com a mesma originalidade, com a mesma originalidade que ela preserva! Não, a humanidade se parece, nestes casos, com as crianças na feira da praça²³ que, ao perceber que têm algo e que são autorizadas a mantê-lo, tornam-se ingratas e, se não exatamente ingratas, então ao menos indolentes no hábito da admiração. A ninguém, portanto, as pessoas são tão ingratas quanto a Deus, precisamente porque têm uma preguiçosa impressão de que é sempre possível tê-lo – ah, ele não pode, nem morrendo, fazê-los sentir o que perderam. Ah, admiração humana, quão completamente vaidosa você é, mesmo quando julga ser constante [*at være stadig*]!

Não há nenhuma mudança, então, na expressão da admiração e do reconhecimento, apenas na entonação; o *spiritus asper* [espírito áspero] da primeira impressão abrandou-se no fraco aspirar de uma admiração relutante e perecível. As ações da atriz permanecem inalteradas na cotação de preços, mas não de maneira tão rígida; uma insidiosa, angustiante e fundamentalmente bem-intencionada, mas em sua curiosidade ainda traiçoeira reflexão começa a sussurrar que ela está envelhecendo. Ninguém vai admitir, mas é dito, e ainda assim ninguém vai admitir tê-lo dito. Precisamente porque sua existência tem sido uma questão nacional, a tensão do constrangimento é mais dolorosa. Deseja-se o bem para ela (não pretendemos nos deter sobre o papel que a inveja de indivíduos singulares pode ter na origem de tal opinião); as pessoas estão realmente zangadas com o tempo, que fará com que ela fique mais velha agora que todos já se acostumaram, graças ao hábito da admiração, a pensar que deveria sempre ter 18 anos de idade; e no entanto não conseguem acalmar-se em relação a esse pensamento de que ela envelhece. Ninguém pensa no grau da ingratidão com que tornam mais e mais difícil essa metamorfose, no grau da ingratidão com que a recompensam por transformar a memória em oposição no instante decisivo – e ninguém pensa na possibilidade de que todo esse galimatias²⁴ esteja fora de lugar, ao menos esteticamente, já que precisamente com a metamorfose seu tempo verdadeiro [*Tidsregning ref*] propriamente começará.

23 Referência à passagem bíblica encontrada em Mateus 11:16-17.

24 *Galimatias*, no original; trata-se de um discurso enredado e confuso, cujo sentido não se pode captar.

IV

(Último Artigo)

Então agora para a metamorfose. O que constituía essa atriz não era o que se chamaria de juventude feminina. Assim sendo, essa juventude é uma presa dos anos; por mais amoroso, por mais cuidadoso que o tempo seja ao levá-la embora, ainda assim leva embora tudo aquilo que é temporário. Mas nessa atriz havia um gênio essencial que estava relacionado a essa ideia: juventude feminina. Esta é uma ideia, e uma ideia é algo bem diferente da exterioridade [*Phänomenale sein*] de se ter 17 anos de idade, que é também o caso da menina mais sem-ideia [*ideelose*] que chega aos 17 anos de idade. Se essa relação de genialidade com a ideia não tivesse ocorrido, não se poderia falar em metamorfose; mas precisamente porque este é o caso, e a ideia é o que é, a metamorfose pode tornar-se uma raridade. Como a natureza, por sua previsão e por sua recordação retrospectiva, que os cientistas da natureza chamam de prometeico e epimeteico²⁵, e que preserva a sua continuidade: assim também com relação ao espírito as coisas que devem servir para constituir a metamorfose devem estar presentes desde o início, embora não sejam decisivamente usadas ou não se manifestem decisivamente antes que algum tempo tenha passado – isto é precisamente a metamorfose.

Aquela que tem a juventude feminina apenas em uma compreensão simples não pode ter a metamorfose, porque a juventude feminina nessa compreensão não é intrinsecamente dialética, é apenas uma vida que, pela ocorrência da dialética, não pode ser dividida e isolada, mas simplesmente consumida. O tempo é a dialética que vem de fora e, portanto, consome rapidamente ou lentamente a juventude não-dialética. Mas onde há uma vida a mais, ali o tempo, tirando um pouco da simples juventude, torna a genialidade mais manifesta, e manifesta na relação puramente estética da idealidade com o ideal. Claro, ela não será jovem novamente no sentido ridículo que o assistente de açougueiro e o público falam sobre uma diabolicamente atrevida garota, mas apenas no sentido da idealidade ela será mais e mais jovem. Ela agora é apropriadamente o objeto para uma crítica essencial, agora que, pela segunda vez e em uma segunda potência, relaciona-se com a mesma ideia ou, dito de forma mais precisa, justamente porque é a segunda vez que ela se relaciona de forma puramente ideal com a ideia. O caso é bem simples; pode-se perguntar, então: que moldura

25 Kierkegaard faz um jogo com as duas características atribuídas à natureza e o nome dos dois titãs gregos. A característica de previsão, em dinamarquês *fremsynthed*, estaria relacionada com Prometeu, cuja etimologia do nome corresponde a uma “ante-visão”, Προμηθεύς, enquanto a característica da recordação retrospectiva, em dinamarquês *erindrende tilbageseen*, estaria relacionada com Epimeteu, cuja etimologia do nome corresponde a um “pós-ver”, ou pensar depois, Επιμηθεύς. Kierkegaard retira essa imagem e comparação de cunho científico-natural do livro do médico alemão Carl Gustav Carus, *Psyche. Zur Entwicklungsgeschichte der Seele* [Psique. Para uma história do desenvolvimento da alma], o qual constava em sua biblioteca.

corresponde essencialmente a um gênio cuja ideia é a juventude feminina? A maioria das pessoas, infelizmente, provavelmente responderia: é a juventude feminina ou ter 17 anos de idade. Mas esse é certamente um mal-entendido que conflita com a própria mentalidade da dialética [*Dialektiskes egen Tankegang*]. O puro ideal e o dialético são requeridos: que a moldura ou o lugar onde a ideia se encontra relacione-se com a ideia a uma certa distância da ideia. Em relação a todas as determinações da natureza, é verdade que a primeira vez é a mais elevada, é a culminação; no sentido da idealidade é verdade que a segunda vez é a mais elevada, pois o que é o ideal, senão precisamente isto: a segunda vez? A ideia de juventude como uma tarefa e o ser muito jovem certamente não correspondem corretamente um com o outro na compreensão da idealidade. Uma vez que os espectadores inestéticos são de opinião oposta, isto se dá porque são enganados por uma ilusão que confunde a alegria para com a juventude exterior da Srta. Fulana com a idealidade essencial da atriz. Vamos dar outro exemplo. Há um lirismo que deve ser chamado de lirismo da juventude; toda pessoa jovem *erectionis ingenii* [intelectualmente dotado] tem um pouco disso. Mas um jovem que tem a juventude *qua* juventude tem esse lirismo da juventude e tem também gênio, cuja ideia é o lirismo da juventude: agora perguntemos, quando ele realizará o seu melhor lirismo, com seus 20 anos? De maneira nenhuma. Seu melhor lirismo virá em uma idade um pouco mais avançada, quando o tempo tomar os felizes acidentes de sua juventude, já em relação de pura idealidade e, assim, em um sentido profundo, *ao servir*, ele se relaciona com a ideia. Aqueles que têm uma percepção apenas sobre a primeira felicidade juvenil carecem de formação estética e, portanto, não descobrem que essa felicidade é o acidente e o perecível, enquanto o gênio e a relação com a ideia são o eterno e o essencial.

A tarefa mais importante que é posta para uma atriz que se relaciona com a ideia de juventude feminina em sua potência mais rica é provavelmente a de Julieta em *Romeu e Julieta*. Será que realmente ocorreria a algum esteta que uma atriz de 17 anos pudesse interpretar Julieta? Fala-se, é verdade, tremendamente sobre todo esse jogo de forças, esta chama, este fogo e de muitas outras coisas semelhantes; mas fala-se propriamente disso em categorias de galeria [*Galleri-Kategorier*]²⁶, e tais categorias não são suficientes para julgar uma concepção de Julieta. O que a galeria quer ver, é claro, não é uma performance ideal, uma representação da idealidade: a galeria quer ver a Srta. Julieta, uma diabolicamente linda e amaldiçoadamente atrevida garota de 18 anos que interpreta Julieta ou que se passa por Julieta, enquanto a galeria se entretém por pensar que é a Srta. Fulana. Portanto, a galeria naturalmente nunca consegue ter em mente que uma atriz, para *representar* Julieta, deve essencialmente ter uma distância de idade de Julieta. E no entanto é assim, e aquela

26 Em dinamarquês a expressão “*spil for galleriet*”, que poderia ser traduzido literalmente por “atuar para a galeria”, tem a conotação de uma apresentação ou uma performance hipócrita ou forçada que serve apenas para agradar às pessoas que se encontram nas galerias, ou seja, aqueles lugares que eram considerados menos prestigiados porque eram comumente ocupados por pessoas com menor capacidade aquisitiva, dado o menor valor dos ingressos. Em suma, trata-se de uma expressão no sentido de agradar ao público geral ou a massa. Categorias de galeria são, portanto, baseadas sob esta conotação específica.

admirada abundância de forças no 18º ano é realmente, esteticamente, um mal-entendido, pois no ideal a melhor força é a consciência e a transparência que sabe como dispor das forças essenciais – mas, note-se bem, a serviço de uma ideia. Certamente há tarefas dadas a uma atriz em relação às quais os 18 anos são *quod desideratur* [o que é desejado]: mas essas tarefas não são exatamente as tarefas eminentes. Há tarefas em que essa força esmagadora da primeira juventude deve ser usada como um adorável jogo. Estas tarefas podem ser assumidas por tal atriz, e estas então podem ser consideradas como um belo e também significativo passatempo até que ela se torne mais velha e, com as forças essenciais, possa realizar as tarefas eminentes. Representar uma pequena senhorita de 16 anos em um drama francês, essa será a tarefa apropriada²⁷. Mas suportar essa fragilidade volátil e enganosa é também nada em comparação com suportar o peso da intensa profundidade de Julieta. É evidente que seria um mal-entendido pensar que qualquer pessoa capaz de representar uma figura quase que esboçada apenas com o passar do tempo seria capaz de assumir as tarefas eminentes. Não, longe disso. Mas é precisamente por isso raro quando aquela que, absolutamente feliz, continuamente revigorada e rejuvenescida, formada nas leves figuras das ninfas flutuantes²⁸, quando na plenitude do tempo transforma-se na hipóstase eminente.

A metamorfose tornar-se-á, então, em um sentido eminente, no retorno ao seu primeiro estado. Isso será agora mais bem elucidado ao se indicarem as determinações dialéticas na metamorfose. O tempo é, como se diz, a dialética que vem de fora, mas ela era originalmente dialética em si mesma, precisamente por isso ela pode resistir ao tempo, por isso a dialética do tempo só torna evidente a dialética que há nela – na metamorfose.

O tempo tornou seu direito aplicável; ele mitigou algo do imediato, do primeiro, do simplório, da juventude accidental. Mas a essa altura o tempo por sua vez tornará sua genialidade mais essencialmente manifesta. Ela perdeu-se para os olhos da galeria, mas

27 Kierkegaard faz referência às apresentações que fez Johanne Luise Heiberg da peça *Les Premières Amours, ou Les Souvenirs d'enfance*, de Eugène Scribe, em 1831, na qual interpretava a personagem Emmeline. Quando estreou neste papel, em 10 de junho de 1831, a atriz tinha então 18 anos, tendo atuado na peça dezenas de vezes, sendo sua última apresentação em 1837. Kierkegaard já havia tecido comentários sobre essa apresentação no trecho de *O Primeiro Amor*, presente na primeira parte de *Enten-Eller* [*Ou isso... ou aquilo...*]. O elogio, anteriormente, se devia à capacidade de encanto e sedução daquela jovem atriz, tom que se adaptava ao âmbito puramente estético daqueles textos. Ao fazer referência ao seu próprio comentário anterior, Kierkegaard está demarcando a diferença essencial no tratamento dado à análise da “tarefa da atriz”, como ele mesmo indica.

28 No original em dinamarquês: “*de flygtige Bolgepigens lette Skikkelser*”. Faz-se uma referência às figuras mitológicas conhecidas como as nove filhas do deus do mar, Æger (também conhecido como Gymir), e sua esposa Ran. Segundo o mito, as jovens nadam no oceano ao redor de sua mãe e emergem das ondas adornadas em um véu branco. Estão presentes tanto na *Edda Poética* quanto na *Edda em Prosa*, sendo que nesta última aparecem como uma forma de referir-se ao mar na seção *Skáldskaparmál*. Não é raro que Kierkegaard faça uso dessas figuras poéticas, tanto da mitologia nórdica quanto da mitologia greco-romana e daquela própria do cristianismo para explicitar um ponto que, dito de outra maneira, perderia tanto a potência expressiva quanto a plenitude do sentido.

ganhou no sentido da idealidade. O tempo das confusões da galeria acabou; se ela interpretar Julieta, não se pode mais falar em criar um *furore* como Srta. Julieta; se ela vai interpretá-la, deve ser uma performance eminente, ou, ainda mais corretamente, uma performance no sentido eminente. E isto é precisamente a metamorfose. Dureza contra dureza, como dizem, e também aqui: dialética contra dialética, então o tempo não tem o poder para realmente mitigar, ele é apenas um servo do poder que serve para tornar manifesto.

O tempo tornou seu direito aplicável; ele levou algo daqueles primeiros acidentes felizes ou daquela felicidade accidental da juventude, mas também, formando e refinando, desenvolveu-a, assim que ela agora, plena e conscientemente, na capacidade adquirida e alcançada sobre sua força essencial, pode ser verdadeiramente a serva de sua própria verdade, que é a relação essencialmente estética e essencialmente diferente da relação imediata que aquela de 17 anos tinha com sua própria juventude. Esta é relação de servidão com a ideia, que é propriamente a culminação, esta consciente autossubmissão à ideia é precisamente a expressão da eminente elevação da performance. A juventude dos 17 anos é demasiado recatada, demasiado autoconfiante, demasiado feliz para servir no mais profundo ou, o que dá no mesmo, no mais elevado sentido. Mas isto, de servir totalmente, é o arrebatamento; o arrebatamento de alguém com 17 anos é essencialmente um ansiar para fora, que em toda a sua felicidade nunca pode estar seguro diante de um ou outro accidental; ou, se for evitado que o accidental apareça, é preciso dizer sempre: isto foi uma felicidade, porque isto é sempre possível. Somente na relação absoluta com a ideia é que o accidental é tornado absolutamente impossível.

O tempo tornou seu direito aplicável; há algo que se acabou; mas então uma idealidade de lembrança lançará uma luz mais elevada sobre toda a performance, uma encarnação que não estava presente mesmo nos dias da primeira juventude. Apenas na lembrança há absoluta calma e, portanto, apenas o fogo silencioso do eterno é o seu brilho inquebrantável. E ela tranquilizou-se na eternidade de sua genialidade essencial; não quer, infantilmente ou lamentavelmente, ansiar pelo incandescer daquilo que se esvai, porque na metamorfose tornou-se demasiado quente e demasiado rica para tanto. Essa lembrança pura, reconfortante e rejuvenescedora passará, como uma luz idealizadora, por toda a performance, que nesta iluminação será completamente transparente.

Esses são os momentos da metamorfose. Agora, mais uma vez, para iluminar sua peculiaridade por outro lado, vamos concluir, comparativamente, justapondo outra metamorfose. Nós escolhemos uma que é qualitativamente diferente; isso dará à comparação um interesse real, enquanto evitará que todos os curiosos fiquem quantificando qual é a mais rara, etc. Esta segunda metamorfose é aquela da continuidade, a qual, por sua vez, mais precisamente determinada, é um processo, uma sucessão, uma transformação constante ao longo dos anos, para que a atriz, à medida que envelhece, mude de tema, assuma papéis mais velhos novamente com a mesma perfeição que em uma idade mais jovem preencheu papéis mais jovens. Esta metamorfose poderia ser chamada simplesmente de perfectibilidade. É de particular interesse ético e será em grande medida agradável e

convincente para um ético que na batalha por sua visão de vida orgulhosamente aponta para tal fenômeno como se fosse sua vitória, em silenciosa e interna gratidão, e chama a esta atriz de sua onipotente aliada, porque ela, melhor que ele, e precisamente em um dos pontos mais perigosos, prova a sua teoria. A metamorfose sobre a qual falamos, no entanto, é a da potenciação, ou a de um retorno mais e mais intenso para o início. Esta metamorfose ocupará absolutamente um esteta, pois a dialética da potenciação é a dialética estético-metafísica. Mais feliz que Arquimedes, ele ditirambicamente bradará “Eureca”, apontando para o fenômeno; ébrio de admiração e ainda sóbrio na temperança dialética, só terá olhos para este e o entenderá como o seu chamado para criar as condições para que o maravilhoso possa ser visto e admirado enquanto tal. A metamorfose da continuidade irá, através dos anos, se espalhar igualmente sobre a extensão essencial de tarefas dentro da ideia de feminilidade; a metamorfose da potenciação irá, ao longo dos anos, relacionar-se de maneira mais e mais intensiva para com a mesma ideia, que, note-se bem, esteticamente entendida, é *sensu eminentissimo* [no sentido mais eminente] a ideia do feminino. Diz-se da atriz que corresponde à metamorfose da continuidade que se torna mais velha no sentido ideal, mas não mais velha no sentido da temporalidade; então no que diz respeito à outra metamorfose deve-se dizer que está ficando mais jovem. Mas deve-se dizer sobre ambas que o tempo não tem poder sobre elas. Há uma resistência ao poder dos anos, isto é, a perfectibilidade, e é precisamente ao longo dos anos que ela se desdobra; e há outra resistência ao poder dos anos, que é a potenciação, e é precisamente ao longo dos anos que ela se torna manifesta. Ambos os fenômenos são raridades essenciais, e ambos têm em comum o fato de que se tornam mais raros a cada ano. Precisamente porque são dialeticamente compostos, sua existência ano após ano tornar-se-á dialética; todos os anos tentará provar sua tese sobre o poder dos anos, mas a perfectibilidade e a potenciação refutarão vitoriosamente a tese dos anos. Isto novamente dá uma calma absoluta ao espectador, pois a juventude dos 17 anos é frágil, mas a perfectibilidade e a potenciação são a confiabilidade absoluta.

Se com este pequeno artigo consegui contribuir com algo para deixar claro o quão afortunado, apesar dos anos, o futuro da atriz essencial é, isto seria para mim uma amável satisfação, ainda mais porque tenho certeza de que, de muitas maneiras, há suficientes mal-entendidos em relação à percepção correta do futuro da atriz, na medida em que o mesmo mal-entendido, que errônea e inesteticamente superestimou o começo, errônea e inesteticamente incorre em falhas quanto ao que vem depois ou, mais corretamente, com o que há de mais elevado.

Verão de 1847.

Inter et Inter

Um discurso edificante de Søren Kierkegaard

Alvaro L. M. Valls¹

O pensador, escritor religioso, filósofo e psicólogo Søren Kierkegaard, que nasceu e morreu na capital da Dinamarca (1813-1855), produziu dezenas de obras atribuídas a pseudônimos que ia criando, mas ao mesmo tempo, paralelamente, publicou também dezenas de Discursos Edificantes, textos com aproximadamente vinte páginas cada um, nos quais, a partir de uma passagem bíblica, argumentava (“sem autoridade eclesiástica”) buscando orientações para a existência concreta de cada indivíduo particular (pois “a multidão é a mentira”).

Em 1847, além de *As Obras do Amor* (já traduzido: Editora Vozes), publicou também o volume *Discursos Edificantes em Diversos Espíritos*, dividido em três seções. Na primeira, um longo discurso que se costuma chamar “Pureza de Coração”. Na segunda seção, três discursos sobre “O que aprendemos dos lírios do campo e das aves do céu” (sendo o primeiro mais poético ou estético, o segundo ético e o terceiro religioso). A terceira seção traz sete discursos intitulados “O Evangelho

1 Alvaro Luiz Montenegro Valls, natural de Porto Alegre, RS (1947), fez Mestrado (sobre Adorno, 1977) e Doutorado (sobre Kierkegaard, 1981) em Filosofia na Universidade de Heidelberg, Alemanha, orientado por Michael Theunissen. – Aposentado da UFRGS, atualmente Professor Titular de Filosofia da UNISINOS, São Leopoldo, RS. – Estágios de estudos na França e nos EUA. – Pesquisador do CNPq; orientou dissertações e teses; presidiu a ANPOF (2007-2008). – Publicou, entre outros livros: *O que é Ética; Entre Sócrates e Cristo; Kierkegaard, cá entre nós; O Crucificado encontra Dionísio*. – Traduziu, do alemão: Carl Schmitt (*O Conceito do Político*), J. Habermas (*Dialética e Hermenêutica*) e Th. W. Adorno (*Kierkegaard. Construção do Estético*) e, do idioma dinamarquês, Søren Kierkegaard: *O Conceito de Ironia, Migalhas Filosóficas, As Obras do Amor, O Conceito de Angústia* e os dois volumes do *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*. – Revisou, sempre auxiliado por Else Hagelund, a tradução do romance *Niels Lybne*, de J. P. Jacobsen. – Traduz agora os *Discursos Edificantes* de 1847, de Kierkegaard (sobre *Os lírios do campo e as aves do céu*, e *o Evangelho do sofrimento*).

dos Sofrimentos”. O texto que aqui apresentamos é o primeiro da segunda seção. Ele insiste na ideia de que há muita glória em contentar-se em ser um ser humano, confiando em Deus. Os dois seguintes enfatizarão o valor positivo do trabalho e a importância de não idolatrar o dinheiro.

Estes discursos penetraram na filosofia graças aos conceitos de preocupação e de angústia. Embora K. Jaspers e M. Heidegger falem muito do “cuidado” (*cura* em latim, *Sorge* em alemão), tanto quanto tratam da “angústia” (*Angst* em alemão e dinamarquês), a palavra central do discurso que aqui traduzimos é “preocupação” (*Bekymring* em dinamarquês), a qual, não sendo apenas racional, mas também bastante emocional, vale em princípio como um sinônimo exato de nosso vocábulo “aflição”. Kierkegaard se dirige, pois, ao homem aflito, preocupado, sobrecarregado pelas preocupações econômicas (aliás, nas vésperas da publicação do “Manifesto Comunista”), ou simplesmente pelas aflições relacionadas com o sustento, com o alimento e com o dia de amanhã – enfim, pela preocupação temporal. Apela, então, para a passagem do Sermão da Montanha, núcleo do Evangelho e do espírito franciscano, que aponta os lírios e as aves como nossos mestres inconscientes. – Um detalhe linguístico: *Sorgen*, em dinamarquês, não é a mesma coisa, mas significa “a tristeza/o luto”. Não confundir, portanto.

Esperamos publicar em breve (Editora LiberArs) os dez discursos que compõem a segunda e a terceira seções deste volume de 1847. Esta tradução aqui apresentada (com notas de rodapé ilustrativas) guarda ainda traços que poderão vir a ser lapidados ou burilados, embora já confiemos na fidelidade ao seu conteúdo e ao espírito do autor.

Porto Alegre, abril de 2017.

Hva vi lære af Lilierne paa Marken og af Himmelens Fugle

Søren Kierkegaard

I

Dette hellige Evangelium skriver Evangelisten Matthæus, 6. Cap. 24 Vers til Enden

Ingen kan tiene to Herrer; thi han maa enten hade den ene og elske den anden, eller holde sig til den ene og foragte den anden. I kunne ikke tiene Gud og Mammon. 25. Derfor siger jeg Eder! bekymrer Eder ikke for Eders Liv, hvad I skulle æde, og hvad I skulle drikke; ikke heller for Eders Legeme, hvad I skulle iføres. Er ikke Livet Mere end Maden, og Legemet Mere end Klæderne? 26. Seer til Himmelens Fugle; de saae ikke, og høste ikke, og sanke ikke i Lader, og Eders himmelske Fader føder dem; ere I ikke meget Mere end de? 27. Men hvo iblandt Eder kan lægge en Alen til sin Væxt, endog han bekymrer sig derfor? 28. Og hvi bekymre I Eder for Klæderne? Betragter Lillierne paa Marken, hvorledes de voxer; de arbeide ikke, spinde ikke. 29. Men jeg siger Eder, at end ikke Salomo i al sin Herlighed var saa klædt, som een af dem. 30. Klæder da Gud saaledes det Græs paa Marken, som er i Dag, og i Morgen kastes i Ovnen, skulde han ikke meget mere klæde Eder, I lidet troende! 31. Derfor skulle I ikke bekymre Eder, og sige: hvad skulle vi æde? eller: hvad skulle vi drikke? eller: hvormed skulle vi klæde os? 32. efter alt saadant søge Hedningerne; thi Eders himmelske Fader veed, at I have alle disse Ting behov. 33. Men søger først Guds Rige og hans Retfærdighed, saa skulle og alle disse Ting tillægges Eder. 34. Bekymrer Eder derfor ikke for den anden Morgen; thi den Dag imorgen skal bekymre sig for sit Eget. Hver Dag haver nok i sin Plage.

Hvo har ikke kjendt dette hellige Evangelium fra sin tidligste Barndom, og ofte glædet sig ved det glade Budskab! Og dog er det ikke saaledes ligefrem et glædeligt Budskab; det har en væsentlig Egenskab, der ret egentligen gjør det til et Evangelium, den nemlig, at det henvender sig til Bekymrede; ja, i hver en Linie af det bekymrede Evangelium er det kjendeligt, at Talen ikke er til de Karske, ikke til de Stærke, ikke til de Lykkelige, men til de Bekymrede; o, det er saa kjendeligt, at det glædelige Budskab selv gjør, hvad det siger Gud at gjøre, antager sig de Bekymrede og haver Omsorg for dem – paa den rette Maade. Ak, dette gjøres vel fornødent, thi Enhver der har Sorg, og især jo dybere og jo længere den trænger ind i Sjelen, eller jo længere den trænger dybt derind, han fristes maaskee ogsaa til utaalmodigt ikke at ville høre menneskelig Tale om Trøst og Haab. Maaskee har den Sørgende Uret, maaskee er han for utaalmodig, naar det forekommer ham saa, at intet

Menneske kan tale ham hans Sorg tilpas; thi den Lykkelige forstaaer ham ikke; den Stærke synes netop idet han trøster at hæve sig over ham; den Bekymrede forøger ham kun Sorgen ved sit Tilskud. Naar saa er, bliver det altsaa bedst, at see sig om andre Lærere, hvis Tale ikke er Misforstaaelse, hvis Opmuntring ingen hemmelig Bebreidelse indeholder, hvis Blik ikke dømmer, hvis Trøst ikke hidser istedenfor at berolige.

Til saadanne Lærere henviser det bekymrede Evangelium den Sørgende: til Lilierne paa Marken og til Himmelens Fugle. Hos disse billige Lærere, hvilke man hverken betaler med Penge eller med Ydmygelser, er ingen Misforstaaelse mulig, thi de tie – af Omsorg for den Bekymrede. Og al Misforstaaelse fremkommer jo ved Talen, nærmere forstaaet derved, at Talen, især Samtalen, indeholder en Sammenligning, som naar den Lykkelige siger til den Bekymrede: vær glad, da indeholder Udsagnet tillige: som jeg er det; og naar den Stærke siger: vær stærk, da forstaaes under: som jeg er det. Men Taushed ærer Bekymringen og ærer den Bekymrede, som Jobs Venner, der de af Ærbødighed sadde tause hos den Lidende og holdt ham i Ære. Og dog, de saae jo paa ham! Men det, at det ene Menneske seer paa det andet, indeholder atter en Sammenligning. De tause Venner sammenlignede ikke Job med sig, dette skete først, da de brød Æren (hvori de tause holdt ham) og Tausheden, for med Taler at overfalde den Lidende; men deres Tilstedeværelse foranledigede Job til at sammenligne sig med sig selv. Saaledes kan nemlig intet | Menneske være tilstede, om han end tier, at hans Tilstedeværelse sammenlignelsesviis slet Intet betyder. Dette kan i det Høieste et Barn, der jo ogsaa har en vis Lighed med Lilierne paa Marken og med Himmelens Fugle; hvor ofte har ikke en Lidende sandet og rørt fornummet, at naar kun et Barn er tilstede, er der dog ingen Tilstedeværende. Og nu Lilien paa Marken! Om den end rigeligt har sit Udkomme, den sammenligner ikke sin Velstand med Nogens Armod; om den end er sorgløs i al sin Deilighed, den sammenligner sig hverken med Salomo eller med den Usleste. Og om Fuglen end svinger sig let i Skyen, den sammenligner ikke sin lette Flugt med den Bekymredes tunge Gang; om Fuglen, rigere end Den der har Laderne fulde, end ikke sanker i Lade: den sammenligner ikke sin rige Uafhængighed med den Nødlidende, som sanker forgjæves. Nei, der hvor Lilien blomstrer deiligt – paa Marken, der hvor Fuglen frit er tilhuse – under Himlen, hvis Trøsten søges: der er uafbrudt Taushed, der er ingen Tilstedeværende, der er Alt idel Overtalelse.

Dog er dette jo kun saa, dersom den Sørgende virkelig giver Agt paa Lilierne og paa Fuglene, over dem og deres Liv glemmer sig selv, medens han i denne Selvfortabelse af dem, ved sig selv, uformærket lærer Noget om sig selv; uformærket, thi der er jo idel Taushed, ingen Tilstedeværende, den Bekymrede fritagen for enhver Medviden, undtagen Guds, sin egen – og Liliernes.

Lad os da i denne Tale betænke, hvorledes den Bekymrede, ved ret at see til Lilierne paa Marken og til Himmelens Fugle, lærer:

at nøies med det at være Menneske.

»Betragter Lilierne paa Marken«, betragt dem, det vil sige læg nøie Mærke til dem, gjør dem til Gjenstand, ikke for et flygtigt Syn i Forbigaaende, men for Din Betragtning; derfor er der brugt det Udtryk, som Præsten pleier at bruge i den alvorligste og høitideligste Forbindelse, naar han siger, lader os i denne Andagtstime betragte Det og Det. Saa høitidelig er Opfordringen og Indbydelsen; Mangen lever maaskee i den store Stad og seer aldrig Lilierne; Mangen lever maaskee paa Landet, og gaaer dem dagligen ligegyldigt forbi: ak, hvor Mangen er der vel, der efter Evangeliets Anviisning ret betragter dem! – »Lilierne paa Marken«, thi der er ikke Tale om de sjeldne Planter, hvilke en Gartner opelsker i sin Have, og som betragtes af Kjendere; nei, gaae ud paa Marken, der hvor intet Menneske bærer Omsorg for de forladte Lilier, og hvor det dog er saa kjendeligt, at de ikke ere forladte. Skulde denne Opfordring ikke være indbydende for den Bekymrede, ak, han er jo ogsaa som den forladte Lilie, forladt, miskjendt, overseet, uden Menneskenes Omsorg, indtil han ved ret at betragte Lilien forstaaer, at han ikke er forladt.

Saa gaaer den Bekymrede ud paa Marken, og han standser ved Lilierne. Ikke som et lykkeligt Barn, eller en barnagtig Ældre vel gjør det, løber han om for at finde den smukkeste, for at tilfredsstille Nysgjerrigheden ved at finde den sjeldne. Nei, med stille Høitidelighed betragter han dem, som de staae der, i talrig, i broget Mængde, den ene lige saa god som den anden – »hvorledes de voxer«. Nu, hvorledes de voxer, seer han egentligen ikke, thi det er jo som Ordsproget siger, at man ikke kan see Græsset groe, men han seer dog *hvorledes* de voxer, eller netop fordi det er ham ubegribeligt, hvorledes de voxer, seer han, at der maa være En, der kjender dem ligesaa nøie, som Gartneren kjender de sjeldne Planter; En, der dagligt seer til dem, Morgen og Aften, ligesom Gartneren seer til de sjeldne Planter; En, der giver dem Væxt. Formodentligen er det vel ogsaa den samme Ene, der giver Gartnerens sjeldne Planter Væxt, kun at disse saa let foranledige Misforstaaelse ved Hjælp af Gartneren. De forladte Lilier derimod, de almindelige Lilier, Markens Lilier, foranledige ikke Betragteren til nogen Misforstaaelse. Thi der, hvor Gartneren er synlig, der, hvor ingen Moie og ingen Bekostning spares for at drive Rigmandens sjeldne Planter frem, der synes det maaskee bedre at forstaae, at de voxer; men derimod paa Marken, hvor Ingen, Ingen, Ingen bekymrer sig om Lilierne, hvorledes kan de der voxer? Og dog voxer de.

Men saa maa vel de fattige Lilier selv arbeide desto strængere. Nei, »de arbeide ikke«; det er kun de sjældne Blomster, som der er saa meget Arbeide forbundet med, for at faae til at voxer. Der, hvor Teppet er kosteligere end i Kongernes Sale, der arbeides ikke. Idet Betragterens Øie forlystes og vederqvæges ved Synet, skal hans Sjel ikke bekymres ved Tanken om, hvorledes de stakkels fattige Lilier maae arbeide og trælde for at faae Teppet saa smukt. Kun i Forhold til menneskelig Kunstfærdigheds Frembringelse er det saaledes, at Øiet, medens det blændes ved Arbeidets Fiinhed, fyldes med Taarer ved Tanken om den stakkels Kniplerskes Lidelser.

Lilierne »arbeide ikke, spinde ikke«, de bestille egentligen ikke Andet end at pynte sig, eller endnu rettere: at være pyntede. Som der i det Foregaaende af Evangeliet, hvor Talen er om Fuglene, naar der siges: »de saae ikke, de høste ikke, de sanke ikke i Lader«, ligesom hentydes til Mandens Arbeiden for at ernære sig og Sine: saaledes indeholde disse Ord om Lilierne (de arbeide ikke, spinde ikke) ligesom en Hentydning til Qvindens Arbeiden. Qvinden bliver ved Huset, hun gaaer ikke ud for at søge Livets Fornødenheder, hun bliver hjemme, syer og spinder, søger at holde Alt saa pynteligt som muligt: hendes daglige Syssel, hendes flittige Arbeiden staaer dog nærmest i Forhold til Pyntelighed. Saaledes Lilien ogsaa: den bliver ved Huset, den gaaer ikke af Stedet, men den arbeider ikke, den spinder ikke – den pynter sig blot, eller endnu rettere, den er pyntet. Skulde Lilien have nogen Bekymring, da vilde denne ikke være for Udkommet, som dog Fuglen kunde synes at have, siden den flyver saa vidt og bredt omkring og sanker Næring, nei, Liliens Bekymring maatte qvindeligt staae i Forhold til, om den nu ogsaa var deilig og var pyntet. Men den er uden Bekymring.

Thi pyntet er den, det er vist; ja, Betragteren kan ikke lade det være, han boier sig ned til den enkelte Lilie, han tager den første den bedste – »jeg siger Eder, at end ikke Salomo i al sin Herlighed var klædt som een af dem.« Saa betragter han den nøie og nærvæd, og om hans Sind var uroligt, ak, som et menneskeligt Sind kan være uroligt, og om hans Hjerter bankede heftigt, ak, som et menneskeligt Hjerter kan det, han slaar sig ganske til Ro, blot for at betragte denne Lilie. Jo nøiere han seer, jo mere han forundres over dens Deilighed og dens sindrige Dannelse; thi kun i Forhold til menneskelig Kunstfærdigheds Frembringelser gjælder det, at man, ved at see meget nøie til, opdager Mangler og Ufuldkommenhed, det gjælder, at hvis Du skærper Dit Syn med det kunstigt slebne Glas, da seer Du selv i den fineste menneskelige Væv de grove Traade. Ak, det er, som om Mennesket til sin egen Ydmygelse, har gjort den Opdagelse, hvorefter han er stolt: da han opdagede at slibe Glasset kunstigt, saa det forstørrede Gjenstanden, da opdagede han, ved Hjælp af det forstørrende Glas, at selv det fineste menneskelige Arbeide er grovt og ufuldkomment. Men Opdagelsen, der ydmygede Mennesket, ærede Gud, thi aldrig har Nogen, ved Hjælp af det forstørrende Glas, opdaget, at Lilien blev mindre deilig, mindre sindrig, tvertimod viste den sig at være deiligere og deiligere, sindrigere og sindrigere. Ja Opdagelsen ærede Gud, som enhver Opdagelse maa det, thi kun i Forhold til en menneskelig Kunstner gjælder det, at Den, der kjender ham nøie, nærvæd og til daglig Brug, dog seer, at han ikke er stor; i Forhold til den Kunstner, som væver Markens Tæppe og virker Liliens Deilighed, gjælder det, at Forundringen stiger med Tilnærmelsen, at Tilbedelsens Afstand voxer med Tilnærmelsen til ham.

Saa staaer da den Bekymrede, som med sin Sorg gik til Lilierne, mellem dem paa Marken, forundret over Liliens Deilighed, som han betragter; han har taget den første den bedste, han har intet Valg gjort, det falder ham slet ikke ind, at der skulde være nogen eneste Lilie, saa lidet som noget Straa paa Marken, om hvilket det ikke gjaldt, at end ikke Salomo i al sin Herlighed var klædt som en af dem. Sæt Lilien | kunde tale, skulde den da ikke sige til den Bekymrede: »hvi forundrer Du Dig saaledes over mig; skulde det, at

være Menneske, ikke være lige saa herligt, skulde det ikke derom gjælde, at dog al Salomos Herlighed Intet er i Sammenligning med, hvad ethvert Menneske er, ved at være Menneske, saa Salomo for at være det Herligste han er, og være sig dette bevidst, maatte afføre sig al sin Herlighed og blot være Menneske! Skulde hvad der gjælder om mig Stakkel, ikke gjælde om det, at være Menneske, der jo er Skabningens Underværk!« Dog Lilien kan ikke tale, men netop fordi den ikke kan tale, netop fordi der er idel Taushed derude og ingen Tilstedeværende, netop derfor er den Bekymrede, hvis han taler og hvis han taler med Lilien, i det Tilfælde, at han taler med sig selv; ja lidt efter lidt opdager han, at han taler om sig selv, at det han siger om Lilien siger han om sig selv. Det er ikke Lilien, der siger det, den kan ikke tale; det er ikke noget *andet* Menneske, der siger det til ham, thi med det *andet* Menneske kommer dog saa let strax Sammenligningens urolige Tanke; blandt Lilierne er den Bekymrede kun Mennesket, og – nøiet med det at være Menneske. Thi ganske i samme Forstand som Lilien er Lilie, ganske i samme Forstand er han, trods alle sine Bekymringer som Menneske, Menneske; og ganske i samme Forstand, som Lilien, uden at arbeide og uden at spinde, er skjønnere end Salomos Herlighed, ganske i samme Forstand er ogsaa Mennesket, uden at arbeide, uden at spinde, uden nogen hans Fortjenstfuldhed, ved at være Menneske, herligere end Salomos Herlighed. Der staaer jo heller ikke i Evangeliet, at Lilien er herligere end Salomo, nei, der staaer, at den er bedre klædt end Salomo i al hans Herlighed. Ak, men i den idelige Omgang med Mennesker, i den mangfoldige Forskjellighed og dennes forskellige Berøringer, glemmer man, ved den travle eller den bekymrede Sammenlignings Opfindsomhed, hvad det er, at være Menneske, man glemmer det over Forskjelligheden mellem Menneske og Menneske. Men paa Marken hos Lilierne, hvor Himlen hvælver sig høit – som over en Hersker, frit – som Aandedrættet er det derude, hvor Skyernes store Tanker adspredt al Smaalighed: der er den Bekymrede det *eneste* Menneske, og lærer af Lilierne, hvad han maaskee ikke kunde lære af noget *andet* Menneske.

»Betrakter Lilierne paa Marken.« Hvor kort, hvor høitidelig, hvor ligelig er denne Tale om Lilierne; der er ikke Spoer af Anelse, der ymtes ikke det Mindste om, at der kunde være nogen Forskjel mellem Lilierne indbyrdes; der er talet om dem alle og om hver een eneste, der er talet ligeligt om dem alle: Lilierne. Maaskee vil En mene, at det dog ogsaa var besynderligt, og for meget forlangt, at det menneskelige Sprog skulde indlade sig paa Forskjelligheden mellem Lilierne indbyrdes og disses mulige Bekymringer, foranledigede ved Forskjelligheden; maaskee vil En mene: »saadanne Forskjelligheder og saadanne Bekymringer ere ikke værd at agte paa.« Lad os forstaae hinanden. Er Meningen denne, at det for Lilierne ikke er værd at agte paa saadanne Bekymringer, det er, at Lilierne burde være saa fornuftige, ikke at agte paa Sligt; eller er Meningen denne, at det er under Menneskets Værdighed, at bryde sig om Liliernes mulige Bekymringer, fordi nemlig Mennesket er Menneske og ikke Lilie. Dette vil sige: ere saadanne Bekymringer i og for sig selv ufornuftige, og derfor ikke værd at agte paa, ligegyldigt enten det er de enfoldige Lilier, eller de fornuftige Mennesker, som have dem; eller er den væsentligen samme Bekymring en anden, naar Lilien har den, end naar Mennesket har den, saa det er daarligt af Lilien at bekymre sig om

Sligt, men ikke daarligt af Mennesket. Dersom nemlig Lilierne virkeligen havde saadanne Bekymringer, og den Talende var af den Mening, at den væsentligen samme Bekymring havde stort at betyde i Forhold til et Menneske: saa var det jo ikke Viisdom og Deeltagelse, men menneskelig Selvkjærlighed, der kunde tale saa kort, og saa afvisende om de stakkels Lilier, saa fornemt om Liliernes Smaa-Sorger, saa fornemt ved at kalde dem Smaa-Sorger, der ikke ere værd at agte paa. Sæt det nu var saa, at der var Forskjelligheder mellem Lilierne indbyrdes, som i deres lille Verden svarede til de menneskelige Forskjelligheder; sæt disse Forskjelligheder beskæftigede og bekymrede Lilierne, lige saa meget som Menneskene; – og sæt saa, at det i Sandhed var sandt, hvad der blev sagt: saadanne Forskjelligheder og saadanne Bekymringer ere ikke værd at agte paa.

Lader os nærmere betænke denne Sag; og da den Bekymrede, der gik ud til Lilierne paa Marken, jo netop ønskede at undgaae al Sammenligning med andre Mennesker, da han saa nødigt vilde, at noget *andet* Menneske skulde tale til ham om hans Bekymring: saa skal Talen ære hans Bekymring, jeg skal ikke tale om noget Menneske, eller om noget bekymret Menneske, men foretrække at tale *om den bekymrede Lilie*.

Der var engang en Lilie, den stod paa et afsides Sted ved et lille rindende Vand, og var godt kjendt af nogle Nelder samt et Par andre Smaablomster der i Nærheden. Lilien var, efter Evangeliets sandfærdige Beskrivelse, deiligere paaklædt end Salomo i al hans Herlighed, derhos sorgløs og glad saa lang Dagen var. Umærkeligt og livsaligt gled Tiden hen, som det rindende Vand, der nynnere og svinder. Men da traf det sig, at der en Dag kom en lille Fugl og besøgte Lilien, den kom igjen den næste Dag, blev da borte i flere Dage, indtil den atter kom igjen, hvilket tyktes Lilien besynderligt og uforklarligt, uforklarligt, at Fuglen ikke blev paa samme Sted, ligesom Smaablomsterne, besynderligt, at Fuglen kunde være saa lunefuld. Men som det saa ofte gaaer, saa gik det ogsaa Lilien, at den netop derfor forelskede sig mere og mere i Fuglen, fordi den var lunefuld.

Denne lille Fugl var en slem Fugl; istedenfor at sætte sig i Liliens Sted, istedenfor at glæde sig ved dens Deilighed og glæde sig med den i dens uskyldige Lyksalighed, vilde Fuglen gjøre sig vigtig, ved at føle sin Frihed, og ved at lade Lilien føle dens Bundethed. Og ikke blot dette, men den lille Fugl var tillige snaksom, og fortalte nu Løst og Fast, Sandt og Usandt om, hvorledes der paa andre Steder, i stor Mængde, var ganske anderledes pragtfulde Lilier, hvor der var en Fryd og Munterhed, en Duft, en Farvepragt, en Fuglesang, som overgik al Beskrivelse. Saaledes fortalte Fuglen, og hver dens Fortælling endte gjerne med den for Lilien ydmygende Bemærkning, at den, i Sammenligning med saadan Herlighed, saae ud som Ingenting, ja at den var saa ubetydelig, at det var et Spørgsmaal, med hvad Ret den egentligen kaldtes Lilie.

Saa blev Lilien bekymret, jo mere den hørte paa Fuglen, jo mere blev den bekymret; den sov ikke mere roligt om Natten og vaagnede ikke mere glad om Morgen; den følte sig fængslet og bunden, den fandt Vandets Rislen kjedsommelig og Dagen lang. Den begyndte nu at beskæftige sig med sig selv og med sit Livs Vilkaar i Selvbekymring – saa lang Dagen var. »Det kan jo være godt nok«, sagde den til sig selv, »engang imellem, for

en Afvexlings Skyld, at høre paa Bækkens Rislen, men Dag ud og Dag ind evigt at høre det Samme: det er dog altfor kjedeligt.« »Det kan maaske være behageligt nok«, sagde den til sig selv, »engang imellem at være paa et afsides Sted og ensom, men saaledes, hele Livet igjennem, at være glemt, at være uden Selskab eller i Selskab med Brændenelder, hvad der dog vel ikke er Selskab for en Lilie: det er ikke til at udholde.« »Og saa at see saa ringe ud, som jeg gjør«, sagde Lilien til sig selv, »at være saa ubetydelig, som den lille Fugl siger jeg er: o, hvorfor er jeg dog ikke bleven til paa et andet Sted, under andre Vilkaar, o, hvorfor er jeg dog ikke bleven en Keiserkrone!« Thi dette havde den lille Fugl fortalt den, at Keiserkronen var blandt alle Lilier anset for den skønneste, og var Gjenstand for alle andre Liliers Misundelse. Lilien mærkede desto værre nok, at Bekymringen tog paa den; men saa talte den fornuftig til sig selv; dog ikke saaledes fornuftigt, at den slog Bekymringen af Sinde, men saaledes, at den overbeviste sig selv om, at Bekymringen var rigtig; »thi«, sagde den, »mit Ønske er jo ikke noget ufornuftigt Ønske, jeg forlanger jo ikke det Umulige, at blive hvad jeg ikke er, en Fugl f. Ex., mit Ønske er blot at blive en pragtfuld Lilie, eller vel endog den pragtfuldeste.«

Under alt Dette fløi den lille Fugl fra og til, med hvert dens Besøg og hver dens Adskillelse næredes Liliens Uro. Tilsidst fortroede den sig ganske til Fuglen. En Aftenstund aftalte de, at næste Morgen skulde der skee en Forandring, og gjøres en Ende paa Bekymringen. Næste Morgen tidlig kom den lille Fugl; med sit Næb huggede den Jordsmonnet bort fra Liliens Rod, at den saaledes kunde blive fri. Da dette var lykkedes, tog Fuglen Lilien under sin Vinge og fløi afsted. Bestemmelsen var nemlig den, at Fuglen skulde flyve med Lilien hen der, hvor de pragtfulde Lilier blomstrede; derpaa skulde Fuglen igjen være den behjælpelig i at blive plantet ned der, om det ikke ved Stedets Forandring og den nye Omgivelse skulde lykkes Lilien, at blive en pragtfuld Lilie i Selskab med de mange, eller maaskee endog en Keiserkrone, misundt af alle de andre.

Ak, underveis visnede Lilien. Havde den bekymrede Lilie været nøiet med, at være Lilie, da var den ikke bleven bekymret; var den ikke bleven bekymret, saa var den bleven staaende hvor den stod – hvor den stod i al sin Deilighed; var den bleven staaende, da havde det netop været den Lilie, om hvilken Præsten talte i Søndags, da han gjentog Evangeliets Ord: »betragter Lilien, jeg siger Eder, at end ikke Salomo i al sin Herlighed var klædt som den.« Thi anderledes kan man dog vel ikke forstaae Evangeliet, hvorimod det er sørgeligt, ja næsten forfærdeligt, om det end er sandt, at en Fortolker af den hellige Skrift, ved det Sted om Lilierne, har fundet sig foranlediget til, i Lighed med den lille Fugl, at oplyse: at Keiserkronen voxer vild i hine Egne – som kunde man saa bedre forstaae, at Lilien i Deilighed overgaaer Salomo, som kunde man saa bedre forstaae Evangeliet, der altsaa ikke passede paa den uanseelige Lilie.

Saaledes gik det altsaa den bekymrede Lilie, hvis Bekymring var at blive en pragtfuld Lilie eller vel endog en Keiserkrone. Lilien er Mennesket. Den slemme lille Fugl er Sammenligningens urolige Tanke, der vanker vidt og bredt omkring, ustadigt og lunefuldt, og indsanker den usunde Viden om For skjelligheden; og ligesom Fuglen ikke satte sig i

Liliens Sted, saa gjør Sammenligningen det Samme, ved den sætter Mennesket sig enten i en Andens Sted, eller en Anden i sit Sted. Den lille Fugl er Digteren, Forførereren, eller det Digteriske og Forføreriske i Mennesket. Det Digteriske er som Fuglens Tale, Sandt og Usandt, Digt og Sandhed; det er nemlig sandt, at Forskjelligheden er til, og at der er Meget at sige om den, men det Digteriske er, at Forskjelligheden lidenskabeligen, i Fortvivlelse eller Jubel, er det Høieste, og dette er evigt usandt. I Sammenligningens Bekymring gaaer da den Bekymrede tilsidst saa vidt, at han over Forskjelligheden glemmer, at han er Menneske, saa han fortvivlet mener sig at være saaledes forskjellig fra andre Mennesker, at han endog mener sig forskjellig fra det, at være Menneske, som jo ogsaa den lille Fugl meente, at Lilien var saa uanseelig, at det blev et Spørgsmaal, om den virkelig var Lilie. Men det formeentlig fornuftige Forsvar for Bekymringen er altid dette: at man jo ikke forlanger noget Ufornuftigt, at blive en Fugl f. Ex., men kun at blive dette Bestemte, man ikke er, selv om dette Bestemte igjen synes andre Bekymrede en reen Ubetydelighed. Naar saa Sammenligningen med Fuglens Bevægelse fra og til har hidset Bekymringens Lidenskab og faaet den Bekymrede revet løs fra Jordbunden, det er, fra at ville være hvad han er bestemt til: saa seer det et Øieblik ud, som kom nu Sammenligningen for at hente den Bekymrede til det ønskede Maal; men den kommer rigtignok og henter ham, dog kun som naar Døden henter et Menneske, den lader den Bekymrede omkomme i Mismodets Svæven.

Dersom nu Mennesket, ikke uden at smile, kan tænke paa Liliens Bekymring for at blive Keiserkrone, tænke paa, at den døde underveis: o, da betænke Mennesket, at det derimod er til at græde over, om et Menneske bekymredes lige saa ufornuftigt; lige saa ufornuftigt, dog nei, hvor turde jeg lade dette staa saaledes hen, hvor turde jeg saaledes for Alvor sigte de guddommeligt beskikkede Læremestere: Lilierne paa Marken. Nei, Lilien bekymres ikke saaledes, netop derfor skulle vi lære af den. Og naar da et Menneske, som Lilien, nøies med det, at være Menneske, saa bliver han ikke syg af timelig Bekymring; og naar han ikke bliver timeligt bekymret, saa bliver han staaende paa det Sted, ham er anvist; og naar han bliver der, da er det sandfærdigt saa, at han, ved at være Menneske, er herligere end Salomos Herlighed.

Hvad lærer altsaa den Bekymrede af Lilierne? Han lærer, at nøies med det at være Menneske, og ikke at bekymres om Forskjelligheden mellem Menneske og Menneske; han lærer, at tale lige saa kort, lige saa høitideligt, lige saa opløftende om det, at være Menneske, som Evangeliet taler kort om Lilierne. Og dette er jo dog ogsaa menneskelig Skik og Brug netop ved de høitideligste Leiligheder. Lad os tænke paa Salomo. Naar han da ifører sig det kongelige Purpur, naar han throner majestætisk i al sin Herlighed: nu ja, der lader sig ogsaa tale høitideligt saaledes, at den Talende siger: Deres Majestæt; men naar der, i Alvorens evige Sprog, skal tales allerhøitideligst, saa hedder det: Menneske! Og netop dette Samme sige vi til den Ringeste, naar han, liig Lazarus, ligger næsten ukjendelig i Armod og Elendighed, vi sige: Menneske! Og i det for et Menneskes Liv afgjørende Øieblik, naar Forskjellighedens Valg bydes, sige vi til ham: Menneske! Og i Dødens afgjørende Øieblik, naar alle Forskjelligheder afskaffes, sige vi: Menneske! Dog tale vi derfor ikke ringe, tvertimod vi sige det Høieste, fordi det, at være Menneske, ikke er lavere end Forskjellighederne, men

er ophøiet over dem; thi denne den væsentligen lige Herlighed mellem alle Mennesker er dog vel ikke Dødens sørgelige Lighed, saa lidet som den væsentlige Lighed mellem alle Lilier, der jo netop er Lighed i Deilighed.

Al *verdslig* Bekymring har sin Grund i, at et Menneske ikke vil nøies med det at være Menneske, i, at hans ved Sammenligningen bekymrede Attraa er til Forskjelligheden. Den *jordiske* og *timelige* Bekymring derimod tør man ikke ligefrem og uden videre sige om, at den er Sammenligningens Opfindelse, thi at et Menneske, i Trangens virkelige Øieblik, behøver Føde og Klæder, det opdager han ikke ved Sammenligning; Den der levede eensomt blandt Lilierne paa Marken, vilde ogsaa opdage det. Næringssorgen, ak, eller som den jo almindeligere nævnes i et sørgeligt Fleertal, Næringssorgerne, ere ikke ligefrem Sammenligningens Opfindelse. Noget Andet er det, om dog ikke paa utallige Maader Sammenligningen tvetydigt arbejder med i Bestemmelsen af, hvad der skal forstaaes ved Næringssorg, om der dog ikke skulde være ... dog nei, den Bekymrede vil jo saa nødigt, netop for at undgaae Sammenligningen, at noget *andet* Menneske skal tale til ham desangaaende, nu vel, saa lad os sige saaledes: om man dog ikke af Fuglene skulde kunne lære Meget betræffende denne Sorg.

Dette ville vi nu betragte: *hvorledes Den, hvem Næringssorgen volder Bekymring, ved ret at agte paa Himmels Fugle lærer, at nøies med det at være Menneske.*

»Seer til Himmels Fugle«. Seer til dem, det vil sige giv nøie Agt paa dem; saaledes kommer Fiskeren om Morgenens og seer til Snøren, som har ligget ude om Natten; saaledes kommer Lægen og seer til den Syge; saaledes staaer Barnet og seer til, naar den Ældre gjør Noget, som Barnet aldrig før har seet. Saaledes maa man, ikke med deelt Sind og adspredte Tanker, men med samlet Opmærksomhed og Eftertanke, om muligt med Forundring, nøie agte paa Fuglene. Vilde Nogen sige: en Fugl har man da seet saa tidt, det er dog vel ingen Mærkelighed: saa har han ikke forstaaet Indbydelsen i Evangeliet om Himmels Fugle. – »Himmels Fugle«, eller, som der siges et andet Sted, »Fuglene under Himmelen«. Vel seer man nemlig ogsaa Fuglene nede ved Jorden, seer dem paa Jorden, men dersom man ret skal have Gavn af at betragte dem maa man see dem under Himmelen, eller dog bestandigen i Forestillingen erindre, at de høre hjemme under Himmelen. Kunde Nogen, ved idelig at see en Fugl paa Jorden, glemme, at den var Himmels Fugl, saa havde han forhindret sig selv i at forstaae Evangeliet om Himmels Fugle. – »De saae ikke, og høste ikke, og sanke ikke i Lader.« Hvor skulde ogsaa Sligt kunne lade sig gjøre der, hvor Fuglene have Tilhold – under Himmelen, der, hvor de leve uden Timelighedens Forsynlighed, ukjendte med Tiden, i Øieblikket. Det forsynlige Menneske paa Jorden lærer af Tiden at benytte Tiden, og naar han fra en *forbigaaende* Tid har Laden fuld, og er forsynet for den *nærværende* Tid, da passer han dog paa at saae igjen for en tilkommende Høst, at han atter kan have Laden fuld for en *tilkommende* Tid. Derfor bruges der tre Ord for at betegne Forsynlighedens Arbeiden; der siges ikke kort, som om Lilierne: de arbeide ikke; ved de tre Ord antydes Tidens Bestemmelse, hvilken ligger til Grund for Forsynligheden. – »Og dog føder Eders himmelske Fader dem«. Den himmelske Fader, ja det er tydeligt, det maa være ham, dersom da Betragteren seer til Fuglene – under Himmelen; thi der,

hvor Morgen, Middag og Aften, Bondemanden kommer ud, og kalder Fuglene sammen og giver dem Føde: der kan Betragteren let see feil, og troe, at det er Bondemanden, som føder Fuglene. Men der, hvor der ingen Bondemand er – paa Marken, der hvor der intet Forraadskammer er – under Himmelen, der, hvor de sorgløse Fugle uden at saae, uden at høste, uden at sanke i Lade – og uden Næringssorger svinge sig let over Skov og Søe: der maa det dog vel være den himmelske Fader, som føder dem. »Han føder dem«; eller skulle vi maaskee daarligen sige, hvad vel mangen daarlig Bondemand har sagt: »Fuglene stjæle«, saa det dog egentligen er Bondemanden, der føder Fuglene, fordi disse nemlig stjæle fra ham. Ak, dersom et Menneskes Tanke var sjunken saa dybt i ussel Elendighed, at han i fortredeelig Alvor kunde mene noget Saadant: hvor skulde han vel kunne lære Opløftelse af Himmelens Fugle, hvor skulde det hjælpe ham, at see til Himmelens Fugle! Og dog, det skulde visseligen hjælpe ham, hvis han blot vilde *see til dem*, det vil sige, give nøie Agt paa dem, lære om igjen, lære at glemme den usle Forstandighed, der umenneskeligt gjorde hans Sjel smaalig. Nei, den himmelske Fader føder Fuglene, og det uagtet de ikke saae, og ikke høste og ikke sanke i Lader, det vil sige den himmelske Fader føder ogsaa de Skabninger, som saae og høste og samle i Lader, og derfor skal Den, som ernærer sig selv, af Himmelens Fugle lære, at det dog er den himmelske Fader, som føder ham. Men Den, der Intet, slet Intet eier paa Jorden; Den, der saaledes – ogsaa lever »under Himlen«; Den, der sørgeligt fornemmer, at han meget nær er i det – glade Slægtskab med Himmelens Fugle: han lærer, at den himmelske Fader føder dem.

»Seer til Himmelens Fugle – Eders himmelske Fader føder dem«. Hvor kort, hvor høitidelig, hvor ligelig er denne Tale. Der er talet om alle Fuglene, der er ikke glemt een eneste i Talen, som forklarer, at den himmelske Fader ei heller glemmer nogen eneste, han, som oplader sin milde Haand og mætter Alt hvad som lever med Velsignelse. I Evangeliets Tale om Fuglene ymtes der ikke det Mindste om nogen Forskjel; at den ene maaskee fik rigeligt, den anden knapt; den ene maaskee Forraad for lidt længere Tid, den anden kun det i Øieblikket Fornødne; at engang imellem den enkelte maatte vente, vente forgyves, maatte maaskee gaae hungrig tilsengs: nei, der tales blot om Fuglene og om at den himmelske Fader føder dem.

Dog siger maaskee En: »om ogsaa en Fugl engang imellem fik for lidt, om der ogsaa døde en Fugl af Sult, den Sag var dog vel ikke saa farlig.« Hvorledes, skulde et Menneske kunne nænne at tale saaledes om Fuglene! Er og bliver da Bekymringen for Udkommet ikke væsentligen den samme enten det er en Fugl, der har den, eller et Menneske? Skulde et Menneske fornemt oversee denne Bekymring, dersom det blot var Fuglen, der kjendte den, og Mennesket var fritaget? Eller var det ufornuftigt af Fuglen at bekymres for saadanne Ubetydeligheder, men det var ikke ufornuftigt af det fornuftige Menneske at bekymres for de samme Ubetydeligheder? Sæt Fuglenes Liv ikke var ukjendt med den Forskjellighed i Henseende til Udkommet, hvilken desto værre gjøres saa gjeldende blandt Menneskene; sæt denne Forskjellighed beskæftigede og bekymrede Fuglene paa samme Maade, som den bekymrer Mennesket.

Paa samme Maade – naar dette antages, saa kan Talen jo undgaae, hvad den Bekymrede saa nødigt vil, at et *andet* Menneske taler til ham om hans Bekymring, saa kan Talen blive ude paa Marken hos Fuglene og tale om *Fuglens Bekymring*.

Der var engang en Skovdue; i den skulende Skov, der hvor Forundringen boer med Gysen blandt de ranke eensomme Stammer, havde den sin Rede. Men næst ved, der hvor Røgen stiger op fra Bondemandens Huus, boede nogle af dens fjernere Slægtninge: nogle tamme Duer. Med et Par af disse traf den oftere sammen; den sad nemlig paa en Green, som bøiede sig ud over Bondens Gaard; de tvende tamme sad paa Rygningen af Taget, dog var Adskillelsen ikke større end at de kunde udvexle deres Tanker for hinanden i Samtale. En Dag talte de da sammen om Tidernes Leilighed og om Udkommet. Skovduen sagde: »jeg har hidtil saadan havt mit Udkomme, jeg lader hver Dag have sin Plage, og paa den Maade kommer jeg gennem Verden.« Den tamme Due havde hørt nøie til ikke uden at fornemme en vis vellystig Bevægelse gennem hele Legemet, hvilket kaldes at kroge sig, derpaa svarede den: »nei, da bære vi os anderledes ad; hos os, det vil sige hos den rige Bonde, hos hvem vi leve, har man sin Fremtid betrygget. Naar Høstens Tid kommer, saa sidder jeg eller min Mage, een af os sidder oppe paa Taget og passer paa. Saa kører Bondemanden det ene Læs Sæd ind efter det andet, og naar han saa har kjørt saa mange ind, saa jeg ikke kan tælle længere, saa veed jeg, at der er Forraad nok for lang Tid, det veed jeg af Erfaring.« Da den havde talet saaledes, vendte den sig ikke uden en vis Selvfølelse om til dens Mage, der sad hos, som vilde den sige: »ikke sandt, min lille Mage, vi To har Vores sikkret.«

Da Skovduen kom hjem, tænkte den nærmere over denne Sag; det forekom den strax, at det maatte være en stor Behagelighed saaledes at *vide*, at man havde sit Udkomme betrygget for lang Tid, hvorimod det dog var kummerligt saaledes bestandigt at leve paa det Uvisse, saa man aldrig tør sige, at man *veed* man er forsørget. Det bliver derfor bedst, tænkte den, at Du forsøger, om det ikke skulde lykkes Dig at samle et større Forraad ind, som Du kunde have liggende paa eet eller andet meget sikkert Sted.

Næste Morgen vaagnede den tidligere end sædvanligt og havde nu saa travlt for at sanke sammen, at den neppe fik Tid til at spise eller til at spise sig mæt. Men det var ligesom en Skjæbne, der var over den, at den ikke skulde faae Lov at samle Velstand, thi hver Gang den havde samlet en Smule Forraad og gjemt det paa eet eller andet af de formeentligen sikkre Steder – naar den kom for at see efter, saa var det borte. Imidlertid foregik der ingen væsentlig Forandring i Henseende til Udkommet, den fandt hver Dag sin Føde ligesom før, og forsaavidt den tog lidt knappere til sig, da var det fordi den vilde samle og fordi den ikke gav sig Tid til at spise, thi ellers havde den sit rigelige Udkomme som før. Ak, og dog var der foregaaet en stor Forandring med den, den leed langt fra virkelig Trang, men den havde faaet en *Forestilling* om Trang i Fremtiden, dens Ro var tabt – den havde faaet *Næringsørg*.

Fra nu af blev Skovduen bekymret, dens Fjær tabte Farvespillet, dens Flugt Letheden; dens Dag gik hen i frugtesløse Forsøg paa at samle Velstand, dens Drømme vare

Indbildningens afmægtige Planer; den var ikke mere glad, ja den var næsten som bleven misundelig paa de rige Duer; den fandt sin Føde hver Dag, blev mæt, og dog var det ligesom blev den ikke mæt, fordi den i Næringsorgen hungrede for lang Tid; den havde fanget sig selv i den Snare, hvori ingen Fuglefænger kunde fange den, hvori kun den Fri kan fange sig selv: i Forestillingen. »Vel sandt«, sagde den til sig selv, »vel sandt, naar jeg hver Dag faaer saa meget jeg kan spise, saa har jeg jo mit Udkomme; det store Forraad jeg ønsker at samle kunde jeg dog ikke spise paa eengang, og i en vis Forstand kan man da ikke mere end spise sig mæt; men det var dog en stor Behagelighed at være fritaget for denne Uvished, hvorved man bliver saa afhængig.« »Det kan nok være«, sagde den til sig selv, »at de tamme Duer dyrt købe deres visse Udkomme; det kan nok være, at de i Grunden har mange Bekymringer, som jeg hidtil har været fritagen for, men denne Fremtidens Betyrghed staaer mig bestandigt for Hovedet; o, hvorfor blev jeg dog en fattig Skovdue og ikke en af de rige Duer!« Saa mærkede den nok, at Sorgen tog paa den, men da talte den fornuftigt til sig selv, dog ikke saaledes fornuftigt, at den slog Bekymringen af Tanke, og Sindet til Ro, men saaledes, at den overbeviste sig selv om, at Sorgen var i sin Orden. »Jeg forlanger jo ikke noget Ufornuftigt«, sagde den, »eller noget Umueligt, jeg forlanger jo ikke at blive som den rige Bonde, men blot som een af de rige Duer.«

Tilslidst udtænkte den en List. En Dag fløi den hen og satte sig paa Rygningen af Bondemandens Tag mellem de tamme Duer. Da den derpaa lagde Mærke til, at der var et Sted, hvor disse fløi ind, fløi den ogsaa derind, thi der maatte vel Forraadskamret være. Men da Bondemanden kom om Aftenen og lukkede Dueslaget, opdagede han strax den fremmede Due. Denne blev derpaa sat ind i et lille Aflukke for sig selv indtil den næste Dag, da den blev aflivet – og fritagen for Næringsorgen. Ak, den bekymrede Skovdue havde ikke blot fanget sig selv i Bekymringen, men ogsaa paa Dueslaget fanget sig selv – til Døden.

Havde Skovduen været nøiet med at være hvad den var: Himmelens Fugl, da havde den havt sit Udkomme, da havde den himmelske Fader født den, da var den, paa Uvishedens Vilkaar, blevet hvor den hørte hjemme, der hvor de ranke, eensomme Stammer tungsindigt ere i god Forstaaelse med Skovduens kurrende Trille; da havde det været Den, om hvilken Præsten talte i Søndags, da han gjentog Evangeliets Ord: seer til Himmelens Fugl, den saar ikke og høster ikke og sanker ikke i Lade, dog føder Eders himmelske Fader den.

Skovduen er Mennesket – dog nei, lader os ikke glemme, at det kun er Talen, der af Ærbødighed for den Bekymrede har ladet Skovduen holde for. Ja, som naar et fyrsteligt Barn opdrages, der da er et fattigt Barn, hvilket bliver straffet i stedet for Fyrsten: saaledes har Talen ladet Alt gaae ud over Skovduen. Og den har villigen fundet sig deri, thi den veed meget godt, at den er een af de guddommeligt beskikkede Lærere, af hvilke vi skulle lære; men dette gjør en Lærer ogsaa stundom, at han paa sig selv viser det Forkeerte, han vil advare imod. Skovduen selv er sorgløs, ja det er virkelig den, om hvilken Evangeliet taler. – Altsaa Skovduen er Mennesket. Naar han, som den, nøies med at være Menneske, da forstaaer han, hvad han lærer af Himmelens Fugl, at den himmelske Fader føder ham. Men føder den himmelske Fader ham, da er han jo uden Næringsorg, da boer han ikke

blot som de tamme Duer hos den rige Bonde, men han boer hos Den, som er rigere end Alle. Han boer virkeligen hos ham, thi da Himmel og Jord er Guds Huus og Eiendom, saa boer Mennesket jo hos ham.

Dette er det: at nøies med at være Menneske, at nøies med at være den Ringe, Skabningen, der ligesaa lidt kan opholde sig selv, som skabe sig selv. Vil Mennesket derimod glemme Gud – og ernære sig selv; saa har vi Næringssorgen. Det er vistnok priseligt og Gud velbehageligt, at et Menneske saaer og høster og sanker i Lade, at han arbejder for at finde Føden; men vil han glemme Gud og mene ved sin Arbeiden at ernære sig selv, saa har han Næringssorg. Den rigeste Mand, der nogensinde har levet, hvis han glemmer Gud og mener at ernære sig selv; han har Næringssorg. Thi lader os ikke tale daarligen og smaaligt, ved at sige, at den Rige er fritagen for Næringssorg, den Fattige ikke. Nei, kun Den er fritagen, som ved at nøies med det at være Menneske, forstaaer, at den himmelske Fader føder ham; og dette kan jo den Fattige lige saa godt som den Rige.

Næringssorg er derfor den Snare, hvori ingen udvortes Magt, ingen *Virkelighed* kan fange et Menneske, men hvori kun han kan fange sig selv, den Rige lige saa godt som den Fattige – naar han ikke vil nøies med det at være Menneske. Naar han nemlig ikke vil nøies dermed, hvad er da det Mere han forlanger? Det Mere er: at være sig selv sit eget Forsyn for hele Livet eller maaskee blot for den Dag imorgen; og naar han vil det, saa gaaer han – *snildt* – i Snaren, den Rige lige saa godt som den Fattige. Saa vil han ligesom omskandse sig selv paa en lille eller en stor Plet, der ikke skal være Gjenstand for Guds Forsyns og den himmelske Faders forsørgende Omsorg. Han mærker maaskee ikke, førend det er forsilde, at han i denne omskandsede Tryghed boer – i et Fængsel. Han gjør selv, hvad Bondemanden gjorde ved Duen, han lukker Slaget, og troer, at han nu er tryg, og nu er han netop fangen, eller, hvilket ogsaa kan udtrykkes paa en anden Maade, nu er han netop udelukket fra Forsynets Omsorg og præsiger til Næringssorg. Thi kun Den er fangen og udelukket, som har lukket sig inde hos meget eller lidet Gods i den Mening at ernære sig selv; og kun Den er fri og uden Næringssorg, som hos meget eller lidet Gods, ja i Armod forstaaer, at den himmelske Fader føder ham. Og Den, der i formastelig Forstand snildt har lukket sig selv inde og derved fanget sig selv, han har netop, som Skovduen, aandeligt forstaaet, fanget sig selv til Døden.

Allerede saaledes viser det sig, at Næringssorg fremkommer ved Sammenligning; her nemlig paa den forfærdelige Maade, at Mennesket ikke vil nøies med at være Menneske, men vil sammenligne sig med Gud, vil have en Tryghed ved sig selv, som intet Menneske tør have, hvilken Tryghed derfor ogsaa netop er – Næringssorgen.

Men ogsaa paa andre Maader viser det sig, at Næringssorg fremkommer ved Sammenligning, forsaavidt nemlig Næringssorg ikke er den Dag idags virkelige Trang, men Forestillingen om en fremtidig. Sammenligningen fremkommer da atter ved, at Mennesket ikke vil nøies med det at være Menneske. Himmels fattige Fugl sammenlignede sig jo med de rige Fugle; ved denne Sammenligning opdagede den Næringssorgen. Hvad det er at hunge og at finde Føde, det havde den vidst for længe siden, men Næringssorg havde

den ikke før havt. Og da nu disse Bestemmelser: riig og fattig, ikke ved et svælgende Dyb ere skilte fra hinanden, da de tvertimod i idelig Omgang og stadig Grændsestrid berøre hinanden, og da fremdeles det forskjellige Hensyn forholdsvis forandrer Bestemmelsen: saa kan altsaa dette Sammenligningens Tredie være det yderst Forskjellige. I Næringssorgen vil saa den Bekymrede ikke noies med det at være Menneske, men vil være eller have Forskjelligheden, vil være riig, formuende, velhavende, nogenlunde betrygget og saa fremdeles. Han seer nemlig ikke til Himmels Fugle – bort fra Menneskelivets Forskjellighed, men han seer sammenlignende til de Andre, til Forskjelligheden, og hans Næringssorg er et Sammenligningens Forhold.

Og selv om den Bekymrede ikke saaledes i Sammenligning fæster sin Opmærksomhed paa Grads-Forskjellen, og kalder *Det* Næringssorg, som mere er verdslig Bekymring (thi det er jo dog ikke Næringssorg, at bekymres om at have lige saa meget som Den og Den), selv om dette ikke er Tilfældet, der ligger dog en Sammenligning til Grund for Næringssorgen, forsaavidt denne ikke er Udtrykket for den virkelige men den forestillede Trang. Hvoraf kommer det, at Fuglen ikke har Næringssorg? Deraf, at den ikke sammenligner den ene Dag med den anden, at den efter Evangeliets Ord lader hver Dag have sin Plage. Men selv om den Bekymrede ikke sammenligner sit Kaar med noget andet Menneskes, og i denne Forstand »holder sig reen fra Verden« (ak, Sammenligning er maaskee en af de fordærveligste Arter Besmittelse) – naar han dog ængstelig sammenligner den ene Dag med den anden, naar han den Dag han har rigeligt Udkomme siger: men imorgen! og naar han den Dag han har knapt siger: imorgen vil det blive endnu værre: saa sammenligner han jo. Ak, hvis en saadan Bekymret læste dette, at han da ikke vilde blive utaalmodig paa Taleren. Gjerne skal jeg som en hedensk Viis gjorde af Ærbødighed for Talens Gjenstand: tildækkede sit Aasyn, gjerne skal jeg saaledes af Ærbødighed for Bekymringen tildække mit Ansigt, saa jeg Ingen seer, men kun taler om Himmels Fugl. Det var jo ved denne Art af Sammenligning, at Skovduen i Bekymringens sørgelige Omgang med sig selv fra Dag til Dag opdagede Næringssorgen; den tilstod jo, at den havde sit Udkomme, men Uvisheden bedrovede den, den syntes den blev saa afhængig – af Gud. Det græmmede den, at den aldrig med Sikkerhed turde tale om den næste Dag – o, lad os dog ikke glemme, at den jo i guddommelig Forstand turde tale med Sikkerhed, naar den sagde: den himmelske Fader vil nok føde mig imorgen; lad os ikke glemme, at den talede med allerstørst Sikkerhed om den Dag imorgen, hvis den ret inderligt indskrænkede sig til blot at takke for den Dag idag! Er dette ikke saaledes? Dersom der var en elskende Pige, hvem den Elskede kom og besøgte, hvis hun da sagde til ham: kommer Du nu ogsaa igjen imorgen: da var der dog jo nogen Bekymring i hendes Elskov. Men hvis hun uden at nævne den Dag imorgen kastede sig om hans Hals og sagde: o, tak, at Du kom idag: da var hun jo ganske beroliget for den Dag imorgen. Eller, hvis der var tvende Piger, og den ene sagde til sin Elskede: kommer Du nu ogsaa imorgen igjen; den anden sagde: o, tak at Du kom idag: hvilken af disse Tvende var meest overbevist om, at den Elskede vilde komme imorgen igjen?

Der føres ofte nok i Verden den unyttige og maaskee forfængelige Strid, naar den Fattige siger til den Rige: ja, Du kan sagtens, Du er fri for Næringssorg. Giv Gud, at den Fattige dog ret vilde forstaae, hvorledes Evangeliet mener det saa langt bedre med ham, ligeligt og mere kjærligt. Evangeliet lader sig sandeligen ikke bedaare af den synlige Forskjelligheds Sandsebedrag, lader sig ikke bedaare til at tage Partie med noget Menneske mod noget andet Menneske, med den Rige mod den Fattige eller med den Fattige mod den Rige. Det, ikke at have Næringssorg, er i Sandhed en Velbehagelighed i Guds Øine: skulde da vel den Rige uden videre have dette Fortrin, og den Fattige være udelukket? Ak, nei. Hvis den Fattige ret vilde nøies med det at være Menneske, og af Himmels Fugle lære at være uden Næringssorg, da skulde han eenfoldigen opløfte sig over den tilsyneladende Forskjellighed, han skulde maaskee stundom foranlediges til at sige: den stakkels Rige, han har dog ret Næringssorg. Thi hvilket Menneske kan dog vel med Rette og med Sandhed sige disse Ord: jeg har ingen Næringssorg? Dersom den Rige, idet han siger det, peger paa sine Rigdomme: mon der da er Spoer af Mening i hans Tale! Modsiger han sig ikke i samme Øieblik himmelraabende, han, som holder Næringssorgen fast, idet han holder den borte ved sine Skatte, og af Næringssorg passer nøie paa dem og forøger dem! Ja, dersom den Rige vilde bortgive alt sit Gods, kaste Pengene – og Næringssorgerne fra sig og nu sige: jeg har ingen Næringssorg: da først var der jo Mening i hans Tale. Og dette er jo den Fattiges Tilfælde, naar han, som Intet eier og forsaavidt Intet har at bortkaste, kaster Næringssorgen paa Gud og siger: jeg har ingen Næringssorg. Er dette ikke saaledes, at Rigdommene maae bort, dersom det blot skal være muligt, at der kan være Mening i Talen? Dersom En, der eiede en kostbar Samling af herlige Lægemidler, af hvilke han daglig brugte Noget, vilde, idet han pegede paa Lægemidlerne, sige: jeg er ikke syg – var dette da ikke en himmelraabende Modsigelse!

Ofte nok føres der i Verden mellem Menneske og Menneske den unøisomme Sammenligningens Strid om Afhængighed og Uafhængighed, om det Lykkelige i at være uafhængig og det Tunge i at være afhængig. Og dog, dog har det menneskelige Sprog aldrig, og Tanken aldrig udfundet et skjønnere Sindbillede paa Uafhængighed end Himmels – fattige Fugl; og dog, dog kan ingen Tale være mere besynderlig end at det skulde være saa Tungt at være – let som Fuglen! At være afhængig af sine Skatte, det er Afhængighed og tung Trældom; at være afhængig af Gud, ganske afhængig, det er Uafhængighed. Den bekymrede Skovdue frygtede daarligen at blive ganske afhængig af Gud, derfor ophørte den at være uafhængig og at være Sindbilledet paa Uafhængighed, ophørte at være Himmels fattige Fugl, der ganske er afhængig af Gud. Afhængighed af Gud er den eneste Uafhængighed, thi Gud har ingen Tyngde, det har kun det Jordiske og især jordiske Skatte, Den, der derfor er ganske afhængig af ham, han er let. Saaledes med den Fattige, naar han, nøiet med det at være Menneske, seer til Fuglen under Himmelen, seer til den – under Himmelen, som jo altid den Bedende seer op ad, den Bedende, nei han, den Uafhængige, er jo en Takkende.

At noies med det at være Menneske. Det var derom Talen handlede, og om hvorledes den Bekymrede lærer det af Lilierne paa Marken og af Himmels Fugle, hvorledes derimod Sammenligningen avlede den verdslige Bekymring, og hvorledes den avlede Næringssorgen. Det er vel et Menneske, der har talet, men han har jo, understøttet af Lilierne og Fuglene, talet om Lilierne og Fuglene. Og saaledes indeholder det, at han er den Talende, ingen Sammenligning med noget andet Menneske, som havde han noget Fortrin ved at være Taler; nei, her er atter Ligeligheden ligeoverfor de guddommeligt beskikkede Lærere: Lilierne paa Marken og Himmels Fugle.

O que aprendemos dos lírios do campo e das aves do céu

Søren Kierkegaard

Tradução do dinamarquês:

Alvaro L. M. Valls

I

Este santo evangelho é escrito pelo evangelista Mateus (cap. 6, vers. 24 até o final).

Este santo evangelho é escrito pelo evangelista Mateus (cap. 6, vers. 24 até o final).

Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro. 25. Por isso vos digo: não vos preocupeis com a vossa vida quanto ao que haveis de comer, nem com o vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa? 26. Olhai as aves do céu: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Ora, não valeis vós mais do que elas? 27. Quem dentre vós, com as suas preocupações, pode acrescentar um só côvado à duração da sua vida? 28. E com a roupa, por que andais preocupados? Aprendei dos lírios do campo, como crescem, e não trabalham e nem fiam. 29. E, no entanto, eu vos asseguro que nem Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um deles. 30. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã será lançada ao forno, não fará ele muito mais por vós, homens fracos na fé? 31. Por isso, não andeis preocupados, dizendo: Que iremos comer? Ou, que iremos beber? Ou, que iremos vestir? 32. De fato, são os gentios que estão à procura de tudo isso: o vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas essas coisas. 33. Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. 34. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta o seu mal.

Quem não conheceu este santo evangelho desde a sua mais tenra infância, e não se alegrou muitas vezes com esta boa-nova? E contudo esta não é uma boa nova pura e simplesmente; ela tem uma propriedade essencial que bem propriamente faz dela um

evangelho, ou seja, que se dirige ao que está preocupado³; sim, em cada linha do evangelho preocupado é fácil reconhecer que o discurso não é para os sadios, para os fortes, não é para os afortunados, porém para os preocupados; ó, é muito perceptível que a boa-nova faz, ela mesma, o que ela diz que Deus faz, acolhendo para si os aflitos e assumindo o cuidado deles – da maneira correta. Ai, isto decerto se faz necessário, pois todo aquele que tem pesar, e em especial quanto mais profunda e longamente este penetra na alma, ou quanto mais longamente penetra a fundo nela, talvez também sirva de tentação para impacientemente recusar-se a ouvir o discurso humano sobre consolo e esperança. Quiçá o pesaroso não tenha razão, talvez seja demasiado impaciente, quando lhe parece ser assim, que nenhum homem possa lhe falar de modo adequado ao seu pesar; pois o afortunado não o compreende; o forte parece elevar-se acima dele, ao consolá-lo; o [outro] preocupado apenas aumenta-lhe o pesar com a sua contribuição. Quando as coisas estão assim, é melhor portanto procurar para si outros mestres, cujo discurso não seja um mal-entendido, cujo encorajamento não contenha nenhuma censura oculta, cujo olhar não julgue ou condene, cujo consolo não inflame ao invés de acalmar.

Para tais mestres o evangelho preocupado orienta o pesaroso: aos lírios do campo e às aves do céu. Junto a estes modestos mestres, a quem a gente nem paga com dinheiro nem com humilhações, não há mal-entendido possível, pois eles se calam – por cuidado para com o aflito. E todo mal-entendido surge sempre com o discurso, compreendido mais de perto, que o discurso, especialmente o diálogo, contém uma comparação, que quando o afortunado diz ao aflito: sê alegre, aí a sentença inclui ao mesmo tempo: como eu sou; e quando o forte diz: sê forte, aí se subentende: como eu sou. Mas o silêncio honra a aflição e honra o aflito, como os amigos de Jó, que por reverência sentavam-se calados junto ao sofredor e o apoiavam honrosamente⁴. E no entanto, olhavam, afinal, para ele! Mas isto, que um homem olhe para o outro, contém outra vez uma comparação. Os silenciosos amigos não comparavam Jó com eles mesmos, isto só aconteceu quando romperam a honra (em que calados o apoiavam) e o silêncio, para com discursos se abaterem sobre o sofredor; mas suas presenças provocaram Jó a se comparar consigo mesmo. Com efeito, desta maneira nenhum homem pode estar presente, mesmo que se cale, que sua presença comparativamente não signifique absolutamente nada. No máximo, pode fazê-lo uma criança, que aliás tem também alguma semelhança com os lírios do campo e com as aves do céu; quantas vezes um sofredor não reconheceu e percebeu comovido que quando somente uma criança está presente, não há propriamente ninguém presente. E agora então, o lírio do campo! Por mais abundante que seja o seu sustento, ele não compara seu bem-estar com a pobreza de alguém; por mais despreocupado que esteja em sua formosura, ele não se compara nem com Salomão nem com o mais miserável de todos. E por mais que a ave saia voejando ligeiro pelas nuvens, ela não compara seu voo tão leve com o caminhar tão

3 *Bekymrede*: aflito ou preocupado.

4 Jó 2, 13.

pesado do aflito; se o pássaro, mais rico do que aquele que tem cheios os seus celeiros, não recolhe no celeiro: ele não compara sua rica independência com o que sofre sob a necessidade, que junta em vão. Não, lá onde o lírio floresce formosamente – no campo, lá onde o pássaro está livremente em casa – sob o céu, caso se procure consolo: lá há um silêncio ininterrupto, lá não há ninguém presente, lá tudo é apenas persuasão.

Todavia, as coisas só são assim se o preocupado realmente atenta aos lírios e às aves, pensando neles e em suas vidas esquece de si mesmo, enquanto neste esquecimento de si aprende deles, por si mesmo, imperceptivelmente algo sobre si mesmo; imperceptivelmente, pois ali só há silêncio, não há ninguém presente, o aflito está livre de todo e qualquer saber compartilhado, exceto o de Deus, o seu próprio – e o dos lírios.

Vamos então refletir neste discurso, de que modo o preocupado, ao olhar bem para os lírios do campo e para as aves do céu, aprende a:

contentar-se em ser homem.

“Observai os lírios do campo”, observa-os, isto quer dizer presta atenção a eles, torna-os objetos, não de uma olhada fugaz de passagem, mas de tua observação; por isso esta expressão é utilizada ali, como o pastor costuma empregá-la no mais sério e solene dos contextos, quando diz: Vamos, nesta hora de devoção, observar isto e aquilo⁵. Tão solene é a exigência e o convite; muitos vivem talvez na cidade grande e nunca veem os lírios; muitos vivem talvez na campanha e passam por eles diariamente indiferentes; aí, quantos há, quicá, que os observam bem, conforme a recomendação do Evangelho! – “Os lírios do campo”, pois não se trata das plantas raras que um jardineiro amorosamente cultiva em seu jardim, e que são observadas pelos expertos; não, vai até o campo, lá onde ninguém se desvela pelos lírios abandonados, e onde fica tão patente que eles não estão abandonados. Como é que esta exigência não seria convidativa para o preocupado, aí, afinal também ele, como o lírio abandonado, está abandonado, desconhecido, negligenciado, sem o cuidado humano, até que, ao observar bem o lírio, compreenda que não está abandonado.

O aflito vai então ao campo, e para junto dos lírios. Não como o faz decerto a criança feliz, nem como um adulto senil, que corre por aí para encontrar o mais bonito, para satisfazer a curiosidade ao encontrar o mais raro. Não, com tranquila solenidade observa-os, vê como eles ficam parados lá, em multidão numerosa, colorida, um tão bem quanto o outro – “*como eles crescem*”. Ora, como eles crescem, ele propriamente não vê, pois afinal é como diz o provérbio, a gente não pode ver a grama crescer, e não obstante, ele vê *de que modo* crescem, ou justamente porque o modo como eles crescem lhe é inconcebível, ele vê que tem de haver alguém que os conheça com tanta exatidão como o jardineiro conhece as plantas raras; alguém que diariamente se ocupe deles, de manhã e de noite, tal como o jardineiro se ocupa das plantas raras; alguém que lhes proporcione incremento.

5 Referência a expressões que o Bispo Mynster utilizava em sua pregação dominical. (N.T.)

É provável que seja também o mesmo alguém que proporciona incremento às plantas raras do jardineiro, só que essas tão facilmente provocam um mal-entendido por causa do jardineiro. Os lírios abandonados, por outro lado, os lírios comuns, lírios do campo, não ocasionam ao observador nenhum mal-entendido. Pois lá onde o jardineiro é visível, lá onde não se poupam esforços nem custos para cultivar plantas raras para o homem rico, parece que talvez dê para compreender melhor que elas cresçam; mas ao contrário, no campo, onde ninguém, ninguém, ninguém se preocupa com os lírios, de que modo eles podem lá crescer? E no entanto eles crescem.

Mas então os pobres lírios decerto têm de trabalhar eles mesmos com tanto mais rigor. Não, “*eles não trabalham*”; são somente as flores raras as que estão ligadas a tanto trabalho, para que possam chegar a crescer. Lá onde o tapete é mais precioso que o dos salões dos reis, lá não se trabalha. Enquanto o olhar do observador se diverte e se refrigera com a visão, sua alma não deve se preocupar com o pensamento sobre de que modo os pobres coitados dos lírios têm de trabalhar e labutar para conseguir tapete tão bonito. Só em relação ao produto da habilidade artística humana as coisas são assim, que o olhar, enquanto se deslumbra pelo esplendor do trabalho, enche-se de lágrimas com o pensamento nos sofrimentos da coitada da mulher rendeira.

Os lírios “*não trabalham, não fiam*”, não se encarregam propriamente de outra coisa senão de se enfeitar, ou ainda melhor: de estar enfeitados. Tal como na passagem anterior do Evangelho, onde se fala dos pássaros, quando se diz: “eles não semeiam, não colhem nem juntam nos celeiros”, assim também se refere ao trabalho do homem para sustentar a si e aos seus: assim contém essas palavras sobre os lírios (eles não trabalham, não fiam) também uma alusão ao trabalho da mulher. A mulher fica em casa, não sai para a rua a fim de buscar as coisas necessárias para a vida, ela permanece no lar, costura e fia, busca manter tudo tão enfeitado quanto possível; sua ocupação cotidiana, seu trabalho aplicado está mais próximo do esmero⁶. Assim também o lírio: ele fica em casa, não sai de seu lugar, mas não trabalha, não fia – só se enfeita, ou melhor ainda, está enfeitado. Se o lírio devesse ter alguma preocupação, então não seria com o sustento, como porém poderia parecer que o pássaro a tem, já que este voa numa área tão vasta e tão larga e recolhe alimento, não, a preocupação do lírio poderia estar à maneira feminina em relação com o estar ou não estar enfeitado também agora. Mas ele está sem preocupação.

Pois enfeitado ele está, com certeza; sim, o observador não pode deixar ficar, ele se curva para um lírio qualquer, ele toma o primeiro que alcança – “*eu vos asseguro que nem Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um deles*”. Observa-o então minuciosamente e de perto, e ainda que o seu espírito estivesse inquieto, aí, tal como um espírito humano pode estar inquieto, e ainda que seu coração batesse impetuosamente, aí, tal como um coração humano pode fazê-lo, ele se entrega inteiramente à tranquilidade, tão somente para observar este lírio. Quanto mais exatamente olha, mais se surpreende com sua formosura e sua

6 *Pyntelighed*: atilamento, aperfeiçoamento, capricho.

engenhosa formação; pois só em relação com o produto da habilidade artística humana vige que quanto mais minuciosamente se olha, mais falhas e imperfeições se descobrem, e vige, que se aguças o teu olhar com a lente esmerilhada artisticamente, aí tu mesmo enxergas no interior do mais fino tecido as malhas rudes. Ai, é como se o homem para sua própria humilhação fizesse a descoberta naquilo de que se orgulhava; quando aprendeu a polir artificialmente o vidro, de modo a aumentar o objeto, então ele descobriu, com a ajuda da lente de aumento, que mesmo o mais perfeito dos trabalhos humanos é rude e imperfeito. Mas a descoberta, que humilhava o ser humano, reverenciava a Deus, pois jamais alguém descobriu, com a ajuda da lupa, que o lírio ficava menos formoso, menos engenhoso, pelo contrário, mostrou ser ainda mais e mais formoso, mais e mais engenhoso. Sim, a descoberta honrava a Deus, como toda e qualquer descoberta deve fazê-lo, pois só em relação a um artista humano vale que aquele que o conhece com mais exatidão, mais de perto e no uso diário, vê, afinal, que ele não é tão grande; em relação com o artista que fia o tapete do campo e causa⁷ a formosura do lírio, vale que a surpresa aumenta com a proximidade, que a distância da adoração cresce com a aproximação a ele.

Assim, o aflito que foi até os lírios com sua tristeza paira entre eles, no campo, surpreso pela formosura do lírio que observa; ele apanhou o primeiro que viu, não fez nenhuma escolha, simplesmente nem lhe ocorre que devesse haver algum único lírio, tampouco como uma palha no campo, a respeito da qual não valesse que nem mesmo Salomão em toda a sua glória jamais se vestiu como um deles. Suposto que o lírio pudesse falar, aí ele não diria para o aflito: “por que te surpreendes desta maneira a meu respeito? Acaso o [fato de] ser homem não seria igualmente glorioso, não valeria a este respeito que mesmo Salomão em toda a sua glória nada é em comparação com aquilo que cada ser humano é, por ser homem, de modo que Salomão, para ser o mais glorioso de todos, como é, e ter consciência disto, teria de despojar-se de todo o seu esplendor e ser meramente um ser humano? Acaso o que vale para mim, pobre coitado, não haveria de valer para o ser um homem, que é, afinal de contas, o prodígio da criação?”. Contudo, o lírio não pode falar, mas justamente porque não pode falar, justo porque lá fora tudo é silêncio e não há ninguém presente, por isso justamente é o aflito, se ele fala e se fala com o lírio, neste caso é ele que fala consigo mesmo; sim, aos poucos ele descobre que fala sobre si mesmo, que aquilo que diz sobre o lírio ele diz sobre si mesmo. Não é o lírio que o diz, ele não sabe falar; nem é algum *outro* homem que o diz para ele; pois com o *outro* homem chega-se afinal muito depressa e facilmente ao pensamento inquieto da comparação; entre os lírios, o preocupado é só um ser humano e – satisfeito com ser um homem. Pois bem, no mesmo sentido em que o lírio é lírio, inteiramente no mesmo sentido ele é ser humano, apesar de todas as suas preocupações como ser humano; e inteiramente no mesmo sentido, como o lírio, sem trabalhar e sem fiar, é mais belo do que a glória de Salomão, bem no mesmo sentido é também o ser humano, sem trabalhar, sem fiar, sem nada de meritório de sua parte, ao

7 *virker*: atua, opera, produz o efeito.

ser um humano é mais glorioso do que a glória de Salomão. Não está dito no Evangelho, de jeito nenhum, que o lírio é mais glorioso do que Salomão, não, ali está escrito que ele está mais bem vestido do que Salomão em toda a sua glória. Ah, mas no trato contínuo com os humanos, na variada diversidade, e em seus diversos contatos, esquece-se, com a frenética ou preocupada inventividade da comparação, o que significa ser um humano, a gente esquece devido à diversidade entre um homem e outro. Mas no campo, junto aos lírios, onde o céu se arqueia lá no alto – como sobre um dominador, livremente – como a respiração está lá fora, onde os grandes pensamentos das nuvens dispersam tudo o que é acanhado: lá o preocupado é o único ser humano, que aprende dos lírios o que ele talvez não poderia aprender de um *outro* ser humano.

“Observai os lírios no campo.” Quão breve, quão solene, quão equiparador é este discurso sobre os lírios; não há vestígios de ideia, não se murmura nem o mínimo sobre a possibilidade de haver alguma diferença entre um lírio e outro; trata-se de todos eles e de cada um enquanto único; trata-se de todos de maneira igual: os lírios. Quiçá alguém vá achar que é estranho, porém, e seja exigir demais que a linguagem humana deva imiscuir-se nas diferenças dos lírios entre si e suas possíveis preocupações, ocasionadas pela diferença; quiçá alguém venha a achar: “Tais diferenças e tais preocupações não são dignas de atenção”. Vamos ver se nos entendemos. O que se quer dizer é que ou para os lírios não vale a pena prestar atenção a tais preocupações, isto é, que os lírios deveriam ser tão razoáveis que nem prestassem atenção a tais coisas; ou bem o que se quer dizer é que fica abaixo da dignidade do ser humano importar-se com as possíveis preocupações dos lírios, porque com efeito o ser humano é ser humano e não é lírio. Isto quer dizer: ou tais preocupações são, em si e por si, desarrazoadas, e por isso não vale a pena atentar a elas, independentemente de serem os ingênuos lírios ou os seres humanos racionais as tê-las; ou então a preocupação, essencialmente igual, é outra quando o lírio a tem, que não aquela quando o ser humano a tem, de modo que seja tolo da parte do lírio preocupar-se com tais coisas, mas não seja tolo quando se trate de um ser humano. Com efeito, se os lírios tivessem realmente tais preocupações, e o autor do discurso fosse da opinião de que a preocupação essencialmente igual tivesse grande importância em relação a um ser humano: assim, não seria sabedoria ou solidariedade, mas amor humano a si mesmo, o que poderia falar com tal brevidade e de modo tão frio sobre os coitados dos lírios, de modo tão nobre sobre as pequenas tristezas dos lírios, com tanta distinção ao chamá-las de pequenas tristezas, que não são dignas de atenção. Suposto que fosse então assim, que houvesse diferenças entre os lírios, uns dos outros, que em seu mundo minúsculo correspondessem às diferenças humanas; suposto que estas diferenças ocupassem e preocupassem os lírios, tanto quanto os homens – e suposto então que em verdade fosse verdadeiro o que ficou dito: tais diferenças e tais preocupações não são dignas de atenção.

Vamos meditar sobre este assunto mais de perto; e dado que o preocupado que saiu a ver os lírios no campo, sim, justamente desejando evitar toda comparação com outros homens, dado que tanto o desgostava que algum *outro* ser humano falasse com ele sobre

sua aflição; então este discurso há de respeitar sua preocupação; não falarei de um outro ser humano, nem sobre algum ser humano preocupado, mas prefiro falar *sobre o lírio preocupado*.

Era uma vez um lírio que cresceu num lugar afastado junto a um regato que corria, e era bem conhecido de algumas urtigas, mais um punhado de outras florezinhas na vizinhança. O lírio estava, segundo as verazes palavras do Evangelho, vestido mais formosamente do que Salomão em sua glória, além disso, sem preocupações e alegre enquanto durava o dia. Despercebida e vividamente o tempo passava, como a água corrente do riacho, que cantarolava e desaparecia. Ocorreu, porém, que um dia chegou um passarinho e visitou o lírio, retornou no outro dia, ficou fora vários dias, até que outra vez retornou, o que pareceu ao lírio estranho e inexplicável, inexplicável que o pássaro não permanecesse no mesmo lugar, tal como as florezinhas, estranho que o pássaro pudesse ter tais caprichos. Mas, como ocorre tão frequentemente, ocorreu também com o lírio que justamente por causa disto ele se apaixonasse cada vez mais pelo pássaro, por ter ele tais caprichos.

Este passarinho era um pássaro malvado; ao invés de se colocar no lugar do lírio, ao invés de se alegrar com a sua formosura, e se alegrar com ele em sua felicidade inocente, o pássaro queria fazer-se de importante, sentindo sua liberdade e fazendo o lírio sentir sua amarração. E não só isto, mas o pássaro era também conversador, e contava de coisas soltas e firmes, verdadeiras e falsas, de como em outros lugares havia, em grande quantidade, lírios magníficos totalmente diferentes, onde havia uma alegria e uma animação, um perfume, uma riqueza de cores, um canto de pássaros que excedia toda descrição. Assim contava o pássaro e cada uma de suas narrativas costumava acabar com uma observação que para o lírio era humilhante, de que este, em comparação com tal glória, não era nada, de que era tão insignificante que até se levantava a questão de com que direito ele de fato se chamava lírio.

Assim, o lírio foi ficando preocupado; quanto mais escutava o pássaro, tanto mais preocupado ficava; não mais dormia tranquilo à noite e não mais acordava alegre pela manhã; sentia-se preso e amarrado, achava tedioso o correr da água do regato o dia todo. Começava agora a se ocupar consigo mesmo e com as condições de sua vida em autoaflição – o dia inteiro. “Pode até ser bem bom”, dizia ele para si mesmo, “de vez em quando, para variar, escutar o correr da água do riacho, mas entra dia e sai dia ouvir a mesma coisa eternamente: é afinal demasiado enfadonho.” “Pode talvez até ser agradável”, dizia para si mesmo, “de vez em quando estar num lugar afastado e solitário, mas assim, por toda a vida, ficar esquecido, e estar sem companhia ou na companhia das urtigas ardidas, que afinal não são decerto companhia para um lírio: não dá para suportar.” “E então ter uma aparência tão humilde, como no meu caso”, dizia o lírio para si mesmo, “ser tão insignificante, como o passarinho diz que eu sou: ah, por que afinal eu não nasci num outro lugar, sob outras circunstâncias? Ah, por que eu não me tornei, afinal, uma coroa-imperial?” Pois o passarinho lhe contara que a coroa-imperial era considerada o mais belo entre

todos os lírios, e era objeto de inveja de todos os outros lírios. O lírio percebeu, decerto, infelizmente, que a preocupação o abalara; mas então falou para si mesmo apelando para a razão, não, porém, com tanta razão que tirasse a preocupação da cabeça, mas de um modo que ele mesmo se convenceu de que a preocupação era correta; “pois”, dizia ele, “meu desejo não é, afinal de contas, nenhum desejo desarrazado, eu não exijo afinal algo de impossível, tornar-me alguma coisa que eu não seja, um pássaro, p. ex.; meu desejo é tão somente tornar-me um lírio glorioso, ou quem sabe até o mais glorioso de todos.”

Enquanto ocorria tudo isso, o passarinho voava para lá e para cá, e a inquietação do lírio era alimentada a cada uma de suas visitas e a cada uma de suas separações. Por fim, ele se confiou inteiramente ao pássaro. Uma hora noturna combinaram que na manhã seguinte aconteceria uma mudança, e pôr-se-ia um fim à preocupação. Na manhã seguinte, bem cedo, veio o passarinho; com seu bico escavou a terra ao redor da raiz do lírio, de modo que assim ele pudesse ficar livre. Tendo sucedido isto, o pássaro tomou o lírio sob sua asa e voou dali embora. Com efeito, a combinação era a de que o pássaro voaria com o lírio para lá onde floresciam os lírios vistosos; depois, o pássaro deveria novamente ajudar a deixá-lo plantado ali, para ver se com a mudança de lugar e o novo ambiente não sucederia ao lírio tornar-se um lírio vistoso na companhia dos outros muitos, ou talvez até uma coroa-imperial, invejada por todos os demais.

Aí, no caminho o lírio ia murchando. Se o lírio aflito se tivesse contentado em ser lírio, não se teria afligido; se não se tivesse preocupado, teria ficado parado lá onde estava – onde estava, em toda a sua formosura, teria aí sido justamente aquele lírio, sobre o qual o Pastor falou no Domingo passado, quando repetia a palavra do Evangelho: “Observai o lírio, eu vos digo que nem Salomão em toda a sua glória vestiu-se como ele”. Pois de outro modo não se pode, afinal, compreender o Evangelho; pelo contrário, é triste, sim, quase horrível, ainda que seja verdade, que um comentador⁹ da Sagrada Escritura, a propósito desta passagem sobre os lírios, se sentisse motivado, tal como o passarinho, a esclarecer: que a coroa-imperial cresce espontaneamente naquelas paragens – como se assim se pudesse compreender melhor que o lírio sobrepujava em formosura Salomão, como se assim se pudesse compreender melhor o Evangelho, que portanto não se adequaria ao lírio não vistoso.

Assim se passou, então, com o lírio preocupado, cuja preocupação estava em se tornar um lírio magnífico ou quiçá uma coroa-imperial. O lírio é o ser humano. O pássaro malvado é o inquieto pensamento da comparação, que vagueia por toda parte, em círculos, inconstante e cheio de caprichos e recolhe o saber malsão da diferença; e tal como o pássaro não se colocou no lugar do lírio, assim a comparação o faz, com ela o ser humano coloca-se no lugar de um outro, ou coloca um outro no seu lugar. O passarinho é o poeta, o sedutor, ou aquilo que há de poético e sedutor no ser humano. O poético é

9 Provável referência ao autor alemão Claus Gratz, que comenta o Evangelho de Mateus especificando o lírio como sendo a coroa-imperial, de vermelho acentuado. (N.T.)

como a fala do pássaro, verdadeira e falsa, poesia e verdade¹⁰; pois é verdade que existe a diferença, e que há muito a se dizer sobre ela, mas o poético consiste em que a diferença seja apaixonadamente, no desespero ou no júbilo, o mais elevado, e isto é eternamente falso. Na aflição da comparação, o preocupado vai afinal tão longe que esquece, por causa da diferença, que ele é um ser humano, de modo que desesperadamente acha que é de tal modo diferente de outros homens que quase crê ser diferente daquilo que é ser homem, assim como o pássaro também achava que o lírio era tão pouco vistoso que até surgia a questão se ele seria realmente um lírio. Mas a defesa supostamente razoável da preocupação é sempre esta: de que a gente não exige algo de desarrazoado, tornar-se um pássaro, p. ex., mas apenas tornar-se esta coisa determinada que não se é, mesmo que esta coisa determinada pareça, por sua vez, a outros preocupados como algo puramente insignificante. Quando então a comparação, com o movimento do pássaro para lá e para cá, inflamou a paixão da preocupação e arrancou o preocupado do solo da terra, isto é, do querer ser aquilo a que está destinado: aí parece, por um momento, como se agora a comparação viesse para levar o preocupado ao seu objetivo almejado; mas ela vem, decerto, e o leva, contudo, embora apenas como quando a morte leva um ser humano, faz o preocupado falecer no oscilar do desânimo.

Agora, na medida em que o homem, não sem um sorriso, pode pensar na aflição do lírio por tornar-se coroa-imperial, pode dar-se conta de que este morreu no meio do caminho: oh, aí reflita o homem que pelo contrário seria de se lamentar se um ser humano se afliesse por coisas assim tão desarrazoadas; tão desarrazoadas assim, mas não, como me atreveria a deixar as coisas assim em suspenso, como ousaria assim seriamente mirar os mestres divinamente indicados: os lírios no campo? Não, o lírio não se preocupa desta maneira, justamente por isso devemos aprender dele. E quando então um ser humano, tal como o lírio, contenta-se com ser homem, aí ele não adoece de preocupação temporal; e quando não se preocupa temporalmente, aí fica naquele lugar que lhe foi indicado; e quando ali permanece, aí é verdade completa também, que ele, ao ser homem, é mais glorioso do que a glória de Salomão.

O que aprende dos lírios, portanto, o preocupado? Ele aprende a se contentar em ser homem, e a não se afligir com a diferença entre um homem e outro; aprende a falar com a mesma brevidade, com a mesma solenidade, com a mesma elevação, sobre ser homem como o Evangelho fala com brevidade sobre os lírios. E esta é afinal, por certo, também a maneira humana empregada nas ocasiões mais solenes. Pensemos em Salomão. Quando ele se veste com a púrpura real, quando senta de modo majestoso ao trono em toda a sua glória: aí sim, aí se pode falar de um modo tão solene, que o orador até diz: Vossa Majestade; mas quando, na linguagem eterna da seriedade, se há de falar com a mais alta solenidade, aí o que se diz é: Homem! E justamente o mesmo dizemos nós para o mais humilde de todos, quando ele, como Lázaro, jaz quase irreconhecível na

10 Alusão ao título da autobiografia de Goethe. (N.T.)

pobreza e na miséria, dizemos: Homem! E no momento decisivo para uma vida humana, quando se oferece a eleição da diferença, nós lhe dizemos: Homem! E no momento decisivo da morte, quando todas as diferenças são abolidas, dizemos: Homem! Contudo, assim não falamos de um modo inferior, pelo contrário, dizemos o mais elevado, porque isto de ser homem não é inferior às diferenças, mas é superior a elas; pois aquela glória essencialmente igual entre todos os seres humanos não é, contudo, a triste igualdade da morte, tão pouco como a igualdade essencial entre todos os lírios, que afinal é justamente a igualdade na formosura.

Toda preocupação *mundana* tem seu motivo ou razão no fato de que um homem não quer contentar-se em ser um homem, no fato de que pela comparação seu desejo aflito orienta-se para a diferença. Da preocupação *terrena e temporal*, pelo contrário, a gente não se atreve a dizer diretamente e sem mais que esta seria uma invenção da comparação, pois que um homem, no verdadeiro instante do aperto¹¹, necessita de alimentos e de roupas, isto ele não inventa pela comparação. Aquele que vivesse solitário entre os lírios do campo também o descobriria. A preocupação com a alimentação, ai, ou como mais usualmente é chamada num triste plural, as preocupações com a alimentação, não são diretamente uma invenção da comparação. Uma outra coisa é quando de incontáveis maneiras a comparação trabalha de modo ambíguo com as definições do que se deveria entender por preocupação com a alimentação, se acaso não teria de ser, afinal... mas não, o preocupado não quereria, afinal, justamente para evitar a comparação, que algum *outro* homem lhe viesse falar sobre isto; pois bem, formulemos então assim: se não se deveria poder aprender bastante dos pássaros a respeito desta preocupação.

Eis o que queremos observar agora: *como é que aquele a quem o cuidado com a alimentação causa preocupação, ao prestar atenção corretamente às aves do céu aprende a contentar-se em ser homem.*

“Olhai as aves do céu.” Olhai para elas, quer dizer, atentai exatamente para elas; assim o pescador chega pela manhã e examina a linha que à noite ele lançara ao mar; assim chega o médico e examina o enfermo; assim a criança se detém e examina quando o adulto faz algo que ela nunca tinha visto. Assim se deve, não com a mente dividida e os pensamentos dispersos, mas com atenção e reflexão concentradas, se possível com admiração, atentar detidamente aos pássaros. Se alguém dissesse: Um pássaro a gente já viu tantas vezes, não há por certo, afinal de contas, nada de notável: então este não compreendeu o convite do Evangelho sobre os pássaros do céu. – “*Os pássaros do céu*”, ou, como é dito num outro lugar, “os pássaros debaixo do céu”. Pois é claro que a gente também vê pássaros no solo, a gente os vê no chão, mas se devemos tirar bom proveito de observá-los, temos que olhá-los debaixo do céu, ou contudo recordar constantemente na imaginação que a moradia deles é debaixo do céu. Se alguém pudesse, ao ver frequentemente um pássaro no solo, esquecer que ele era um pássaro do céu, ter-se-ia impedido a si mesmo de compreender o Evangelho sobre as aves do céu. – “*Não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros.*” Como

11 *Trangens*: do apuro, da necessidade.

poderiam acontecer tais coisas, onde os pássaros têm seu refúgio – debaixo do céu, lá onde vivem sem a prevenção¹² da temporalidade, desconhecendo o tempo, no instante? O homem prevenido sobre a terra aprende do tempo a utilizar o tempo, e quando a partir de um tempo *passado* ele tem o celeiro lotado, e está precavido para o tempo *presente*, aí ele cuida de plantar de novo para uma colheita futura, para que outra vez venha a ter o celeiro cheio para um tempo *futuro*. Por isso se utilizam ali três palavras para designar o trabalho da prevenção; não se diz brevemente, como sobre os lírios: eles não trabalham; com as três palavras indica-se a determinação do tempo que se situa na base da prevenção. – “*E no entanto vosso Pai celeste as alimenta.*” O Pai celeste, sim, é evidente, tem de ser Ele, já que o observador olha para as aves – debaixo do céu; pois lá, aonde o camponês vai de manhã, ao meio dia e à tarde e chama as aves, reunindo-as e as alimenta: lá o observador pode facilmente equivocar-se e acreditar que é o camponês quem alimenta as aves. Mas lá onde não existe nenhum camponês – no campo aberto, lá onde não há nenhuma despesa – debaixo do céu, lá onde as aves despreocupadas, sem semear, sem colher, sem juntar no celeiro – e sem preocupações com a alimentação voejam leves sobre os bosques e os lagos: lá, afinal, tem de ser por certo o Pai celeste quem as alimenta. “Ele as alimenta”; ou deveríamos dizer, talvez, tolamente, o que decerto muito camponês tolo já disse: “as aves roubam”, deste modo quem alimenta as aves é propriamente o camponês, porque essas de fato roubam dele. Ai, se um pensamento humano mergulhasse tão fundo na baixa miséria que, em seriedade contrariada, ele chegasse a pensar uma tal coisa: como poderia então aprender a elevação das aves do céu, como é que isto poderia ajudá-lo a examinar as aves do céu? E no entanto, isto deveria com certeza auxiliá-lo, caso simplesmente quisesse *olhar para elas*, ou seja, atentar detidamente para elas, tornar a aprender¹³, aprender a esquecer o senso comum rasteiro que, de forma desumana, tornou sua alma mesquinha. Não, o Pai celeste alimenta as aves, e isto a despeito de que elas não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros, quer dizer, é o Pai celeste quem alimenta também as criaturas que semeiam e colhem e ajuntam nos celeiros, e por isso aquele que alimenta a si mesmo deve aprender dos pássaros que é, afinal de contas, o Pai celeste quem o alimenta. Mas aquele que nada, simplesmente nada possui na terra; aquele que assim – igualmente vive “debaixo do céu”; aquele que com tristeza percebe que está muito próximo no – alegre parentesco com os pássaros do céu: aprende que é o Pai celeste que os alimenta.

“Olhai as aves do céu – vosso Pai celeste as alimenta.” Quão breve, quão solene, quão igualitário é este discurso. Fala-se de todas as aves, nem uma única é esquecida no discurso que explica que o Pai celeste jamais esquece de uma única dessas, Ele, que abre sua mão suave e sacia tudo o que vive à vontade¹⁴. No discurso do Evangelho sobre os pássaros não se menciona nem um pouco alguma diferença; que um deles talvez recebesse abundantemente, o outro parcamente; um deles talvez provisão por um tempo um pouco

12 *Forsynlighed*: precaução.

13 *lære om igen*: revisar os conceitos.

14 Salmos 145, 16.

mais longo, o outro somente o necessário para o momento; que uma vez ou outra um deles teve de esperar, esperar em vão, teve de talvez deitar-se faminto: não, apenas se fala sobre as aves e de que o Pai celeste as alimenta.

Contudo, talvez alguém diga: “Ainda que um pássaro de vez em quando recebesse de menos, ainda que aí também morresse um pássaro de fome, a coisa por certo não seria assim tão grave”. Como é que deste modo um homem poderia ter um coração para falar assim sobre os pássaros? A preocupação pelo sustento não é e será sempre essencialmente a mesma, quer seja a ave que a tenha, quer seja o homem? Deveria o homem, altivo, desdenhar esta preocupação, se fosse apenas o pássaro quem a tivesse, e o homem estivesse livre dela? Ou seria desarrazoado da parte do pássaro preocupar-se com tais insignificâncias, mas não seria desarrazoado da parte do homem racional preocupar-se com as mesmas insignificâncias? Suponhamos que a vida do pássaro não deixasse de conhecer esta diferença no que se refere ao sustento, a qual se faz valer tanto pior entre os homens; suponhamos que esta diferença ocupasse e preocupasse as aves da mesma maneira como preocupa o homem.

Da mesma maneira – quando se admite isto, aí o discurso pode afinal evitar, aquilo que ao preocupado tanto desagradaria, que um *outro* homem lhe falasse sobre a preocupação dele, de modo que o discurso pode permanecer lá fora no campo junto aos pássaros e conversar sobre a preocupação do pássaro.

Era uma vez uma pomba do mato; lá onde a admiração habita junto com o calafrio, em meio aos troncos apurados e isolados, esta tinha o seu ninho. Próximo dali, porém, lá onde a fumaça se eleva da casa do camponês, moravam alguns de seus parentes mais distantes: algumas pombas domésticas. Com um par dessas ela seguidamente se encontrava; com efeito, assentava-se sobre um galho que se inclinava por cima da quinta do camponês; as duas pombas domésticas assentavam-se na cumeeira do telhado, mas a distância não era tão grande que as impedisse de trocarem opiniões, entre si, numa conversa. Um belo dia, conversavam sobre assuntos dos tempos e sobre o sustento. A pomba do mato dizia: “Eu tenho tido até agora, de um jeito ou de outro, o meu sustento, deixo a cada dia suas dificuldades, e deste modo vou avançando pelo mundo”. As pombas mansas escutaram com atenção, não sem experimentarem uma certa emoção voluptuosa perpassar todo o corpo, a que se chama pavonear-se, depois responderam: “Não, aí nós procedemos de outro modo; no nosso caso, isto é, na casa do rico camponês com quem vivemos, a gente tem o futuro assegurado. Quando chega o tempo da colheita, então eu me sento, ou o meu esposo, um dos dois se assenta lá em cima do telhado e observa. Então o camponês vai trazendo, uma depois da outra, carradas de grãos, e quando ele assim carregou para dentro tantas que eu nem consigo mais contar, aí sei que há provisão suficiente para muito tempo, e o sei por experiência”. Logo que terminou de falar assim, voltou-se, não sem um certo amor-próprio¹⁵, para seu esposo, assentado junto a ela, como se dissesse: “Não é verdade, maridinho? Nós dois temos o nosso garantido”.

15 *Selvfølelse*: autoconfiança.

Quando a pomba do mato foi para seu lugar, refletiu mais de perto sobre aquele assunto; prontamente lhe ocorreu que deveria ser uma grande comodidade *saber*, desta maneira, que se tinha o sustento garantido por longo tempo, e ao contrário era miserável viver assim constantemente num rumo incerto, de modo que jamais se ousasse dizer que a gente *sabe* que está provido. Por isso seria então melhor, pensou consigo mesma, que tu experimentasses, para ver se não conseguirias recolher uma provisão maior, que poderias deixar colocada num ou noutro lugar bem seguro.

Na manhã seguinte ela despertou mais cedo do que de costume e teve tanta trabalheira para recolher que quase nem teve tempo para comer ou para se alimentar bastante. Mas era como se uma fatalidade pairasse sobre ela, como se não lhe fosse permitido juntar prosperidade, pois cada vez que tinha reunido uma pequena provisão e a escondido num ou noutro lugar supostamente seguro – quando voltava para conferir, já havia desaparecido. Neste ínterim, não ocorreu nenhuma mudança essencial em relação ao sustento, ela encontrava cada dia o seu alimento do mesmo modo como antes, e à medida que se tornava mais escasso para ela, isso acontecia porque ela queria juntar e porque nem se dava tempo para se alimentar, pois caso contrário ela teria o sustento tão abundante como antes. Ai, e contudo ocorreu-lhe uma grande mudança, ela não sofria de nenhuma carência real, mas tinha assumido uma noção de carência para o futuro, havia perdido sua tranquilidade – agora tinha *preocupação com alimentação*¹⁶.

Desde então a pomba do mato ficou afita¹⁷, suas penas perderam o brilho da cor, sua fuga¹⁸ perdeu a leveza; seu dia passava numa tentativa infrutífera de juntar prosperidade¹⁹, seus sonhos eram os planos impotentes da imaginação; não estava mais alegre, estava sim quase invejosa das pombas ricas; encontrava seu alimento todo dia, satisfazia-se, e contudo parecia que não ficava satisfeita, porque passava fome por longo tempo ao se preocupar com o alimento; ela se aprisionara a si mesma naquela armadilha, na qual nenhum caçador de pássaros podia retê-la, na qual somente aquele que é livre pode aprisionar-se a si mesmo: na representação. “É bem verdade”, dizia para si mesma, “é bem verdade que quando cada dia eu consigo tanto quanto sou capaz de comer, aí eu tenho o meu sustento; a grande provisão que desejo juntar eu não poderia comer de uma só vez, e em certo sentido a gente não pode mais do que se fartar; seria, porém, uma grande comodidade ser liberado desta incerteza, pela qual a gente se torna tão dependente.” “Pode bem ser”, dizia para si mesma, “que as pombas domésticas comprem caro o seu sustento garantido; pode bem ser que elas, no fundo, tenham muitas preocupações, das quais eu até agora estava liberada, mas este asseguramento do futuro paira constantemente diante

16 *Naringsorg*: preocupação econômica.

17 *bekymret*: preocupada.

18 *dens Flugt*: seu voo.

19 *Velstand*: riqueza.

de minha cabeça; ah, por que eu fiquei afinal uma pobre pomba do mato e não uma das pombas ricas?” Assim ela ainda percebeu que a preocupação esgotava suas forças, mas aí ela falou para si mesma de um modo razoável, contudo não tão razoável que expulsasse a aflição de seu pensamento, e levasse sua mente ao repouso²⁰, mas de tal modo que ela se convenceu de que a preocupação era correta. “Eu não exijo afinal nada de desarrazoado”, dizia ela, “ou algo de impossível, afinal eu não exijo tornar-me como o camponês rico, mas apenas como uma das pombas ricas.”

Por fim, ela imaginou uma artimanha. Um dia voou para lá e se assentou na cumeeira do telhado do camponês entre as pombas mansas. Quando ela depois se deu conta de que havia um lugar, para dentro do qual essas voavam, voou também para dentro, pois ali devia decerto estar a despensa com as provisões. Mas quando ao anoitecer veio o camponês e fechou o pombal, ele prontamente descobriu a pomba desconhecida. Esta foi depois depositada numa pequena gaiola só para ela até o dia seguinte, quando então foi morta – e libertada das preocupações com alimentação. Que pena, a preocupada pomba do mato não apenas se havia aprisionado a si mesma na preocupação, mas também se aprisionara a si mesma no pombal – para a morte.

Se a pomba do mato se tivesse contentado em ser o que ela era: uma ave do céu, então ela teria tido seu sustento, então o Pai celeste a teria alimentado, então ela teria, nas condições da incerteza, permanecido lá onde ela pertencia, lá onde os troncos eretos e isolados melancolicamente combinam com o gorjeio arrulhante da pomba do mato; então ela teria sido aquela sobre a qual o Pastor falava no Domingo, quando repetia a palavra do Evangelho: Olhai as aves do céu, elas não semeiam nem colhem nem ajuntam em celeiros, e no entanto o vosso Pai celestial as alimenta.

A pomba do mato²¹ é o ser humano – mas não, não nos esqueçamos de que o discurso, apenas por deferência para com o preocupado, utilizou a pomba do mato como exemplo. Sim, tal como quando uma criança da mais alta nobreza está sendo educada e uma criança pobre é mantida por perto para receber os castigos no lugar do príncipe: foi assim que o discurso jogou tudo sobre a pomba do mato. E esta o aceitou de boa vontade, pois sabe muito bem que ela é um daqueles mestres incumbidos por Deus, dos quais nós devemos aprender; mas tais coisas um mestre também faz, de vez em quando, ao mostrar em si mesmo a coisa errada, contra a qual ele quer advertir. A pomba do mato, ela mesma, não tem tais cuidados²², ela é realmente aquela de quem fala o Evangelho. – Portanto, a pomba do mato é o ser humano. Quando ele, como aquela, contenta-se em ser um homem, então entende o que aprende do pássaro do céu, que o Pai celeste o alimenta. Mas se o Pai celeste o alimenta, aí ele fica afinal sem preocupação com o sustento, dado que

20 *til Ro*: para a calma, a tranquilidade.

21 *Skorduen*: pomba-rola.

22 *er sorglos*: vive desafogada.

ele não habita meramente, como as pombas domésticas, junto ao rico camponês, mas habita junto Àquele que é mais rico do que todos. Ele habita realmente junto a Ele, pois dado que o céu e a terra são a casa e a propriedade de Deus, então o ser humano mora, de fato, junto a Ele.

Ou seja: contentar-se em ser um homem, contentar-se em ser o humilde, a criatura, que tão pouco é capaz de se sustentar a si mesma, como de criar a si mesma. Mas se pelo contrário o ser humano quer esquecer Deus – e alimentar-se a si mesmo; então temos a preocupação com o sustento. É decerto louvável e agradável a Deus que um homem plante e junte e recolha no celeiro, que trabalhe para encontrar o alimento; mas se vier a esquecer Deus e achar que com seu trabalho vai alimentar a si mesmo, então ele terá preocupação com o sustento. O homem mais rico de todos os que já existiram, caso se esqueça de Deus e ache que se alimenta a si mesmo; tem, também ele, preocupação com o sustento. Pois não vamos falar de maneira tola e mesquinha, dizendo que o rico está livre da preocupação com o sustento, e o pobre não. Não, somente está livre aquele que, contentando-se em ser homem, compreende que o Pai celeste o alimenta; e disto é capaz tanto o pobre quanto o rico.

Preocupação com o sustento [econômica] é por isso a armadilha na qual nenhum poder exterior, nenhuma *realidade efetiva* é capaz de aprisionar um ser humano, porém na qual somente ele é capaz de aprisionar a si mesmo, o rico tão bem quanto o pobre – logo que não se contenta em ser um homem. Com efeito, quando ele não quer contentar-se com isso, o que é então o mais que ele exige? O mais é: ser ele mesmo sua própria providência para toda a vida, ou quiçá apenas para o dia de amanhã; e quando ele o quer, então ele entra – *engenhosamente* – na armadilha, o rico, tão bem quanto o pobre. Deste modo, ele quer, por assim dizer, colocar um muro ao redor de si, numa mancha de terra pequena ou grande, que não deva ser objeto da providência de Deus e dos cuidados sustentadores do Pai celestial. Talvez não perceba, antes que seja demasiado tarde, que nesta segurança entrincheirada ele mora, de fato, numa prisão. Ele mesmo faz aquilo que o camponês fez com a pomba do mato, ele próprio tranca a gaiola, e crê que agora está seguro, e agora está justamente aprisionado, ou, o que pode ser expresso também de uma outra maneira, agora está excluído dos cuidados da Providência e deixado à mercê da preocupação com o sustento. Pois só está aprisionado e excluído aquele que se encerrou²³ nos seus bens, muitos ou poucos, achando que se alimentava a si mesmo; e só é livre e sem preocupação de sustento aquele que com muitos ou com poucos bens, sim, mesmo na penúria, compreende que o Pai celeste o alimenta. E esse que num entendimento atrevido engenhosamente se trancou a si mesmo nestas coisas e com estas coisas se aprisionou, esse, justamente, tal como a pomba do mato, em sentido espiritual, aprisionou-se a si mesmo, [condenado] à morte.

Já desta maneira se evidencia que preocupação com o sustento surge pela comparação; aqui, com efeito, mostra-se de um modo terrível que o homem não quer contentar-

23 *udelukket*: excluído; *lukket inde*: encerrado.

-se em ser homem, mas quer comparar-se com Deus, quer ter uma segurança graças a si mesmo, como a nenhum homem é permitido ter, segurança esta que por isso é justamente – a preocupação com o sustento.

Mas também de outras maneiras se mostra que a preocupação com o sustento surge pela comparação, ou seja, na medida em que a preocupação com o sustento não é a necessidade real do dia de hoje, mas sim a representação de uma futura. Surge outra vez a comparação pelo fato de o homem não querer contentar-se em ser homem. A pobre ave do céu se comparava com as aves ricas; por causa desta comparação ela descobria a preocupação com o sustento. O que significa ter fome e achar alimento, isto ela já sabia desde muito tempo, mas preocupação com o sustento antes ela não havia tido. E então estas determinações: rico e pobre, não estavam separadas entre si por um abismo escancarado, dado que elas, pelo contrário, se tocam mutuamente no convívio contínuo e em constante conflito fronteiro, e aí além disso as diferentes perspectivas modificam mais ou menos a determinação: assim pode também ser o terceiro da comparação o mais extremamente diferente. Na preocupação com o sustento não quer então o preocupado contentar-se em ser homem, mas quer ser ou ter a diferença, quer ser rico, afortunado, abastado, de alguma maneira assegurado, e assim por diante. Ele não observa, com efeito, as aves do céu – afastadas da diversidade da vida humana, mas olha para os outros comparando-se, olha para a diversidade, e sua preocupação com o sustento é uma relação de comparação.

E ainda que o preocupado não fixe desta maneira sua atenção sobre a diferença de graus e chame de preocupação com o sustento *isto*, que é antes aflição mundana (pois afinal de contas isto não é preocupação com o sustento, preocupar-se com possuir tanto quanto este ou aquele), ainda que não seja este o caso, encontra-se contudo uma comparação na base da preocupação com o sustento, na medida em que esta não é a expressão para a necessidade real, mas sim imaginada. De onde provém que o pássaro não tenha preocupação com o sustento? Do fato de ele não comparar um dia com o outro, e de acordo com a palavra do Evangelho deixar a cada dia a sua dificuldade. Mesmo, porém, que o preocupado não compare sua condição com a de um outro homem, e neste sentido “se mantenha puro deste mundo” (ai, a comparação é talvez uma das mais corrompidas espécies de mácula) – quando contudo ansiosamente compara um dia com o outro, se num dia em que teve ganho abundante diz: Mas amanhã? E se no dia em que tem pouco ele diz: Amanhã será ainda pior: assim está ele comparando! Ai, se um tal preocupado lesse isto, oxalá não se impacientasse com o palestrante. De bom grado eu faria como fez um sábio pagão por deferência ao objeto do discurso: cobria seu rosto; de bom grado eu faria assim por respeito à preocupação, cobriria minha face, de modo a não ver ninguém, e falaria sobre a ave do céu. Foi afinal devido a esta espécie de comparação que a pomba do mato no convívio preocupado da aflição consigo mesma de um dia para o outro descobriu a preocupação com o sustento; admitiu, afinal, que ela tinha o seu ganho, mas a insegurança a entristecia, parecia que ficava muito dependente – de Deus. Causava-lhe desgosto que jamais pudesse falar com segurança sobre o próximo dia – ó, mas não nos

esqueçamos de que ela podia sim num sentido divino falar com segurança, se ela dissesse: O Pai celeste me alimentará bastante amanhã; não nos esqueçamos de quealaria com a maior de todas as seguranças sobre o dia de amanhã se ela se limitasse com muita interioridade a apenas agradecer pelo dia de hoje! As coisas não são assim? Se acaso houvesse uma jovem apaixonada, a quem o amado viesse e visitasse, e se acaso aí ela lhe dissesse: Voltas então de novo amanhã? Neste caso haveria alguma aflição em seu amor. Mas se ela, sem nomear o dia de amanhã, se jogasse em seus braços e dissesse: Ó, obrigada por teres vindo hoje: então ela estaria bem tranquila pelo dia de amanhã. Ou, caso houvesse duas jovens, e uma delas dissesse ao seu amado: Volta então amanhã outra vez; e a outra dissesse: Ó, obrigada por teres vindo hoje: qual destas duas estaria mais convencida de que seu amado haveria de retornar no dia de amanhã?

No mundo, bem frequentemente, leva-se adiante a inútil e talvez vã discórdia, quando o pobre diz ao rico: Sim, para ti é fácil, estás livre da preocupação com o sustento. Quisera Deus, porém, que o pobre pudesse compreender direito o quanto o Evangelho quer o que é muito melhor para este: igualitária e mais amorosamente. Na verdade, o Evangelho não se deixa encantar pela ilusão sensorial da diferença visível, não se deixa enfeitiçar a tomar partido por algum homem contra algum outro homem, com o rico contra o pobre ou com o pobre contra o rico. O não ter preocupação com o sustento é em verdade uma coisa agradável aos olhos de Deus: teria então decerto o rico, sem mais nem menos, esta vantagem, e o pobre estaria excluído dela? Ai, não. Se o pobre se contentasse mesmo em ser um homem, e aprendesse das aves do céu a não se preocupar com o sustento, então ele poderia elevar-se com simplicidade por sobre a diferença aparente, ele talvez se sentisse de vez em quando motivado a dizer: Coitado do rico, afinal, este sim tem preocupação com o sustento. Pois qual é o homem que pode dizer, com razão e com verdade, estas palavras: Eu não tenho nenhuma preocupação com o sustento? Se o rico, ao dizê-lo, aponta para as suas riquezas: será que há vestígios de sentido em sua fala? Não se contradiz no mesmo instante, de forma que clama aos céus, ele, que se atém à preocupação com o sustento, enquanto a mantém afastada com seus tesouros e por preocupação com o sustento os vigia e os aumenta? Sim, se o rico abandonasse todos os seus bens, lançasse para longe de si dinheiros – e preocupações com o sustento, e dissesse: Eu não tenho preocupação com o sustento; só então haveria afinal sentido em seu discurso. E este é, de fato, o caso do pobre, quando ele, que nada possui e neste sentido nada tem para jogar fora, joga a preocupação com o sustento para cima de Deus e diz: Eu não tenho nenhuma preocupação com o sustento. Não é desta maneira que as riquezas têm de ser afastadas, se é que deveria haver algum sentido, pelo menos, no discurso? Se alguém que possuísse uma dispendiosa coleção de esplêndidos medicamentos, dos quais tomasse alguma coisa todo dia, quisesse, apontando para os remédios, dizer: Eu não estou doente! – não seria esta uma gritante contradição?

Com bastante frequência leva-se adiante no mundo, entre uns e outros homens, o insatisfeito conflito da comparação sobre dependência e independência, sobre a sorte

que há em ser independente e o pesado que é ser dependente. E no entanto, no entanto, jamais a linguagem humana e jamais o pensamento descobriram um símbolo mais belo para a independência do que – o pobre pássaro do céu; e contudo, contudo, nenhum discurso pode ser mais estranho que o de que fosse tão pesado ser – leve como o pássaro! Ser dependente de seus tesouros, isto é dependência e pesada servidão; ser dependente de Deus, totalmente dependente, isto é independência. A preocupada pomba do mato temia tolamente ficar de todo dependente de Deus, por isso cessou de ser independente e de ser um símbolo da independência, deixou de ser a pobre ave do céu, que é totalmente dependente de Deus. Dependência de Deus é a única independência, pois Deus não tem peso, só o têm o terreno e especialmente os tesouros terrenos; aquele, então, que é de todo dependente Dele, é leve. Assim ocorre com o pobre, quando ele, contente em ser homem, observa a ave do céu, observa-a – debaixo do céu, para o qual olha sempre aquele que está orando, o suplicante²⁴, não, este, o independente, é na verdade um gratulante²⁵.

* * *

Contentar-se em ser homem. Era disto que tratava este discurso, e de como o preocupado o aprende dos lírios do campo e das aves do céu, e de como, em contraste, a comparação engendrou a aflição terrena, e de como ela engendrou o cuidado com o sustento. É claro que foi um homem quem discursou, mas, apoiado pelos lírios e pelas aves, ele falou sobre os lírios e as aves. E assim, o fato de ele ser o orador não implica em nenhuma comparação com algum outro ser humano, como se aquele tivesse alguma vantagem por ser orador; não, aqui volta a imperar a igualdade frente a frente²⁶ com os mestres divinamente nomeados: os lírios do campo e as aves do céu.

24 *den Bedende*: o orante, um que está a pedir.

25 *en Takkende*: um que agradece, que dá graças.

26 *ligeoverfor*: vis-à-vis.

Amlethus antes de Hamlet – Herói nórdico moldado em latim

Renata Caçarini de Freitas¹

Resumo: *O mais famoso personagem da dramaturgia shakespeareana, o melancólico príncipe da Dinamarca, Hamlet, tem sua origem primeira numa lenda nórdica relatada em latim por Saxo Grammaticus, autor do século XII sobre o qual se sabe pouco se sabe. A rota de transmissão do texto da saga “Gesta Danorum” é conhecida, mas há percalços que não permitem afirmar categoricamente que o bardo inglês tenha tido contato direto com a versão latina da história. Independente disso, conhecer o personagem que dá início a uma trajetória literária que parece interminável é crucial para os estudos da dramaturgia. Apresento neste artigo considerações sobre os personagens de Saxo e de Shakespeare, assim como o trecho inicial da minha tradução do latim para o português dos episódios de Amlethus, inéditos em nossa língua.*

Palavras-chave: *tradução, latim, Saxo, Shakespeare, Hamlet.*

Antes de Hamlet, houve um Amlethus. Esse pouco conhecido personagem mítico aparece numa saga dinamarquesa relatada em língua latina por autor que se tornou conhecido como Saxo Grammaticus (c. 1150-c. 1220), tendo florescido no período inserido pelos medievalistas Jacques Le Goff (1924-2014) e Georges Duby (1919-1996) entre a Alta e a Baixa Idade Média, fase batizada por eles de

1 Professora de língua e literatura latina na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (RJ). Doutora (2019) e mestre (2015) em Letras Clássicas pela USP com pesquisa sobre teatro latino antigo e recepção contemporânea. Especialista em Estudos Clássicos pela UnB com pesquisa sobre placas de maldição latinas (*tabellae defixionum*). Organizou e traduziu a seleção de cartas de Sêneca *Edificar-se para a morte: Das cartas morais a Lucílio* (Editora Vozes, 2016). É graduada em Latim pela USP (2012) e graduada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (1990). Tem interesse em dramaturgia elisabetana e contemporânea, além de artes plásticas e museologia. Coordena o Cineclube Matrizes Clássicas UFF. Mantém o blog sobre encenações de teatro antigo no Brasil (<http://palcoclassico.blogspot.com>).

Clássica. Nesse intervalo, que compreende os séculos XII e XIII, surgiram os idiomas vernáculos e estabeleceram-se as primeiras universidades europeias, mas o latim continuou sendo a língua de cultura. Portanto, é natural que Saxo, um clérigo escrevendo a história da Dinamarca a pedido do arcebispo Absalão (1128-1201), da cidade de Lund, hoje situada na Suécia, tivesse optado pelo latim.

As *Historiae* ou *Gesta danorum* reúnem os feitos dos dinamarqueses em 16 capítulos: os sete últimos relatam eventos históricos do século XII e os nove primeiros resgatam lendas nórdicas, a história pagã. Estima-se que a obra não tenha sido concluída antes de 1208, pois chega a aludir a uma expedição do rei Valdemar II pelo rio Elba ocorrida nesse ano. Nos capítulos III e IV, aparece pela primeira vez o jovem Amlethus, filho de Horvendillus, cogovernador da Jutlândia, morto pelo irmão Fengo, que usurpa o cargo e desposa a viúva Gerutha. Então, Amlethus finge-se louco enquanto planeja a vingança, que executa e à qual sobrevive para governar, mesmo que temporariamente. Esse pouco conhecido Amlethus, precursor do famoso Hamlet, tem duas esposas e usa de extrema violência contra seus inimigos. É um personagem medieval com marcas de virilidade e crueldade, não um renascentista melancólico com sua morbidez, como se veria em cena Hamlet no século XVI:

A audiência de Shakespeare, vendo Hamlet em seus trajes negros numa recepção da corte, sabia que ele sofria de um excesso de melancolia ou bília negra, e esperava um solilóquio que expressasse ódio à vida e uma visão nauseada desta. A melancolia era uma doença tanto física quanto emocional e mental, e eles também percebiam que, quando Hamlet, já melancólico, finge-se de louco, vai achar difícil distinguir onde está o limite. (FRYE, 2011, p. 22)

Esse “limite” é muito claro para Amlethus: a loucura é fingida, representando a melancolia até, mas de características medievais. É pura encenação para dissimular sua estratégia de vingança: não há conflito interno, não há dúvidas sobre a desforra pela morte do pai e pela usurpação do trono e da rainha. A melancolia “medieval” – por assim dizer – era associada à acédia: a apatia dos monges em relação ao culto, exatamente como na quarta acepção do verbete no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: “abulia espiritual quanto ao exercício das virtudes”. Essa inércia monacal é apenas simulada por Amlethus, ao passo que é amplamente conhecida e reconhecida a indecisão que acarreta a prostração de Hamlet.

O Renascimento é a era da melancolia. Sob a influência de Marsílio Ficino² e dos platônicos de Florença, a melancolia-temperamento aparece como o apanágio quase exclusivo do poeta, do artista, do grande príncipe e, sobretudo, do verdadeiro filósofo. (STAROBINSKI, 2016, p. 52)

O comportamento melancólico na obra de William Shakespeare (1564-1616) é externado também por Jacques, personagem da comédia *Como gostais* (*As you like it*), porta-voz da famosa afirmação “O mundo inteiro é um palco, e todos os homens e mulheres, apenas atores. Eles saem de cena e entram em cena, e cada homem a seu tempo representa muitos papéis, suas sete idades em sete anos”.³ Na tragédia homônima, o personagem Macbeth adota tom mais pesado: “A vida é só uma sombra: um mau ator/que grita e se debate pelo palco,/depois é esquecido; é uma história/que conta o idiota, toda som e fúria,/sem querer dizer nada”.⁴

O *topos* da vida como um palco estava presente também no imaginário coletivo durante a Idade Média Clássica, como se pode atestar do *Policraticus* (c. 1159), de John of Salisbury (c. 1120-1180), classificado como o primeiro livro de ciência política medieval, escrito quando o clérigo estava a serviço do arcebispado de Canterbury (Cantuária), na Inglaterra:

Já se disse que é uma luta a vida do homem na terra. Mas se o espírito profético tivesse concebido os tempos atuais, o que se diria é que é uma comédia a vida do homem na terra, onde cada um, esquecido de si, desempenha outro papel. (SALISBURY, 1909, p. 190)⁵

Assim, ao menos dois traços indelévels da maior – em extensão e em fama – das peças shakespearianas estavam já naturalmente presentes na narrativa latina

2 Marsílio Ficino (1433-1499) foi clérigo, médico e tradutor, importante expoente do humanismo florentino, que influenciou o imaginário dos seus contemporâneos com o conceito do sábio melancólico, retratado na famosa gravura *Melancholia I* (1514), de Albrecht Dürer (1471-1528), na qual se vê um anjo com a cabeça apoiada sobre a mão diante de vários símbolos de cultura.

3 Tradução em prosa de Beatriz Viégas-Faria (SHAKESPEARE 2013: 62) dos versos: “*All the world’s a stage, / And all the men and women merely players; / They have their exits and their entrances, / And one man in his time plays many parts, / His acts being seven ages*” (Ato 2, cena 7, versos 139-43).

4 Tradução em versos de Barbara Heliodora (SHAKESPEARE 2010: 567) dos versos: “*Life’s but a walking shadow; a poor player / That struts and frets his hour upon the stage, / And then is heard no more: it is a tale / Told by an idiot, full of sound and fury, / Signifying nothing*” (5.5.18-27).

5 Minha tradução direto do latim do trecho: “*Militia, inquit, est vita hominis super terram. At, si nostra tempora propheticus spiritus concepisset, diceretur egregie quia comedia est vita hominis super terram, ubi quisque sui oblitus personam exprimit alienam*” (Livro 3.8.15-19).

da lenda de Amlethus: a melancolia encenada e a vida como palco. O que muda é que, no teatro do período elisabetano-jacobino, a encenação da melancolia ganha complexidade, incluindo os questionamentos que o personagem principal faz a si na tentativa de se pôr em ação, de fazer cumprir seu compromisso moral com o monarca e pai morto, vencendo a própria apatia. Além dos solilóquios, tantas vezes usados como exemplos, pode-se perguntar quanto de simulação do personagem haveria, de fato, na seguinte fala de Hamlet aos falsos amigos Rosencrantz e Guildenstern:

“Ultimamente – não sei por que – perdi toda a alegria, desprezei todo o hábito dos exercícios e, realmente, tudo pesa tanto na minha disposição que este grande cenário, a terra, me parece agora um promontório estéril; este magnífico dossel, o ar, vejam, esse belo e flutuante firmamento, este teto majestoso, ornado de ouro e flama – não me parece mais que uma repulsiva e pestilenta congregação de vapores. Que obra de arte é o homem, como é nobre na razão, como é infinito em faculdades e, na forma e no movimento, como é expressivo e admirável, na ação é como um anjo, em inteligência, como um deus: a beleza do mundo, o paradigma dos animais. E, no entanto, para mim, o que é essa quintessência do pó?” (SHAKESPEARE, 2010, p. 100)⁶

Tal fala parece revelar, mesmo que eventualmente interpretada em tom jocoso, a visão de mundo deste Hamlet vestido de negro, vitimado pelo luto. Como salienta Starobinski, a condição física e mental de padecer do “humor negro” é justificativa bastante para o homem irreverente denunciar, impunemente, a deplorável situação do mundo:

Virando-se contra si mesmo, declarando-se joguete de um ascendente maléfico, o autor satírico nega a sua própria importância. Assim, reduzido a nada, pode dizer tudo sobre si mesmo e sobre o mundo. O que vale essa palavra? A doutrina da melancolia permite considerá-la como o pior desatino ou como a sabedoria mais perspicaz. (STAROBINSKI, 2016, p. 133)

6 Tradução de Barbara Heliodora do seguinte trecho em prosa: “*I have of late – but wherefore I know not – lost all my mirth, forgone all custom of exercises, and indeed it goes so heavily with my disposition that this goodly frame, the earth, seems to me a sterile promontory; this most excellent canopy, the air – look you, this brave o’erhanging firmament, this majestical roof fretted with golden fire – why, it appears no other thing to me than a foul and pestilent congregation of vapors. What a piece of work is a man! How noble in reason, how infinite in faculty! In form and moving how express and admirable! In action how like an angel, in apprehension how like a god! The beauty of the world. The paragon of animals. And yet, to me, what is this quintessence of dust?*” (2.2.296-309).

A perspicácia, a inteligência aguda associada à melancolia, é tema abordado na Antiguidade Clássica por Aristóteles, no século IV a.C., no chamado “Problema XXX”⁷:

Por que razão todos os que foram homens de exceção, no que concerne à filosofia, à ciência do Estado, à poesia ou às artes, são melancólicos, e alguns a ponto de serem tomados por males dos quais a bílis negra é a origem, como contam, entre os relatos relativos aos heróis, os que são consagrados a Hércules? (ARISTÓTELES, 1998, p. 81)

O filósofo trata dos caracteres naturais, e para tanto os compara com as mudanças temporárias causadas pela ingestão excessiva de vinho, e desenvolve o argumento, a partir da hipotética existência da bílis negra no organismo, de uma “mistura do quente com o frio” (ibid., p. 91), que pode alcançar o extremo desses dois estados. Prossegue o argumento apontando que “aqueles nos quais essa mistura se encontra abundante e fria são presas do torpor e da idiotia” (ibid., p. 93). O frio excessivo também causa covardia (ibid., p. 97). Já os vitimados pelo calor demasiado têm acessos de loucura, porém, quando esse estado não chega a irromper, o melancólico tem atributos superiores ou para a cultura, leia-se, filosofia, ou para as artes, isto é, a poesia, ou para a gestão da cidade (ibid., p. 95) – esses são seres de exceção (ibid., p. 99).

O paradigma citado por Aristóteles é Hércules, herói civilizador, melancólico-quente que, num acesso de loucura induzido por Hera, mata os filhos. Hamlet, melancólico-frio, afirma logo no primeiro solilóquio não ser como Hércules⁸. Ainda assim, Hamlet é claramente um ser-personagem de exceção, portador de uma natureza melancólica algo inspirada⁹ que conduz ao conhecimento iluminado, como se fosse um filósofo. O personagem é estudante de Wittenberg, centro teológico verídico da Alemanha que, entre 1586 e 1588, acolheu Giordano Bruno

7 Há uma polêmica quanto à autoria do texto grego, talvez um pseudo-Aristóteles (ARISTÓTELES, 1998, p. 51-3), mas em um comentário nas *Tusculanas*, de Cícero, no século I a.C., o autor seria mesmo Aristóteles.

8 “Oh deus, um animal sem raciocínio/guardaria mais luto – ei-la casada/com o irmão de meu pai, mas tão diverso/dele quanto eu de Hércules. Um mês!”, na tradução versificada de Barbara Heliodora dos versos: “O God! A beast that wants discourse of reason/ would have mourned longer – married with mine uncle./ My father’s brother but no more like my father/ than I to Hercules. Within a month!” (1.2.150-3)

9 Nos versos finais de sua última fala, Hamlet afirma (5.2.376): “but I do prophesy th’election lights on Fortinbras” ou “mas predigo que a escolha irá a Fortimbrás” (trad. Lawrence Flores Pereira, 2015, p. 193), referindo-se ao príncipe norueguês como futuro rei da Dinamarca.

(1548-1600), discípulo da “magia dos astros” de Marsílio Ficino (1433-1499): este chegou a ser acusado de necromancia em 1482, enquanto aquele foi mesmo condenado à morte por heresia durante a Inquisição.¹⁰

Portanto, vê-se que o imaginário coletivo do Renascimento reuniu o temperamento melancólico, influenciado pelos astros e pela bÍlis negra, e a agudeza de espírito num personagem que é geralmente descrito como característico do período. Contudo, essa agudeza de espírito é mais um traço em comum que Hamlet tem com Amlethus. Veja-se, então, como, neste breve trecho da narrativa de Saxo, os três pontos levantados até aqui são evidentes:

Com suas mãos assassinas, Fengo não hesitou em trocar abraços ilegítimos, dando seqüência a um delito duplamente herético com um crime equivalente. Constatando isso, Amlethus, para que não levantasse a suspeita do tio sobre si por agir com mais prudência, tendo decidido simular idiotice, fingiu extremo desequilíbrio mental e com tal esperteza não apenas encobriu seu engenho como também garantiu sua salvação. Todos os dias, depois de ter envolvido a casa materna no pleno torpor do luto, enodoava seu corpo largado no chão com a imundície dos detritos nojentos. A cor apagada do rosto e a face lambuzada de secreção configuravam a demência e o ridículo da idiotice. Qualquer som que emitia combinava com suas extravagâncias, qualquer coisa que fizesse exalava profunda inércia. Acrescentar o quê? Podia-se dizer não se tratar de um homem, mas de um risível prodígio da delirante fortuna. (SAXO, Dan. 3.6.5 [10]-3.6.6[5])¹¹

É preciso destacar que no texto de Saxo não ocorre o termo “melancolia” (em latim, *melancholia*)¹². Na verdade, o substantivo não aparece nos dicionários de latim clássico – vide o *Oxford Latin Dictionary* (OLD), que inclui apenas o verbete

10 Sobre o tema, consultar artigos de Marcos Ferreira de Paula, docente da Unifesp, citados na bibliografia.

11 O texto latino é extraído do site da Det Kongelige Bibliotek, Copenhagen. <http://www2.kb.dk/clib/lit/dan/saxo/lat/or.dsr/3/6/index.htm>. Consultado em 30/04/2017. Minha tradução direto do latim do seguinte trecho: “[10] *Nec dubitavit Fengo parricidales manus flagitiosis inferre complexibus, geminae impietatis noxam pari scelere persecutus.* 3.6.6 [1] *Quod videns Amlethus, ne prudentius agendo patruo suspectus redderetur, stoliditatis simulationem amplexus extremum mentis vitium finxit eoque calliditatis genere non solum ingenium texit, verum etiam salutem defendit.* [2] *Quotidie maternum larem pleno sordium torpore complexus abiectum humi corpus obsceni squaloris illuvie respergebat.* [3] *Turpatus oris color illitaque tabo facies ridiculae stoliditatis dementia figurabant.* [4] *Quicquid voce edebat, deliramentis consentaneum erat; quicquid opere exhibuit, profundam redolebat inertiam.* [5] *Quid multa? Non virum aliquem, sed delirantis fortunae ridendum diceres monstrum.*”

12 Sobre a ocorrência do termo latino, veja-se o capítulo “Naming a disease” em BELL, Matthew. *Melancholia: The Western Malady* (2014).

adjetivo *melancholicus*, registrando passagem de Cícero sobre Aristóteles (1968, p. 1092): *Aristoteles quidem ait omnes ingeniosos melancholicos esse, ut ego me tardiores esse non moleste feram. (Tusc. I. 80)*. Ou seja, Cícero, o mais aclamado dos oradores latinos, se coloca entre os morosos, não entre os astutos: “Aristóteles, de fato, diz que todos os homens engenhosos são melancólicos, de tal forma que eu não me incomodo de ser mais vagaroso” (minha tradução). A palavra ocorre somente no latim tardio. Aparece, no entanto, na versão francesa da história de Amlethus¹³.

A rota de transmissão do texto de Saxo é acidentada, já que há notícia de um epítome, um resumo da obra, apenas em 1431. O clérigo dinamarquês Christiern Pedersen busca cópia do manuscrito original a partir de 1510. Localizada – e hoje dada como perdida –, é impressa em latim, em 1514, em Paris. O texto circula, tanto é que Erasmo de Roterdã (1466-1536) o comenta no seu *Dialogus Ciceronianus* (1528), elogiando a variedade de figuras de linguagem, o repertório lexical e o uso de máximas. Em 1570, François de Belleforest (1530-1583) faz uma adaptação da história de Amlethus em francês, que integra o livro V das suas *Histoires Tragiques*, com sete edições até 1600. Uma versão do texto latino é publicada em dinamarquês por Anders Sørensen apenas em 1575.

A história francesa do personagem chamado Amleth tem sua versão em inglês apenas em 1608, como *Historie of Hamlet*. No entanto, a Biblioteca Britânica possui cinco diferentes edições do livro V de Belleforest, sendo que a mais antiga delas é datada de 1576. Além disso, nomes como Geoffrey Fenton (c. 1539-1608) e William Painter (c. 1540-1594) são citados como tradutores de parte das *Histoires Tragiques* na Inglaterra. Diante dessa evidente circulação da obra francesa, é provável que o chamado *Ur-Hamlet* (1587?), peça da qual há referências no palco inglês antecedendo o texto de Shakespeare (1599?), tenha se baseado na versão de Belleforest, mas também não se pode descartar sua origem na narrativa latina de Saxo. Como não há texto supérstite dessa peça, geralmente atribuída a Thomas

13 “& ainsi Amleth, vivant son pere, avoit esté endoctriné en cette science, avec laquelle le malin esprit abuse les hommes, & advertissoit ce Prince (comme il peut) des choses ja passées. Je n’ay affaire icy de discourir des parties de divination en l’homme, & si ce Prince, pour la vehemence de la melancholie, avoit reçeu ces impressions...” Na minha tradução: “...e assim Amleth, quando era vivo seu pai, fora treinado naquela ciência com a qual o espírito maligno abusa dos homens, e alerta o príncipe (tanto quanto pode) sobre acontecimentos passados. Não se trata aqui de discorrer sobre as partes da adivinhação no homem e se o príncipe, pela veemência da melancolia, recebera essas impressões...” Texto da edição francesa de 1572 no site da Biblioteca Nacional Francesa, consultado em 01/05/2017: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103447/f1.image.r=fran%C3%A7ois+de+belleforest.langFR>

Kyd (1558-1594), persiste a teimosa discussão acerca do modelo adotado pelo bardo inglês para o seu *Hamlet*¹⁴.

Por outro lado, é possível tentar traçar o desenvolvimento ou desdobramento do personagem Hamlet, cujo registro primeiro é o de Saxo, mas que se multiplica incessantemente nos palcos de todo o mundo em variações incontáveis. O que é ainda hoje atávico em Hamlet senão a amargura melancólica? Sobe ao palco um ator solitário, nenhum outro personagem o acompanha e, por mais de uma hora, ele fala, não mata, nem morre, e ainda assim é Hamlet.

A indisponibilidade do chamado *Ur-Hamlet* dificulta traçar com exatidão as alterações sofridas pelo personagem no seu percurso literário. Contudo, a única frase remanescente da peça – “*Hamlet, revenge!*” – revela que, do texto medieval ao renascentista, o mote da vingança persiste. Se foi uma reação natural para Amlethus, torna-se depois obrigação de sangue para o Amleth francês, embora não ainda motivo de reflexão como para Hamlet. Porém, como observa José Roberto O’Shea em sua edição do primeiro *Hamlet* (2010, p. 20), o *in-quarto* de 1603, esse texto mais curto e ágil, mostra o personagem “menos introspectivo e mais focado na vingança do que o príncipe que protagoniza as versões mais longas”, ou seja, o segundo *in-quarto* (1605) e o fólio (1623).

Tradução

Diante da extensão da obra de Saxo, cabe ao tradutor da lenda de Amlethus operar um recorte. Assim, me parece que um bom início para a história antecede mesmo o nascimento do personagem principal, e incluo, então, um retrato da bravura de seu pai, em honra do qual Amlethus executará sua vingança. Início a tradução no livro 3.6.1, com a subdivisão em parágrafos e em frases, que manteve apenas no texto latino, apresentado ao lado do texto em português, em que os nomes foram, por ora, mantidos em latim. A partir desse ponto são relatadas aventuras de Horwendillus, que depois de ter governado a Jutlândia por três anos a mando do rei Roricus, da Dinamarca, entrega-se às aventuras da pirataria e ganha fama. Collerus, rei da Noruega, o inveja e quer vencê-lo com a força de suas armas. Encontrando-se os dois em situação de combate, Hordenvillus propõe um duelo como a melhor prova de coragem. Collerus aceita e sugere um pacto sobre

14. Sobre as várias referências editoriais da história de Hamlet, consultar BOULHOSA, GILLESPIE e IBÁÑEZ-LLUCH.

o tratamento a ser dado ao derrotado após a morte. Este é um trabalho ainda em andamento, portanto, apresento aqui apenas um excerto:

Dan 3.6.1 (p. 76,6)

[1] Eodem tempore Horwendillus et Fengo, quorum pater Gerwendillus Iutorum praefectus exstiterat, eidem a Rorico in Iutiae praesidium surrogantur. [2] At Horwendillus, triennio tyrannide gesta, per summam rerum gloriam piratae incubuerat, cum rex Norvagiae Collerus operum eius ac famae magnitudinem aemulatus decorum sibi fore existimavit, si tam late patentem piratae fulgorem superior armis obscurare quivisset.

[3] Cuius classem varia fretum navigatione scrutatus offendit. [4] Insula erat medio sita pelago, quam piratae collatis utrimquesecus navigiis obtinebant. [5] Invitabat duces iucunda litorum species, hortabatur exterior locorum amoenitas interiora nemorum verna perspicere lustrisque saltibus secretam silvarum indaginem pererrare. [6] Ubi forte Collerum Horwendillumque invicem sine arbitris obvios incessus reddidit.

Dan 3.6.2 (p. 76,18)

[1] Tunc Horwendillus prior regem percontari nisus, quo pugnae genere discernere libeat, praestantissimum affirmans, quod paucissimorum viribus ederetur. [2] Duellum siquidem ad capessendam fortitudinis palmam omni certaminis genere efficacius fore, quod propria virtute subnixum alienae manus opem excluderet.

[3] Tam fortem iuvenis sententiam admirans Collerus: 'Cum mihi,' inquit, 'pugnae

Nessa época, Horwendillus e Fengo, cujo pai, Gerwendillus, havia sido governante dos jutos, são encarregados por Roricus de proteger a Jutlândia. Mas Horwendillus, depois de três anos no poder, dedicara-se à pirataria obtendo muita glória em suas ações. Foi quando o rei Collerus, da Noruega, considerou então que, imitando a grandeza dessas conquistas e a fama, conquistaria para si também reconhecimento se, sendo superior em armas, fosse capaz de ofuscar o brilho que o pirata espalhava.

Topou com a frota dele após ter vasculhado os mares em várias navegações. Havia uma ilha situada em pleno oceano, que os piratas abordavam com suas embarcações atracadas cada uma de um lado. O belo aspecto das praias atraía os capitães, a área externa agradável incitava a investigar o interior primaveril dos bosques e a perambular numa investigação secreta das matas pelas trilhas já abertas. Foi quando, por acaso, a caminhada colocou frente a frente Collerus e Horwendillus, um e outro, sem mediadores.

Então, Horwendillus avançou primeiro e perguntou ao rei que tipo de combate seria melhor travarem, afirmando que o mais notável seria o que envolvesse o mínimo de homens. Que o duelo, visto que se almejava o prêmio da bravura, seria o mais eficaz tipo de certame porque, contando com a própria coragem, excluiria a ajuda de outrem.

Admirando tão valente declaração do jovem, Collerus diz: “Uma vez que me

delectum permiseris, maxime utendum iudico, quae tumultuationis expers duorum operam capit. [4] Sane et audacior et victoriae promptior aestimatur. [5] In hoc communis nobis sententia est, hoc ultro iudicio convenimus. [6] At quoniam exitus in dubio manet, invicem humanitati deferendum est, nec adeo ingeniis indulgendum, ut extrema neglegantur officia. [7] Odium in animis est; adsit tamen pietas, quae rigori demum opportuna succedat. [8] Nam etsi mentium nos discrimina separant, naturae tamen iura conciliant. [9] Horum quippe consortio iungimur, quantuscumque animos livor dissociet. [10] Haec itaque pietatis nobis condicio sit, ut victum victor inferiis prosequatur. [11] His enim suprema humanitatis officia inesse constat, quae nemo pius abhorruit. [12] Utraque acies id munus, rigore deposito, concorditer exsequatur. [13] Facessat post fatum livor, simultasque funere sopiatur. [14] Absit nobis tantae crudelitatis specimen, ut, quamquam vivis odium intercesserit, alter alterius cineres persequamur. [15] Gloriosum victori erit, si victi funus magnifice duxerit. [16] Nam qui defuncto hosti iusta persolverit, superstitis sibi favorem asciscit, vivumque beneficio vincit, quisquis extincto studium humanitatis impenderit. [17] Est et alia non minus luctuosa calamitas, quae vivis interdum, damnata corporum parte, contingit. [18] Huic non segnius quam ultimae sorti succurrendum existimo. [19] Saepe enim incolumi spiritu membrorum clades pugnantibus incidit; quae sors omni fato tristior duci solet, quod mors omnium memoriam tollat, vivens vero proprii corporis stragem neglegere nequeat. [20] Hoc quoque malum ope excipiendum est. [21] Conveniat igitur alterius ab altero laesionem denis auri talentis sarciri. [22] Nam

permitiste escolher o combate, julgo que se deva fazer o melhor: o combate que, sem tumulto, envolve o empenho de dois. Logicamente é considerado mais ousado e mais rápido. Quanto a isso, temos a mesma opinião, convergimos em nosso julgamento. Mas considerando que o desfecho permanece uma dúvida, é preciso que ambos respeitem o que é humano, não cedendo tanto aos instintos a ponto de serem negligenciados os últimos deveres. Há ódio nos corações; mas haja também piedade, que, na hora certa, substitua a crueza. Pois, ainda que diferenças de mentalidade nos separem, as leis da natureza nos conciliam. Com efeito, pelo consórcio delas somos reunidos, por maior que seja o rancor que afaste nossos corações. Assim, façamos um pacto de piedade: que o vencedor ofereça rituais fúnebres ao vencido. De fato, esse é considerado o principal dever do homem, que nenhum ser piedoso recusa. Que cada um dos lados, depondo a crueza, execute essa homenagem de bom grado. Que o rancor desapareça depois do fato e que a rivalidade fique adormecida no funeral. Que se ausente de nós tamanha crueldade e não persigamos as cinzas um do outro, embora em vida o ódio tenha intercedido. Será a glória do vencedor, ter realizado fêretro magnífico para o vencido. Pois, quem tenha cumprido o que é justo para com o inimigo morto alcança o favor dos sobreviventes e conquista o vivo pela benesse quem quer que tenha tratado com humanidade o falecido. Há também outra desgraça, não menos pesadosa, que acontece por vezes aos vivos: a perda de uma parte do corpo. Considero que se deva prestar socorro a isto tão logo quanto à derradeira sorte. De fato, muitas vezes combatentes perdem membros, mas mantêm a respiração intacta:

si pium est alienis calamitatibus compati, quanto magis propriis misereri? [23] Nemo naturae non consulit; quam qui negligit, sui parricida est.'

Dan 3.6.3 (p. 77,7)

[1] In haec data acceptaque fide pugnam ineunt. [2] Neque enim iis aut mutui occursum novitas aut vernantis loci iucunditas, quo minus inter se ferro concurrerent, respectui fuit. [3] Horwendillus appetendi hostis quam muniendi corporis nimio animi calore avidior redditus, neglecta clipei cura, ambas ferro manus iniecerat. Nec audaciae eventus defuit. [4] Collerum siquidem scuto crebris ictibus absumpto spoliatum, desecto tandem pede exanimem occidere coegit. [5] Quem, ne pacto deesset, regio funere elatum magnifici operis tumulto ingentique exsequiarum apparatu prosecutus est. [6] Deinde sororem eius, Selam nomine, piraticis exercitam rebus ac bellici peritam muneris, persecutus occidit.

Dan 3.6.4 (p. 77,17)

[1] Triennium fortissimis militiae operibus emensus, opima spolia delectamque praedam Rorico destinat, quo sibi propiorum amicitiae eius gradum conscisceret. [2] Cuius familiaritate fultus filiae eius Geruthae connubium impetravit, ex qua filium Amlethum sustulit.

tal sorte costuma ser tomada como mais triste que qualquer outro destino, porque se a morte extirpa a memória de tudo, não há dúvida que a pessoa viva não é capaz de ignorar um dano ao próprio corpo. Este mal também deve ser compensado. Portanto, concordemos ser reparada a lesão com dez talentos de ouro cada um de uma parte a outra. Pois, se é piedoso compadecer-se das desgraças alheias, quanto mais não o é ter misericórdia das próprias? Não há quem delibere contra o que é natural; quem ignora isso é assassino de si mesmo”.

Aceitos e afiançados esses termos, partem para o combate. De fato, nem o inusitado do mútuo encontro nem a beleza do lugar primaveril os motivou a amenizar o embate de espada. Horwendillus, com ânimo extremamente exaltado, mais ávido de atacar o inimigo que de defender-se, descuidado do escudo, se lançara com as duas mãos na espada. E não falhou o ato de audácia. Collerus, privado do escudo que tinha sido destruído após tantos golpes, com um pé seccionado, morreu desacordado. E para que não faltasse ao pacto, Horwendillus ofereceu os rituais fúnebres com grandes exéquias e um túmulo magnificamente erigido, levando Collerus num régio funeral. Em seguida, perseguiu e lhe matou a irmã, chamada Sela, experiente nas artes da pirataria e perita no ofício da guerra.

Completados três anos de valorosíssimas ações militares, Horwendillus destina a Roricus espólios valiosos e seletos para avançar ainda mais na sua relação de amizade. Tendo conquistado essa proximidade, arrebatou em casamento sua filha Gerutha, com a qual teve um filho, Amlethus.

Dan 3.6.5 (p. 77,21)

[1] *Tantae felicitatis invidia accensus Fengo fratrem insidiis circumvenire constituit.* [2] *Adeo ne a necessariis quidem secura est virtus.* [3] *At ubi datus parricidio locus, cruenta manu funestam mentis libidinem satiavit.* [4] *Trucidati quoque fratris uxore potitus incestum parricidio adiecit.* [5] *Quisquis enim uni se flagitio dederit, in aliud mox proclivior ruit; ita alterum alterius incitamentum est.* [6] *Idem atrocitatem facti tanta calliditatis audacia texit, ut sceleris excusationem benevolentiae simulatione componeret parricidiumque pietatis nomine coloraret.*

[7] *Gerutham siquidem, quamquam tantae mansuetudinis esset, ut neminem vel tenui laesione commoverit, incitatissimum tamen mariti odium expertam, salvandaeque eius gratia fratrem a se interfectum dicebat, quod mitissimam et sine felle feminam gravissimum viri supercilium perpeti indignum videretur.* [8] *Nec irrita propositi persuasio fuit.* [9] *Neque enim apud principes fides mendacio deest, ubi scurris interdum gratia redditur, obtreptatoribus honos.* [10] *Nec dubitavit Fengo parricidas manus flagitiosis inferre complexibus, geminae impietatis noxam pari scelere persecutus.*

Dan 3.6.6 (p.77,36)

[1] *Quod videns Amlethus, ne prudentius agendo patruo suspectus redderetur, stoliditatis simulationem amplexus extremum mentis vitium finxit eoque calliditatis genere non solum ingenium texit, verum etiam salutem defendit.* [2] *Quotidie maternum larem pleno sordium torpore complexus abiectum humi corpus obsceni squaloris illuvie respergebat.* [3] *Turpatus oris color illitaque tabo facies ridiculae stoliditatis*

Ardendo de inveja de uma felicidade tal, Fengo decidiu enredar o irmão em armadilhas. A virtude não está protegida nem dos parentes. Assim que apareceu a ocasião do assassinato hediondo, com mão sanguinária ele saciou o funesto desejo da sua mente. Tendo se apoderado também da esposa do irmão que exterminara, somou incesto ao assassinato. Quem quer que se entregue a um crime logo se inclina a outro, assim o anterior incita o seguinte. Fengo encobriu com astúcia tão ousada a atrocidade do feito que conseguiria o perdão do crime simulando benevolência e amenizaria o assassinato hediondo alegando ter agido por piedade.

Porque lhe parecesse indigno que mulher tão doce e sem maldade se resignasse à autoridade severíssima do esposo, ele dizia ter matado o irmão para salvar Gerutha, que, embora fosse tão gentil a ponto de não causar o menor dano a ninguém, tinha sofrido com o desmedido ódio do marido.

E nem foi preciso persuasão. Nem junto a príncipes a confiança escapa da mentira quando se agraciam parasitas e se homenageiam detratores.

Com suas mãos assassinas, Fengo não hesitou em trocar abraços ilegítimos, dando sequência a um delito duplamente herético com um crime equivalente.

Constatando isso, Amlethus, para que não levantasse a suspeita do tio sobre si por agir com mais prudência, tendo decidido simular idiotice, fingiu extremo desequilíbrio mental e com tal esperteza não apenas encobriu seu engenho como também garantiu sua salvação. Todos os dias, depois de ter envolvido a casa materna no pleno torpor do luto, enodoava seu corpo largado no chão com a imundície dos detritos nojentos. A cor apagada do rosto e a face lambuzada

dementiam figurabant. [4] Quicquid voce edebat, deliramentis consentaneum erat; quicquid opere exhibuit, profundam redolebat inertiam. [5] Quid multa? Non virum aliquem, sed delirantis fortunae ridendum diceret monstrum.

de secreção configuravam a demência e o ridículo da idiotice.

Qualquer som que emitia combinava com suas extravagâncias, qualquer coisa que fizesse exalava profunda inércia. Acrescentar o quê? Podia-se dizer não se tratar de um homem, mas de um risível prodígio da delirante fortuna.

E a história continua com pontos em comum com o aclamado *Hamlet*, como o encontro com a mãe em que é morto o espião do rei e a viagem à Inglaterra com uma carta de recomendação enganosa. Mas a experiência de Amlethus em território inglês é narrada por Saxo, com provas tremendas de sabedoria do herói. Ele retorna à Dinamarca, onde põe fogo no palácio e mata o tio assassino de seu pai, discursando para justificar sua vingança. Torna-se rei da Dinamarca. Vai à Inglaterra visitar a esposa e acaba se casando também com a rainha da Escócia. De volta à Dinamarca, é morto em batalha.

Referências bibliográficas

_____. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia: o problema XXX, I*. Trad. grego, apres. e notas Jackie Pigeaud. Trad. port. Alexei Bueno. Rio: Lacerda Editores, 1998.

BELL, Matthew. *Melancholia: The Western Malady*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

BOULHOSA, Patricia Pires. “Sagas islandesas como Fonte da História da Escandinávia Medieval”. In: *Signum*, nº 7, São Paulo (2005), p. 13-39.

FRYE, Northrop. *Sobre Shakespeare*. São Paulo: Edusp, 2011.

GILLESPIE, Stuart. *Shakespeare's Books: A Dictionary of Shakespeare Sources*. Londres: The Athlone Press, 2001.

IBÁÑEZ LLUCH, Santiago. “La leyenda de Amleto en la *Historia Danesa* de Saxo Gramático”. In: *Estudios Ingleses de la Universidad Complutense*, nº 5, Madri (1997), p. 261-78.

PAULA, Marcos Ferreira de. “Espinosa e a tradição melancólica”. In: *Cadernos Espinosanos*, nº 18, São Paulo (2008), p. 53-70.

_____. “Pode o conhecimento dar alguma alegria? Uma interpretação da ‘Melancolia I’, de Albrecht Dürer, a partir da ‘Ética’ de Spinoza”. In: *Kriterion*, nº 130, Belo Horizonte (2014), p. 597-618.

SALISBURY, John of. *Polycraticus*. Texto latino estabelecido por Clemens J. Webb. Oxford: Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1909.

SAXO [GRAMMATICUS]. Texto latino completo disponível no site da Det Kongelige Bibliotek, de Copenhague. Consultado em 30 de abril de 2017: <http://www2.kb.dk/elib/lit/dan/saxo/lat/or.dsr/3/6/index.htm>

_____. *The History of the Danes Books I-IX*. Ed. Hilda Ellis Davidson. Trad. Peter Fisher. Cambridge: D. S. Brewer, 1999 (1979).

_____. *Historia Danesa (Libros I-IV)*. Trad., intr. e notas Santiago Ibáñez Lluch. Valência: Ediciones Tilde, 1999.

SHAKESPEARE, William. *Como gostais, seguido de Conto de Inverno*. Trad. Beatriz Viégas-Farias. Porto Alegre: L&PM, 2013.

_____. *Hamlet, Rei Lear, Macbeth*. Trad. Barbara Heliodora. São Paulo: Abril, 2010.

_____. *O primeiro Hamlet – in-quarto de 1603*. Org. e trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. *Hamlet*. Trad., intr. e notas Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Cia das Letras, 2015.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

Brinde, de Maritta Lintunen

Pasi Loman¹

Maritta Lintunen vem do leste da Finlândia, da cidade de Savonlinna, mas mora atualmente na capital do país, Helsinque. Desde sua estreia em 1999 até hoje ela publicou duas coleções de poemas, quatro coleções de contos e quatro romances. Lintunen considera-se uma escritora que escreve em três idiomas distintos nos três gêneros diferentes. E ela é realmente uma mestre do finlandês, fazendo dos seus textos uma leitura muito prazerosa. Por formação Lintunen é mestre em música, fato que talvez possa ser notado no estilo rítmico da sua escrita. Suas obras foram finalistas de vários prêmios literários, e notavelmente ela ganhou o prestigioso Prêmio da Fundação de Literatura de WSOY em 2010, que é dado como reconhecimento para a obra inteira da carreira de um escritor ou escritora.

Vários contos e poemas de Lintunen já foram traduzidos e publicados em mais de dez idiomas, inclusive em alemão, holandês, sueco e russo, em antologias e revistas de literatura. Em inglês, o seu aclamado conto *Passiontide* foi escolhido para a coleção “Melhor Ficção da Europa 2012” (*Best Fiction From Europe 2012* – Dalkey Archive Press) e o seu conto *The Message Bearer* foi publicado na revista *Words Without Borders* em 2014; ambos os contos são da coleção *Ovisilmä* (2006).

As personagens em muitos dos contos de Maritta Lintunen são pessoas totalmente comuns, mas que se encontram diante de coincidências estranhas. O que eleva Lintunen acima de muitos outros escritores contemporâneos finlandeses

1 A tradução foi feita diretamente do original finlandês por Pasi Loman, finlandês radicado no Brasil desde 2006, e revisada por sua esposa Lília Loman, que possui doutorado em crítica e teoria literária pela University of Nottingham e pós-doutorado pela PUC-SP. Para realizar várias traduções literárias sem fim lucrativo em 2017, incluindo esta tradução, Pasi recebeu bolsas de duas fundações finlandesas, Otavan kirjasaatiö e WSOY:n kirjallisuussäätiö.

é seu vasto vocabulário e a sua habilidade extraordinária de usar metáforas vívidas para colorir os seus contos. Cada frase é construída com cuidado, cada palavra é escolhida cuidadosamente. A história flui, mas o leitor nem precisa de chegar até o fim do conto para se divertir com a leitura. Vale a pena, porém, continuar até o fim, pois muitas vezes há uma surpresa no parágrafo ou na frase final, que vira o conto de cabeça para baixo. O rico uso de provérbios, metáforas e adjetivos raros faz o processo de tradução dos contos de Lintunen um desafio para os tradutores. A história dos contos é fácil recontar em qualquer idioma, mas manter o estilo exige um esforço grande.

O finlandês e o português são dois idiomas muito diferentes, em quase todos os aspectos. A língua finlandesa faz parte da família de línguas urálicas e assim, por exemplo, não tem preposições; em vez disso o finlandês usa um sistema de declinação que conta com um sistema bastante complexo de 15 casos. O finlandês não tem gêneros, nem para o pronome em terceira pessoa singular, que permite escritores esconder o sexo dos seus personagens. Devido a essas e outras grandes diferenças entre o finlandês e o português, por vezes é bastante difícil manter o estilo do texto original. Muitos escritores finlandeses, por exemplo, gostam de escrever frases muito compridas – principalmente em romances, não tanto em contos –; o sistema de declinações permite que seja fácil seguir o pensamento do autor e entender as frases muito longas, o que em português ficaria muito confuso. No caso de Maritta Lintunen, porém, o maior desafio é o vocabulário mesmo; até para uma dupla finlandês-brasileira, como os tradutores deste conto para a presente coleção de contos nórdicos. Em particular achamos difícil traduzir nomes de plantas e animais, pois muitas vezes não existe tradução exata para uma planta nativa da Finlândia que não cresce em nenhum país lusófono; para uma obra de ficção seria estranho usar o nome da planta em latim; optamos então às vezes usar o nome da família da planta em vez do nome próprio da planta específica.

Kylkiäinen

Maritta Lintunen

Auto keinahti kun isä pudottautui ähkäisten penkille ja käynnisti moottorin. Partanen kumartui ja tunki punakkaa naamaansa avonaisesta sivuikkunasta sisään. Nyhdin mekonhelmaa polvieni suojaksi. Miehen tihruisissa silmissä välähti.

– Kylkiäinen sovittu.

Isä tuijotti hetken eteensä ja varmisti:

– Kaksi tonnia?

– Sen verran siinä voitat.

Nytkähdimme liikkeelle. Kumara katajapensas raapaisi tutusti lokasuojaa. Minulta pääsi itku. Isän tuhadus paljasti, että nyt olisi turha ruveta nyyhkimään. Valittamaan kuinka pohjattoman surullista oli ajaa viimeisen kerran tätä möykelikköistä peltotietä. Kuinka raskasta oli hyvästellä harmaa nukkuma-aitta, ikivanha pihakuusi ja tuo männikön lomitse siilautuva vadelmanpunainen valo, joka iltaisin värjää metsäsaarekkeista huokuvan usvan.

Veljen kysymys paukahti kojelautaan kuin kivi.

– Paljollako myit mökin?

Isän ilme ei värähtänyt.

– Sain sen minkä pyysin.

Ohitimme Saikkolan punamultaisen maatalon. Vanha pystykorva tunnisti automme, juosta hölkytti häntä heiluen langassa kohti maantietä ja vosahti ikäväisenä peräämme. Harmaantunut Hupi. Sitäkään en enää rapsuttaisi kauppa-autoa odotellessani.

– Kyllä minä arvaan, että teille tämä on vaikea asia. Mutta odotan myös ymmärrystä. Ette ole enää potkuhousuiässä.

Pikkuveli ja minä tiesimme, että sovitteleva osuus päättyisi tähän. Ota tai jätä. Pyyhkäisin kiivain liikkein silmäni kuiviksi.

Nahkainen takapenkki nisahti kun veli vaihtoi asentoa.

– Mistä kylkiäisestä teillä oli puhe Partasen kanssa?

Isän kasvoille levisi ovelantyytyväinen hymy.

– Sain kauppahintaan parin tonnin verottoman siivun.

Vilkuu naksutti, isä odotti lähestyvää pakettiautoa ja tarkentavaa kysymystä. Siihen veljen ylpeys ei antanut myöten. Käännymme kaupunkiin johtavalle tielle, isä vilkaisi vielä taustapeilin kautta veljeä kuin varmistuakseen ettei kysymystä tosiaankaan tule.

– Sannin autokoulu alkaa heinäkuussa.

Kiskaisin yllätyksissäni henkeä.

– Mitä?! Eihän meillä pitänyt olla varaa ajokorttiin.

– Nyt on.

Takapenkiltä kantautui äänenmurroksesta johtuva karautus.

– Et kysynyt haluaako Sanni käydä Esko Partasen autokoulua.

Kuvio valkeni nyt minullekin – ilonläikähdykseni kuoleutui hetkessä. Isän hampaiden raosta sihahti sylkipisarainen saatana.

–Kaupantekijäisenä kahden tonnin arvoinen ajo-opetus! Eikö tarjous kelpaa?

Isä painoi kaasua ja ohitti pakettiauton ohimosuonet pullottaen. Ehdimme ajaa yli tasoristeyksen ja ohi lakkautetun kyläkaupan ennen kuin veli jurahti:

– Kuka haluaa käydä autokoulunsa firmassa, jonka nimi on EsKortti?

Tuijotin tuulilasia mitään näkemättömin silmin. Kuka haluaisi ajo-oppilaaksi hilseen peittämälle miehelle, joka itkee avioerojaan paikallisessa kaljakuppilassa ja vuokraa kioskista saksalaisia pornoelokuvia?

Kerrostalon parkkipaikalla oli autiota. Kaikki olivat viettämässä perjantaita kesäamökeillään. Kaikki paitsi me. Ruosteisella mattotelineellä roikkui yhä naapurin tummanpunainen persialaismatto, jolle koira oli oksentanut.

Isä sammutti moottorin ja jäi istumaan paikoilleen. Se merkitsi ettemme mekään liikahtaisi ennen kuin oli lupa.

– Sanni pääsee vielä elämässä pitkälle.

Tuulenpuuska tutisutti lipputankoa.

– Tiedättekö miksi?

Kuuntelimme äänettä isän yksinpuhelua. Veli vältti nisauttelemasta nahkapenkkiä. Koetin hengittää keuhkojen kärjillä, jotta pysyisin mahdollisimman olemattomana.

– Sanni osaa totella.

Haistoin veljestä värähtävän tuoksun – aavistus hikeä, multaisten lenkkareiden ja pitkässä heinikossa kostuneiden farkkujen lemua.

– Ota Jere oppia siskostasi ja pidä suusi kiinni.

* * *

Helteinen yö painoi vartaloa, viskasin peiton lattialle. Ovi raottui, Jeren sekainen hiuspehko vilahti hämärässä.

– Sanni. Missä sä olet luuhannut?

Naulitsin katseeni katossa roikkuvaan vaaleanpunaiseen riisipaperilamppuun. Lapsellinen prinsessaruusuvarjostin, jonka äiti osti minulle kun täytin kolmetoista. Veli odotti itsepintaisena vastausta.

– Lotan luona.

Jere sulki oven takanaan ja istahti sängyn jalkopäähän.

– Valehtelet.

Nielaisin tyhjää.

– Olin rannassa.

Veli jäi kuulolle. Ääneni painui kuiskaukseksi.

– En haluaisi mennä enää ajotunneille.

Vilkaisimme vaistomaisesti ovelle – isän kuorsaus kantautui tasaisena seinän takaa.

– Partasen takia?

Pidättelin hengitystäni. Veli kouhaisi hiuksiaan hämmentyneenä ja alkoi hakea sopivia sanoja. Puistin päätäni.

– Älä kysy mitään.

Suljin silmäni, pallean päälle vierähti lohkare.

Kolmannella tunnilla se käskää ajaa moottoritielle – painan kaasua, mutta en tarpeeksi – *ei saa jäädä tulpaksi liikenteeseen* – turpea kämmen ujuttuu polvelleni, tottelen ja mittari kohooa sataankymmeneen, silti kämmen painaa yhä – *hyvä tyttö, ajetaanpa tuttua reittiä, rampista oikealle* – peukalo hieraisee lumpiotani, kainalonni kostuvat – *ja seuraavasta vasemmalle* – yhtäkkiä minä tajuan matkanpään, käsi liukuu ylös reidelleni, sormenpäihini räjähtää tikkuileva tunne – *nyt viittäkymppiä, peltotietä hiljakseen, eipä ole kukaan niittänyt väylää auki* – miehen ääni on käheytynyt, koura hohkaa kuumuutta, hamuaa jalkoväliäni, allamme kohisee pitkä, kiiltävä heinikko – ei saa, kirkaisen – pihakuusen kohdalla polkaisen jarrua, turvavyö puristaa, käsi työntyy puseroni sisälle, kaivaa rinnan esiin liivistä, miehen harmaantunut tukka haisee lialle, tarraa hikisistä poskista kiinni, painan kynteni syvälle lihaan – *minun kylkiäiseni* – mies vääntää kättäni katkeamispisteeseen ja avaa farkkujeni vetoketjun.

Jere haki tupakat ja sytytti minullekin oman. Sitten veli avasi ikkunan ja jäi retkottamaan ikkunalautaa vasten. Yöstateesta kostean pihakoivikon tuoksu sekoittui tupakanhajuun. Jokin haikea, menneisiin kesiin liittyvä muisto raapaisi hellästi mieltä.

– Mitä se teki sinulle?

Vedin niin pitkän henkosen että minua alkoi huimata. Kun avasin silmäni, Prinsessa Ruususen mekonhelma valahti varjostimen pintaa pitkin.

– Vastaa.

Käännyin kyljelleni ja pyysin veljeä puhumaan jostakin muusta.

– Muusta? Mistä helvetin *muusta*?

– Elämästä.

Jossakin pyrähti lentoon pikkulintu. Koivunoksa huojui hetken tyhjiyttään.

– Olikohan se äiti?

Jere tuijotti minua epäuskoisena.

– Tuo lintuko?

– Niin.

– Kirjosieppo se oli.

Kurkkua painoi paksu pala.

– Jere. Mitä sinä ajattelet nyt kun äiti on kuollut?

Veli kääntyi selin, painoi päänsä alas ja oli pitkän aikaa vaiti.

– Että meiltä puuttuu lohtu.

Kohotin päätäni tyynyttä.

– Lohtu?

Tupakka lennähti alas asfaltille. Veli kiskaisi ikkunan äkäisesti kiinni.

– Ei enää ketään, jolle voisi puhua niin kuin ihmiselle.

Puristin tyynyn mytyksi kainalooni.

– Kaikki on epätodellista. On väärin, että Lotalla ja muilla tytöillä on niin huoleton elämä.

Veli riuhtaisi t-paidan yltään ja asettui peilin eteen.

– Älä mieti niitä kanoja. Mieti jotain älykästä.

– Kuten?

Veli ponnisti rintakehäänsä kaarelle.

– Jos kasvattaisi lihakset.

Vetäisin savua henkeeni ja aloin yskiä.

– Tä? Mitä nauramista siinä on?

– En minä naura, vakuutin vesissäsilmin.

Veli räjäytti finnin olkapäästään ja käännähti äkisti kohti.

– Maailma on täynnä tuommoisia vittupääeskopartasia. Niistä ei pääse voitolle muutoin kuin taistelemalla.

Tumppasin tupakan tyhjään puuterirasiaan.

– Usko jo. Ei puhuta Partasesta.

Jere heittäytyi lattialle ja alkoi punnertaa. Kolmenkymmenen kohdalla tuli tauko. Poika kierähti punakkana selälleen ja huoahhti synkkänä:

– Koeta aikuistua. Minä en voi ruveta sinulle äidiksi.

Nyrkki jysähti lattiaan vaativasti.

– Kuuletko? Tajuatko?

Nyökkäsin hätäntyneenä ja pinnistelin kuullakseni jatkuisiko isän kuorsaus. Veli aloitti uuden punnerrussarjan. Sanat putoilivat tiukkoina ja harkittuina äidin kutomalle räsymatolle.

– Elämä on selviytymiskoe. Siihen pitää valmistautua.

Kello oli kahdeksan aamulla ja EsKortin piha autio. En ehtinyt vääntää avainta virtalukossa, kun takaovi tempaistiin auki. Penkille jysähti urheilukassi, sen jatkona veli. Partanen räpläsi turvavyönsä irti ja kääntyi katsomaan taakseen.

– Tämä ei ole taksi. Ole hyvä ja poistu.

Taustapeilistä heijastuivat kalpeat, kapeat pojankasvot.

– Sanni. Sä muistat reitin.

Käynnistin moottorin ja aloin peruuttaa. Partanen painoi opetusjarrun pohjaan.

– Ulos autosta!

Putkikassin vetoketju sirahi auki. Partasen otsalle läimähti kämmen, hilseinen takaraivo jäsähti niskatukea vasten. Tartuin miehen turvavyöhön ja kalautin sen takaisin lukkoon. Partasen leuat jäivät puolittain auki kun ilmastointiteippi kiepsahti kahdesti pään ympäri. Miehen kallo oli nyt tiukasti penkissä kiinni.

Jere syöksähti ulos ja riuhtaisi etuoven auki. Partanen ynähтели ja koetti tunkea sormiaan teipin alle. Jere koppasi lattialta auton ikkunaharjan, puinen varsiosa painui poikittain miehen kurkulle.

– Kädet irti teipistä!

Vilkaisin veljeäni hämmästyneenä. Tunne oli luonnoton – kuin olisin yhtäkkiä nähnyt tulevaisuuteen ja katsellut aikuista Jere Saarista. Miestä, joka on jo kokenut paljon elämässään.

Havahduin kun ilmastointiteippirulla lennähti syliini. Kieputin Partasen ranteet yhteen. Veli kuopaisi maiharinsa taskusta puukon ja katkaisi teipin. Mies alkoi kakostella ja yökkiä heti kun harjanvarsi lakkasi painamasta kurkunpäästä. Seurasin syrjäsilmillä kuinka veli sitoi sätkivät nilkat liikkumattomaksi paketuksi.

– Liikkeelle.

Kaksi oven paukhdusta, painoin kaasua. Käteni vapisivat olkapäistä saakka. Takapenkiltä kuului sytkärin naksahdus, vedin tupakan rauhoittavaa lemua keuhkoihini.

– Ajetaan pikkuteitä, niitä samoja joita fillaroitiin muksuina. Muistat kyllä reitin.

Nyökkäsin itsekseni. Totta kai muistin. Kuinka monina kesäaamuina olimmekaan Jeren kanssa pakanneet voileivät ja limsapullot reppuihimme ja pyöräilleet kolmenkymmenen kilometrin taipaleen mökille. Omaan pikku maailmaamme, jonne äiti ja isä autoilivat illalla töiden päätteeksi.

Ihanaa, saunakin jo lämpiämässä. Kyllä meillä on sitten reippaat lapset!

Valoisa, iloinen äiti.

Meidän kesiemme hengetär.

Joka äkillisesti kuoli syksyllä. Ja vei mennessään isältä kaiken ilon.

Mökkipihaan päästyämme vilkaisin sivulleni. Esko Partasen silmät olivat ammollaan. Hikikarpaloita, katkenneiden verisuonten sinertäviä rihmoja, vaikeaa huohotusta. Käänsin kasvoni toisaalle ja avasin auton ikkunan. Peipposen riemukas laulu solisi koivunlatvasta

nurmikolle. Ehkä lintu tunnisti meidät? Jospa se olikin se sama peipponen, jonka helinään heräsimme täällä aamuisin?

Jere nousi autosta ja lähti kävelemään kädet taskussa rantaa kohti. Juoksin perään, viittoilin autoa kohti ja huusin:

– Mitä me tuolle tehdään?

Veli seiso! laiturilla ja tuijotti auringossa kimaltelevaa aallokkoa.

– Ei mitään.

Vilkaisin epäröiden autolle päin. Ei kai sitten. Kerran veli niin sanoi. Jere tiesi aina mitä oli tehtävä ja mitä kannatti jättää tekemättä.

Vedin syvään henkeä. Elämä oli täällä; tuoksut, äänet ja värit. Meidän lapsuusmaise-mamme. Vain vene oli väärä. Ja tuo sininen teräslapio portin pielessä.

Liikkumattomana seurasin kuinka Jere irrotti valkoisen lasikuituveneen laiturintol-pasta, asetti jalkansa sen keulaa vasten ja työnsi minkä jaksoi. Aallokko käänsi hitaasti venettä, keinunta voimistui, vesi paukkui kiiltävää kylkeä vasten. Pian tuuli alkaisi työntää venettä kauemmas rannasta.

Jere katsahti olkansa yli.

– Vesille venosen mieli!

Palleastani töykähti kireä nauru. Minusta ei olisi ikinä tuohon. Jere oli ollut aina peloton, äidin mukaan veljellä oli mielipiteitä siitä asti kun se oppi puhumaan. Kun isä heittäytyi hankalaksi, käytin Jereä äänitorvena. Jos en itse rohjennut mennä isän eteen, astui veli esiin ja asettui maalitauluksi. David vastaan Goljat, huokaisi äiti monet kerrat kuunnellessaan Jeren ja isän välistä väittelyä.

Vilkaisin portinpieleen nojaavaa lapiota. Äiti oli tarkka siitä, että mökin piha pidet-tiin kauniina. Tämä on meidän pieni paratiisimme, ei romuvarasto, äiti muistutti, jos isä jätti työkaluja lojumaan nurmikolle. Otin arkaillen pari askelta, lopun matkan jo juoksin. Tartuin lapioon, sinkosin sen ilmaan – ojasta kantautui matala tumpsahdus. Vavahdin kiihtymyksestä.

Olin uskaltanut.

Käännyin hitaasti tulojäljilleni. Vältin katsomasta autossa hikoilevaa hahmoa. Tiesin hyvin, että mies näki tekoni.

Veli nousi portaat ylös ja kaivoi taskustaan mökin vara-avaimen. Siinä oli vieläkin avaimenperänä sininen kuminalle.

– Nappasin myyntipäivänä saunan kamanan päältä. Aioin tulla käymään täällä joskus. Tämä on aina meidän mökki, lukee kauppakirjassa mitä tahansa.

Astuimme tupaan, tuttu hämärä sulki meidät syliinsä.

– Tuli takkaan ja puita uuniin.

Oletko tosissasi, tirskahtin. Pudottauduin vanhaan narisevajousiseen laiskanlinnaan. Hölmistyneenä seurasin kuinka Jere latoi tottuneesti koivuklapit takkaan pieneksi kodaksi. Sytkärin napsahdus, tuli tarttui käpristyvään tuoheen. Nokisessa tiilitakassa tanssi punainen

liekki. Selän takana väreili aamuaurinko. Vaaleat, äidin ompelemat pellavaverhot siilasivat auringonvalon pehmeäksi uduksi.

Käpperryin tuolin suojiin. Meitä piirittivät niin monenlaiset valot. Monenlaiset varjot.

– Muistatko Jere saunaillat? Uitiin yömyöhään. Paistettiin makkaraa. Tai paahdettiin omenoita.

Veli tuijotti halkoa nuolevaa liekkiä ja nyökkäsi heikosti. Annoin katseen kiertää pitkin tupaa. Takkasavun nokeama seinäryijy, vihreät lapsuudenajan kerrossängyt makuualkovissa. Äidin pikkuinen kirjahylly ruokapöydän yläpuolella, kaikki rispaantuneiksi luetut kirjat siististi rivissä. Aivan kuin äiti olisi ne juuri siihen järjestänyt.

Ääneni värähti.

– Hyvä ettei Partanen ole ehtinyt muuttaa järjestystä.

Jere kohenteli tulta, vaikkei olisi tarvinnut.

– Tämmöisenä se pysyykin.

Oli viisaampaa olla utelematta – ehkä kaikki vain tapahtuisi omalla painollaan. Joskus oli parempi olla sekaantumatta asioihin, koskematta siihen mitä toivoi tulevaksi.

Tuli kohisi unettavasti. Nousin tuolista ja kurkistin ikkunasta pihamaalle. Erotin autosta Partasen tumman ja liikkumattoman hahmon. Jospa mies oli saanut kohtauksen? Ahdistunut, mennyt paniikkiin ja tukehtunut?

– Älä hyppää siellä kyttäämässä. Ota mieluummin kaapista lihapyörykkätölkki ja lämmitä ruoka kattilassa. Tässä alkaa olla jo nälkä.

* * *

Tuvassa oli hiljaista. Niin hiljaista, että havahduin hereille. Takan nielu ammotti mustana. Hiillos oli kuollut sammuksiin. Kuu virui kalpeana läikkänä alkovin vaalealla lampaankarvamatolla.

Viltti valahti polviltani lattialle. Olin nukahtanut nojatuoliin, retkottanut useamman tunnin epämurkavassa asennossa. Nyt tiesin mitä isä tarkoitti sanomalla että niskojen paikalla oli rataakisko. Käänsin päätäni ja inahdin kivusta.

Hiivin ikkunan ääreen. Kesäyö oli sakeanhämärä, vain järven sileä peili kuvasteli valoa. Uninen katseeni osui kahteen hahmoon. Toinen seisoi laiturilla selin, toinen kyyhötti polviasennossa kasvot järvelle päin.

Avasin tuvan oven äänettömästi. Jere oli opettanut minulle kuinka vingahtavaa ovea tuli käsitellä, jotta pääsi ulos muiden kuulematta. Astuin kuistille ja jäin pylvään taakse piiloon.

Puhe kantautui tyyneessä yössä selkeänä.

Mä menen takaisin nukkumaan. Mutta sinä mietit siinä asiaa aamuun asti. Veteen on turha yrittää kierä, painut pohjaan niin kuin märkä tukki. Onko selvä?

Jere tönäisee kengällään Partasta takamuksiin. Partanen uikahtaa teipin läpi.

Sillä sekunnilla kun pubut muuta kuin käskin, isä tulee tietämään mitä teit Sannille. Sillä sekunnilla kun menet kertomaan jollekin tästä mökkireissusta, isä ja minä kävellään lähimmälle poliisiasemalle.

Vastarannalla äännähtää kuovi. Veli kiertää Partasen eteen ja kiskaisee päätä ympäröivän teipin irti. Tuskaisa volahdus. Kylmänväristys putoaa hartioilta nilkkoihin asti.

Toista mitä sinun on tehtävä. Toista joka sana!

Jeren käsi nousee, käännän pääni toisaalle. Kuulen kuinka Jeren nyrkki rusahtaa Partasen poskeen. Mies kakostelee sylkeä laiturille ja alkaa sitten nyhkyttää ja nyökkiä.

Menen isäsi luo ja perun kaupan. Kaikki koituvat kulut tulevat minulle maksettavaksi. Isäsi saa perumisen johdosta hyvän summan. Maksan sen pimeästi. Samalla maksan Sannille ajokortin Törnroosin autokouluun.

Viimeisen asian Partanen lupaa itkuun sortuen. Jere koppaa laiturilta teippirullan ja kiepauttaa miehen suun kiinni. Puukonterä välähtää, veli pitää sitä Partasen silmien edessä.

Minä, Sanni ja isä huolehditaan siitä että joudut linnaan, jos lipeät yhdestäkin lupauksesta.

Puukko heilahtaa ja teippi katkeaa.

Sä et ole muuta kuin vittupääeskopartanen, joka käyttää heikompia hyväkseen!

Partanen jää polvilleen laiturille. Miehen hartiat nytkähtelevät ennen kuin hän kaatuu kyljelleen. Sitten tulee hiljaista. Olin nukkuvinani kun veli avasi tuvan oven. Käsi laskeutui olkapäälleni.

– Keitän meille kahvit.

Teeskentelin haukotusta ja kysyin mitä kello on.

– Puoli viisi. Käytin Partasta kusella.

Jeren kädet tärisivät kun se kauhoi vettä kahvipannuun.

– Mitäs Partanen?

– Juteltiin niitä näitä.

Näyttelin hämmästyntä.

– Irrotit teipin?

– Suu kiinni on helvetin vaikea puhua.

Kaasu kohisi, liekki leimahti, vapiseva käsi siirsi pannun lieden päälle. Veljen oikeassa rystyksessä punersi veri.

– Juodaan kahvit ja palautetaan auto ja ukko EsKortin pihaan.

Jere katsoi minua kysyvänä kuin odottaen hyväksyntää ehdotukselle. Kaivoin korpupussin ruokakomerosta ja valitsin sokerisimmat lautaselle.

– Mitä sen jälkeen tapahtuu?

Jere nuuhkaisi kahvijauhoa ja hymähti.

– Mitäkö? Otetaan fillarit, käydään rapsuttamassa Saikkolan Hupia. Tullaan tänne. Tuijotin veljeä epäuskoisena.

– Sanni. Lopeta teeskentely. Luuletko etten huomannut kun kurkit pylvään takana?

Puraisin korppua, sokeria ripisi syliini. Ajatus tuntui uskomattomalta. Se, että kaikki kääntyisi entiselleen. Hengähdin syvään. Lapsuudesta oli pidettävä kiinni. Meiltä oli viety jo äiti.

– Jere. Pidettäisiinkö ennen koulun alkua täällä pikkuruiset bileet?

Veli nappasi korpun kädestäni ja rouskaisi siitä palan.

– Ei. Me pidetään ihan hitonmoiset bileet.

Minua alkoi hihityttää, sitten hihitys paisui hysteriseksi kikatukseksi. Nauroin ensimmäistä kertaa äidin kuoleman jälkeen. Pyyhin silmiäni, vilkaisin järvelle ja näin laiturille lysähtäneen hahmon. Nauruni katkesi kuin leikaten.

Jos äiti tietäisi.

Tai ehkä hän tietääkin? Äiti kyllä hyväksyisi tekoni.

– Mitä mietit?

Sävähdin kysymystä – Jere oli viimeinen, jolle kertoisin totuuden. Juuri veljen vihan ansiosta elämämme korjautuisi.

– Mietin kuinka hyvin asiat voivat kääntyä. Yhden päivän aikana.

Jeren huulet liikahtelivat kun se mittasi äänettömästi kahvilusikallisia. Käännyin selin ja seurasin kuinka nouseva aurinko tavoitteli yöstä kosteita laiturintolppia. Partasen lasikuituveneestä ei näkynyt merkkiäkään. Se oli varmasti ajelehtinut niemen toiselle puolen.

Painoin nenänpääni viileään ikkunaruuuun.

Olin lukenut iltaisin Lotalta lainaamiani naistenlehtiä. Niissä käskettiin tyttöjä pitämään kiinni oikeuksistaan. Jokaiselle kuului koskemattomuus. Jokaisesta koskemattomuuteen liittyvästä loukkauksesta tuli ilmoittaa viranomaiselle.

Partanen oli koskettnut sormellaan häpyäni. Se varmasti vastaisi raiskausta. Mies oli pyytänyt anteeksi ja luvannut, ettei enää ikinä tekisi sellaista. Kuinka sääliittävä yritys painaa väkivallanteko villaisella. Jo senkin vuoksi minulla oli oikeus kutsua tekoa raiskaukseksi.

Ensin Jere oli tulla hulluksi vihasta. Sitten veli vetäytyi omiin oloihinsa ja punoi suunnitelman.

Kaikki tulevat luottamaan sanaani. Kuka uskoisi hikoilevaa ja tihrusilmäistä Partasta, jonka toimiston vessassa on juliste lateksipukuisesta pornomallista? Kaikkien mielestä olisi oikeus ja kohtuus, että minä ja Jere saisimme takaisin sen minkä Partanen meiltä vei.

Kaikkien mielestä minun kertomukseni on paras.

Brinde

Maritta Lintunen

Tradução do finlandês:

Pasi Loman

O carro balançou quando meu pai entrou, grunhindo, e deu partida. Partanen se inclinou na janela e pôs a cabeça para dentro do carro. Puxei o vestido para cobrir meus joelhos. Os olhos do homem brilharam.

– Combinado, concordo com o brinde.

Meu pai olhou para longe por um instante e confirmou:

– Dois mil?

– Isso é o que você economiza.

O carro pôs-se a andar. O zimbros riscou o para-lama, como sempre. Comecei a chorar. O jeito como meu pai resmungou mostrava que não era para choramingar naquela hora, para reclamar como era triste passar por aquela estrada rural pela última vez. Como era difícil dizer adeus para a cabana, o velho abeto e aquela luz vermelha que vem de trás das árvores e que, à noite, pinta a neblina na beira da floresta.

A pergunta do irmão foi como uma pedra jogada contra o carro.

– Vendeu a cabana por quanto?

A expressão do pai não mudou nem um pouco.

– Recebi o que pedi.

Passamos a casa vermelha de Saikkola. O velho cachorro reconheceu o nosso carro, correu em direção à estrada abanando o rabo e começou a chorar quando passamos e a guia o deteve. Hupi, já com pelos cinzas. Não vou mais poder afagá-lo enquanto espero a van do mercadinho chegar.

– Imagino que isso seja um assunto difícil para vocês. Mas espero que entendam. Você não são mais bebês.

Eu e meu irmão mais novo soubemos que a paciência do nosso pai tinha acabado. Era pegar ou largar. Com movimentos rápidos eu enxuguei minhas lágrimas.

O banco de trás de couro fez um barulho quando meu irmão se mexeu.

– De qual brinde você estava falando com Partanen?

Um sorriso maroto apareceu no rosto do pai.

– Consegui negociar que uma parte do preço, dois mil, fosse sem impostos.

Com o sinal piscando, meu pai esperou a passagem de uma van e a pergunta seguinte. O irmão era orgulhoso demais para isso. Viramos na rua em direção à cidade. Meu pai olhou no retrovisor como que para verificar que a pergunta realmente não seria feita.

– A autoescola de Sanni começará em julho.

Respirei fundo de surpresa.

– O quê?! Você disse que não tínhamos dinheiro para a carta de motorista!

– Agora temos.

Meu irmão, com a mudança de voz, fez um barulho estranho no assento traseiro.

– Você nem perguntou se Sanni quer ir à escola de Esko Partanen.

Nesse instante o esquema ficou claro para mim também – minha felicidade morreu naquele instante. Nosso pai praguejou tanto que chegou a cuspir.

– A autoescola custa dois mil com um brinde! A oferta não lhe agrada?

Meu pai começou a dirigir mais rápido e ultrapassou uma van com o rosto todo vermelho. Tivemos tempo de atravessar a ferrovia e a loja fechada da aldeia antes de meu irmão falar com raiva:

– Quem quer estudar numa autoescola chamada EsCarta?

Olhei para frente sem ver nada. Quem gostaria de ser aluna de um homem cheio de caspa, que fica chorando por conta do seu divórcio no barzinho e aluga filmes pornô alemães do quiosque?

O estacionamento em frente ao prédio estava vazio. Todo mundo tinha saído para passar o fim de semana na cabana de campo. Todo mundo exceto nós. O tapete persa do nosso vizinho, em que o cachorro dele tinha vomitado, continuava estendido lá fora, numa varanda enferrujada.

Meu pai desligou o carro e ficou sentado. Isso significava que nós não poderíamos nos mexer enquanto não recebêssemos permissão.

– Sanni ainda vai longe.

O mastro da bandeira sacudiu ao vento.

– Sabem por quê?

Escutamos o monólogo de meu pai em silêncio. Meu irmão evitou se mexer para não fazer barulho no banco de couro. Tentei respirar levemente para existir o menos possível.

– Sanni sabe obedecer.

Eu podia sentir o cheiro de meu irmão – um pouco de suor, tênis enlameados e calça jeans molhadas por andar na grama comprida.

– Jere, aprenda com a sua irmã e fique calado.

* * *

A noite estava quente e abafada e eu joguei o cobertor no chão. A porta se abriu e vi o cabelo descuidado de Jere na escuridão.

– Sanni. Onde você estava?

Fixei os meus olhos no lustre cor-de-rosa no teto. Um lustre infantil de Bela Adormecida que minha mãe comprou para mim quando tinha treze anos. Meu irmão insistiu em uma resposta.

– Na casa de Lotta.

Jere entrou, fechou a porta e sentou-se na cama.

– Você está mentindo.

Engoli em seco.

– Eu estava na praia.

Meu irmão ficou escutando. Minha voz transformou-se em um suspiro.

– Eu não quero mais ir às aulas de habilitação.

Olhamos instintivamente na direção da porta – dava para ouvir o ronco do pai do outro lado da parede.

– Por causa de Partanen?

Prendi a respiração. Confuso, meu irmão mexeu no cabelo e procurou as palavras certas para falar. Eu balancei a cabeça.

– Não pergunte nada.

Fechei os olhos e senti um peso enorme como uma rocha em minha barriga.

Na terceira aula ele me pôe a dirigir para a rodovia – eu acelero, mas não o suficiente – *– você não pode atrapalhar o trânsito* – uma mão carnuda aperta o meu joelho, eu obedeco e o velocímetro mostra cento e dez, e mesmo assim a mão continua a pressionar – *boa menina, agora vamos dirigir por uma rota mais familiar, vire à direita na rampa* – o polegar roça meu joelho, meus sovacos ficam molhados – *e na próxima à esquerda* – de repente entendo aonde estamos indo, a mão desliza para o alto da minha coxa, as pontas dos meus dedos de repente formigam – *agora cinquenta por hora, devagar na rua de terra, ninguém cortou a grama* – a voz do homem fica rouca, a mão está quente e procurando a minha virilha, dá para escutar a grama comprida embaixo do carro, a grama brilhante – não pode, eu grito – quando chegamos a um pinheiro eu chuto o freio, o cinto de segurança aperta, uma mão surge por baixo da minha blusa e tira o meu seio da sutiã, o cabelo grisalho do homem fede, eu agarro aquelas bochechas suadas e aperto as minhas unhas com força – *men brinde* – o homem gira a minha mão até quase quebrá-la e abre o zíper da minha calça jeans.

Jere foi pegar cigarros e acendeu um para mim também. Depois meu irmão abriu a janela e ficou fumando escorado contra o parapeito. O aroma das árvores molhadas na noite chuvosa misturava-se com o cheiro do cigarro. Uma lembrança fraca tocou gentilmente os meus pensamentos.

– O que ele fez com você?

Traguei tão fundo que fiquei tonta. Quando abri os olhos, vi o vestido da Bela Adormecida caindo no lustre.

– Responda.

Virei de lado e pedi para meu irmão falar sobre alguma outra coisa.

– Outra coisa? Que porra de *outra* coisa?

– A vida.

Um passarinho voou. Um galho de bétula, agora vazio, sacudiu por um momento.

– Será que era a mãe?

Jere olhou com suspeita.

– Aquele pássaro?

– É.

– Era um papa-moscas preto.

Senti dor na garganta.

– Jere. O que você pensa agora que a nossa mãe está morta?

– Que nos falta consolo.

Levantei a minha cabeça do travesseiro.

– Consolo?

O cigarro foi jogado no chão. Meu irmão fechou a janela com raiva.

– Não há mais ninguém com quem falar como um ser humano.

Apertei o travesseiro contra o meu sovaco.

– Tudo é irreal. É errado que Lotta e as outras meninas tenham vidas tão sossegadas, des preocupadas.

Meu irmão tirou a camiseta e parou em frente ao espelho.

– Não pense naquelas garotas burras. Pense em algo inteligente.

– Como o quê?

Meu irmão abriu os braços e inflou o peito.

– Que tal aumentar os músculos?

Engoli fumaça e comecei a tossir.

– O que foi? O que há de engraçado nisso?

– Não estou rindo – assegurei com os olhos molhados.

Meu irmão espremeu uma espinha no ombro e virou para mim de repente.

– O mundo está cheio desses Esko Partanens malditos. Não há como vencê-los sem lutar contra eles.

Apaguei o cigarro em uma caixa vazia de pó.

– Pode acreditar. Mas não vamos falar sobre Partanen.

Jere se jogou no chão e começou a fazer flexões. Depois de trinta, fez uma pausa. O garoto virou, deitou de costas com o rosto todo vermelho e deu um suspiro. Ele ganhou um ar soturno e disse:

– Tente agir como adulta. Eu não posso assumir o papel de sua mãe.

O punho fechado bateu no chão, exigindo.

– Você está escutando? Você entende?

Nervosa, mexi a cabeça e tentei escutar se o pai continuava a roncar. Meu irmão começou uma nova série de flexões. As palavras caíam, diretas e bem pensadas, no tapete feito à mão pela nossa mãe.

– A vida é um teste de sobrevivência. Temos que estar preparados.

* * *

Eram oito da manhã e estava deserto em frente à EsCarta. Eu nem tive tempo de virar a chave para ligar o carro quando a porta traseira se abriu. Uma sacola esportiva foi jogada no banco e depois meu irmão se sentou. Partanen abriu o seu cinto de segurança e virou-se para olhar para trás.

– Este não é um táxi. Por favor, saia.

Um rosto magro e pálido apareceu no retrovisor.

– Sanni, você lembra o caminho?

Eu liguei o carro e comecei a dar ré. Partanen brecou com o freio de instrutor.

– Saia do carro!

O zíper da sacola se abriu. Uma mão bateu na testa de Partanen e a cabeça com caspa foi puxada contra o banco da frente. Peguei o cinto de segurança do homem e afivelei-o novamente. A mandíbula de Partanen ficou parcialmente aberta quando a fita adesiva foi amarrada duas vezes por volta de sua cabeça. O crânio do homem estava agora firmemente preso ao banco.

Jere saiu rapidamente do carro e abriu a porta da frente. Partanen estava ganindo e tentou enfiar os dedos por baixo da fita. Jere pegou uma escova do chão do carro, e essa escova vermelha foi posta na garganta do homem.

– Não mexa na fita.

Olhei para meu irmão, surpresa. A sensação foi estranha – foi como se eu, de repente, estivesse vendo o futuro e vendo Jere Saarinen adulto. Um homem que já tinha muitas experiências na vida.

Acordei quando a fita caiu no meu colo. Amarrei os pulsos de Partanen. Meu irmão pegou uma faca do seu bolso e cortou a fita. O homem começou a sentir-se mal por causa da escova na garganta. Observei meu irmão fazer dos tornozelos agitados um pacote imóvel.

– Vamos.

As duas portas se fecharam e eu comecei a dirigir. As minhas mãos tremiam desde os ombros. Escutei um isqueiro no banco de trás e traguei a fumaça tranquilizante do cigarro.

– Vamos dirigir pelas ruazinhas onde andávamos de bicicleta quando crianças. Você lembra o caminho com certeza.

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça para mim mesma. Claro que me lembrava. Foram muitas as manhãs de verão em que eu e Jere colocamos sanduíches e garrafas de refrigerante em nossas mochilas e andamos os trinta quilômetros até a nossa cabana. Para o nosso próprio mundo pequeno, aonde nossa mãe e pai dirigiam à noite depois do trabalho.

Que maravilhoso, até a sauna já está esquentando. Como temos crianças boas!

Minha mãe, sempre radiante, feliz.

A fada de nossos verões.

Que de repente morreu no outono. E com isso acabou com a felicidade de nosso pai.

Quando chegamos à cabana eu olhei para o meu lado. Os olhos de Esko Partanen estavam arregalados. Suor, linhas azuis de veias rompidas, respiração arquejante. Virei meu rosto e abri a janela do carro. Os pássaros cantavam na árvore. Talvez o pássaro houvesse nos reconhecido? Quem sabe era o mesmo papa-moscas preto que nos acordava pela manhã?

Jere se levantou do carro e começou a andar em direção à praia com as mãos nos bolsos. Corri atrás dele, gesticulando para o carro e gritei:

– O que vamos fazer com ele?

Meu irmão parou no cais e olhou fixamente para as ondas brilhando ao sol.

– Nada.

Olhei desconfiada para o carro. Nada, então. Já que meu irmão disse... Jere sempre sabia o que tinha que ser feito e o que era melhor não fazer.

Respirei fundo. A vida estava aqui; os cheiros, os sons e as cores. A paisagem da nossa infância. Apenas o barco estava errado. E aquela pá ao lado da portão.

Sem me mexer, observei como Jere soltou o barco branco de fibra de vidro do atracadouro, apoiou o pé contra o casco e o empurrou-o com toda a força. As ondas viraram o barco lentamente, ele começou sacudir mais, a água bateu contra as laterais. Em breve, o vento começaria a empurrar o barco mais longe da praia.

Jere olhou para trás.

– O barco quer navegar.

Eu ri. Eu nunca seria capaz disso. Jere nunca tinha medo, e segundo a minha mãe meu irmão tinha opiniões desde que aprendeu a falar. Quando nosso pai se tornou difícil, usei Jere como porta-voz. Caso eu não tivesse coragem de ficar em frente do pai, meu irmão assumia o meu lugar e tornava-se o alvo. Davi contra Golias, a mãe sussurrou muitas vezes quando escutava Jere e nosso pai discutindo.

Olhei para a pá ao lado da portão. Minha mãe era sempre rígida quanto ao quintal da cabana, que devia ser mantido bonito. Este é o nosso paraíso, não um depósito de junco, minha mãe dizia caso meu pai deixasse ferramentas na grama. Dei uns passos à frente e pelo restante do caminho eu corri. Peguei a pá e a joguei para cima – um barulho abafado pôde ser ouvido de uma vala. Estremeci de emoção.

Eu tinha coragem.

Virei-me lentamente para o lugar de onde eu viera. Evitei olhar para o homem suando no carro. Eu sabia bem que o homem vira o que fiz.

Meu irmão subiu as escadas e tirou do bolso a chave reserva da cabana. O chaveiro ainda era o ursinho azul de borracha.

– Peguei a chave na sauna no dia de venda. Eu pretendia fazer umas visitas de vez em quando. Essa sempre vai ser a nossa cabana, não importa o que esteja escrito no registro.

Entramos na cabana e a escuridão familiar nos abraçou.

– Fogo na lareira e lenha no forno.

Você está falando sério?, eu perguntei e ri. Me acomodei numa velha poltrona de molas que rangeu quando me sentei. Olhei atordoada para Jere colocando lenha na lareira. Ele acendeu o fogo com um isqueiro, sem nenhuma dificuldade. Chamas vermelhas dançaram na lareira coberta de fuligem. O sol da manhã ondulava às minhas costas. Cortinas claras costuradas pela mãe transformavam a luz em névoa suave.

Me encolhi na segurança da poltrona. Tantas luzes nos circundavam. Tantas sombras.

– Jere, você se lembra das nossas sessões de sauna à noite? Nadávamos até muito tarde. Grelhávamos salsichas. Ou assávamos maçãs.

Meu irmão olhou fixamente para as chamas que devoravam a lenha e acenou lentamente a cabeça. Deixei meu olhar correr por todos os cantos da cabana. A tapeçaria coberta de fuligem da lareira, o beliche verde da infância. A pequena estante de minha mãe em cima da mesa de jantar, todos os livros velhos bem organizados. Foi como se minha mãe os tivesse organizado assim.

Minha voz tremeu.

– Que bom que Partanen não teve tempo de mudar a ordem dos livros.

Jere mexeu na lenha em chamas, mesmo não sendo necessário.

– E vai ficar assim mesmo.

Era melhor não perguntar nada – talvez tudo acontecesse sem forçar, automaticamente. Às vezes é melhor não se envolver nas coisas, não mexer com o que você deseja.

O fogo me deu sono. Eu me levantei da cadeira e olhei para fora. Vi a silhueta escura e imóvel de Partanen no carro. E se o cara tivesse sofrido um ataque cardíaco? Ficado nervoso, entrado em pânico e sufocado?

– Não fique olhando aí. Melhor seria você tirar uma lata de almôndegas do armário e esquentar comida. Estou começando a ficar com fome.

* * *

Estava silencioso na cabana. Tão silencioso que eu acordei. A lareira parecia um buraco vazio e negro. O fogo tinha morrido. A luz fraca da lua refletia-se no tapete de pele de carneiro.

O cobertor caiu do meu joelho até o chão. Eu tinha adormecido na poltrona e dormi horas numa postura desconfortável. Naquele momento entendi o que o pai queria dizer quando falava que no lugar do pescoço tinha uma barra de aço. Virei a cabeça e gritei de dor.

Esgueirei-me até a janela. A noite de verão estava pouco escura, havia apenas o espelho liso do lago refletindo luz. O meu olhar sonolento encontrou duas pessoas. Uma estava de costas no atracadouro, e a outra agachada, olhando para o lago.

Abri a porta da cabana sem fazer nenhum som. Jere me ensinara como lidar com a porta barulhenta para sair sem que outros escutassem. Saí ao alpendre e fiquei escondida atrás de um pilar.

Consegui escutá-los facilmente enquanto conversavam na noite calma.

E vou voltar a dormir. Mas pense nisso até de manhã. Não adianta tentar rolar para a água, afundará como uma pedra. Está certo?

Jere chuta a bunda de Partanen. Partanen geme por trás da fita.

No momento em que você contar a alguém qualquer outra coisa além do que eu lhe falei, meu pai vai ficar sabendo o que você fez com Sanni. No momento em que você contar para alguém sobre esta viagem para a cabana, eu e meu pai vamos à delegacia de polícia mais próxima.

Escutei um maçarico-real na outra margem do lago. Meu irmão saiu de trás de Partanen, ficou diante dele e tirou violentamente a fita que estava por volta de sua cabeça. Um grito dolorido. Um arrepio desagradável correu dos meus ombros até os tornozelos.

Repita o que você precisa fazer. Repita cada palavra!

Jere levanta o punho fechado, eu desvio o olhar para não ver. Escuto como o punho de Jere bate no rosto de Partanen. O homem cospe no atracadouro e depois começa a chorar e a fazer um sinal afirmativo com a cabeça.

Vou procurar o seu pai e cancelar o negócio. Todas as despesas vão ser pagas por mim. Seu pai receberá um bom valor por isso. Vou pagar sem recibo. E ao mesmo tempo vou pagar para que Sanni frequente a autoescola de Törnroos.

Essa última coisa Partanen promete chorando. Jere pega o rolo de fita e fecha a boca do homem. A luz reflete na lâmina da faca quando Jere a coloca em frente aos olhos de Partanen.

Eu, Sanni e nosso pai prometemos que você vai para a cadeia se não mantiver todas essas promessas.

A faca se mexe e a fita é cortada.

Você não passa de um filho da puta que abusa das mães fracas!

Partanen fica de joelhos no cais. Os ombros do homem tremem antes de ele cair de lado. Depois tudo fica quieto.

Eu fingia dormir quando meu irmão abriu a porta da cabana. Uma mão tocou meu ombro.

– Vou fazer café para nós.

Fingi bocejar e perguntei as horas.

– Cinco e meia. Ajudei Partanen a fazer xixi.

As mãos de Jere tremiam enquanto colocava água no bule.

– Como estava Partanen?

– A gente falou sobre isso e aquilo.

Fingi que fiquei surpresa.

– Você tirou a fita?

– Cale a boca, está difícil falar, porra.

Escutei o gás ligado, ele pegou fogo e com uma mão tremendo colocou o bule sobre o fogão. Os nós da mão direita dele estavam ensanguentados.

– Vamos tomar café e depois devolver o carro e o cara ao estacionamento da EsCarta.

Jere me olhou como se esperasse uma resposta afirmativa. Peguei o saco de biscoitos e escolhi os que tinham mais açúcar.

– E o que vai acontecer depois?

Jere cheirou o café e sorriu.

– O que vai acontecer? A gente vai pegar as bicicletas e fazer carinho no Hupi, o cachorro dos Saikkolas. E depois a gente volta para cá.

Olhei fixamente para meu irmão sem acreditar nele.

– Sanni. Pare de fingir. Você acha que eu não percebi você espiando atrás do pilar?

Mordi o biscoito e um pouco de açúcar caiu no meu colo. A ideia pareceu incrível. Tudo voltaria a ser como antes. Respirei fundo. É necessário prender-se à infância. A mãe já foi tirada de nós.

– Jere. Que tal fazer uma festinha aqui antes das férias acabarem e voltarmos à escola?

Meu irmão pegou o biscoito da minha mão e deu uma mordida.

– Festinha não. Vamos fazer uma puta de uma festa de arromba.

Comecei a rir e em seguida a gargalhar histericamente. Eu ri pela primeira vez desde a morte de minha mãe. Esfreguei os olhos, olhei na direção do lago e vi aquela pessoa no atracadouro. Aquilo cortou o meu riso.

Se a mãe soubesse.

Ou talvez ela saiba? A mãe aceitaria o que fiz.

– No que você está pensando?

Vacilei ao escutar a pergunta – Jere era o último para quem eu contaria a verdade. Era exatamente graças ao ódio de meu irmão que as nossas vidas seriam consertadas.

– Pensei como as coisas podem melhorar. Durante um único dia.

Os lábios do Jere se mexeram como se ele calculasse silenciosamente quanto café colocar. Virei de costas e observei a forma como o sol nascente pintava os pilares molhados

do atracadouro. O barco de Partanen já não podia ser visto. Com certeza estava à deriva do outro lado da península.

Apertei o meu nariz contra a janela fria.

À noite eu tinha lido revistas femininas emprestadas de Lotta. As revistas ensinavam as meninas a exigirem seus direitos. Todo mundo tem o direito de não ser tocada. Cada violação ao direito de não ser tocada deve ser denunciada às autoridades.

Partanen tocou minhas partes íntimas com o dedo. Isso provavelmente é o mesmo que estupro. O homem pediu desculpas e prometeu que nunca mais faria algo assim. Que patética essa tentativa de ignorar a violência. Só por isso eu já tinha o direito de chamar o que aconteceu de estupro.

Primeiro, Jere ficou louco de raiva. Depois ficou sozinho, planejando.

Todo mundo vai acreditar em mim. Quem acreditaria no suado Partanen, que tinha o pôster de uma atriz pornô vestindo roupas de látex no banheiro do escritório? Todo mundo vai achar que seria justo se eu e Jere recebêssemos de volta tudo o que Partanen tirou de nós.

Todo mundo acharia que a minha história é a melhor.

Outro Mundo, XIII, de Rosa Liksom

Pasi Loman¹

Rosa Liksom (Ylitornio, 01/07/1958) é o nome artístico de Anni Ylävaara, escritora e artista plástica finlandesa. Liksom estudou antropologia e ciências sociais nas universidades de Helsinque, Copenhague e Moscou. Já com o seu primeiro livro, a coleção de contos *Yhden yön pysäkki* (1985), Liksom ganhou o importante prêmio literário J. H. Erkko. Desde então, ganhou vários outros prêmios literários: em 2011, ganhou o prêmio literário mais importante de seu país, o “Finlândia palkinto”, com o romance *Hytti nro 6*, também finalista do prêmio literário francês “Prix Médicis étranger”; o Prêmio Literário do Conselho Nórdico de melhor livro escandinavo do ano, em 2013; e o prêmio “Strego Europeo” na Itália, em 2014. Em 2016 Liksom recebeu a prestigiosa Ordem das Artes e Letras (*Ordre des Arts et des Lettres*) na França, uma condecoração concedida pelo Ministério da Cultura que visa reconhecer “as pessoas que se distinguem pela sua criação no domínio artístico ou literário ou pela sua contribuição ao desenvolvimento das artes e das letras na França e no mundo”.

Além do sucesso de crítica, Liksom é uma das autoras de maior sucesso comercial da Finlândia. Até agora, por exemplo, o *Hytti nro 6* vendeu mais de 100.000 cópias apenas na Finlândia (população de 5 milhões). Traduções de seus livros já foram publicadas em mais de vinte idiomas. Em português, Liksom tem um livro publicado pela editora portuguesa Relógio d’Água, a coleção de contos

1 A tradução foi feita diretamente do original finlandês por Pasi Loman, finlandês radicado no Brasil desde 2006, e revisada por sua esposa Lília Loman, que possui doutorado em crítica e teoria literária pela University of Nottingham e pós-doutorado pela PUC-SP. Para realizar várias traduções literárias sem fim lucrativo em 2017, incluindo esta, Pasi recebeu bolsas de duas fundações finlandesas: Otavan kirjasaatiö e WSOY:n kirjallisuussäätiö.

Os paraísos do caminho vazio (1989, tradução de Merja Sinikka Nousia e Marta Duarte Daniel Dias), mas, se não fosse essa coleção de textos nórdicos, permaneceria inédita no Brasil.

Embora Liksom seja mais famosa como escritora, também é mundialmente conhecida como pintora e artista plástica. Porém, apesar de produzir livros e exposições de fotografia, bem como filmes de curta-metragem, Liksom não se considera fotógrafa, mas uma artista que usa a fotografia como uma ferramenta. Em 2016, Rosa Liksom visitou o Brasil como convidada do Festival Internacional de Imagem Valongo (Santos – SP) e da Embaixada da Finlândia. A artista aproveitou a viagem ao Brasil para desenvolver várias outras atividades, que incluíram uma exposição de fotografia na galeria da Pinacoteca Benedito Calixto em Santos – SP, uma oficina sobre técnicas de escrita e sobre como transformar texto em narrativas visuais, e a participação em um evento literário na Livraria Realejo em Santos, onde falou sobre a sua trajetória como escritora e sobre a obra *Hytti nro 6*.

Até agora Liksom publicou dezessete livros, que incluem coleções de contos, romances, livros infantis e livros de arte. Mesmo tendo feito mais sucesso com o romance *Hytti nro 6*, Liksom é, de fato, mais conhecida como mestre de contos. Seus contos são frequentemente muito curtos, mini-histórias pequeníssimas, de apenas algumas páginas. Os personagens principais são muitas vezes pessoas que vivem à margem da sociedade e que se encontram em situações absurdas. Liksom usa uma linguagem básica e até crua, adequada para as personagens, mas ao mesmo tempo muito prazerosa de ler. Seus textos mostram um mundo frio, cheio de tragédias e injustiça, mas às vezes terminam com um pouco de esperança em um mundo melhor e na justiça. Apesar de temas pesados, como violência contra mulheres, vício em drogas e racismo, há muito humor nos contos e livros de Liksom. Alguns dos contos são praticamente intraduzíveis, uma vez que se passam na Lapônia e são escritos com o dialeto e o sotaque dessa região, sendo esse aspecto do idioma uma parte fundamental destes textos. Como não existe dialeto da Lapônia em português, ficaria sem graça traduzir esses contos.

A língua finlandesa não faz parte dos idiomas indo-europeus, como faz o português; faz parte da família de línguas urálicas. Consequentemente, o finlandês e o português são dois idiomas bastante diferentes, tanto no vocabulário quanto na gramática. O finlandês, por exemplo, não tem preposições, e em vez disso usa um complexo sistema de declinação que conta com quinze casos. O finlandês também não tem artigos nem gêneros. O finlandês nem tem palavras femininas e masculinas para o pronome em terceira pessoa singular; isso permite que o autor não revele o sexo das personagens se não quiser – Liksom também usa essa ferramenta de vez em quando, embora não no conto aqui traduzido. Devido

a essas grandes diferenças entre o finlandês e o português, por vezes é bastante difícil manter o estilo do texto original. Em finlandês é possível, por exemplo, ter frases muito compridas e, graças ao sistema de declinações, é fácil acompanhar o pensamento do autor e entender as frases muito longas, que em português ficariam muito confusas. No caso de Rosa Liksom, porém, não encontramos problemas devidos às diferenças dos idiomas; em parte, acreditamos, porque ela prefere frases curtas e sucintas. Para a presente coleção de contos nórdicos, escolhemos um conto típico de Liksom; curto, com situações meio absurdas, violência, mas com uma vingança contra o vilão da história no final.

Muu mailma, XIII

Rosa Liksom

Meidän talossa on todella hyvät kerhotilat. Ennen kun talossa asu paljon lapsia ne oli jatkuvassa käytössä. Nyt kun lapsia ei enää ole, me ollaan vuokrattu tilaa ulkopuolisille. Ensimmäillä oli vuokralaisena taidekerho Picasso. Se toimi ekan viikon hyvin, mutta sitten kun ne alko maalaamaan, se tärpähti haju nousi tuuletuskanavaa pitkin ylöspäin ja siitä syntyi soppa. Kolmannessa kerroksessa asunut Manninen valitti, samoin kuudennen kerroksen leski, ja minun piti mennä sanomaan sille kerhon vetäjälle, että ei tästä tule mitään. Pari vuotta ne kerhotilat olivat sitten tyhjillään, mutta kun taloyhtiö tartti tuloja niin Manninen ehdotti, että vuokrataan tilat uudelleen jollekin hajuttomalle kerholle. Mä löysin Metro-lehden halutaan palstalta Vire-kerhon. Sen kerhon takuumiehenä oli SPR, joka lupasi maksaa vuokrat ajallaan. Esitin asian Manniselle ja se innostui. Aluksi siitä porukasta ei ollut mitään harmia. Ne oli sellasta 80 plus -jengiä, jotka pelas bingoa tai jutteli viipalekuvauksista ja homeopatiasta. Mutta kun syksy vaihtui talveksi, alkoivat ikävytykset. Kerran yks kerhon jäsenistä sai kohtauksen ja jouduttiin kutsumaan ambulanssi. Vähän tän tapauksen jälkeen kerhon vapaaehtoisvetäjä kuoli kesken kirjakerhon ja paikalle tilattiin ruumisauto. Manninen sai herneen nenäänsä ja pyysi minua soittamaan SPR:lle, että leikki loppuu tähän. Mä soitin ja taas oli kerhuhuoneisto vapaana. Taloon oli kuitenkin tulossa parvekeremontti ja siihen tarvittiin rahaa. Mä löysin Helsingin Sanomista ilmoituksen, jossa Veljespiiri etsi kerhotilaa. Näytin ilmoitusta Manniselle ja Manninen sanoi, että vaikuttaa hyvältä, koska kerhon nimi viittaa kivasti kadotettuun Karjalaan ja siellä asuviin veljeskansoihin. Mä soitin ja sovin tapaamisen kerhon pääsihteerin kanssa. Se oli isänmaallinen nuori mies, oikein oli Suomen lipunkin ommellut takkiinsa. Me sovittiin säännöistä, allekirjoitettiin vuokrasopimus ja se makso puolen vuoden vuokrat puhtaana käteen. Pitkin kesää Manninen kehuskeli, että on se mukavaa, kun Suomen saloilta löytyy vielä sellaisia ihmisiä, joilla on arvot kohdallaan. Näillä mentiin aina jouluun asti. Tapaninpäivänä tuli ekat ikävät uutiset. Kerhotiloissa oli raiskattu nuori nainen. Manninen totesi, että naisen oma vika. Uudenvuodenyönä kerhotiloissa suoritettiin törkeä pahoinpitely. Amerikkalainen koriksenpelaaja oli ostarilla isketty sähköpampulalla tainnoksiin, raahattu kerhotiloihin ja hakattu sohjoksi. Manninen huokasi, että onneksi se oli musta eikä valkoinen, mutta sitten helmikuun alussa tuli viimeinen tikki. Se oli tää mistä lehdistäkin on kirjoitettu, paloittelusurma, joka vaati kaksi uhria. Toinen niistä oli Manninen.

Outro mundo, XIII

Rosa Liksom

Tradução do finlandês:

Pasi Loman

O nosso prédio tem um ótimo salão de festas. Antigamente, quando muitas crianças moravam no prédio, era usado o tempo todo. Agora que não há mais crianças, nós alugamos o espaço para terceiros. Primeiro, o clube de arte Picasso alugou o espaço. Funcionou bem durante a primeira semana, mas, depois que eles começaram a pintar, o cheiro de aguarrás subiu pelos encanamentos e isso causou problemas. O senhor Manninen, que mora no terceiro andar, reclamou, bem como a viúva do sexto andar. Então eu precisei dizer para o coordenador do clube que aquilo não ia funcionar. Por dois anos o salão ficou vazio, sem uso nenhum, mas quando o condomínio precisou de dinheiro, Manninen sugeriu que alugássemos o espaço novamente para um clube sem cheiro. Em um anúncio no jornal Metro, achei o clube Forma. O clube tinha o apoio da Cruz Vermelha da Finlândia, que prometeu pagar o aluguel sempre em dia. Fiz essa sugestão para Manninen e ele se animou. No começo eles não causaram problema nenhum. Todos na turma estavam na faixa dos 80 anos. Eles jogavam bingo ou conversavam sobre imagens de ressonância magnética e homeopatia. Mas depois que o outono virou inverno, as perturbações começaram. Certa vez um dos membros do clube sofreu um ataque cardíaco e tivemos de chamar uma ambulância. Logo depois, o voluntário que estava organizando o clube morreu durante uma sessão do clube de leitura. Um carro fúnebre foi chamado. Manninen ficou irritado e pediu que eu ligasse pra Cruz Vermelha para dizer que aquilo tinha acabado. Eu liguei e mais uma vez o salão de festas ficou sem uso. Porém, queríamos fazer uma reforma nos terraços, e precisaríamos de dinheiro para isso. Achei um anúncio no jornal *Helsingin Sanomat* em que a Irmandade estava procurando um lugar para o seu clube. Mostrei o anúncio para Manninen, e Manninen disse que parecia bom, pois de uma maneira agradável o nome do clube se referia a Karjala, o território que a Finlândia perdera na guerra contra a Rússia. Eu liguei e marcamos uma reunião com o secretário-geral do clube. Ele era um jovem patriótico, tinha até uma bandeira da Finlândia costurada na jaqueta. Combinamos as regras, assinamos o contrato e ele pagou seis meses de aluguel em dinheiro. Durante o verão, Manninen disse que era muito legal que ainda se achassem na Finlândia pessoas com os valores certos. Assim fomos até o Natal. No dia 26, recebemos as primeiras más notícias. Uma jovem fora estuprada no salão de festas. Manninen comentou que tinha sido culpa da mulher. No Ano-Novo houve uma agressão brutal

no salão. Um jogador americano de basquete foi atacado com um bastão de choque no shopping, arrastado até o clube e espancado brutalmente. Manninen ficou aliviado, pois tinha sido um negro e não um branco, mas a última gota d'água veio em fevereiro. Foi o caso que está nos jornais também: um duplo homicídio com os corpos mutilados. Uma das duas vítimas era Manninen.

Tradução, teorização, traição. Ensaio sobre estudos de tradução, de Gauti Kristmannsson

Luciano Dutra¹

Resumo: Nesta colaboração, o leitor encontrará o original islandês do ensaio “Teoría, tryggð og túlkun”, de Gauti Kristmannsson, seguido pela tradução do referido texto para o português.

Apresentação

Nascido em 12 de setembro de 1960 em Reykjavík (Islândia), Gauti Kristmannsson é professor de estudos de tradução na Universidade da Islândia, onde colou grau de bacharel em Letras (inglês) em 1987, ano em que foi credenciado como tradutor público e intérprete juramentado inglês-islandês pelo ministério do interior da Islândia. Mestre *summa cum laude* em literatura escocesa pela Universi-

1 Nascido em Viamão/RS (1973). Naturalizado islandês (2007). Bacharel em Letras Islandesas (2007) e mestrando em Estudos da Tradução na Universidade da Islândia (Háskóli Íslands). Tradutor juramentado islandês-português (2008). Autor de uma monografia (2007) e um roteiro de documentário (2013) sobre a imigração islandesa no Brasil no fim do século XIX. Além de literatura islandesa e nórdica contemporâneas, traduz as sagas, obras únicas de prosa de ficção compiladas na Idade Média por autores anônimos da Islândia. Fundou (2014) em Reykjavík a Sagarana forlag, editora plurilíngue que enfoca a publicação de literatura em tradução entre as línguas nórdicas e o português. Fundou (2016) a página *Um poema nórdico ao dia* (www.facebook.com/nordsudr), que publica diariamente poemas de autores de todos os países nórdicos, a maioria deles até então inéditos em português, sempre em tradução direta dos idiomas originais. *Pela boca da Baleia*, sua tradução do romance *Rökkurbýsmir*, do islandês Sjón, ficou em segundo lugar no prêmio Paulo Rónai da Biblioteca Nacional e foi uma das dez finalistas do Prêmio Jabuti (2018). Participou como tradutor do Festival Internacional de Literatura de Reykjavík (2017), da Feira do Livro de Porto Alegre (2017), da Feira do Livro de Gotemburgo (2017-2018), da etapa de Zurique da Primavera Literária Brasileira (2019) e da Feira do Livro das Ilhas Feroês (2019).

dade de Edimburgo em 1991 e doutor *summa cum laude* em estudos de tradução, inglês, alemão e sociologia da cultura pela Universidade Johannes Gutenberg em Mainz/Germersheim no ano 2001. As áreas de interesse de Gauti são os estudos de tradução em geral, literatura em língua inglesa e alemã, iluminismo europeu, história da tradução, políticas linguísticas na Islândia e noutros países e literatura islandesa contemporânea.

Teoría, tryggð og túlkun²

Gauti Kristmannsson

*Der Autor hat den Mund zu baltern,
wenn sein Werk den Mund aufzut.*

Friedrich Nietzsche

Aðfararorð

Þýðingar eru þversagnarkennt athæfi. Frá orði til gerðar og aftur til orðas liggur oft langur og villugjarn vegur, örðugur yfirferðar og sérstakur fyrir þá sök að ekki verður litið um öxl í von um að finna leiðina til baka. Einhvers staðar á þessari leið er hyldýpi sem brúa verður ef yfir á að komast. Brúargerðin er það sem flestir kalla þýðingar, því brúin er það sem eftir stendur þegar vegurinn er orðin að alfaraleið. Öllum er ljóst að brúin gerir þeim kleift að fara yfir hana, en að öðru leyti er hún ekkert sérstök, aðeins það meðal sem tilgangurinn helgar.

Þversögnin felst í því að þrátt fyrir brúargerðina vill gjáin ekki hverfa úr huga manna; hún er enn mikilvægasta landslagið á leiðinni og ekki að ástæðulausu. Auk þess getur brúin orðið léleg, verið of mjó eða bara ljót og í engu samræmi við hrikalegt landslagið sem undir er að líta. „Og af hverju er hún þarna en ekki hérna,“ hugsa þeir sem fjær búa. Brúin er í raun og veru alltaf ómögulegt vegna þess að hún sker sig úr og til að bæta gráu ofan á svart er oft einhver tollheimtumaður, brúarsmiðurinn sjálfur eða snjall fjárfestir, sem tekur gjald fyrir yfirferðina. Þannig getur brú sem opnaði nýja vegi orðið að kostnaðarsamri töf og leiðarlykkju í huga þeirra sem vilja bara komast yfir gjána.

Brúin er líka því marki brennd að vera einfalt mannvirki; í raun og veru aðeins planki yfir gjána. Sjálf hugmyndin er eins einföld og að ganga yfir byggða brúna. Bygging hennar krefst hins vegar meira hugvits en að leggja planku og það sem meira er: efniviðurinn í hana virðist vera kominn yfir margar aðrar gjár. Ætlunin er í þessari ritgerð að líta á nokkrar þessara gjáa og ekki síst smíði brúnna sem lyggja yfir þær.

2 Jón á Bægisá. *Tímarit þýðenda*. Norden er í orden. 2. tbl., desember 1995: 5-22.

1 Verkfærin

Það er góður siður í verklýsingum að byrja á að telja upp verkfærin og skýra tilgang þeirra. Nú er engin skrá í þýðingafræðum tæmandi og reyndar koma verkfærin víða að og bera því stundum með sér að þeim hefur verið ætlað annað hlutverk í upphafi. Stundum reyna menn að nota sporjárn sem skrufjárn og öfugt.

Stærsta vandamálið í verkfæralýsingunni snertir hins vegar strax einn grunnpunktinn í fræðum þýðinga, þann að ekki verður þýtt með orði fyrir orð, oft ekki einu sinni í geldum orðalistum. Samstofna orð í skyldum tungumálum hafa oft mismunandi merkingu, kannski nátengda ef svo má segja, en þó ekki hina sömu. „Waterfall“ á ensku merkir ekki það sama og vatnsfall á íslensku. Frægt er dæmið um samanburð á orðum litrófsins þar sem sum tungumál segja grænt lengur en önnur. Og „kinn“ er ekki á sama stað á Íslendingi og Þjóðverja þótt vænginn sé það. Þetta er kannski fremur spurning um hvar menn eiga að festa, ef yfirleitt, það sem kallað er merking; í orðum, textum eða umhverfisþáttum þeirra (þ.m.t. höfundum og viðtakendum).

1.1 Jafngildi

Þetta hugtak má líkast til nota fyrir það sem á þýsku er nefnt „Äquivalenz“ (t.d. Koller) og Nida og Taber kölluðu „natural equivalent“ í *The Theory and Practice of Translation* (11). Nida og Taber sem höfðu biblíuþýðingar í huga voru þar með ekkert langt frá skilningi Luthers á þýðingu sem hann skýrði í „Sendbrief vom Dolmetschen“ þar sem hann taldi edlilegast að laga þýðinguna að tungumálinu eins og það var í hans eigin málumhverfi (14-32). Eitt og sér er hugtakið hins vegar of einfalt til að verða að góðu gagni og hafa fræðimenn því spunnið út frá því fjölda þráða í þeirri von að flétta megi saman kenningar um þýðingarferlið. Kenningar þessar hafa spannað allt frá áherslu á form frumtextans til hagnýtingar marktans í nútímasamfélagi; hinar fyrrnefndu standa frumtextanum nærri og vilja beygja þýðinguna undir aga hans, hinar síðarnefndu snúast fremur um tilveru textans í því samfélagi sem við honum tekur og beygja þýðinguna undir aga þess. Einhvers staðar þarna á milli er kannski listamaðurinn sem telur sig hafa fundið hina einu réttu túlkun textans og þýðir hann mest eftir eigin höfði.

Einu gildir þó að hverjum þessara þátta menn hallast; með hugtakinu hættir mönnum til að skapa tvístefnubru þar sem það er útilokað. Jafngildishugtakið á rætur að rekja til rökfræðinnar þar sem gert er ráð fyrir að sannleiksgildi yrðinga sé hið sama beggja vegna jafngildismerkis og þar með megi leiða hina fyrri aftur

af hinni síðari (Stolze 93). Við þýðingu er hins vegar farinn svo miklu lengri vegur á milli yrðinganna að þær koma fyrir hvor í sínum heimi þar sem forsendur eru allt aðrar, ekki aðeins á sviði tungumálsins heldur einnig menningarinnar í viðum skilningi þess orðs. Það er útilokað að finna frumtexta sína upprunalegu mynd með því að þýða þýðingu til baka. Vandinn liggur kannski í því að gjáin milli orða og innihalds þeirra er brúuð með samhengi, ekki aðeins textans sjálfs, heldur líka þess umhverfis sem hann er lesinn í. Með þessu er ekki verið að fullyrða hvernig eigi að þýða, með þræslund eða þótta, heldur að þýðandinn breyti textanum með skilningi sínum og getu til að yrða hann upp á nýtt (sbr. Reiss/Vermeer 62). Þessi breyting er varanleg og óafturkræf.

Þar með er ekki sagt að hinn þýddi texti sé varanlegur, hver lesandi sér hvort eð er sinn texta, heldur felur athöfnin að þýða í sér slíka breytingu á formi og aðstæðum að ekki er lengur unnt að tala um jafngildi. Biblían er auðvitað gott dæmi um þetta. Hún er mest þýddi texti sem fyrirfinnst og sá texti sem allir kynnast í þýðingu í einhverri mynd (Nida 11). Samt er þessi texti sífelldum breytingum undirorpinn þrátt fyrir ótölulegar tilraunir til að nálgast hinn „heilaga frumtexta“. Það er einnig auðsætt að merking hans breytist með tíð og tíma og talandi dæmi um mismunandi skilning manna á honum eru sértrúarsöfnuðir mótmælenda. Mótmælendur lögðu gríðarlega áherslu á texta Biblíunnar, guðsorðið, sem sönun þess að katólska kirkjan væri á villigötum. Textinn var þar æðri mannlegum breyskleika og eini semskiptamöguleiki manna við Guð. En hvað gerðist? Menn gátu ómögulega orðið sammála um útleggingu textans og eru reyndar enn að finna nýjar. Þannig getur hugmyndafræði hvers tíma og ýmissa hópa léttilega mótað skilning á textum.

Þessu mætti andmæla á tvennum forsendum; trúarlegum og strúktúralískum. Þær síðarnefndu fyrst. Roman Jakobson orðaði það svo í ritgerð sinni „On Linguistic Aspects of Translation“: „All cognitive experience and its classification is conveyable in any existing language“ (234). Þetta ætti kannski að vera mottó hvers þýðanda, réttlætning á starfi hans og rothögg fyrir kenningar manna eins og Wilhelms von Humboldts sem í inngangi að þýðingu sinni á Agamemnoni Æskílosar fullyrta að „ein Solches Gedicht ist, seiner eigenthümlichen Natur nach, und in einem noch viel andrem Sinn, als es sich überhaupt von allen Werken grosser Originalitaet sagen lässt, unübersetzbar“ (80).

Hvorug þessara fullyrðinga sannar né afsannar hugmyndina um jafngildi þýðingar og frumtexta (þótt segja megji að sú síðari sé tilraun til að sanna sjálfa sig); sú fyrri fullyrðir aðeins að tvær strúktúralískar andstæður, tvö tungumál, geti leyst nákvæmlega sama verkefni af hendi. Þessi leusn er ekki bundil því að unnt sé að þýða frá p til q og síðan aftur til p, né heldur að q sé alveg jafngóður

texti til að þýða yfir í be eins og p væri, aðeins að q geti sagt það sama og p. Þessi röksemdafærsla gerir ráð fyrir að tungumálið og það sem það tjáir sé einungis skilvitlegt (cognitive) og að merkingu megí fastsetja í tíma og rúmi. Þýðing með þessum formerkjum leiðir til þess að menn ákveða merkingu fyrir tiltekið teikn (e. sign) í frummálinu og setja smána annað teikn í markmálinu sem segir það sama (vonandi) og hið fyrra. Þau eru þó ekki jafngild þar sem hið fyrra varð til óháð hinu síðara, en ekki öfugt. Þýðingin er heldur ekki rökrétt afleiðing frumtextans sme er á hinn bóginn algjörlega óháður henni.

Humboldt var hins vegar rómantískur hugsuður og skilningur hans á frumleika markast af snillingaguðfræði þess tíma sem upphóf skáldið og innblástur þess til slíkra hæða að það hlaut að leiða til þess að menn litu á þýðingar bókmennta sem nýtúlkun á eigin tungumáli, samhliða þeirri þversögn að verk snillings mætti aðeins meðhöndla sem helgan dóm. Þýðingin hlýtur því samkvæmt þessu allfat að vera annars flokks (fyrir hvern, spyrja þó þeir sem frummálið ekki skilja), ef ekki helgispijöll og alls ekki jafngild frumtextanum.

1.2 Textar

Hér að framan hefur mikið verið talað um texta og þýðingar þeirra án þess að skilgreina nákvæmlega hvað við er átt. Enda er það ekki hægt. Textinn getur ekki verið bundinn við blaðið, hann er kominn annars staðar að og hann vill ekki bara liggja þar þegjandi. Sé hann þýddur fer hann hugsanlega lengra og víðar en annars, en þá er hann kominn í nýjan búning því hann sníður ekki fötin sín sjálfur hvert sem hann fer. Textinn er ekki túristi sem fer með hangikjötið sitt með sér, en hann fer með sjálfan sig og prófar kannski einkennilega ávexti þar sem hann kemur.

Texta og þýðingar má þó flokka gróft því um leið og flokkunin verður fin koma þversagnir innan textans í veg fyrir það að gefa megí einhverjum flokknum lýsandi heiti. Það er heldur engin tilviljun að flokkun beggja er nefnd í sömu andrá því margir þýðingafræðingar (Reiss/Vermeer t.d.) byggja skilgreiningar sínar á flokkun texta. Hér er ekki um neitt nýtt að ræða fremur en fyrri daginn; þrætubókarlistin til forna snerist að talsverðu leyti um flokkun texta (og Cicero er gjarnan nefndur til sögu sem fyrsti „þýðingafræðingurinn“). En eftir að Saussure greindi milli innihalds og málbeitingar, tungunnar sjálftrar o teiknakerfis hennar (langue) sem liggur að baki málinu og raunverulegri beitingu þess (parole), fóru menn að skoða tungumál með öðrum hætti en áður.

Andstæðurnar, grundvöllur strúktúralískra málvísinda, skilgreina merkingu í gegnum tilveru eininga sem öðlast merkingu við það að vera ekki eins; þær nærast á samanburðinum hver við aðra: án gagnþóls er engin merking fyrir hendi. Til dæmis er erfitt að hugsa sér skilgreiningu á kynþáttum ef ekki væru til hvítir menn og blakkir, einungis gulir. Hin hreina og klára skipan andstæðnanna leiðir til þess að menn telja sig get rannsakað tungumálið eins og hlut, skýrt það með hlutlausum hætti og hreinsað rannsóknir sínar af bjagandi hugmyndafræði. Gallinn er hins vegar sá að tungumál skoðandans er fyrir hlaðið merkingu og sú athöfn að tala um tungumálið gefur hlutnum merkingu, rétt eins og skilgreining hans á að útskýra eðli hans. Þannig er útskýringin alltaf að einhverju leyti fyrir fram gefin.

Í þessu samhengi ber að skilja útvíkkun merkingarhugtaksins í báðar áttir; frá merkingareiningunni teikn, samsettri úr þeim þáttum tungumálsins sem Saussure nefndi „signifié“ eða hugtak og „signifiant“ eða tjátak, til hinnar smæstu einingar sem breytt getur merkingu (fónem) og flóknari merkingarkerfa, t.a.m. texta og hugmyndafræði. Með þessari einföldun er ekki ætlað að skýra þessar kenningar, heldur aðeins að benda á að merkingin, það sem þýða þarf hverju sinni, er margfalt óhöndlanlegra fyrirbrigði en ætla mátti við fyrstu sýn, þegar menn líta til dæmis á orðið og merkingu þess. Fónemið getur breytt merkingu, en það er ekki unnt að þýða (utan einstaka upphrópanir). Texta er unnt að þýða, en sá sem þýðir hann skilur hann kannski öðruvísi en einhver annar; hér hafa fyrirbrigði eins og hugmyndafræði og tími mikla þýðingu. Úr sér gengin hugmyndafræði getur skilið eftir sig orð og hugsanagang sem kemst á milli lesanda og texta sem saminn er áður en hugmyndakerfið náði hápunkti sínum, hvort sem það var í orði og/eða verki.

Fyrir utan slík grundvallaatriði verður merkingin oft illhöndlanlegri þegar reynt er að tjá menningarsérkenni. Hlutverk þeirra í texta getur verið mjög mismunandi, allt frá því að vera hlutlaus staðreynd þar sem verið er að lýsa einhverjum stað og stund, til þess að vísa eindregið á einhverja hugmyndafræði eða hóp. Vandamálið fyrir þýðandann getur orðið það að hvort tveggja, hin hlutlausa lýsing, sem og hin hugmyndafræðilega vísun, geta umsnúist í þýðingunni. Lýsingin hlutlausa getur orðið „exótísk“ og spennandi, stúlkur í stráþilsum fá allt í einu einhverja allt aðra merkingu en í umhverfi frumtextans. Vísunin hugmyndafræðilega getur hins vegar farið alveð fyrir ofan garð og neðan vegna þess að fyrirbrigðið finnst ekki í umhverfi marktans. Einhver hópur getur t.d. haft tungutak sem í sjálfu sér verður vísun til stöðu hans í umhverfi frumtextans. Vandræðalegar yfirfærslur á „sambærilega“ hópa í umhverfi marktans eða hrein staðfæring eru stundum þrautalending að lokum, en þær eru engin trygging fyrir því að „áhrifin“ séu hin sömu.

Einmitt þess vegna má þýðandinn ekki gleyma viðtakendum textans. Hann og aðrir sem menningarumhverfi þekkja og skilja að einhverju leyti eiga kannski auðvelt með átta sig á tingangi þess að gefa tilteknum menningarsérkennum nýtt form í umhverfi marktextans. En það er vitneskja sem þýðandinn og þekkjendur búa einir yfir; kaupandi þjónustunnar sér hins vegar kannski að það er munur á frum- og marktexta og ályktar sem svo að þýðingin sé ófullnægjandi. Nærgætni gagnvart viðtakendum merkir að þýðandinn eigi hvorki að setja sig á háan hest og „einfalda“ textann svo að „lýðurinn“ fái hann skilið, né heldur að hann eigi að þvinga viðtakendur til að fletta upp í orðabókum á stöðum sem viðtakendur frumtextans þurfa þess ekki.

1.2.1 TEXTATENGL

Snúnara verður það fyrir þýðandann þegar mikið er um textatengsl í frumtextanum (e. intertextuality); t.d. vísanir í „alkunna“ texta utan frumtextans. Slík tengsl er að finna í nánast öllum textaflokkum (þ. Textsorte); enginn höfundur, auglýsandi, pólitikus eða blaðamaður er svo grænn að eiga ekki uppsláttarbók með tilvitnunum. Það er ekki nóg að fletta upp í þýðingum Helga Hálfðanarsonar (að öðrum ógleymdum) þegar höfundur ensks texta slær um sig með Shakespeare því það er allsendis óvíst að viðtakendur þýdda texta átti sig á samhenginu hvert svo sem það á að vera. Hér eru lausnir allt frá gæsalöppum til neðanmálsgreinar (í rituðum texta) mögulegar; allt annað en að þýða textann eins og hann kemur af skepnunni.

Textatengsl eru hins vegar flóknara fyrirbrigði en hreinar tilvitnanir í aðra texta. Ástráður Eysteinnsson talar um „tengdatexta“ í ritgerð sinni „Mylluhjólinu“ og leggur þar „áherslu á muninn á „föðurtexta“ áhrifarýninnar og þeim mæðgum (stöðu tengdaforeldra) sem felast í textatengslum er lúta jafnframt að lesandanum – mismunandi lesendur geta séð ólíka tengdatexta í sama verki án þess að einn hafi réttar fyrir sér en einhver annar“ (78). Þessi áhersla á skilning og forþekkingu (þ. Vorwissen/Weltwissen) lesandans undirstrikar að verkefni þýðandans felst ekki einungis í því að þýða setningar yfir á markmálið heldur verður hann að kunna að meðtaka texta, skilja hvaða markmið tilteknir þættir innan textans hafa.

Sumir skilgreina þýðingar meira að segja sem textatengsl og kalla frumtextann fortexa (þ. Prätext) og alla aðra texta sem upp úr honum eru unnir fylgitexta (þ. Folgetext) (Schreiber 9). Þýðing er þannig ein gerð textatengsla, en fylgitextar geta verið af mörgum öðrum gerðum: satírir, útdrættir, leikgerðir

o.s.frv. Meginatriðið felst í því að textinn eigi sér einhverja fyrirmynd, eða vísi á einhverja fyrirmynd á einhverjum stað. Um leið er ljóst að þýðandinn getur ekki einfaldlega látið slíka vísun framhjá sér fara eins og ekkert sé. Þetta litla atriði er í raun og veru stærra en ætla mátti í fyrstu því að það undirstrikar að textar eru ekki aðeins orð sem sögð voru og skrifuð heldur var þeim ætlað að koma við eitthvað í lesendanum á einhvern sérstakan hátt. Yrðing frumtextans breytir þannig lesandanum að einhverju leyti (óháð því hvort hann er sammála textanum eða ekki) og verkefni þýðandans er að átta sig á með hvaða meðölum þeim tilgangi er náð og hvaða meðölum hann getur beitt í markmálinu til að ná sama tilgangi. Þar með eru komnar fleiri forsendur til sögunnar en hinn svarthvíti frumtexti.

Þýðingafræðingarnir Katharina Reiss og Hans J. Vermeer hafa skilgreint texta sem tilboð um upplýsingar og segja verkefni þýðandans að gera viðtakendum í markmálinu sams konar tilboð með sínum þýdda texta (53-70). Þar sem þýðing feli alltaf í sér flutning á menningarsérkennum eða menningaraðlögum (þ. kultureller Transfer) hljóti maður að skilgreina þýðingu textans þannig: „Die Dominante aller Translation is deren Zweck“ (96).

Þetta þýðir í raun og veru að þýðandinn eigi ekki að setjast niður og þýða setningu fyrir setningu eins og svo oft er gert. Það er ekki punkturinn á milli setningana í frumtextanum sem skera á úr um skilin milli setningana í marktextanum, heldur á þýðandinn að gefa sömu upplýsingar og frumtextinn hefur að geyma með þeim hætti sem eðlilegt er í markmálinu. Þetta gerir líka þá kröfu til hans að hann hafi áttað sig á þeim tilgangi sem textanum er ætlað að uppfylla (sé markmiðið með þýðingunni ekki hreinlega að breyta þeim tilgangi, t.d. sögu fyrir fullorðna í sögu fyrir börn).

Slíkur skilningur á tilgangi frumtextans ásamt með skýrum markmiðum fyrir þýðinguna hlýtur að auðvelda þýðandanum að brjóta smærri vandamál til mergjar og forða honum frá því að falla í gildirur frumtextans, fólgnar í orðaröð og öðrum mál- og menningarsérkennum hans, þáttum sem enga merkingu hafa í markmálinu, nema vísvitandi sé verið að ögra sérkennum frummálsins.

1.2.2 TEXTAFLOKKUR OG TEXTAGERÐ (Þ. TEXTTYP)

Faðir þýðingafræðanna á þýskri tungu, Friedrich Schleiermacher (að Luther frátöldum), flokkaði þýðingar í upphafi nítjándu aldar í tvennt: 1) þýðingar fagur- og fræðibókmennta og 2) túlkun á verslunarsamskiptum (39-40). Þrátt fyrir að eitt og annað hafi breyst á þeim tíma sem liðinn er virðist þankagangur margra í

tengslum við þýðingar lítið breyttur. Það eru til fagurbókmenntir og „annað“. Þessi einfalda flokkun gengur ekki upp ef menn vilja nálgast texta og meta þá faglega, hvort sem það er til að átta sig á hvernig er best að þýða þá eða hreinlega hvað á að fara fram á mikið fyrir verkið.

Eins og fyrr sagði, hlýtur slík flokkun alltaf að vera í grófara lagi, þar sem ýmis sérkenni (þ. Merkmale) einnar gerðar má kannski finna innan annarrar. Í kunnri bók sinni *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der Operative Text*, byggði Katharina Reiss kenningar sínar á hinu svokallaða „Organon-módeli“ málvísindamannsins og strúktúralistans Karls Bühlers, sem m.a. var kunnur fyrir hlutdeild sína að „Prag-skólanum“ í málvísindum (eins og Jakobson). Kenning Bühlers, sem rætur á að rekja til Aristótelesar, er í sem fæstum orðum sú að teiknið hafi þrjú höfuðeinkenni: a) lýsingu (þ. Darstellung); b) tjáningu (þ. Ausdruck); og c) ákall (þ. Apell). Þessi einkenni eru leidd af grunnmarkmiðum teiknisins skv. Bühler: Symptom, Signal og Symbol. Þar sem ekki er unnt að þýða skilgreiningu teiknisins beint yfir í skilgreiningu textagerðarinnar flokkaði Reiss textana í 1) upplýsandi texta (þ. informative T.); 2) expressífa texta (þ. expressive T.); og 3) virkjandi (þ. operative T.) (Reiss/Vermeer 204-216).

Hér sjá menn vitanlega strax að margir textar eru blöndur af þessu öllu saman, en þó fer ekki hjá því að nefna megi marga texta til einnar gerðar að mestu leyti og það sem vinnst við það fyrir þýðandann er að hann getur skilgreint fyrir sjálfan sig hvaða aðferð kemur sér best og hvaða form er viðeigandi í markmálinu. Sé um að ræða upplýsandi textagerð eins og til að mynda notkunarleiðbeiningar með raftæki getur hann ákveðið að þýða í þeim stíl sem er í samræmi við hefðir og venjur markmálsins.

Bókmenntatextar eru heldur ekki einungis expressífir í þessum skilningi; í þeim eru oft (upp)lýsingar og virkjandi þættir og leikmunir rithöfundarins hafa ekki allir listrænan tilgang í sjálfum sér. Ritúal á borð við útför eða giftingu er til að mynda með algengustu viðburðum í bókmenntaverkum (í víðum skilningi þess orðs) og fastmótuð þula klerksins hefur ekki alltaf að geyma einhverja djúpa merkingu, en sé hún þýdd samkvæmt orðanna hljóðan getur hún fallið úr samhljómi við það sem menn skynja sem „venjulega“ útför eða giftingu. Til dæmis segja menn gjarnan við brúðkaupsaltarið á ensku „I do“ sem enginn heilvita íslenskur þýðandi þýðir með „ég vil“ eða „ég geri (það)“.

Þannig hlýtur það að vera til bóta fyrir þýðandann að átta sig á þeim markmiðum sem textinn hefur í heild og þeim undirmarkmiðum sem hann þarf að fást við á hverjum stað. Það auðveldar honum að nálgast verkið eins og hann skilur það og skila því frá sér með þeim hætti sem dómgreind hans segir honum

að það eigi að vera, því enginn, hvorki hinn mesti listamaður, né hinn stíllausasti reglugerðarati, setur eitthvað inn í texta að ástæðulausu; vera kann að menn hafi ekki getu til að setja samana texta sómasamlega, en markmiðið er alltaf að skapa einhverja heild sem segir eitthvað í heild sinni. Sé textinn vísvitandi sundurlaus eða snubbóttur er það undirstrikun þess að heildin sé ekki þar sem hún á að vera. Sé hún það ekki vegna þess að málnotandinn getur ekki betur, er eitthvað „að“ textanum, það „vantar“ eitthvað í hann, hann segir ekkert af „viti“ (og lagfæring slíkra texta lendir oft á þýðendum). Engin setning textans er honum óviðkomandi og hvernig getur þá mönnum dottið í hug að textinn sjálfur í heild sinni geti verið setningum óviðkomandi?

1.3 Þýðingafræði; heimspeki eða heimska?

Margur atvinnuþýðandinn hefur hrist höfuðið yfir „þrugli“ því sem þýðingafræðingar hafa látið frá sér fara, oft með athugasemd í þá veruna að „svona abstrakt pælingar komi engum að gagni“. Á þessu eru vitanlega margrar skýringar: í fyrsta lagi hafa menn í erli dagsins einfaldlega engan tíma til að standa í svona pælingum, í öðru lagi er oft verið að „segja það sem allir heilvita menn gera“, í þriðja lagi blundar kannski ótti við það að vanmáttur og slæmir siðir verði öllum ljósir. Í fjórða lagi geta menn síðan borið fyrir sig að kenningar í þýðingafræðum séu ekki miklu langlífari en sumarblóm.

Fjöldi kenninga og ákafan ágreining í þessum fræðum má eflaust rekja til þess hve bágræk tungumál eru. Algjör vanmáttur tölvutækninnar til að leysa svo einfalt vandamál eins og að þýða hefur fært mönnum heim sanninn um að tungumálið geymir þann flóknasta galdur sem mannskepnan hefur fundið upp á. Vissulega komast gríðarlega öflug tæki nálægt því að umorða texta yfir á annað tungumál, en slíkir textar geta sjaldnast staðið undir því að heita þýðingar; það þarf alltaf einhver að lesa textann yfir eins og hann væri skrifaður af manni sem fær flog annað veifið; allt í einu sprettur fram í textanum bull og vitleysa sem engum þýðanda hefði dottið í hug. Eina færa leiðin, enn sem komið er, felst í því að fella frumtextana (oftast er talað um mjög sérhæfða, upplýsandi texta) undir tilteknar, gefnar ritvenjur sem eru þannig á færi tölvunnar að þýða. Sú lausn vekur hins vegar spurninguna hver á að ákveða slíkar venjur og hvort menn gera það me tungumálapörum eða reyna að finna heildarlausn fyrir öll tungumál (sem vísast yrði engum til þægðar).

Vandinn sem allir þýðingafræðingar glíma hins vegar við er að skilgreina hvað sé unnt að flytja á milli tungumála, hvað megi/þurfi að laga að þeirri

heimsmynd sem fyrir er og hvað ekki. Schleiermacher orðaði það svo í ritgerð sinni „Methoden des Übersetzens“ að til væru aðeins tvær grundvallaraðferðir: „Entweder der Übersetzer läßt den Schriftsteller möglichst in Ruhe, und bewegt den Leser ihm entgegen; oder er läßt den Leser möglichst in Ruhe und bewegt den Schriftsteller ihm entgegen.“ (47). Þrátt fyrir að þessar grófu leiðbeiningar frá upphafi nítjándu aldar gangi einu skrefi lengra en margur heittrúarmaðurinn í faginu hefur komist enn þann dag í dag, eru þær langt frá því að vera fullnægjandi skýring á þýðingarferlinu og þeim aðferðum sem við það er beitt. Kenningasmiðir reyna sífellt að komast yfir þennan vanda með nýjum heitum á tilfærslunni og vissulega komast þeir áleiðis á mörgum tilvikum.

En hvað er það þá sem menn þýða ef það er ekkert eitt sem samt skal verða allt? Er það kannski ímyndun að það sé hægt? Hafði Humboldt rétt fyrir sér þrátt fyrir þýðingu sína á Agamemnoni? Og hvað er þýðing yfrleitt? Er hægt að skilgreina fyrirbrigðið? Þýðingafræði hafa enn ekki veitt endalegt svar og reyn-dar minna þau oftár á heimspekilegar vangaveltur en einfaldar leiðbeiningar um hvernig eigi að fara að því að þýða; verkefnið virðist ámóta örðugt og að segja fólki hvernig það eigi að lifa: allir vita hvernig á að fara að, en enginn getur það lýtalaust, möguleikarnir virðast óendanlegir, en samt þurfa menn að velja og þegar rökín þrýtur eru hugmyndafræði og trúarbrögð oft seinasta hálmstráíð.

2 Tungumálið sem þýðing

Tengsl þýddra texta við frumtexta minna oft á hina platónsku eftirlíkingu skáldskaparins af lífinu, eftirlíkingu eftirlíkingar sem Platón vildi brottræka gera úr fyrirmyndarríkinu (að minnsta kosti afurðir minni háttar spámanna) af því hún getur aldrei uppfyllt þá kröfu sem hann gerir til frummyndanna, algildra viðfanga hugsunarinnar, hugtaka sem hrein eru af skoðunum (hugmyndafræði?) og teljast þannig sönn þekking, gagnstætt sýndarveruleikanum sem aðeins er skuggi á hellisvegg fanga skynjunarinnar einnar (sbr. Eyjólfur Kjalar Emilsson, *Inngangur að Ríkinu*, 46–77). Líti menn svona á þýðingar er kannski ekki að furða að þær þyki alltaf lítilfjörlegar í samanburði við frumtextann hvað sem gæðum þeirra og áhrifum að öðru leyti líður.

Aðrir líta svo á að hin besta af öllum mögulegum þýðingum sé aðeins hinn upprunalegi textinn á öðru tungumáli eins og t.d. Jakobson í áðurgreindri ritgerð þar sem hann segir líka: „Languages differ essentially in what they must convey and not in what they may convey” (236). Hið ófrávikjanlega skilyrði er aðein formgerðin, strúktúrinn, en merkingu hans má koma til skila með öðru móti, enda fullyrðir

hann framar í textanum að „no grammatical device in the language translated into makes impossible a literal translation of the entire conceptual information contained in the original“ (235). Við þetta er tvennt að athuga: Hér er í fyrsta lagi gert ráð fyrir að fjöldi grunnmerkinga strúktúrsins (ef ekki tungumálsins í heild) sé takmarkaður (skilgreindur) og hljóti þar með að vera til í öðru tungumáli. Til að vega upp þessa takmörkun má segja að sköpunarkraftur tungumálsins hljóti alltaf að vera hinn sami í öllum tungumálum og þar með gangi fullyrðingin upp, en hún skilur samt eftir þá spurningu hvort um þýðingu sé að ræða, eða hvort skilgreining manna á þýðingu sé einfaldlega röng. Í öðru lagi má spyrja hvað skilgreina megi sem „conceptual information“. Svo tekið sé dæmi af sonnettunni þá geymir formið hrátt til að mynda upplýsingar um innihaldið; það er nánast undantekningarlaust ávarp skáldsins, oftast ástar- eða lofjód til einherrar persónu, oft með sjónarhornsbreytingu í níundu hendingu. Þessar upplýsingar eru fólgnar í forminu einu, eða hefðinni sem skapast hefur, en samspil þeirra við innihaldið gerir það að verkum að það þrengist verulega um upplýsingarnar sem unnt er að koma til skila á sviði orða, málfræði og stíls. Einhvers staðar hljóta upplýsingar að fara forgörðum og menn verða að gera upp við sig hvort þeir láta þar við sitja eða bæta það upp á öðrum stað. Og reyndar segir Jakobson undir lokin í rigerðinni að „poetry by definition is untranslatable“. (238)

Þýðing hlýtur því alltaf að vera sambærileg við „afmyndun“ skáldskaparins á veruleikanum, nema hún er einu þrepi fjær og þar af leiðandi enn verri en skáldskapurinn, svo ekki sé minnst á þýðingar þýðinga. Niðurstaðan er eina ferðina enn að þýðing sé í raun og veru útilokuð.

Svo ályktar Jacques Derrida í ritgerðinni „Des Cours du Babel“, sem er nokkurs konar formáli að ritgerð um ritgerð Walters Benjamins „Die Aufgabe des Übersetzers“ (243). En Derrida tekur á þessu gamla vandamáli á nýstárlegan hátt; nákvæm greining á orðinu „Babel“ leiðir í ljós að það er óþýðanlegt en samt ekki; merking þess er í fyrsta lagi borg guðs og í öðru lagi er það sérnafn á borginni (og) turninum sem Guð kom í veg fyrir að lokið yrði við með því að rugla tungumál íbúanna. Uppfrá því þurftu menn að „þjóða“ útlendar tungur til að skilja hverjir aðra, og þetta sérnafn er því tákn fyrir rugling eða ringulreið, ein hin þversagnarkennda athöfn fól þannig í ser að Guð fyrirskipaði þýðingar um leið og hann bannaði þær (249). „Translation then becomes necessary and impossible, [...]“ (s.st). Munurinn er sá að hin ósamræmanlega heild tungumálanna myndar grunninn; þau eru í reynd alltaf þýðing á veruleikanum og hvert á öðru. Þannig verða þýðingar skilgreindar sem grundvallarnauðsyn sem útilokað er uppfylla.

2.1 Er orðið guð eða guð orðið?

Það er kannski engin tilviljun að Fást, þar sem hann situr fastur í svartholi sinnar eigin visku, skuli kalla fram Mefistöfeles með því að ætla sér að breyta upphafsorðum Jóhannesarguðspjalls. Orðið, nafnið, er fyrsta huglæga verkfæri mannsins, fyrsta þrepið í turntröppunum og án þess væru hin óhugsandi. Nöfnin veita veruleikanum merkingu og gera mönnum þannig kleift að athafna sig í honum. Orðin hafa þannig oft hreina merkingu í hugum manna, merkingu sem er a priori beintengd hugsuninni og þar með hreinni skynsemi. Fest í varanlegu formi og með í sér fóligna merkingu þá sem mönnum er heilögust af öllu öðlast orðin margfalda þýðingu, þau verða skýring á tilveru lesandans og réttlætning hennar um leið. Texti eins og Biblían skapar síðan andlegt umhverfi fyrir þá sem á hann trúa og það skyldi því engan furða að orðin í slíkum textum hafi í stundum verið mönnum eins heilög og líkneski dýrlings.

Það er líka tvennt sem þýðendur eru einkum gagnrýndir fyrir: að þýða orðin vitlaust og að þýða orðrétt. Að hluta til má rekja slíka gagnrýni til fjölmerkingar orða og að hluta þeirrar viðbótarmerkingar sem frá viðtakandanum kemur. Bókstafstrúarmönnum í upprunalegustu merkingu þess orðs finnst það eflaust vera orðhengilsháttur að tala um merkingargjöf viðtakanda orða, en þá hugsun má rökstyðja með tvennum hætti: Í fyrsta lagi standa orð alltaf fyrir eitthvað, þau eru aldrei hluturinn eða hugtakið sjálft, aðeins eftirlíking þess. Hugsunin og tjáningin sjálf skipta líka máli, en það má segja að það séu aðferðir til að koma viðbótarmerkingunni að án þess að breyta orðinu. Þessi eftirlíking kann að sýnast eins á yfirborðinu í öllum tilvikum, en notandi hennar hjalar hana ekki út í loftið heldur vill hann segja eitthvað við heiminn. Skoðun eða tjáningarpörf hans eru hvatinn að því að verkfærinu er beitt. Í öðru lagi er það staðreynd að tungumál breytast með tíðaranda og umhverfi og merking orða þar með.

Helgin, sem yfir orðinu hvílir, verður samt sem áður aldrei af því tekin að fullu og er það af hinu góða. Hún veitir orðunum það líf sem tjáningin þarf til að eiga raunverulegt erindi við tilveru manna, erindi sem veitir þessari tilveru raunverulegan tilgang. Hjá Jóhnesi guðspjallamanni holdgervist þetta erindi, hinn upprunalegi sannleikur Guðs, í Jesú; „og orðið varð hold“ (1, 15) í íslenskri þýðingu frá 1991 sem líkast til hefur hina þröngu merkingu „holds“ frá Luther þótt textinn eigi að heita „ný þýðing úr frummálunum“. Holdið hefur hér víðari merkingu en þá eina að Guð hafi komið til jarðar í mannsmynd, allur hans sannleikur endurspegladist í öllu lífi, dauða og uppreisnu Krists, orðum hans og gerðum. Líkami Krists var einungis miðill Guðs, miðill sem náði tilgangi sínum með því að deyja táknrænum dauða.

Pegar nánar er að gáð hefur Jóhannesguðspjall önnur markmið en hin guðspjöllin þrjú, textinn undirstrikar hinn „guðlega“ þátt Krists í gegnum boðskap hans, Drottins, og með því að bera kraftaverkum hans vitni, kraftaverkum sem eru hin veraldlega sönnun gæsku og guðlegrar orku. Orðið og sannleikurinn eru eitt, einn boðskapur, sem öllum skal unnt að skilja í gegnum táknið sem í sjálfum sér eru ofar öllum skilningi. Allir þeir textar sem við Jóhannes guðspjallamann eru kenndir bera einkenni hugmyndafræðingsins sem trúir og vill breiða út boðskapinn með því sem hann veit öflugast af öllu, orðinu. Í guðspjalli sínu beitir Jóhannes verkfærum þrætubókarlistarinnar og lofar viðtakendum orðsins eilífu lífi og uppreisnu holdsins (5 24-29) meðtaki þeir orðið og geri að sínu.

Fyrir þýðendur er hins vegar mest um vert að brjóta heilann um hvernig Jóhannes og eftirritarar hans hafa mótað orðið og þýðingu þess í táknið, andstæður góðs og ills, guðs og manns, og þrenndir hins guðlega sannleika sem sífellt koma fram í nýjum myndum í textunum. Meðan gott og illt fá aldrei saman komið er hamrað á að þa sé „andinn, sem lífgar, holdið gagn[i] ekkert; orðin, sem eg [Jesús] hefi talað við yður, eru andi og eru líf.“ (6, 63-64) Andinn í orðinu tengir saman mannlífið og guðsríki og er þar með heilagur, hinn heilagi andi. Skilyrðin sem þessum skilningi fylgja eru vitanlega engin smásmíði. Jóhannes orðar þau sjálfur skýrt í lokaorðum opinberunar sinnar og þar með tveimur af síðustu versum Biblíunnar: „Eg votta fyrir hverjum þeim manni, sem heyrir spádómsorð þessarar bókar, að leggi nokkur við þau, mun Guð á hann leggja þær plágur, sem um er ritað í þessari bók. Og taki nokkur burt nokkuð af orðum spádómsbókar þessarar, þá mun Guð taka hlut hans í tré lífsins og í borginni helgu, sem um er ritað í þessari bók.“ (22, 18-19)

2.2 Eða er orðið list?

Pegar Walter Benjamin ritaði um „Verkefni þýðandans“ fyrr á þessari öld hefur hann kannski haft fyrirmæli Jóhannesar guðspjallamanns í huga. Benjamin kemst í lokin að þeirri niðurstöðu að „die Interlinearversion des heiligen Textes ist das Urbild oder Ideal aller Übersetzung“ (169). Þessi ályktun kemur nokkuð á óvar þegar hugsað er til þess að ritgerðin kom út eftir að verk Saussures *Cours de linguistique générale* hafði gefið tóninn fyrir hin módernísku málvísindi, strúktúralismann.

Þó er auðsætt að Benjamin hefur lesið Saussure og sumar af niðurstöðum hans stangast engan veginn á við það sem strúktúralistar geta sætt sig við. Rök hans fyrir því að tungumál (eða textar öllu heldur) sé þýðanleg „besteht darin, daß

die Sprachen einander nicht fremd, sondern in dem verwandt sind, was sie sagen wollen“ (159). Eins og fyrr sagði er þetta í raun og veru kjarni þess sem Jakobson hafði um þýðingar að segja í ritgerðinni frægu; öll tungumál hafa sama tilgang, munurinn er aðeins sá hvernig menn segja sömu hlutina.

En þar skilur leiðir hjá Benjamin og strúktúralistum. Hann segir að vísu í upphafi að „Übersetzung [...] eine Form [sei]“, en það er ekki form strúktúralista, „formgerðarmanna“, heldur vísar það miklu fremur til Aristótelesar og kannski postulans Jóhannesar þar sem formið er í raun og veru innihald hlutanna, eðli þeirra óháð ytri birtingarmyndum. Þar með veitir hann þýðingunni frelsi frá því að vera einhver annars flokks eftirmynd um leið og hann gerir það skilyrði að hún sé nánast orð fyrir orð höfð eftir frumtextanum. Þetta er auðvitað þversögn, en önnur þversögn er að segja að „conceptual information“ sé alltaf yfirferanleg á milli mála. Jakobson talar um „equivalence in difference“ (233) án þess að skilgreina nánar hvernig megi brúa þann mun, eða eins og Derrida orðar það í fyrrgreindri ritgerð sinni: „[...] Jakobson does not translate; he repeats the same word: „interlingual translatio or translation proper“ (252).

Benjamin gengur út frá þeim meginpunkti að listaverkið sé ekki til þess gert að falla viðtakandanum í geð heldur sé það algjörlega sjálfstætt í eðli sínu: „Denn kein Gedicht gild dem Leser, kein Bild dem Beschauer, keine Symphonie der Hörerschaft“ (156). Yfirfærða á listina sjáum við helgi orðsins sem fær hér guðlega merkingu í öðrum skilningi en hinum rómantíska, sem setti listamanninn sjálfan í miðju sem nánast guðlegan skapara þessarar listar, en það er einungis í gegnum listina sem menn ná sambandi við guð, ekki listamennina. Þeir eru aðeins þýðendur.

Nú skyldu menn ekki ætla að Benjamin hafi verið að rita um guðfræðileg efni, síður en svo, ritgerðin snýst fyrst og fremst um verkefni þýðandans, hvað þýða eigi og um leið hvernig. Forsendur hans felast ekki í því að finna hvað höfundur frumtextans „meinar“ og ekki heldir í því að koma „meiningu“ frumtextans til skila heldur eðli hans og þetta eðli er einnig að finna í frummálinu. Þetta er öðruvísi krafa um tryggð en maður á að venjast og liggur ef til vill í því að Benjamin lítur ekki á tungumálin sem formrænar og asðkildar einingar heldur lifandi hluta af stærra tungumáli (165). Samtímis hlýtur spurningin um hvort þýðing sé möguleg að koma fram af auknum krafti.

En Benjamin finnur leið út úr ógöngunum með því að eita til Jóhannesar guðspjallamanns, „í upphafi var orðið“, og hafna þeirri hugmynd að ekki megi vera „þýðingabragð“ af þýðingunni: „Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die reine Sprache, wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original

fallen“ (166). Þyngstu rökin fyrir þessu eru ekki einungis þau að flestar þýðingar sem verulegu máli skipta ýti við markmálinu innan frá heldur fullyrðir hann að „es bleibt in aller Sprache und ihren Gebilden außer dem Mitteilbaren ein Nicht-Mitteilbares, ein, je nach dem Zusammenhang, in dem es angetroffen wird, Symbolisierendes oder Symbolisiertes“ (166).

Táknandinn og hið táknaða minna á grunþætti teiknisins hjá Saussure, en Benjamin bætir við það briðju víddinni, eða kjarna, og gerir að einni heild. Hið þríeina teikn leitt af andstæðum; (afmarkaður) tími og (ótakmörkuð) eilífð eru hugtök sem fá merkingu hvort frá öðru, rétt eins og gott og illt, annað er óhug-sandi án hins. Eðli listarinnar er kjarninn í hugsun Benjamins og kjarninn í hinu hreina tungumáli; þetta eðli kemur fram í táknandanum og hinu táknaða samtímis, táknandinn er birtingarmyndin og hið táknaða er tilraun til að mynda kjarnann í verðandi tjáningarinnar. Sú staðreynd að kjarninn er bundinn táknanda sínum bindur einnig við hann tunga byrði annarlegrar merkingar, utanaðkomandi áhrifa. „Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die reine Sprache gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung“ (167).

3 Tilbúningur textans

Orð eru ekki orð, heldur landslag í veröld sem kalla má texta. Lestur textans er tilraun til að lifa í þessari veröld textans. Hvort menn verða úti á ferð sinni í þessari veröld er undir ýmsu komið, en fyrst og fremst málkunnáttu og víðsýni þeirra sem textann mynda og meðtaka. Þetta er ekki nauðsynlega bundið við fagra eða upphafna bókmenntatexta, trúartexta. Fögur sonnetta getur veitt lesanda margfalt meiri andlega fullnægingu með miklu minni fyrirhöfn en flóknar leiðbeiningar með myndbandstæki.

En hver er þá munurinn á frumtexta og þýddum texta? Og hvað er eiginlega frumtexti? Svörin við þessum spurningum eru ekki eins einföld og ætla mætti. Margir greina á milli þýðinga innan máls og milli mála eins og t.d. Jakobson sem greindi þær í þrennt:

- 1) Intralingual translation or rewording is an interpretation of verbal signs by means of other signs in the same language.
- 2) Interlingual translation or translation proper is an interpretation of verbal signs by means of some other language.

3) Intersemiotic translation or transmutation is an interpretation of verbal signs by means of signs of nonverbal sign systems. (233)

Þessar víðfrægu skilgreiningar í heimi þýðingafræða eru þó fremur opnar þegar nánar er að gáð. Sú fyrsta getur átt við hvers kyns úrvinnslu frum- eða fortexta, lekgerð, útdrátt eða hreinlega uppritun handrits fyrir tíma prenttækninnar. Mismunandi útgáfur margra handrita sem eiga að heita „uppritanir“ sýna að slík vinna gat farið eftir ýmsu, efnahag og hugmyndafræði svo dæmi séu tekin. Besta íslenska dæmið um innanmálsþýðingu er kannski Gerpla Halldórs Laxness þar sem hann endurnýjar hugmyndafræði Fóstbræðra sögu, ekki þá sem hugsanlegur höfundur hennar lagði í hana, heldur miklu fremur hinn rómantíska skilning nítjándu aldar þegar hetjur riðu um héraðið.

Skilgreining númer tvö er ekki einungis endurtekning eins og Derrida fullyrðir því það er lítið lykilorð fólgið í henni, nefnilega „interpretation“. Um leið blasir þversögnin í hinum strúktúralísku rökum Jakobsons við því hér hlýtur hinn einstaklingsbundni þáttur þýðingarinnar að skipta töluverðu máli. Þessi túlkun í tilteknu umhverfi rúms og tíma hefur úrslitaáhrif á hinn þýdda texta, því sé gengið út frá því að frumtextinn sé óbreytanlegur, skýrir þetta hina óendanlegu möguleika á nýjum þýðingum texta. Textinn verður alltaf til að nýju við þýðingu og reyndar má færa rök fyrir því að meira að segja ný útgáfa prentaðs texta sé aldrei hin sama og hinar fyrri, eða ætla menn ekki að það sé töluverður munur á þeim texta sem „smjörlikissalinn“ gaf út fyrir Halldór Laxness á þriðja áratug þessarar aldar og þeim sem nýstudentinn fær í hendur á þeim tíunda? Umbúðirnar einar og forþekkingin um líf textans og höfundar hans gerir hann að öðrum texta en á sínum tíma.

Frumtextinn og gríðarlega náð samband hans við höfundinn getur hins vegar stundum verið villandi, ekki af því höfundurinn og líf hans skipti ekki máli eða sá texti sem fyrir liggur sé einungis leir sem móta megi að vild, heldur vegna þess að hugmyndir manna um hvort tveggja eru oft fyrir fram mótaðar og hafa áhrif á túlkun textans. Auk þess eru oft deildar meiningar um það hver höfundurinn var og hvað han vildi í raun og veru segja. Fornir textar eru auðvitað gott dæmi um þetta. Textar Aristótelesar, Biblíuhöfunda, Snorra Sturlusonar auk fjölda annarrar eru ekki til frá þeirra eigin hendi. Oft er mörg hundruð ára munur í tíma ef ekki yfir þúsund ár (Aristóteles) frá ritun frumtexta til elsta varðveitts handrits og engum heilvita manni ætti að detta í hug að þessir textar séu orð fyrir orð rétt eftir hafðir. Fræðimenn síðari tíma hafa síðan komið sér niður á hina „réttu“ útgáfu textanna, en þessi útgáfa er meira að segja á „frummáli“, þeirra

ekkert annað en innanmálsþýðing byggð á vísindalegri túlkun þeirra á empírískum gögnum. Afurð vísindanna.

3.1 Lestur er túlkun

Túlkun texta hefst með lestri þeirra eða annarri meðtöku og getur gengið svo langt að menn framkvæma eitthvað af völdum þeirrar túlkunar. Lesandinn er að vissu leyti í svipuðum sporum og höfundurinn meðan hann skrifar textann. Sköpunarferli lesandans felst í því að hann reynir að skapa sér mynd af textanum í eigin höfði, reynir að fella hann að eigin hugmyndafræði, reynir að skilja hann með því að átta sig á hvert textinn vill fara með hann. Ögri textinn hugmyndafræði lesandans verður hann að hafn textanum, a.m.k. að hluta til, eða breyta viðhorfum sínum til að koma til móts við hann.

Merking textans er traudla bundin við hann hráan, í honum sjálfum. Merkingu sína öðlast hann fyrst þegar hann hefur verið meðtekinn í einhverju formi og hann hefur áhrif þegar menn fara að tala um hann og jafnvel breyta hugsun sinni og hegðan vegna hans. Slík áhrif hafa einstakir textar vitanlega sjaldnast; oftast eru þeir hluti af stærra textakerfi innan hugmyndakerfis sem engan veginn er rökrétt heild, en markmið þess og dragbítar endurspeglast í textum sem ritaðir eru á hverjum tíma (sbr. Lefevere 11-40). Andstætt textakerfum verða menn hins vegar að meðtaka textaeinstaklingana í heild til að skilja þá sem einstaklinga. Þetta er best að skýra með dæmi: Biblían er textakerfi sem fæstir menn hafa lesið í heild sinni en hefur hins vegar hugmyndafræðileg áhrif langt út fyrir þá staðreynd í hugmyndakerfi kristinna manna.

Eini sannanlega óskiljanlegi textinn er hinn algjörlega ólesni texti, týndur í algleymsi. Hann er það sama og hinn óskrifaði texti. En um leið og textinn er lesinn öðlast hann merkingu, oft langt út fyrir hinn þrönga hring raunverulegra lesenda. Það er merkinging sem veitir textanum líf, hún er líf hans eins og tungumálsins og hún heldur áfram að lifa svo lengi sem textinn er lesinn. Þess vegna má taka undir það sem Guðbergur Bergsson sagði í ritgerð sinni „Skáldsagnahöfundurinn og textinn. 'Óttinn' við textann“: „Það að geta heillað huga annarra til að túlka, leggja merkingu í og skilgreina, skiptir líf skáldverks meira máli en að vita hvað rak höfundinn til að hrinda því frá sér“ (51). Rétt áður hafði Guðbergur sagt að skáldverkið væri „tvífari [skáldsagnahöfundarins] í orðum, tungl sem þiggur birtu frá tilverusólinni í alheimi hans (s.st.) og þar með nátengt skáldsagnahöfundinum sem persónu.

Kannski skrifa menn til að halda tilteknum persónum á lífi, höfundinum eða öðrum (sbr. sonnettur Shakespeares sem reyndar halda nafni hans sjálfs betur

á lofti en persónanna sem hann vildi mæra), kannski lesa menn skáldskap til að kynnast þessari persónu (eða persónum) og sé verkið gott getur farið svo að menn kynnist annarri betur, sjálfum sér, og tel ég það vera hinn raunverulega lestur; þá fyrst hefur lesandinn skilið textann til fullnustu og samsamast honum að einhverju leyti. Þessi samsömun er nauðsynleg fyrir þann sem þýða vill skáldverk svo fram-bærilet sé og hún auðveldar vinnuna því hún gefur af sér þá vissu að þýðandinn get sagt með sínum orðum það sem hann skilur.

3.2 Svik að lokum?

Gömul tugga á ítölsku, orðaleikur, gerir því skóna að þýðandinn sé svikari við höfundinn, „traduttore, traditore“, og vilji menn færa myndhverf rök má segja að það séu kannski örlög þýðandans að þurfa að vera Júdas og svíkja höfundinn með kossi, og segja síðan þýðandanum til málsbóta að án hans, eins og Júdasar, væri verkið aldrei fullkomnað.

Þetta er hins vegar rangt. Svik þýðanda við höfundinn geta aðeins komið fram í því hvernig hann vinnur þýðinguna og þá svikur hann sína eigin lesendur um leið. Höfundurinn og þýðandinn þurfa að koma saman í einhverjum snertipunkti túlkunarinnar, snertipunkti sem endalaust má skilgreina upp á nýtt. Það er þýðandans að leita að þessum punkti með allri þeirri kunnáttu og hjálpartækjum sem hann hefur (mögulega) undir höndum og geri hann það má segja að hann hafi sýnt höfundinum, og lesendum, nægilega tryggð til að túlka textann rétt í það skiptið.

Heimildir

Ástráður Eysteinnsson. „Mylluhjólíð. Um lestur og testatengsl.“ *Tímarit Máls og menningar* 4 (1993): 73-85.

Benjamin, Walter. „Die Aufgabe des Übersetzers.“ Í Störig, 156-159.

Biblia, það er heilög ritning. Ný þýðing úr frummálunum. London og Reykjavík: British and Foreign Bible Society, 1919.

Die Bibel, nach der Übersetzung Martin Luthers. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1985.

Derrida, Jacques. „Des Tours de Babel.“ *A Derrida Reader. Between the Blinds*. Ritstj. og skýr. Peggy Kamuf. Þýð. Joseph F. Graham. New York o.v.: Harvester and Wheatsheaf, 1991, 244-253.

Eyjólfur Kjalar Emilsson. Inngangur. Í *Ríki Platóns*, 9-77. Reykjavík: Hið íslenska bókmenntafélag, 1991.

Guðbergur Bergsson. „Skáldsagnahöfundurinn og textinn. 'Ótinn' við textann.“ *Tímarit Máls og menningar* 1 (1993): 51-61.

Humboldt, Wilhelm von. „Einleitung zu Agamemnon.“ Í Störig, 71-96.

Jakobson, Roman. „On Linguistic Aspects of Translation.“ *On Translation*. Ritstj. Reuben A. Brower. 2. útg. óbr. (1959). New York: Oxford University Press/Galaxy, 1966, 232-239.

Koller, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4. útg. yfirf. (1979). Heidelberg og Wiesbaden: Quelle und Meyer, 1992.

Lefevere, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. Rittr. Translation Studies. London og New York: Routledge, 1992.

Luther, Martin. „Sendbrief vom Dometschen.“ Í Störig, 14-32.

Platón. *Ríkið*. Þýð. Eyjólfur Kjalar Emilsson og Kristján Árnason. Rittr. Lærdómsrit bókmenntafélagsins. Reykjavík: Hið íslenska bókmenntafélag, 1991.

Reiss, Katharina og Hans J. Vermeer. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. 4. útg. óbr. (1984). Tübingen: Niemeyer, 1991.

Schreiber, Michael. *Übersetzung und Bearbeitung. Zur Differenzierung und Abgrenzung der Übersetzungsbegriffs*. Tübingen: Narr, 1993.

Schleiermahr, Friedrich. „Ueber die verschiedenen Methoden des Übersetzens.“ Í Störig, 38-70.

Stolze, Radegundis. *Übersetzungstheorien. Eine Einführung*. Rittr. Narr Studienbücher. Tübingen: Narr, 1994.

Störig, Hans Joachim. *Das Problem des Übersetzens*. Ritstj. Hans Joachim Störig. Rittr. Wege der Forschung, 8. b. Darmstadt: Wissensch. Buchgest., 1963.

Tradução, teorização, traição. Ensaio sobre estudos de tradução³

Ganti Kristmannsson

Tradução do islandês:
Luciano Dutra

*Der Autor hat den Mund zu halten,
wenn sein Werk den Mund auf tut.*⁴

Friedrich Nietzsche

Introdução

A tradução implica comportamentos contraditórios. Do verbo à ação, e logo novamente ao verbo, há um percurso longo e traiçoeiro, de difícil transposição, em especial pela simples razão de que só raramente é possível olhar para trás, na esperança de vislumbrar o caminho de volta. É um trajeto ao longo do qual, em dado momento, surgirá um abismo sobre o qual haveremos de estender uma ponte se quisermos transpô-lo. Esta construção de pontes constitui aquilo que a maioria das pessoas chama de tradução. Quanto à ponte, é a única coisa que permanece visível a partir do momento em que o caminho se torna transitável, já que ninguém negará que ela é o que torna possível transpor aquele obstáculo. De resto, ela não parecerá nada especial, mas apenas um meio que os fins justificam.

O paradoxo reside aí no fato de que, apesar de a ponte ter sido construída, não conseguimos desviar a atenção do abismo por ela transposto. E ele, o abismo,

3 Tradução integral do artigo publicado originalmente na revista sobre tradução *Jón á Bagísá – tímarit þýðenda*, vol. 2/1995, em Seljarnarnes, Islândia, pela editora Ormstunga.

4 “O autor tem de calar a boca, quando sua obra fala” (Friedrich Nietzsche. *Humano, demasiado humano*. Vol. 2. Trad., not. e posf. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2008).

continua sendo encarado, não sem razão, como o elemento paisagístico mais relevante de todo o percurso percorrido. Além disso, é possível que a ponte resulte precária, demasiado estreita ou simplesmente feia e de forma alguma à altura da impressionante paisagem que dela se descortina. “Mas por que ela foi feita lá, e não aqui?” – perguntar-se-ão aqueles que vivem longe dela. Por ser tão ostensiva, a ponte será sempre, de fato, uma impossibilidade. E para colocar ainda mais lenha na fogueira, não raro haverá um cobrador de pedágio – o próprio construtor da ponte, ou talvez algum investidor esperto – a recolher tarifa dos que fazem o percurso. E assim a mesma ponte que viabilizou um novo trajeto possivelmente se tornará um caro empecilho ou um impasse para aqueles que desejam tão somente transpor um abismo.

Uma ponte dá, ademais, a impressão de ser um construto bastante simples – com efeito, nada além de uma tábua sobre um abismo. A ideia, em si, é tão singela quanto percorrer uma ponte já construída. Porém, a sua construção requer mais do que o ingênuo ato de estender uma tábua. Mas o pior é que o material de que ela é feita parece rigorosamente o mesmo utilizado para transpor outros abismos.

O objetivo deste ensaio é observar alguns destes abismos, bem como a construção das pontes que sobre eles se estendem.

1 As ferramentas

É de boa praxe abrir um memorial descritivo enumerando o ferramental a ser utilizado, bem como a função de cada ferramenta. A teoria da tradução, porém, não oferece nenhuma lista exaustiva neste tocante, já que as ferramentas traducionais são as mais variadas possíveis, algumas das quais se prestam afinal a usos de início insuspeitados – alguém poderá de vez em quando ver-se tentado a utilizar um formão em lugar de uma chave de fenda, ou vice-versa.

O maior percalço em se fazer, neste caso, um memorial descritivo diz respeito a um dos pontos elementares da teoria da tradução – o truísmo de que não é possível traduzir palavra por palavra, nem mesmo quando se trata p. ex. de um inocente glossário. Mesmo nos idiomas intimamente relacionados, palavras derivadas de um étimo comum não raro apresentam significados divergentes, muitas vezes ocupando campos semânticos bastante próximos mas não exatamente idênticos. Como exemplo, a palavra inglesa *waterfall* (“queda-d’água”) não significa o mesmo que *vatnsfall* (“rio, arroio”) em islandês. Um exemplo clássico é o estudo comparativo das cores, no qual se verifica que o que certos idiomas chamam de verde é já uma cor diferente noutros idiomas. Da mesma forma, *kinn*

não descreve a mesma parte do corpo humano em islandês (“bochecha”) e em alemão (“queixo”), ainda que *vangi/Wange* signifiquem o mesmo em ambos idiomas (“bochecha”). Talvez esteja em jogo o lugar em que os indivíduos penduram, via de regra, aquilo que se convencionou chamar sentido: nas palavras, nos textos ou nos entes pragmáticos (p. ex. o emissor ou o receptor) de um ato comunicativo?

1.1 Equivalência

Este conceito pode ser considerado, para todos os efeitos, como similar àquilo que em alemão é denominado *Äquivalenz*⁵, ou àquilo que Nida e Taber chamam de “equivalente natural” em *The Theory and Practice of Translation*⁶. Tendo em mente a tradução bíblica, estes autores não andaram lá muito longe da visão de Lutero sobre a tradução, conforme sua elaboração na “Carta aberta do doutor Martinho Lutero a respeito da tradução e da intercessão dos santos” ou na “Carta aberta sobre a tradução”. Lutero julgou que o mais razoável seria modular a tradução ao idioma tal qual ele se apresentava no ambiente linguístico de seu tempo⁷. Mas este conceito, por si só, é simplificado demais para propiciar um bom aproveitamento, e os teóricos têm esticado seu sentido em várias direções, na vã esperança de conciliar as diferentes doutrinas a respeito do processo traducional, que abrangem desde a ênfase nas formas apresentadas pelo texto original até o foco na maximização do texto de chegada na sociedade contemporânea. A primeira destas vertentes toma mais para si as dores do texto original e pugna por submeter o texto de chegada aos interesses daquele. Já a segunda escola preocupa-se prioritariamente com a existência do texto no âmbito da sociedade para o qual ele é transposto e também não hesita em colocar a tradução a serviço desta visão. Em algum ponto intermediário entre ambas correntes, quiçá encontra-se o artista que julga haver encontrado a única interpretação correta do original sobre o qual se debruça, o qual traduz com base em seus próprios parâmetros mentais.

Porém, uma coisa é certa: este conceito fez com que os partidários de ambas vertentes desistissem, por inviável, de construir pontes de duas mãos. O conceito de equivalência remonta à lógica, a qual pressupõe que o valor lógico das proposições é idêntico de ambos os lados da equação, podendo-se, desta forma, deduzir

5 Cf. Koller.

6 Nida e Taber, p. 11. [Obra ainda sem tradução em português. Vide bibliografia para traduções em castelhano.]

7 Lutero, p. 14-32. [Vide bibliografia para traduções em português da obra.]

a primeira a partir da segunda⁸. Quando se trata de traduzir, porém, a distância percorrida entre duas preposições é tão longa que elas se colocam cada qual em seu próprio mundo, cujos pressupostos são totalmente distintos, não apenas em termos linguísticos mas também em termos culturais, no sentido mais abrangente possível. Daí a inviabilidade de recuperar a forma original do texto de partida através do processo de retrotradução. O problema talvez resida no fato de que o abismo existente entre as palavras e seus conteúdos é transposto com o recurso ao contexto – e não apenas ao contexto intratextual, mas também ao contexto da enunciação. A ideia aqui não é determinar qual seria a melhor estratégia de tradução a ser adotada – o servilismo ou a petulância – mas sim afirmar que o tradutor modifica o texto a partir de sua interpretação do original e de sua capacidade de enunciá-lo outra vez⁹. Esta modificação é a um só tempo duradoura e irreversível.

Isso não quer dizer que o texto traduzido seja duradouro – já que cada leitor opera, de qualquer forma, a sua própria leitura –, mas que o ato traducional em si carrega tamanha transformação, tanto nas formas quanto no contexto, que já não é mais possível falar em equivalência. A Bíblia é obviamente um bom exemplo neste sentido. Trata-se do texto mais traduzido de que se tem conhecimento, o texto que nos é familiar a todos, em alguma(s) de suas versões¹⁰. Por outro lado, ele é objeto de constantes alterações, a despeito de todas as inacreditáveis tentativas de se chegar ao “sagrado original”. É evidente, da mesma forma, que o seu sentido vem mudando com o passar do tempo, sendo um exemplo eloquente das diferentes interpretações a ele atribuídas a existência de diversas seitas protestantes. Os protestantes atribuem enorme importância aos textos bíblicos, aos evangelhos, como forma de evidenciar que a igreja católica tomara a direção equivocada. O texto era para eles uma sofisticada demonstração da precariedade do homem e ao mesmo tempo a única forma de comunicação entre o humano e o divino. E qual foi o resultado? Os homens têm sido incapazes de chegar a um acordo quanto à exegese dos textos e continuam encontrando sempre novas interpretações. Desta forma, as ideologias reinantes em cada época e no seio dos mais diversos agrupamentos vêm inexoravelmente influenciando a interpretação daqueles textos.

Poderíamos refutar esta afirmação com base em dois aspectos: o aspecto religioso e o aspecto estrutural. Começemos por este último. Roman Jakobson afirmou em seu ensaio “Aspectos linguísticos da tradução”: “Toda experiência

8 Stolze, p. 93.

9 Reiss e Vermeer, p. 62.

10 Nida, p. 11.

cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente”¹¹. Esse talvez devesse ser o lema de todo o tradutor, a justificação de seu ofício e um nocaute às teorias de autores como Wilhelm de Humboldt, que, na introdução à sua tradução do *Agamenão* de Ésquilo, sustentava que “[...] um poema desta monta, haja vista a sua natureza mesma, é intraduzível, em sentido ainda mais próprio do que quando afirmamos que toda obra de grande originalidade o é”¹².

Porém, nenhuma destas asserções tem o condão de corroborar nem de refutar a noção de equivalência entre a tradução e o original, ainda que a segunda possa ser vista como uma tentativa de autovalidação. Já a primeira afirma somente o fato de duas estruturas em oposição – dois idiomas, no caso – serem capazes de desincumbir-se de uma mesma tarefa específica. Mas esta solução não implica a possibilidade de se traduzir de *p* para *q*, e a seguir ao revés, nem tampouco que o resultado *q* venha a ser bom o suficiente para justificar sua tradução para *b* como sucedâneo do original em *p*. Ele apenas demonstra que *q* é capaz de enunciar o mesmo que *p*. Essa argumentação pressupõe que um idioma e aquilo que ele manifesta seja de natureza exclusivamente cognitiva, tornando possível a sua apreensão no tempo e no espaço. Traduzir com este pressuposto em vista implica selecionar um sentido para determinado signo do idioma de partida e justapor um signo no idioma de chegada que – oxalá! – diga o mesmo que aquele primeiro signo. Porém, eles não são propriamente equivalentes, uma vez que o signo primordial foi gerado independentemente de seu sucedâneo, enquanto o mesmo não pode ser dito em relação ao segundo. Além disso, a tradução não é uma consequência necessária de um original, sendo este, por sua vez, absolutamente independente de sua tradução.

Humboldt é, de toda forma, um representante do romantismo, e sua opinião a respeito da originalidade é fruto da entronização da genialidade que é uma marca de sua época: o autor e a inspiração autoral foram alçados a um patamar tão elevado que qualquer concepção sobre a tradução só poderia ser a de uma reinterpretação do original numa outra língua, ao lado do paradoxo segundo o qual a obra de um gênio deveria simplesmente ser encarada como um juízo sagrado. A tradução, segundo esta doutrina, só poderia ser considerada – mas considerada por quem?, perguntariam aqueles que desconhecem a língua original – como uma coisa de segunda categoria, quando não um sacrilégio, de forma alguma equivalente ao original.

11 Jakobson, p. 234 [tradução brasileira, p. 67.]

12 Schleiermacher, p. 80: “ein Solches Gedicht ist, seiner eigenthümlichen Natur nach, und in einem noch viel andrem Sinn, als es sich überhaupt von allen Werken grosser Originalitaet sagen lässt, unübersetzbar.” [tradução: L.D.]

1.2 Os textos

Nos capítulos anteriores, falamos bastante a respeito de texto e tradução, sem definir ao que exatamente estávamos nos referindo. Isto é, de fato, impossível. O texto não se limita ao papel: ele pode apresentar-se noutras formas, pois não quer permanecer lá muito calado. Caso venha a ser traduzido, terá um alcance que de outra maneira não teria, mas precisará vestir-se de outra forma, pois não vai com o seu guarda-roupa habitual a todo e qualquer lugar. O texto não é um turista que leva a sua carne defumada aonde quer que vá: ele leva somente a si mesmo a diferentes lugares, nos quais talvez tenha que experimentar os frutos exóticos que lá encontrar.

De qualquer maneira, é possível classificar os textos e as traduções, mas somente de forma provisória, pois uma vez que a classificação pareça afinada, as idiossincrasias intratextuais tornarão impossível atribuir a cada grupo uma denominação adequada. Não por coincidência, ambos os grupos são batizados com nomes similares, uma vez que muitos teóricos, como p. ex. Reiss e Vermeer, baseiam suas definições [sobre os tipos de tradução] nos diferentes tipos de texto. Não se trata aqui de bossa nova, pois já a dialética clássica consistia em boa medida na classificação textual, razão pela qual talvez Cícero seja frequentemente considerado o primeiro “teórico da tradução”. E, sobretudo depois que Saussure propôs a distinção entre o conteúdo e a expressão, entre a língua em si e o sistema semiológico (*langue*) que está por trás dela, por um lado, e a realização efetiva desta (*parole*), por outro, os estudiosos passaram a encarar os fenômenos linguísticos de forma totalmente diferente de antes.

As oposições, fundamento da linguística estruturalista, definem o sentido mediante a existência de unidades que adquirem sentido pelo fato de não serem idênticas entre si. Estas unidades nutrem-se das comparações umas com as outras. Ausentes os polos opostos, os sentidos tornam-se inviáveis. Seria difícil, por exemplo, supor uma definição de raça, caso não se verificasse a existência de negros ou brancos, mas somente de amarelos. A pura e cristalina relação entre opostos nos induz a acreditar que seria possível estudar a língua como se tratássemos de um objeto e explicá-la de forma neutra, como se essa abordagem fosse imune às distorções de natureza ideológica. O problema é que a língua utilizada pelo estudioso é ela própria carregada de sentidos, e o mero ato de falar sobre o fenômeno linguístico empresta sentido às coisas sobre as quais que se fala, assim como a definição da coisa cuida de explicar a natureza da coisa. Assim, a explicação é sempre em alguma medida dada de antemão.

É neste contexto que devemos compreender a dilatação do conceito de sentido em ambas as direções, a partir da unidade de sentido (*signo*), composta daqueles elementos linguísticos que Saussure denominou *signifié* (“significado”) e *signifiant* (“significante”), e até atingir os elementos mínimos modificadores do sentido (fonemas) ou sistemas de significação mais complexos, p. ex. textos e ideologias. Não se pretende, com essa simplificação, dar conta destas teorias, mas apenas ressaltar que o sentido a ser traduzido é muitas vezes mais difícil de se lidar do que poderia parecer à primeira vista, como p. ex. quando nos detemos nas palavras e em seus possíveis sentidos. Os fonemas, por si só capazes de modificar o sentido, são em geral intraduzíveis, à exceção de umas poucas interjeições. Já os textos são plenamente traduzíveis, mas podem ser entendidos por alguém de forma totalmente diferente da forma como o tradutor a entendeu; neste caso, fenômenos tais como ideologia e tempo podem ser decisivos em termos de sentido. Uma ideologia em decadência é capaz de legar palavras e fluxos de ideias que se interpõem entre o leitor e textos escritos antes que aquele sistema ideológico atinja o seu ápice, seja em termos de palavras ou de ações.

Descontado isso, o sentido mostra-se com frequência algo de difícil manuseio quando se trata de expressar idiosincrasias culturais. O papel desempenhado num texto por estas marcas culturais é bastante variado, abrangendo desde simples informações neutras (p. ex., descrições de lugares ou momentos definidos) até referências pontuais a determinado grupo ou tendência ideológica. Um dos problemas enfrentados pelo tradutor é que tanto um como o outro tipo, isto é, tanto a descrição neutra quanto a referência ideológica, correm o risco de ter seu valor modificado na tradução. Uma descrição neutra pode se tornar “exótica” e sugestiva, e uma jovem vestindo uma saia de palha pode de repente ganhar um sentido totalmente distinto daquele que tem no ambiente cultural do original. Já a referência ideológica pode passar totalmente em branco em virtude da inexistência daquele referente no universo cultural da tradução. Um grupo determinado pode, por exemplo, possuir expressões que remetam à própria situação do grupo no contexto social do texto de partida. Equivalências duvidosas com algum grupo “parecido” existente no universo cultural da tradução, ou puras adaptações, são muitas vezes, e apesar dos pesares, a única opção ao alcance, não oferecendo, porém, qualquer garantia de que o “efeito” obtido será o mesmo.

Por isso mesmo, o tradutor não pode nunca desconsiderar o público-alvo de sua tradução. Ele, assim como os demais indivíduos que conhecem e entendem o ambiente cultural do texto de partida, de alguma forma encontram-se numa posição privilegiada para entender a necessidade de se propor formas alternativas que deem conta das especificidades culturais do texto de partida no âmbito

cultural da tradução. Isto, porém, é algo de que apenas o tradutor e alguns outros privilegiados têm consciência. O cliente, por sua vez, talvez identifique a diferença entre o texto original e sua tradução, e com base nisso conclui que a tradução é insatisfatória. Ter tato em relação ao público-alvo da tradução significa que o tradutor não deve ser presunçoso a ponto de “simplificar” o texto para que a “plebe” consiga entendê-lo, nem a ponto de forçar o leitor da tradução a consultar um dicionário para conseguir entender algo que os leitores do original são capazes de entender à primeira leitura.

1.2.1 INTERTEXTUALIDADE

Um original rico em intertextualidade (ing. *intertextuality*) torna a vida do tradutor ainda mais encrascada. Exemplos disso são as referências a textos amplamente conhecidos no universo cultural do original. Este tipo de referência ocorre em praticamente todos os tipos textuais (al. *Textsorte*), e não há autor, publicitário, político ou jornalista, por mais inexperiente que seja, que não possua a sua coleção particular de citações. Não é suficiente lançar mão da tradução de Carlos Alberto Nunes (sem esquecer os demais tradutores) quando um autor de língua inglesa arrota uma citação de Shakespeare, pois nada garante que o público-alvo do texto traduzido atinará com o contexto correto da referência. As possíveis soluções, num caso desses, vão desde a reprodução entre aspas da citação, tal como ela aparece no original, até o uso das notas do rodapé no caso de textos eruditos. Tudo, menos traduzir o trecho tal como o original o oferece.

A intertextualidade é, no entanto, algo mais complexo do que meras referências a textos externos. O tradutólogo islandês Ástráður Eysteinnsson fala em “parentextos por afinidade” dando, com isso, especial relevo “[...] à diferença, em termos de efeito, entre o ‘texto-sogra’ e os respectivos ‘textos-genros’, que pode fazer com que diferentes leitores percebam, a partir de um mesmo ‘texto-mãe’, diferentes textos afins, sem que isso signifique que algum deles tenha precedência com relação aos demais”¹³. Este enfoque no conhecimento prévio (al. *Vorwissen*) e no conhecimento de mundo (al. *Weltwissen*) do leitor apenas ressalta que a tarefa do tradutor não se resume a verter frases para uma língua de chegada: ele deve, sobretudo, ser capaz de imbuir-se do original até chegar a compreender os objetivos por trás de cada um de seus componentes individuais.

13 Ástráður Eysteinnsson. “Mylluhjólid”, p. 78. (Tradução: L.D.)

Alguns chegam a definir a própria tradução como intertexto, chamando neste caso o original de pré-texto (al. *Prütext*) e todos os demais textos dele derivados de pós-textos (al. *Folgetext*). A tradução seria, portanto, apenas uma das manifestações da intertextualidade, já que pode haver pós-textos dos mais diversos tipos – sátiras, resenhas, adaptações para o teatro ou cinema etc. O importante aqui é o fato de o texto contar com uma espécie de modelo preexistente ou reportar-se a alguma forma de modelo preexistente. Com isso, é evidente que o leitor não pode dar-se ao luxo de fazer vista grossa impunemente a essas referências intertextuais. Estes pequenos detalhes são, com efeito, muito mais importantes do que podem parecer à primeira vista, porquanto ressaltam que os textos são mais do que palavras ditas ou escritas: eles foram concebidos para carrear algo ao leitor de uma maneira bastante específica. As proposições do texto de partida modificam, portanto, o leitor em alguma medida, e isso independentemente de ele simpatizar com o texto ou não, cabendo ao tradutor identificar quais recursos são utilizados para se obter tal resultado e de quais recursos do idioma de chegada ele poderá lançar mão para obter o mesmo resultado. Com isso, entram em jogo mais premissas do que o mero original.

Os teóricos da tradução Katharina Reiss e Hans J. Vermeer definem os textos como “ofertas de informação”, atribuindo ao tradutor a missão de propor aos receptores no idioma de chegada o mesmo tipo de oferta com sua tradução¹⁴. Uma vez que a tradução implica sempre a transposição de especificidades culturais, ou seja, implica transferência cultural (al. *kultureller Transfer*), talvez fosse possível definir a tradução de textos da seguinte forma: “O aspecto dominante de toda tradução é o seu propósito”¹⁵.

Isso não quer dizer, como acontece com tanta frequência, que o tradutor deva sentar-se e traduzir frase por frase. Não é apanágio da pontuação, que divide as frases do original, pautar a organização sintática do texto traduzido. Cabe, sim, ao tradutor oferecer a mesma informação contida no original da forma mais natural possível na língua de chegada. O que também impõe a necessidade de se desvendar o propósito com que o original fora concebido – isto no caso de o objetivo da tradução não ser justamente o de alterar aquele propósito, p. ex., convertendo uma história escrita para um público adulto numa história infantil.

Esta elucidação dos propósitos do original, da mesma forma que um propósito bem definido para o próprio texto traduzido, provavelmente torna mais

14 Reiss e Vermeer, p. 53-70.

15 Reiss e Vermeer, p. 96: “Die Dominante aller Translation ist deren Zweck.” [trad.: L.D.].

fácil para o tradutor reduzir os problemas de tradução em problemas menores, para então resolvê-los de cabo a rabo, evitando, com isso, cair nas armadilhas escondidas nos diversos desvios do original, p. ex., na ordem das palavras ou noutras especificidades linguísticas e culturais, fatores desprovidos de significação na língua de chegada, a não ser naqueles casos em que se pretenda nomeadamente desafiar as especificidades da língua de chegada.

1.2.2 GÊNERO TEXTUAL E TIPOLOGIA TEXTUAL

No início do século XIX, Friedrich Schleiermacher, o patrono (se descontarmos Lutero) da Teoria da Tradução em língua alemã, classificava a tradução em dois grupos: 1) a tradução de textos literários e acadêmicos; e 2) a interpretação comercial¹⁶. Apesar das mudanças pontuais verificadas desde aquela época, a mentalidade de muitos teóricos com relação à tradução parece ter mudado muito pouco neste período. Fala-se em tradução literária e em “outros” tipos de tradução. Esta classificação simplória de nada serve caso se pretenda uma abordagem e avaliação textual profissional, seja pela necessidade de se identificar a melhor forma de traduzir um original, seja pela simples necessidade de saber o quanto cobrar por um trabalho.

Tal como anteriormente mencionado, este tipo de classificação textual será sempre provisório, já que é possível identificar uma série de características (al. *Merkmale*) de um gênero determinado em outros gêneros. Katharina Reiss baseou sua renomada teoria no modelo conhecido como *Organon*, originalmente proposto pelo linguista de orientação estruturalista Karl Bühler, célebre, entre outras coisas, por sua participação na Escola de Praga, também integrada por Jakobson¹⁷. A teoria de Bühler, cujas origens podem ser encontradas em Aristóteles, propõe, em poucas palavras, que o signo possui três aspectos principais, a saber: a) descritivo (al. *Darstellung*); b) expressivo (al. *Ausdruck*); e c) apelativo (al. *Appell*). Segundo aquele autor, tais aspectos são decorrentes das funções fundamentais do signo: sintoma (al. *Symptom*), sinal (al. *Signal*) e símbolo (al. *Symbol*)¹⁸. E, na impossibilidade de traduzir a definição de signo diretamente em termos de uma definição no âmbito da tipologia textual, Reiss classificou

16 Schleiermacher, p. 39-40.

17 Reiss, Katharina. *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text*. [Obra ainda sem tradução em português].

18 Cf. Bühler.

os textos como: 1) informativos (al. *informative*); 2) expressivos [al. *expressive*]; e 3) operativos (al. *operative*)¹⁹.

Percebe-se, aqui, de imediato, que muitos textos são compósitos de todos estes aspectos, o que não impede o enquadramento de grande parte deles em apenas uma destas categorias, ao menos de forma preponderante. A vantagem disso para o tradutor é a possibilidade de definir para si mesmo o método que melhor se presta a cada situação, e quais formas expressivas mostram-se mais adequadas na língua de chegada. Quando se trata de um texto do tipo informativo, p. ex. um manual de instruções que acompanha um equipamento eletrônico, o tradutor terá a opção de traduzi-lo utilizando um estilo condizente com os usos e costumes da língua de chegada.

Da mesma forma, os textos literários não são apenas expressivos no sentido aqui proposto, e não raro encontramos neles componentes informativo-descritivos e operativas, já que nem todo o aparato utilizado por um autor tem por si só um propósito artístico. Rituais como um funeral ou um casamento, p. ex., são alguns dos eventos mais recorrentes nas obras literárias – no sentido amplo da expressão – nos quais a ladainha padronizada do sacerdote nem sempre apresenta um significado profundo, mas se for traduzida literalmente talvez se desvie daquilo que é percebido como “normal” num funeral ou num casamento [no universo cultural do idioma de chegada]. Em inglês, p. ex., é comum as pessoas dizerem *I do* [no altar], fórmula que nenhum tradutor em plena posse de suas faculdades mentais se atreveria a traduzir como “eu quero” ou “eu faço”.

Ou seja, é altamente provável que seja uma vantagem para o tradutor ser capaz de identificar os propósitos globais do original, além dos objetivos secundários com os quais ele tem que lidar em cada parte do original. Isto lhe permite abordar a obra tal como ele a entende e passá-la adiante da forma que, a seu juízo, é a ideal, já que ninguém, nem o mais refinado artista nem o devorador de normas mais insosso, ninguém inclui algo num texto gratuitamente. É concebível que alguém seja, ao fim e ao cabo, incapaz de elaborar um texto decente, porém o objetivo sempre será elaborar um todo coerente que diga algo em sua coesão. Caso um texto seja propositadamente incoerente ou abrupto, isto indicará que a coesão textual não faz parte dele como deveria. Caso isso ocorra porque o autor é incapaz de algo diferente, então se diz que há “algo de estranho” com o texto, que “falta alguma coisa nele”, que o texto não tem “nem pé nem cabeça”, e neste caso as devidas correções normalmente acabam sobrando para o tradutor. Se nenhuma

19 Reiss e Vermeer, p. 204-16.

frase do texto lhe é alheia, como pode ocorrer a alguém que o texto propriamente dito, em sua totalidade, pode ser alheio às suas frases?

1.3 Teoria da Tradução: filosofia ou filosofice?

Não são poucos os tradutores profissionais que costumam balançar a cabeça ao ouvir as “bobagens” propostas pelos teóricos da tradução, e muitos deles acrescentam comentários do tipo: “Qual é a utilidade deste tipo de especulação abstrata?”. Isto se explica por várias razões. Em primeiro lugar, a correria do dia a dia não deixa espaço para este tipo de especulação. Em segundo lugar, muitas destas teorias nada mais fazem senão repetir coisas de senso comum. Em terceiro lugar, o possível temor de que a impotência deste ofício seja desmascarada e a roupa suja da profissão seja lavada em público. Em quarto lugar, a desculpa de que as teses propostas pela Teoria da Tradução são tão efêmeras quanto amor de carnaval.

A abundância de postulados teóricos e as encarniçadas polêmicas em torno deles podem facilmente ser atribuídas à complexidade mesma do fenômeno linguístico. O fracasso da informática em resolver problemas singelos como a tradução eletrônica corroborou a visão de que a linguagem é o repositório de magia mais complexo que o ser humano já engendrou. Se é verdade que equipamentos cada vez mais potentes estão chegando cada vez mais perto de parafrasear textos em outros idiomas, os resultados disto raramente poderiam ser chamados de tradução, sendo necessária a intervenção de um revisor humano para corrigir esses textos, como se eles fossem obra de alguém que volta e meia sofresse de ataques epiléticos em razão dos quais surgem em meio aos textos bobagens e asneiras que a nenhum tradutor ocorreria. Uma das soluções propostas até o momento seria reduzir os originais – de preferência textos informativos altamente especializados – a certas fórmulas verbais que estariam ao alcance do computador traduzir. Isto, porém, suscita algumas questões. Quem determinaria estas fórmulas verbais? E de resto, elas seriam elaboradas levando em conta cada par linguístico, ou seriam permutáveis entre todos os idiomas? (Sendo a última solução naturalmente a mais desejável.)

A dificuldade com a qual todos os teóricos da tradução têm que se haver, por outro lado, é determinar o que é passível de transferência entre idiomas; o que se deve ou não ajustar a uma visão de mundo preexistente. Schleiermacher defendeu, em seu ensaio “Sobre os diferentes métodos de tradução”, que haveria apenas duas abordagens fundamentais: “Ou o tradutor deixa o autor onde ele se encontra, levando o leitor até ele, ou ele deixa o leitor onde ele está, e traz o autor

até ele”.²⁰ Mesmo que esta receita simples do início do século XIX esteja um passo à frente do que muitos fanáticos da profissão conseguiram percorrer até hoje, ainda assim ela não oferece uma explicação satisfatória do processo traducional e da metodologia nele empregada. E os teóricos continuam tentando superar este impasse com a proposição de novas versões daquela mesma teoria inicial, obtendo, em alguns casos, certos avanços com relação a ela.

Mas o que é então que os tradutores seguem traduzindo, senão uma unidade que é ao mesmo tempo uma totalidade? Não será sua mera possibilidade também fruto da imaginação? Estaria Humboldt certo, *apesar* de sua tradução do *Agamenão*? E, afinal, o que é a tradução? Será que ela aceita ao menos ser definida? A Teoria da Tradução ainda não foi capaz de oferecer uma resposta cabal, às vezes lembrando mais a especulação filosófica do que meras instruções sobre como se deve traduzir. A tarefa parece tão complicada como dizer às pessoas como elas devem levar suas vidas: todo mundo sabe como fazê-lo, mas ninguém é capaz de o fazer perfeitamente – as possibilidades parecem infinitas, mas os indivíduos têm que fazer suas escolhas, e quando a razão nos falta, normalmente as ideologias e as religiões se apresentam como uma derradeira tábua de salvação.

2 A linguagem como tradução

A relação da tradução com o seu original remete amiúde à imitação platônica da vida pela poesia, imitação da imitação, que Platão queria desterrar de sua República (ao menos aquela produzida por profetas menores), já que ela não preenchia as condições por ele colocadas para os arquétipos enquanto objetos mentais absolutos, isentos de quaisquer opiniões ou ideologias, e assim considerados como autênticos produtos do conhecimento, em contraste com a realidade virtual que não é mais do que uma sombra projetada sobre a parede da caverna onde se encontra um sujeito prisioneiro dos sentidos²¹. Se observamos a tradução desde esta mesma perspectiva, não nos surpreende que ela tenha sido sempre considerada como algo menor do que o original, independentemente de quaisquer considerações de qualidade e prestígio.

Uns defendem que a melhor das traduções possíveis é tão somente o texto original em outro idioma, como Roman Jakobson em seu ensaio supracitado, no qual ele acrescenta ainda: “As línguas diferem essencialmente naquilo que devem

20 Schleiermacher, p. 47.

21 Eyjólfur Kjalar Emilsson, p. 46-47.

expressar, e não naquilo que podem expressar”²². O único requisito inegociável é a forma – ou seja, a estrutura –, já que o sentido pode ser transposto noutros termos, pois, como Jakobson afirmará mais adiante: “Não há dispositivo gramatical na língua de chegada que torne impossível a tradução literal de toda a informação conceitual contida no original”²³. Neste sentido, duas observações são cabíveis: primeiramente, parte-se do princípio de que a quantidade de sentidos fundamentais de uma estrutura (senão de uma língua como um todo) é limitada (definida), sendo o mesmo provavelmente verdadeiro em relação à segunda língua. Como contraponto a estes limites, pode-se afirmar que a força criadora da linguagem deve ser sempre a mesma em todas as línguas, tornando com isso válida aquela proposição, a qual, mesmo assim, seguirá suscitando a questão de se se trata aí de tradução ou se simplesmente a nossa definição de tradução está equivocada. Em segundo lugar, pode-se ainda colocar a questão sobre o que estaria abrangido na noção de “informação conceitual” (ing. *conceptual information*). Como exemplo, podemos citar o caso do soneto, em que a forma guarda, grosso modo, informações sobre o conteúdo: quase sem exceções, trata-se da expressão do poeta, em geral de natureza amorosa ou encomiástica, dirigida a alguma pessoa, e via de regra com uma mudança de perspectiva após o nono verso. Este tipo de informação vincula-se às próprias formas, a partir da tradição que se desenvolva na esteira destas, resultando da interação destas com os conteúdos em delimitações quanto ao tipo de informação que é possível transmitir mediante o recurso às escolhas lexicais, gramaticais ou estilísticas. Porém, as informações devem encontrar vazão em alguma parte, cabendo ao indivíduo decidir se se conformam com este estado de coisas ou se serão compensadas em algum outro ponto do texto. A rigor, Jakobson acaba por afirmar, ao cabo de seu ensaio, que “a tradução é por definição intraduzível”²⁴.

Desta forma, a tradução acaba sempre por assemelhar-se a uma forma de “diluição” da inspiração poética na realidade, sempre seguindo um passo atrás da poesia, sendo portanto inferior a esta, para não entrarmos no mérito da tradução feita a partir de outra tradução. A conclusão, uma vez mais, é no sentido de que a tradução seria, com efeito, inviável.

Ao menos esta é a conclusão de Derrida em seu ensaio “Torres de Babel”, uma espécie de introdução a uma discussão sobre o ensaio “A Tarefa do Tradutor”

22 “On the linguistic aspects of translation”, p. 236.

23 *Ibid.*, p. 235.

24 *Ibid.*, p. 235.

de Walter Benjamin²⁵. Porém, Derrida propõe uma nova abordagem a este antigo impasse: sua definição precisa da palavra “Babel” deixa claro que ela é intraduzível, mas não de todo – seu significado primário é o de cidade de Deus, sendo secundariamente o nome próprio da cidade (e) da torre que Deus evitou que fosse(m) concluída(s), confundindo a língua de seus habitantes. Desde aquele momento, os homens precisaram “naturalizar”²⁶ as línguas estrangeiras para conseguir entender-se mutuamente, sendo aquele nome próprio o símbolo de sua confusão ou incompreensão, residindo a contradição no fato de Deus haver dado origem à tradução ao mesmo tempo em que a proíbe²⁷. “A tradução, portanto, tornou-se necessária e impossível [...]”²⁸. A diferença é tanta que a totalidade incompatível das línguas forma uma base: elas são de fato sempre uma tradução da realidade e de todas as demais. Desta forma, a tradução define-se como uma necessidade básica cuja plena satisfação é uma impossibilidade.

2.1 Era Deus o Verbo, ou era o Verbo Deus?

Quicá não seja mera coincidência que Fausto, ao se ver trancafiado na cela do seu próprio saber, tenha conjurado Mefistófeles na tentativa de parafrasear o início do *Evangelho de João*. O verbo, o nome, é a ferramenta mental primordial do homem, o primeiro degrau na escadaria da torre, sem o qual os demais seriam inconcebíveis. Os nomes emprestam sentido à realidade e tornam possível aos homens desempenhar os papéis que nela lhes cabem. Por isso, o verbo possui amiúde um significado puro na mente humana, um significado diretamente relacionado *a priori* ao pensamento e, através dele, à razão pura. Corporificado numa forma durável e preenche dos sentidos mais sagrados para o homem, o verbo adquire uma tradução múltipla, convertendo-se na explicação da existência de seus leitores e, portanto, em sua justificação. Textos como a Bíblia criam em sua esteira um ambiente espiritual para aqueles que neles acreditam, e ninguém deveria se surpreender com o fato de que o verbo, tal como se insere em textos desta natureza, represente para muitos algo tão sagrado quanto a imagem de um santo.

25 Benjamin, p. 243.

26 Jogo de palavras intraduzível do original: *þjóða* (nacionalizar, naturalizar) e *þýða* (traduzir, verter) tem a mesma origem etimológica em islandês. (N.T.)

27 *Ibid.*, p. 249.

28 *Ibid.*

Os tradutores costumam ser censurados por duas razões em especial: por traduzir mal e por traduzir literalmente. Essas censuras podem ser atribuídas em parte à polissemia das palavras e em parte aos sentidos carregados pelo receptor da mensagem. Para um fundamentalista, no sentido original da palavra, sem dúvida deve soar bizantino este papo a respeito da contribuição semântica do receptor da mensagem. Não obstante, esta noção apoia-se em dois argumentos. Em primeiro lugar, as palavras sempre estão no lugar de outra coisa, sempre representam algo, já que nunca são a coisa ou o conceito em si, mas apenas a imitação de uma ou de outro. O pensamento e a expressão são também importantes, mas pode-se dizer que constituem apenas métodos para se formular um significado adicional sem precisar torcer as palavras. Aquela imitação provavelmente emergirá sempre igual em todas as circunstâncias, já que o seu usuário não a balbucia gratuitamente, pois tem a pretensão de comunicar algo ao mundo ao seu redor. Sua opinião ou sua necessidade de expressão constituem a motivação a partir da qual aquelas ferramentas são aplicadas. Em segundo lugar, sabe-se que as línguas, e por conseguinte o sentido das palavras, mudam sob a influência do espírito do tempo e do ambiente.

O caráter sagrado que perpassa o verbo jamais será totalmente expurgado, o que não é de todo mal. Este caráter sagrado empresta ao verbo aquela vitalidade necessária para que a expressão tenha efetivamente algum papel a desempenhar no marco da existência humana, um papel que revele à existência o seu verdadeiro propósito. Com João Evangelista, este papel, esta verdade divina original, é corporificado em Jesus – *og orðid varð hold*²⁹ na tradução islandesa de 1919³⁰, que provavelmente conservou o sentido estrito da palavra carne (isl. *hold*) recebido de Lutero, apesar de o texto ter sido chamado de “nova versão a partir dos originais” (*ný þýðing úr frummálunum*). Carne apresenta aqui um significado mais inclusivo do que apenas o de que Deus teria descido à Terra em forma de homem: toda a verdade divina ter-se-ia refletido no conjunto da vida, morte e ressurreição de Cristo, em suas palavras e em seus atos, sendo o corpo de Cristo apenas um meio de que Deus se serviu, um meio que atingiu o seu fim ao morrer uma morte simbólica.

Se observamos mais detidamente, o *Evangelho de João* cumpre uma função diferente da dos outros três evangelhos, pois seu texto realça o aspecto “divino”

29 João 1:15.

30 “[...] e o Verbo se fez carne” (versões *Almeida Revista e Corrigida* (1898) e *Almeida Revista e Atualizada* (1956); “A Palavra se tornou um ser humano” na Nova Tradução da Língua de Hoje (2000).

de Cristo por intermédio da mensagem de Deus, palavra do Senhor, e do testemunho dos milagres realizados por Jesus, milagres que se apresentam como prova mundana da caridade e do poder divinos. O Verbo e a Verdade são unos, formam uma mensagem única, que a qualquer pessoa é dada entender mediante símbolos que em si mesmos transcendem todo o entendimento. Todos os textos atribuídos a João Evangelista têm a marca de um doutrinador que tem fé e anseia por difundir a mensagem através daquele que ele sabe ser o mais poderoso de todos os meios, o Verbo. Em seu evangelho, João se utiliza dos dispositivos oferecidos pela dialética, prometendo aos receptores de seu verbo a vida eterna e a ressurreição da carne³¹, caso aceitem o verbo e o tornem seu.

Para o tradutor, porém, o mais proveitoso é quebrar a cachola tentando entender a maneira pela qual João e seus exegetas deram forma ao Verbo e à sua tradução simbólica, às oposições entre o bem e o mal, entre Deus e o homem, e à manifestação trinitária da verdade divina, que são permanentemente retomados em diferentes textos. Enquanto não for possível conciliar o bem e o mal, seguirá valendo a insistente afirmação de que “o espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu [Jesus] vos disse são espírito e vida”³². O espírito convertido em Verbo é o que coaduna a existência humana e o Reino de Deus, sendo isso o que o torna santo – Espírito Santo, amém. As implicações carregadas por este entendimento são, com efeito, extremamente engenhosas. João as formula expressa e claramente no fecho do seu *Apocalipse*, ou seja, em dois dos versículos finais da Bíblia: “Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro”³³.

2.2 Ou era o Verbo Arte?

Walter Benjamin talvez tivesse as recomendações de João Evangelista em mente ao escrever seu ensaio “A tarefa do tradutor” no início do século passado, onde conclui que “A versão interlinear do texto sagrado é o arquétipo ou o ideal

31 João 5: 24-29.

32 João 6:63-64.

33 João 22:18-19.

de toda tradução”³⁴. Essa conclusão é de certa forma surpreendente se pensarmos que o ensaio foi publicado depois de o *Curso de Linguística Geral* de Saussure ter dado o tom ao estruturalismo, a versão modernista da ciência linguística.

Mas é evidente que Benjamin leu Saussure, já que algumas de suas conclusões não são de todo incompatíveis com aquilo que seria mais caro aos estruturalistas. Segundo ele, que as línguas – ou mais propriamente dito os textos – sejam traduzíveis se deve ao fato de que, “a par de qualquer relação histórica, as línguas não são estranhas entre si, mas são *a priori* aparentadas, naquilo que pretendem dizer”³⁵. Como descrito anteriormente, trata-se aí, com efeito, essencialmente do mesmo que Jakobson declarara a respeito da tradução em seu conhecido ensaio: todas as línguas têm um propósito em comum, a única diferença sendo a forma como as pessoas dizem as mesmas coisas.

A partir deste ponto, Benjamin e o estruturalismo tomam caminhos divergentes. Ele afirma, no início de seu ensaio, que “tradução é (uma) forma”. Porém, não se trata aqui de forma no sentido preconizado pelos estruturalistas, ou seja, forma como estrutura, porém no sentido mais aproximado da noção aristotélica e até mesmo do apóstolo João, onde a forma se apresenta de fato como o conteúdo, a natureza mesma das coisas, que independe de suas manifestações exteriores. Com isso, ele alforria a tradução do estatuto de imitação subalterna, mas ao mesmo tempo lhe impõe a condição de que siga o original quase que palavra por palavra. Trata-se, é claro, de uma contradição, mas uma contradição diversa daquela que afirmara que as “informações conceituais” são sempre transferíveis de idioma para idioma. Jakobson nos fala de “equivalência na diferença”³⁶, sem, no entanto, esclarecer melhor como seria possível suprir aquela lacuna, ou, nos termos utilizados por Derrida em seu ensaio supracitado: “Jakobson não traduz, ele retoma a mesma palavra: a tradução interlingual ou tradução propriamente dita”³⁷.

Benjamin parte do pressuposto principal de que a obra de arte não é produzida para agradar ao receptor, mas, pelo contrário, como fenômeno totalmente independente em si mesmo: “Nenhum poema se destina ao leitor, nenhum quadro

34 Benjamin, p. 169 [tradução brasileira: p. 32].

35 *Ibid.*, p. 159. Uma tradução alternativa: “[...] as línguas não são estranhas umas às outras, mas, a priori e abstração feita de todas as relações históricas, são entre si aparentadas quanto ao que querem dizer” (*apud* Furlan, Mauri. “A Missão do Tradutor: Aspectos da concepção benjaminiana de linguagem e tradução”. In *Cadernos de Tradução* n. 1. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996, p. 91-105).

36 Benjamin, p. 233 [tradução brasileira: p. 65].

37 *Ibid.*, p. 252.

ao observador, nenhuma sinfonia ao ouvinte”³⁸. Vemos aqui, estendida à obra de arte, a sacralidade do verbo, que assume aqui um sentido divino diferente daquele dado pelos românticos – os quais punham o próprio artista numa posição central, praticamente como um demiurgo da arte –, segundo o qual é somente através da arte, e não do artista, que o homem consegue comunicar-se com o divino. Pois o artista nada mais é do que um tradutor.

Mas não nos equivoquemos. Benjamin não está tentando aqui uma abordagem teológica, longe disso: o objetivo precípua de seu ensaio é tratar da tarefa do tradutor, da matéria a ser traduzida e, por conseguinte, da metodologia a ser adotada na tradução. Assim, ele não parte da premissa de que o mais importante seja identificar o que o autor do original “quis dizer”, nem muito menos transmitir o “sentido” do original, mas, sim, o seu conteúdo, conteúdo este que deve ser depreendido da língua de partida. Trata-se aqui de uma noção original de fidelidade, alheia ao sentido corriqueiro deste conceito, cujas bases talvez sejam a visão de Benjamin da linguagem, não como um conjunto de unidades estruturais isoladas, mas como uma parte viva de uma linguagem maior³⁹. Ao mesmo tempo, a questão sobre a possibilidade ou impossibilidade da tradução provavelmente emergirá com ainda maior pertinência.

Benjamin sai desta sinuca de bico apelando a João Evangelista – “No princípio era o Verbo”⁴⁰ – e com isso rejeita a ideia de que a tradução não pode “saber a tradução”: “A verdadeira tradução é transparente, não cobre o original, não lhe deita sombras, mas, antes, faz com que caia em toda sua plenitude sobre este a língua pura, como que fortalecida por sua mediação”⁴¹. A razão mais sólida por

38 *Ibid.*, p. 156: “Den kein Gedicht gilt dem Leser, kein Bild dem Beschauer, keine Symphonie der Hörschaft.”

39 *Ibid.*, p. 165.

40 João 1:1.

41 Benjamin, p. 166: “Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern lässt die reine Sprache, wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen.” A tradução reproduzida foi retirada de Monegal, Emir Rodríguez, “Prólogo”, in *Transblanco (em torno a Blanco de Octavio Paz)* de Paz, Octavio e Campos, Haroldo de. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986, p. 11-17. Traduções alternativas desta mesma citação: “A verdadeira tradução é transparente, não encobre o original e não o tira da luz: ela faz com que a pura língua, como que fortalecida por seu próprio meio, recaia ainda mais inteiramente sobre o original.” [Scholem, Gerschom. “Walter Benjamin und sein Engel”. In Lages, Susana K. *Walter Benjamin. Tradução e Melancolia*. São Paulo, Edusp, 2002, p. 224, apud Zuccarello, Maria Franca. “La Ciociara de Alberto Moravia: tradução e negociação”, in *Cadernos do x Congresso Nacional de Linguística e Filologia (em homenagem a Antenor Nascentes)*, v. x, n. 5 (Línguas Estrangeiras). Rio de Janeiro, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, UERJ,

trás deste argumento não se esgota apenas no fato de que a maioria das traduções dignas deste nome expande centrifugamente os horizontes da língua de chegada, como Benjamin assevera: *Em todas as línguas e em todas as suas obras e imagens, para além daquilo que se pode comunicar existirá algo não comunicável, algo, que de acordo com a textura em que se encontra, será ou um Simbolizante ou um Simbolizado*⁴².

Se é verdade que o símbolo e a coisa simbolizada nos remetem às componentes básicas do signo segundo Saussure, Benjamin agrega, no entanto, uma terceira dimensão, ou uma “terceira essência”, e o converte num todo unificado: a tríade semiótica, fruto de oposições. O tempo (limitado) e a eternidade (ilimitada) são conceitos que ganham sentido um em relação ao outro, da mesma forma que o bem e o mal: um é inconcebível sem o outro. A natureza da arte constitui o cerne do pensamento benjaminiano e também o cerne da linguagem pura – natureza presente a um só tempo no signo e na coisa significada, sendo o signo a manifestação visível, e a coisa significada uma tentativa de representar o cerne da expressão em gestação. O fato de este cerne referir-se ao signo que o representa empresta-lhe ainda uma pesada carga de sentidos alheatórios e de

2006.]. “A verdadeira tradução é transparente, não recobre o original, mas deixa transparecer a língua pura do original. Ela é um complemento do texto original; um complemento muito importante porque na tradução o original desenvolve-se até um nível superior” [Afonso, João Santos. “História e tipologia da tradução”, in *Tradução e comunicação. A Teoria da Tradução como ciência*. Tese apresentada no mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior, 1998, apud Augusto Aires Nascimento, “Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média”, in Vários. *O Gênero do Texto Medieval*. Lisboa, Cosmos, p. 121].

42 *Ibid.*, p. 166: “Es bleibt in aller Sprache und ihren Gebilden ausser dem Mitteilbaren ein Nicht-Mitteilbares, ein, je nach dem Zusammenhang, in dem es angetroffen wird, Symbolisierendes oder Symbolisiertes”. A tradução reproduzida acima foi retirada de: Benjamin, Walter. “A tarefa do tradutor”. Trad. Fernando Camacho. In Castello Branco, Lucia (org.) *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin. Quatro traduções para o português*. Belo Horizonte, Fale/UFMG, 2008, p. 39. Traduções alternativas desta mesma citação retiradas dessa mesma coletânea: “Em todas as línguas e suas obras permanece, fora do comunicável, um incomunicável, segundo a relação em que se encontra algo de simbolizante ou simbolizado.” (Op. cit. “A tarefa do tradutor”. Trad. Karlheinz Barck. *Ibid.*, p. 62-3). “Em todas as línguas e em suas construções resta, para além do elemento comunicável, um elemento não comunicável, um elemento – dependendo do contexto em que se encontra – simbolizante ou simbolizado.” (Op. cit. “A tarefa-renúncia do tradutor”. Trad. Susana Kampff Lages. *Ibid.*, p. 78). “Em toda a linguagem e nas suas criações resta, para lá do que é comunicável, um não comunicável, um simbolizante e um simbolizado, dependente do contexto em que se situa.” (Op. cit. “A tarefa do tradutor”. Trad. João Barrento. *Ibid.*, p. 95). Agregamos ainda uma última tradução alternativa, retirada de outra obra: “Resta em todas as línguas e em suas composições, afora o elemento comunicável, um elemento não comunicável, um elemento que – dependendo do contexto em que se encontra – é simbolizante ou simbolizado” (Benjamin, Walter, “A tarefa do tradutor”. Trad. Susana Kampff Lages. In Benjamin, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem – 1915-1921*. Org., apres. e not. Jeanne Marie Gagnebin. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2011, p. 116).

influências peregrinas: *Libertá-la desse significado, e tornar o Simbolizante no próprio Simbolizado, restaurando a Língua pura que é formada no movimento da língua, constitui o único mas possante poder do tradutor*⁴³.

3 A produção textual

Palavras não são apenas palavras, mas paisagens num mundo a que chamamos texto. A leitura de um texto é uma tentativa de vivenciar aquele mundo de texto. Se o leitor extraviar-se-á ou não em sua jornada por aquele mundo é algo que depende de vários fatores, ainda que dependa principalmente dos conhecimentos linguísticos e da amplitude mental tanto de quem gera como de quem absorve o texto. E isto não diz respeito necessariamente apenas a textos de maior prestígio, p. ex. às belas-letras ou às sagradas escrituras, por mais que um belo soneto possa, com menor esforço, proporcionar ao leitor incomparavelmente maior satisfação espiritual do que os complicados manuais de instrução que costumam acompanhar os aparelhos eletrônicos.

Mas qual seria, então, a diferença entre o original e a tradução? E o que é esse tal de original, exatamente? Responder essas questões não é tão simples quanto possa parecer. Para começar, muitos autores distinguem as traduções intralinguísticas das traduções interlinguísticas, sendo Jakobson, que as classifica em três categorias, um bom exemplo disso:

43 *Ibid.*, p. 167: “Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zum machen, die reine Sprache gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung.” A tradução reproduzida foi retirada de: Benjamin, Walter, “A tarefa do tradutor”. Trad. Fernando Camacho. In Castello Branco, Lucia (org.) *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin. Quatro traduções para o português*. Belo Horizonte, Fale/UFMG, 2008, p. 39-40. Traduções alternativas desta mesma citação retiradas dessa mesma coletânea: “Desvinculá-la desse sentido, fazer do simbolizante o simbolizado, mesmo recuperar a língua pura configurada no movimento verbal, é o violento e único poder da tradução.” (Op. cit. “A tarefa do tradutor”. Trad. Karlheinz Barck. *Ibid.*, p. 63). “Desvinculá-la desse sentido, transformar o simbolizante no próprio simbolizado, recobrar a pura língua plasmada no movimento da linguagem – esse é o único e grandioso poder da tradução.” (Op. cit. “A tarefa-renúncia do tradutor”. Trad. Susana Kampff Lages. *Ibid.*, p. 78). “E a tradução é aquele meio, poderoso e único, capaz de libertar a língua pura do peso do sentido, de transformar o simbolizante no próprio simbolizado, de recuperar a língua pura, esteticamente configurada, para o movimento da linguagem.” (Trad. João Barrento. *Ibid.*, p. 95). Agregamos ainda uma última tradução alternativa, retirada de outra obra: “Desvinculá-la desse sentido, transformar o simbolizante no próprio simbolizado, recobrar a pura língua plasmada no movimento da linguagem – esse é o único e colossal poder da tradução” (Benjamin, Walter, “A tarefa do tradutor”. Trad. Susana Kampff Lages. In Benjamin, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem – 1915-1921*. Org., apres. e not. Jeanne Marie Gagnebin. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2011, p. 116).

- 1 A tradução intralingual ou reformulação (*rewording*) consiste na interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2 A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3 A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais⁴⁴.

Estas definições, amplamente conhecidas nos círculos da teoria da tradução, são, no entanto, bastante abertas, se as observamos com mais atenção. A primeira pode abarcar quaisquer tipos de elaboração a partir de um original ou pré-texto, dramatização, adaptação ou a edição diplomática de manuscritos anteriores à era da imprensa. A existência de diferentes edições “definitivas” feitas a partir de um mesmo manuscrito original demonstram que os resultados deste tipo de elaboração dependem de fatores os mais variados, como pressupostos ideológicos, condições orçamentárias etc. O melhor exemplo de tradução intralinguística no âmbito da cultura islandesa talvez seja *Gerpla*, de Halldór Laxness, onde as premissas ideológicas da *Saga dos Irmãos Jurados*⁴⁵ são reelaboradas: ao invés da visão do seu anônimo autor original, Laxness imprimiu à obra a visão romântica do século XIX, quando heróis degredados cavalgavam de comarca em comarca em busca de refúgio⁴⁶.

A segunda definição somente não é uma repetição, como Derrida afirmou, porque agrega uma pequena – mas fundamental – componente, a saber, a “interpretação”, a qual, no entanto, infiltra uma contradição na argumentação estruturalista de Jakobson, já que aqui o caráter individualista da tradução ganha um relevo especial. A interpretação, determinada que é por circunstâncias específicas de tempo e espaço, tem um impacto decisivo na tradução: dada a estabilidade do original, resta com isso explicada a possibilidade de infinitas traduções a partir de um mesmo texto de partida. O texto renova-se em cada tradução que dele se faz, e no limite pode-se argumentar que até o próprio original é diferente a cada vez que é reimpresso, ou será que não há nenhuma diferença entre as edições de Halldór

44 Jakobson, p. 233 [tradução brasileira: p. 64-65].

45 No orig.: *Fósthvæðra saga*.

46 Dom Quixote pode ser citado com um exemplo de tradução intralinguística no contexto ibérico, em que Cervantes parodia um gênero literário que já se encontrava em pleno ocaso, os romances de cavalaria. No âmbito da literatura brasileira, um exemplo seria a “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, provavelmente o texto mais parodiado em toda nossa história literária, reescrito que foi por escritores e compositores tão diversos quanto Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, José Paulo Paes, Chico Buarque de Holanda e Moraes Moreira. (N.T.)

Laxness bancadas pelo proprietário de uma manteigaria nos idos de 1930 e aquelas que os estudantes do terceiro milênio têm em suas mãos? A própria apresentação gráfica, além do conhecimento acumulado sobre a criação e recepção do texto e sobre a biografia de seu autor, tudo isso faz dele um texto diferente do original que viu a luz pela primeira vez.

Por outro lado, a relação extremamente íntima do original com seu autor pode resultar às vezes enganosa, não porque o autor e sua biografia sejam de somenos, ou porque o texto, uma vez disponível, seja apenas um tipo de argila que se pode moldar ao bel-prazer, mas sim porque as ideias que fazemos de um e de outro, e que influenciam na interpretação do original, são frequentemente formadas de antemão. Além disso, em muitos casos, a própria autoria ou o que o autor quis dizer é controverso, sendo os textos antigos um bom exemplo neste sentido. As obras de Aristóteles, os autores bíblicos, Snorri Sturluson, para citarmos apenas uns poucos, chegaram até nós por outras mãos. Muitas vezes, vários séculos, quando não milênios – como no caso aristotélico – podem ter transcorrido entre a composição do original e o manuscrito mais antigo preservado, e ninguém com um mínimo de juízo pretenderá afirmar que estes textos tenham chegado até nós exatamente como foram redigidos por seu autor original. Os filólogos podem até ter chegado, afinal, a um consenso quanto à edição “correta” daqueles textos, a qual, porém, nada mais é, mesmo em sua língua de partida, do que uma tradução intralinguística obtida com base na interpretação científica de materiais empíricos disponíveis, ou seja, são obra de cientistas, e não de seu “autor”.

3.1 Leitura enquanto interpretação

A interpretação textual tem início com a leitura ou outra forma de recepção, a qual pode ser tão intensa a ponto de inspirar outro texto. O leitor, de certa forma, coloca-se numa situação semelhante à do autor ao escrever o texto. O processo criativo do leitor consiste em sua tentativa de criar uma imagem do texto em sua mente, ajustando-o ao seu próprio marco ideológico e lutando para identificar o que o texto pretende de si. Caso o texto ofereça alguma ameaça à integridade ideológica do leitor, ele o rejeitará, mesmo que apenas em parte, ou então ajustará a sua malha ideológica de forma a dar conta dele.

O sentido do texto dificilmente é... Ele apenas começa a adquirir seu sentido quando recebido de alguma forma, e somente passa a exercer influência quando os indivíduos começam a falar dele ou então a mudar sua forma de pensar

e seu comportamento em virtude dele. Este nível de influência somente é exercido por uma quantidade restrita de textos, enquanto a maioria deles é apenas parte de um sistema textual mais amplo no âmbito de um sistema ideológico, o qual, por sua vez, não constitui uma totalidade lógica, mas cujo propósito e obstáculos refletem-se nos textos escritos em cada época⁴⁷. Porém, ao contrário dos sistemas textuais, as pessoas devem receber textos individuais como uma totalidade, caso pretendam entendê-los enquanto unidades textuais. Isto é melhor compreendido à luz de um exemplo: a Bíblia é um sistema textual que apenas uma minoria leu de ponta a ponta, mas tem, no entanto, um impacto muito maior do que este fato poderia indicar no sistema ideológico dos povos cristãos.

O único texto genuinamente ininteligível é o texto absolutamente ignorado e caído no ostracismo. Nisto, ele é equivalente ao texto jamais escrito. Na medida, porém, em que é lido, o texto adquire significado, um significado que não raro transcende o limitado âmbito da realidade vivenciada por seu leitor. É o significado que infunde vida num texto, o significado é a vida do texto, da mesma forma que é a vida do idioma, e seguirá vivo enquanto o texto continuar sendo lido. Em vista disso, é possível endossar as palavras de Guðbergur Bergsson quando ele afirma: “Conseguir induzir a mente de outros a interpretar e atribuir sentido é mais importante para uma obra literária do que saber o que teria levado o autor a publicá-la”⁴⁸. Um pouco antes, Guðbergur afirmara que a obra literária é “o duplo do escritor em forma de palavras, a lua que recebe a luz do sol da existência no universo daquele”⁴⁹ e, por conseguinte, intimamente ligado ao escritor enquanto pessoa.

Quiçá as pessoas escrevam apenas para manter vivos certos personagens, autores ou não autores, cf. os sonetos de Shakespeare, os quais, de fato, mantêm o nome dele mais em evidência do que as personagens que ele pretendia elogiar. Quiçá as pessoas leiam para conhecer essas personagens e, caso a obra seja boa, pode ser que venham a conhecer melhor os outros e a si mesmas, e é isso o que eu considero a verdadeira leitura, quando o leitor afinal chega a entender o texto completamente, identificando-se com ele de alguma forma. Essa identificação é indispensável para quem tencione traduzir uma obra literária da melhor forma possível, pois facilita a tarefa do tradutor, dando-lhe segurança para que ele possa dizer com as suas próprias palavras aquilo que entende.

47 Cf. Lefevere, p. 11-40.

48 Guðbergur Bergsson, p. 51.

49 *Ibid.*

3.2 Ao fim e ao cabo, traição?

Um batido lugar-comum – o adágio italiano *traduttore, traditore* – dá por favas contadas que o tradutor é o traidor do autor. Em vista disso, seria possível argumentar metaforicamente que o destino manifesto do tradutor talvez seja fazer as vezes de um Judas e trair o autor com um beijo, apresentando a este a desculpa de que, sem ele, da mesma forma que sem Judas, a obra jamais seria perfeita.

Porém, trata-se aqui de um equívoco. A traição ao autor só poderia se configurar na forma pela qual o tradutor realiza a sua tarefa. Agindo assim, ele também estaria traindo os próprios leitores. O autor e o tradutor precisam necessariamente convergir de alguma forma no espaço interpretativo, espaço que pode ser redefinido infinitas vezes. Cabe ao tradutor explorar este espaço interpretativo, armado de todo o conhecimento e de todas as ferramentas de apoio (eventualmente) ao seu dispor. Agindo desta forma, ele poderá dar fé, perante o autor e aos leitores, de ter agido com a fidelidade necessária para interpretar o texto corretamente como lhe correspondia.

Referências bibliográficas

- ÁSTRÁDUR EYSTEINSSON. “Mylluhjólíð. Um lestur og textatengsl.” *Tímarit Máls og menningar* [“O moinho. Leitura e intertextualidade”. *Revista Língua e Cultura*. Reykjavík], 4 (1993): 73-85.
- BENJAMIN, Walter. “Die Aufgabe des Übersetzers.” In: Störig, p. 156-169. [trad. bras.: a) “A Tarefa do Tradutor”. Trad. Dirce Riedel, Karlheinz Barck et al. In: *Cadernos do Mestrado/Literatura*. Vol. 1. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Instituto de Letras/UERJ, Editora da UERJ, 1994, p. v-xii. Trad. por um grupo de alunos de pós-graduação em Literatura Brasileira do Instituto de Letras da UERJ e rev. por Johannes Kretschmer. b) “A tarefa do tradutor”. Trad. Susana Kampff Lages. In: *Clássicos da teoria da tradução. Antologia bilingue. V. 1 – Alemão-português*. Org. Werner Heidermann. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2001, p. 211-2.] [trad. port.: a) “A tarefa do tradutor”. In: *Obras Escolhidas de Walter Benjamin*. Vol. 5. Trad. de João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, a publicar. b) “A tarefa do tradutor”. Trad. Fernando Camacho. In: *Humboldt*. München, F. Bruckmann, 19 (40): 38-45, 1979.] [trad. cast.: “La tarea del traductor”. In: Vega, p. 285-296.]
- Bíblia, það er heilög ritning. Ný þýðing úr frumálunum*. London/Reykjavík: British and Foreign Bible Society, 1919. [trad. isl. da Bíblia]
- Die Bibel, nach der Übersetzung Martin Luthers*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1985. [trad. al. da Bíblia]
- DERRIDA, Jacques. “Des Tours de Babel.” *A Derrida Reader. Between the Blinds*. Ed. e notas de Peggy Kamuf. Trad. ing. Joseph F. Graham. New York o.v.: Harvester & Wheatsheaf,

1991, 224-253. [trad. bras.: *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002]

EYJÓLFUR KJALAR EMILSSON. “Inngangur.” Í *Ríki Platóns*. 9-77. Reykjavík: Hið íslenska bókmenntafélag, 1991. [intr. à trad. isl. de *A República* de Platão publ. pela Sociedade Literária Islandesa]

GUDBERGUR BERGSSON. “Skáldasagnahöfundurinn og textinn. ‘Óttinn’ við textann.” *Tímarit Máls og menningar*. [“O escritor e o texto. O ‘medo’ do texto”. *Revista Língua e Cultura*], 1 (1993); 51-61.

HUMBOLDT, Wilhelm von. “Einleitung zu Agamemnon.” In: Störig, p. 71-96. [trad. bras.: “Introdução a Agamêmnon”. Trad. de Susana Kampff Lages. In: *Clássicos da teoria da tradução. Antologia Bilingue. Vol. 1 – Alemão-português*. Org. Werner Heidermann. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2001, p. 90-105].

JAKOBSON, Roman. “On Linguistic Aspects of Translation.” In: *On Translation*. Ed. Reuben A. Brower. 2. ed. (1959). New York, Oxford University Press, Galaxy, 1966, 232-239. [trad. bras.: “Aspectos linguísticos da tradução”. In: *Linguística e comunicação*. Pref. de Isidoro Blikstein. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 63-72.] [trad. cast.: “En torno a los aspectos lingüísticos de la traducción”. In: *Ensayos de lingüística general*. Barcelona, Planeta-Agostini, 1985, p. 67-77].

KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4. ed. rev. Heidelberg/Wiesbaden: Quelle und Meyer, 1992.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London e New York: Routledge, 1992.

LUTERO, Martinho. “Sendbrief vom Dolmetschen.” In: Störig, p. 14-32. [trad. bras.: a) “Carta aberta do doutor Martinho Lutero a respeito da Tradução e da Intercessão dos Santos”. Trad. Walter O. Schlupp. In: *Obras Seleccionadas [de] Martinho Lutero – vol. VIII: Interpretação bíblica*. Ed. Nestor Beck. Porto Alegre, Concórdia; São Leopoldo, Sinodal, 1995, p. 205-220. b) “Sendbrief vom Dolmetschen/Carta aberta sobre a tradução.” Trad. Mauri Furlan. In: *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia Bilingue. Vol. 4 – Renascimento*. Org. Mauri Furlan. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2006, p. 94-131] [trad. cast.: “Circular sobre la traducción”. In: Vega, p. 105-112].

NIDA, Eugene A. Taber, Charles R. *The theory and practice of translation*. Leida, E.J. Brill, 1969. [trad. cast. *La traducción: teoría y práctica*. Trad. e adapt. A. de la Fuente Adánez. Madrid: Cristiandad, 1986].

PLATÃO. *Ríkíð*. Trad. isl. Eyjólfur Kjalar Emilsson e Kristján Árnason. Reykjavík: Hið íslenska bókmenntafélag, 1991. [trad. isl. de *A República* de Platão publ. pela Sociedade Literária Islandesa].

REISS, Katharina. *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text*. Heidelberg, Max Niemeyer, 1976.

REISS, Katharina. VERMEER, Hans J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. 2. ed. Tübingen: Max Niemeyer, 1994. [trad. cast.: *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*. Trad. S. García Reina, C. Martín de León e H. Witte. Madri, Akal, 1996].

SCHREIBER, Michael. *Übersetzung und Bearbeitung. Zur Differenzierung und Abgrenzung des Übersetzungsbegriffs*. Tübingen, Narr, 1993.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. “Ueber die verschiedenen Methoden des Übersetzens.” In: Störig, p. 38-70. [trad. bras.: “Sobre os diferentes métodos de tradução”, trad. Margarete von Mühlen Poll. In: *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilingue. Vol. 1 – Alemão-português*. Org. Werner Heidermann. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Tradução, 2001]. [trad. port.: *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Apres., trad., notas e pref. J.M.M. Justo. Porto: Elementos Sudoeste, 2003]. [trad. cast.: “Sobre los diferentes métodos de traducir”. In: Vega, p. 224-235].

STOLZE, Radegundis. *Übersetzungstheorien. Eine Einführung*. Tübingen, Narr, 1994.

STÖRIG, Hans Joachim (Ed.). *Das Problem des Übersetzens*. Ed. Hans Joachim Störig. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.

VEGA, Miguel Ángel (Ed.). *Textos clásicos de teoría de la traducción*, Madrid: Cátedra, 1994.

De Estados Unidos, Reino Unido e Islândia ao Brasil: Um estudo tradutológico da *Prosa éddica* ao português

Thais Gomes Trindade¹

Resumo: *A partir de análises tradutológicas de cinco traduções à luz da teoria desconstrutivista, esse trabalho visa preencher a lacuna informativa quanto à chegada da Edda em prosa de Snorri às línguas lusófonas, provendo o público acadêmico ou não de informações detalhadas. O público pode ser provido de informações estilísticas e de conteúdo, enquanto ainda pretende-se apresentar possíveis novos mares à pesquisa ou produção acadêmica sobre o tema.*

Palavras-chave: *Prosa éddica, Snorri, português, estudo tradutológico.*

Estabelecendo o caminho a navegar

Usualmente as primeiras literaturas a se estabelecerem com uma cultura são mitológicas; narrativas a contar um tempo de criação do cosmos. Nota-se isso na cultura grega com textos primordiais que refletem essa tradição oral, como a *Iliada*. Porém, cabe notar que essa definição não se restringe a essa cultura, sendo frequente em outras, como a escandinava.

1 Thais Gomes Trindade é Mestre em Letras Estrangeiras e Tradução pela Universidade de São Paulo. Seu interesse de pesquisa volta-se à área de tradução, línguas e literatura. Teve um artigo publicado no Blog do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos em 2018 e apresentou seu então projeto de mestrado no VI Colóquio de Estudos Vikings e Escandinavos na Universidade Federal da Paraíba no mesmo ano. Tem dois artigos sobre tradução publicados: um pela revista *Revista Yanp* (2015) e outro pela revista *Rónai* (2014). Em 2015, durante um intercâmbio, contribuiu com um trabalho sobre literatura nórdica e Tolkien no Medieval Studies Student Association Colloquium da Universidade do Novo México. Colaborou por duas edições como revisora à revista *Yanp*.

O estabelecimento desta cultura se dá no começo do primeiro milênio após Cristo, período da Era de Ferro escandinava, iniciada por volta de 500-400. Daí se tem notícia das primeiras inscrições rúnicas, mas só no final do período entre 600-800, e com inúmeras relações com outros povos, as línguas escandinavas se estabeleceram.

Os reinos escandinavos se estabelecem entre os séculos IX e X, período em que a Islândia é colonizada. Durante esse período a mitologia nórdica é passada oralmente – uma tradição que, mesmo após a cristianização da Islândia, por volta do ano 1000, se manteve, preservando naquele lugar as histórias dos deuses nórdicos. As tradições orais escandinavas se mantiveram vivas com a escrita e outros registros feitos por cristãos. Tem-se notícia de narrativas éddicas em poesia, 35 poemas da Idade Média, que formam a conhecida “*Edda poética*”, registrada por volta de 1280.

No mesmo século, atribui-se ao homem público Snorri Sturluson a autoria da *Edda em prosa*, um registro da origem, da destruição e da reconstrução do cosmos a partir da mitologia nórdica, com a intenção de apresentar aos novos escaldos a origem das metáforas usadas por eles.

De mitologia como narrativas primordiais, a mitologia nórdica passou a influenciar novos estudos acadêmicos, novas criações literárias, cinematográficas e de outras artes, como a pintura, chegando a inspirar a apresentação de Thor, um deus, como super-herói pela companhia Marvel.

Suas releituras e menções feitas ao longo do tempo mostram como ainda é atual e interessante para um público bastante diverso. Mas, apesar do interesse pelo tema, poucos estudos são voltados a essa área que começa a se desenvolver no Brasil. Dessa forma, pouca informação se tem sobre traduções da *Edda* ao português.

Assim como a mitologia, traduções são antigas. Da Antiguidade à Contemporaneidade, diversas teorias tradutórias e estratégias foram vistas. A obra de Susan Bassnett-McGuire, *Translation Studies* (1988), é uma das mais importantes a discutir a área de estudos da tradução antes de sua organização como disciplina.

Essa discussão reconhece a tradução como produto que vem de uma interpretação feita de uma língua-fonte a uma língua-alvo com o propósito de aproximar ambas e manter a estrutura da língua-fonte o máximo possível, mas não a ponto de as estruturas da língua-alvo serem distorcidas (BASSNETT, 1988, p. 2). Por isso é necessário o reconhecimento de hábitos, culturas e contextos de uma comunidade como influenciadores de traduções, não apenas a língua ou a linguagem. Apesar

de alguns argumentarem pela impossibilidade da tradução, nota-se que traduções são sempre possíveis, mas, acima de tudo, frutos interpretativos.

Por séculos a ideia de **equivalência** em tradução passou por mudanças. O mesmo pode ser dito quanto às noções de **intraduzível**, **perda** e **ganho**. Porém, como afirmado por Bassnett (1988) e Arrojo (1986), a função da tradução não seria a de atingir a perfeição, mas de alinhar-se a um projeto criativo e interpretativo advindo do tradutor.

Apesar de haver desenvolvimento de traduções desde a Antiguidade, no que concerne o ato tradutório em si, somente no século XV aparecem as primeiras teorias. De John Dryden, no século XVII, vêm as descrições de tradução como **metáfrase** (palavra por palavra, linha a linha); **paráfrase** (sentido por sentido); e **imitação** (abandono da fonte em detrimento da intenção do tradutor) (BASSNETT, 1988, p. 60).

Do Período Vitoriano deriva a preocupação com **atualização** de um texto, com a aproximação de uma obra a seu público leitor levando em consideração seu lugar e tempo. A partir de então é dada maior atenção ao status, à funcionalidade e à sistematização acadêmica da tradução.

As propostas de Bassnett, em que mostra como nem tudo terá equivalente em uma língua, sendo necessário, certas vezes, se não muitas, ater-se às funções de um texto muito mais do que a “nomes”, nos direcionam a uma teoria desconstrutivista, como a de Arrojo (1986), que, diferentemente de Eugene Nida, não vê a tradução como um transporte de sentidos e significados entre duas línguas, ou representação fiel de um objeto estável, mas sim como um “palimpsesto”, “texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escrita (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo texto’” (p. 23-24).

Para Aubert (1994), o ponto de partida no que diz respeito à **fidelidade** na tradução deve ser a “mensagem efetiva”, apreendida pelo tradutor no ato de leitura, interpretação particular e individual, e um “compromisso de fidelidade com as expectativas, necessidades e possibilidades dos receptores finais” a partir de sua visão particular, não um mero transporte linguístico (p. 75-76). Fidelidade, para Aubert (1994), seria ainda a “busca e o estabelecimento de um locus de equilíbrio entre o centrífugo (a tendência à alteridade) e o centrípeto (a procura pela identidade)”, cabendo ao tradutor encontrar esse ponto de equilíbrio e expô-lo ao seu leitor a partir de sua intenção tradutória (p. 75-76). Isto é, Aubert (1994) argumenta por um balanço entre as forças de estrangeirização e domesticação.

Pela Teoria do Escopo (*Skopostheorie*), motivadora do funcionalismo, a tradução se estabelece pelo “propósito” comunicativo, agentes envolvidos na situação comunicativa e na situação em questão (NORD, 1997:1), advindo das discussões sobre “equivalência linguística”, que se prestava ao que devia ser “preservado” do texto original (NORD, 1997:7). Ao ponto que a “equivalência” se mostrava ineficiente a contextos em que a “compreensão” seria o propósito primeiro, Reiss desenvolve uma teoria focada na “relação funcional” entre originais e tradução (NORD, 1997:9). Isto é, adaptações de músicas de uma língua a peça teatral, em outra língua, seria um exemplo de como a função do texto-alvo seria mais importante à tradução do que necessariamente a equivalência cega ao original (NORD, 1997:9).

Esse desenvolvimento da teoria tradutória abre espaço à maior consideração do projeto tradutório em cada ato de tradução, seja por vias mais ou menos “estrangeirizantes”, isto é, a opção de adotar mais das qualidades e características da cultura ou língua-fonte ou de trazer o original o mais próximo possível à cultura-alvo. Essa escolha seria do tradutor.

Porém esses conceitos de **domesticação** e **estrangeirização**, são teorizados por Venuti (1995:20), respectivamente, como uma “redução do etnocentrismo de um texto estrangeiro aos valores culturais de uma língua-alvo, trazendo o autor para casa” e como uma “pressão de desvio ético àqueles valores [da língua/cultura-meta] para registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, levando o leitor ao estrangeiro”. Apesar de apresentar as duas possibilidades, critica a segunda pela contingência de produção de uma experiência de leitura “alienígena” na prática de afastamento dos “cânones literários domésticos” (VENUTI, 1995:20).

Ainda que, de acordo com Aubert (1994) e Nord (1997), a fidelidade e os projetos tradutórios sejam variáveis, não deixa de ser relevante a observação das dinâmicas que subjazem a esses processos, valendo-se esse trabalho das observações de Antoine Berman em “Translation and the trials of the foreign language” para o estudo tradutológico e o entendimento do impacto da tradução em cada ato. Berman propõe que a tradução pode ser entendida como o resultado de um trabalho de exposição de uma “estrangeiridade” de um texto a um “estrangeiro”, seja ele um leitor ou uma língua (BERMAN. Apud VENUTI, 2000, p. 284). Embora muitos teóricos vejam essa dinâmica com maus olhos, Berman vê a complexidade da tradução como “trial”, situação em que o “exilamento” do original de seu meio rumo a um outro, tanto linguístico quanto cultural, torna-se uma oportunidade de revelação da própria obra em questão, não apenas de distanciamento (BERMAN. Apud VENUTI, 2000, p. 284).

Porém, ao analisar essa dinâmica torna-se inegável a existência de certas tendências. Uma vez que Berman advoga uma tradução estrangeirizante, ele tenderá a avaliar as traduções pela sua estrangeiridade, ao que vê domesticações negativamente, dado o termo “tendências deformacionais”. Para Berman, seriam doze: “racionalização”, “clarificação”, “expansão”, “enobrecimento e popularização”, “empobrecimento qualitativo”, “empobrecimento quantitativo”, “destruição de ritmos”, “destruição de cadeias subjacentes de significação”, “destruição de padrões linguísticos”, “destruição de cadeias vernáculas ou sua exotização”, “destruição de expressões idiomáticas ou não” e “anulação da superimposição de línguas” (BERMAN. Apud VENUTI, 2000, p. 284). Essas tendências manifestar-se-ão, respectivamente, na alteração da pontuação e de sua influência sobre a tradução, na clarificação de termos ou expressões, sendo que ambos levam à expansão linguística do texto, que ainda pode ser acompanhada pelo enobrecimento ou pela popularização do estilo, no empobrecimento do tom ou da iconicidade em função dos termos ou das expressões adotados, no empobrecimento lexical advindo da expansão, na destruição do ritmo individual da obra independentemente de seu gênero, na destruição de cadeias de significado promovidas por certas escolhas paradigmáticas do texto, na destruição de padrões linguísticos, na destruição de expressões ou estruturas vernáculas, que ainda podem passar a “exótico” a depender das estratégias adotadas, na destruição de expressões idiomáticas ou não e na “anulação” da relação entre as línguas envolvidas (BERMAN Apud VENUTI, 2000, p. 288-297).

Vale ressaltar, porém, que alinhio minha análise às tendências desconstrutivistas e da Teoria do Escopo no que diz respeito a entender que cada tradutor terá um projeto diferente e, como tal, adotará uma postura domesticadora ou estrangeirizante, ao que não busco validar apenas uma. Porém, ao que diz respeito às tendências deformadoras, elas são formas válidas de avaliar como uma domesticação se dá em determinado contexto, ao que não deixarei de levá-la em consideração na minha análise. À luz dessas linhas teóricas, procurarei analisar como cada tradução da *Edda em prosa* ao português serviu a seus próprios propósitos e projetos particulares, avaliando estratégias, particularidades, desafios e benefícios ao público também dialogando com as **tendências deformacionais** de Berman. Nota-se que a origem dessa pesquisa remonta às reuniões e aulas de Mitologia Viking tidas no primeiro semestre de 2015 na University of New Mexico (UNM), Estados Unidos, e à intenção de divulgação e análise de traduções da *Edda em prosa* à língua portuguesa, uma pesquisa nascida sob a orientação do Professor John Lindow e continuada com o apoio do professor John Milton da Universidade de São Paulo (USP).

Essa análise tradutológica da *Edda* dar-se-á pela comparação das traduções em português com as traduções ao inglês de Anthony Faulkes (1995; 2012), alinhando-se com o material mais usado pelos tradutores estudados: as traduções inglesas. Vale notar que, como aponta Aubert (1994), “na tradução de textos cujos originais remontam a um ou mais séculos, manifestam-se diferenças diacrônicas marcantes, não apenas de natureza linguística, como também de natureza referencial, de visão de mundo”. Sabendo dessa singularidade, o anacronismo e a distância cultural, espacial e temporal, a presente análise não terá por finalidade sua problematização, mas sim o reconhecimento de cada projeto e suas contribuições aos leitores de língua portuguesa na busca por conhecimento da mitologia nórdica, relevando alguns anacronismos e se atendo à entrega de sentidos, mitos e cultura ao público leitor quando não se qualificarem quanto às **tendências deformacionais**. As traduções a serem analisadas são de 1993, por Marcelo Magalhães, 2008 e 2013, por Marcio Moreira, e de 2013 e 2014, por Artur Avelar. Não foram encontradas outras traduções, nem recentes e nem antigas, chegando a ter sido consultada a obra *Bibliography of the Eddas*, de Halldór Hermannsson (1920). Embora no início da pesquisa a tradução de Avelar (2013) estivesse disponível, mais recentemente essa obra tornou-se indisponível, tendo-se sido feito uso de exemplar obtido anteriormente a esse fato.

Mares de textos: conhecendo as *Eddas* de Snorri ao português

Marcelo Magalhães Lima

A primeira tradução da *Edda* de Snorri para o português data de 1993, impressa e publicada pela editora Numen, traduzida, apresentada e anotada por Marcelo Magalhães Lima. Em “Tradução e notação” tem-se a explicação das estratégias fonéticas utilizadas pelo tradutor. Embora suas explicações estratégicas possam levar o leitor a inferir que sua tradução tivesse sido feita do islandês antigo, a advertência “embora ciente das dificuldades que poderão ser encontradas por aqueles não versados em islandês antigo, optei por preservar a grafia dos nomes próprios encontrados na obra”, a ficha catalográfica indica ao leitor tratar-se de uma tradução feita a partir do inglês, “Tradução de: The Prose Edda of Snorri Sturluson (Snorraedda)” (LIMA, 1993, p. 23; 2).

Ainda na seção anteriormente citada o tradutor elenca os textos que utilizou como apoio, sendo eles: *The Prose Edda*, por J. I. Young (Berkeley-L.A.-London, 1954), *Textos*

Mitológicos de las Eddas, por Enrique Bernardez (Madrid, 1987) e *Snorra Edda*, por Eugen Mogk (Helsinki, 1854 [sic]). As traduções da *Edda* poética usadas como apoio principalmente para os poemas citados em *Gylfaginning*, posto que *Skáldskaparmál* traz apenas um trecho nesta edição, são as de F. Genzmer (Jena, 1912), L. Hollander (Texas, 1928), W. Ranisch (Leipzig, 1865), F. Jónsson (Halle, 1888) e A. Heusler (Estrasburgo, 1902). A tradução de Marcelo Magalhães contou ainda com o estudo da *Völuspá* de Eugen Mogk (Helsinki, 1854) [sic] e o estudo de Ivar Lindquist sobre *Háva Mál* (Lung, 1956). Nesse trecho da apresentação tradutória há três imprecisões. A primeira é a data de publicação da tradução de Eugen Mogk, nascido em 1854 – a publicação remontaria, na verdade, a 1924, conforme citado por John Lindow em *Norse Mythology: A Guide to Gods, Heroes, Rituals and Beliefs* (2001), e não a 1854, tendo-se a mesma incorreção quanto ao estudo de Mogk sobre a *Völuspá*. Outro detalhe que pode confundir o leitor é o da data de publicação da tradução de Wilhelm Ranisch, que corresponde a 1903, e não a 1856; por último, tem-se a separação do nome *Hávamál* em duas palavras.

Esta tradução de 1993 é formada por três seções: “Prólogo”, “Gylfaginning” e “Skáldskaparmál”, sendo que apenas as duas primeiras foram traduzidas integralmente. É, ainda, antecedida por introduções sobre os germanos e vikings, sobre a Islândia, sobre os autores das *Eddas*, sobre a *Edda em prosa* de Snorri Sturluson, sobre a influência cristã nos trechos éddicos, sobre o debate da origem do vocábulo “edda”, sobre a tradução e as notas, sobre a bibliografia, sobre as notas de pronúncia e sobre as abreviações dos poemas.

A tradução é acompanhada por notas explicativas de rodapé, através das quais o leitor pode encontrar versões diferentes para as histórias relacionadas às divindades e a seus mitos, entre outras informações, como a origem e as características de Njörd, que, segundo Lima, compartilha semelhanças com Nerthus (deusa apresentada por Tácito) no que diz respeito às suas ritualizações. Lima afirma que ambos provavelmente originam-se de uma mesma divindade hermafrodita indo-europeia (LIMA, 1993, p. 77, nota 53). Há notas sobre passagens supostamente adicionadas posteriormente à *Edda* de Snorri, como na página 59 – “Aqui encontramos uma contradição relevante entre o *Prólogo* e *Gylfaginning*. No primeiro Þórr é apresentado como o progenitor da estirpe divina e, no segundo, Óðinn. Hoje, porém, considera-se que o *Prólogo* dificilmente foi obra de Snorri e, sim, uma edição cristã posterior ao seu trabalho”. Além disso, Marcelo Magalhães permite ao leitor conhecer mais sobre a cultura nórdica por referências à mesma na *Edda*, por exemplo ao mencionar o arco e a flecha como utensílios comumente utilizados nessa comunidade. O tradutor também permite ao leitor conhecer as teorias que relacionam o surgimento dos substantivos para os dias da semana em algumas línguas em relação aos deuses mitológicos, como na nota 59 (Idem, 1993, p. 79), em que explica que *Friday* teria surgido de um epíteto de Frigg, *Freitag*, e não da divindade Freyja – “Erroneamente, o nome da deusa Freyja é considerado a origem do nome do sexto dia da semana em alemão moderno, *freitag*, e em inglês moderno, *friday*. A explicação correta, porém, é a de que esses estão relacionados ao nome Frija, epíteto da deusa Frigg, identificada com a deusa latina Vênus”.

Uma inadequação teórica é entender o nome de Loki como derivado de fogo em islandês, *lopt*, por extensão, deus do fogo. Embora Magalhães afirme isso com base na teoria de H. Fischer, segundo John Lindow, em reuniões acadêmicas sobre esta pesquisa (2015), não haveria evidência para sustentar o argumento (LIMA, 1958, p. 8). Johnni Langer (2015, p. 281), por outro lado, aponta a etimologia do nome como discutível, mas impassível de consenso quanto a seu significado.

Segundo Magalhães, Skáldskaparmál consistiria apenas de passagens mitológicas, seguindo a tradição tradutória do referido texto (LIMA, 1993, p. 20). Não se sabe, porém, a que tradição tradutória estaria referindo-se, uma vez que a obra de J. I. Young (1954), utilizada por Magalhães, vai mais longe que a do último, alcançando o trecho em que o *kenning* de Hiadnings é explicado como referente a “batalha” e originário da história do Rei Hogni, estendendo-se ao trecho em que é dito que Bragi compôs versos sobre o tema: “*The poet Bragi composed a poem on this story in the Lay of Ragnar Shaggy-Breeks*” (YOUNG, 1954, p. 122). A tradução de Magalhães, por sua vez, não chega até esse trecho, terminando no evento em que o anão costura a boca de Loki com a correia Vartari (LIMA, 1993, p. 154). Além disso, a única incoerência grave é a de Gunnlöð, a gigante, ser apresentada como irmã de Suttung, quando se trata, no mito, de pai e filha.

As ilustrações presentes após a tradução são o mapa TO, o mapa da Escandinávia de acordo com os Vikings, o mapa da Germânia segundo Tacitus, o mapa das expedições Vikings e um mapa da Islândia. Todas as referências desses materiais estão listadas e explicadas ao fim da última. Não há índice; há um glossário, porém. Este traz nomes, substantivos e seus significados, como Freyia e seu significado “senhora” (Idem, 1993, p. 168). Alguns nomes são omitidos, como Frigg.

Linguisticamente, o trabalho tradutório é rico, constituindo-se numa tradução acadêmica – entenda-se esta por tradução feita por estudante da área ou acadêmico, com fundamento literário e/ou cuidado de pesquisa – que tem muito a acrescentar ao conhecimento do leitor. A leitura é fluida e instrutiva, e mínimas são as inadequações que podem prejudicar o entendimento e conhecimento da mitologia nórdica pelo leitor. Não há **tendências deformacionais** sistemáticas e o trabalho não é marcado por erros **de** tradução, originários de falhas no domínio de técnicas tradutórias, havendo apenas escassos erros **na** tradução – ortográficos, semânticos, morfossintáticos ou de conteúdo (AUBERT, 1994, p. 28).

Acerca da ortografia utilizada para os nomes próprios e para outros vocábulos em Nórdico Antigo, Marcelo Magalhães opta pela **estrangeirização** – termo advindo das teorias tradutórias de Lawrence Venuti (1995) –, a estratégia de utilizar informações da cultura-fonte na cultura-alvo, quebrando as convenções desta, a fim de preservar sentidos da primeira, nesse caso específico ao apresentar os nomes próprios e topônimos, entre outros vocábulos, de maneira próxima, quando não idêntica, ao nórdico antigo, permitindo ao leitor conhecer Odin, Thor e companhia através de uma grafia não aportuguesada – Óðinn, Baldr, Þórr. Essa postura demonstrou fidelidade do tradutor ao seu projeto de

interação dos lusófonos no que diz respeito às grafias de nomes próprios em Nórdico Antigo. Entre as adaptações fonéticas que faz, há a de substituir *q* por *ö*, como em Skjöld (LIMA, 1993, p. 40) e Valhöll.

Quanto à marcação de diálogos, esta é feita pelo uso de travessões e espaços no discurso direto, aproximando a forma da tradução à sua correspondente na cultura literária de língua portuguesa, o que poderia ser entendido como uma domesticação segundo a teoria bermaniana.

Marcio Alessandro Moreira

De 2008 a 2010, Marcio Alessandro Moreira, um interessado pela mitologia e cultura nórdica, traduziu três seções da *Edda em prosa*: Gylfaginning, Skáldskaparmál e Nafnaþulur, disponibilizando-as em rede no blog Nibelung's Alliance, sendo este referente ao compartilhamento de materiais e conhecimento da mitologia nórdica, principalmente com fins religiosos. Não há menção das referências bibliográficas utilizadas para essa tradução, nem da língua do original utilizado. A tradução é eletrônica, não tendo sido impressa nem constituído livro, mas arquivos com o nome de diferentes seções da *Edda*: “Gylfaginning” (2008), “Nafnaþulur” (2009 – 01-26) e “Skáldskaparmál” (2009), este último dividido em arquivos menores (01-04; 11; 12-23; 24-25; 26; 27-30, 40-43).

Em entrevista virtual por e-mail, concedida no segundo semestre de 2015, Moreira afirmou que esta tradução teria sido feita diretamente do islandês com traduções do inglês usadas como apoio, porém não foram citadas referências. Apesar de haver uma preocupação com a fidelidade tradutória, “Tentei manter-me fiel na tradução e em preservar os nomes originais” (MOREIRA, 2008, 2009, 2010), não são dadas referências ao leitor quanto ao original. Por este contato eletrônico com o tradutor foi possível conhecer a sua nova tradução, datada de 2013. Esta é formada por “Edda em prosa: Prólogo e Gylfaginning” (2008, 2013), “Skáldskaparmál” (2009, 2010, 2011, 2013) e “Nafnaþulur” (2009, 2013 – dividido conforme a versão anterior). Tendo conhecimento de que a segunda tradução teria sido recriada mais recentemente, podendo haver algumas alterações consideráveis em relação à primeira tradução, a análise do trabalho de Marcio Moreira partirá principalmente, mas não exclusivamente, dessa tradução mais recente, em que o tradutor atesta que sua tradução “não visa nenhum tipo de lucro, apenas divulgar a religião e mitologia nórdica”, com a mais antiga (MOREIRA, 2013), e também da análise de trechos intercalados entre uma e outra tradução.

Antes do “Prólogo”, que não consta da primeira tradução (2008), Moreira diz ser esta a parte inicial da *Edda* de Snorri, parte que explicaria “a origem da mitologia nórdica através do everismo da igreja [sic]”. Assim como Marcelo Magalhães e o próximo tradutor a ter suas obras analisadas, Artur Avelar, Moreira relata o fato de alguns pesquisadores acreditarem ser esse trecho uma edição tardia à obra de Snorri, hipótese não descartável.

O tradutor menciona o uso do Códex Regius GKS 230744to (Konungsbók), do Códex Wormianus (Ormsbók ou Wormsbók), do Códex Upsaliensis (Uppsalabók) e do Códex Traiectinus (Trekartabók) (MOREIRA, 2013).

Nesse Prólogo (2013) notam-se usos incoerentes da crase e inadequação de alguns tempos verbais que podem tornar a leitura menos fluida ou menos prazerosa a um leitor exigente.

Há resumos do Prólogo e de suas partes logo após a tradução. Nele tem-se informações acerca do significado de “spákona” e “spadómr”, (Idem, P2013, p. 7), respectivamente, “profetisa” e “dom da profecia” (Idem, P2013, p. 13). Esse resumo se apresenta como adendo do tradutor válido a seu público na busca de explicação sobre vocábulos do nórdico antigo, seus significados e personagens de referência. Outra explicação que aparece entre os resumos traz uma anotação incoerente do tradutor, que afirma que “o autor do prólogo parece ter se confundido em alguns trechos”, pois, conforme o Professor John Lindow em aulas ministradas no primeiro semestre de 2015, na matéria Mitologia Viking, na UNM, sabe-se que havia mais de uma versão para os mitos, que foram transmitidos oralmente, dando assim origem a variantes que poderiam explicar possíveis diferenças míticas da *Edda* de Snorri em relação à *Edda poética*. Apesar destes detalhes, por vezes presentes em outras seções, e ainda conforme Aubert (1994, p. 82), nenhuma destas falhas podem ser consideradas “**de** tradução”, ou seja, relacionadas à capacidade de traduzir e lidar com estratégias tradutórias, sendo, na verdade, falhas “**na** tradução”, de conhecimento ou informação.

Cabe notar que a *Edda* também não data de 1220/2, conforme Moreira, mas de cerca de 1325. As perguntas e hipóteses levantadas pelo autor confirmam sua intenção de estabelecer um diálogo sobre a mitologia, mas também certa falta de embasamento teórico para tanto, exemplificada pelo questionamento em que pergunta “da onde o autor tirou” certos fatos, como a adoção do nome Njörd por Odin (MOREIRA, G2013, p. 9).

De Gylfaginning, comenta que “Snorri parece ter conhecido os poemas da *Edda* poética, porém ele se confunde nas sequências de algumas estrofes e outras aparecem levemente diferentes” (Idem, G2013, p. 14), trazendo, conforme dito anteriormente, comentários não relacionados às teorias e aos estudos que, a partir de evidências, afirmam que Snorri teria conhecimento desses poemas, mas, talvez por influência da tradição oral e variável, teria conhecido e utilizado determinadas versões dos mitos em detrimento de outras.

Embora ainda haja inadequações quanto à concordância, que trazem prejuízo à estilística tradutória, muito comum entre traduções sem apoio editorial, cabe enfatizar o fato de que poucos casos interferem no entendimento do texto. Um exemplo que não causa dificuldade interpretativa é “Essa parte do Ginnungagap que ia em direção ao norte ficou cheio de gelo [sic]” (Idem, G2013, p. 16), em que por concordância deveríamos adotar “cheia”; no uso do pronome “ti” por “te” em alguns contextos (Idem, PG2013, p. 28) e do verbo ir no passado no lugar do pretérito do futuro em “e os ventos iram

então se tornando selvagens e raivosos” (MOREIRA, G2013, p. 20) [grifo nosso], que reiteram a noção de que as falhas apresentadas estariam “**na**”, não sendo “**da**” tradução, do ato de traduzir.

Os diálogos são marcados por aspas duplas, não por travessão, como seria o costume no português do Brasil, de certa forma criando **estrangeirização** em todas as versões, pois passa a trazer ao leitor brasileiro a forma de marcação de diálogo mais comum à literatura em questão. O tradutor também opta pela **estrangeirização** em outros casos, aparentemente na tentativa de aproximar o leitor da cultura apresentada, de colocá-lo em contato com a cultura nórdica e com um pouco de sua língua. Assim, os nomes são escritos de acordo com o alfabeto, a fonética e a grafia originais, como em Þórr, e abundam os verbetes não **domesticados**, como “örlög dos homens” no sentido de “destino dos homens” – “destinies of men” (MOREIRA, G2013, p. 21; FAULKES, 1995, p. 16). Nisso nota-se a sua tentativa de trazer o leitor brasileiro ao estrangeiro, se familiarizando com fonética, ortografia e vocábulos estrangeiros. Sobre a utilização dos nomes das personagens de acordo com a fonética do islandês, adota tanto þ quanto ð.

Apesar de o tradutor apresentar os significados dos verbetes e explicações referentes aos nomes citados apenas no final do arquivo, sem ordem numérica que norteie o leitor no início do arquivo e sem qualquer indicação quanto à existência deste índice ao fim do texto, os leitores poderão adquirir conhecimento através dessa estratégia tradutória, em uma tradução que assim se esquia das deformações de **expansão** ou **clarificação** no texto, que se dariam por adicionar parênteses ou apostos no texto-alvo a fim de clarificar tais expressões.

No final de sua tradução são apresentadas as notas referentes a cada capítulo. Na nota referente ao capítulo 3, o tradutor diz ser a visão de Snorri sobre Hel influenciada pelo cristianismo (MOREIRA, G2013), porém isso não é confirmado pela obra *Norse Mythology: a Guide to Gods, Heroes, Rituals and Beliefs* (LINDOW, 2001, p. 172-173). Já o *Dicionário de Mitologia Nórdica*, de organização de Johnni Langer (2015, p. 242-243), afirma a existência do mito antes do cristianismo, mas também menciona a visão cristianizada de Snorri, próxima do Inferno em termos estéticos, porém não funcionais, uma vez que não se trata de um lugar de punição, mas de descanso. As notas das aulas ministradas por John Lindow compartilham da ideia de Hel ser um lugar de descanso aos mortos, e não de punição, tendo sentido de “túmulo”, que com o tempo foi sendo personificado, dando origem a “Hel”, a filha de Loki. A criação não teria influência cristã, e, portanto, não poderia tratar-se de um lugar de descanso para todos nem de punição, uma vez que os mortos eram enviados a Hel de acordo com o tipo de morte que os acometera.

Moreira interpreta a *Prosa éddica* literalmente quando diz, na nota 9 do capítulo 9, que ou “ela [Frigg] tinha outros filhos que não são recordados ou ela era mãe no sentido de ser carinhosa” (G2013, p. 56), posto que se pode entender que por sua relação com Odin ela passa a ser mãe de todos – um caso de extensão.

A nota do capítulo 19 indaga sobre as origens de Sumarr e Vetr, porém eles são personificação do Verão e do Inverno na *Edda*, representando necessariamente uma raça – Moreira acredita serem eles, respectivamente, um dos *Æsir* e um dos gigantes. Essa interpretação vem do significado de ambos, “Sumarr” – o ameno sul, “Vetr” – o de coração frio. Sabe-se que os gigantes são representados comumente em relação às montanhas e ao gelo, ao que essa interpretação poderia ser atribuída.

É um equívoco Moreira afirmar que Saxo Grammaticus tenha se confundido quanto ao mito de Loki no Ragnarök, no Capítulo 50, pois, como dito anteriormente, havia mais de uma versão aos mitos.

Na nota do Capítulo 51 o tradutor contesta o mito de várias formas, entre elas duvidando do poder de Bifröst diante de seu fim em Ragnarök, porém, como dito nas *Eddas* e exposto por teóricos como John Lindow, nada poderia poupar os deuses de seus destinos. Por extensão, Fenrir não tem como ser libertado pelo terremoto de Loki, Bifröst pode ser atravessada pelos gigantes na data do Ragnarök e é apenas neste evento que Ásgard pode ser invadida. Ao contrário do que afirma, não se trataria de simulacros para desacreditar o paganismo, mas de símbolos da fatalidade do destino na mitologia – uma ideia compartilhada pelas personagens na série *Vikings*, em que com frequência personagens falam sobre destino. O mesmo pode ser dito da nota 54: os deuses nórdicos não usariam nomes do passado para enganar os homens, mas porque os teriam recebido em função das viagens a diferentes reinos.

As referências dos capítulos 6, 9, 10, 11, 15, 16, 23, 32, 35, 36, 43, 44, 46, 48, 50 e 51 não foram avaliadas pela presente autora por falta de materiais de referência. As demais notas não trazem prejuízo ao entendimento ou informações que possam levar a equivocada interpretação. A presente autora também se absteve da análise de referências topográficas, dada a sua relação com os textos literários éddicos mais do que entendimento geográfico.

A seguir vem o índice alfabético de personagens e depois as citações poéticas da *Edda em prosa* por capítulo. O índice de personagens traz Fjörgvin/Fjörgun (FAULKES, 2012, p. 312) como Fjörgvynn (MOREIRA, G2013, p. 69). Fulla é dita “criada de Frigg” (Idem, G2013, p. 69); Hoddmímir, que Faulkes diz ser o nome de um gigante ou um *kenning* para homem bondoso, é traduzido como “um bosque que protegerá os humanos do Ragnarök” (MOREIRA, G2013, p. 71). Nota-se que Moreira, como parte da literatura em mitologia nórdica, considera Mímir um gigante (G2013, p. 72).

Na segunda versão do *Skáldskaparmál* (2009, 2010, 2011, 2013), Marcio Moreira apresenta essa seção como a “Linguagem da Poesia” e terceira parte da *Edda em prosa*. Sua compilação omite certos trechos, suprimidos por conta da intenção de manter apenas os trechos mitológicos, objetivo próximo ao de Lima, ainda que tenham alcançado trechos diferentes.

A tradução da listagem dos nomes se atém à vigésima sexta parte, que alcança Nípt e Dísir, não se estendendo até outras listas de nomes uma vez que tem por objetivo listar fatos apenas sobre os Poderes. O tradutor introduz sua nota dizendo ser esta

“uma listagem poética de várias categorias sobre os Deuses, os Jötnar (‘Gigantes’), as Trollkonur (‘Fêmeas Trolls’) e outros seres” (MOREIRA, N2013, p. 1). De fato, eles serão listados, mas além deles, outros também serão – haja vista que a proposta de Snorri era a de listar os nomes referenciais para o uso poético dos escaldos, havendo uma listagem de nomes para cada referente.

Em “desejo nomear” (MOREIRA, N2013, p. 4) há um erro de pessoa, posto que se trataria, na verdade, do plural “We wish to name” (FAULKES, 1995, p. 156). Na listagem dos Æsir, após “Heimdall e Sæming” (Idem, 1995, p. 156), Marcio Moreira adiciona Höðr e Bragi (N2013, p. 4). Vingrip (FAULKES, 1995, p. 157) é apresentado como Víðgrípr (MOREIRA, N2013, p. 4) e Grimling (FAULKES, 1995, p. 157) como Gilligr (MOREIRA, N2013, p. 5).

Quanto a excertos marcantes da tradução, seja por conta das estratégias utilizadas ou de trechos relacionados à recepção por parte do leitor, temos as seguintes considerações a fazer.

Da quarta página do “Prólogo”, ao traduzir “the same earth, sun” (FAULKES, 1995, p. 2), Moreira interpreta “sun”, desta seção, como a divindade de Gylfaginning, apesar de considerá-la uma adição posterior à *Edda*. Dessa forma, Moreira traduz o trecho anterior como “desde que existia a terra e Sól”. Isso ocorre novamente no trecho em que cita o brilho do sol, “the shining of the sun” (Idem, 1995, p. 2), como “o brilho da Sól”, interpretando o fato como a apresentação da divindade, não apenas do astro solar, de certa deixando o original “revelar-se” na tradução, conforme as ideias apresentadas por Berman (2000).

A segunda parte do “Prólogo”, “Como o mundo se dividiu em três partes”, é parte constante apenas em sua tradução, ausente na de Faulkes, Magalhães e Avelar (MOREIRA, P2013, p. 5).

Nessa tradução, a mais recente, optou-se por traduzir a “ark” de Bergelmir (FAULKES, 1995, p. 11) como moinho, não arca, promovendo, de acordo com a teoria bermaniana, que preza pela estrangeirização, o empobrecimento de **cadeias subjacentes de significação**, como a da relação dos funerais vikings a arcas e barcos, perdida nessa estratégia tradutória de Moreira, enquanto na primeira versão (G2008) essa concepção é trazida pelo referente “barco”. Ainda assim é possível observar que há outro mito em que o referente é o moinho do mundo, Grótti, em que Ymir e Bergelmir são colocados e onde seus cadáveres são triturados, conforme comentário do editor, ainda que não seja na *Edda em prosa*, ao que uma outra abordagem teórica poderia entender como enriquecimento de **cadeias subjacentes de significação**. Assim, no poema que acompanha esse evento, Marcio Moreira (G2013, p. 18) traduz “quando o sábio Jötunn / foi colocado em um moinho” para “when that wise giant was laid on a box” (FAULKES, 1995, p. 11), trecho que se refere metaforicamente à morte de Ymir, que foi “deitado numa caixa”, não à escapada de Bergelmir.

Moreira (G2013, p. 19) traduz “eyelashes” de Ymir (FAULKES, 1995, p. 12-13) como “sobrancelhas do Jötunn Ymir”. Porém, “Bald’s eyelash” (Idem, 1995, p. 23), “cílio

de Baldr”, em outro contexto é traduzido como “pálpebra”: “uma flor tão branca que foi assim chamada depois da pálpebra de Baldr” (MOREIRA, G2013, p. 28). Ainda traduz “isso é feito sem ilusão” (Idem, G2013, p. 33) num contexto em que seria mais adequado o uso da expressão “de boa fé”, o que pode levar o leitor a uma interpretação do contexto como mágico, referindo-se à magia ou à ilusão, ao invés de propor o sentido de honestidade, o que faz com que se percam cadeias **subjacentes de significação** relacionadas a tratos e acordos.

Ao falar dos Æsir, ele diz serem tod(as) as divindades: “e eles são todas as divindades” (MOREIRA, G2013, p. 19), mas essa estratégia pode levar o leitor a erro ao afirmar serem os Æsir tod(as) as divindades, como se fossem a única totalidade divina, quando ainda há os Vanir. Isto é, traria menos ambiguidade interpretativa afirmar “eles todos são divindades”, um caso de erro na tradução.

Ao tratar dos eventos da construção da fortaleza de Midgard é dito que os Æsir “bateram em Loki” (Idem, G2013, p. 38), quando na verdade eles ameaçaram bater em Loki – “they offered to attack” (FAULKES, 1995, p. 36) –, o que gera a ideia de uma simples possibilidade, que na primeira versão tradutória de Moreira também não é considerada, tendo-se “Loki foi então agredido” (G2008, p. 26).

No evento de Skrímir é posto que este “os encontrou [Thor, Loki, Thialfi e Roskva] debaixo de um grande carvalho” (MOREIRA, G2013, p. 41), porém estes encontram um grande carvalho como abrigo, não como um ponto de encontro. Quanto a esse evento, nas duas versões nota-se uma sintaxe estranha ao português, motivada pela tradução literal, no seguinte trecho: “Então Skrímir pegou e soltou sua bolsa de provisões” (segunda versão) e “Skrímir pegou e soltou sua bolsa de provisões” (primeira versão), que teria uma fluência mais natural se trouxesse “Skrímir então pegou sua bolsa de provisões e soltou-a”. A primeira versão parece menos fluida, também, no trecho em que fala do insucesso de Thor quanto a soltar o nó da bolsa de provisões de Skrímir, em que tem-se “Mas, porém, incrível que pareça em dizer, ele não teve sucesso em soltar nenhum nó, nem para soltar ainda um pouco do primeiro” (MOREIRA, G2008, p. 29), em oposição à segunda versão, em que temos “mas por incrível que pareça em dizer, ele não teve sucesso em desamarrar nenhum nó e nem mover a extremidade da tira de couro, de modo a torná-lo menos apertado do que já era” (Idem, G2013, p. 41), posto que explica-se que nem mesmo a extremidade do nó fora mexida em oposição à primeira versão, que sugere que o saco teria mais de um nó.

No trecho que trata do evento em que Thor arremessa Mjölir contra Skrímir, a primeira versão mostra-se incompleta em oposição à segunda e à tradução de Faulkes: “e bateu no lado de uma de suas têmporas” (Idem, G2008, p. 29); “bateu no lado de uma de suas têmporas, que estava voltada para cima. Então o martelo afundou até o cabo” (Idem, G2013, p. 41); “and he [Thor] got up and ran at him, swung the hammer with all his might and struck at the temple that was facing upwards. Then the hammer sank in up to the handle” (FAULKES, 1995, p. 40). Nota-se que não só pela supressão da segunda

frase na primeira versão a segunda se assemelha mais à tradução de Faulkes, mas também pelas descrições mais detalhadas do evento e de suas consequências, o que contribui à manutenção do tom e do ritmo da *Prosa de Snorri*.

Há outra diferença entre as versões no trecho sobre a despedida de Thor e Skrímir, sendo que a primeira versão afirma que os Æsir não desejou boa sorte ao segundo, enquanto a segunda relata a falta de fé num possível reencontro feliz: “depois daquele momento os Æsir não o desejou boa sorte” (MOREIRA, G2008, p. 30); “não há relato, que os Æsir expressaram esperança para um feliz encontro” (Idem, G2013, p. 42). Nota-se também a incoerência de concordância na primeira versão, em “os Æsir não desejou”, e a incoerência em separar “não há relato” de seu complemento “que os Æsir” na segunda versão. Vale notar, porém, que a segunda se aproxima da versão de Faulkes, em que é dito que não foi expressada esperança de uma feliz reunião, e ambas traduzem o evento não de forma literal, palavra por palavra, mas sentido por sentido, através de uma metáfrase, conforme o termo empregado por John Dryden: “there is no report that the Æsir expressed hope for a happy reunion” (DRYDEN apud BASSNETT, 1988; FAULKES, 1995, p. 40).

A palavra “contesto” (MOREIRA, G2008, p. 31; idem, 2013, p. 43) mostra-se como tradução fonética do inglês, “contest”, porém sendo ineficaz no ponto de não ser a usual, talvez desconhecida ao público. No contexto de uso no português, poderia optar-se por torneio ou competição. Embora essa criação fosse aceita em alguns contextos, na tradução de uma obra com objetivo **metafrástico** e ao início dos estudos da mitologia, como esta, não se aplicaria, de todo modo, uma estrangeirização terceirizada.

Nas traduções de Marcio Moreira o povo, “people”, (FAULKES, 1995, p. 44), de Utgarð-Loki, é traduzido como “capangas” (MOREIRA, G2008, p. 31) e “servos” (Idem, G2013, p. 44). Esse uso de “capangas” traz ao imaginário da mitologia nórdica uma **domesticação** própria do imaginário brasileiro, advindo de contextos como o cangaço e o coronelismo, o que de certa forma passa a dialogar com as **tendências deformacionais** por se utilizar de um referente regional que promove a desintegração de cadeias de sentido subjacentes advindas do original.

Na ocorrência do aparecimento do nome completo de Loki, Moreira opta pela **estrangeirização**, apresentando-o na forma islandesa “Loki Laufeyjarson” em ambas traduções, sendo que o segundo nome é o sobrenome que indica a linha patriarcal/matriarcal da pessoa. Porém, no evento da morte de Baldr, a versão de 2008 traz “Loki Laufeyjarson”, enquanto a versão de 2013 apresenta ao leitor “Loki, o filho de Laufey”. Nessa mudança nota-se a intenção de **domesticar** o que outrora deixara na forma **estrangeirizada**, mostrando haver uma maior preocupação com o entendimento das linhas familiares e nomes, ao mesmo tempo em que se vale da **expansão** de significado.

A segunda versão parece mais fluida linguisticamente, mais natural e coerente, sendo que no evento sobre o lobo e as correntes, mostra que “eles levaram a fita que estava fixada nessa corrente” – havia essa fita na corrente, não o inverso, como dito na

primeira versão: “eles pegaram a corrente que estava fixada nessa fita”, trecho solucionado pelo tradutor com recurso à **racionalização**, ou seja, clarificação do texto original com adição na tradução.

Na primeira tradução, o trecho “tentador da mente (Þórr)” pode levar o leitor a erro, fazendo com que creia que Thor seria o tentador da mente, quando na verdade Loki tenta a Thor, e não o contrário, o que passa uma ideia errônea sobre as personagens mitológicas em questão.

No trecho do evento da luta de Thor contra o gigante, Moreira traduz o nome do martelo usado por este como Mjöllnir, “com o fácil esmagador (Mjöllnir)” (G2008, p. 26), porém o artefato usado pertence a Grid e não tem este nome, o que caracteriza uma possível falha problemática à apresentação da mitologia a novos leitores e gera uma disposição errônea de cadeias de significados, pois aqui trata-se do bastão de Gríðr.

O trecho da segunda versão, “Aqui é relatado isso, quando Skaði deixou Njörðr, como foi escrito antes”, é suprimido na versão mais antiga. Alguns dos parênteses explicatórios também não constam.

Quanto à primeira tradução, o “Gylfaginning” (2008) não é acompanhado do “Prólogo”, mas parte da ilusão de Gylfi e termina no evento de Loki e Syf, cabelos de ouro. A seguir vêm as notas. Os resumos dos capítulos trazem reflexões, mais do que discussões acadêmicas, por exemplo ao basear-se na idade dos manuscritos para atribuir veracidade aos relatos da *Edda*. Sua Skáldskaparmál é formada pelos trechos 01-04, 11, 12-23, 24-25, 26, 27-30 e 40-43. Seguem as referências de citações poéticas do Skáldskaparmál por ordem de aparecimento, sendo que, na seção 25, Moreira diz não haver as passagens de Haustlong (MOREIRA, S2008, p. 3) no *Uppsala Edda*, mas trata-se de informação errônea quando se consulta a edição da *Uppsala Edda* editada por Pálsson, tanto que essa omissão se verifica apenas na primeira tradução, não na segunda. Essa supressão também se repete na seção 30. Erros gramaticais ou linguísticos encontrados nas outras seções também aparecem nessa versão, como em “soprara” e “golpeará” sem acento (Idem, 2009, 2010, 2011, 2013, p. 5).

Essa versão apresenta traduções dos termos estrangeiros utilizados, como Álf, Álfar, Áss, Æsir, Ásynja, Ásynjur, Bergrisi, Bergrisar, Dvergr, Dvergar, Gýgr, Gýgjur, Hrímpursar, Jötunn, Jötnar, Norn, Nornir, Regin, Þurs e Þursar. Não há resumo de capítulos nem de versos; não há índice poético, mas ambas traduções contribuem para um conhecimento inicial da matéria, que pode ser incompleto ou incorreto em alguns pontos, mas de forma geral tem mais a contribuir ao leitor do que o inverso.

Algumas particularidades de ambas traduções ainda são notadas, sendo apresentadas na tabela a seguir à luz da tradução de Faulkes e acompanhadas por comentários relativos à análise da tradução.

Tradução de Moreira	Tradução de Faulkes	Comentários
“Na velhice, Noé dividiu o mundo (...) Senaar ” (P2013, p. 4)	“which was called 'Troy” (1995, p. 3)	Troia é então traduzido por “Senaar”.
“que ele dificilmente pode ver até o topo” (P2013, p. 14)		No excerto, o tradutor opta pelo uso do verbo poder no presente, entretanto, no contexto, seria necessário o uso do mesmo no passado.
“E de um passo adiante” (G2013, p. 15)		No trecho há falta de acento, “E dê um passo adiante”, por tratar-se de um comando de Hárr a Gylfi.
“Höll” (G2013) “Veg” (G2013)	“Boll” (1995, p. 34) “Holl” (2012)	
“Vegsvinn” (G2013, p. 37)	“Svinn” (1995, p. 34) “Veglun” (2012)	
“prostituição” (G2013)	“depravity” (1995, p. 53)	
“vem à / segunda aflição” (G2013)		Constitui incoerência, posto que aqui trata-se de uma inversão sintática, em que a ação é da “segunda aflição”, e não de outrem a dirigir-se a ela, devendo-se ter “vem a / segunda aflição”.
“do céu muda / as estrelas brilhantes ” (G2013, p. 52),	“vanish” (1995, p. 55)	
“ se encontraram ” (G2013, p. 52)	“shall wade” (1995, p. 56)	Falha ortográfica, sendo o correto: encontrarão.
“runas” (G2013)	“discuss their mysteries” (1995, p. 56)	No caso, nota-se que Moreira interpretou tais mistérios como referentes às runas, mas estes também poderiam ser entendidos de forma mais abrangente como o poder dos Æsir na totalidade.
“Gjallarhorn” (G2013) “Gjall” (idem)		Nota-se mudança dos termos entre as versões.
“Gefjun” (G2008)	“Gefjan” (1995)	
“todos os tolos” (G2013, p. 24) “tolos macacos” (G2008, p. 12)	“any old fool” (1995, p. 19)	
“Býleistr” (G2013) “Býleist” (G2008)	“Býleistr” (2012)	

“Narfi e Nari” (G2013) “Narvi, Nari ou Narfi” (G2008)	“Nari”, “Narfi” (1995)	
“cidade” (G2013) “instalação” (G2008)		A primeira versão trata do reino de Odin como cidade, a segunda como instalação.
“Þjálfr” (G2013, p. 42; G2008, p. 30)	“Þjálfi” (2012)	
“Himinhjóðr” (G2013, p. 45) “Himinhjótr” (G2008, p. 34)	“Himinhjótr” (2012)	
“fundo do mar circulando o oceano” (G2013, p. 46) “circulando a terra” (G2008, p. 34)	“lies in the encircling sea” (1995, p. 47)	Sobre Jormungandr, a serpente de Midgard.
“Como é dito” (G2013) “Se todas as coisas” (G2008)	“And if all things in the world” (1995, p. 50)	O trecho do discurso de Hel sobre a morte de Baldr assemelha-se ao da tradução de Faulkes na primeira versão em oposição à segunda, que une ao discurso de Hel a introdução ao seu discurso.
“dai a humanidade nascerá” (G2013, p. 54) “Assim deve a humanidade ser nutrida” (G2008, p. 42)	“and from them shall grow mankind” (1995, p. 57)	Nesse excerto a tradução mais antiga de Moreira parece mais poética em oposição à recente, mais literal. / Ao mesmo tempo tem-se o recorrente erro de acentuação, com a falta de grafo em “dai”.
“O segundo tem que chamar por um pronome” (S2009, 2010, 2011, 2013, p. 4)		Há inconsistência na explicação dos <i>kenningar</i> na não determinação do que seria seu “primeiro elemento”, um substantivo, geralmente, mas fala-se apenas do “segundo”, descrito por Moreira como um “pronome”, o que gera um empobrecimento qualitativo .
“Farmatýr” (S2009, 2010, 2011, 2013, p. 5)	“Cargo-Tyr” (1995, p. 67)	
“Deuses do Fiorde” (S2009, 2010, 2011, 2013, p. 7)	“deities’ fiord” (1995, p. 68)	Nesse contexto seria mais coerente que tivéssemos “Fiorde dos Deuses”.
“Que sonho é esse, Odin,” (S2009, 2010, 2011, 2013, p. 9)		Falta ponto de interrogação nesse trecho, que traria “Que sonho é esse, Odin.”

“Ulfr Uggarson” (S2009, 2010, 2011, 2013)	“Eilífr” (1995, p. 53)	
“Então Þórr disse isso:” (S2009, 2010, 2011, 2013, p. 21; S2010-26)		Não consta em Faulkes.
“Skotum (Escoceses)” (S2009, 2010, 2011, 2013, p. 22)	“White Sea Scots [giants]” (1995, p. 83)	
“Böðvarr balti” (S2009, 2010, 2011, 2013, p. 28)	“Kolli” (1995, p. 81)	
“sobre” (S2009, 2010, 2011, 2013, p. 28)		Seguindo a tradução de Faulkes (1995, p. 89), seria, na verdade, sob.
“Hamlet” (S2009, 2010, 2011, 2013, p. 32)	“Amloði” (1995, p. 134)	

Nota-se nessa coletânea a evolução da interpretação de um leitor no seu ato tradutório, que a cada seção buscou se alinhar ao seu projeto de divulgação da cultura nórdica. Abundam casos de deformação de cunho **de clarificação, expansão**, há casos de **exotização e popularização**, ainda, principalmente com uso de referentes próprios do imaginário brasileiro, e casos de **destruição de cadeias subjacentes de significação**. Apesar disso, dos exemplos coletados de trechos poéticos, nota-se criatividade e agência tradutória, que provêm o leitor com informação e uma introdução à mitologia nórdica. Ainda pode haver outros trechos de adaptação, incorreções ou inconsistências, mas cabe enfatizar a importância dessas obras na inserção de leitores ao diálogo sobre o tema da mitologia nórdica e de sua literatura.

Artur Avelar

Artur Avelar, estudioso da área de Engenharia, interessado pela cultura nórdica e sua divulgação no Brasil, foi responsável pela tradução da *Edda em prosa* em formato e-book e os publicou na Amazon com sua Editora Barbudania. Em 2015, também produziu uma versão impressa de sua tradução, idêntica à do e-book. A versão traz *Gylfaginning: a ilusão de Gylfi* (2013) e *Gylfaginning e Skáldskaparmál* (2014). Em sua introdução de *Gylfaginning e Skáldskaparmál*, Avelar discorre sobre a *Edda em prosa* de Snorri, chegando a dizer que este “foi famoso por defender a teoria de que os deuses mitológicos surgiram a partir de figuras históricas que lutaram em combate e reis que, após mortos, eram invocados em guerras constantemente, sendo venerados até serem lembrados somente como deuses”, alinhando seus conhecimentos evemeristas de Snorri aos de Marcio Moreira. Afirmar ainda

que Snorri chegou “a ser acusado de até inventar histórias em momentos em que ele não cita excertos de poemas de onde retirou as lendas”, o que é feito por Moreira em sua introdução às seções da *Edda*. Essa possibilidade de Snorri ter adicionado versões de lendas às da *Edda* citada por ambos, como dito anteriormente, foi refutada por dados apresentados em aulas ministradas na UNM, na disciplina Viking Mythology, durante a primavera de 2015. John Lindow comenta que na época, como a *Edda* era de tradição oral e como diferentes versões de seus mitos teriam coexistido, Snorri teria trazido apenas algumas dessas possibilidades, ao passo que outras não foram contempladas pelos manuscritos da *Edda poética* a que temos acesso atualmente. Mas, além disso, o tradutor faz referência, nas primeiras páginas, às obras de sua referência, *The Younger Edda* de Rasmus Anderson (1897) e *The Prose Edda* de Arthur Gilchrist Brodeur (1916). Daí temos que sua tradução acontece do inglês ao português, não sendo uma tradução direta a partir do nórdico antigo. Sua tradução traz o “Prólogo”, “Gylfaginning”, “Skáldskaparmál” e “Nafnaþulur”.

Assim como nas traduções de Moreira, os diálogos das traduções de Avelar são apresentados com aspas, como no inglês, e não com travessão, modo mais comum ao português, adotando uma abordagem estrangeirizante.

Sua tradução não se utiliza de notas explicativas, sendo o vocabulário “Öku-Thor” apresentado apenas como “e uma carruagem na qual ele dirige, e os bodes puxam-na, por isso ele é chamado de Öku-Thor” para “[driving-Thor]” (FAULKES, 1995, p. 22), mantendo ambígua ao leitor a origem do nome, que pode ser lido tanto em referência à carruagem ou aos bodes – contexto em que seria importante uma nota explicativa ou outra estratégia que não a **expansão**, mas que ainda assim diminuísse a possibilidade de dupla interpretação.

Embora haja menos ocorrências, se comparada à obra de Moreira, as traduções de Avelar também trazem erros ortográficos, como a que é encontrada em “No lugar chamado Bosque de Hoddmímir se esconderam durante o Fogo de Surtr dois da raça humana”, pois utilizou-se “am” em vez de “ão”, do futuro do presente, “esconderão”, tratando-se de trecho de vidência; também na apresentação de “então os Æsir acenderem o fogo”, em que se deveria ter “acenderam”. Seria mais adequado ter, também, “a fim de que as pessoas acreditassem que eles fossem” para a tradução “a fim de que as pessoas deviam acreditar que eles fossem”, escolhida por Avelar. Porém, ainda que haja mais de uma incoerência na tradução, elas não mostram falta de competência, sendo alguns casos de necessidade de revisão textual apenas, constituindo falhas **na** tradução. Também são encontradas falhas de revisão como a gralha “seu fundoe, mas”.

Assim como na tradução de Moreira, “eyelash of Baldr” é traduzido nessa edição por “sobrancelha”.

Para o trecho “From Gna’s name a thing is said to tower (*gnaefá*) when it goes high up” (Idem, 1995, p. 31), Artur Avelar opta pela tradução “Do nome da Gná aquele que voa alto é chamado de gnaefá”, o que se relaciona à deusa apresentada que voa, Gná. Marcelo Magalhães, porém, adota tradução mais poética, optando por dizer que “Do nome

de Gnár, aquilo que alto ressoa é chamado gnæfar” (LIMA, 1993, p. 90), notando-se que cada qual usa de liberdade poética na tradução **parafrástica**.

A tradução necessita de negativa em “Mas quando Loki viu isso, lhe agradou que Baldr não levava nenhum dano”, pois na verdade não agradou a Loki ver Baldr ileso, constituindo essa “afirmativa” falta que pode levar o leitor a interpretações erradas do evento, em que Loki trama contra o bem-estar de Baldr por não suportar vê-lo ileso, **inibindo camadas superficiais de significação**.

Ao contrário da tradução de Moreira, Skáldskaparmál na tradução de Avelar se mostra completa, não se atendo apenas a alguns eventos, mas passando por todos até alcançar o Nafnaþulur.

Em “Que sonho é esse? disse Odin” há incorreção na interpretação de ter-se Odin como interlocutor. Na verdade, segundo Faulkes (1995, p. 69), é perguntado a Odin “What sort of dream is that, Odin?”, “Que tipo de sonho é esse, Odin?”, o que constitui diferença da tradução de Moreira, que deixa de apresentar o ponto de interrogação necessário ao contexto.

Há algumas omissões na tradução de Avelar, como o trecho “Hyrrokkin died previously” e o trecho “god of chariots” sobre Njord (FAULKES, 1995, p. 74; 75).

Muitos trechos da tradução trazem caracterização poética da linguagem usada na *Edda*, alinhando-se com seu original, porém no trecho “eu teria matado esse gigante com meu punho”, “I would have knocked this giant into Hel with my fist” (Idem, 1995, p. 79), a menção da figura “knocked this giant into Hel”, “levado esse gigante a Hel” poderia ser de maior fidelidade à poética da obra mitológica, por estar mais alinhado à intenção poética do tradutor com sua prática na apresentação de figuras mitológicas e mitos, adequando-se assim às **cadeias subjacentes de sentido** da obra.

Depois do trecho de Faulkes “Under the seat it had been Geirrod’s daughters Gialp and Greip and he had broken both their backs” (Idem, 1995, p. 82), Avelar adiciona os seguintes versos “Uma vez empreguei / Meu poder de deus / No reino dos gigantes. / Quando Gíalp e Greip, Filhas de Geirrödr, / Tentaram me levantar aos Céus”, mas a partir daí o texto da tradução continua como a de Faulkes.

“Quando ele, que sempre balança o Cinturão de Força” é a tradução de Avelar para “when Idi’s yard-visitor [Thor], mightier than White Sea Scots [giants]” (FAULKES, 1985, p. 83), na qual notamos a opção de passar de um referencial metafórico ao pragmático, de “Idi’s yard visitor” para “Thor”, deixando o trecho mais direto e claro para um leitor iniciante no estudo da mitologia nórdica, mas ainda assim constituindo **alteração das expressões** do texto. Porém, na tradução, nota-se o entendimento de Thor como aquele “que sempre balança o Cinturão da Força”. Vale notar que ele o faz, realmente, porém não é a tradução esperada para o trecho que temos da tradução inglesa, que expõe Thor como “mais poderoso que os gigantes do Mar branco”, “mightier than White Sea Scots”.

Nota-se interpretação errônea do texto éddico na tradução “Assim que saiu das mãos / Do pai de Greip; / Seu peito com ódio inchou / Contra o pai de Thrúdr”, uma vez que não é dito que o ódio vem de Geirrodr, o pai de Greip, mas sim que a barra de ferro voou das mãos do primeiro contra o pai de Thrud: “when the sparkling cinder flew furiously from the grip’s breast [palm] of the passionate desirer [Geirrodr] of Hrimnpir’s lady towards the one who longs for for Thrud in his heart [Thor]” (Idem, 1995, p. 85). No poema é dito que a barra de ferro atinge o cinto de Geirrodr, mas Artur Avelar traduz por “cabeça”, “Quando ele atingiu, / Com sua larga cabeça, / Contra a velha viga da caverna”. Por ser dito que a cabeça de Geirrodr atingiu uma viga após ele ser atingido pela barra de ferro, o tradutor parece ter suposto que a barra de ferro tenha atingido a cabeça diretamente, não seu cinto ou cintura (figurativamente) em: “Thrasir’s hall [giant’s cave] shook when Heidrek’s [giant’s] broad head was brought under the old wall-leg [pillar] of the platform-bear [house]. Ull’s splendid stepfather struck the hurting-pin [piece of iron] hard down in the middle of the belt of the fishing-line-way-[sea-]tooth [rock] villain [giant].” (FAULKES, 1995, p. 85). Tem-se erro na tradução na interpretação particular e **empobrecimento qualitativo**.

Quando se lê que os personagens foram “Arrastados pela fúria monstruosa / Do terrível opressor” temos outro momento de tradução metafórica, muito mais que literal, para o trecho “The earth-drift-[mountain]-wave [river] raged mightily” (FAULKES, 1995, p. 84), que fala sobre a violência com que o rio fluía, o que não descarta a possibilidade de leitura do rio como opressor, mas ainda assim se constitui como **empobrecimento** originário de adoção particular de termo.

O trecho “Com suas cabeças acima da água” e “Até que, ó mulher!” não têm correspondência na tradução de Faulkes. Não se encontra correspondência para “A dama que melhora tristezas”, dito a respeito de Iddun, na tradução de Faulkes, em que apenas descobrimos ser esta a cuidadora das maçãs responsáveis pela cura da velhice dos Æsir. E o trecho em Faulkes, “Compare the verse written above ‘It is beyond expectation that there could be born...’” não encontra referência na tradução de Avelar, que acompanha a primeira apenas na menção de Thiodolf: “As Thiodolf said” (FAULKES, 1995, p. 90), “Até mesmo como Thjóðólfr cantou”.

Há liberdade tradutória no trecho “Com esse pequeno galho, / E sem escudo / Foi capaz de resistir”, em que se sabe que, pelo mito, estava sem escudo e com apenas um cajado, que foi traduzido como “pequeno galho”. Nota-se também que é dito não haver falta de suporte, “No lack of support”, mas a menção do escudo não é feita, constituindo outro **empobrecimento qualitativo** influenciador das **cadeias subjacentes de significado**.

O trecho “Pela crista da boca de Rán” parece não condizer com o equivalente “out of white Ran’s mouth”, que poderia ser traduzido por “pela branca boca de Ran”, porém este é um caso de tradução poética **metafrástica**, em que o tradutor optou pela interpretação da crista da boca de Ran, bruma do mar, como branca boca, optando-se por **enriquecimento** da tradução ao usar de referência do mar para falar de Ran, a ele relacionado.

A menção de magia na *Edda em prosa* é traduzida como “negra” por Avelar em “habilitoso em magia negra”, “skilled in magic” (FAULKES, 1995, p. 99). Já o trecho “e Gunnarr, e Högni fez juramentos de fraternidade” pode dar a entender que apenas Hogni fez juramento, porém é dito que ambos fizeram, sendo necessária a flexão adequada.

Nas traduções “Atli, filho de Budli” e “filhos de Gjúki”, Avelar busca **domesticar** a formação de sobrenomes nórdicos ao público falante de português, traduzindo Budlason e Giukins, estratégia de domesticação caracterizada pela expansão de termos.

O trecho da tradução de Avelar “Devido a isso cotas de malha são chamadas de Roupas ou Vestes de Hamdir e Sörlí” não tem referente na tradução que usamos como base comparativa.

Há inversão da ordem de apresentação de poemas na seção Skáldskaparmál de Avelar. O trecho “And on the island, instead of the Vidrir” aparece antes do trecho “This attack can be perceived on the penny”, sendo um dos que não constituem omissão, mas inversão de ordem (FAULKES, 1995, p. 123). Artur Avelar ainda altera a ordem da tradução, colocando os *kenningar* sobre ursos e Hart depois do poema Alvinnsmal (FAULKES, 1995, p. 136).

Há uso de trecho do poema de Arnor sobre earls e o mar. Na tradução de Avelar o mesmo acontece, porém em cada ocorrência a tradução foi diferente, sendo a segunda mais coerente, apesar de gerar inconsistência. Segundo caso: “Que os homens ouçam como o Rei dos Earls, / De espírito forte, perseguiu o Mar; / O avassalador governante / Não cessou de se opor ao Oceano”; primeiro caso: “Deixe que os homens ouçam como o Rei dos Earls, / De espírito aguçado, procurou o mar; / O avassalador governante / Falhou em contrariar o oceano”, para “Let the court learn how the keen-spirited king of earls pursued the sea, the irresistible prince did not cease to oppose the ocean” (FAULKES, 1995, p. 139). O mesmo ocorre no trecho “Gymir’s spray-cold spae-wife [Ran] often brings the twisted-rope-bear [ship] into Ægir’s [ocean’s] jaws when the wave breaks” (Idem, 1995, p. 140), para o qual Artur Avelar traz duas traduções diferentes: “A gélida mulher de Gymir / Frequentemente traz o navio de cabos trançados / Direto para as mandíbulas de Ægir, / Onde as ondas se quebram”, e “A esposa do Invernal Gymir / Traz o Urso de Cabos Trançados / Muitas vezes para as largas mandíbulas de Ægir, / Onde as raivosas ondas se quebram”, em que a primeira parece mais adequada por conter menor adição de vocábulos não constantes no original. Isto é, na segunda, tem-se adição de “muitas vezes”, embora no que diz respeito à tradução de “twisted-rope-bear”, a segunda se mostre mais próxima ao *kenning* do original, cada qual com seus ganhos. Assim, a variação mostra como a tradução é ato individual, dependente de um contexto, podendo ser diferente em cada caso a se valer de objetivos ou fontes distintas.

“By means of these expressions battle shall be referred to in terms of swords or other weapons or shields” (FAULKES, 1995, p. 154) é um trecho omitido na tradução de Avelar. Entre outras omissões temos “clamourer” e “quiet”, omitidos na tradução de Avelar para “swords” (Idem, 1995, p. 158). Ainda Hödr e Bragi são colocados entre os

filhos de Odin na tradução de Avelar, mas na de Faulkes o trecho dos filhos termina em Heimdall e Sæming. E “[Marne, Móda, Thrym]” se constitui como um trecho a mais na tradução do Nafnaþulur de Avelar.

Em ambas traduções “and”, em “Grábakr and Grafvölludr” e em “Ófnir and Sváfñir” não foi traduzido, ficando em inglês, erro **na** tradução.

O sumário de figuras vem após o Nafnaþulur. Ao fim dele vem a seção chamada “Table of contents”, com um sumário de todos os capítulos da obra, inclusive Notas do editor; há lista de livros publicados e contato. O sumário traz os nomes das obras em português e no original, além da fonte de onde foram obtidas, ano e nomes dos autores. Há erro na referência à obra “Thor na Luva de Skrymir”, que deveria ser “Skrymir” (Imagem 49). O link de cada obra de arte é compartilhado, sendo 116 imagens com apenas duas repetições, como a de Loki e Sygin, e uma entre as de Odin.

Nessa tradução optou-se pela **domesticação**, inclusive ortográfica, tendo-se **d** no lugar de **ð** e **ö** em vez de **q** (Nidhögr para Níðhoggr), também **th** no lugar de **p**.

Inicialmente, a primeira tradução, *Gylfaginning: a ilusão de Gylfi*, traz uma introdução sobre a vida de Snorri, porém de forma mais resumida em comparação à última tradução, sem detalhar o lugar de nascimento e outros fatos da vida de Snorri.

Alguns erros não são partilhados entre as duas traduções, como o uso da palavra ausência sem acento, visto apenas na segunda versão.

Em alguns casos o texto explicita sujeitos ocultos, como em “da qual fundia o ouro”, na primeira tradução, para “da qual ele fundia o ouro”, na segunda, um caso de **racionalização**. Ainda no que concerne a linguagem, a primeira tradução, em relação à segunda, traz apresentação diferente no trecho “de tão abundante era este metal”, em que falta o uso do “que”; também na apresentação de Priamo (segunda tradução) como Priamo e Priamos em diferentes ocorrências na primeira.

A primeira tradução evidencia maior preocupação com o entendimento dos mitos, optando o tradutor por **domesticação** ao traduzir “berserkers” por “guerreiros”, em comparação à segunda, que mantém o termo original, consolidando-se assim como **estrangeirização** e apontando ao fator interpretativo na produção tradutória.

A apresentação de Noite, Dia, Lua e Sol na segunda tradução mostra a intenção tradutória de aproximar o leitor do vocabulário nórdico, optando pela **domesticação** seguida de **estrangeirização** em trechos como “chamada de Noite, ou Nót”; “Dia, ou Dagr”; “Máni, ou Lua” e “Sol, ou Sól”, em oposição às apresentações da primeira tradução, que adota **domesticação** apenas, com “Noite”, “Dia”, “Lua” e “Sol”. Nota-se que a segunda tradução promove ao mesmo tempo **clarificação** e **expansão**. Outro caso de **estrangeirização** após a **domesticação** é observado na apresentação dos Elfos Claros e Elfos Negros na segunda tradução em oposição à primeira, que adota apenas a **domesticação** – respectivamente: “Elfos Claros ou Ljósálfar, mas os Elfos Negros, ou Dökkálfar” e “Elfos Claros, mas os Elfos Negros”. O mesmo acontece na apresentação do Inverno, Vetr, e na apresentação das Luvas de Ferro [“Járngóflar”].

Terra, no sentido de planeta, é deixado em caixa-baixa com frequência na primeira tradução, o que é corrigido na segunda, em que temos distinção entre terra (material, solo) e Terra (planeta).

A primeira tradução fala sobre “A Separação de Thor e Útgarda-Loki”, mas na segunda, mais coerente, tem-se “Despedida”, favorecendo o não **empobrecimento das cadeias de significação** da obra. E, se na primeira tradução, Bragi é apresentado como “dos poetas”, na segunda é apresentado como “dos escaldos”, por estratégia de estrangeirização. Já o navio de Freyr, que na primeira tradução cabe numa bolsa após ser dobrado, na segunda cabe no “bolso”.

Outros detalhes apresentados na seção da segunda tradução de Artur Avelar podem ser observados também no que diz respeito à Ilusão de Gylfi. Algumas particularidades de ambas traduções ainda são notadas, sendo apresentadas na tabela a seguir à luz da tradução de Faulkes e acompanhadas por comentários relativos à análise da tradução.

Tradução de Avelar	Tradução de Faulkes	Comentários
“eras” (G2014)	“winters” (1995, p. 11)	Caso de empobrecimento qualitativo com adoção de termo menos poético ao contexto e que não se relaciona às camadas de sentido subjacentes à obra original. Na mitologia nórdica os invernos são significativos à contagem do tempo, como “anos”.
“E as águas sagradas uivam” (G2014)	“holy waters boil” (1995, p. 18)	Sua tradução mostra-se poética no trecho, com o verbo uivar como referência a ferver, tendo-se abandono do original em favor da criatividade poética.
“Mas Odin deu o hidromel de Suttungr aos Æsir e aos homens que possuem a capacidade de compor” (S2014)		Não é explicitado o fato de se tratar da capacidade de composição de poesia, o que não impede o entendimento, mas também não provê o leitor iniciante com informações da literatura.
“Metáfora e métrica” (S2014)	“Language and verse-forms” (1995, p. 64)	Embora não tenhamos apenas metáforas como “linguagem” da poesia, aquelas também são relacionáveis a esta, sendo métrica uma forma de entender formas de versos ou “versificação”.

“chamar tudo pelo seu nome” (S2014)		É usado para tratar de “substituição”, que não constitui metáfora, mas sim uma linguagem poética, sendo mais adequado o último termo.
“Paráfrase” (S2014)	“kenning” (1995)	
“e Heleno e os Æsir chamam de Ale” (G2014)		Deveríamos, na verdade, ter “e Heleno, os Æsir o chamam de Ale”.
“Ele veio de Tróia e criou por isso grandes obras” (S2014)	“he escaped from Troy and later achieved great deeds” (1995, p. 66)	Esse trecho da tradução de Avelar traz implicação sintática de causalidade, uma necessidade não encontrada na tradução de Faulkes, dando ao leitor a ideia relacional de grandes feitos serem associados ao local de origem, não apenas ao agente.
“Deus dos enforcados” (S2014)	“Hanged-god” (1995, p. 66)	Aqui não se trata de deus de determinadas pessoas, “enforcados”, e sim sobre o deus “pendurado”, Odin, sendo “pendurado-deus” possibilidade.
“paciente” (S2014)	“deserted wife” [Earth] (1995)	Vê-se incoerência semântica tradutória em supor a possibilidade de espera a Frigg como “deserted-wife”, quando, na verdade, esta concepção é utilizada a ‘Terra, “abandonada” por Odin.
“Doador de Terras” (S2014)	“Land-getter” (1995)	Da tradução de Faulkes, nota-se tratar-se de “conquistador de terras”.
“a linhagem dos filhos de Odin” (S2014)	“Vidrir’s [Odin’s] heir’s [Thor’s] line” (1995, p. 72)	A tradução ao português não trouxe ao leitor o entendimento de ter-se “a linhagem do Filho de Odin [Thor]”, como esperado da tradução de Faulkes.
“coração de pedra” (S2014)	“power-stone [heart]” (1995, p. 72)	Ao invés de tratar-se de coração composto de pedra, real ou metafórico, trata-se da “pedra poderosa”, o coração.

“braços prontos” (S2014)	“arm’s mouth [fist]” (1995, p. 74)	Apesar de tratar-se de punhos, “fist”, a tradução de Avelar traz, com “braços”, possibilidade metafórica.
“Habitante Divino das Moradas dos Pais” (S2014)	“father’s homestead-inhabiting” (1995, p. 76)	Outro caso de flexão inadequada.
“Uma parte caiu por terra, e dela vieram as montanhas de pedra” (S2014)	“whetstone rocks” (1995, p. 79)	Temos aqui a incoerência de tratar montanhas de pedra como tradução para “pedras de afiar”, que teria sentido e função diferentes às de pedras comuns.
“de forma que seu pé ficou em cima do pescoço de Thor” (S2014)	“and he fell towards over Thor so that his leg lay across Thor’s neck” (1995, p. 79)	Esse se constitui como mais um caso em que um referente foi trocado por outro próximo, mas de distinta função. Comum a casos com “água” e “braços” também.
“Esposa de Odin” (S2014)	“Svolnir’s widow” (1995, p. 80)	Ao falar de Earth, “viúva”, conforme a tradução de Faulkes, seria mais adequado.
“Então os deuses desejaram / E também desejaram as Valquírias” (S2014)	“The bonds [gods] caused this, the ladies of the fray [valkyries] wished it” (1995, p. 80)	Embora tenha sido atribuído a ambos pela tradução de Avelar, o referente diz respeito apenas às valquírias, tendo os deuses “causado” o evento.
“tanto que o amolador / De aços, presa” (S2014)		Em outro caso de falta de revisão, deveríamos ter “preso”.
“Então Loki foi levado e trazido” (S2014)	“Loki was captured there and brought to giant Geirrod” (1995, p. 81)	Esse trecho da tradução de Avelar adota dois verbos que passam a ideia de que Loki foi levado a determinado lugar e após trazido de volta, o que não corresponde à ideia do original. Isso poderia ter sido evitado com “Então Loki foi capturado e trazido”, opção mais adequada a uma tradução mais literal.
“Não tão confiante” (S2014)	“The not very trustworthy” (1995, p. 83)	Adoção mais adequada de vocabulário poderia ter sido feita a partir de “confiável”.

“Os gigantes estavam ansiosos por esmagar / Os descendentes de Thor” (S2014)	“they were eager to crush Thorn’s kin [giants]” (1995, p. 83)	Há erro na tradução de Thorn por Thor. A falta do “n” dá a um leitor sem referência do original a impressão de que os gigantes queriam esmagar os descendentes de Thor, quando é dito que Loki e Thor estavam ansiosos por esmagar os gigantes, sendo Thorn um deles.
“Havia uma sombria perturbação da paz” (S2014)	“That was a black disturbance of the peace” (1995, p. 85)	Optando por estratégia parafrástica , Avelar passa o referente de um pronome demonstrativo para o verbo haver, o que poderia ser entendido como deformação de racionalização , segundo Berman (2000) na alteração de um verbo a substantivo e vice-versa.
“Foram pressionados os vastos olhos / De Gjálp e Greip / Conto o alto teto” (S2014)	“against” (1995)	Outro erro gerado por falta de revisão.
“A gigante das montanhas / Não estava acostumada a ser tímida” (S2014)		Incomum é a atribuição de covardia e personagens de sexo feminino na <i>Edda</i> , não sendo claro de onde vem tal referência do tradutor.
“Hœnir foi o escolhido para soprar o fogo” (S2014)	“The raven-god’s [Odin’s] friend [Loki] had to blow [the fire]” (1995, p. 87)	Apesar de ser dito que Hœnir soprou o fogo na tradução de Avelar, Loki é escolhido a fazê-lo.
“O gigante, ansioso para matar, / Afundou-se / Onde os deuses desavisados, / Odin, Loki e Hœnir estavam sentados” (S2014)	“where the guileless defenders of gods were sitting” (1995, p. 87)	Há incoerência em dizer que os deuses estavam “desavisados”, uma vez que é dito na <i>Edda em prosa</i> que “os honestos defensores dos deuses estavam sentados” [tradução nossa].
“besta” (S2014)	“ox” (1995, p. 87)	
“Com as asas de uma água” (S2014)		Erro tipográfico em que devíamos ter “Com as asas de uma água”.

“No pedestal do anão” [na menção a Finn] (S2014)	“This is depicted on my mountain-Finn’s [giant’s, Hruginir’s] sole-bridge [pedestal, shield]” (1995, p. 88)	Apesar de Finn ser um anão, o escudo comentado no trecho pertence ao gigante.
“Assim cantou o escaldo de Earl Arnórr” (S2014)		O trecho pode levar o leitor a entender que o poema a seguir seria do escaldo “de Earl Arnórr”, gerando um genitivo, porém, o poeta de earl, Arnor, é quem cantou o poema. Em outro trecho da tradução esse escaldo é apresentado como “Arnórr Jarlaskáld”.
“Böðvarr Balti” (S2014)	“Kolli” (1995)	
“Hefring, Udr” (S2014)	“Hefring, Unn” (1995)	
“Primeiro começou a voar, / Os feios filhos de Fornjotr” (S2014)	“Forniot’s ugly sons began first to send snow” (1995, p. 93)	No trecho de Avelar há incorreção em dizer que os feios filhos de Forniot começaram a voar, não a mandar neve, e ainda mais em fazê-lo em discordância de número.
“Agulhas de Glasir” (S2014)	“Glasir’s foliage” (1995, p. 94)	
“Fogo de todas as Águas e de Mão, Pedra e Recife ou Brilho das Mãos” (S2014)	“fire of all kinds of waters and of the arm”, “stones and rocks or gleam of the arm” (1995, p. 95)	Entre outros exemplos, “arm” foi traduzido por “mão”, não braço, trazendo ao texto efeito parafrástico .
“Fogo das Águas” (S2014)	“fire of lakes” (1995, p. 95)	Embora na explicação de alegorias Avelar fale da relação de água para mar, rio para lagos, e oceano para rio, “lakes” é traduzido nesse trecho por “águas”, de modo mais geral.
“Sindri” (S2014)	“Eitri” (1995, p. 96)	
“bolsa” (S2014)	“pocket” [of Freyr] (1995, p. 97)	
“brilhante fita de Fulla” (S2014)	“Fulla’s eyelashes” (1995, p. 98)	

“Cílios de Chuva de sua mãe” (S2014)	“her mother’s eyelash-rain [tears]” (1995, p. 98)	Em outro trecho traduz-se “eyelashes”, ao invés de cílios, por sobrancelhas (FAULKES, 1995, p. 99).
“Resgate da Lontra” (S2014)	“otter-payment” (1995, p. 100)	
“embalou-o em dois sacos” (S2014)	“tied it in packs” (1995, p. 102)	Da incerteza do número de sacos no mito pela tradução de Faulkes passa-se à menção de “dois” por Avelar.
“canção de louvor” (S2014)	“in the <i>drípa</i> ” (1995, p. 107)	Caso de domesticação em que se optou pela função do termo a ser traduzido.
“César Augusto” (S2014)	“emperor Augustus” (1995, p. 107)	
“Fródi era o mais poderoso de todos os reis das terras do norte, a paz era chamada pelo seu nome onde quer que a língua dinamarquesa era falada” (S2014)	“Frodi was the greatest of all the kings in northern countries, the peace was attributed to him throughout all Scandinavia” (1995, p. 107)	Embora seja dito que o nome de “Fródi” era usado para a paz onde quer que a língua dinamarquesa fosse falada, o referente na tradução de Faulkes é a Escandinávia como um todo.
“E é esse seu início” (S2014)		Avelar adicionou esse trecho, não constante na tradução de Faulkes (1995, p. 107), após “É dito que elas cantaram a canção que é chamada de Canção de Grótti”.
“Hleidr” (S2014)	“Lejre” (1995, p. 109)	
“Rei de Lurid” (S2014)	“prince of Lund” (1995, p. 113)	
“Hermódr do lar da serpente” (S2014)	“that sword-lair [shield] Hermod” (1995, p. 114)	
“O Lança-Ouro se faz leal a ele, / Sua guarda com armadura real” (S2014)	“With a prince’s deeds the gold-thrower makes his court loyal to himself” (1995, p. 114)	O trecho da tradução de Avelar à <i>Edda em prosa</i> não transmite com clareza a ideia de que o lançador de ouro, o rei, com os feitos de um príncipe faz sua corte leal a si, como apresentado por Faulkes.
“A Bebida das Baleias é o mar” (S2014)	“The land of whales is the sea” (1995, p. 115)	Na tradução de “land” por “bebida”, Avelar faz uso parafrás-tico da linguagem em prol de uma tradução poética.

“Tu, feroz Pilastra de Guerra, segurou / Dois reis, teus territórios / Com a força de heróis, onde os corvos / Não passaram fome; belo coração tens” (S2014)	“You are quick to act against mankind” (1995, p. 117)	O trecho apresenta pessoa que tem por impulso agir contra os humanos; a tradução para o português aqui estudada, porém, traz ideia oposta, apresentando “belo coração”. Segundo comentário do editor, podemos entender isso como uma ironia do tradutor. Essa explicação me pareceu pouco provável a princípio por não haver recorrência de ironia na tradução, mas ainda assim, pode ser considerada.
“Terra do Círculo” (S2014) “Anel da Terra” (S2014)	“circle” (1995)	
“Urdr” (S2014)	“Weird” (1995, p. 121)	
“Heiti” (S2014)	“Heidi” (1995, p. 126)	
“Amigo de Deus” (S2014)	“God’s son” (1995, p. 127)	
“homens de Gardar” (S2014)	“Russians” (1995, p. 127)	
“Jerusalém” (S2014)	“Palestine” (1995, p. 128)	
“Gigantes de Gelo de Sýr” (S2014)		Embora a tradução de Avelar relacione os gigantes de Gelo a Syr, nenhuma referência explícita como essa é dada em Faulkes (1995, p. 131).
“O Pai de Oláfr / Aumenta a tempestade de Járnsaxa” (S2014)	“Every difficulty increases Iarnsaxa’s wind [courage] in Olaf’s father, so that praise is due” (1995, p. 131)	Cada dificuldade, não o pai de Oláfr, aumenta a tempestade.
“Götha” (S2014)	“cold Elbe” (1995, p. 135) “Elfr” (2012, p. 223)	
“Hýrr” (S2014)	“Høfir” (2012, p. 229)	
“Você traz da bela Noruega” (S2014)	“You fitted out a fleet” (1995, p. 140)	
“cardume” (S2014) “ameaçador” (idem) “Unidade” (idem) “joia” (idem) “Sinal Luminoso” (idem) “incêndio” (idem)	“Offing” (1995, p. 142) “shoal” (1995) “thunderer” (idem) “sparkler” (idem) “Blaze” (idem) “Lowe” (idem)	

“Os anos chamam de Narrador dos Sonhos” (S2014)		Embora o texto apresente a palavra “anos”, trata-se de “anões”.
“Eymundr de Hólmgarðr” (S2014)	“Emund of Novgorod” (1995, p. 146) “King Emund of Holmgarðr” (2012, p. 209)	
“gangue” (S2014)		A tradução de “cops” como gangue seria pouco indicada pelo usual teor pejorativo da palavra gangue ao português.
“Fidalga” (S2014) “senhora” (idem)	“ristil” (1995, p. 153) “ryg” (idem)	Esses termos poderiam ser traduzidos por mulher (independente) e fidalga, respectivamente.
“Tranças” (S2014)	“tresses” (1995, p. 153)	A tradução não metafrástica seria “longos cabelos”, uma vez que esse é o significado de “tresses”, sinônimo de “locks”, que remetem a madeixas não necessariamente presas. Nota-se que o tradutor adotou metáfrase no uso de referente de tranças, comum entre as mulheres escandinavas (conforme achados arqueológicos).
“grãos” (S2014)	“corn” (1995)	
“Hostilidade, Violência” (S2014)	“impulsiveness, impetuousness” (1995, p. 154)	
“Vidgrípr” (N2014) “Gillingr” (idem) “Skasi” (idem; apenas uma ocorrência errada)	“Vingrip” (1995, p. 157) “Grimling” (1995, p. 157) “Skadi” (1995)	
“Sul” (N2014) “Oykill” (idem) “Idsvöl” (idem) “Lúcio” (idem) - domesticação “Vermelho” (idem) - domesticação “Marta” (idem) - domesticação “Vetrliði” (idem) – estrangeirização	“Sudr” (1995, p. 161) “Ekla” (idem) “Vidsvol” (idem) “Andvari” (1995, p. 162) “Rufus” (1995, p. 163) “Mord” (1995, p. 164) “winter-survivor” (1995, p. 164)	Alguns nomes sofreram breves adaptações, como Nid, Tholl, Bro, Alin, Leiptr, Ormt, Yn, Durathror, Heidthornir e Skatyrnir, traduzidos por Avelar, respectivamente, como Nith, Thuil, Brora, Alne, Leiftr, Armet, Inn, Dyrathór, Heidthyrnir e Skattyrnir.

“E o arado corte tão largo” (G2013) “E o arado cortou tão largo” (G2014)		
“e ela parou em um determina- do som” (G2013) “determinado estreito” (G2014)		
“E assim diz Bragi, o antigo poema” (G2013) “E assim diz Bragi, o antigo es- caldo” (G2014)		
“Cinto de Força” (G2013) “Cinturão de Força” (G2014)	Megingjarder	

Embora haja incorreções gramaticais e algumas adaptações, nota-se que poucas podem trazer prejuízo ao entendimento dos mitos ou da obra éddica, trazendo na realidade mais benefícios a leitores lusófonos interessados no tema, inclusive por trechos de criatividade poética e **metafrástica**, muitas vezes invocadas pelo original. Alguns contextos apenas mostram-se imprecisos e nebulosos ao adotar essa postura, o que pode levar a entendê-las como **tendências deformacionais**, conforme Berman. Entre as mais frequentes tem-se **destruição de cadeias subjacentes de significação, clarificação e expansão**. Houve revisão de trechos e textos da primeira tradução em relação à segunda, conforme se nota nos últimos exemplos da tabela da tradução de Avelar, e mudança no ato tradutório entre uma tradução e outra.

Caminhos: de navegados a navegáveis

Séculos após os escritos de Snorri, vemos um interesse crescente pela mitologia nórdica despontar. Nas últimas décadas, pesquisas na área têm crescido. Em matéria de mitologia nórdica no Brasil, como por exemplo no programa de Pós-graduação de Ciência das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, os alunos têm como opção utilizar traduções em inglês ou em espanhol da *Edda* pela falta de uma tradução confiável e direta ao português. Os leitores sem afiliação acadêmica pouco sabem, também, sobre a existência de traduções da *Edda* ao português, e assim optam pela leitura de adaptações acessíveis e de maior divulgação.

O que essa pesquisa iniciada com o Professor John Lindow e acompanhada pelo Professor John Milton procura apresentar aos lusófonos é a existência de traduções da *Edda* ao português, suas principais características, desafios e contribuições para a área

acadêmica, entendendo e validando cada ato tradutório em seu intento – pois, conforme Aubert (1994, p. 2), a tradução “jamais deve ser vista como inalcançável ou fadada ao fracasso”. O ato tradutório é e sempre será possível, mas vale notar que “a cada ato tradutório, [será necessário] efetuar uma análise global da situação tradutória específica e das suas necessidades detectáveis, investigar a densidade e o grau de ‘amarração’ referencial de cada texto, e adotar uma determinada e consciente postura para, então, efetivar o ato tradutório resgatando o referente de partida, buscando seus equivalentes, aproximados no complexo língua/cultura de chegada, ou efetuando conciliações entre essas duas vertentes, recorrendo, eventualmente, a mecanismos de compensação, de natureza linguística, visual ou outra” (p. 52). Nesse sentido, vale ressaltar que, apesar dos termos pouco positivos, como **empobrecimento** ou **destruição**, adotados Berman, os atos tradutórios visitados não são e não devem ser vistos de forma negativa nesse trabalho, tratando-se apenas de termos da área usados para avaliação das estratégias domesticadoras empregadas pelos tradutores. O que temos a partir desse trabalho é um início ao desenvolvimento da área proporcionado por cinco traduções, cinco projetos de tradução, de obra e de leitor.

Em função do estilo, e das notas, pode-se dizer que a tradução acadêmica de Magalhães se coloca a um leitor exigente, que busque a união da forma ao conteúdo, tanto na prosa quanto na poesia, e a apreensão de informações e conhecimento através de mapas, glossário e notas.

Estrangeirismos mostraram a intenção tradutória de aproximar o leitor lusófono da cultura, da língua, da história e da literatura nórdica, porém com a particularidade de se ater inteiramente apenas ao prólogo e à “Ilusão de Gylfi”, não trazendo Skáldskaparmál. Quase impecável, há poucas incorreções, com apenas uma a afetar o entendimento das narrativas.

Reconhecimento deve ser dado às traduções de Moreira, que busca com estas aproximar leitores, principalmente internautas falantes de português da cultura e da religião nórdica. Ambas versões trazem a íntegra de Gylfaginning e trechos de Skáldskaparmál, mas apenas a mais recente traz trechos de Nafnaþulur e o Prólogo. As incorreções gramaticais e de conteúdo inviabilizam o uso acadêmico dessas traduções, mas ambas se mostram relevantes a iniciantes no assunto, trazendo resumos de capítulos e de poemas e um índice de personagens com seus significados ou funções. A segunda tradução traz mais amplo material de apoio ao leitor, com mais casos de **estrangeirização**, aos quais traz informações esclarecedoras no índice de personagens. Há alguns casos que podem motivar confusão ou interpretações erradas ao leitor, mas estes seriam problemas **na** tradução e não **de** tradução.

Das cinco traduções analisadas, a mais recente, de Artur Avelar, mostra-se a mais completa e, se não fosse por algumas incorreções e certas faltas poéticas no que concerne os poemas, poderia ser usada academicamente. De todo modo, apresenta-se como boa leitura a um iniciado ou iniciante na aquisição de conhecimento da mitologia em questão.

Apesar de não vir acompanhada de glossário ou notas, também apresenta uma introdução relevante e elenca obras em domínio público, o que a enriquece como tradução. O mesmo pode ser dito quanto aos pontos positivos e negativos da primeira tradução, esta centrada apenas no Prólogo e em Gylfaginning. A **estrangeirização** é mais frequente na segunda tradução, que costuma ser seguida de **domesticação** em apostos explicativos.

Nota-se que a eficácia das quatro últimas traduções estão de acordo com o propósito tradutório dos tradutores, que tinham por intenção o compartilhamento de informações e conhecimentos mitológicos com interessados em mitologia nórdica, sendo, portanto, um objetivo não acadêmico, assim como as traduções, que não obtiveram grande apoio editorial.

Apesar de a primeira tradução ser acadêmica, é pouco acessível, publicada em 1993 e não teve reedições nem se encontra disponível em livrarias. Há necessidade, ainda, de uma tradução acadêmica completa da *Edda* de Snorri que facilite aos lusófonos a inserção nessa área de estudos, o desenvolvimento de novos conhecimentos literários e culturais e a leitura mais fluida aos leitores por entretenimento, provendo-lhes do prazer da leitura e da sofisticação que remonta ao próprio estilo da *Edda* de Snorri, que se estabelece através da diversidade de gêneros literários e estilos, bem como do público dessa mitologia.

Referências bibliográficas

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a tradução na prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- BASSNETT-MCGUIRE, Susan. *Translation Studies*. Routledge: London; New York, 1988. New Accents.
- BERMAN, Antoine. "Translations and the trials of the foreign". In: VENUTI, Lawrence. *The Translations Studies Reader*. London; New York: Routledge, 2000.
- HERMANNSSON, Halldór. *Bibliography of the Eddas*. 1920.
- LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.
- LINDOW, John. *Norse Mythology: A Guide to Gods, Heroes, Rituals and Beliefs*. 2001.
- _____. "Mitologia Viking" (anotações de aula de matéria de mesmo nome). University of New Mexico, Spring Semester, 2015.
- NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester, UK: St. Jerome Pub., 1997.
- STURLUSON, Snorri. *Edda*. Tradução de FAULKES, Anthony. London: Everymen, 1995.

_____. *The Uppsala Edda*. Tradução de FAULKES, Anthony. Edição de PÁLSSON, Heimir. Viking Society for Northern Research; University College London, 2012.

_____. *Edda em prosa: textos da mitologia nórdica*. Tradução de LIMA, Marcelo Magalhães. Rio de Janeiro: Numen, 1993.

_____. *Gylfaginning: a ilusão de Gylfi*. Tradução de AVELAR, Artur. Editora Barbudânia, 2013. Disponível em: Kindle. Acesso em: jun./2015.

_____. *Gylfaginning e Skáldskaparmál*. Tradução de AVELAR, Artur. Editora Barbudânia, 2014. Disponível em: Kindle. Acesso em: jul./2015.

_____. *Gylfaginning*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. Blog Nibelung's Alliance. 2008. Acesso em: jun./2015.

_____. *Skáldskaparmál*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. Blog Nibelung's Alliance. 2009. Acesso em: jul./2015.

_____. *Nafnaþulur*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. Blog Nibelung's Alliance. 2009. Acesso em: jul./2015.

_____. *Edda em prosa: Prólogo e Gylfaginning*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. 2008, 2013. Arquivo eletrônico pessoal concedido em 2015.

_____. *Skáldskaparmál*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. 2009, 2010, 2011, 2013. Arquivo eletrônico pessoal concedido em 2015.

_____. *Nafnaþulur*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. 2009, 2013. Arquivo eletrônico pessoal concedido em 2015.

_____. *The Prose Edda: tales from Norse mythology*. Tradução de YOUNG, J. I. California: University of California Press, 1954.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London/New York: Routledge, 1995.

Entrevista com Francis Henrik Aubert

Guilherme da Silva Braga

Esta entrevista foi concedida pelo professor Francis Henrik Aubert em São Paulo no dia 6 de setembro de 2018. John Milton e Telma Franco acompanharam-no em casa e auxiliaram-no com os aspectos técnicos, enquanto Guilherme da Silva Braga conduziu e gravou a conversa por videoconferência. Mais tarde o material gravado foi transcrito e adaptado, dando origem ao texto que segue. Em função de certas dificuldades para se expressar resultantes do AVC que o acometeu tempos antes da entrevista, o professor Francis Henrik Aubert teve as respostas editadas de maneira a resultar em um texto de leitura fluida. Esse texto foi disponibilizado ao entrevistado, que teve a oportunidade de lê-lo e oferecer sugestões e correções incorporadas nessa versão final da entrevista.

Guilherme da Silva Braga: *Francis, como brasileiro e norueguês, tradutor literário, tradutor juramentado, professor de tradução da USP e autor de material teórico sobre tradução, você é praticamente o entrevistado ideal para esse número dos Cadernos de Literatura em Tradução. Como você resume essa trajetória com tantos papéis desempenhados nesse limite entre Brasil e Noruega, ou mais amplamente entre o Brasil e os países nórdicos?*

Francis Henrik Aubert: Eu comecei a lecionar em 1968, na Noruega e a seguir na França. Minhas preocupações iniciais não eram com a tradução, mas com a relação entre significado e significante no âmbito da linguística teórica e da prática da tradução. Mas um pouquinho antes de 1979 eu fiz uma transição definitiva da linguística para a tradução. Foi nessa época que comecei a trabalhar com a tradução nas mais variadas modalidades. Quanto à minha trajetória pessoal, passei meus seis primeiros meses de vida no Brasil, como primeiro brasileiro da minha família. Dos seis meses aos meus quatro anos e meio eu morei na Noruega, depois voltei para

o Brasil. Mas a cada dois ou três anos eu passava dois ou três meses na Noruega. Já adulto, passei cinco anos completando a minha graduação em Oslo, onde me casei. A seguir, passei um período de cerca de um ano e meio no Brasil e morei com a minha então esposa por dois anos e meio na França. E no fim voltei mais uma vez para o Brasil, onde permaneci.

GSB: *Você ofereceu cursos de língua e cultura norueguesa na USP. Como foi organizar esse tipo de formação em um país tão culturalmente distante como o Brasil?*

FHA: Esses foram cursos à parte, oferecidos como disciplinas optativas para alunos da graduação. A ideia inicial era que o projeto durasse um semestre, mas aos poucos surgiram planos para um segundo. Infelizmente, enquanto eu preparava o segundo semestre eu caí doente e quase passei dessa para melhor. Assim só o primeiro semestre acabou se concretizando.

GSB: *Em todo o material teórico que você produziu sobre tradução, é sempre muito evidente a preocupação com o fato de que a tradução não é uma operação que se dá entre palavras ou entre línguas, mas no plano da cultura subjacente às línguas. No caso de culturas tão distantes como a cultura brasileira e a cultura norueguesa, que tipo de reflexos esse tipo de atenção traz para a prática da tradução?*

FHA: Trabalhar com essas culturas é uma situação muito boa. Excepcional, mas também muito boa. Em meados dos anos 80 eu pude ir além das culturas mais tradicionais que todo mundo conhece e passei a trabalhar com o norueguês, que se tornou um aspecto importante do meu trabalho por cerca de vinte anos, envolvendo-me inclusive com modalidades de tradução que considero realmente especiais, como a tradução juramentada norueguês-português e português-norueguês.

GSB: *Houve uma época em que a literatura foi tratada como uma modalidade especial de tradução, porém em tempos mais recentes surgiram teorias mais generalistas que se propõem a descrever todo e qualquer tipo de tradução possível. Como você percebe essa relação entre a tradução literária e a tradução de textos não literários?*

FHA: Para mim, a tradução juramentada e a tradução literária são casos especiais que estão nos dois extremos de tudo aquilo que se poderia considerar ramerrão ou

“normal” em tradução. É uma questão de ponto de vista, mas no limite parece-me possível empregar uma teoria única com segmentações internas adequadas que deem conta dessas diferentes modalidades.

GSB: *No plano literário, você traduziu diversas peças de Ibsen, contos de Ashbjørnsen e Moe e o romance contemporâneo Halvbrøden, de Lars Saabye Christensen [publicado no Brasil como O meio irmão]. Morando no Brasil, que tipo de contato você mantém com a literatura da Noruega? Com que obras da literatura norueguesa você ainda gostaria de se envolver como tradutor?*

FHA: Teve uma coisa que eu infelizmente não consegui fazer na época em que fui vice-diretor e então diretor da Universidade, que foi me dedicar à tradução literária com afinco. O resultado foi que, quando pude retornar à atividade como tradutor literário, o livro que eu gostaria de traduzir já tinha sido traduzido por um amigo meu, João Azenha, a partir do alemão. Esse livro era *Sofies verden* [publicado no Brasil como *O mundo de Sofia*], que mais tarde foi retraduzido diretamente do norueguês [por Leonardo Pinto Silva]. Agora eu vou aos poucos retomando a tradução literária: estou em um ponto bom para recomeçar. Já que vou continuar por aqui durante mais algum tempo – por uns vinte anos antes de ir dessa para melhor, digamos assim – ainda consigo preparar uns livros do dano-norueguês dos séculos XVIII, XIX e XX, de autores como Ludvig Holberg, *Bjørnstjerne Bjørnson*, *Henrik Ibsen* e *Odd Eide*.

GSB: *Qual foi a língua que você primeiro aprendeu a falar?*

FHA: Eu cresci falando primeiro norueguês, por causa do meu pai, e depois inglês, por causa da minha mãe. Quando eu tinha por volta de quatro anos e meio e voltei para o Brasil, comecei a perceber também o português, e assim com seis anos eu era trilingue. A literatura norueguesa trouxe as primeiras histórias que foram lidas para mim, e mais tarde comecei a me interessar pela literatura brasileira de Padre Vieira, Machado de Assis, Monteiro Lobato... na minha adolescência eu passei a me comunicar principalmente em português e inglês, e assim o meu norueguês acabou ficando meio de lado. Só retomei a língua quando retornei à Noruega para cursar a minha graduação.

GSB: *Em 1974 você retornou ao Brasil e aqui se fixou em caráter definitivo. Como você fez para manter o contato com a sua língua paterna por aqui, onde as oportunidades para falar e estudar essa língua são tão poucas?*

FHA: Eu contava com a minha ex-mulher e os três filhos do meu primeiro casamento, que permaneceram morando na Noruega, para me enviar livros.

GSB: *De uns anos para cá, a literatura nórdica como um todo, impulsionada pela literatura policial, passou a ter bastante espaço no panorama literário do Brasil. Como uma pessoa de perspectiva bastante privilegiada em relação à cultura brasileira e à cultura norueguesa, o que você acredita que ambas tenham de interessante uma para a outra?*

FHA: São culturas muito diferentes. A Suécia, a Noruega e a Dinamarca têm uma história cultural muito próxima, e ao mesmo tempo muito diferente da cultura de outros países. E os países nórdicos, embora pequenos, produzem uma grande quantidade de literatura em relação à população que têm. Uma parcela significativa de pessoas em algum momento da vida escreve um livro. E há também uma igualdade social muito grande.

GSB: *Anos atrás você sofreu um AVC que o deixou em situação bastante grave e provocou um problema de afasia, um distúrbio neurológico que afeta diretamente a linguagem e a capacidade de falar. Como um homem que passou uma vida inteira trabalhando com línguas e prestando atenção em como se fala e o que se diz, como foi essa experiência de perder a capacidade da linguagem e aos poucos recuperá-la?*

FHA: Foi uma jornada e tanto, e continua sendo uma coisa meio complicada para mim, que ainda não está perfeita. Eu preciso me exercitar todos os dias para tentar aos poucos reconstruir o que perdi. E ainda há muito para ser feito, não tenho dúvida nenhuma. O português, o inglês e o norueguês já estão mais ou menos estáveis. O francês ainda está com alguns problemas, mas aos poucos vai melhorando.

GSB: *No meio disso tudo foi inaugurado um laboratório de tradução com o seu nome na USP. Que atividades devem funcionar nesse laboratório e qual é o seu envolvimento com esse projeto?*

FHA: Eu gostaria de fazer com que as pessoas tivessem uma atitude positiva em relação à tradução, que percebessem a tradução como uma atividade boa de se fazer. Estou muito entusiasmado com o projeto e pretendo oferecer aulas e oficinas e dar continuidade ao curso de língua e cultura norueguesa. Mesmo sendo agora aposentado eu pretendo render ainda uns vinte anos, se Deus quiser.